

UNESP - Biblioteca - Assis

Class.: OK 050

Tombo/Tit.: 1084

REVISTA
DO
BRASIL

VOL. X

JANEIRO - ABRIL DE 1919

ANNO IV



DIRECTOR, MONTEIRO LOBATO
SECRETARIO, ALARICO F. CAIUBY

20299

S. PAULO - BRASIL



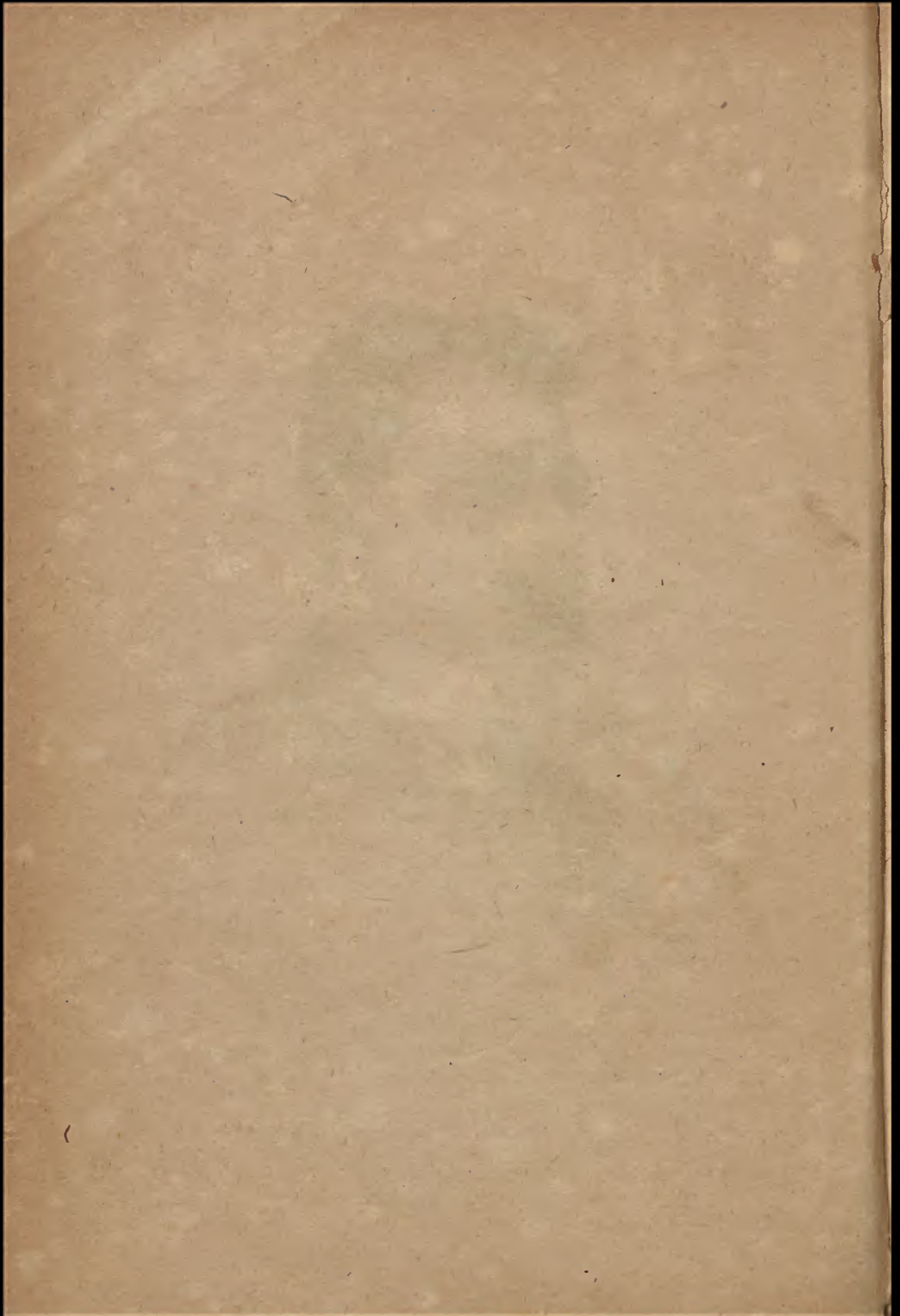
UNESB





OLAVO BILAC

(Desenho de J. Wasth Rodrigues)





UMA NOVA EXPRESSÃO DE ARTE

I

Devo iniciar este breve esboço crítico por uma digressão.

Entre os varios modos de critica que o espirito humano creou para o estudo das obras de arte, um se tem imposto victoriosamente como o mais aproximado da imparcialidade.

E' o de começar a analyse pela personalidade do autor, encarada pela sua vida pratica, destringir o feitio moral e sentimental do artista pela influencia directa do meio e lobrigar-lhe assim, menos erroneamente, o perfil intellectual.

Nos paizes novos — já o frizei uma vez — onde escasseam as obras e abundam, ao contrario, os mallogros, isso tem sido um recurso magnifico para os que desejam curar de assumptos e gente nacionaes.

Bom examinadas as cousas, porém, critica assim não parea de uma hypertrophia da vaidade e redonda, de ordinario, num esplendido meio do ataque de que os aristarchos se utilizam para desancar os incautos autores desaffectedos.

Tal maneira de analyse, bem que apparatusa, tem visiveis defeitos.

Em primeiro logar o estudo dos literatos, iniciado pela sua vida intima ou publica, leva-nos, invariavelmente, a bordar commentarios que dependem de nossos preconceitos sentimentaes, religiosos, philosophicos, mesmo politicos e isso num caso em que elles não deveriam intervir.

Ao depois, o que mais farto pabulo á nossa curiosidade apresenta um homem é a sua vida social.

Inferir por ella o valor intrinseco, moral ou sentimental ou intellectual de um artista parece-me uma como que leviandade. Os actos da vida social de um homem — até os chamados de vida intima — são o que podem ser dentro das normas do convencionalismo dos outros.

E que se pode, em verdade, julgar de um espirito, si nos baseamos em acções a que elle se vê obrigado como homem, pelo habito, por indolencia, por hypocrisia ás vezes, si elle as pratica para não chocar a sociedade, para não quebrar a praxe, para evitar malquerenças inuteis ou mesmo para commodidade e facilidade de vida, quando não por pöse e vaidade?

A tal exame frivolo e inexpressivo, — pois não corresponde a verdade nenhuma acerca do genio dos artistas, mesmo que o pareça, em casos raros, do raciocinio — eu preferiria que me contassem dos literatos os ditos de espirito picante, as piadas de sal grosso, de que elles são sempre prodigos.

Isso, em, valeria a pena. Revelariam, de improviso, certas feições caracteristicas do individuo, verdades sentimentaes a serviço do intellecto, flagrantes reaes do pensamento sempre disfarçado pelo homem, emfim elarões — relampagos que illuminam de um jacto toda uma psyche.

Não me refiro á blague systematica, que é hoje uma attitudo de elegancia a que nos levou a educação.

Falo desses repentes, sempre licenciosos, muita vez obscenos, mas sempre tambem esufiantes de graça, e de chiste, em que a verve fulgura como num meio impuro, em que as palavras são torpes pelo significado, mas que o arranjo e a applicação ennobreeem podem ser relatadas sem faltar com o devido respeito a todos os moralistas e erentes.

Lucrariamos todos com essa substituição. Em lugar de uma insulsa historia da vida utilitaria e vegetativa de um autor, isto é, onde nasceu, o que estudou, quando casou, quando tirou a sorte grande, quando teve appendicite, quando foi nomeado para tal cargo publico, quando viajou, teriamos as manifestações imprevisas de seu espirito pilhado a nú e desprevenido.

Eu, positivamente, não amo essa critica do "homem social" porque não ha meios de me esquecer que os censores tambem o são e só podem assim criticar sob o seu estreito ponto de vista pessoal.

Ha, entre elles, por exemplo, os que admiram porque lhes aconteceu, um dia, encontrarem as suas proprias emoções dominantes na hora, exaltadas na obra de um artista desconhecido.

Coincidencia fortuita, que pode não repetir-se mais em toda a vi-

da, mas que fica valendo pela saudade que evoca de um instante de afinidade sentimental e que se não esquece mais.

Tambem ha os quo detestam porque um dia vibraram em opposição ao que um autor sentiu ou pensou. Vêm deste facto certas idiosyncrasias com bons artistas a quem reconhecemos tudo, desde o talento á forma rica de expressão e que, no emtanto, ao nosso espirito repugna aceitar como um autor querido. E' que, lá atrás, a paginas tantas, ficou um boccado de leitura quo contrariava a pureza ou a intensidade do nossas emoções e a gente, por mais que faça, não pode mais reconciliar-se com esse homem.

Ha os quo amam por meras questões de affecto pessoal, com um tal fervor religioso, de amizade, uma estima de fanatismo mussulmano, que extendem a admiração morbida a tudo quanto o amigo prez, sem indagar si a adoração é, no caso, legitima.

E ha tambem — e em que numero! — os que detestam por simples questiunculas personalissimas e da mesma forma que os outros veneram, estes condemnam irremissivelmente a producção do des-affecto.

Essas coisinhas, apezar de tantas vezes ditas, são desgraçadamente sempre novas e a tal ponto que eu cordialmente mo espanto quando vejo um amigo de um artista, ou um seu inimigo, elevar-se acima do nivel de homem de argilla impurissima e assumir uma attitude de intellectualismo superior o sadio, ir lobrigar o perfil do autor atravez do livro — e não da sociedade — "louvando sem cynismo" e criticando sem azedume.

— Mas — ha de emfim inquirir o leitor, farto com tão estirada digressão — a titulo de que vem isto?

— Siga-me, si nada têm que fazer, e verá a correlação existente entre ella e o resto. Mas si tem, largue a Revista e vá dar conta de suas obrigações, que eu não amo prosear com sujeitos atarefados.

Vou tratar do apparecimento de uma nova expressão artistica em literatura, e, o que mais importa, em literatura nacional. Tanto equivale a dizer, o primeiro tentamen serio, sentido, vivido, pensado de uma esthetica brasileira.

E' preciso frizar que ella não representa o verdadeiro ambiente mental do paiz.

E' um prechronismo, um salto á frente, de um ousado, pois resulta de uma philosophia que vem de alheias plagas.

Não deixa com isso de ser nacionalissima, pois a philosophia, summa que é dos conhecimentos humanos, não tem patria, o nos povos moços ha sempre, entre os seus artistas, os precuresores, os que se avantajam ao tempo, sobrepoem-se á epoca em que vivem e aos homens com que lidam para lhes ficar sendo um fanal e um guia.

Ademais, para a arte, não valem as verdades seccas quo a scien-

cia descobre e que a philosophia coordena e alinha em syntheses. Valem pela intensidade por que, respeitando-a, realçam a nossa exaltação, e pela força com que somos capazes de exprimi-las, intellectualizando-as, sem lhes deturpar o que de sentimento incluem.

Que é um creador, em literatura?

A arte é a natureza vista ou corrigida ou idealizada por um temperamento. Mas arte coada atravez um temperamento já é de per si a esthetica.

Modernamente não se comprehende esthetica nova que não tenha feito o cotejo das antigas. E diversas estheticas comparadas, eis ahí a critica.

Uma expressão artistica victoriosa, accelta e generalizada, ahí está a escola.

Tomada no seu devido valor essa serie de verdades logicas, a resposta á pergunta apparece clara:

Creador é aquelle que, num momento dado, se torna elle só o foco gerador dessas quatro cousas differentes: arte, esthetica, critica e escola. São nelle synonymos. Geram-se num mesmo ponto, partem do mesmo angulo e affirmam que, verdadeiramente, as palavras valem pouco: o que vale é o temperamento.

Em ultima analyse, o innovador é — para me exprimir com J. A. Nogueira — “um quebrador de formulas”, servindo modulos seus.

Foi assim que se apresentou Amadeu Amaral com o seu ultimo livro, *Espumas*.

*
*
*

Ora, esse livro, bem que encontrasse um arguto e elegante critico em J. A. Nogueira, não tem sido, em nosso paiz aquilatado como devia e como deve.

Parece incrível que para exalçar os nossos poucos, pouquissimos padrões, não direi de gloria, porque assusta os medalhões, mas de affirmação de nossa existencia nacional, seja necessario discutir tanto uma obra prima.

Parece incrível... mas, justifica-se.

Nós andamos até agora a decantar umas tantas carrancas de prôa de nosso genio artistico, para provar ao mundo que existiamos.

Fizemo-nos pregoeiros não só, mas pregadores de nossas pequenas glorias — homens intelligentes, por certo, que se destacavam da massa analphabeta — e annunciavamos, desassombrados, a excellencia da prata da casa, na falta do ouro.

Foi no intento generoso de nos libertarmos da tutela estrangeira, eu bem sei.

E' hora, porém, de acabar com isso, desde que chegamos a ter

quem vá além, um pouco, em poesia, da lamúria lacrimolenta e dos desaforos, na prosa.

Depois, digamos a verdade toda, ha tambem um motivo inconfessado que nos esconde o pouco do ouro que existe.

Quando, no paiz, surge um innovador, si ha meia duzia de homens que alcancem e sejam capazes de apanhar, no vôo, a curva da parabolha que elle ensaia na sua arte, ha tambem uma porção de medallhões — consagrados, não se sabe porque, com o pomposo rotulo de "talentos" — que não a percebem e vêm logo á scena mostrar que não comprehendem o artista... e porisso, humanamente, o malsinam.

No Brasil, o facto tem acontecido a todos os typos fundamentaes de nossa literatura e que são tão poucos, para nossa desgraça.

O unico, que conseguiu escapar mais benevolamente a esse exame, foi Raymundo Corrêa.

Poeta, fillado, no começo da vida litteraria, ao parnasianismo — quo nelle, para nossa felicidade, não se firmou em gafeira de escola, mas virou synonymo de amor á lingua e á sua pureza e aperfeiçoamento, como instrumento unico capaz de affirmar a existencia de um povo — acharam o que analysar na sua obra.

Como?

Explicarei o facto. Mas como já me arrumaram a pecha de obscuro, e apesar de todo horror que sinto pela expressão didactica dirigida a cerebros que já se não destinam ás escolas primarias, "batxarei as cravelhas" e tentarei ser claro, clarissimo, didactico, emfim — ao menos uma vez e para meu eterno escarmento!

A Poesia se compõe, como a Prosa, como todas as artes — quem ainda o não sabe? — de suas partes distinctas: a idéa, que engendra a obra e a forma, que a reveste.

Na poesia, comtudo, a forma é uma tortura.

Em prosa ha liberdade de movimentos, pode-se ser irregular o nervoso, como Camillo, frio e conciso, como Machado de Assis, desbordante e prolixo, como Eça, sem deixar de ser, ao mesmo tempo, um grande e forte escriptor.

Na poesia não ha essas liberdades: tudo é, alli, medido, regrado, definido. Ao menor signal do rebeldia pelas formas consagradas, desdo a syllaba ao poema, zune a saraivada das zombarias.

Isso faz que se elevo a poesia á mais difficil de todas as artes e... devia fazer quo ella fosse a menos procurada.

Toda obra poetica, seja um soneto ou um poema, tem por obrigação ser uma joia, desde a idéa fundamental que a inspira té os minimos detalhes da factura. Poeta é synonymo de lapidario, si se não esquece que o lapidario ahi inclue necessaria a irrogavelmente a



accepção de pensador. O que vem a dar um lapldario sui generis, pois elle não só trabalha o ouro, mas fabrica-o tambem.

No emtanto o Brasil enxamea de poetas. Ha-os ás carradas, proliferando com uma fecundidade de cogumellos.

E a explicação desse phenomeno, si a poesia é tão difficil e a natureza tão sovina em distribulr typos?

Está no acolhimento dos criticos. Estes sabem que a poesia se presta sempre a um exame minucioso e com a vantagem de ser, por mais prolixo, sempre superficial.

Vae dahi metteram-se com os parnasianos a moer o estribilho da forma.

A um poeta novo examina-se-lhe a technica dando-se assim amostras de profundos conhecimentos. Ha uma bibliotheca intelra sobre o jogo das syllabas, a assonancia, a elisão, o echo, o lyato, o numero, o rythmo, a rima, os accents, as tonicás, as cesuras, enfim, os importantes tudo-nadas da technica.

Depois vai-se ao sentimento do dedo — o sentimento dominante nas faltas de todo o mundo, (são homens) é o amor, do qual disse Sen Benelli:

“Questa é la sola scienza che sappia fino in fondo un ignorante.”

E ha outra bibliotheca sobre o sentimento, si é vasado em bons moldes, objectivo ou subjectivo, melancolico ou alegre, humorístico ou tragico.

Findo o exame, que equivale, em ultima analyse, a indagar, num pianista de fama, si elle dedilha bem, dão-se parabens ou pezames á literatura.

Quanto á parte essencial, o elemento ideologico, a concepção philosophica... ficamos ás escuras.

— Porque?

— Ora, porque! Porque os criticos costumam ser, ou pelo intellecto ou pela preguiça, gente que não gosta de pensar.

E' sempre difficil tratar desse assumpto, que exige larga cultura, poder de cynthese o uma directriz mental com um minimo de pre-conceitos.

E depois porque, enfim, é sempre mais facil tratar da technica, pois allí não ha duas opiniões contradictorias. E são inexoraveis. Tratam todo o mundo á virga ferrea. E' o seu forte.

Os poetas perceberam o comprehenderam qual era a chave para a entrada no campo da arte e fizeram ao conceito fundamental da poesia uma pequena substituição. Ella se compõe de idéa e forma. E elles fizeram: forma e imagem, não esquecendo de que a imagem deve ser, para garantir o successo, de um feiticio novo que fira o nosso sentimentalismo, em especial o das mulheres.

Donde uma comparação, um paralelo, uma tirada pathetica ou com laivos de philosophia ad usum delphini representam insprado-



ras sem iguaes. E não é mesmo difficil, por mais enxuto que um homem possa ser de fantasia creadora, descobrir pela observação, uma relação entre um facto de ordem natural e outro de ordem sentimental. E isso — garanto-o — dá sempre um bom soneto.

Raymundo não havia de fugir á doença.

Elle tambem foi moço, tambem teve as suas crises de "coração" e tambem sentiu a necessidade de pol-as em verso.

Foi por ellas que Raymundo se salvou.

E já não fecho a nova digressão sem me referir á lição que me deu essa dualidade do poeta.

Eu amo Raymundo ha muito poucos annos. Tinha-lhe mesmo, antigamente, certa ogeriza. E' que lhe não conhecia as Poesias completas e o que d'elle ouvia recitado pelos salões ou estampado nos jornaes de provincia valia tanto quanto a poesia dos outros: As Pombas, O mal secreto, O monge, Gessica, Cythera, Couchita, Primavera, Tentação do ermo, os pleguissimos Beijos do Céu.

Do resto, nunca ouvira falar: Os ciganos, Job, Desilludido, Versos a um artista, Nada, Nirvana, Vac Victis! Deus impassivel, Amor creador, Fetichismo, enfim, a obra pensada, a obra dolorida, arrancada fibra a fibra do coração de um homem que paesou pelo mundo munido de um aparelho cerebral, nada disso anda pelas anthologias e pelos jornaes.

Dantes isso irritava-me. Hoje acho-o razcavel e necessario. Não ha interesse nenhum em que os outros que se delectam com assumptos sentimentaes se apoderem a contra gosto dessas joias que nada lhes dizem ao intellecto. Para que metter a torturante philosophia de um Raymundo na cabeça de gente cuja alma não foi feita pela sentir?

Raymundo fez bem, no fim de contas, em dividir-se. Si fizesse como Anthero do Quental acontecer-lhe-ia o mesmo que ao extranho vate portuguez: lembrarem-so d'elle alguma vez porque os allemães disseram que elle era grande.

Tambem é verdade que lhe ficava o consolo — supremo e solaz consolo — de dizer: — Omnia muuda muudi.

E' mais ou menos isso que acaba de acontecer a Amadeu Amaral. Emquanto perambulou, moço, pela vida, com a eterna chaga dos artistas, "essa dôr de viver que é, para Remy de Gourmont, a consciencia obscura de se sentir morrer", espalhando melancolia em seus versos, a nostalgia de uma vida que não vinha, a ante saudade de um gozo que não houve, nas Urzes e nas Nevoas, adudaram-n'o.



Compreende-se: augmentava o côro, trazendo um cerebro pouco vulgar. Era como que uma justificação e um consolo... para os outros.

De subito, Amadeu lança as Espumas. Ha, a principio, um silencio expectante. Um elogio, após, que não é nem cynico nem louva-minheiro.

Depois os primeiros sussurros.

Que aconteceu?

O poeta transformou-se. Não traz o esperado livro de ternos queixumes e doces lamurias. E' novo, é inédito, é mesmo, para os que vivem ainda de olhos fitos na sua juventude, paradoxal, sophista, subtil, si quizerem, mas "poseur." Não é o mesmo, emfim. Houve uma metamorphose tamanha em sua individualidade que, claramente, indica que elle ainda não n'a firmou convenientemente, nem n'a attingiu, portanto.

Sabem o que é que os homens chamam "attingir á individualidade"?

E' chegar ao ponto de se enfiar das outras opiniões que não sejam as noessas; de não achar mais emoção alguma nas idéas alheias, de não admirar mais os pensamentos de outrem.

E' isso "attingir á propria personalidade."

Porque si alguém se deixa impressonar ainda, si tem a alma jovem e impressivel, capaz de vibrar ás alheias manifestações, isto é, ainda não se tornou de cerebro fossilizado na adoração das proprias descobertas, esse é alguém que ainda tactea.

Chame-se, embora, Amadeu Amaral, que não passa de um imitador.

Ora, Amadeu Amaral traz nas Espumas o foco gerador de um novo credo, inspirado na philosophia de Nietzsche.

Creador, portanto, e coisa que ingenuamente nos assombra, de uma expressão que não existe lá fóra.

O nacionalismo tem nella o seu mais formal desmentido: nada é alli feito ou pensado com a preocupação nativista.

E nada, comtudo, é mais forte affirmação de nossa existencia como nacionalidade.

As Espumas apparecem como o livro de um homem que está cansado de lamuriar. Não lhe acha nobreza, nem mesmo quando a lamuria se incende e se alça até a revolta.

A dôr é a dôr: não n'a abrandam palavras ou attitudes. Nasce com o homem, morre com elle.

Lamuriar para quê?

Chegar a esse ponto extremo de philosophia humana é ter chega-

do á derrocada de todas as theorias, de todos os preconceitos, de todos os prejuizos.

Mas vista dahi a vida só pode, em verdade, ser acceita com a fatalidade de um resignado, na attitude de quem é capaz de todas as attitudes: em ultima analyse, o estoicismo.

Parece que elle o prova claramente no mais desalentador dos seus sonetos, A um philosophante, em que o poeta nos mostra que no mundo tanto vale ter a furia constante e indomavel do mar, como a immobillidade cynica e sarcastica do rochedo:

“Pregas a audacia, o esforço, a luta indefinida;
Ama a Vida, qual é, sobre todas as cousas.
Luta! ambiciona! canta! ousa! deira... E' a vida.
A onda espiendida e cruel te esmaga, se repousas.”

A paz, a doce paz, mora entre as frias lousas
do camposanto; aqui, freme a perpetua lida.
Viver é desejar. Tu vales pelo que ousas.
A renuncia nascen do sonho de um suicida”

Assim faiavas tu, fervido, o gesto forte.
O mar, junto de nós, a eterna dôr bramia,
— dôr sem compensação dos anseios sem norte.

E eu, sem mais nada oppor á tua audaz vehemencia,
um rochedo mostrei-te á fior da agua... Dir-se-ia
morto: vive, ousa e luta. A onda embate-o: elle vence-a”.

E no emtanto vai um mundo de distancia entre esse soneto e o estoicismo. O que o vate affirma é a necessidade de cada um ser aquillo que é.

Porque ser rochedo quando se tem a alma de onda?

E' inutil ser qualquer uma dessas duas cousas, mas é fatal que so seja uma. Escolha-se aquella a que nos ligam e nos empurram as nossas mais fortes tendencias.

O homem assim está abandonado a si mesmo, perdeu toda ligação com o seu antigo mundo morai. Nada do que lhe serviu para a ecclosão de sua personalidade pode ser directriz nesta nova forma de encarar a vida, sem revoltas e sem iamurias.

O homem pode e deve, então, bastar-se a si mesmo, como si fôra o senhor do seu proprio destino e como arbitro dos seus proprios esforços.

Desde que é verdadeira a inutilidade da existencia e que tambem victoriosa se affirma muito mais a sua fatalidade, é mister fazer dessas duas certezas, uma do instincto e a outra da razão, como que

clarões postados no alto da consciencia a illuminar-nos a marcha. Não se lhes discute a verdade da luz que derramam. Basta-nos examinar a intensidade maior ou menor que nos mandam e contemplar, serenamente, as sombras e avantesmas que provocam.

Quereis ouvi-lo? Elle se define nitidamente nestes versos do Açude:

"Tudo quanto me alenta o esforço — é o proprio esforço.
Como quem, sobre um lenho, erra por sobre o dorso
mutante da agua viva, ora os remos batendo,
ora os remos largando, insaciavel bebendo
todo o vario esplendor da infinita paisagem,
sonhando entre dois ceus, e só termina a viagem
quando é força parar, e, parado, só pensa
em reatar bem depressa a ebriedade suspensa,
tal eu von pela vida, ansioso, de obra em obra...
Cada esforço a ambição de um novo esforço dobra.
Minha existencia é um rio, eu quero-a como um rio,
impetuoso, liberto, esplendente, sombrio,
— e porque amo a caudal, quero vagar sobre ella,
contente se me exalta, feliz si a acho bella."

Claros, esses versos: a liberdade do individuo dentro da inutilidade e da fatalidade da vida.

Podem achar essa concepção muito parecida com o fatalismo.

Não é o fatalismo. É um pouco mais, é o determinismo científico, elevado de sua aridez de theoria declamadora á curul de uma sabia e profunda philosophia da experiencia.

A obra de Felix de Dantec conduz á conclusão de que o homem nada deveria fazer para não fazer o mal.

A' mesma conclusão chegou o buddhismo, aconselhando a adoração do proprio umbigo como formula de vida social.

O erro inicial, porém, das duas conclusões está nisto: que fazer o mal é nada diante do facto consummado do viver.

O determinismo é uma concepção de gente mais sarcastica que sceptica.

A philosophia de Amadeu Amaral corrige-a, dando-lhe o que lhe falta para alcançar o desejado sabor humano: dá-lhe alma.

O homem não pode destruir o encadeamento dos phenomenos da vida, nem modificá-los a seu bel-prazer, para delles extrahir o que suppõe ser o seu maximo gozo. Mas pode sempre gozar, na hora em que se apresentam, das bellezas que encerram e que transparecem, fatalmente, a todos os que lh'as sabem descobrir.

E' pois um determinismo de olhos abertos e alma serena, vivendo sem illusão, mas tambem sem torturas de quem não "chora á



Vida que alvorece", de quem não "pede á Vida o que ella dar não pode", de quem não "recusa os bens que ella offerece".

E', enfim, a finissima concepção delicadamente dita no introito, tantas vezes citado e tão mal comprehendido:

"Eu não construo: canto... E entre todas as glórias
basta-me a de espelhar em poemas incolores
o perpetuo esplendor das cousas transitorias."

(Continúa)

SUD MENUCCI





VIAJANDO ⁽¹⁾

(COIZAS DO MEU DIARIO)

1913

No noturno — Março, 14—15.

— Cartas, contas, cambiaes, e outras perturbações na minha autonomia, mandam que esteja eu em Paris antes de 22 do corrente. Obedeço correndo. E o meu itinerario? E a comparação, em Turim, da estatua de Ramsés com as de arte moderna? E o mez de curiosidade que me eu prometera na Suissa? Paciencia. Consola-me a esperança de voltar. O melhor programma de quem viaja é não ter programma: dizia-me ha muitos annos, em Santos, o irriquieto conego Luiz, que aliás nunca viajou.

— Roda o trem. Nem é tão longa a viagem que aconselhe leito, nem tão curta que o dispense. Amortecem os colloquios; fecho os olhos; estabeleço tal qual sóliloquio interno. Veneza? Mas eu sei de Veneza muito mais do que Veneza sabe de mim. Léon Gallibert, livro de capa doirada que abri e fechei em 1871, fornecem-me noticias his-

(1) Vide os numeros de agosto a dezembro.



toricas que acrizolam de particular simpatia a sintheze veneziana na civilização do ocidente.

De Atila a Bonaparte está a republica de Veneza entre o berço e a sepultura. Enferma, ia desesperando quando o caminho pelo cabo da Boaesperança lhe quiz dar cabo do commercio; convalesceu, porém, graças á privilegiada situação geographica, communicante com os principaes mercados da Europa. Da sua fuga defensiva para as lagoas até a entrega á Austria por uma das muitas perfidias do tratado de Campoformio, atravessou ella quatorze seculos: seculos cheios de reformas de instituições, de conluios, de assassinatos, de intrigas, de lutas internas e externas, mas também de atividade, de progresso, de maior ou menor gloria, mas de gloria sempre.

Manobrando nunea menos de duzentos navios de guerra, Veneza soube ser forte. Criando, durante as cruzadas, a industria dos grandes transportes, soube ser opulenta. Mantendo, mais que outro qualquer poder italiano, altivez perante o papado, soube ser independente. Soube também ser uma generosidade lucradora; grato ao refugio salvador que de Veneza recebera, cazou-a o pontifice Alexandre III com o Adriatico, ofertando-lhe o auel para a cerimonia: cerimonia que Veneza deliberou repetir annualmente, convencida, como tdo mundo, de que cazar é bom.

— Estou a considerar naquelle "Conselho dos Quarenta", exemplo unico de poder coletivo diminuindo de 75 % o numero de seus membros. Estou vendo a acquiescencia boquiaberta do doge, intimado a não ter, fóra do paiz, mulheres e terras. Estou vendo... Mas estou vendo que cheguei. E se não vejo bem Veneza é porque não ha sol de noite.

Chegando.

— Noite ainda. Estrellas e sofrivel iluminação começam-me a revelar a encantadora cidade. Dezaparecem-me

da lembrança todos os aborrecimentos da viagem. Quem tivesse por unica occupação chegar a Veneza passaria a mais agradável das existencias.

A partida; a gondola, pontuda, na prôa, lambendo o ar e lutando vantajosamente contra a concorrência dos botes a vapor, que deviam ser prohibidos de perturbar as tradições da historica cidade; o homem do croque, e o seu gesto afocinhado de pedinte cronico, mas detendo a gondola até receber a esportula; o silencio do serviço; a mudez da cidade; a travessia semiescurecida dos canaes; a parada, por dois minutos, sob a tetrica "Ponte dos Suspiros" (o homem é o unico animal que prende seus semelhantes...); as cazas, grandes quazi todas, parecendo ter só metade fóra dagua: que porção de inesperados brandos! Tudo calmo. Veneza parece uma boia. Ou é uma cidade tomando banho?

Original, o gondoleiro! Possante, bonito, revelou-se-me, ás primeiras picadelas que lhe dei á atençaõ, um esperto bem intencionado. Recitei-lhe, citando Castro Alves, os versos

Da Italia o filho indolente
Canta Veneza dormente,
Terra de amor e traição,

e pedi-lhe que os cantasse. Respondeu-me não conhecer muzica, nem Castro, nem Alves, mas Veneza de pôpa á prôa, de fio a pavio. E, com uma segurança capaz de causar inveja a qualquer fallido fraudulento, informou-me que os canaes eram 152, as ilhas 147 e 379 as pontes, sendo as egrejas 126. Ia proseguir nas suas expansões estatísticas, quando o interrompeu um começo de abalroamento. Riram-se ambos os gondoleiros; saudaram-se, e cada um continuou seu rumo. Reclamei energicamente. Reclamei que se deviam insultar, elevando a voz e a valentia á proporção que se distanciassem, e isso para não deixar em falha a literatura de George Sand que, ha dois terços de seculo, num identico incidente, desereven o fu-

ror do gondoleiro na razão inversa da distancia das gondolas. Não fui atendido. Reziguei-me. E' sempre vanta-jozo ser cordato.

— E' italiano? perguntei ao gondoleiro.

— Sou do mundo; e o senhor donde é? retrucou jovialmente.

— Cidadão do cósmos: sentenciei acrescentando: contribuinte no Brazil e administrado em Santos.

Silenciou. Ao ajustarmos contas perguntei-lhe serenamente para que queria o meu dinheiro. Respondeu-me no mesmo tom:

— Com dinheiro tenho patria no estrangeiro; sem dinheiro sou estrangeiro em minha patria.

Gostei. Comprei-lhe o pensamento por meia lira, proibindo-lhe que o passasse adiante.

No Hotel Regina.

— Campainha electrica, numa das quinas da meza; quando eu for subgerente de hotel hei de adaptar essa commodidade que tanto falta nos refeitórios brasileiros. Às cazacas dos criados, divergentes de todos os hombros e braços que encontram, apesar da pratica da vida que sua idade está a denunciar, vê-se, pertenceram já a fidalgos em fim de mez. Agua corrente, fria e morna, nos lavatorios; quazi quente nos banheiros. Serviço mais que regular. Relativa rapidez.

Em menos duma hora estava eu lavado e deitado. Não gosto de esperar. Si eu fosse negociante de fumo, venderia os cigarros já fumados, ou pelo menos acezos.

S. Marcos — Egreja e Praça.

— Não é singular esta Egreja pelo luxo de ornamentação e pelo acumulo de arquiteturas: é plural. Um guia (e tive-o competente; embora convencidissimo de que era muito engraçado) vai lealmente indicando não só o que, de fato, ainda resta da vellhissima bazilica romana, mas

a invazão das sensaborias bizantinas, os crescimos da arte gotica e, de vez em quando, á guiza de restaurações, uns laivos de disfarçados modernismos. Não ha gosto que alli não encontre o seu bocadinho preferido

Da fachada, imponentes, empinados, de bronze doirado, prezidiando a atenção do aproximante, estão aquelles quatro cavallos a embarça-lo em duvidas. Na policia, chamadas a inquerito, seriam incapazes essas duas parelhas de responder nome, idade e profissão. Foi-lhes pai Lizipo? Vieram da Grecia quando, puxado por tigres, por lá andou o artista Nero? Como o seu retransporte para Bizancio? Descendem do de Troia esses cavallos? Embarcou-os, sim, para Veneza o doge Henrique Dandolo; furtou-os e restituiu-os a França: até aí tocava a minha sciencia, observei ao guia que immediatamente me prelecionou:

— Como cavallos de corrida não ha, com certeza, eguaes no Brazil. Correram mais paizes do que o senhor, e veja como estão alegres e promptos para correr de novo! São cavallos viajantes.

— Sim... E' exato. Muito mais, todavia, viajou a excellentissima senhora sua avó no dia do casamento: re-truquei.

— !?

— De manhã estava ella no cabo da Boaesperança, á noite no cabo das Tormentas, e no dia seguinte nos Estados-Unidos.

— Vou entrando. Larga, ostenta a porta de bronze caprichadas incrustações de prata. O adro, elle só, expondo os objetos valiozissimos arrecadados no litoral mediterraneo, merece muitas horas de examinadora tardança. Maravillozo, dando idéa duma interminavel nigromancia, tudo quanto, nessa egreja de S. Marcos, com tanta ordem, tão bem disposto, se vai admirando sem poder, horas depois, coordenar na memoria! Não acabam mais aquelles mozaicos vindos do oriente, e que ladrilham quazi todos

os 76 metros de comprimento e 56 de largura (instrue-me friamente o guia, e eu finjo medir o edificio com um olliâr retrospectivo) desse monumento religioso onde, a falar a verdade, as surpresas mais se succedem dominando pela arte do que pela crença.

Reza-se pouco em Veneza. Na Praça de S. Marcos, onde se pode ficar um dia inteiro a recordar, sobretudo a harmonizar priscas leituras, agradavelmente semi-asapagando ao contato de novos raciocinios, vi um grupo de padres interromper marcha batida e paralizar batinas deante duma revoada de pombas mansas que, a convite meu e principalmente do milho, me estavam a comer á mão. Fosse em Roma, e o escandalo provocaria suspensão "ex-informata conscientia!" Na Igreja de S. Marcos eu não notei uma pessoa de joelhos. Num enterro, rieo, que encheu rua proxima ao Hotel Regina, havia roupa de todas as cores, e os grupinhos dialogavam como se estivessem combinando em S. Paulo a nomeação dum fiscal de consumo para Taquaritinga.

— Bellissima a Praça. A' esquerda, lá em cima da Torre Municipal, numa escala discentivel, os dois gigantes, prestes a tocar horas no sino; depois, o "Leão Alado"; um pouco adeante uma "Nossa Senhora" e o "Relogio" de verdade. A' direita, aquelle compridissimo "Camido", reconstruido restauradamente como um acinte ás derradeiras traições sismicas. Emfrente, no soberbo vestibulo da Cathedral, o S. Marcos, talvez o mais artistico mozaico occidental, desenho de Tieiano, trabalho dos irmãos Zuccati: irmãos de verdade, irmãos no esforço, no coração, na correção, nos triunfos, e até no equitativo elogio da posteridade. O evangelista move-se, virando-se para o nosso olhar obedientemente.

Tambem eu! Fui doge.

— Marino Faliero, unico doge a quem devo obsequio (devô-lhe a leitura duma das mais audazes produções



de Byron) foi decapitado, apagando-se-lhe o nome da lista dos 76 na sala do Grande Conselho, e substituindo-o por insolente inscrição. Frizo a circumstancia de, nada devendo a doges, lhes haver generosamente vizitado o "Palacio" durante duas horas. Verdade seja que: favor allegado é favor pago.

— Riqueza. Sumtuozidade! Não ha sala pobre, não ha sala feia nessa construção ogival, de aspelo grandiozamente senhoril. Não ha compartimento insignificado nesse conjunto dominador e sobranceiro. Mais ou menos magnifico tudo quanto se vê.

Sente-se, no "Palacio dos Doges", a impressão dum mundo extranho. Goza-o quem alli penetra sabendo estar num palacio, numa prizão, num tribunal, num muzeu, numa vastissima lição de historia: que tudo isso foi, e quazi tudo isso ainda é, esse edificio a cujas portas vieram tantas vezes pedir senha os destinos da politica occidental!

Subo devagar, bem devagar, os trinta degrãos da "Escada dos Gigantes". Inopinadamente incerta, não decide a vista si se fixe nas colossaes e marmoreas estatuas de Netuno e Marte do inexgotavel Sansovino, si se perca, confuza, naquella ornamentação lateral de arabescos, infinitas de minuciozidade! Subo. Mas o acazo, amigo que me não abandona, que faça de mim o que quizer neste templo de arte onde tudo se me antolha extraordinario.

O pincel do Tintoreto não se separou, aqui, de sua capacidade creadora. Numa das paredes (sala do "Grande Conselho") deixou elle a maior das telas, — "Gloria do Paraizo", com 1285 cabeças, que lá estão no reino dos ceus á espera da minha. Mas que sala! Dariani para dois bailes ao mesmo tempo os seus 56 metros de comprimento e 26 de largura. Nas ocaziões solemuissimas ficavam cá em baixo, na platéa, os nobres inscritos no "livro de oiro"; galgava o doge o tablado, ladeando-o de longe os senadores, e de perto, hombreado-o, o Conselho dos Dez.

Um cordão vermelho põe impertinente separação entre



os visitantes e o tablado. Afasto-o com dez liras e com uma iroza reclamação de Jaques Servier, alfaiate em Biarritz, ex-saltimbanco (soube-o no hotel), que me despede cortantes olhares quando me vê; frio e deliberadamente, chegar ao posto do doge, assentar-me, fechar os olhos, e alli permanecer oito minutos.

Mentalmente, meditabundo, refiz a sessão do "Grande Conselho" no caso "Marino Faliero", cuja prisão ato continuo vizitei e achei muito pequena para tão grande homem.

Voltei. Jaques bufava!

— Mas em que é Jaques prejudicado por ser eu doge alguns minutos? "Opozicionite" agúda? Inveja trazida dalguna existencia anterior?

Os Jaques.

— Aceita a doutrina da metempsicoze, e não é licito nega-la em absoluto dada a eternidade da materia e respectivo movimento, a logica e a observação permitem a suspeita de que algumas pessoas já tenham sido pernilongos numa existencia anterior. E' crível que os Jaques já tenham mordido e chupado numa outra vida.

Reincarnados na sociedade moderna, constituem elles um tipo especial. O Jaques é intelligente sem talento, inquieto sem objetivo. Onde chega monopoliza a nullidade, pouzando temporariamente em cada um dos seus aspectos. Especialista em vida alheia, nella depozita o microbio da má vontade e os germens da intriga; isso incessantemente, inevitavelmente. Pernilongo pouco dorme, mas não quer que a gente durma; Jáques não sobe, mas não quer que os outros subam.

Jaques-pernilongo é legião. Ha-os em todas as cidades, em todas as villas. Nos arrábaldes é mais que duvidoza a possibilidade dum quarteirão sem dois Jaques. Ha-os dambos os sexos. E, conforme as ultimas estatisticas, Jaques-mulher é fanhoza e uza pipocas no rosto.



Dezassocegado, impulsivamente insidioso, metidido, parlante onde não é chamado, é Jaques uma extravagância da natureza, utilizavel em todo cazo para estudo da degenerescencia com longa escala pela mediocridade. Jaques não mē conhece. Ve-me pela primeira e ultima vez. Mas lhe é incontinente a vontade de impedir que eu seja doge! Nem um mal lhe fazem as dez liras que o guia vai distribuir aos filhinhos, mas é irreprimivel sua interferencia em prol do cordão que limita o tablado do doge. Porque? Não sabe. Porque ha de ser pernlongo. Porque é Jaques.

Não ha quem não tenha tido e sofrido, quando menos, sete Jaques na vida.

— Voltei á sala do “Grande Conselho”. Chamara-me um globo terrestre, alto de dois metros e pouco, lá no fundo á direita, cercado por uma grade, que poucas objeções opoz aos meus restantes conhecimentos ginasticos. Pula-la, rindo para Jaques, foi obra duma lira mais.

Nem nome de autor, nem data; traz esse globo. E' enorme. Minha altura, porém, perfeitamente lhe alcançou o sul americano, que era o que nelle mais me poderia interessar. Com explicaveis incorreções geograficas insere as denominações localizadas de “Canaanéa, Tannahau, S. Pablo” e S. Vicente; um pouco ao norte tem “Reys” (Angra? Necessariamente). Pareceu-me cópia castelhana de mapa luzitano posterior, não muito, á expedição de Martim Affonso de Souza, e contemporanea, talvez, do governo de Mem de Sá. No estuario meridional ha apenas a dezição “Solis”.

— Na sala dos “Embaixadores”, quando reparava eu no quadro “Sebastiano Veniero voltando de Lepanto”, e raciocinava já poder estar o otomano confinado na Azia si houvessem deixado o heróe tirar todas as consequencias do formidavel conflito, interrompeu-me o guia para, com a ogeriza do veneziano á legenda bonapartista, explicar,

em varias telas, os rasgões praticados em Paris de maneira-a caberem ellas nas dimensões das paredes do Louvre! Apreciado com um binoculo á distancia de quinze ou dezeseis metros, esse trabalho de Veronezo, interpreta, dessa vez sem fundo escuro, a serenidade valente do seu contemporaneo, com tal complexidade de correções que está a gente a ver o marinheiro, o patriota, o funcionario, o vencedor, o veneziano: homem e carater conjuntados.

— Nua dos seus paunos pretos, mas sempre emporcaldada em suas tradições, encontrei a salinha da inquizição. Não quiz ir alem do corredor que conduzia ao compartimento das torturas. Torturar e matar gente porque não pensa como nós pensamos. Acabadissimas zebras!

— Na vizinhança. Trabalho e depozito de vidros. Industria cara. Serviço sofrível.

— Adeante, bem adeante: movimentada fabrica de rendas. Gaixeiros dum para outro compartimento; freguezia discentindo preços; encommendas chegando e saindo. E, indiferentes aos olhares masculinos, meninas coradas, operarias, proseguem no exercicio do officio como si ninguem lhes estivesse a analisar as feições.

Caras as rendas? Mas quantas crianças perdem a vista nessa labuta? Um ponto errado e lá vai o dia, e com elle o salario, e com o salario o pão.

— Atravessei, descansando o espirito na despreocupação da vista, os tres e meio kilometros do "Grande Canal". Tive ainda tempo de entrar, de passagem, no "Palacio "Papadopoli", moradia de familia aristocratica e propriedade, hoje, dum depntado e dum senador, que diariamente se violentam (como isso compunge!) cobrando entrada nesse edificio quatro vezes secular, mas ainda tão somitico!

Obras de entalhe excellentes. Soberbos medalhões. Bellissima louça oriental. Veneraveis velludos. Um candelabro antigo, de cristal de rocha, primorozo. Armarios edozissimos. Más: mezas modernas, luz electrica e um as-



ensor. Um aparelho telefonico, ainda! Só faltou um automovel.

Academia de Bellas-Artes — Março, 16.

— Quem vem de Roma e Florença sente empachos para admirar, nas vinte salas da “Academia de Bellas Artes”, a repetição dos temas e dos feitos do XVI seculo.

O terceiro original da “Ascensão da Virgem” de Ticiano obriga lembrança daquellas segundas estréas da atriz Fulana de tal, annunciadas na quarta pagina dos jornaes de 1869 no Rio de Janeiro. Da nova edição, correta e diminuida, do “Adão e Eva” de Tintoreto, porém, só ha a dizer elogios. Rocco Mareconi engordou Cristo antes da inhumação; maior, porém, fosse o seu delito artistico, e todo se lhe deveria perdoar deante daquella cabeça da Magdalená, cabeça perfeita, encantadora, mesmo quazi de frente como foi imaginada e realizada. Na “Ceia” de Veronezo, Jeruzalem corrige a historia mostrando sinos e varias egrejas.

Na esculptura, porém, ha muito que ver e aplaudir. Bastariam “Dedalo e Icaro”, no momento em que o pai recommenda ao filho cautela nas alturas, para a competencia de Canovas, mais uma vez, se impor como um axioma.

— Impressão inesperada e especial: dos tres maiores artistas da Renascença fui encontrar, numa saleta lateral, estudos á penna. Ignorava-os. Gracioso, Rafael; satirico, Lionardo; nervozo, Miguel Angelo. Outro e maior inesperado: superior aos tres, no genero, Cezare di Cesto, inexcédível, quazi reunindo (no genero, repito) o merito daquella triplíce culminancia do sentimento!

No Lido.

— E' o Guarujá de Venéza. Mas um Guarujá com trinta hoteis abertos e oito por abrir; com uma empresa balnearia amiga da limpeza e não inimiga da modicidade nos



preços. Tudo allí é progressivo, asseiado, bonito. Inglezas pudibundas, allemães rubicundas, hollandezas iracundas e até portuguezas furibundas não conseguem diminuir a delicia desse arrabalde veneziano.

Dir-se-á mesmo que a magia do local transmite aos que o procuram meiguice e serenidade. Vi uma franceza, relativamente socegada, distribuir doces aos filhos, tres loi-rinhos vivazes, enquanto o marido, concizo, cortez, me vendia "pour le quatriéme prix", duas estatuetas de marmore de Carrara.

Ida e volta oferecem panoramas lindos. Povoação contente e que contenta a quem a vê, esse "Lido" que tem todos os elementos para progredir. Daqui, do fundo do meu "diario" é com a maior sinceridade que a minha saudade lhe diz: "cresça e apareça".

Balanco de Contas.

A fizionomia do veneziano é característica: não a tem. A mulher não é bella nem feia; nem triste, nem alegre, o homem. Não encontrei em Veneza uma pessoa chorando, nem uma rizada disponível. Vive-se bem, indiferentemente bem, nessa cidade de quazi duzentas mil almas, das quaes nem uma parece dezalmada pois as cadeias, pouco frequentadas, disseram-me, mal asseguram, a carcereiros e respectivas familias, caza, comida, roupa lavada e engomnada.

Basta aos domingos não cair pingo de chuva para, como em Roma, dois terços da população irem para a rua. Povo! Povo a fazer suspeitar que não ha nesta terra medicos e farmacias. Ruas largas; rarissimas carruagens; bonde electrico algum tanto constrangido. O canal e a gondola são estrada e veiculo indestronaveis. A' praça de S. Estevão, pequena, assejada e bonita, é inutil ir aos domingos; fazem-na, então, propriedade da meninada collegial que allí estabeleceu e consolidou, hebdomadariamente, o jogo da bola, a cujas peripecias o veneziano assiste com pachorrenho dezinteresse.



Tres jornacs — o liberal “Adriatico”, a conservadora “Gazeta” e a independente “Gazetinha” — agredem um vespertino clerical que se diz “Defeza”. Não é, porém, uzual a leitura desses jornacs. Por habito, espera-se á tarde o trem de Milão e compra-se o “Seculo”, ou de preferencia o “Correio da Noite”, cuja leitura tambem não é uzual.

Como explicar o quietismo dessa gente? Não se trata de indolencia, menos ainda de fleugma; trata-se dum caso de bom humor, dum fenomeno de tranquillidade generalizada, rezultante quiçá de variadas confluencias historicas, afastadas umas, outras muito proximas. Pezo de tradições, cansaço civico, bem estar, honestidade administrativa, tudo isso e mais fatores devem ter concorrido para que Veneza dê a idéa dum lugar de repouzo. Dormese perfeitamente, mesmo nas suas ruas de maior movimento, mesmo perto dos mais percorridos canaes.

Mas para que irritações si a cidade é tão bem governada? Molhada por tantas lagoas, não acolhe febres, não tem mosquitos! Porto pequeno, não otimo, porém otimamente balizado, não inscrevendo ha muitos annos no seu passivo noticia dum dezastre. Assistencia hospitalar a melhor da Italia, e das melhores do mundo. Nos seus setenta e cinco hoteis de primeira e segunda ordem deixa o estrangeiro, de Março a Setembro, mais de dez mil contos de réis.

E’ natural que se não amotine um povo que só tem motivos para dar “apoiados”.

Demais, e a explicação póde servir em falta de outra: terra plana é quazi sempre terra calma. Em Veneza, por mais que a gente procure, não acha uma montanha. A planura chega ás vezes a enganar a perspectiva. Da baixada do Jardim Publico, a cem metros de distancia, os homens só aparccem da barriga para cima. A esses nem as revoluções de ventre são permitidas.

— Adeus, Veneza. Continúa a bem proccder. Ninguem perde por não fazer barulho: a policia existe.



Em Milão — Março, 17.

— O primeiro dever de quem chega a Milão é evitar o "Palace-Hotel"; o segundo é ir embora.

— Fatigado. Seis horas de monotonia através duns terrenos chatos onde o pedregulho brota; dentro do vagão uma franceza, postixa de cabellos e de trinta annos interminaveis; fóra, felizmente em vizão rapida como o trem, os dois açougues — Arcole e Montebello — que, com intervallo de sessenta e tres annos, tiveram, batido e abatido, o gado austriaco.

Chego. Ruas muito grandes, praças larguissimas, muitas estatuas, cazas enormes, movimento, commercio. Pequeno Paris, consentem os milanezes que lhe alcunhem a cidade.

... que os carregue!

— Humidade. Choveu de manhã. Peço um guia para, como costume, buscar uma primeira e generalizada impressão (Descartes: primeira regra do "Metodo"); não ha guias em dia de chuva. Porque? Misterio. Guio-me ao celeberrimo "Teatro Scala". Fechado. Porque? A pergunta é inutil: as portas não respondem. Passa um carro. Chamo-o. Está ocupado. Aceno com o guarda chuva e com o lenço; vêm dois carros ao mesmo tempo. Debate incipiente. Gratificações.

Ora... que os carregue! Arranjo, afinal, um carro.

— II Duomo.

— Só as cinco portas da "Catedral" atenuariam o crime duma viagem a Milão. Das fachadas que tenho visto nem uma é mais complicada, mais rica de senas, mais superabundante de fisionomias a memorarem trechos biblicos, milagres, legendas.

Colossal, o monumento! Planejou-o Arler, um germanico; e, por mais que a imaginação latina lhe alterasse a arquitetura, persiste o gigantesco do primitivo plano. Cabem-lhe dentro trinta e duas vezes a população de Itobi. Das suas duas mil estatuas — numero que a confiança que tenho em tudo quanto ouço me dispensou de verificar — uma, lá em cima, á direita, a de Napoleão I., tem o inecontestavel dever de alli não estar; outras — as de Adão e Eva, por exemplo —, desmedidas de tamanho, não podem deixar de ser diseutíveis quanto á semelhança com os respectivos modelos.

Terrassos e mais terrassos. Profuzão de eseadas. Marmore, muito marmore, tudo de marmore.

— Aproximamo-nos: um padre moço e eu. “Que me não atrapalhasse eom o estilo gotieo-lombardo da maior construção em marmore que o mundo vê, viu e verá; que me não passasse innotada a diversidade de capiteis; que “S. Pedro em Roma” era igreja mais rica porém não mais bella; que...” e num compartimento lateral me foi o simpatieo joven mostrando oito santos, tamanho natural, em prata, um dos quaes, Burromeu, pelo significativo nome me fieon gravado na memória. Pedi-lhe que, conheedor que era do “Duomo”, me mostrasse alguma coiza mais, lealmente se entregando minha euriozidade aos alvedrios do seu gosto. Feliz inspiração!

Extaziei-me deante dos trabalhos de Fontana caleados nos dezenhos de Miguel Angelo. A despeito da exiguidade da luz, mal inevitado em quazi todos os templos italianos, tive-os em mão, fixando-os, admirando-os, dezenhos á penna de Benevenuto Cellini. Vagarozamente, commodamente, olhei, olhei bastante as janellas que fieam ao fundo, eada uma do tamanho das eazás de Jacarépaguá, mas eom dezenhos preenchendo todas as vidraças, e um delles — Job abraçando hospede que se despede — exeelente na combinação do azul suave eom um vermellio que arde! O famozo “Candelabro de Nuremberg...” Mas eomeça a escoreer. Um bom chefe de familia se reoolhe



cedo. Hei de voltar ao "Duomo" quando voltar a Milão; hei de voltar a Milão quando voltar á Italia. Hei de voltar á Italia quando voltar á Europa.

Mãos á palmatoria.

— Errei. Como me enganavam as apparencias! Errei, confesso-o. Quarto pequeno, tapetes velhos, nada de pressa, corrimões ensebados induziram-me a sentenciar de pessimo o gerente do hotel, pacatão inabalavel, e afinal de contas um generozo bem intencionado.

O homem levanta-se ao ver-me; e, com a mais amena das blandicias, aviza-me de que já dera todas as providencias para que amanhã ás 8 horas tenha eu os meus dois bilhetes de ida para Lausanne.

Alma bem formada! Melhor dos gerentes europeus! Adivinhando que eu saira do Brazil sem o minimo despejo de aborrecer-me, espontaneamente me ajudou a fugir delle e de Milão. Que S. Onofre te proteja, magnanimo gerente, enquanto te não envío uma saca de café escolha, ou um soneto, ou outra coiza que eu não digo.

Recopilando.

— Vi bazilicas em Roma. Vi movimento em Napoles. Vi ruinas em Pompéa, arte em Florença, gloria em Bologna, historia em Veneza, arquitetura em Milão: mas o que em toda a Italia eu vi foi a Italia.

Na possivel derrocada das patrias será ella a ultima a desaparecer. A italiana é bella, o que constitue uma resistencia; o italiano é resistente, o que constitue uma belleza social. Não ha na peninsula rivalidades municipaes, emulação de zonas, rixas de logarejos. O caso, essencialmente paulista, da briga Itú—Sorocaba é por completo ignorado de Tarento aos Alpes.

Na Italia a Monarquia profundou raizes. O nome de Vitor Emmanuel I traduz um simbolo nacional. O soberano reinante é estimado; a rainha é adorada. Só uma



revolta de quarteis, para crescimento de soldos, fato que em nem um paiz da Europa a dignidade popular toleraria, poderá derruir as instituições vigentes.

Ao redor das cidades, repletas de monumentos outr'ora investidos pela artilharia pedestre, vão surgindo cazas leves onde as fabricas funcionam, as industrias se desenvolvem, os batalhões do trabalho se afileiram e a civilização substitue pêlos combates da concorrência os morticínios do passado. Certo, a tuberculose enche, nos cemiterios, os claros deixados pela retirada da catapulta. Mas ao lado da fabrica e da molestia ha a plantação do cereal, abunda o trigo, floresce a vinha; e essa evolução trará definitivamente, quaesquer que sejam as alternativas intermedias, o predomínio da paz e da ordem.

Não ha, porém, gestação sem perda, produção sem dor. Gerando a Italia politica, expira a Italia artistica.

Parodiando os quatro seculos fundamentaes da civilização hellena, os tres da Renascença repetiram, na Italia, as discordias, as dezavencas, sobretudo as divizões territoriaes da Grecia polipartida. E á proporção que tocavam á realidade, impostos pela logica dos acontecimentos, os sonhos de Petrarca e os designios geniaes de Dante; quando, retardada de seculos mas inevitavel, a unidade italiana se foi apropinquando, tambem se foram lentamente despedindo da alma italiana a muza de Leopardi e as harmonias de Verdi. Muito, muito dificeis de conjugação os regulamentos administrativos e a autonomia da genialidade.

Foi sempre assim. A Egreja Catolica, o maior exemplo da unidade, em vinte seculos não teve uma descoberta scientifica. O extremo oriente, quando dividido, produziu Lau-Tsé, Confucio, Mencio; unida, centralizada, militarizada recentemente, a China desterra e exclue Kang-You-Wei!

A arte é a expressão da natureza, e a natureza (o optimista Leibniz teimou nisso mais de vinte vezes) nunca foi uniforme. Não convivem dois predominios. Não se



hãõ de compatibilizar unidade italiana e arte italiana, realizando aquella todo o seu programma e mantendo esta a sua tradicional supremacia. "Ceci tuera cela".

Renasce Roma? Atenas estrebucha.

(Continúa)

MARTIM FRANCISCO





PSYCOLOGIA PEDAGOGICA ⁽¹⁾

“HARPA IMMENSA...”

Corria o mez de Maio de 1899.

Carducci, com seu rancho de amigos, assentára tendas no Café Galvani. Entre estes, havia literatos, poetas, um ou outro advogado, raramente algum medico. Os tempos favoreciam as pesquisas relativas á fina tessitura do systema nervoso. Aos classicos estudos de Tamburini e de Bianchi sobre as localisações cerebraes, se juntavam as originaes descobertas de Belmondo sobre as cellulas nervosas da medullá espinhal e as decisivas conquistas de Golgi com suas novas e geniaes applicações de coloração dos elementos histologicos nervosos. Já não era o enthusiasmo commum, que as novidades despertam nas almas delicadas, mas um verdadeiro delirio que estimulava a um trabalho febril tantos cultores das sciencias biologicas.

Erguera-se uma mesga do manto que recobria o maior segredo do mundo e havia desejo de arrancar-o por completo.

Pretensão desmesurada? sonho de loucos? Sim — tudo o que quizerdes: mas “bemditá pretensão” — digo eu — pois que a ella sómente devemos as maravilhosas deseobertas da physilogia cerebral, que tantas fadigas, tantos heroismos custaram a uma pleiade de pesquisadores geniaes. A esses delirantes enthusiasmos agradece a sciencia hodierna as suas conquistas...

(1) O presente artigo foi vertido do original italiano pelo professor Adaigiso Pereira.

*
* *

A psychologia experimental dispunha de um canto apreciavel de actividade no gabinete do phrenocomio de Reggio-Emilia. Todos os psychologos de Italia passaram por aquella gigantesca officina. A psychologia estava no seu periodo de formação, periodo epico, e tambem nós — a certos respeito — viviamos a vida dos rhapsodos! Cinecenta kilometros divididos entre manhã e noite e as visitas medicas realizadas ao alvorecer ou ao luscofuso me permittiam gosar alguma vez a vida da sciencia.

Eu vivia então — medico num valle bolonhez — com os olhos em Reggio. Estava alli — para mim e para outros ainda — a maior fonte de alegria, o verdadeiro centro de luz!

Com a mente repleta desse saero enthusiasmo, certa noite perdi o trem e vi-me obrigado a pernoitar em Bolonha. Onde ir? Ao Café Galvani, sem duvida.

Enthusiasta de tudo o que eheirava a mocidade, disse-me o advogado Bojardi, ao ver-me chegar:

— Com que então estamos em vespervas da descoberta da alma!
O rancho circundou-me de perto e me incitou a falar.

E sobre o marmore da mesa comeeci então a mostrar os desenhos que, de mão em mão, illustravam as minhas descrições. Eram neuronios, eram cellulas pyramidaes que, com suas ramificações, se punham em contacto com outras cellulas, eram secções da camada cortical que se meselavam a emmaranhamentos de fibras! Que eahos! Depois, comparei o cerebro a um mecanismo com rodas, engrenagens, eadeias de transmissão, campainhas electricas para avisos, para ordens e assim por diante, sempre buscando comparações suggestivas.

E todo o rancho attento, sem pestanejar...

Então, para reforçar a theoria, lembrei um caso pratico:

— Este centro do ouvido é como uma roda que gira quando as imagens sonoras são evocadas pelo estro musical...

— Ahi está uma roda que me falta ao mecanismo, interrompeu Carducci.

— O centro graphico, continuei, é estimulado por imagens gra-



phomotoras e guiado pelo sentimento estheticoo para as artes figurativas...

— Ahi está outra roda que não tenho, tornou ainda o Poeta.

Ninguem ignora que Carducci não sabia desenhar e que, em materia de musica, não ia além do hymno de Garibaldi.

Tentei um terceiro exemplo, mas foi inútil: Carducci, erguendo-se com uma bonacheirona expressão de commando, volveu-me:

— Basta! não continue... Aliás, me convencerá de que o meu cerebro não tem uma roda sequer!

Dada meia-noite, acompanhámos a casa o mestre e, ao deixar-me, tornou-me elle:

— Bravo! Vá tambem a Reggio, e quando houver descoberto quem dá corda ao relógio... mental, venha dizer-m'o!

São passados annos, os estudos progrediram muitissimo — mas... ainda se não descobriu o relojociro.

*

* *

A' parte estas recordações pessoaes — que portentoso aparelho encerra o estojo crancano! Milhões e milhões de cellulas, uma ao pé da outra, como num mosaico, todas em communicação entre si — ainda as mais distantes — por meio de subteis filamentos brancos: as fibras nervosas. E todas estas cellulas estão collocadas em torno á periphéria da massa cerebral. São como as estrellas que envolvem o nosso globo. Verdadeiramente, são os astros da nossa mentalidade! Se movemos um dedo, é porque um grupinho de cellulas se pôz em vibração por ordem da vontade; se procuramos em nossa memoria uma deseorada recordação, é a nossa consciencia que, penetrando no armazem das recordações — os psychologos lhe chamam o centro da memoria — examina uma por uma todas as cellulas, até encontrar a que contém a recordação buscada, e a arrasta para fóra...

Falamos, eserevemos, caminhamos, pensamos? — para todas estas varias acções ha um grupo de cellulas: encarregam-se de executar-as. E os grupos não se confundem e se dividem entre si e occupam um posto estavel e fixo. E' possivel? Decerto: nem ha sobre isso a menor duvida. Quando a impressão da



"rosa" nos cae sob os olhos, estes a transmittem ao centro visual, que está situado nos lóbos occipitales do cerebro. E' erro pois

dizer: "eu vejo com os olhos" porque os olhos não vêm, transmittem apenas a impressão.

O mesmo diremos de todos os outros sentidos, os quaes têm um centro proprio.

Se imaginarmos o cerebro visto em projecção, como na figura seguinte, então não será difficil perceber os prin-



cipaes centros sensoriaes. No alto, o centro do tacto: todo o contacto, delicado ou grosseiro, nelle se vai fixar.

Sob o centro do tacto, na região das temporas, encontramos o centro do ouvido; mais abaixo, no bulbo rachidiano ou medulla alongada, o centro das sensações fundamentaes da vida organica: o prazer e a dôr.

Mas estes são sómente os centros das duas fórmulas de sensibilidade: a externa e a interna. Na camada cortical (substancia cinzenta) encontramos ainda os centros que dirigem os movimentos das nossas mãos, das pernas, dos museulos do rosto, de todos os outros, em summa.

Estas duas erianças me dão a opportunidade de illustrar duas acções algum tanto diversas.

Observar a da esquerda.

Na direcção dos olhos e na parte posterior do craneo, está o centro da memoria visual. A eriança escreve a palavra "rosa", por exemplo.



Do centro da memoria visual, o estimulo, dirigido pela vontade, vae fazer vibrar o centro grapho-motor, que está por traz da frente; deste centro parte uma ordem para um centro executivo da referida ordem, que se localisa na medulla espinhal, e, deste ultimo centro, aos museulos da mão e da vista, os quaes esereverão “rosa”.

Assim se realisa a acção.



Mas, na mente dessa eriança, a imagem da “rosa” desperta outras visagens de cor e de perfume, as quaes se ligam aos dois centros mediante fibras associativas.

Vejam os, porém, mais claramente este mecanismo de associação.

A, B, C, D, são quatro cellulas nervosas, chamadas neuronios, formadas por uma dilatação ramificada e por uma fibra longa euja extremidade tambem se ramifica. Supponhamos que A seja uma cellula do tacto e que em O, S, venha a pousar um mosquito. Que succederá? A impressão de prurido é transmittida, por meio da fibra A á cellula B, que se aeha na medulla espinhal, e desta



a C, C, que é o centro cerebral do tacto. Deste parte a ordem de enxotar o mosquito, ordem de que se ineumbe a cellula C, que, pereorrendo um caminho centrifugo, transmite a ordem á cellula D. Mas esta se expande nos museulos da mão e fal-a contra-hir-se, isto é, obriga-a a excecutar o gesto necessario para afugentar o importuno insecto.

*
* *

Na vida, cada um de nós faz o seu officio, pratica a sua arte, segue a sua profissão; por outros termos — realiza actividades manuaes ou espirituaes que requerem a acção de um ou mais centros cerebraes.

O colono que colhe o café executa uma acção muito simples. Bastam-lhe os olhos para dirigir as mãos, e o centro do movimento destas para apañhar o fructo. E' um acto puramente meecanico. Com o habito de realisar esta acção os centros que interveem a dirigit-a se associam, se harmonizam e, depois, com a continuidade, se tornam mais aptos para a acção que optimamente effectuam.

Assim o operario, que desde criança se habitua a bater o malho na bigorna, terá, com o exercicio, bem desenvolvido o centro dos movimentos dos braços e das mãos; o soldado, affeito ás marchas, á corrida, juntamente com a agilidade dos braços para as manobras



da carabina, deverá adquirir uma decisiva gallardia nos movimentos dos membros inferiores.

Não basta, porém. As virtudes somaticas não fazem por si sós o soldado. Ellas devem harmonisar-se com qualidades sentimentaes ligadas ao altruismo, á obediencia, — mas para estas não organizei, neste artigo, o substracto material.



Os dois jovens indianos que aqui estão e que fazem pontaria com o arco — que centro farão funcionar?

Os centros visuaes, necessariamente, e todos os do movimento. Digo todos, porque nelles entram as attitudes do corpo, unidas ás dos braços e das mãos.

E assim, passando destas actividades de movimento dos grandes grupos musculares aos movimentos menores, mais delicados do larynge e das cordas vocaes, será facil fazer um juizo de mecanismo physiologico-cerebral de um cantor.

O centro do ouvido estará em intima relação com o centro do movimento do orgão da palavra, centro descoberto por Broca e que se encontra na tereira circumvolução frontal ascendente.

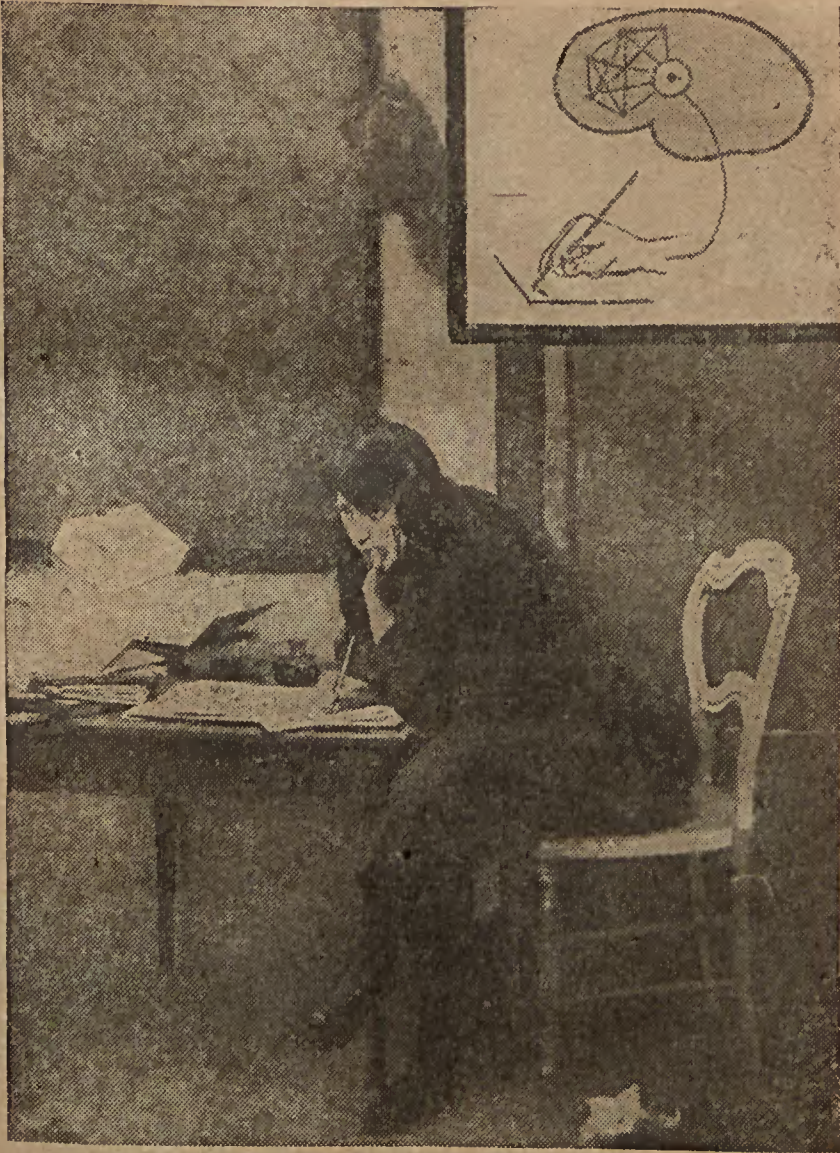
Isto para os cantores como simples executores, pois que muito mais complicado é o mecanismo no cantor creador das notas que elle proprio executa. Em Rouget de Lisle, por exemplo, que, num momento de profunda emoção esthetica encontra o motivo da Marselheza, aos centros nervosos das ações materiaes se associa a vibração delicada dos centros da paixão, que com toda probabilidade estão localizados na medulla alongada.

O pensamento profundo, a grave especulação, que precede ou



acompanha um trabalho de raciocínio, não é por certo obra dos centros que acima estudamos.

Aqui, o movimento é todo íntimo, se desenvolve em vibrações



internas, endo-cerebraes, com trocas de oscillações entre os centros mais elevados do pensamento, entre os centros associativos, ideativos, da abstracção, da razão. O campo de acção destas



fórmãs superiores de elaboração intollectiva escapa ás pesquisas do physio-psychologo. Acredita-se que sejam as regiões frontaes do cerebro que se incumbem da creação das obras da intelligencia, mas não ha nada positivo. Os microseephalos, com frontes fugidias, têm o cerebro, na sua parte frontal, muito adelgado e não dispõem de intelligencia. Mais: as molestias que atacam isoladamente essas regiões do orgão do pensamento, profundamente o ferem mesmo em suas funeções. Os traumatismos, os ferimentos, as commoções que compromettem a contextura morphologica dessas circumvoluções frontaes prejudicam seriamente as manifestações do intellecto.

Por último — nos advogados, muitas zonas cerebraes são postas em jogo. Centros associativos, centros sentimentaes, ligados entre si, devem fazer perfeita equação com os centros da linguagem e da mimica.

Se prevalecem estes ultimos sómente... então, em vez de advogado, teremos um palrador, um tagarela, um charlatão.

*
* *

Tornando ao principio, passados poucos mezes, encontrei-me de novo com Carducci. E como eu continuasse mais entusiasta que d'antes, lhe disse:

— Professor, porque não toma por thema o maravilhoso mecanismo do cerebro para entoar um canto digno desse prodigioso phenomeno?

— E' grandioso — tornou-me elle — é bello, bellissimo, esse gigantesco instrumento musical! Perfeitissima... bella, esta... "immensa harpa" de cordas nervosas, que vibra ao tanger dos affectos humanos!

E todo se concentrou em profunda meditação...

UGO PIZZOLI,

da Universidade de Modena.



PAIZ DE OURO E ESMERALDA (1)

III

Era um homem singular o doutor Strauss. Medico, mas acima de tudo grande sonhador, emigrara para o Brasil, fazia quinze annos, estabelecendo-se a principio em Santa Catharina, onde desposara uma compatriota já entrada em annos e que havia nome *frau* Mathilde. Mais tarde transferira-se para S. Paulo, a convite de um amigo, tambem allemão, sequiosos ambos de terem com quem trocar idéas sobre a essencia do universo e os grandiosos destinos do povo de senhores a que tinham a gloria de pertencer.

Em chegando á Paulicéa, fôra viver á rua Aurora, paredes meias com o outro. Quebraram, porém, com a velha amizade, não havia muito, por causa da irreductibilidade das doutrinas philosophicas que professavam. Doutor Strauss entendia que a maior obra de Kant era a "Critica da Razão Pura" e que o mestre cantára a palinodia com a sua moral baseada no imperativo cathegorico. O companheiro, ao contrario, teimava em convencel-o da unidade e da harmonia de todos os ensinamentos do philosopho maximo. Discutiram, beberam e sonharam

(1) Vide numero de Dezembro de 1918.

juntos durante quatro longos annos e alguns mezes; mas, como nenhum delles cedesse terreno, capacitaram-se de que a lei superior a que cada um devia obedecer os obrigava a um rompimento definitivo e separaram-se corajosamente; consolando-se com a idéa de que talvez existisse immensa orbita sideral na qual estivessem comprehendidos, quaes curtos segmentos, os caminhos apparentemente oppostos que tomavam as suas profundas meditações. Não era a primeira vez que dois grandes allemães saerificavam a amizade a exigencias de ordem puramente intellectual. Bem o sabiam elles, e foi com secreto e justo orgulho que repetiram os gestos dos seus illustres antepassados Wagner e Nietzsche.

Doutor Strauss poz-se então a proeurar uma morada socegada, onde pudesse dar livre curso aos seus sonhos metaphysicos. E teve então noticia, por um annuncio inserto no "Estado", do afastado *chalet* cujos apartamentos de baixo os irmãos Orsini queriam alugar a um casal sem filhos, com a condição de fornecer-lhes refeições nos dias em que não precisassem ou não desejassem sahir de casa. E como a vivenda correspondesse justamente aos intentos do medico, foi logo escolhida.

Eis como Leonardo e Angelo se tornaram amigos do doutor, embora este nem sempre pudesse ouvir sem contradicta a entusiastica exposição das utopias sociaes do primeiro.

O tudesco, desde o começo, descobrira em Angelo, por causa do seu natural taciturno e melancolico, um pobre doente em quem se propunha experimentar a applicação de um engenhoso methodo de reedueação. Consistia a cura em inocular-lhe no espirito umas tantas eonsas que elle chamava com prazer idéas-forças, transmutadoras da sensibilidade... Mas, ao cabo de algum tempo, declarou-se a fallencia, em semelhante caso, do tal processo, e o moço foi coneieiosamente classificado sob a rubrica dos "destinados a perecer" — o que não tolheu que continuassem entre ambos as mais estreitas relações de amizade.

Aconteceu, porém, uma eousa que veio transformar em poucos dias o moral do jovem italiano. Strauss, que havia tra-



tado do coronel Vieira curando-o, segundo diziam, de grave enfermidade, tornara-se não só seu medico permanente, senão tambem frequentador assiduo de sua casa, aonde ia quasi todas as noites ora só, ora em companhia de *frau* Mathilde. As meninas recebiam-n'os com extremos de gratidão, e o velho — não ha encarecimento que pinte bem a realidade — nutria pelo doutor uma verdadeira adoração.

— Porque não levamos de vez em quando o sr. Angelo á casa do coronel? propoz um dia ao marido entre tímida e maliciosa a risonha e gorda Mathilde.

Strauss pensou de si para comsigo que o methodo de cura lembrado pela mulher talvez fosse mais efficaz do que a systematica inoculação das idéas-forças.

Assim fizeram — e ao cabo de alguns dias insolita exaltação succedia ao abatimento e melancolia do costume. Angelo trocara-se inteiramente. Animara-se e transfigurara-se... Agora fallava muito e tinha expansões que se lhe não conheciam dantes. Ria ao menor gracejo, contava anecdotas, chegava até a escutar com prazer a flauta do medico. Porque Strauss adorava a musica e todos os dias, infallivelmente, alli pela volta das nove horas da manhã, antes do almoço, não deixava de tocar uma ariazinha, lembrando-se talvez, a imitação de Sehopenhauer, de que a emoção musical é uma communicação da realidade metaphysica do universo...

(*Continúa*).

J. A. NOGUEIRA





UM ALBUM DE ELISA LYNCH

IV

Apesar da subserviência geral na nação paraguaya pôde Heitor Varela verificar quanto entre as senhoras da melhor sociedade de Assumpção reinava, profundo e rancoroso, o odio a Elisa Lynch, com quem recusavam entrar em relações. Falavam acerbamente da cortezá, muito embora a tremer de medo, acompanhando-as nesse temor, os circumstantes que geralmente pediam, com a maior instancia, se mudasse o assumpto da conversa.

Voltando a visitar Lopez teve Varella a coragem de lhe falar com a maxima franqueza acêrca da oppressão paraguaya. Retrucou Solano vivamente o entre as suas ponderações fez acerbos criticas á "supposta" liberdade argentina. Não fôra tão sanguinario, seria Rosas o governador ideal para a Republica Argentina avançou. Depois de uma serie de phrases ditadas pela colera declarou-lhe pereemptorio : Meu pae está velho e sua vontade e a dos meus compatriotas é que eu o substitua no supremo mando da nação. Neste dia farei o que elle, apezar dos meus conselhos, não tem querido. O Brasil e vocês argentinos cubiçam o Paraguay. Temos, porém, elementos sufficientes para resistir a ambos. Não esperarei, porém, que me ataquem: hei-de ser o aggressor. Ao primeiro pretexto que me dêem, declararei a guerra ao Imperio e ás Republicas do Prata. Não poderei garantir a independência e segurança do Paraguay sem abater, antes, a preponderancia do Imperio e das republicas platinas. Para quando chegue o dia comecemos a nos preparar... Impressionou-se com estas palavras, e tanto, o publicista argentino,

que, ao voltar a Buenos Ayres, as relatou por miúdo aos homens mais eminentes do seu palz como o então presidente Alsina e o general Bartholomeu Mitre.

Não deixou Lopez que o interlocutor partisse sem lhe perguntar se conhecia Elisa Lynch a quem classificou viajera Inglesa distinguida de una solida instruccion.

Dias depois passeando Varela pelos arredores de Assumpção, em companhia de alguns compatriotas, teve a occasião de encontrar ao longo do Paraguay numerosos bandos de banhistas em trajos paradisiacos. Por elle cruzou então a galopar num soberbo corcel, que gulava como verdadeira amazona Elisa Lynch, maravilhosamente vestida e indifferente ao espectáculo proporcionado por aquella scena frescal. Elle en avait vu bien d'autres.

V

A Orion coube o ensejo de frequentar um dos estrangeiros que viviam prisioneiros com menagem no Paraguay, facto esto comesinho no palz, desde que Francia o transformara em carcereiro de homens como Aimé Bonpland e Artigas. Era elle um hespanhol, homem de letras, certo Don Ildefonso Bermejo, que a conselho de Solano Lopes viera estabelecer-se na Assumpção. Pessoa muito instruida tivera logo mil occupações, fôra nomeado director da Escola Normal da Imprensa Official e redactor chefe do famoso Semanario. Havlam-lhe promettdo mundos e fundos e faltavam-lhe, os Lopez com a palavra; Era miseravelmente pago e matavam-no de trabalho. Verdadelro prisioneiro do Paraguay seguidamente lhe davam mil encargos; entre estes o de construir um theatro e o de preparar o ensaiar uma troupe de actores paraguayos, apanhados a laço, chucros e boças.

Após insano trabalho fizera o pobre Bermejo o seu pessoal decorar uma zarzuela: O vallé de Andorra, peça com que se inaugurou o theatro, justamente no anno de 1856. A este magno acontecimento accudiu a sociedade paraguaya em peso. No camarote de estado destacavam-se Carlos Lopez, a mulher, os dous filhos, Francisco e Venancio e as duas filhas. Em frente do camaroto presdencial Elisa Lynch: "Cora Pearl, a mais celebre cortezã parisiense de então, não se teria apresentado mais bem vestida, nem mais luxuosa e elegante, na Grande Opera".

Contemplavam-na os homens com certa admiração respeitosa. As senhoras, sobretudo um grupo, á esquerda, na platea, deitavam-lhe olhares cuja expressão não era exactamente a de uma terna sympathia.

A mais curiosa figura do theatro era, sem duvida alguma, a de Carlos Antonio Lopez, disforme de gordura, mammuthico. A "cabeça



completamente unida ao rosto proseguia numa immensa papada, sem linhas nem contornos e como que tinha a forma de uma pera. Cobria-a colossal chapen de palha, com quasi um metro de alto, verdadeiramente carnavalesco na sua feição de Klosque.

Comportava-se a assistencia como se assistira, compungidissima, ao mals solemne dos requiems. Mesmo nos intervallos, apenas, e com dlfficuldade se percebia o ligeiro murmurio de uma ou outra conversa, iniciada com apparente temor e não tardando a suspender-se.

Reflectia o auditorio a immobibilidade, a impassibilidade do presidente. De repente poz-se elle de pé.

Em massa, como impellida por possantes molas levantaram-se então, e de chofre tambem, os espectadores.

Minutos depois sahla da saia seguido pelos seus pretorianos o "Monarcha das Selvas".

Não lhe ouviu Bermejo uma unica palavra acerca da funcção theatral e este silencio enfureceu-o ao ultimo ponto, desanimando-o ao mesmo tempo, profundamente. Sua mulher, humilhada e tambem exasperada, relatou então tudo quanto sabia de Elisa Lynch, a quem attribuia em grande parte as attribuições do casal. Tudo isto se devia ao facto de se negar ellá, terminantemente, a entreter relações, sequer de cumprimento, com a cortezá, affirmativa. Assim, pois a Snra. Belmejo dizendo-se perfeitamente informada passou a enumerar as seguintes façanhas da amasia de Solano Lopez. Esposa de distincto official do exercito francez, de familia nobre, seguira-o á Argella quando o seu regimento para lá fora destacado. Linda e elegante, inspirara vehemente paixão a um official superior; pouco depois era sua amante. Um nobro russo de grande fortuna, viajando em Africa pouco depois lhe alcançava tambem as boas graças. Dahi um duello que ao general francez custara a vida; quinze dias mais tarde fugia Elisa, voltando a Pariz, onde se entregava á vida airada. O marido, que fora destacado para o centro da Argollia, viera então buscal-a, tentando regeneral-a. Convencido da triste situação em que ficara olla, se separara afinal e para sempre.

A um lond coubera-lhe a successão. Gastara rios de dinheiro com a formosa compatriota. Fizera-a viajar muito pelas estações de aguas, dera-lhe um hotel em Pariz luxuosissimo, satisfazendo-lhe os mil e um caprichos.

Isto não impedira que o deslocasse um segundo russo, tambem riquissimo, joven principe e Ajudante de ordens do Imperador Nicolau I. Durante quatro mezes viajara Elisa com o seu moscovita pela Italia e Hespanha. Regressando a Pariz, ao seu quartel general, notaram todos que o russo desaparecera. Substituíra-o um conde, francez, de uma das principaes familias de Normandia. Reinava o normando



quando fora Elisa assistir a uma parada no Campo de Marte. Fardado de grande gala figurava Lopez no sequito de Napoleão III. Passou pela fila de carruagens, cruzando a soberba victoria da cortezã cujos magnificos balos, chamavam a attenção geral. Rodeada de galanteadores analysava ella o cortejo, quando um dos amigos, certo argentino, mostrou-lhe o paraguay. — Quem \é? perguntou desdenhosamente. — O filho do presidente do Paraguay e seu herdeiro. Será um dia dono de colossal fortuna — Você o conhece? — Sim. — Então faça-o vir ceiar commigo — Perfeitamente.

Dous dias depois estava Lopez ás garras da irlandeza de quem nunca mais conseguiria desfazer-se.

VI

Um dos espectaculos que a Heitor Varela mais impressão causaram no Paraguay foi a da attitude do povo á passagem do presidente, as demonstrações do mais absoluto servillismo, multidões inteiras prostrando-se de joelhos, ao encontrar a carruagem de Carlos Lopez.

“Os pobres paraguayos não de morrer todos quando e onde Lopez os mandar matar” reflectia, revassando o futuro.

Bermejo que privara com o presidente, informou-lhe então que este não era propriamente um homem mau. Ao filho, Solano, a quem Lopez I idolatrava, a este sim, cabia a suggestão dos actos de barbaria do governo.

Tinha Carlos Lopez certa instrucção e leitura. Percorria frequentemente as obras de Machiavel e os livros de historia. Acompanhava a politica universal analysando a acção dos governos com grande presumpção e fatuidade, pois, como politico e administrador, julgava-se superior a todos os governantes contemporaneos. Com a maior facilidade lhes verberava os actos. Detestava os Estados Unidos, cujo governo dizia ser uma quadrilha de ladrões e cujos ministros e diplomatas apregoava compraveis por meia duzia de pesos. Viesse ás aguas paraguayas alguma demonstração naval americana quo elle, abrindo a bolsa, saberia arrumar-se com o plenipotenciario e o almirante.

Ao falar destes assumptos exprimia-se Carlos Lopez com relativa calma; bastava porém tocar no nome do Brasil, porém, para que desvaírasse allucinado pelo odio.

Jámais pronunciava a palavra brasileiro; só nos designava pelos nomes los negros ou los cambá (macacos em guarany).

Qualquer nota, vinda do gabinete de S. Christovam, era motivo para furiosos accessos da colera do tyranno. Poucos dias antes ouvira-lhe

Bermejo dizer ao conselho de ministros : — “Yo no me he ido ya hasta Rio Janeiro porque les tengo iastima a esos macacos : no hay un soio que tenga la figura de hombre. Con diez mil paraguayos yo conquisto ei Imperio de Don Pedro. ”

E redobrando de ira acrescentara, sem se importar com o que poderia affectar ao filho.

— Venham estes corruptos, estes cevandijas com a sua esquadra ! eu os espero nas Tres Boccas com a Ingleza. Desde o seu pretenso ammirante até o ultimo mono das suas tripulações todos se hão de entreter com ella a ponto de se esquecer do objecto da expedição ! ”

Tinha Carlos Antonio Lopez verdadeiro odio á sua nora da mão querdá. Nunca quizera com ella trocar uma unica paiavra e nem admittia que a seu respeito se fizesse a minima referencia, sequer lhe repetissem o nome.

VII

Nas utimas paginas do seu livro reíata Heitor Varela horrivel episodio de que foi protagonista Francisco Soiano Lopez : uma tentativa de estupro praticada sobre uma linda rapariga da melhor sociedade paraguaya, Pancha Garmendia.

Don Juan barato, depois de uma serie de facilimas conquistas, “pois poucas eram as que desejava e a elle se não rendiam pelo terror”, cubiçou Pancha, “conjuncto de graça e formosura realçada modos pediu-lhe Lopez uma entrevista. Espavoridos rogaram os paes de Pancha á pobre moça que cedesse; esteve eila a sós com o seu perseguidor e disse-lhe, de modo permptorio quanto o detestava por mais que lhe protestasse elle violento affecto.

Assim, pois, repeliu-o vioientamente desde as primeiras demonstrações, que se seguiram continuas e cada vez mais apaixonadas.

Afinal, vendo que o objecto dos seus desejos o evitava de todos os modos pediu-lhe Lopez uma entrevista. Espavoridos pediram os paes de Panche á pobre moça qua cedesse; esteve ella a sós com o seu perseguidor e disse-lhe, de modo peremptorio que o detestava por mais que lhe protestasse elle violentamente affecto.

Enfurecido, prometeu-lhe então que se vingaria e retirou-se para, d'alli a uns dias, facto que basta para caracterisar a vida de então no Paraguay, voltar uma madrugada, a assaltar a casa da sua perseguida como o mais vurgar dos satyros. Conseguindo attingir-lhe o aposento não o detiveram os gritos da infeliz que para se defender o mordía desesperadamente com toda a força; pedia a misera soccorro iancinamente, e circumstancia atroz! ninguem da familia, paes e irmãos, reunidos num quarto ao lado, ousava acudir-lhe, tai o pavor inspirado peio despota.

Afinal ia vencer o fauno, quando Pancha Garmendia, armada com um grande alfinete de chapéu, fundamente o feriu.

Pasmo de resistencia e louco de ira, sacou Lopez do bolso uma pistola e visou a sua victima.

— Atira, miseravel! é o unico bem que me podes fazer! disse-lhe a heroica joven.

Vencido então, e sem retorquir palavra, retirou-se o satyro acabrunhado, pelo jardim por onde passara.

Logo depois entrava no quarto a mãe de Pancha, a chorar convulsamente. — “Perdoa-me, disse-lhe a misera. Prometteu mandar matar-nos a todos se lhe vedassemos o passo”!

Todas as minucias da repugnante scena, affirma Varela tel-as ouvido dos esposos Bermejo, intimos da familia da desventurada donzella; algumas semanas mais tarde, confirmou-lh’as a propria Pancha.

— “Vingar-me-hei, ameaçava o tyranno ao sahir, se não és minha, jámais serás de pessoa alguma.” Foi então que, exasperado com o insuccesso, retirou-se, para a Europa, onde longo prazo viveu na maior libertinagem. Voltou com Elisa Lynch que conhecedora do voluvel amasio e recelosa de uma recrudescencia da paixão antiga, quiz conhecer Pancha Garmendia. Recusou esta o encontro, altivamente, motivo pelo qual sobre si attrahiu o rancor perigoso e inapagavel da irlandeza.

Alguns annos mais tarde, Lopez que nunca perdera de vista, um dia sequer, a antiga e linda desejada, a quem constantemente fazia espionar, inflingia-lhe, já em tempos dos seus revezes militares, toda a especie de ultrajes. Afinal mandou assassinal-a depois de requintados e longos supplicios!

VIII

Terminou a estada do publicista argentino em Assumpção com uma excursão á colonia Nueva Burdeos, de infelizes immigrants francezes, localizados a uns sessenta kilometres da capital e á margem do Paraguay. Realisou-se a excursão a bordo de um vapor recentemente adquirido pelo governo de Lopez e transformado em vaso de guerra.

Nelle fazia a sua primeira aprendizagem nautica um coronel de cavallaria! fardado, e exotico ao ultimo ponto, mãos, pés e braços de dimensões pasmosas; cabellos e barba, que eram verdadeiras cerdas.

Ah! se Gavarni e Paulo de Kock o apanhassem! reflecte o viajante portenho. Era o instructor um official francez que lhe mandara repetir os commandos em sua lingua materna, cousa totalmente impossivel ao aspero larynge do paraguay e provocadora de homericas



gargalhadas dos passageiros. Não insistiríamos acerca do marinheiro de cavallaria ou do cavalleiro de marinha se não fosse para nós muito conhecido chefe Mesa, o vencido de Rlachuelo, dez annos mais tarde! Educavam os Lopez o seu futuro almirante! Este incidente bem frisante é de quanto naquelle palz, unico no unlvsero, e onde tantas singularidades e tantos despropositos havia, quanto contribulam, de modo capital, para o descalabro da infellz e herolca nação, na lucta insana sustentada com a Triplce Alliança, o desvario do orgulho do tyranno. Suppunha o allucinado que a simples designação da sua vontade bastava para crear aptidões e supprir a superloridade dos tirocinlos longos.

Sem que nnguem a esperasse, surgiu do camarlm Ellsa Lynch vestida de seda, com um luxo e elegancia inxcedivels, e acompanhada de uma ama que carregava ao collo um menino de anno, pareldissimo com Lopez II e cujas roupas e rendas eram "dignas de um Principe de Galles".

Ao vel-a descobriram-se o chefe Mesa e todos os passagelros presentes com infindo respeito; della se accrcaram então alguns dos passeantes. Viu-se Varela em dura contingencia; a senhora a quem acompanhava, uma argentina, recusou-se terminantemente a ser apresentada á lngleza que para os dous olhava com a malor Insistencia. Sentindo-se em falsa posição decluiu-se o jornalista, depols de larga hesitação, a saudar a soberana do Paraguay. Recebeu-o esta ironicamente, alludindo irritada á senhora que recusava a sua companhia e, sem a minima cerimonia, despachou os cortezãos paraguayos a fim de conversar á vontade. Pareceu ao interlocutor que pretendia deblcal-o. Estomagon-se e, resolvendo responder-lhe no mesmo tom, perguntou-lhe á queima roupa: se algum dia havia amado?

Provocou a questão Interminavel descurso da ex-lorette em que lhe narrou a vida, a dissecar-lhe o coração e a explicar-lhe a complicada psychologia do ser.

Exprimiu-se eloquentemente, expoz-lhe os embates d'alma com verdadeira paixão. Incontestavelmente, reflecte o Interlocutor, tinha eu deante de mim uma mulher de intelligencia superior — Acabou Ellsa o seu discurso a enxugar lagrimas; precisava de um desafogo como aquelle que tivera, declarou. Desde muito tinha a alma enferma e nnguem que a consolasse.

Seria esta scena um tributo á verdade dos factos ou pura comedia da cortezã, habil em fingir emoções e sentimentos? Pareceu a Varela mais plausivel a primeira hypothese.

Cessando as suas expansões sentimentaes, mandou Elisa aos lacaios que offerecessem as fructas e os vinhos de tres riquissimas bandejas á dama argentina. Persistindo na Imprudente altivez, de-

monstrada desde o principio, voitou a obsequiada as costas aos creados.

Uma expressão de desvairada coiera incendeu o rosto da amasia de Lopez; contentou-se porém em dozer que nunca vira mulheres tão orgulhosas como as buonayrenses: e, acrescentou: "ademas las hay mal educadas". E tomando uma vingança, característica da "cocotte", de baixo cothurno, ordenou que ao rio arremessassem os facaios tudo o que nas bandejas havia.

Em Nova Bordcus não tardou a atracar o navio. Ahi viviam uns miseros francezes, ao Paraguay emigrados embahidos, por funesta miragem que se convertera na mais terrivel das decepções. A vida se lhes tornara verdadeira tortura, mixto de oppressão e miseria inacreditaveis. Confinados a um pequeno territorio, eram os infelicissimos emigrantes vigiados, dia e noite, pelas auctoridades paraguayas, dizimavam-nos a malaria e o typho; a transição de clima os aniquillava, exigindo a pujança da seiva tropical, trabalho dobrado dos agricultores para defender as piantações dos insectos e das hervas damniuhas. Fracos como estavam haviam visto as miseraveis roças arrazadas. maies.

Chibatcados e estaqueados homens e mulheres por questões de nonada, tinham alguns dos colonos enlouquecido. Outros haviam tentado escapar áquelle inferno. Tinham então sido caçados por escoitas, como feras, e assassinados covardemente. De nada valiam as reclamações do ministro francez a Lopez. Bem sabia o tyranno quanto a posição dos seus domínios lhe permittia zombar da força das maiores potencias militares.

Souberam os visitantes que um dos colonos mais conceituados pela posição e familia na terra natal, tinha a esposa á morte, de typho.

Commovida, ou simplesmente para se fazer notada pela acção caridosa, ordenou Elisa Lynch que o desditoso casal embarcasse para a Assumpção. Chegado o vapor á capital paraguaya annunciou que levaria a doente para a propria casa. Queria ser-lhe a enfermeira. Não sabia o pobre marido o que pensar de tanta generosidade. Mal havia porém a doente caminhado duas quadras numa padio-la, entroy em agonia. Fel-a Elisa transportar para a choça mais proxima onde não tardou a expirar.

D'ahi a pouco apparecia a soberana do Paraguay ao publicista argentino e sem apparentar a menor commoção, dizia-lhe: "Acompanhe-me á casa, estou suffocada de calor." Voitava-lhe integral a insensibilidade propria das cortezãs e adquirida pelo desvirtuamento dos sentimentos que lhes impõe a tortuosidade da vida.

AFFONSO D'ESCRAGNOLLE TAUNAY



Desento de Fleury

O Rio de Janeiro visto do adro da igreja de S. Bento

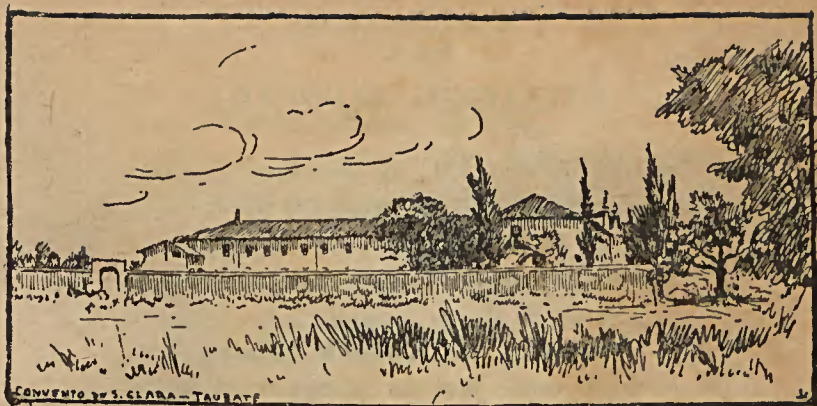
GRAVURAS ANTIGAS

GRAVURAS ANTIGAS

Rio de Janeiro

Desenho de Fieury





VERSOS

O PANTANO

*Neste ermo bosque de onde um rio nasce,
A's quentes faiscões do sol de estio,
Verá, quem quer que por acaso passe,
O pantano tristissimo e sombrio.*

*E contam que jamais a aza fugace
De um pequenino passaro erradio
Veiu turbar-lhe a placidez da face:
Todos lhe fogem o ar por ser doentio.*

*Tambem sei de um espirito tristonho
Em que não passa, azas ruflando, um sonho,
Semelhante a esse tetrico ataseal.*

*Delles qualquer que se transvie, evita
Voejar por perto da região maldita
Do pantano miasmatico e fatal.*

PAIZAGEM MARINHA

*Crepuseulo de Outubro. As pequenas jangadas,
Que reflectem ao sol tonalidades d'ouro,
Soltando ao largo vento as velas enfunadas,
Procuram calmamente a paz do ancoradouro.*

*Vagas indecisões... A' claridade pallida
Da tarde, o verde mar no branco areal estua;
O ceo amplo parecee uma enorme crysalida
De onde em breve ha de voar a phalena da lua.*

*Do poente se levanta uma nuvem esparsa,
Que, á luz mortiça, tem refrações côr de rosa;
E, não raro, a aza leve e albente de uma garça
Passa na placidez dest'hora religiosa.*

*O atro manto da treva envolvente se expande;
A briza sopra e esfrola os comoros de areia.
Illumina-se o oriente. Aurea, redonda e grande,
Sobre a crista de um monte exsurge a lua cheia.*

COMO O SOL

*A luz fulva e claríssima se enfresta
Atravez da folhagem, de tal geito
Que das moedas metalleas empresta
O louro á relva, e lhe transforma o aspeito.*

*Tambem si o olhar para a minh'alma deito
De uma maneira mysteriosa e lesta,
Vejo que o teu amor me entrou no peito
Como o sol pelas franças da floresta.*

*Aves cantavam, rutilas, em côro,
E elle que, ainda hoje entre esplendores arde,
Joeirava pingos fulgurantes de ouro.*

*E ora a tristeza que me empana o rosto
E' pensar que tambem, ao vir da tarde,
O amor se ha de sumir como o sol posto.*

A LUZ

*Luz, genese do bem, templo silente e antigo
Onde vão ajoelhar essas almas de eseo!,
Que perseguem o mesmo ideal que em vão persigo,
E's minha crença, és meu conselho, és meu pharol!*

*Em ti sempre eneontrei um porto bom e amigo,
E, quer brilhes no luar, ou fuljas no arrebol,
Eu te contemplo, eu te idolatro, eu te bemdigo,
Qual Zoroastro eurvado ante o plaustro do sol!*

*Sejas rosca, azulada, ou fulva, ou purpurina,
Só quem te ama possui a concepção divina,
E tem o proprio Deus dentro do coração!*

*Vem, noiva desejada, alampada do Sonho,
Illuminar o meu espirito tristonho,
Purificando-o no crysol da Inspiração!*

PELA ESTRADA

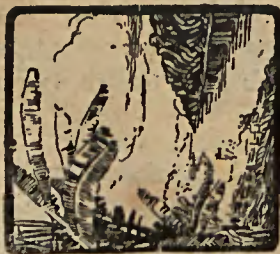
*O meu amor — sol em que gelo e em que ardo,
Fulgurações de luz dentro da treva —
E' a adoração espiritual que um bardo
Consagra á loura castellã medieva.*

*Si longe della, sol em fogo, neva
Na minh'alma, e, si perto, me acobardo.
Quando lhe falo, a voz, manso, se cleva
E ruma os céos, como espiraes de nardo.*

*Pela existencia, tremulo, prosigo
Todo impregnado de um sabor de lenda,
Qual triste carro cantador e antigo,*

*Vencendo abysmos e transpondo escolhos,
Eternamente guiado, nesta senda,
Pelos dois boiadeiros dos seus olhos.*

SALLES CAMPOS.





GRAVURAS ANTIGAS

Colheita de café

Desenho de Fleury



GRAVURAS ANTIGAS

Habitação de negros

Desenho de Fleury

CINCO ANOS NO NORTE DO BRASIL

NOTAS Á MARGEM DO RELATORIO
DO DR. ARTHUR NEIVA SOBRE O NORTE

I

Desde Junho de 1913, até Julho de 1918, percorri o nordeste brasileiro procurando estudar a natureza e o homem destas interessantes regiões tão mal entendidas por uns e mal-sinadas por outros.

A impressão que me deixou gravada no espirito a prodigalidade da natureza, abundante em materias extractivas e a pobreza do homem, foi a de um mendigo repousando num bloco de ouro indifferente á riqueza por seus pés calcada.

Em as narrações dos factos e cousas que vi, assim como aos commentarios que ajuntar, procurarei sempre ser o mais simples e elaro possível, afin de que a verdade não seja sacrificada.

Dos autores de trabalhos que eu conheço sobre o Norte, poucos são os que se não deixam arrastar pela poderosa força dos extremos: se o Norte não é um paraiso terraqueo, não pode deixar de ser um inferno onde em vez de prantos e ranger de dentes, ha molestias perigosissimas, calor asphyxiante, que tornam a vida impossivel.

Ver, e contar justamente o que se viu, interpretar um facto



natural com criterio, não é tão facil como parece á primeira vista. Homens eminentes, scientistas ante os quaes nos devemos curvar respeitosaente cáem em erros grosseiros de observação.

O notavel botanico, que ha pouco tempo desapareceu de entre os vivos, Dr. Lofgreen, a quem a sciencia brasileira muito deve, nos seus valiosos relatorios, tratando do Norte brasileiro, especcialmente da região flagellada pela seeea, diz que a cabra é responsavel pela formação do deserto que de mais em mais se vai acentuando no sertão do Ceará. Acho que é um faeto mal observado, se não uma injustiça, querer fazer da cabra o bode expiatorio da devastação das regiões cearenses. Em vida do illustre scientista, euja memoria venero, tive a ousadia de contestal-o no artigo que eserevi no "Criador Paulista" sobre umas cabras que estudei no Piauhy.

"Em Março de 1915, epoca em que a seeea desolava os sertões cearenses, dizimando quasi todo o gado vaccum, e levando ao suicidio e á loucura os infelizes criadores, nos internámos até Quixadá, onde tivemos a desventura de presenciar uma parte dessa terrivel tragedia. O quadro era impressio-nante: no sólo pedregoso nem uma só moita de eapim; as arvores seeecas, despidas de suas folhas, como que imploravam aos ceus, como o riego da parabola biblica, uma gotta d'agua... Aqui e alli, heroieos e resistentes joazeiros, como uma esperança divina, ostentavam, apesar de tudo, a sua frondosa eopa de um verde bellissimo. Nessa paisagem triste, via-se um homem de tez escura, chapen de couro na cabeça e uma foice na mão, fazendo tombar, de um só golpe, os galhos das arvores que ainda tinham vida para alimentar o seu gado que o seguia, magro, de andar incerto, quasi moribundo... Era o vaqueiro!"

Dos trabalhos que mais me satisfizeram um ha que está de accordo com o que observei em 5 longos annos em o nordeste brasileiro, é o dos Drs. Arthur Neiva e Belisario Penna, publicado nas Memorias do Instituto "Oswaldo Cruz": "Viagem seientificia pelo norte da Bahia, sudoeste de Pernambuco, sul do Piauhy e norte a sul de Goyaz".

As linhas que se seguem, não serão mais de que notas á margem desse importante relatorio, eujo cabedal seientifeco é

tamanho, que chega a admirar ter sido tão somente o resultado de uma viagem ligeira através dos sertões nortistas. Nelle, seus autores revelam-se notaveis naturalistas.

Como o meu fim não é entoar loas aos illustres autores, desde já peço venia se em algum ponto as nossas observações não estiverem de accordo, o que, aliás, em nada os desabonará, visto como em 5 annos tem o observador tempo sufficiente para controlar as suas observações, o que não acontece no lapso de tempo de uma viagem.

Clima: Aqui está um assumpto, que tem dado e dará lugar a muita discussão, que se presta ás mais disparatadas conclusões, ás vezes proferidas com sineeridade, outras vezes por mero amor á fascinadora originalidade: oh! dizer o que os outros ainda não disseram!

Quando estava nas vespersas de partir para o Norte, pela primeira vez, ouvi informações mui oppostas: de um lado horrores, do outro maravilhas. Não obstante isso, não posso deixar de erer na sineeridade de todos. Quem vai ao Norte e adocee, dirá que é uma região inhospita; o contrario dirá aquelle que passar bem por lá. O seientista preeisa fazer abstracção da sua individualidade, o mais possivel, para evitar os erros nas conclusões das suas observações.

O poeta sensivel, diz Balmes, que ao entrar num mosteiro solitario depois de uma longa jornada, fatigado, eheio de sol, encontrar um monge bondoso, de olhar docê, de maneiras delicadas, prompto a guial-o e, com carinho, proporeionar-lhe suave deseango, sahirá pelo mundo em fóra, proclamando que não ha nada como a religião e que os monges são umas santas creaturas; mas, se ao invex de um monge bom, encontrar um velho impaciente e rabugento, então ai da religião e de tudo quanto com ella se relaciona! E' justamente o que se dá com a maioria dos homens que relatam sobre o elima do Norte.

Quanto á celebre phrase: "O Brasil, é um vasto hospital", que considero a maior injustiça praticada nestes ultimos tempos contra o Brasil, por um homem eminente, creio que no correr destas notas, ella será contestada.



Do canhenho do meu companheiro de excursões, pelo Piauhy, Dr. Agenor A. de Miranda, vou apanhar algumas notas interessantes:

“Entre nós a sensação do frio se manifesta eom grande differença em relação aos paizes europeus. Estudando a influencia da humidade e do vento na sensação thermica, no Rio de Janeiro, o Dr. Morize, á vista dos graphicos que organisou, com observações de Junho de 1915 a Dezembro de 1918, conclue que “o simples exame visual revela logo que, no elima do Rio de Janeiro os observadores são muito sensiveis ao frio. Lá vimos que na Europa, Lanlanié attribue a temperatura de 16 graos á sensação “temperado” da escala de Vineent, enquanto que entre nós aquella notação pertenee ás temperaturas que oseïllam de 22 a 30 graos. A temperatura citada por Lanlanié certamente eorresponderia aqui á notação “fresco” ou talvez menos, de forma que para o europeu das medias latitudes, todos os numeros da nossa escala de sensação deveriam subir um grao, pelo menos; mas nossos valores eorrespondem eom os notados no Congo pelo Padre Molitor, onde as 62 observações registradas eom a nota “tepada” eahem entre 25° e 30, enquanto que as nossas, muito mais numerosas se distribuem, apenas eom uma unica exeeção, entre 24°,2 e 29 graos. “As eonclulsões do nosso eminente director de meteoreologia e astronomia, são as seguintes, eujo conhecimento nos interessa:

I. A humidade atmospherica contribue fortemente para augmentar a sensação do ealor, a começar da sensação “temperado” da escala de Vineent.

II. A sensação “fresco” é independente da humidade. Na mente á sua velocidade.

III. A sensação fresco é independente da humidade. Na zona sul observamos dois factos que autorisam a proclamar a exeellencia do seu elima; 1.º A ausencia de abundante humidade que eomo vimos aeima contribue fortemente para augmentar a sensação do ealor; 2.º durante os dias sopra uma viaração intensa da nascente diminuindo essa sensação.

E' por isso que mareando o thermometero 33° á sombra sentiamo-nos bem. A eommissão de melhoramentos do Rio Par-



nahyba registrou na Corredeira da Vargem da Cruz 228 observações, e seu director assignala que na época secca tambem sopra de S. e S. E.; enquanto que na época chuvosa sopra de N.

Observamos muito accentuadamente a sensação do frio desde que a temperatura descia de 16°, e que o ambiente geralmente era muito secco.

Em rarissimos pontos, e só nas immediações dos grandes brejos, notamos o campo orvalhado. Igualmente não notamos durante ás primeiras horas da manhã, quando a temperatura se eleva a formação de eumulus que, como sabemos, provêm da humidade que se desprende da terra, onde se havia condensado durante a noite.

Um facto interessante temos que assignalar: a grande amplitude da oscillação da columna de mercurio entre o maximo e o minimo. Emquanto que essa amplitude deve ser de 2 a 5 millimetros nos tropieos, observando a curva da oscillação em Floriano, achamos para a amplitude o valor de 5 mm. e em Bom Jesus o de 7 mm.. Duas unicas observações, uma em cada ponto, não podem constituir dado para uma discussão e estudo, mas penso que devemos menciónal-a. Variando a amplitude dessas oscillações da columna barometrica com a humidade do ar e a temperatura (Vialy, Contribution à l'étude des relations existantes entre les circulations atmospheriques, etc. pag. 122) e tendo verificado que o ambiente dessa nossa zona interior, que segundo o Dr. Draenert, deve ser considerada tropical, pelo menos agora se apresenta secco, a amplitude da oscillação barometrica fica quasi tão sómente dependente da temperatura, e Vialay nos diz: "Nous avons dit que la présence de la vapeur d'eau était la cause principale de l'oscillation barometrique. Il y a lieu de tenir compte également de la temperature de l'air. C'est elle qui en rendant celui-ci moins dense dans l'apres-midi augmente le minimum de quatre heures de matin; ce dernier minimum est en effet assez sensiblement inférieur à celui de l'apres-midi."

Em Therezina, a temperatura mais baixa que constatei foi de 16°, que já dá sensação de frio; a mais alta foi de 37° centi-

grados, sem que sentisse um calor soffoante. O que acontecee é que se súa muito.

Em Novembro de 1911 houve dia em que a temperatura attingiu a 30° e em Janeiro de 1912 a temperatura ascendeu a 39°,2 maximo observado para aquella cidade. - A minima registrada foi de 15° em Setembro. Estes dados, embora incompletos, dão idéa da temperatura á margem do S. Francisco, em grande zona dos Estados de Bahia e Pernambueo.

Drs. *Neiva e Penna.*

Temperaturas tão elevadas, felizmente, não observei em nenhuma das zonas por mim percorridas, nos Estados de Piauhy e Maranhão.

Em "David Caldas", colonia agricola a uns 35 kilometros abaixo de Therezina, a margem do Parnahyba, a maxima que observei foi de 36° no dia 5 de Novembro de 1914. As altas temperaturas, ou melhor, as maximas sempre se observam das 2 ás 3 horas da tarde.

Neste ultimo sitio, a media das maximas, em Junho de 1914 foi de 35°.

Viajando através do Estado do Piauhy, tomei as temperaturas seguintes: em Floriano, as 5,5 da tarde, 33°, em Côcos, morada proxima a Jerumenha a uns 12 kilometros do rio Parnahyba:

8,5 h.	da noite de	26—7—1915	—24°
11,	" " " " " "	" " " "	—27°
2,	" " manhã "	27—7—	" —24°
6,	" " " " " "	" " " "	—23°

Com esta ultima temperatura senti um frio agradavel.

No valle da Gurguêa, Fazenda Grande, a uns 150 kilometros de Parnahyba, em Junho de 1917 observei uma minima de 14°, produzindo um frio que chegava a incommodar pela manhã; em Conceição, na margem do riacho Pirajá, affluente da margem esquerda do Gurguêa, proximo á villa Bom Jesus, na manhã de 6 de Agosto de 1915, notci que a temperatura desceu

ASPECTOS DA ENCHENTE DO RIO ITAPICURU' EM 1917



1) Um rebocador subindo o rio Itapicuru' — 2) A Matriz de Codó inundada — 3) A cidade de Croatá, após a inundação.



Outro aspecto da enchente do rio Itaipicuru, em 1917

até 10°,5. Quem (*) julga que o Norte é um forno, onde só se registram altas temperaturas, engana-se.

Já o meu antigo e illustrado lente de zootecnica, Dr. Ferreira de Carvalho, em 1893, notara a temperatura de 10° no Piauly.

A minima absoluta foi de 7°,5 registrada na localidade bahiana de Perypery, municipio de S. Rita de Rio Preto, Bahia. Do dia 5 ao dia 29 a minima absoluta oseeillou entre 7°,5 e 12°.

Dr. *Neiva e Penna.*

A' medida que se avança para o sul do Estado do Piauly, a temperatura abaixa, pois vai-se subindo em altitude: as cabeceiras do Parnahyba e Gurguêa, estão, na serra de Tabatinga a 480 m. o ponto culminante da serra é de 880.

Em homenagem ao dr. Gustavo Luiz Guilherme Dodt, que pereorreu e estudou com muita competencia estas regiões e aos relevantes serviços e estudos que este notavel engenheiro prestou ao Norte, principalmente ao Piauly e Maranhão, a Companhia Agricola, Pastoral e Industrial Piaulyense, por mim superintendida, deu á villa que fundei no Alto Parnahyba o nome de Villa Eng. Dodt.

Na Villa Eng. Dodt, a minima absoluta foi registrada em começo de Setembro de 1917—14°. No mez de Outubro do mesmo anno a minima foi de 22° e a media de 23°,6; a maxima foi de 36° e a media de 35°,5.

Para terminar vou ajuntar o quadro da viagem que fiz de Therezina a S. Philomena, cerea de 900 kilometros, juntamente com o Dr. Agenor A. de Miranda, que foi o organizador delle. Addeiciono, tambem, o quadro das observações meteorologicas da commissão de melhoramentos do Rio Parnahyba em 1883.

(*) a 1.º de Agosto de 1917, no mesmo lugar o thermometro desceu a 10.º.



MARCHA ITINERARIA
De FLORIANO a S. PHILOMENA

DIA	MEZ	PARADAS	Kilometros percorridos K	Horas de marcha	̄.	B. f	B. o	Alt.	OBSERVAÇÕES
23	7.º	Floriano			30°	758.	754.3	m. 60.9	
24	»	Páó de Leite . . .	13.290	2.05	26°6	756.5	753.6	68.5	As 8 horas. Manhã quente. Partimos de Floriano á tarde.
25	»	Cannaveiras . . .	16.665	2.45	33°				As 6 horas. Muito fresco.
»	»	Varzea	16.622	?	32°5				» 12
»	»	Jeromenha	24.480	3.40	32°				» 18
26	»	Riacho Cocos . . .	16.290	2.10	32°				» 12
»	»				23°				» 6
27	»	Coqueiro	19.825	3.30	34°	754.5	751.7	88.8	» 12
»	»	Riacho da Porta	23.660	?	32°				» 18
28	»				22°5	745.	742.3	192.9	» 6
»	»	Apparecida	23.644	4.30	30°	745.	742.6	189.6	» 12
29	»	Inhumas	21.354	3.30	20°	745.	742.6	189.6	» 12
30	»	Bebedeiro	19.056	3.20	18°	750.	747.8	131.8	» 6
»	»	Fazenda Grande	17.580	3.25	33°				» 19
»	»				18°3	749.	746.8	142.6	» 6
31	»	Franqueiras	16.473	3.00	32°5				» 12
		Santa Kosa							» 11 h.

MARCHA ITINERARIA — Continuação.

DIA	MEZ	PARADAS	Kilometros percorridos K	Horas da marcha	☉	☉ _p	☉ _o	Alt.	OBSERVAÇÕES
1.º	8.º	Santa Rosa . . .			17º	751.	748.9	119.9	A's 6 horas. Frio pela madrugada.
»	»	Rosario	20.221	3.25	32º				» 12 » Fresco.
2	»	Umburanas . . .	20.482	3.30	17º	752.	747.9	130.7	» 6 » Frio pela madrugada.
3	»	Macambira . . .	20.225	3.20	17º	750.	747.9	129.5	» 6 »
4	»	Pedrinhas . . .	21.995	4.00	28º5	746.	743.3	180.5	» 12 »
5	»	Bom Jesus . . .	31.950	5.30	22º	744.	742.8	187.5	» 20 » Viagem morosa.
6	»	Conceição . . .	24.522	5.50	21º	721.	718.8	461.4	» 6 » Noite fria: As 2, 15º; as 5, 30, 12º
»	»	Vereda Grande.	18.499	4.50	10º5	738.	735.5	269.5	» 12 » Fresco.
»	»	Chapadão . . .	16.539	5.30	33º	744.	742.1	195.1	» 12 » Andamos a passo.
7	»	Barra Nova . . .	26.132	5.20	19º	740.	737.7	243.	A's 6 horas. Noite fresca.
8	»	Malva	13.937	2.30	30º				» 6 »
»	»	Fazenda do Meio	12.173	2.35	31º				» 12 »
9	»	Tucuns	24.777	5.00	16º				Chegamos á margem do Urussuhy.
»	»	Mouros	15.190	4.00	32º				Noite fria.
10	»				19º				A's 12 horas.
»	»				34º				Andamos devagar.
									A's 12 horas.

MARCHA ITINERÁRIA — Continuação e fim.

DIA	MEZ	PARADAS	Kilometros percorridos K	Horas de marcha	☉	☉ _p	☉ _o	M.	OBSERVAÇÕES
10	8.º	Uruçú	23.294	3.55		mm.	mm.	m.	
11	»	»			12º3	738.	736.6	257.4	Atravessamos o Urussuhy, na Formosa. A's 6 horas. Noite fria.
»	»	Vereda do Meio	20.028	4.15	33º				» 12 »
»	»	Altos	22.093	4.05	14º	737.6	735.9	265.1	» 6 »
12	»	Jacú.	19.105	3.30					Na "Cruz" entramos nas terras devolutas. Passamos a viajar para NO.
»	»	Morrodagua.	18.743	3.35	15º	732.	730.2	330.8	A's 6 horas. Frio.
13	»	»			32º				» 16 »
»	»	Sete Lagoas.	24.535	4.40					
»	»	Chapadão	7.772	2.00	18º	718.	716.	508.4	» 6 »
14	»	»			32º	728.	725.1	373.4	» 13 »
»	»	Cab-Riachão.	18.267	3.15					
»	»	Philomena.	25.556	4.50	24º6	742.	739.	227.8	» 8 »
15	»	»							Observação importante: Nos dias 25 e 16 percorreremos todo o valle do Riachão.
			701.880						



ESTADO DO PIAUHY

Quadro das observações meteorológicas da Comissão Melhoramentos do Rio Parnahyba em 1882

LUGARES	Data da observação	Pressão media atmospherica	Temperatura media dos aneroides	Temperatura media do ar ambiente	Maxima	Minima	Quantidade de chuva	N.º de obs.	Observações
Cidade de Parnahyba	Abril.7640	26.37	26.85	27.20	26.20		6	
Cidade de Therezina	Abril.7561	27.61	28.50	35.00	25.80		9	
Cidade de Amarante	Maio7547	25.98	25.18	31.00	23.00		78	
"	Junho7563	23.73	25.86	28.50	21.00		53	
Corredeira da Vargem da Cruz	Junho7562	25.43	25.50	31.50	14.50		228	Acima da actual
"	Agosto7562	27.12	28.78	33.50	21.00	mm.	161	cidade de Flo-
"	Setembro7443	27.17	29.31	37.00	21.50	16.00	183	riano.
"	Outubro7481	28.13	28.28	37.00	21.00	3.70	138	
"	Dezembro7543	26.85	26.85	31.80	21.80	91.40	112	
Pogo do Surubim . .	Dezembro . .	.7497	27.83	27.83	33.00	22.00	mm.	80	
							108.20		

FRANCISCO IGLESIAS.



SEM REPLICA NEM TREPLICA

Na "Revista" de novembro, após longa e dolorosa gestação, appareceu um artigo do sr. Alberto Faria, com ares de replica ás minhas "Breves annotações" de setembro.

Não é replica, não poderia ser. São bicadas, aqui e ali, aos pulos de tico-tico, deixando sem a minima referencia o grosso das questões. Apontei uma centena de erros ou impropriedades, e o articulista aborda quatro ou cinco!

A não ser na questão do "assez coté", em que tomei por descuido condemnatorio de revisão aquillo que não passava de um trocadilho, tudo quanto escrevi ficou. Pois os raros pontos em que o articulista ousou tocar offerecem margem a uma rapida polemica, em que me seria facil calar tambem as baterais que ainda não foram desmontadas com o bilbode certo que emmudeceu as outras.

Não posso, porém, entabolar polemica de especie alguma com adversarios que escrevem naquelle tom e que usam daquelles processos, pois onde escrevo: "Sentia que faltava certa graça" elle me faz dizer: "Sentia que me faltava certa graça", intercalando um pronome para viciar o verso; e onde se encontra: "De olhos castanhos e de barba preta" elle copia: "De olhos castanhos e barba preta", supprimindo a preposição para fazer mancar o verso.

Taes polemistas são invenciveis. Com elles não se discute. Se a defesa do meio social, dos altos interesses ou direitos da collectividade o exige, o mais que podemos fazer — immolando-nos embora num prelio sem coroa — é dar-lhes uma pancada, uma só, mas de cego, como quem



deseja matar cobra, e, depois, deixar a cobra agitar-se até que a peçonha esfrie. E ha de esfriar. E' questão de tempo.

Ha dois pontos, porém, nos sarrabulho do articulista, em que sou forçado a falar.

O primeiro é quanto ao grego "philia".

Pelos livros citados no artigo do sr. A. Faria, sou levado seguramente a enxergar, lá no escuro, alguém que se empenha em sustentar a causa do hellenista campineiro. O sr. Faria, como provei com o celebre soneto de Wordsworth, não sabe inglez; não obstante cita Liddell and Scott! Não sabe uma palavra de allemão e cita Schneider!

A esse alguém aqui vae a minha resposta!

Affirmei que á nossa palavra "amiga" corresponde o grego "philê", não "philia". Responde o sr. Faria, citando Liddell and Scott e Seneider (!) que "philia" também significa "amiga" e, portanto, assim deve ser traduzido no passo de Anacreonte.

Está erradinho, illustre Academico.

A nossa palavra "amiga" tem duas "acceções": uma é substantiva, outra é adjectiva. A palavra grega que corresponde a ella nessa dupla função é "philê", não "philia". Nisto não tenho retractação alguma que fazer. Até lá chega a minha tintura hellenica.

Existe, é certo, o adjectivo "phílios", com um feminino "philia".

Não é fórma poetica, tal como foi affirmado, mas por demais prosaica. Occorre frequentemente na "Anabase", que foi o meu livro de classe. Ser-me-hia facil enfeixar uma serie de exemplos, se isso não tirasse a erudição barata.

O seu primeiro sentido é: "do amigo". Depois, "da parte do amigo, amigavel, propicio, alliado, etc."

Ora bem, será a fórma feminina desse adjectivo a que apparece na expressão anacreontica — "philia georgôn?" E' o que asseverou o sr. A. Faria, com ares de quem me dava um golpe de morte. E' esse o tom dos literatos tardios, que faziam Horacio exclamar: "O seri studiorum! qui ne putetis difficile et mirum!"





O CHAPEU DE SOL

“...o tacápe da nossa burguezia”.

SOUZA-BANDEIRA

No terraço do passeio publico, olhando o golfo maravilhoso, os dois asiaticos se intciravam das cousas da America. E dizia o residente ao recémvindo:

— Outra instituição que notarás é a do guarda-chuva, ao qual chamam não sei porque chapéu de sol. De começo cuidei que se tratasse de objectos claros, apropriados a este clima luminoso, de azul constante e intenso. De facto as mulheres trazem parasóes de côres vivas, e mesmo alguns homens dissidentes usam-n'os de verão, brancos e verdes, como quer o preceito ophthalmológico. Mas não é destes que falo, nem do guarda-chuva que outros só levam quando chove, e recolhem logo, movel economico e pratico, despido de mysterio. O que interessa é o outro, o que tem a dignidade d'uma instituição. Nada tem com a chuva, nem mesmo já o nome, como viste, e tanto anda ao luar como a cavallo. Vai á igreja e ao theatro. Faz-se da seda mais negra. E' uma arma e um symbolo. Carrega-se geralmente desenrolado, e muita vez os litigios que em outras terras se liquidam a murro ou bengalada, conduzem á ameaça do guarda-chuva. Existe uma

expressão comminatoria: — Metter o chapéu de sol. E' também um symbolo, dizia. Não se adquire, como na Europa, por troca subrepticia nos vestiarios de hoteis ou clubs. Nem se compra como cousa servil. E' offertado com solemnidade, geralmente por cotisação de admiradores, em dias fastos; entre orações de louvor. Nesses casos tem castão de ouro, alguma vez de prata, datas e nomes gravados. E' uma consagração. E' a seu modo um bastão de marechal. Quem o recebeu com o verdadeiro espirito não o deixa mais. E verás como alguns o transportam ritualmente, como se fosse um cirio...

— Talvez seja uma divindade, lembrou, suspeito, o viajante.

— Não é outra cousa. Ia justamente dizel-o. Deve ser uma daquellas formas domesticas e faceis que o Espirito, não menos mysterioso que benevolo, consentiu em habitar ao lado do homem seu protegido. E' um dos lares modernos.

— E achas que se póde obter um? perguntou o peregrino, homem curioso de cabala e de investigações occultas.

— Nada mais simples, nem também mais enganoso. Eu ha muito tempo venho a comprar guarda-chuvas de toda a casta, sempre esperando o beneficio secreto. Mas até hoje não percebi nada. Os comprados não têm virtude. São corpos sem alma. De resto, talvez a falta de virtude seja minha. E' bom tentares.

— Vou tentar.

E mais não disseram nesse dia, indo-se cada um aos seus negocios.

O do viajante era estudar os costumes locais. Subiu pela avenida mui larga, admirando-lhe em silencio os mosaicos de quarto de banho, e o rapaz de bronze, diuretico, jovial e votivo.

Entrou na primeira loja de guarda-chuvas; e rejeitou logo os de preço baixo. Elle tinha a sua ideia. O merito paga-se. O mercador comprehendeu logo.

— Sem duvida quer daquelles? perguntou, mostrando

um compartimento. E a malícia do seu olhar não deixava duvidas.

— Exactamente, fez o outro, e pagou largamente. Estavam ambos triumphantes. O viajante arrisou um dito:

— Este tem alma...

— Se a tem! Ah! lá isso vá V. Ex. em paz, que eom elle vai bem!

E o homem que o suppunha Excellencia ficou a rir com ruido. O asiatico sorriu calado, saudou e sahiu, levando a carga preciosa.

E pensava: — Meu irmão sem duvida só comprava do ordinario. Ia tranquillo. O olhar do vendedor, o seu discurso seguro dizia-lhe que acertára. Sentia-se enervado, queria repouso. E como a fealdade da architectura e a agitação incomprehensivel das gentes lhe pezassem, tornou ao mar divino.

Muito tempo esteve sentado o viajante no terraço, vendo mudar a luz sobre a agua. Ao lado, no parque, uma quietude humida entorpecia tudo. Aqui e além, raios de sol já pallido filtravam-se pelas folhagens e vinham pousar nos gramados com tal doçura e lentidão que eram como se fossem mãos carinhosas.

Elle sentia uma plenitude de ventura, só, no meio da belleza. Ebrio de claridade e de ar maritimo, adormeceu. Quando acordou, era o crepusculo. Então, respeitoso do silencio e dos deuses, que guardam ou mostarm os thezouros conforme querem, o oriental ergueu-se e foi caminhando ao longo do eáes, esperando confiado o que encontrasse.

Encontrou o Amor.

Elle trouxera da Asia principios assentados sobre a materia sexual. No seu paiz estas cousas passavam-se lisamente. Em chegando a idade nupcial, um pai zeloso adquire para o filho como pode uma esposa legitima, e depois vem outra, e outra mais, segundo o permitta o céu, que dá o ouro, que dá as mulheres. E assim se forma o licito gyneceu. Isto evita aos fieis as surpresas e temores

do Occidente, onde o amor na mocidade é cousa incerta e collectiva. Por isso esquivára sempre ás tentações.

E nem só por isso o fizera, senão ainda por escrupulos de consciencia. Elle era religioso, como todo o asiatico, e, como todo o religioso, possuia a verdade unica. Mas os asiaticos são polidos, e este nunca aventára o seu sentir sobre os christãos do immenso Poente, a quem chamava irreverentemente perros infieis. E continuava a envolver no mesmo rancor inquieto e no mesmo sorriso ironico a Europa toda e toda a America, Orthodoxos e Catholicos, Romanos e Reformados, Lutheranos e Anglicanos, Igreja Alta e Igreja Baixa, Presbyterianos, assim Unidos como do Estadô, Velhos Catholicos e Santos de Ultimos Dias, Calvinistas, Jansenistas, Jomaristas, Methodistas, Arminianistas, Congreganistas, Scientistas, Ritualistas, Puseyistas, Não Conformistas, Adventistas, Modernistas, Unitaristas, Racionalistas, Theosophistas, Americanistas, Fideistas e Concordistas, Quietistas e Pietistas, Baptistas e Anabaptistas. E considerava a mulher occidental uma forma particularmente perigosa e complicada do Demonio occidental.

Mas nessa tarde uma deliciosa molleza adormecia-lhe a memoria das cousas aprendidas. Começou de sentir cousas novas. Aquelle crepusculo não era como os outros crepusculos. Eis porque, quando vio sem espanto uma linda creatura, sentada no quadro incomparavel de montes e céu, logo entendeu que essa que ali estava não era como as outras mulheres. O destino já o possuia.

A desconhecida, só e paciente entre a verdura, sem duvida esperava tambem o favor do alto, cuja hora é incerta. Era morena, mas não anemica. Tinha o rosado ardente dos fructos tropicaes. Nos olhos negros immensos, em todo o corpo mal encoberto, operava um magnetismo singular. Ao seu chamado recondito o rapaz quiz resistir, e não resistio. Deu alguns passos para fugir, e tornou atraz. Ella mirava-o tranquillamente. Sentindo o vacillar, sorriu. E vio-o vir chegando de vagar, em voltas hypocritas, preso sem remedio aos circulos da influencia inevitavel. A



noite, amiga e dadivosa, estava sobre elles. Quando o mancebo se acercou a desconhecida estendeu lentamente os braços sobre o encosto do banco, e inclinou a cabeça para traz. Por entre os labios humidos um raio de luz ia pousar nos dentes brancos. A mão do adolescente acariciou um dos lindos braços, e a corrente nervosa fechou-se. Debruçado sobre ella, vio-lhe nos olhos a promessa, o delirio, o perigo tambem. E como corpo morto chamado pelo abysmo, a cabeça delle cahio, rolou para a bocca entreaberta, e os seus labios se foram esmagar nos dentes frios.

Repetir qual fosse o discurso que entre elles passou, ninguem o pôde repetir. De resto, não falando os amantes a mesma lingua, as palavras ditas foram poucas e confusas. Mas o que as palavras não disseram, disseram-n'o os olhos, os labios e as mãos, e todas as obras com que Amor mata de amores, segundo o Poeta.

Uma vez feito o entendimento obscuro mas profundo, a desconhecida o foi conduzindo a melhor agasalho. Caminho curto e deleitoso, por sob arvores favoraveis, cruzando outros pares enlaçados. E caminhando, o viajante inda pensou nas cousas prohibidas. Mas já pensou sem as sentir, como em materia de disputa, abstracta e vaga. As defezas religiosas, os escrupulos salutaes de longo ensinamento, os receios da mulher occidental, ainda lhe atravessavam a mente, mas como sombras fugitivas. Todo o passado tinha perdido a força. A força agora estava só naquelles braços e naquelles dedos, que lhe pesavam tão doemente. Chegou a sorrir das antigas verdades, ora vacilantes. Chegou a pensar irreverentemente que as verdades da Asia são como o chá, que, por muito bem resguardado, a jornada de mar sempre o altera.

E cheio deste ardor novo penetrou na casa da desconhecida, que lhe evocou o Oriente, pelas flores, pelos estofos ricos, pela brandura das luzes abrigadas. Com mão faminta desfez os véus que não queriam resistir, e pôde contemplar perdidamente a flôr divina. Comparou-a em espirito aos typos sabidos e famosos, achou-a superior a todos. Andando em torno a forma tão formosa, considerou-a



callipygia e sem defeito, toda pulchra. E peccou copiosamente.

Quando acabou de peccar, meditou no peccado. Pareceu-lhe agora menos delectavel. Já uma vaga melancolia estava nelle. O perfume das rosas encerradas trazia-lhe a idéa da morte. Ditos insidiosos de doutores insinuavam-se-lhe no espirito exausto. A desconhecida, com uma graça de panthera, afastára-se, não sem agrado do adolescente, ora dado a cuidados de homem lasso.

Então, como corresse os olhos somnolentos pelas cousas que ainda não vira, vio distintamente agitar-se uma cortina, sahir della um braço, que extendeu a mão para as suas roupas, tirando-lhes subtilmente a bolsa onde estava toda a sua fortuna de longos dias. N'um grande brado o rapaz ergueu-se. Mas a cortina, abrindo-se de todo, mostrou-lhe um desconhecido enorme, varão pilloso, dos que os latinos certificam serem ou valentes ou amorosos, e este era dos brigões, bem lh'o vio o moço no aspecto minaz.

Hesitando, acudio-lhe á mente o feitiço que comprára com fito de estudo. Voou a elle, tomou-o, interrogou-o, sacudiu-o, na desesperada certeza de obter delle soccorro. E, oh! maravilha! eil-o que cede, eil-o que se abre, e lhe sae de dentro uma lamina de aço, aguda, polida, longa. Um punhal! Uma espada!

No espirito do rapaz foi um grande clarão, de saber não menos que de alegria. Compreendeu e admirou o manhoso engenho dos occidentaes, entendeu todas as cousas obscuras que interrogára essa manliã, achou num momento o que o irmão tanto tempo pesquisára em vão. E como, já resolutu e seguro, se fosse ao barbaças, brandindo o cliuço milagroso, os pensamentos luziam-lhe fugazes e continuos como relampagos de verão: — Ah! era isso!... ah! era por isso... Hei de dizer a meu irmão!... Hei de escrever no meu diario!...

Mas não disse nem escreveu, nem estas nem outras cousas, porque o bruto fraudulento, vendo-o chegar, pegou



d'uma pistola, despejou-a de longe sobre o mancebo atordado; e tudo se acabou.

E tal foi o seu primeiro e ultimo dia da America.

TRISTÃO DA CUNHA

(Do *Livro de Historias do Bem e do Mal*).





GRAVURAS ANTIGAS

Ponte de cipó

Desenho de Fleury



GRAVURAS ANTIGAS

Habitação holandesa

Governador de Chiriquines

A' MARGEM DE UM LIVRO

A' pécha de excessivos, ha tanto assacada aos brasileiros, tenho que antes nos cabe o labéo de hesitantes. A massa de nossa gente é timida, e como tal incapaz de insurgir-se ou gabar-se. Nós somos, na accepção commum da palavra, um povo de romanticos, promptos a sacrificar a acção á contemplação. Somos fatalistas. Estamos sempre perante a adversidade em posição defensiva. Essa posição tambem a guardamos perante os livros que surgem, os estadistas no poder, as suggestões que esvoaçam. Tememos as idéas definidas, as opiniões irreductiveis, sobretudo as glorificações. Só conheço entre nós um homem glorificado — Ruy Barbosa — e esse mesmo entre a massa illetrada. A quem queira alçar-se entre os seus pares, logo lhe descobrimos fragilidades intimas ou intenções inconfessadas. Se é artista não tarda o apôdo de insincero ou plagiario. Ao pobre Machado de Assis lhe concedemos genio, mas com que restricções!

Emfim, se tal é o nosso vêzo, e será antes humano que nosso, vivamos com elle. Não haverá nelle, até, a semente de um espirito de critica apurado, de uma concepção superior de "humanidade", de uma largueza de idéas, que nos torna, de um geito, precursores?

Por óra, o que vemos é o apreço pela mediocridade. Ainda agora, com o aflorar de um livro, (*) repetio-se o phenomeno. Houve quem tentasse glorificar o poeta, quem

(1) Meu Sertão — de Catullo da Paixão Cearense (liv. Castilho-Rio).



nelle visse a arvore maravilhosa de nosso sólo: logo a sonda da critica foi inquirir de que sólo extranho viera a seiva ás raizes.

Fallo da critica e outra coisa aqui não faço. Póde, entretanto, o leitor avaliar do sacrificio que me imponho em escrever friamente de um poeta tão ardentemente lido e sentido, quando souber que escrevo de janella aberta sobre a matta, que anda lá por fóra uma orgia de luz e que o canto das cigarras em bando faz de cada folha uma garganta. A penna quer resistir, a gotta de sertão que anda nas veias do menos nacional de nós outros quer inflammarse no brazeiro da Terra Cahida ou do Quincas Micuá, mas faço calar o coração e procuro esquecer as cigarras.

A critica ao Poeta penso ter vindo como réacção aos que delle querem fazer o nosso Poeta Maximo. E nisso é totalmente fundada. Catullo é mais do que um poeta regional, menos, porém do que um poeta nacional, e muito menos um Poeta Maximo. Será elle um poeta racial, o poeta de uma grei, o Vate dos Sertanejos. E como tal o devemos julgar e sentir-lhe as bellezas sem conta. Poeta Nacional só póde ser aquelle cujo estro exprima a onda de toda uma população, cuja obra seja a expressão de um patria. Só póde haver Poeta Nacional quando ha perfeita unidade nacional. O Brasil não póde ter hoje um tal poeta, porque ainda não crystalisou completamente. Sub-raças variadas espalham-se por um territorio onde ha todos os climas, flora da mais rica, costumes e aspirações divergentes. E' certo que por detraz dessas variaveis se crystalisam as constantes num lento trabalho de unificação. Nesse periodo transitorio de fixação, porém, não podemos produzir um Poeta que seja a expressão da nacionalidade.

A' espera do caldeamento vindouro entre o interior e a praia, devemos contentar-nos com artistas cuja obra seja a voz de um grupo ou de uma região. E para esse artistas não sejam acanhados de apreciação. E' tão falso julgar o Brasil por S. Paulo ou Rio como pelo Tocantins ou o S. Francisco. O sertanejo dos Campos Geraes é tão nacional como o maritimo da Bahia ou o operario dos grandes centros. O poeta que canta as paizagens e as paixões sertanejas é tão nacional como o que procura exprimir a alma torturada dos praleiros, attrahidos pelo mar e enfeitados pela terra.

Catullo é a flor maxima da flora sertaneja, e como tal seu livro, aspero como ella, exhala um perfume que inebria as almas menos sensiveis, os olhos mais extranhos ao

panorama de nossa terra, os corações mais fechados ás tragedias dos humildes. Obra de arte, sim, não obra de artificio. Não é a poeira anonyma das quadras do sertão, onde a belleza é um relampago fugidio. E' essa belleza captada, acarinhada, penetrada, é o relampago prisioneiro e deixando pelas paginas em fóra como uma esteira de luz.

E Vate dos Sertanejos que é Catullo, nem por isso só sertanejos poderão comprehendel-o. Já foi dito que o céu é muito menos admiravel do que o homem que o soube desvendar. Esse homem, cuja capacidade de comprehensão é tão alta que pode alçar-se ás estrellas, só poderá sobre a terra sentir aquillo que lhe tóca directamente, immediatamente? A belleza é tão complexa, de fórmulas tão variadas, que seria grande vergonha para o homem se assim fóra sua mente mesquinha. Felizmente tal não se dá. Nem por admirarmos uma gravura de Hokouzai, uma aquarella de Turner, um verso de Dante ou um torso de Rodin, deixamos de beber o leite de nossa terra, de anciar com o "Lenhador" espavorido, de palpitar com a "Assombração" das tapéras, de molhar as palpebras perante a "Saudade". E com estas palavras eu quizera tocar não só quem néga aos brasileiros, humanos de cultura, o sentimento sincero de nossa vida sertaneja, como aos nacionalistas tacanhos, ainda aos maiores, determinando que para um brasileiro o sertão é o mundo.

Nós, praiheiros, cuja vida oscilla entre o mundo e o sertão, bem comprehendemos essa dualidade substancial e espontanea de nossas sensações, tão bem expressa por Joaquim Nabuco e vivida por Affonso Arinos. A mancha do livro de Catullo é justamente essa, derramada que está nas suas primeiras paginas, "A Caminho do Sertão", onde elle esbraveja contra os homens que lêm Musset, veneram a Grecia ou viajaram pela Italia. E a proposito, lembra-me um episodio, contado por Affonso Arinos, que traz um pouco de luz sobre o admiravel poeta que peccou de intolerancia. Só por isso refiro o caso.

Arinos convidou Catullo para uma estadia na fazenda de um seu cunhado, á beira do Mogy-Guassú. A' casa da fazenda e a seus arredores não faltava nenhum requinte de conforto e ainda de luxo. Logo, porém, que se entrava na mattaria ou se beirava o rio, começava o sertão. Arimos, que era um sertanejo, queiram ou não seus detractores, preparou uma pequena expedição, explorou a região, e largando dos salões da vivenda senhoril, foi armar acampamento numa clareira da matta. Levou comsigo Catullo,



um sobrinho e alguns camaradas. A noite, naturalmente, era de lua, e a serenata longo tempo perturbou o somno dos tatús. Afinal, recolheram-se ás barracas. Durante a noite alguma onça, que as ha pela região, ou um gato do matto, cantou á lua, de sua "verde capoeira". De madrugada choveu. Na manhã seguinte, quando os gallos amúddaram e Arinos largou de seu somno de matteiro, Catullo indagava de um camarada o caminho certo da volta, e sobraçando o violão, sem attender a rogos, foi descansar num colchão civilizado das attribuições daquela noite de sertão: "Não, seu Arinos, isto não é mais para mim".

Não quero, com esse caso, dar armas a quem põe em duvida a sinceridade de Catullo. Sinceridade de poeta, quaes os teus limites? Sinceridade não pôde ser sómente a expressão de uma sensação immediata, de uma visão completa das coisas. A memoria, a fantazia, o desejo, tudo concorre para a obra poetica, e tudo concorre — nos verdadeiros poetas — espontaneamente, do fundo da alma sensível e aberta. Catullo largou do sertão aos 18 annos, viveu na cidade, perdeu os habitos rudes do sertanejo, mas ficou sertanejo de alma. Longo tempo, na propria alma, o artificio citadino obumbrou a luz admiravel que elle trouxera do seu berço. E Catullo foi poeta mais que mediocre, Thomaz Ribeiro ou Casimiro de Abreu edição Quaresma, pié-gas verzejador de esquina. Um dia, porém, ignoro se os véos tombaram por si, ou se lh'os fizeram tombar; o certo é que um dia se lhe foram os restos do trivialismo inodoro e surgiu o vate sertanejo, o cantor da terra, o filho do sertão que adormecera na cidade. E a floração foi magnifica: O Luar do Sertão, os Filhos do Ceará, o Marroeiro, a Terra Cahida, o Lenhador, diamante por diamante a ganga rude foi pintando de raios. E quaesquer que sejam os anachronismos ou impropriedades notadas, são flores sylvestres, cujo perfume se condensa em torno num halo de de-feza, como as flores do Norte em lucta contra o sol.

Não é uma região que canta nos seus versos. E' toda a vida andeja desses homens magros e encoirados, que comem leguas sem parecer, é toda uma raça de gente forte e mofina de aspecto, que vai tangendo o gado, varejando nos rios, bateando o cascalho de Diamantina ou colhendo o algodão do Seridó.

Catullo é a expressão artistica de todo o sentimento poetico esparso pelas almas simples do interior. Nelle se condensaram todos os vapores que as aguas do S. Francisco, do Amazonas ou do Tieté faziam subir lentamente. Ca-

tullo deu fôrma a essa poesia informe, guardando, porém, a lingua quanto possível approximada da expressão local. Ainda por essa razão não pôde ser um poeta nacional. O fallar sertanejo não chega a ser um dialecto; nelle se não pôdem descobrir regras fixas ou fôrmas determinadas. E' a corruptela do idioma que nos herdou Portugal. Da mesma fôrma que o sertanejo não é senão uma sub-raça, seu fallar não passa de uma sub-lingua. Nem por isso, porém, deixa de existir incorporada essa massa de homens de character tão semelhante, em cujo sangue o caldeamento é quasi identico e cuja lingua, portanto, tem o direito de persistir, corruptela ou não, como expressão dessa onda de gente, o grande peso da nacionalidade. Que importa que essa lingua não seja senão o portuguez errado, sem verbos regulares, sem grammatica, sem concordancias, se ella tem a belleza da fôrma adequada, se ella é bem a expressão sonora da grande alma sertaneja! E Catullo, vate do sertão, porque soube guardar o sentimento de sua infancia, e as paizagens e os epizodios, e a grande tristeza do nosso interior onde a natureza absorve o homem, soube exprimir o sentimento que se evola de toda essa rustica epopéa dos novos bandeirantes isolados.

O livro de Catullo, excluido o "A Caminho do Sertão", peccado que o livro resgata de longe, reminiscencia da maneira anterior do poeta, é todo elle de uma unidade perfeita. Não pôdem ser destacadas uma ou outra dessas exclamações tão expressivas que fazem reter a leitura e os olhos sorrirem, não conseguimos citar sem injustiça uma canção, uma quadra, um devaneio, deixamos de repetir comparações e figuras que são verdadeiros olhos de poesia brotando a cada passo, porque o livro o não permite. A voz é uma só, feita de todos os recantos sonóros desses poemetos de terra e de folha e de agua e de lú, até expandir-se em cheio no "Lenhador", pequenina epopéa vegetal, que coroa de sol toda a obra.

A. AMOROSO LIMA



IMPRESSÕES DE VIAGEM ⁽¹⁾

DE IGUABA AO CABO-FRIO, DO CABO À ARMAÇÃO DOS BUZIOS

Tres cousas irritam profundamente a quem chega a Cabo-Frio: a agua, a falta de illuminação e a disposição das janellas das casas, quasi sempre abertas em sentido perpendicular aos ventos mais constantes que são o nordeste e o sudoeste. Um velho morador do lugar deu-me a explicação. Outrora os ventos eram dez vezes mais fortes do que hoje são, de maneira que em vez de ser procurado era temido; d'ahi a abertura das janellas no sentido em que ora se vê. Por isso mesmo os ventos penetram mal nas casas, de maneira que noites fresquissimas são lá taxadas de quentes e, o que é peor, deixando em paz os mosquitos. Sahir de uma dessas casas pela madrugada é por vezes um passo arriscado, é sahir de uma estufa e entrar na ventania. Felizmente, porém, agora já se cuida na construção das casas novas, de canalizar mais o ar.

Passar o verão em Cabo-Frio, numa casa com janellas abertas para os ventos, é um encanto porque, das nove ás tres horas da tarde, o sol queima como nunca vi em parte alguma, mas dahi por diante começa a abrandar dando tardes fres-

(1) V. numero de Dezembro de 1918.



quissimas e noites quasi frias, o que aliás não impede que as sombras na hora maxima da canicula sejam magnificamente ventiladas.

Caça aos maribondos.

O espectáculo mais curioso que presenciei ao sol foi a caça aos maribondos pela criançada local. Rennem-se ao meio dia, na Praça de N. S. da Assumpção, meninos de oito a doze annos e, de vara em punho, correm atraz dos maribondos, fustigando-os no ar até matal-os. Mas como lá não se conhecem as perigosas invenções dos gelados e dos ventiladores, a criançada sahe dahi para outros brinquedos ao sol, sem o menor indicio de insolação.

A respeito de crianças Cabo-Frio mereceria uma referencia especial. Que lindos modelos para um pintor de anjos!

Um pintor nesta terra teria aliás um mundo de cousas para glorificar-lhe a tela. As noites sem luar na lagoa, com as diversas cambiantes da cor escura: a agua, a sombra de uma canoa, a da rede, combinadas com a luz mortica das lamparinas dos pescadores de camarão, formam um painel capaz de pôr sobre a frente dso mestres os louros dos illuminados. Não só os tons escuros mas ainda os effeitos de luz e de sombra sobre o mar, a lagoa e as collinas do lado opposto á cidade estão como que a pedir o pincel de um genio.

Um passeio pittoresco.

Uma tarde resolvi fazer um passeio pittoresco com pretenções historicas. Em caminho do canal da barra da lagoa fiz escala pela Camara Municipal. Ahi obtive um folheto de valor, um memorial apresentado ao Presidente do Estado de então, relativamente ao dominio directo da Municipalidade no logar denominado Figueira. — Após uma palestra com um funcionario gentilissimo, sahi com o folheto e uma triste decepção: — o archivo municipal tem quasi todo desaparecido.

O bairro proximo á barra, chamado laconicamente de Passagem, é a cidade dos operarios e homens do mar. Ahi estão localizados, na confusão geral das cordoalhas e açores os mo-



destos estaleiros de construção de canôas, bateiras e batelões, alguns armazens de sal, caieiras e fabricas de conservas de camarões. Entre a Passagem e o resto da cidade fica o bairro intermediario de S. Bento que, embora variando de nome, tem o mesmo aspecto e até confunde-se perfeitamente com aquelle. Nesta parte da cidade encontram-se grandes extensões de terreno inteiramente aberto e absolutamente plano e baixo. Os trechos arruados em meio dos quaes se ergue a capellinha de S. Bento, velha, sem arte, de paredes já meio enegrecidas e sem o menor vestigio de inscripção de data, dão a triste impressão de uma cidade sem cadastro. Junto á barra existem dois outeiros baixos, de granito escuro, embora cobertos de terra e grama em grandes extensões. Embaixo e no alto de um delles ainda se conservam alicerces que lá são considerados como da antiga fortificação dos francezes. O mais curioso, porém, é uma muralha larga e longa que, começando no outeiro, vem ter perto de uns comoros de areia, onde acaba por uma escada de pedra e cal. Num dos dois lados desta, no que fica em frente ao mar, vi uma placa de cimento ou talvez cal, onde ainda se distingue perfeitamente um desenho em relevo, muito semelhante ao ramo de café do antigo escudo imperial. Não consegui saber do que isto significava, em todo o caso supponho que durante o regimen passado a alludida muralha houvesse tido aproveitamento militar e dahi a collocação do escudo.

Um forte colonial.

No outro outeiro á beira do mar, ao invéz do primeiro, que fica na entrada da lagoa, ergue-se o antigo forte colonial de S. Matheus. Hoje fez-se-lhe inteiramente um coberto com uma parede e duas portas e deu-se-lhe o nome de lazareto. Com a alta da maré o outeiro estava ilhado; por isso pedi a um pescador o obsequio de me transpor aos hombros enquanto o companheiro segurava-me o cavallo. Logo em baixo, quasi á flôr das ondas, ha cinco canhões meio soterrados. O forte, ao alto, seria inteiramente quadrado si não houvesse ao fundo um puxado onde devia ter sido a cisterna pois ha ahi, sahindo



de uma das paredes, um pequeno boeiro de telha, desaguadouro talvez da mesma, no excesso das chuvas. Ao correr da muralha, donde sahe o puchado, foi construida modernamente o coberta do lazareto, na qual não entrei, bem como na supposta cisterna, por medida hygienica.

Galguei por um atalho, á borda de um despenhadeiro, uma muralha com menos de um metro de altura sobre talvez um de largura e achei-me na esplanada do forte. Esta é simples: uma grande area calcada de pedra, cercada de muralhas de uma só grossura, uma atalaia de pedra e cal ou talvez tijolo a um canto e uma larga escada de pedra, que ia ter á porta principal, hoje substituida por outra vulgar, de madeira. Quatro canhões de ferro, sendo dois encostados ás muralhas e os outros no meio da area onde a relva cresce alta, completam as curiosidades do fortim. Em tres delles consegui ver junto á eulatra as inscripções — 44 — 0 — 14, 44 — 3 — 14 e 45 — 0 — 14, bem como as armas das guinas portuguezas com os sete castellos e cinco escudos, rememorando-nos vinte e cinco, aliás trinta dinheiros, a façanha catholica e nacional de Ourique. A vista dahi é magnifica, não só para a bacia de Cabo-Frio e entrada da lagoa mas tambem para o oceano.

Transposta novamente a muralha, descí os atalhos e em menos de um minuto eis-me na praia donde o pescador me transpõe aos hombros para a terra firme. Estava apressado porque tinham visto o peixe e a canôa ia partir. Confesso que tive os meus calafrios ao me lembrar que, chegando tarde, talvez houvesse impedido o effeito completo da pescaria. Offereci-lhes uma prata, que um accêitou meio vexado e o outro recusou com delicadeza. Tinham feito um obsequio e um obsequio não se paga.

Cavalheirismos desta especie não são raros, antes constituem um dos mais curiosos aspectos da população da cidade.

Dois sectarismos.

Outro não menos curioso é o espirito de facção. Tempos houve em que se formaram partidos até sobre bandas de musica: uma, a da Lyra Cabo-Friense e outra, a dos Jagunços.



A primeira occupou, com os seus admiradores e associados, a parte da cidade que vae do largo da Assumpção até a Barra; a segunda, a que começando do mesmo ponto acaba no Morro da Guia. Separaram-se bairros, populações e até o commercio. Eram duas cidades rivaes. Um Lyra não se arriscava, sem maior necessidade, a entrar no bairro Jagunço e vice-versa. Dessas divergencias sahiram conflictos serios em que correu sangue e incendiaram-se casas.

Lavron neste tempo a luta entre o Dr. Alfredo Backer e a Vice-Presidência da Republica, de maneira que as sociedades musicaes filiaram-se por fim aos partidos politicos. Hoje, porém, apezar dos resentimentos antigos, as antigas familias Lyras e Jagunças já se começam a approximar e dentro em breve estarão no scio de Abrahão.

Parece que o velho espirito de discordia religiosa, trazido pelos Calvinistas, deixou ali uma semente perdida qualquer, porque esta é a unica pequena cidade brasileira do interior, onde se observa um grupo regular de protestantes. Isto aliás deve ser attribuido, em grande parte, á falta de tino das autoridades ecclesiasticas, que não cuidaram em tempo opportuno de agir como deviam.

As salinas e os salineiros.

Conhecidas as curiosidades historicas da cidade, resolvi uma tarde fazer com meu irmão um passeio á Salina Grande.

Atravessamos pela restinga uma planicie immensa, onde vegeta uma flora variada e esquisita e, após cerca de tres quartos de legoa de viagem, fomos ter a uma ligeira elevação de terreno coberto de matto alto. Atravessamo-lo por uma estrada deliciosamente sombreada e eis-nos na Salina do Viveiro e por fim na Salina Grande, onde Cassio Jolles nos recebe com affabilidade. Esta ultima é a maior de toda a lagôa e está situada, como a do Viveiro e a de Maria Quintanilha, em terrenos onde a producção de sal é mais facil e abundante.

Numa casa alta, espaçosa e construida com um conforto e bom gosto que dão ao viajante uma impressão de completo



bem estar, vive Cassio Jolles inteiramente entregue á direcção geral da salina e aos carinhos da esposa e quatro filhinhos. São umas crianças encantadoras que, entre mciguices e travessuras, recebem-nos offerecendo raminhos de cravos do jardim.

Sentamo-nos em cadeiras de balanço, de vime, estendidas pela varanda que circunda a casa e começamos a palestrar.

Não sei nada a respeito de salinas; dahi se encaminhar a conversa para tal assumpto.

O primeiro trabalho do salineiro consiste em descobrir na restinga, á margem da lagoa, terrenos forrados de tabatinga e requerer o seu aforamento á Camara Municipal, pagando para isso mil reis por hectare, annualmentê. Obtidos o aforamento, procura-se ou antes escolhe-se, pois os offerecimentos são muitos, um contractante com o qual se faz um contracto de construir este por sua conta a salina, retirando para si a renda integral durantê quatro annos e dividindo-a ao meio com o proprietario, durante os oito annos seguintes.

Por semelhante contracto, que é o mais commum, o salineiro fornece apenas as bateiras que conduzem o sal ao porto de embarque para o exterior, comtudo algumas vezes mesmo estas são fornecidas pelo contractante que, em compensação passa a ter oito annos de lucro liquido e quatro de meio lucro.

Findos os 12 annos de contracto, passa a salina para o proprietario que a explora directamente. Como, porém, nunca é entregue a um só contractante um grande terreno sinão alguns dos lotes em que o mesmo é repartido, segue-se que terminados os contractos, começam as despezas que só apparecem numa salina de grande extensão, como sejam: trilhos para a conducção do sal para a praia da lagoa onde se faz o embarque e, entre muitos outros, a maior de todas, a construcção do armazem de deposito da mercadoria.

Os armazens são de coustrucção solida e cara, pois, no caso contrario não resistirão ao peso do sal e abalarão facilmente. Para evitar uma tal despeza é que alguns salineiros, e são muitos os que assim fazem, deixam a mercadoria exposta ao



tempo, o que lhes dá prejuizo regular por occasião das chuvas demoradas.

— De maneira, interrompo, que bastam mil reis annualmente pagos por hectare de terreno salinico e a boa sorte de haver descoberto tabatinga entre os gravatás e cipós da margem da lagoa para que se venha a ser salineiro.

— Sim, mas em todo o caso, sorte que já é rara porque os terrenos estão por assim dizer todos descobertos, e mil reis que eu não pago, nem o Mario Quintanilha, nem o Nogueira:

A primeira salina.

Então fico sabendo que a primeira exploração regular de sal foi feita por Luiz Lindenberg, que para isso obteve a concessão de uma facha de terra á margem da lagoa, por um decreto de D. Pedro I, de 1824. Como, porém, só em 1828 fosse publicada a lei organica dos municipios e o reconhecimento, em 1847, por lei provincial, do direito destas aos terrenos confinantes no lugar denominado Matta da Figueira viesse implicitamente reconhecer a plena propriedade do concessionario, segne-se que este ultimo, por um direito assegurado e reconhecido, não teve obrigação alguma para com a Camara. Posteriormente a alludida salina passou, por herança ou outros titulos quaesquer, aos salineiros referidos, que estão por isso mesmo exemptos do pagamento de foro.

As questões de terra, que são convenientemente resolvidas em Cabo-Frio por accordo amigavel, começam a causar impressão de certo tempo para cá, depois que foi proposta, em juizo competente, uma acção possessoria em que figuram como autores os herdeiros de D. Maria Paula, pretendendo reivindicar grande parte da restinga de Cabo-Frio, como espolio do extincto morgadio da alludida senhora. A causa está ainda no Supremo Tribunal Federal, mas parece que suscitou alta polemica e estudo, pois, para tal fim, vi em mãos de um salineiro um exemplar, comprado por quantia superior a cem mil reis, das Memorias Historicas de Monsenhor Pizarro.

Questões desta especie não são as de maior relevo, sinão



apenas de maior notoriedade pois, trazendo ordinariamente em seu bojo uma pagina erudita de historia demographica das margens da lagoa e muito particularmente da restinga, esbarram quasi sempre na prescripção immemorial.

As questões mais serias a se agitarem em Cabo-Frio, que já o teriam sido si não para a mania viciosa dos accordos, quasi sempre de valor juridico oscillante, são as multas, sobretudo as *finium repundorum*. De uma maneira geral pode-se dizer que destas ultimas só por excepção escapará um salineiro.

Para nos convenceremos disto basta um passeio por uma salina. São ahi imprescindiveis um grande lago onde é guardada a agua da lagoa, então trazida de uma vala de communicação, com esta, por uma bomba hydraulica movida por um moinho de vento. Neste lago ou viveiro, como é chamado, a agua, batida pelos ventos e emposta ao sol, augmenta consideravelmente de gráo, depois do que, ainda pelo mesmo processo hydraulico, é transferida aos quadros das salinas. Esses, em numero de cinco, não são mais do que uns quadrados forrados de tabatinga bem soccada e limitados por sarrafos de madeira com menos de um palmo de espessura sobre cerca de cinco metros de comprimento. São todos contiguos e construídos de tal forma, que, pd primeiro ao quinto, o nivel vae descendo sempre e cada vez mais. Nestas condições umas pequenas aberturas nos sarrafos divisorios fazem com que a agua possa descer do primeiro ao quinto quadro onde se crystalliza definitivamente em sal.

Uma salina por menor que venha a ser nunca se compõe exclusivamente de um viveiro e cinco quadros, o que seria uma especie de mendicancia industrial, mas de um ou dois grandes viveiros e tantos grupos de cinco quadros quantos for possivel construir.

Além disto ha uma porção de factores da maxima importancia na rapidez da crystallização e intimamente ligados á permeabilidade ou quiçá composição chimica do solo, que fazem actualmemente e fal-o-ão muito mais para o futuro, disputadissima uma determinada nesga de terra.



po em que deve ser objectivo dos governos limpos o impedirem, sinão directa, ao menos indirectamente que certas industrias de lucro facil venham a cair em mãos de estrangeiros. Que caiam em suas mãos industrias de lucro certo, mas em todo o caso dependentes de um capital de que não podemos dispor, vá; mas que outras como a do sal, onde apenas se exige um homem trabalhador e intelligente, tenham o mesmo destino, é demais.

PORFIRIO SOARES NETTO



EXPOSIÇÃO HELENA P. DA SILVA

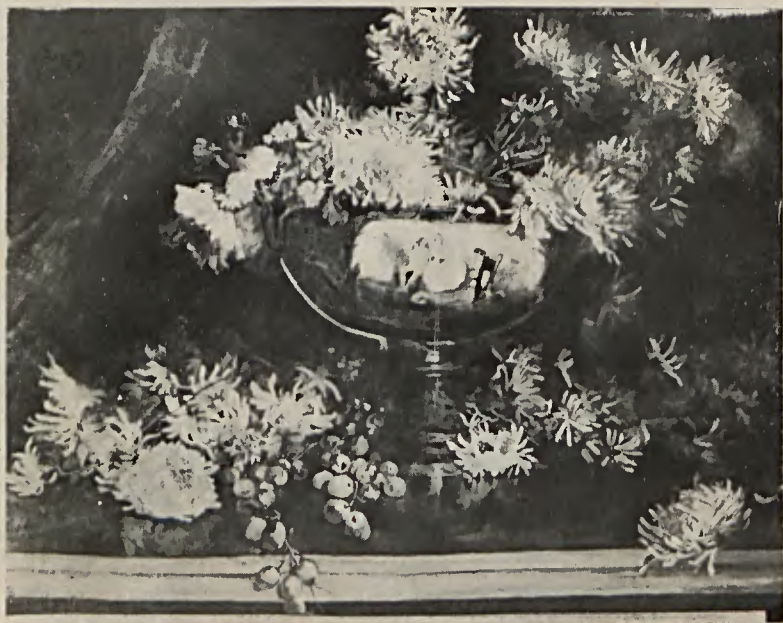


"Mãe e enfermo" — Oleo

EXPOSIÇÃO HELENA P. DA SILVA



"Tangerinas" — Oleo



"Crysandalias e Pecegos" — Oleo



Desenho de Vander-Burch

Navegação no Rio Doce

GRAVURAS ANTIGAS



GRAVURAS ANTIGAS

Caça do Jaguar na floresta brasileira

Desenho de Vander-Burch

VOCABULARIO ANALOGICO

IX

Cores e signaes do cavallos

Alazão, cõr de canella; tambem se diz lazão.

Amame, de duas cores, preta e branca.

Argel que tem malha branca no pé d'roito: **argel travado**, si a malha tambem existe na mão direita; **argel trastravado**, malhado no pé direito e na mão esquerda; **argel trevalvo**, calçado do pé direito o das duas mãos; **argel quadralvo**, malhado dos quatro pés.

Armino, malha de cabellos no casco do cavallo, armim.

Atavanado, ou atavonado, escuro com pintas nas ancas ou nas espaldas.

Azulego, (bras. do sul), azul quasi preto com pintas brancas, cujo conjuncto, á certa distancia, parece de cõr azulada. Os animaes desta cõr são excellentes, porém mui raros. Romaguera, vocabulario Sul Rio-Grandense.

Baio, cõr de ouro desmaiado. O sr. Romaguera Corrêa descreve as seguintes variedades:

baio amarello, quando sobressae a cõr amarella;

baio ruano, quando as crinas são um tanto esbranquiçadas e o corpo amarello;

baio ovelro, em que ha manchas brancas ou amarellas;

baio encerado, quando apresenta a cõr um tanto escura, com poucos cabellos amarellos, parecendo-se com a cera escura;

baio tobiano, que tem a cauda ou a raiz desta manchada de branco o o resto do corpo amarelado, ou então o que possui, alem das manchas amarellas, outras brancas em certas o determinadas regiões do corpo;

baio sebruno, cuja cõr pouca differença faz da do encerado.

Barroso, (bras. do sul), escuro acinzentado, cõr de barro.

Bragado, que tem as pernas de cõr diferente da do resto do corpo.

Branco-couros-negros, (bras. do sul), pêlo completamente claro, sendo negro o couro.

Cabeça de mouro, que tem cabeça negra e outra cõr no resto da pellama.

- Calçado**, que tem malhas nos pés ou nas pernas.
- Cambrala**, (bras.), completamente branco.
- Camurça**, baio muito claro, com a clina e a cauda mais claras do que as do baio.
- Cardão**, o mesmo que ruço: "O cavallo cardão, que elle montava, parecia comprehendel-o." Alencar, O Sertanejo, I, 16.
- Careto**, diz-se do burro, que tem o focinho todo negro.
- Castanho**, côr de castanha.
- Colorado**, (bras. do sul), vermelho, encarnado.
- Debrnado**, diz-se do cavallo cujo pêlo tem listas brancas. Tournay, Lexico de lacunas.
- Douradillo**, de côr avermelhada; (bras. do sul), correspondente a castanho.
- Entrepêlado**, (bras. do sul), que tem tres cores muito misturadas: branco, vermelho e preto.
- Façalvo**, que tem o focinho quasi todo coberto de um signal branco.
- Ferreiro**, (bras.), que tem o pêlo côr de rato.
- Forneciro**, de côr rulva.
- Frontino**, que apresenta malha branca na testa.
- Gargantillo**, (bras. do sul), que tem o pêlo da garganta manchado de branco.
- Gateado**, (bras. do sul), pêlo que se approxima do amarello desmalado.
- Interpolado**, que tem pêlos brancos entremeados com pêlos escuros.
- Isabel**, em que cada pêlo é metade branco e metade amarello; côr de camurça.
- Lavado**, na expressão castanho lavado, em que a côr castanha é muito pronunciada ou tirante amarello.
- Lobuno**, (bras.), que tem o pêlo escuro é um tanto acizentado como o do lobo. Usa-se tambem das fórmams libuno e libuno: "O corsel libuno, pastor da tropilha." Affonso Arinos, Pelo Sertão, 62. "Era um potro libuno." Coelho Netto, Sertão, 80.
- Lontra**, baio bem sujo, com a cara ás vezes baia.
- Lunarejo**, (bras. do sul), que se distingue por qualquer mancha ou signal no pêlo.
- Malacara**, (bras. do sul), que, tendo o corpo de uma ou mais cores, apresenta na testa uma mancha branca.
- Malhado**, que possui malhas ou manchas.
- Manalvo**, que tem manchas brancas nas mãos.
- Mascarado**, de qualquer côr, mas com a cara branca.
- Melado**, (bras. do sul), de pelle e pêlo brancos, tendo quasi sempre os olhos ramelosos.
- Melroado**, que tem a côr escura do merlo.
- Mil-flores**, mesclado de branco e vermelho.
- Mosqueado**, malhado de escuro em qualquer ponto limitado dos pelames de côr clara.
- Morzelo**, de côr preta.
- Monro**, (bras. do sul), preto salpicado de pintinhas brancas.
- Náfego**, que tem um quadril ou anca mais pequena que a outra.
- Nambi**, (bras. do sul), com uma ou duas orelhas caladas, muito pequenas.
- Nevado**, o mesmo que interpolado.
- Oveiro**, (bras. do sul), que tem manchas avermelhadas ou pretas sobre o corpo branco. Póde tambem o corpo ser preto ou vermelho com manchas brancas.
- Pampa**, (bras.), de duas cores.
- Pangaré**, (bras.), de pelame vermelho escuro ou amarelado, tendo o focinho vermelho claro ou desmalado.
- Pedrez**, salpicado de preto e branco.
- Pêga**, o mesmo que malhado.
- Pêlo de rato**, de côr parda.
- Pêlo de tigre**, mosqueado como

- a pelle de tigre; tigrado, atigrado, tigre.
- Pezenho**, côr de pez, pezanho.
- Picasso**, (bras.), que tem o corpo preto, a testa e os pés brancos, ou então somente a testa desta côr.
- Pigarço**, malhado de preto e branco ou de côr grisalha, picarço.
- Pinhão**, zaino claro, côr de vinho carregado.
- Pombo**, de pelle preta, coberta de pêlos brancos e com crinas de igual côr.
- Prateado**, branco, mascarado; com pintas pelo corpo.
- Quatr'alvo**, malhado de branco até os joelhos, quadralvo.
- Queimado**, tordilho claro.
- Rab'alvo**, de cauda branca.
- Rabão**, que tem a cauda curta ou cortada; rabricó, rabucho, rabichão.
- Rabricão**, que tem a cauda mesclada de branco.
- Rato**, o mesmo que pêlo de rato.
- Randão**, synonymo de rosilho: "Cavalgava um cavallo randão." Horeulano, O Monge de Cister, I, 289.
- Remendado**, malhado ou mosqueado: "O cavalleiro estava em cavallo fomeeiro remendado e grande." Palmeirim, I, 304.
- Rodado**, que tem pequenas malhas arredondadas: "Sahiu em cima de um cavallo ruço rodado." Palmeirim, I, 419.
- Rosilho**, que tem pêlos brancos de mistura com maior numero de outros vermelhos ou escuros, conforme o cavallo é rosilho vermelho ou rosilho mouro; rucilho.
- Ruano**, ou ruão, mais claro que o alazão, apresentando a cauda e as crinas amarellas esbranquiçadas, bem como a ponta do focinho, orelhas e cabellos das mãos.
- Ruço**, pardo claro; que tem mistura de pêlos brancos e pretos.
- Sabino**, de pêlo branco, mesclado de vermelho e preto.
- Salgo**, (bras.), que tem um ou ambos os olhos brancos, e em geral palpebras inflamadas e sem cilios; sapíroca.
- Sopa de leite**, de côr branco tirando á isabel.
- Tiçonado**, malhado de negro: ruço tiçonado.
- Tordilho**, equivalente a ruço: tordilho negro, quando sobressaem os pêlos escuros; tordilho sabino, quando é salpicado de pêlo branco de manchas vermelhas.
- Tostado**, escuro: "Cavalgava em um cavallo alazão tostado." Palmeirim, I, 130.
- Zaino**, de pêlo todo castanho escuro; saino.
- Zarco**, o mesmo que salgo.
- Zebruno**, côr mais ou menos escura; sebruno.

FIRMINO COSTA.

BIBLIOGRAPHIA

AGENOR SILVEIRA — Rimas — Versos
— Ed. Typ. "D. Escholastica Roosa" — Santos — 1919.

E' facto curioso, nestes tempos em que todos os poetas, novos e antigos, vivem mais ou menos saturados da moderna poesia franceza, de Gauthier para cá, o existir algures um bardo brasileiro cujos versos possuem um sabor pronunciadamente vernaculo, trazendo á mente dos leitores o falar camoneano, o de Sá de Miranda, de Ferreira, de Bocage... Tão curioso, que só elle predispõe á sympathy pelo autor, antes mesmo que o valor artistico da obra entre em consideração. Essa immuniidade para com o virus da gallocisação intellectual é, já de si, um merito digno de uma regular parada admirativa ante tão singular manifestação litteraria. E' indício de que a lingua portugueza ainda serve para alguma cousa como vehiculo de ideias e de emoções, pelo menos para aquelles que a sabem e a estimam.

E' bem esse o caso deste artista que agora nos apparece com o livro de versos — Rimas. Agenor Silveira, que tão auspiciosa estréa fizera com os seus contos escriptos em lidima linguagem quinhentista, dá-nos, desta feita, um mimoo volumezinho de lindas poesias pelas quaes derramou toda uma serena onda de lyrismo suave e puro. Versos de uma feltura impeccavel de parnasiano, estas Rimas ostentam a mais disso, uma linguagem escoreita e vazada nos mais puros moldes do portuguez legitimo, o que empresta relevo inestimavel ás emoções que ellas traduzem, tornando-lhes o conjuncto admiravelmente harmonioso de graça e de esthetica.



Basta, para justificar esta nossa opinião, trancrever aqui, tomando-o a esmo, um dos diversos sonetos que adornam o livro: NEL MEZZO DEL CAMMIN...

Eis-me, afinal, sem ti! — dura verdade
Com que se não conforma o entendimento,
Por mais que me torture esta saudade,
Nascida de tão triste apartamento!

Separou-nos tremenda tempestade;
Tudo perdi nesse fatal momento!
E eu te amei tanto! Imaginar quem ha de
Minha dor, meu pesar, meu sofrimento!

Eis-me, afinal, sem ti, sem teu carinho,
Sem teu amor, sem fé, sem luz, sem nada,
Tonto, da vida a olhar para o caminho!

Como ha de ser difficil a jornada
Que eu tenho agora deprehender sosinho,
Por esta longa, immensa e escura estrada!

Mas não nos furtaremos ao gosto de deliciar-nos mais uma vez com a leitura dessa outra jóia, em que o poeta demonstra os seus fecundos conhecimentos do idioma e da maneira de poetar dos antigos vates portuguezes: E' o soneto HUMILDADE.

A seu rigor, Senhora, tam subjeito
Minha estrella me traz imiga & dura,
Que nam posso crer nunqua na ventura
De vir a ser de vós bomquisto & acceito.

Se m'inclinaes os olhos desse geito,
E se comigo usaes tanta brandura,
Hé só pena de minha sorte escura,
Piedade he só que move o vosso peito.

Quem me dera nam fôra isto verdade!
Mas eu quammanhas honras imagino
Só pera nutrimento de vaidade?

Se hum bicho sou tam pobre e pequenino,
Que té da mesma natural piedade
Com que de vós sou visto, — nam sou dino!

Poderíamos citar ainda — Não voltez — Arvore velha — Vencedor — e toda a esplendida Egloga unica, que encerra o livro, se mais longas transcripções fossem necessarias para demonstrar que Agenor Silveira é daquelles que têm um lugar distincto em a nossa literatura nacional.

FRANCISCO DE HOLLANDA — Da
Pintura Antiga — Ed. Renascença Portu-
gueza — Porto — 1918.

O erudito bibliographo sr. Joaquim de Vasconcellos prestou aos estudiosos mais um bom serviço promovendo, juntamente com a "Renascença Portuguesa", uma edição definitiva da obra de Francisco de Hollanda, o artista portuguez, que, andando pela Italia em meiaidos do seculo XIV, foi intimo de Miguel Angelo, de Vittoria Colonna, do duque de Pescara e outros artistas e mecenas illustres, obreiros do renascimento italiano.

Da Pintura Antiga é uma obra curiosissima, que era até aqui consultada e commentada por todos os que se interessam no estudo daquella epocha de agitada effervescencia de cultura e de classicismo.

Mas até agora a obra de Hollanda jazia incompletamente editada, fragmentariamente, em revistas literarias, não existindo uma edição cuidada e definitiva que a puzesse ao alcance de todos os que a desejassem ler, abreviando as difficuldades das buscas e confrontos nos follios escassos e não raro truncados e alterados por copistas inhabels. Esse o serviço prestado pelo sr. Joaquim de Vasconcellos, que, ao commentar os escriptos do Hollanda, poz toda a sua erudição e competencia em tornal-a tão correcta quanto possível, uniformisando-lhe a orthographia e a pontuação, afim de tornar a sua comprehensão mais accessivel aos desacostumados do manuseio de codices antigos.

Dá uma perfeita ideia do tom e do espirito da obra de Hollanda, o **CAPITULO XXVIII**, que abaixo transcrevemos:

DA PINTURA DAS IMAGENS INVESIVEIS

As imagens invisiveis, posto que as nunca vemos, muitas vezes as devemos buscar e querer ver com a vertude da pintura, assi para lhes pedir e rogar, como para nellas contemplar; e com seu alto desejo e lembrança desejaremos mais de as ver e ser em sua companhia n'aquella eternidade em que estão. E por tanto estas são muito mais altas e dificeis que nenhuma das outras pinturas, porque a sua forma, que não tem, é cousa mui ardua querer-lh'a apropriar e dar conforme ao espirito como são. E n'isto poder tanto como pode a espiritual arte da pintura e um misero de um homem, se conhece quanto poder e favor nos deu Nosso Creador, e como em tudo somos feitos á sua imagem e semelhança. E para este lugar queria eu a maior parte da theolesia ao grande pintor. E posto que o gravissimo theologo São Dyonisio Ariopagita da licença para os epr-

tos angelicos (donde começamos) serem pintados ora em flamas de fogo, ora em nuvens, e noutras semelhanças; todavia a mais conforme sua imagem ou forma assenta ser a humana, dando-lhe viveza d'olhos, olfato do nariz, graça de boca, pronteza de ouvidos, presteza de mãos, velocidade dos pés, e todas as outras partes. Assi que, havendo de pintar as tres ordens e hierarchias dos angelicos spritos, como são: anjos, arcanjos, principados, potestades, vertudes, dominações, tronos, cherubins e serafins, ou pintando cada um destes spritos celestriaes por si, primeiramente elles serão em formas mui proporcionadas e fremosas de meninos, ou mancebos, ou de velhos; as suas faces e vultos serão inflamados e acesos em grande fervor e amor; as mãos e os braços e os pés do mesmo ardor velocissimos e aparelhados ao mandamento e serviço divino em todo o tempo; os seus olhos enlevados e esquecidos em sua contemplação; os seus cabellos acesos como raios. Mas as suas vestiduras e ornamentos ás vezes serão de linhos alvos e castissimos, ás vezes d'especte de nuvem, e ás vezes de resplandor ou flama; e das mãos e dos pés delles saão raios. As asas dobradas se podem por aos anjos, e assi mesmo nos pés por mostrarem sua presteza, mas tambem podem ser pintados sem terem asas algumas, e com tal stremidade e tão angelica, que pareça serem anjos, como já os alguem pintou.

FRANCISCO DAMANTE — Na Roça —
Ed. Typ. Cumino — S. Paulo — 1919.

Um folheto de cincoenta paginas, epigraphadas á maneira de calendario... Nellae, um pouco de phantasia, ao velho estylo, a proposito de cada mez, com resaibos a mythologia e reminiscencias de perfis de jornal de aldeia, além de alguns dialogos caipiras — eis o Na Roça.

O auctor será bem joven e o seu esforço para produzir literatura, louvavel. Entretanto, talvez deva encaminhal-o por um pequeno desvio de rumo — a leitura antes da escripta. Porque o sr. Damante revela qualidades aproveitaveis de observação, que não devem ser sacrificadas á sua pressa.

E' assim que o seus dialogos deveriam ser, mas não são, a moldura de alguma coisa, como um conto ou o pretexto para uma conclusão a que não chegam.

Recebemos :

Mercure de Franco ; La Grande Revue ; Revista de Economia Argentina ; La Revue de Paris ; Revista Delle Nazioni Latine ; Rassegna Nazionale ; La Revue Hebdomadaire ; Revue Bleue Politique et Litteraire ; Revue Scientifique ; A Fallacia da Rein-carnação—por TANCREDO COSTA ; Vita o Pensiero ; Journal des Debats ; La Sérénade, de SHUBERT—letra e arranjo do prof. PEDRO DE MELLO ; Réverie, idem, idem.

RESENHA DO MEZ

OLAVO BILAC

Morreu Bilac, o poeta das "Virgens Mortas" e do "Ouvir Estrelas".

O grande morto está bem dentro dessas constellações que em vida o bardo excelso se comprazia em mostrar e descrever e estadear—em toda a plenitude do suas scintillações—á turba deslumbrada. Os dois sonetos, os mais queridos, os mais sabidos e repetidos, significam perfeitamente a personalidade do poeta.

Bilac, o espirito constellado, consagrou-se justamente nas duas constellações magnificas, entremostradas e entreluzentes nas quatorze estrelas de tão varios sonetos.

Em ambos, o mesmo material obsecante — a luz estellifera, o esplendor, a magnificencia do ceu meridional. Todavia, quão diversas as ideias, quão extranhas as formas, concorrentes todas, allás, para o mesmo esplendente effeito, o mesmo estupendo exito.

Núm, no primeiro,—o romantico poderoso em sua talvez unica manifestação. Ha em "Virgens Mortas" a dor suprema, temporadã do uma poesia que é tambem supremo effluvio; dor educada na lingua magica do alexandrino, que não é a dos ais nem dos desesperos tragicos; dor que é resignação, que é

quasi prazer, encantamento d'alma ... "das que viveram sós, das que morreram puras"...

Foi a dor unica do poeta da Luz e da alegria, essa requintada, delicadissima dor. Mas está para estudar-se a influencia que exerceu na poetica nacional, tão intensa quanto rica ella é de brasileirismo. Sentimento, imagem, phrase, musica—na lyrica hodierna não raro as encontraremos, aqui e alli, reminiscentes, teimosas.

Bilac, entretanto, está menos entre esses preciosos meteoros que em meio á "Via Lactea" murmurante dos seus sonhos de artista. "Virgens Mortas" foi o acaso de umbroso oasis entre as miragens de um Sahara todo luz, todo fascinação.

"Ouvir Estrellas", ao revez, é o genio da concepção e da forma, a pedra de toque da originalidade do vate. Do primeiro ao ultimo verso, da primeira palavra á ultima, não tem similar em lingua portugueza, nem encontraremos, com o maior trabalho, soneto ou verso de outrem que siquer de longe o recorde. E' que o verdadeiro diamante se lapida para não se amolgar jamais. Delle se desprendem brilhos, não cisalhas. E' impenetravel.

Assim a gloria do cinzelador extrenuo. O camartello do despeito fal-a-á, sómente, refulgir inda mais.

O DIARIO DE TOLSTOI

Este diário é profundamente interessante, por ser de quem é, e pelo muito que diz e ensina sobre os homens e sobre as coisas.

Escrepto para si mesmo, sem enfeites e sem ambages, sem nenhuma preocupação artistica, em alguns contos mesmo inacabado e confuso, é todavia uma obra admiravel de um poder emotivo e de uma belleza moral que augmentam ainda a aureola de dogura e sãntidade que já cercava a gloria do velho artista e apostolo de Iasnaia Poliana. A sua alma espelha-se ahi tersa e profunda, meiga e luminosa, duplamente admiravel, pelo pensamento e pelo coração, pelo genio e pela bondade.

Doce e extraordinaria figura a desse homem, que apesar de todos os engodos do mundo o da fortuna soube libertar-se das vaidades e mentiras que o tolhiam, que procurou ver claro dentro e em torno de si, e senhor dessa luz interior que tudo aclara e penetra quiz suavisar a passagem do homem sobre a terra e semear nas almas a luz da crença, do amor e da bondade!

O seu "Diário" é um desses livros renovadores, um desses livros que transformam a direcção das existencias. Mais do que uma obra litteraria, é a confissão e a dádiva de uma alma, é o resplandecer de uma fé racional e incoerivel, é o prégar de uma profunda e sentida fraternidade humana, é o evoluer-se de uma alma ardente e misericordiosa para perfeição moral e as beatitudes mysticas.

A par disso, assistimos ahi á vida íntima do autor, ao seu intercambio mental com o mundo, ao continuo labor do seu cerebro, á interpretação dos mil problemas moraes e philosophicos que o assaltam, ás mil maneiras por que se explicam o seu intellecto e a sua sensibilidade. Aqui é uma observação aguda o virginea ou uma confissão singela e tocante, além uma

impressão de leitura, mais além uma silhueta inesquecivel, mais além uma visão nova de um phenomeno ou de uma verdade.

Não o abandona nuca essa sinceridade absoluta, essa limpidez crystallina de coração e de mente que é uma das características essenciaes da sua alma.

Vêde :

Começo hoje por onde acabei ha dois dias.

Não me resta muito tempo para viver, entretanto queria ainda dizer tantas coisas: queria falar das coisas nas quaes devemos crer, nas quaes não podemos deixar de crer. Queria falar das mentiras a que se abandonam os homens, mentira economica, politica, religiosa; queria falar da tentação de se embriagar com o vinho e com o tabaco, que são tidos como inoffensivos; do casamento, e da educação, e dos horrores da autocracia; tudo isso amadureceu em mim, e é-me necessario falar.

Assim não posso perder o meu tempo em tollices artisticas, como comecei a fazel-o na "Resurreição".

Mas acabo de me perguntar: "poderia eu escrever sabendo que ninguém me lerá?"

Senti uma ligeira decepção, mas momentanea.

Sim, senti que poderia escrever; ha pois em mim um pouco do amor da gloria, mas ha tambem o essencial: a necessidade de falar diante de Deus.

Ajuda-me, Pae, a seguir sempre o mesmo caminho de amor. Eu te agradeço. Tudo vem de ti".

Eis mais uma pagina flagrante do seu "Diário" e da sua psyche: "15 de Agosto de 1897. I. P.

Continuo a trabalhar. A tarefa avança.

Lombroso veiu; é um velhinho ingenuo e curto. Os Makhakoff estão aqui; Liéwa com a sua mulher, e o bom Boulanger. Fiz toda a minha correspondencia: Pocha, Ivan Mikailovitch, Vander-Ver. O pesado Leontieff veiu tambem.

Tinha muito que notar, mas não me lembro mais.

Ignobil o relatório sobre o congresso dos missionarios em Kazan.

1.º—Notei no meu "carnot": "caracter feminino". Era uma coisa razoavel mas esqueceu-me. Creio que era mais ou menos isto: o traço essencial do caracter

feminino é que a mulher se deixa guiar pelo sentimento. Nella é o sentimento que domina a razão: ella chega a não comprehender que se possa dar o inverso.

2.º—Mas ainda ha mais homens do que mulheres que, simplesmente, não vêm e não entendem nada que lhes seja desagradavel; fazem de conta que isso não existe.

3.º—Os que não são capazes de se desembaraçar das superstições que os escravizam, zangam-se vendo os outros se libertarem dellas. Parecem dizer:

“Porque soffro eu fazendo tolices e este outro não?”

4.º—A arte e os artistas exploram a humanidade em logar de a servir.

5.º—Desde que envelheci, não vejo mais os homens individualmente, mas agrupo os que pertencem—ou antes os que penso pertencerem a uma certa categoria. Assim eu não conheço mais N. ou N. N., mas conheço o tipo colectivo a que se prendem.

6.º—Nós nos habituamos por tal forma a considerar que tudo é nosso, que a terra é minha, que ficamos muito surpresos quando sôa a hora da morte, que a terra, os bens fiquem allí donde nós nos partimos. O erro essencial é crer que a terra nos pertence, quando somos nós que lhe pertencemos”.

Os problemas do livre arbitrio, do mundo como resultante das nossas sensações e da realidade da materia, são por elle abordados varias vezes.

“Continuo.

Pensei uma coisa: a vida, a que vemos em torno de nós, é o movimento da materia segundo leis conhecidas e precisas; mas sentimos em nós a presença de uma outra lei que nada tem de commum com estas, de uma lei que pede obediencia ás suas exigencias. Pode-se dizer que só a existencia desta lei interior faz que vejamos e reconheçamos as outras leis. Se não reconhecessemos esta lei não reconheceriamos tambem as outras. Esta lei interior distingue-se de todas as outras principalmente porque as outras leis estão fóra de nós e nos obrigam a obedecer-lhe, enquanto que esta está em nós mesmos,—mais do que em nós mesmos: ella é nós.—e é por isso que não a seguimos obrigados; ao contrario ella nos faz livres,

porque, seguindo-a vimos a ser nós mesmos. Por isso sentimos a necessidade de seguir esta lei e cedo ou tarde a effectuaremos inevitavelmente. E' nisso que consiste o livre arbitrio.

Este livre arbitrio consiste em reconhecer o que é, isto é: que somos, nós, esta lei interior. A lei interior é o que chamamos entendimento, consciencia, amor, bem, Deus. Estas palavras têm sentidos diversos, mas todos, á sua guisa, definem a mesma coisa. Reconhecer que nós somos esta lei interior, que é o filho de Deus, é a essencia do christianismo.

Pode-se encarar o mundo assim: existe um universo regido por leis immutaveis e conhecidas: no meio desse universo ha seres submettidos a essas leis, mas que trazem em si uma outra lei, em desacordo com as leis materiaes, uma lei superior,—e essa lei triumphará fatalmente nesses seres e vencerá a lei inferior. E' nessa luta e nessa victoria progressiva da lei superior sobre a lei inferior que consiste unicamente a vida dos homens e do mundo inteiro”.

Pensar, estudar a instavel trama da vida, indagar os mil enigmas que nos rodeiam, são o assumpto constante deste diario. A cada passo, a palavra reflectir e seus synonymos figuram nas linhas trazendo á tona novas idéas e novos tentamentos de luz sobre o ignoto.

Outra coisa que nos fere desde logo a attenção nestas paginas, é a frequencia da idéa da morte, essa especie de familiaridade com a implacavel delimitadora dos nossos dias.

Tolstoi não fala da morte com espavento; dir-se-ia que a trata como natural e inseparavel companheira do homem, e por vezes mesmo a deseja como um allivio e um premio, como um traspasso e uma ascensão para um mundo melhor.

Mas o que predomina nas paginas deste “Diario” e em todo o ensinamento de Tolstoi é a lição moral. A sua palavra e o seu exemplo têm alguma coisa do messianico. Por toda a parte elle semeia o bem, prega a concordia, combate a

injustiça e a mentira. Numa contínua ascensão, cada vez mais a sua alma se nos revela candida o doce, ardente e benéfica.

A sua religião ampla e sem dogmas se resume no amor dos homens entre si e na communhão do homem com Deus. Elle cultiva a adoravel utopia que os homens podem ser bons, fraternos e capazes de realisar o reino de Deus sobre a terra.

As paginas deste "Diario" nos mostram a sua santidade activa, humana, trabalhosa, infinitamente tocante. Ahi, como os antigos christãos, elle confessa-se em publico e a sua confissão,—tal é a virtude e a belleza de sua alma,—vale por uma apologia.

Aqui elle confessa o seu escrupulo em andar de bicycleta; além se envergonha de viver commodamente quando um mujik de oitenta annos trabalha de sol a sol, mais além acceta os seus soffrimentos com alegria e amor.

A cada passo nós somos detidos e surpresos por um lance de luz, por um moto d'alma, por um desvendar de belleza e de verdade:

"A opinião mais banal acerca do christianismo consiste em dizer-se (os palradores nietzcheanos abundam nesse sentido) que o christianismo é a renuncia á sua propria dignidade, uma fraqueza, uma humilhação. Ora é exactamente o opposto que é verdade: o verdadeiro christianismo exige antes de tudo uma alta consciencia da sua dignidade, uma força moral immensa e invencivel. E são precisamente os admiradores da força que se rojam diante da força.

E mais adiante:

a) Eu digo que esse Deus, que criou o mundo em seis dias e enviou seu filho, não é Deus como não o é esse filho que elle nos enviou, mas que Deus é Uno, que é o Bem inconcebivel por nós, o Principio de tudo. E dizem que eu nego a Deus:

b) Eu digo que se não deve resistir á violencia pela violencia, e dizem que eu ensino a não lutar contra o mal:

c) Eu digo que é preciso buscar, alcançar a castidade e que nessa via a virgindade é o gráu mais alto, o casamento puro vom em seguida, e emfim, em terceiro logar o casamento impuro, isto é, não unico. Então dizem que quero abolir o casamento e que prégo a extincção do genero humano;

d) Eu digo que a arte é contagiosa e que o seu valor está em proporção da sua força de contagio. Mas digo tambem que é boa, não sómente em proporção da sua força de contagio, mas na proporção em que responde ás exigencias espirituaes, á moral e á consciencia. A isso objectam que prégo a arte tendenciosa, etc.

Não são raros os pensamentos como este, que têm o sabor e a virtude de uma parabola evangelica:

"Ha individuos neste mundo que são pesados, sem asas. Ras-tejam. Entre elles ha homens fortes.—Napoleão—: elles revolucionam os homens e deixam após si um sulco terrivel. Esses agem sempre sobre a terra. Ha homens que cultivam as asas, que as fazem crescer pouco a pouco, que se elevam lentamente e pairam,—são os monges. Ha ainda a gente ligeira, alada, que se eleva facilmente acima deste mundo, depois se abaixa successivamente,—são os bons idealistas. Ha gente fornecida de asas grandes e fortes, que a ambição faz descer á multidão,—elles ahi quebram as suas asas. Sou desses. Tendo quebrado as minhas asas, estou em pena cá em baixo, faço esforços para me elevar e recaio. Mas se a ferida fosse sanada eu voaria bem alto. Que Deus me ajude!

Emfim ha gente de asas celestes que desce á terra por amor dos homens. Dobram as suas asas. Elles ensinam aos homens a arte de se elevar. E depois de ter cumprido a sua tarefa, voam. Tal era Christo".

Assim, talvez destas suas ultimas paginas aprendemos a melhor conhecer Tolstoi, ou antes, a amal-o e admirar-o ainda mais, como elle convida e merece.—*Jacomino Define—O Estado de S. Paulo*", S. Paulo).

CHILE-PERU'

Os antecedentes da questão

Em meiado do seculo findo, alguns aventureiros do Chile, exploradores ousados do deserto, ultrapassaram para o norte a extrema provincia de Atacama.

Nas entradas que emprehenderam atravéz dos arcaies despovoados do sul boliviano, entro o Oceano o a Cordilheira, verificaram a existencia de opulentas jazidas do salitre, acudindo em bandos á exploração dellas.

O governo de Santiago, excitada a sua cubiga pelo descobrimento de tantas riquezas, offerecidas a facil e immediato aproveitamento, não logrou reprimir os impetos de alvorçada ambição, e teve a velleidade a principio, o manifesto intento ao depois, de disputar como sua a posse da nova região.

Suscitou-se, assim, entre o Chile e a Bolivia, vivia controversia de limites.

Pareco, porém, que á Bolivia assistia claro e solido direito, pois que, pelos tratados de 1866 e 1873, lhe foi pelo Chile deferida e confirmada a posse definitiva do territorio contestado.

Não se resignou, comtudo, o governo de Santiago a deixar quo de todo lhe escapisse das mãos tão promissora oportunidade de accrescentamento.

Ao contrario, mettendo todo o empenho em resguardar, de algum modo, o interesse que o movôra a requestar aquellas terras, declarou, numa das clausulas do instrumento então lavrado, quo subordinava a sua renuncia á condição do lhe ficar outorgada a exportação, isenta de direitos, de todo o salitre procedente das explorações de propriedade chilena.

Ocorreu, todavia, que, em época de tão agudas paixões de caudilhismo bellicos, nunca os brios bolivianos se puderam conformar com semelhante restricção, imposta por poderosas mãos alheias á soberania

fiscal da joven Republica dos Andes.

E esse zelo de indepedencia, exacerbado por irrequieta animadversão contra a imposição estrangeira, encontrava novo fermento nos incitamentos do Peru', que, prejudicado pela concorrência das salitreiras chilenas existentes na Bolivia, so desentranhava em mil recursos para alcançar, do governo de Sucre, a annullação do privilegio fiscal pactuado com o Chile.

Dahi os varios tentamens do governo da Bolivia, apontados a submeter a produção das salitreiras pertencentes a chilenos a um regimen tributario, que, desforrando os melindres patricios do povo, ao mesmo passo transvertesse nas arcas do erario nacional parto dos proventos auferidos, por estranhos, dos mananciaes de riqueza nacional do territorio boliviano.

Esses tentamens, embargou-os o Chilo, escorado na fé expressa dos tratados.

E tal efficacia tiveram suas protestações, que o presidente da Bolivia, general Daza, houve de recuar das imposições tributarias, sem recuar, comtudo, do proposito de alforriar sua patria de tão amarga, incomportavel servidão.

Ao governo boliviano, entalado entre a necessidade de satisfazer as altivas aspirações do paiz e o dever de abonar a palavra nacional, empenhada em pacto solemne, depa-rou-se então uma solução indirecta, que parecia idonea a pôr cõbro a todos os embaraços da difficil conjectura.

Essa solução suggeriu-lh'a um exemplo anterior, um acto já posto em pratica pelo Peru'.

Ha-se de advertir, com offeito, que o governo de Lima, com o escopo de constituir o monopolio fiscal do salitre, expropriara as salitreiras existentes, em territorio peruano, pagando-as com apolices do Estado, denominadas "certificados salitreiros".

O governo da Bolívia adoptou alvitre semelhante.

Usando do direito de desapropriação por utilidade publica—attributo de soberania, que os tratados concluidos com o Chile não cerceavam,—aquelle governo decretou a incorporação ao patrimonio do Estado das salitreiras particulares, ainda que estrangeiras.

Esse acto, que se figurava á Bolívia mero uso de suas prerogativas de nação soberana, a que lhe parecia habil a desarraigá-las, de vez, a causa de suas desintelligencias com o Chile, longe estava, entretanto, de surtir um tal effeito.

Pelo contrario, o Chile, que se prometia, desde muito, o gozo privilegiado das jazidas descobertas na Bolívia e exploradas por cidadãos chilenos, não annuiu á decisão do governo de Sucre, e se alevantou com vehementes protestos contra ella, acioimando-a de violadora da fé dos tratados.

Assim, baldados todos os meios suasorios tentados pelo Chile, recusada pela Bolívia a discussão e arbitramento sobre um caso que se lhe representava, não propriamente como questão internacional, mas como simples acto de soberania interna,—o Chile effectou a occupação "manu militari" do territorio anteriormente deferido á soberania boliviana.

Esteiava-se o governo de Sucre no direito de expropriar bens particulares e na faculdade de constituir, nas lindes do seu territorio, qualquer monopolio fiscal que lhe approuvesse.

Nem occorria quebra da condição de isenção tributaria accordada com o Chile, porquanto, com a expropriação feita, deixavam de existir, no paiz, as salitreiras chilenas, a cujo beneficio fôra aquella condição estipulada. Assim, ficava o tratado, não infringido, mas sómente inapplicado por falta de objecto.

Por outra parte, ponderava o Chile que a clausula inserta nos tratados tivera por objectivo assegurar aos cidadãos desse paiz a exploração, definitiva o vantajosa, das jazidas por elles buscadas e possuidas naquelle territorio, sendo, pois, olusiva do pacto firmado a providencia decretada pela administração boliviana.

Como quer que fosse, o certo é que a Bolívia se afincoou no seu pre-supposto, e se recusou a entrar em negociações sobre o que ella considerava ponto de honra nacional, estranho ás clausulas do convenio.

O Peru', cujos interesses naturalmente o associavam á sorte da Bolívia, offereceu seus bons officios ao Chile, para evitar um conflicto d'armas que, se terminasse pola victoria dessa Republica, constituiria, para a segurança e integridade do territorio peruano, uma ameaça evidentemente temerosa e grave.

Incidiu, porém, chegar então á noticia do governo de Santiago o teor de um tratado secreto de alliança, que o Peru' e a Bolívia, receiosos de futura aggressão, haviam entre si concluido, em 1873.

Esse incidente causou indignação e escandalo em Santiago, exigindo o governo chileno, sem mais detença, que o Peru', então mediador da paz, declarasse sua neutralidade na contenda.

E como tal exigencia, feita em termos minazes e peremptorios, não pudesse ser satisfeita, a Republica do Chile para logo considerou a Bolívia e o Peru' como inimigos contra ella conjurados, e lhes declarou guerra.

Tal a origem da memoravel "guerra do Pacifico", que perdurou de 1879 a 1883, e que, succedida com fortuna para as armas chilenas, se rematou com o celebre "tratado do Ancón"—monumento da prepotencia militar do vencedor.

.. *Gastão Netto dos Reys*.—Da "Gazeta de Noticias"—Rio.

A MISSÃO DAS NOSSAS ELITES

Um dos phenomenos mais curiosos que o Brasil actual offerece á analyse de qualquer observador sereno, que consiga sobrepôr-se ás preocupações partidarias e ás apaixonadas questões de momento, é a antinomia entre a cultura da sua elite intellectual e a degradação crescente da sua vida publica.

Devem ser de naturezas diversas as causas desta situação singular — politicas, sociaes, economicas, psychologicas e, principalmente, moraes. De naturezas diversas, pois, devem ser os remedios a tentar. Politicamente, nenhum regimen menos proprio para a formação civica de um paiz, nas condições de raça, meio o momento historico do Brasil, do quo este de presidencialismo e, maxime, de federalismo feroz que, ás pressas, copiamos da America do Norte. Pela mutilação impiedosa do Congresso, como representante directo, que devêra ser da vontade popular, entregámos a alta direcção do Brasil a uma pequena e fechada oligarchia, que a explora tranquillamente, certa de que, dentro da ordem constitucional, é quasi inutil todo o movimento reaccionario; pela fragmentação do paiz em vinte pequenas patrias, estrangulámos o espirite nacional, os sentimentos de apêgo á grande terra commum. A superioridade incontestavel da vida publica na Monarchia, tanto quanto um reflexo da acção pessoal de Pedro II, com a sua probidade vigilante, foi um effeito do regimen parlamentar e centralizador. O Parlamento, bem ou mal, com os seus numerosos defeitos, menos numerosos do que as suas virtudes, ora uma escola politica e um simulacro de vida democratica, de interferencia activa da nação nos seus proprios destinos. A centralização politica e administrativa salvou a unidade brasileira, cimentado o nosso patriotismo, e permittiu aos dirigentes supprir a

sua possivel incapacidade theorica pelo conhecimento directo das necessidades nacionaes.

Socialmente, atravessamos um periodo fatal de arrivismo, de indisciplina, de anarchia intimas, quo todos os paizes de immigração têm conhecido. Nada existe de estavel; nivelam-se e destroem-se rapidamente todos os valores, neste tumulto do formação, de crescimento organico. Por isso mesmo, acontece aqui o que se verificava até pouco tempo nos Estados Unidos—os homens de sensibilidade delicada retraem-se deixam-se ficar á margem da vida publica. E como o surto economico do paiz se accentu'a, sem embargo de todos os esforços em contrario, o exercicio activo das profissões liberaes, as industrias, o commercio, a agricultura vão attraíndo as melhores intelligencias, as melhores capacidades para as realizações praticas. Restam na arena os profissionaes da politiquice, coronéis analphabetos, bachareis e escrevinhadores famintos, que só pôdem enxergar na mais nobre das actividades humanas um instrumento de vaidades o ambições pessoais. A pequena minoria de homens publicos, remanescentes do antigo regimen, raras creações da Republica, capaz de sentimentos altruisticos e abnegação patriótica, é facilmente esmagada o reduzida á impotencia.

Psychologicamente, seria triste tentar a analyse do nosso character colectivo. Em meio desta doçura geral, desta molleza de coração, desta fraqueza de sentimentos, que nos tornam quasi abullicos da intelligencia e da vontade, e que tão bem nos caracterizam, procurae medir a profundeza do egoismo de cada um de nós, representante da elite brasileira... Narcisos inconcientes, sensualistas grosseiros, epicuristas de instinete, resumimos a patria em nós mesmos, incapazes do menor sacrificio em pró do seu futuro. Alliando a este sentimento de egoismo, aos defeitos singulares da

raça—o scepticismo sonhador, a indolencia, e da indolencia, o despeito e a inveja, que nos não permitem aceitar do bom grado a prosperidade alhoia—toreis a explicação do aviltamento das nossas lutas internas, desta attitude constante de demolidores em que nos comprazemos, ainda nos momentos mais delicados da nossa vida. Por tudo isto, creio bom que a grande crise brasileira é a orise moral das suas élites.

Todas as nações valem pelo que valem os seus dirigentes. O pove, mesmo com certo gráo de cultura mental, é, mais ou menos, um robanho docil que se conduz até a hecatombo da guerra. O grande e urgente problema brasileiro não consiste no analfabetismo das classes populares e, sim, na educação ou reeducação das élites. Seria estulto pretendormos elevar de um momento para outro o nivel intellectual de um povo, aviltado ainda pela lembrança da escravidão, depauperado pela miseria physica. A simples diffusão das escolas primarias teria um alcance meramente eleitoral; ensinando a ler e escrever ao proletariado das cidades e dos campos, sem a providencia correlata das escolas technicas o do aparelhamento economico do paiz, augmentariamos o numero de candidatos ao emprego publico e ao urbanismo. Antes da grande obra da instrução popular, de que o tempo será o melhor factor, as nossas élites precisam de educar-se a si mesmas, para poder offerrecer á massa dos dirigidos exemplos de elevação moral e generosidade patriótica.

Reajamos pois. Por toda a parte, em todos os tempos, atravez de todos os regimens sociaes e politicos, as maiorias incapazes foram sempre dirigidas por uma pequena minoria intelligente, instruida, activa e moralmente forte. O que vamos realizando no Brasil—esta selecção pelo avesso, este predomínio do incapazes e fallidos—é um paradoxo alarmante, uma retrogradação his-

torica. A' ineroia e ao egoismo de cada um de nós devemos as culpas do tal situação. O mundo se renovará amanhã na conferencia da paz; mostremo-nos dignos da terra que occupamos e da herauça que receberemos. Ha em cada homem, por mais estreito que pareça o seu circulo de acção, uma grande força latente, que movida pela fé, abalará as montanhas. Quando a vida publica dos Estados Unidos attingia o derradeiro gráo de aviltamento, a re-accção da élite intellectual, da élite universitaria, salvou-a. A America, de Lincoln a Roosevelt, dos *basses*, dos *Tammany Ring*, dos *Gas Ring*, seria capaz desses exemplos de suprema belleza moral, que nos vem offerrecendo, sob o dominio de Wilson? Imitemos mais uma vez este modelo, tantas vezes nefasto, por inadaptavel; iniciemos a reaccção contra a incompetencia ou amoralidade das élites dirigentes, todos nós que, pela cultura do espirito, croamos para com a patria, para com o nosso tempo, para com a propria vida, os mais nobres, os mais altos, os mais inilludiveis deveres.—

José Maria Bello — (Do Correio da Manhã, Rio).

AS MULHERES NA DIPLOMACIA

Telegramma de Paris, informa ter chegado a Berna, como representante da Hungria, junto ao governo da Suíssa, a senhora Rosita Schwimmer, que é a primeira mulher diplomata que entra em funções na Europa.

Ha seis mezes, mais ou menos, foi annunciado que o Uruguay, com a sua politica liberal, havia utilizado na diplomacia uma senhorita, que ia assumir o cargo de secretario de legação, ou de encarregado de negocios, em um paiz americano. Se essa communicação trazia fundamento, cabe aos nossos vizinhos do sul a precedencia na novidade, que ali

se conseguiu sem necessidade de grandes revoluções.

No Brasil, a victoria do feminismo principiou excellentemente, porque, como se sabe, começou pelo fim. A mulher ainda não desfructa o direito do voto, nem toma parte na solução dos nossos problemas politicos; uma senhorita já conseguiu, porém, com a sua intelligencia, fazer parte da secretaria de Estado das Relações Exteriores, e dali para o corpo diplomatico não é invencivel a distancia.

E quem sabe se, com as mulheres na diplomacia, nós ficaríamos melhor representados? A Sra. Leolinda Daltro não substituiria, e com vantagem, o sr. Epitacio Pessoa em Versailles?

(Do "Imparcial"—Rio).

AS EPIDEMIAS DO CHOLERA MORBUS NO BRASIL

A primeira invasão de cholera morbus no Brasil deu-se em 1855, sendo a cidade de Belém, capital da então Provincia hoje Estado do Pará o primeiro poiso de hospede tão importuno. No dia 15 de Maio alli desembarcou, trazido pela galera portugueza "Defensora", procedente da cidade do Porto, com cerca de 300 colonos, tendo fallecido 47 durante a travessia. Despertada a attenção da autoridade do porto pelo crescido numero de obitos e diante das reclamações provocadas pelos infelizes immigrants que descontentes se mostravam pelas pessimas condições de hygiene e pelo mau tratamento que lhes dera o Capitão, ficou de quarentena a referida galera, aguardando ordens. Levado o facto ao conhecimento do governo da Provincia, ficou resolvido que a commissão de hygiene publica tomasse as providencias que o caso requeria, cabendo ao provedor de saúde do porto a tarefa de proceder ao exame necessario. Em relatório apresentado procurou de-

monstrar que os infelizes inimigrantes não falleceram de molestia alguma de caracter maligno ou contagioso que na viagem apparecesse, mas sim devido ás más condições de hygiene, á fome, á sede, e ao pessimo alimento, pelo que mais acertada pareceu-lhe a livre pratica em virtude do deploravel estado em que se achavam os passageiros. Não se conformando o consul portuguez com as razões apresentadas, pediu providencias mais decisivas. O Vice-Presidente da Provincia, então em exercicio, ordenou de novo á Commissão de Hygiene Publica que fosse verificar o que de anormal havia, devendo proceder a exame mais minucioso.

Em relatório apresentado attribue a commissão entre outros consideranda que a epidemia foi devida ao envenenamento pelo chlorureto de cobre, provocado pelas vazilhas em que se preparava o condimento dos immigrants, terminando por afirmar que a dita molestia nenhum caracter offerecia por onde pudesse ser capitulada do epidemia contagiosa.

No dia 26 de Maio, isto é, onze dias depois da chegada da galera, foi a attenção publica despertada pelo apparecimento em terra e no porto de uma molestia que os praticos appellidaram de cholera, sendo que os symptomas observados eram identicos aos da epidemia da galera, chegando a morrer alguns doentes dentro de quatro, oito e doze horas. Estes factos levaram o Vice-Presidente da Provincia a ordenar novos exames, necessarios nos doentes, de modo a afastarem qualquer duvida a respeito. Depois de calorosa discussão em que tomaram parte a Commissão de Hygiene Publica e outros medicos notaveis, chegou-se á conclusão de que se tratava do mal levantino que em pouco tempo alastrou-se pela cidade com invasão de diferentes pontos da Provincia. A cidade de Cametá foi horrorosamente flagellada, cahindo no seu posto de honra, vi-

ctima do dever, o Dr. Angelo Custódio Corrêa, que de Belém fôra alli prestar socorros do sua profissão. A Junta Central do Hygiene Publica na Côte do Imperio tomou medidas efficazes de defesa sanitaria. Installou-se o Lazareto das ilhas de Maricá para as procedencias do norte, devendo servir de auxiliar ao Hospital Maritimo de Santa Isabel na Jurujuba. O Governo, de accôrdo ainda com a Junta Central de Hygiene Publica, estabelecera o prazo de 25 dias, contados da partida dos portos suspeitos, para a duração das quarentenas de observação e para no fim deste prazo serem então os navios admittidos á livre pratica. A epidemia, poupando o Maranhão, que tinha os serviços do hygiene sob a competente direcção do Dr. José da Silva Mala, propagou-se ás outras Provincias do norte, invadindo a Parahyba, Alagôas o Sergipe, sendo Pernambuco e Bahia as mais sacrificadas, principalmente esta, que teve os primeiros casos em fins de Julho de 1855 na povoação do Rio Vermelho, hoje um dos mais bellos arrabaldes da capital. Dahi passou ás cidades do Cachoeira e de Santo Amaro, produzindo immensos estragos. Irradiou-se por quasi todo o reconcavo, com maior ou menor intensidade, com sacrificio da vida de medicos e estudantes de medicina, destacando-se entre aquelles o Dr. Cypriano Barbosa Bettamio, que, renunciando aos commodos de sua vida privada, aos seus interesses particulares, foi sacrificar-se naquella gloriosa cruzada.

Continuando a epidemia na sua marcha devastadora e conformando-se o Governo com a deliberação da Junta Central de Hygiene Publica, fleou estabelecido o prazo de 40 dias, no rigor do termo, em vez dos 25, para as quarentenas de observação. Trouxe esta medida, como era de prever, protestos e reclamações da parte dos passageiros e dos interessados. Comprehende-se hoje com os progressos da Prophylaxia

Internacional moderna o que tinham as quarentenas de vexatorio e irritante, servindo de entravo ao commercio e de embaraço á liberdade de locomoção. Basta citar entre outros o caso do paquete brasileiro "Imperador", sahido de Belém do Pará e escalas o chegado ao Rio de Janeiro em 9 de Agosto de 1855, depois de longa e penosa viagem. Intimado por um tiro de canhão da fortaleza de Santa Cruz por ordem do Governo, teve de seguir para o Lazareto de Maricá. No dia seguinte alli chegou um vapor de guerra brasileiro que recebeu de bordo do "Imperador" os passageiros de ré em numero de 50 e suas bagagens; transportando-os para o Lazareto da Jurujuba, ficando os recrutas e os escravos no Lazareto de Maricá. Para a enseada do Abraham na ilha Grande, seguiu o paquete, que foi terminar a desinfecção iniciada no Rio de Janeiro, sob a direcção do Inspector de Saude do Porto, o Dr. José Firmino Vellez, que alli terminou o serviço.

No Rio de Janeiro o primeiro caso do cholera morbus havido foi em 19 de Julho de 1855.

A segunda invasão do cholera morbus no Brasil deu-se no periodo decorrido de 1867 a 1870, trazida do sul ao Rio de Janeiro em militares que vinham de passagem no vapor nacional "Santa Cruz", entrado no dia 31 de Janeiro de 1867, quando o Brasil se achava em guerra com a Republica do Paraguay. Foram atacados aprendizes o marinheiros imperiaes aquartellados nas fortalezas de Villegaignon o Boa Viagem, estendendo-se a molestia a alguns vasos de guerra da Marinha Nacional. A epidemia manifestou-se, como já vimos, em operações no Paraguay ontro as tropas expedicionarias do Matto-Grosso depois de calamitosa jornada cheia de perigos, de molestias e de necessidades ao deixar o forte de Boa Vista (Paraguay). As forças expedicionarias tiveram de abandonar no caminho cholericos moribundos quo não

podiam transportar por terem que defender-se contra aggressões constantes do inimigo, sob um fogo quasi continuo, privados de viveres, medicamentos, etc. Na parte official do Dr. Candido Manoel de Oliveira Quintana, primeiro cirurgião das forças em operações ao sul, de Matto-Grosso, datada da margem esquerda do Rio Aquidauana em 15 de Junho de 1867 e no interessante trabalho do Visconde de Taunay, "A retirada da Laguna", vêm descriptos os horrores daquella epidemia que invadiu a então Provincia de Matto-Grosso. Manifestou-se a epidemia no segundo corpo de exercito em Curuzu', morrendo grande numero de officiaes e praças. Comandava o segundo corpo do exercito o Conde de Porto Alegre. Houve tambem na esquadra casos da molestia com caracter benigno. Por occasião desta segunda epidemia, casos da molestia manifestaram-se com maior ou menor intensidade em algumas das Provincias do norte, destacando-se as do Ceará, Parahyba e Alagôas.

A terceira epidemia foi a do vale do Parahyba com invasão da Capital Federal e outros pontos do Rio de Janeiro, propagando-se ao Estado de S. Paulo e parte do Estado de Minas Geraes. Os primeiros casos appareceram em Novembro de 1894 durando a epidemia até Julho de 1895. Pela estatistica do Hospital Maritimo de Santa Isabel, hoje Paula Candido, cedido gentilmente pelo digno Director Dr. Luiz Tavares de Macedo Junior, verificou-se que durante o periodo decorrido de 24 de Novembro de 1894 a 18 de Julho de 1895 só ahi foram recolhidos 379 enfermos, dos quaes falleceram 282. Na opinião de alguns profissionaes a molestia não apresentou o cortejo symptomatico do verdadeiro cholera indiano. Não ficou plenamente verificada a procedencia, parecendo ter entrado aqui pelo Rio da Prata, porquanto em 28 de Novembro de 1894 foi declarado infeccionado o porto de Rosario

de Santa Fé e suspeitos os demais portos da Republica Argentina, a contar de 6 de Dezembro, continuando assim durante algum tempo em 1895.

Esta medida estendeu-se tambem em 7 de Março de 1895 aos portos da Republica Oriental do Uruguay. Os paquetes italianos "Regina Margherita" e "Montevideo", ambos procedentes do Rio da Prata, tiveram casos suspeitos que se manifestaram ainda em outros navios daquella procedencia, principalmente nos que transportavam gado em pé. Passou o desembarque deste a ser feito na enseada da Praia Vermelha, depois no costão de Santa Cruz e dahi no porto de Itacurussá, pela vantagem de achar-se este ponto mais proximo do matadouro de Sta. Cruz.

(Dr. J. J. da Silveira Sardinha—
"Jornal do Commercio", Rio).

A ULTIMA PHRASE DE BILAC

Quando morreu Alphonse Daudet, taes exaggeros e asnelras publicaram a respeito d'elle os jornaes de Paris, que Remy de Gourmont escreveu um aere *Epilogo*, em que chamava á ordem a todos os seus confrades, os quaes, entro outras cousas, affirmavam que o autor de *Tartarin* era maior do que Miguel de Cervantes... Sirva isto de consolo a nós mesmos, quando lemos a torrente de tolices que desencadeou na imprensa do Rio a morte de Olavo Bilac.

Este homem, cuja vida accidentada e arthmica não impediu que a sua feição litteraria obedecesse sempre a certas formulas de equilibrio e de harmonia, merecia que a imprensa, ao procurar defini-lo a personalidade tão curiosa quanto representativa, lhe fizesse a ultima fineza de commentar a sua vida com a sobriedade de expressões que é incontestavelmente um dos principaes traços da sua individualidade academica.

Por muito pouco que se palestrassem com Olavo Bilac, e é o caso deste que não teve com elle a menor intimidade, notava-se logo a correcta simplicidade com que elle falava. Prosando por escripto ou prosando oralmente, em palestra com os amigos, era sempre igual a sobriedade do seu estylo, sobriedade que tão altamente o destacava numa terra em que a inopia das idéas e a debilidade cultural dos escriptores é quasi sempre substituida pela pompa de um verbalismo tão sonoro quanto irritante á força de ser vasio.

Ora, pois! Tendo sido um escriptor que, jogando com poucas idéas, dava elegante impressão de atticismo, teve, ao morrer, a desventura de lhe attribuirem a paternidade de uma ultima phrase, cujo fundo talvez seja verdadeiro, mas cuja forma empertugada e tola destoa por completo da natural simplicidade do seu falar. E' uma phrase que provavelmente não foi pronunciada (ao menos como está publicada), o que aliás succede a todas as ultimas phrases attribuidas a grandes homens...

Com effeito, conta-se que Olavo Bilac, já por alta madrugada, quiz levantar-se, pediu café e disse: *Quero escrever*. Até aqui, tudo perfeitamente normal. Era habito seu levantar-se cedo, pedir o seu café, como faz toda a gente e assentar-se á sua mesa de trabalho para ler o escrever. De sorte que não ha inverosimilhança alguma em quo o grande lyrico, sentindo, embora na penumbra precursora da morte, amanhecer o dia, dissesse aos seus: "Já está amanhecendo; dêem-me café, que eu vou escrever". Tal era o seu costume de muitos annos; ora, nada mais natural a um homem de letras—e elle o foi da cabeça aos pés—do que, ao levantar-se, desejar tomar café e escrever.

O visconde do Rio Branco, como era homem de Estado, pouco antes de morrer ainda delirava com a lei do elemento servil e até, segun-

do conta o Visconde de Taunay nas suas *Reminiscencias*, começou a fazer um pequeno discurso, em voz muito baixa: "Senhor Presidente, peço a V. Excia. permissão para fallar vagarosamente em vista de meu precario estado de saude..." E' possivel que as phrasas não lhe sahisses correntemente, mas o seu ultimo delirio traduzia claramente as suas constantes preoccupações politicas. Nada mais natural do quo isso. Assim, Olavo Bilac, poucos minutos antes de expirar, podia perfeitamente estar pensando em livros, o as suas ultimas palavras bem poderam ter sido a exteriorisação oscillante e vaga de um desejo de escrever.

Mas que succedeu? A imaginação indigena, que não se recommenda pela originalidade, achou bom arredondar phrases fofas, declamatorias, o attribuil-as a um homem que faava simplesmente, como toda a gente, e de certo não iria, *in extremis*, rebuscar periodos com o fito de fazer cabotinismo para a Morte. Jornal houve que, em letras garrafas, lho attribuiu esta enormidade: "Já raia a madrugada; dêem-me café; vou escrever." Affirmam outros que elle disse: "Amanhece... Eu quero... eu quero... *écrire!*" Tudo isso representa um achincalhe, contra o qual se deve protestar; e á familia do morto incumbe, si não é impertinente esta suggestão, o dever de dosmentir que o poeta houvesse dito coisas pernoscias como esse "Já raia a madrugada" e esse "Eu quero *écrire!*" Para que condemnal-o, depois de morto, ao ridiculo de ser autor de ultimas phrases mirabolantes? Desautorisal-as publicamente é dever de piedado fraterna para com um homem que soube escrever coisas bellas e simples. Esse epicurista sceptico tinha muita noção do ridiculo para expor uma phrase sua á risota dos seus contemporaneos. Póde cada qual julgal-o com maior ou menor severidade, conforia este ou aquelle co-

digo de moral; a sua obra poetica mesma pôde soffrer, em certos pontos, criticas severas, pela ausencia de espiritalidade que nellas se observa. Tomou bebedeiras durante a sua mocidade! Só cantou a Carne! Era um sensual! De accordo, sim, senhores. Mas, santo Deus, cada qual tem seu temperamento; e quo outra coisa sinão a Carne poderá cantar um poeta numma terra selvagem, de clima barbaro e mulheres que nos allucinam a todos os instantes e por toda a parto com a opulencia das carnes mais insolentes que ha no globo? O que fica da sua obra é isto: harmonia que ainda não teve igual neste paiz de poetas campanudos e litteratos parlapatões. Colocado em ambiente litterario superior ao nosso, Olavo Bilac não teria o primeiro logar; mas aqui, sejamos justos, elle é o primeiro poeta *no seu genero*; e, como tal, agora que a morte lhe impoz silencio e o impossibilita de defender-se, é justo e nobre que o respeitem todos os homens intelligentes.

Antonio Torres.—da "Gazeta de Noticias—Rio).

UMA REMINISCENCIA HISTORICA

A idéa de Liga das Nações é muito antiga

Em 1612, o canonista Francisco Suarez, nascido em Granada, mas tou, em trabalho notavel, que "a raça humana, se bem que dividida em povos e reinos diversos, possui não sómente a sua unidade especifica, como também uma certa unidade moral quasi politica".

Confuécios na China prégou, por seu lado, uma liga internacional. Henrique IV sonhou com uma união europea, uma "republica christã" de que era excluida a Turquia. O que floresceu em Portugal, salien-abbade de Saint-Pierre, voltando do Congresso de Utrecht, onde fôra

como secretario do Cardeal Polignac organizou um plano de paz perpetua por meio de uma união internacional.

Kant foi um grande defensor da idéa e Frederico Pussy, na França, foi um seu propagandista denodado. Internacionalistas como Bluntschli, Lorimer, Bentham e muitos outros chegaram ao ponto da critica ou da organização de um Estado Internacional.

Na nossa Patria, Arthur Orlando, no seu livro sobre o Pan-americanismo, — poz em relevo que uma confederação internacional não faria periclitar as diversas nacionalidades associadas, que só teriam a luerar com a organização juridica da vida internacional a bem da organização oconomica. E' este o sonho que o momento parece prompto a tornar realidade.

Cada um dos corpos politicos— disse ainda o notavel autor patriocio, — familia, communa, estado, nação, confederação, continuaria a mover-se com a respectiva economia dentro da esphera da sua actividade. Vimos á economia caseira sup-perpôr-se a economia da cidade e á economia da cidade a economia nacional; mas nem o estado deu cabo da economia urbana, nem a cidade fez desaparecer a economia familiar.

Bolívar, depois de ter libertado a Colombia, a Venezuela, o Peru', o Equador e a Bolivia, pensou numma federação de todos Estados livres da America de origem hespanhola. Para esse fim foram convidados o Mexico, a Argentina e o Chile.

A idéa de união internacional e do arbitramento, nos parlamentos, teve etapas gloriosas na Camara dos Communs, atravez uma moção de Henri Richard; de Mancini, na Camara italiana; de Eck e Bredius, na Camara Hollandeza.

Pois bem, em uma modesta Camara de Deputados de Provincia no Brasil— essa mesma idéa de união internacional e de arbitra-

mento teve um eusthustastico apoio, quo convem ser lembrado, neste momento em que tanto se fala de liga das nações e de arbitramento permanente.

Eis a moção que foi apresentada em 6 de Julho de 1888, na Camara dos Deputados mineiros:

"Indicamos que a assembléa provincial represente á Camara dos Deputados, ao Senado e ao governo sobre a necessidade urgente que sente todo o brasileiro da adopção quanto antes das seguintes medidas:

1—Federação das provincias com todas as suas consequencias naturals.

2—Completa emancipação administrativa do municipio.

3—Revisão da Constituição politica do Imperio em todos os artigos inconciliaveis com os principios liberaes e democraticos.

4—Organização da paz entre todos os paizes da America do Norte, Central, e do Sul, de modo que as questões internacionaes sejam resolvidas por meio de arbitramento.

Sala das sessões, 6 de Julho de 1888. — Camillo Prates, J. Dytra, Alvaro Machado, Porphirio Machado, Salathiel de Almeida, Aristides Maia, F. Sá, Vaz Lima, Lindolpho, Silva Fortes, C. G. Bias Fortes, Josino de Araujo, Candido Cerqueira, França Vianna, José Theodoro, Navarro Salles, Anthero Florencio, Antonio Martins Ferreira da Silva, José Horta, Chassin Drummond, Antonio Joaquim Barbosa da Silva, José Pedro e Americo Mattos".

Nesta moção, como se vê, propõe-se, no numero quatro, a organização da paz por meio de uma união entre os varios paizes do continente americano.

O primeiro signatario foi, como vemos, o sr. Camillo Prates, que é hoje deputado federal. Entre os demais signatarios figuram o senador Francisco Sá, actual representante do Ceará, Antonio Martins Ferreira da Silva, tambem deputado federal e Josino de Araujo, ainda

representante de Minas, na Camara Federal.

A idéa que tanto preoccupa o espirito dos grandes estadistas da actualidade, encontrou assim apoio decidido e franco na modesta Camara Mineira ha mais de 30 annos, conquistando grande numero de assignaturas e de applausos.

E' um incidente glorioso para a historia mineira.—OTTO PRAZERES—Da "Rua"—Rio).

AS NOVAS NACIONALIDADES

Viajantes brasileiros chegados da Italia, trazem a noticia do descontentamento ali reinante, em virtude da possivel formação de uma nova nacionalidade, comprehendendo os territorios austriacos pela reconquista dos quaes a Italia entrara na guerra. O presidente Wilson, de accordo com o seu programma politico, é partidario da organização do novo Estado e essa circumstancia escureco novamente os horizontes europeus, pela fallencia das esperanças, longamente alimentadas, da alma italiana.

Os principios do presidente Wilson assentam sobre ideaes muito largos e sympathicos, entre os quaes o da formação das nacionalidades de accordo com a influencia das raças. Se os territorios cobiçados pela Italia são habitados por um povo que deseja viver independentemente, é claro que o governo americano está no dover de dar-lhes o seu apoio. Não foi para outra coisa que os Estados Unidos tomaram parte no conflicto, e a sua indiferença, no caso, equivaleria á repulsa do seu proprio programma intervencionista. Foi para libertar os povos subjugados que a America enviou á Europa o seu milhão de combatentes, e foi com essa condição e para esse fim, que os Alliados aceitaram o seu concurso.

De outro lado, porém, estão os interesses da Italia e os compromissos assumidos pela "Entente" com

o seu aliado de além dos Alpes. A Italia só entrou na guerra, como é sabido, com a condição de lhe serem restituídos os territorios que lhe foram arrebatados pela Austria, esses mesmos territorios que não querem voltar, agora, ao dominio italiano. E como a Inglaterra e a França concordaram com essa exigencia, e, depois, com as condições do presidente Wilson, é facil de imaginar a gravidade da situação, no momento em que se tiver de regularizar todos esses interesses pela satisfação dos compromissos tomados.

(Do "Imparcial"—Rio).

BRASIL-BOLIVIA

Em entrevista á imprensa, hontem, o illustro ministro boliviano no Brasil, recém-chegado do seu paiz, fez interessantes declarações a respeito do futuro economico da prospera Republica vizinha em suas relações commoço.

Havendo-se propalado que o governo boliviano estava desviando a applicação, prevista pelo tratado de Petropolis, dos dois milhões esterlinos que a Bolivia recebeu do Brasil, em virtude daquelle tratado, o Dr. José Carrasco esforçou-se por demonstrar a impropriedade do boato, affirmando achar-se esse dinheiro, accrescido de juros, depositado em banco, na America, havendo já facilitado á Bolivia a construcção da estrada de ferro de Cochabamba, que deverá, por Santa Cruz e Porto Esperança, entroncar, em Corumbá, com a linha da Noroeste do Brasil, até o porto de Santos, utilizada a linha que une a capital paulista áquelle grande porto do nosso litoral atlantico

A ligação ferroviaria da Bolivia ao Brasil constituo uma antiga e portentosa aspiração do povo boliviano, aspiração a que não poderíamos, nós, brasileiros, ser indifferentes, porque isso consulta de perto os nossos vites interesses economicos

Entre as industrias creadas pela

situação do guerra no Brasil, aquella que talvez mais rosista á concorrencia internacional e logre impor-se definitivamente ao commercio do mundo, será a das carnes frigorificadas, cuja exportação está garantida por muitos annos, a bom preço, após a assignatura do tratado de paz.

Ligada a Bolivia a um porto de mar brasileiro, através do Matto-Grosso, poderá a nossa industria de carnes não só aproveitar os inegotaveis supprimentos dos rebanhos daquelle Estado, como ainda receber muito e excellent gado das fazendas bolivianas.

A entrevista do ministro da Bolivia, ao mesmo tempo que esclarece um assumpto sobre o qual correu uma atoarda desagradavel, que S. Exa. asseverou ser gratuita, dá-nos todas as seguranças de que o extraordinario acontecimento economico da chamada estrada de ferro interoceânica—de Santos, no Atlantico, a Mollendo ou Antofogasta, no Pacifico, está resolutamente em marcha e será a formosa e promissora realidade que todos desejamos, na Bolivia, como no Brasil.

(Do "Paiz"—Rio.)

A FEBRE AMARELLA

Annuncia-se que o sabio japonéz Dr. Noguchi, depois de longas e laboriosas pesquisas na cidade de Guayaquil, Republica do Equador, descobriu o microbio da febre amarella e tem ensaido, com excellentes resultados, a respectiva vaccina.

A noticia foi dada com todos os caracteristicos de veracidade e com as minudencias technicas exigiveis para a authenticidade do sensacional acontecimento scientifico.

Com effeito, o sabio japonéz conseguiu isolar e identificar o *espirilo*, que tomou, o seu nome determinando assim, da maneira mais indubitavel, pois que a isso so vê ligada a responsabilidade inteira do seu nome, o te-



mivel agente da peste amarillica, que tanto ainda devasta grandes aglomerações humanas, até hoje privadas de rigorosa e vigilante defesa hygienica.

Ocioso seria exaltar a importancia da descoberta. Paizes como o nosso, com os seus portos do litoral em maioria infestados por esse mal implacavel, cuja extincção no Rio, em Santos e no Pará custou e continua a eustar aos cofres publicos incalculavel dispendio, acolhem naturalmente com caloroso entusiasmo e commovida gratidão o resultado das investigações do benemerito scientista japonex, que elegeu a America para campo das suas experiencias e nelle logrou a victoria suprema, com que contribue para attenuar as tragicas afflicções da humanidade.

Descoberto o espirilo Noguchi, preparada a vaccina, obtido o serum curativo, o reinado macabro da febro amarella em todo o mundo poderá ser dado por findo, e um dos mais devastadores flagelos da vida da humanidade e do adiantamento e cultura das nações terá cessado de tornar mais extenso e negro o coefferiente de mortalidade entre os povos. (Do "Paiz" — Rio).

O ASSUCAR DAS PALMEIRAS E O DO MILHO

Um dos mais conhecidos divulgadores de coisas scientificas, o sr. Francis Marre, trata, em recente publicação, da carencia do assucar na Europa. A questão do assucar, diz elle está-se tornando cada vez mais grave. Não basta tomar medidas com o fim de proteger a industria e intensificar a produção da canna de assucar e da beterraba. O quo é ainda preciso é procurar outros vegetaes que produzam tambem assucar.

As plantas sacchariferas são, entretanto, bem numerosas, e, se todas não possuem tanto assucar que permittam um aproveitamento re-

numerador, em todo o caso ha algumas que poderiam, dadas certas condições de cultura e de tratamento industrial, egualar com a canna e com a beterraba. São deste numero algumas especies de palmeiras. Do ponto de vista alimentar, as palmeiras se acham entre os vegetaes mais uteis: dão fructos riquissimos de substancias nutritivas; muitas dellas fornecem em abundancia materias graxas o oleos de qualidade superior; outras têm um tronco cuja polpa se transforma facilmente numa farinha perfeitamente comestivel; o muitas finalmente, podem dar assucar.

Com effeito, se se praticam incisões no tronco das palmeiras, no momento em que saem os seus humores em abundancia, sao um liquido assucarado o "lanche" que por fermentação espontanea, dá uma especie de vinho capaz de provocar uma embriaguez curta mas intensa. As chamadas palmeiras "Besse" são as mais estimadas sob este ponto de vista, e onde cresce a "Cocos nucifera" os indigonas preparam com ella vinho de palmeira. Em alguns logares, como na Malasia, elles obtêm, por meio da distillação, uma bebida espirituosa, o "arrack", que provoca embriaguez tenaz, caracterisada por uma forte excitação cerebral.

Desso succo não fermentado se tira, na maior parte da India, o assucar do palmeira, graças a um trabalho rudimentar que permite fazer, nos paizes de produção, uma seria concorrência ao assucar de canna. O rendimento do assucar do palmeira varia em quantidade e qualidade, segundo os terrenos e segundo os euidados e os processos de cultura e de extracção, mas pôde-se em geral dizer que o succo obtido das palmeiras contém de 8 a 15 cento de saccharose, isto é, quasi tanto quanto dá a beterraba.

A palmeira utilizada para esse fim é especialmente a "Phoenix sylvestris", a qual poderla render muito mais do que agora, se os indigenas conseguissem em cultural-a

racionalmente, dar-lhe um adubo adequado o não exaurir-a depressa com os talhes muito abundantes. A produção total do assucar de palmeira na India é, segundo E. Annett, o decimo da produção total do globo. Bengala fornece cerca de 750.000 toneladas. A quantidade média do succo que se obtém de cada arvore é, segundo Annett, de 77 kilos, que são cerca de 10 kilos de assucar bruto.

Para obter este assucar, os indigenas fazem ferver longamente o assucar de palmeira em simples vasos de barro... Na India, qualquer proprietario que possua palmeiras, fabrica por si mesmo o seu "Gur" ou assucar grosseiro. Se a produção supéra o consumo, o excedente é vendido a pequenos mercadores que o mandam a centros como Calcutá, onde o assucar é refinado em estabelecimentos especiaes. E Annett avalia em mais de vinte por cento a perda devida á imperfeição dos methodos adoptados. Todavia, levando em conta as pequenissimas despesas de colheita e o rendimento que se tem por cada hectare (cerca de 600 arvores), o preço do assucar de palmeira é sempre inferior ao do assucar de canna.

Além do seu emprego natural, o "Gur" entra em parte consideravel na fabricação dos confeitos, de que os indigenas são muito gulosos.

Quanto ao melado que resta no fim, elle pode ser aproveitado para a fabricação do rum.

A industria do assucar de palmeira é ainda uma industria rudimentar, mas remunerativa, e, em todo o caso susceptível de ser aperfeiçoada. E' pois, desejavel que seja introduzida onde fór praticamente possível, isto é, nos logares onde houver em abundancia palmeiras sacchariferas.

Outra planta que pode fornecer assucar é o milho. Antes da guerra, já o dr. Naby e o professor Stewart faziam nos Estados Unidos experiencias muito interessantes a respeito, pelas quaes ficava demons-

trado que o milho pode dar tanto assucar quanto a canna. Se se colhem as espigas quando os grãos estejam ainda lactigimosos, isto é, antes que os elementos de reserva da planta tenham affluído ao fructo, a quantidade das materias hydrocarbonadas da haste augmenta progressivamente até attingir a 17 % do peso da planta. Nessas condições a haste dá 88 % de succo contendo 13 % de saccharina, enquanto as partes da espiga contêm 20 % de materias fermentaveis, da qual se tira metade do alcool a 95 % e um residuo de materias azotadas muito util como alimento ao gado.

De cada tonelada ter-se-ia assim um producto de 90 kilos de assucar, o outro tanto de cellulose que poderia servir para o fabrico do papel. O Mexico e os Estados Unidos que colhem, respectivamente, cerca de 130 a 170 toneladas de milho por hectare, produziriam com elle 11.000 e 15.000 kilos de assucar, outro tanto de cellulose, o decimo de alcool o o vigesimo de residuos para os animaes. Isso só numa colheita. E nós sabemos que nos Estados Unidos e no Mexico se fazem duas colheitas de milho por anno.

(Do "Diario de Pernambuco" — Recife).

O TRABALHO MODERNO

Para produzir, porém, não é mais bastante o trabalho simples, descuidado, ao Deus dará! Na tremenda luta economica em que os povos se vão empenhar como reacção inevitavel da grande guerra, em que avultaram nos orçamentos das nações as despesas improductivas, os que desejarem produzir na accepção economica da palavra — têm de organizar em seus minimos detalhes o systema de produção — seja qual fór a natureza desta, visando a maxima effieciencia na applicação de todos os seus elementos.

Os povos em guerra desperta-

ram e conseguem augmentar em todos os sentidos a sua capacidade de produção.

Na Inglaterra, por exemplo, essa organização fez crescer a effiçencia a tal ponto que já declarou Lloyd George em famoso discurso:

"Ignoro qual será a divida da nação quando chegar a paz; prophetizo, porém, o seguinte: seja ella qual for, o que já se lucrrou em nosso activo e reservas, excede infinitamente a qualquer passivo que o balanço venha a accusar. Os recursos de que dispunhamos foram desdobrados e postos em movimento em todas as direcções; a nação em peso, disciplinada, despertada, prompta, acha-se transformada em potencia viva. Despimo-nos de rompagens inuteis. Pis-nos a desenvolver a musculatura pela gymnastica. Estamos em pleno exercicio. Somos um povo differente do que éramos antes."

Nos Estados Unidos, já antes de sua entrada na guerra, constitua uma verdadeira preocupação, para os grandes homens de negocio, a organização do trabalho que se operava na Inglaterra, França e Allemanha.

Uma commissão de homens competentes, estudando a defesa da produção americana apresentou em seu relatório trechos como estes:

"O problema de nosso paiz após a guerra é talvez o mais grave de quantos tem tido que enfrentar a União. Delle só conseguiremos escapar a contento, realisando prodigiosos esforços no sentido de "augmentar, em todas as direcções, o nosso rendimento de trabalho". E mais adiante:

"Não devemos nunca esquecer que os nossos competidores estrangeiros são homens e mulheres que estão sendo educados em uma escola de sacrificio, que se vão habituando aos poucos a produzir mais e a receber menos; e que pela parte que nos toca é em nós mesmos que de-

vemos pensar, apromptando-uos a consagrar ao problema nacional — barateamento da produção — todo o nosso esforço."

Associando-se os Estados Unidos á guerra, a mobilisação dos esforços americanos em todos os seus campos de acção chegou a proporções fantasticas, das quaes só se pôde ter idéa pelos numeros. Em Outubro do corrente anno, um mez antes da paz, as compras diarias effectuadas alli pelos paizes alliados chegaram a 150 milhões de dollars! O total das compras realizadas naquelle paiz assombroso, em 8 dias, ultrapassava assim em valor, aos estragos produzidos pelos alemães em todo o norte da França! Nessa mobilisação agricola e industrial, além dos sentimentos patrioticos, não teria influido tambem o espirito previdente do Americano visando a perfeita organização "post bellum"?

Em França, vozes de autorizados economistas, clamavam sem cessar: "Se quizermos sobreviver á luta economica que se val travar após a guerra, temos que augmentar á "outrance" a nossa produção, aperfeiçoar ao maximo a sua distribuição. Adeus ao doce "laisser-aller" doutro tempo. Adeus aos negocios feltos ao acaso. Ao duro periodo da guerra sobrevirá um duro periodo de paz. Os homens de governo, os homens de negocio, têm o dever de mostrar, no terreno economico, uma energia semelhante á que nossos irmãos demonstraram no Marne, em Verdun, na Picardia."

Nessas grandes nações envolvidas na guerra, em nosso paiz, em todos os continentes, pelo equilibrio social, orlundo do entrelaçamento internacional, a produção, para ter effiçencia economica precisará, pois, assentar em bases scientificas.

Num paiz como o nosso, o Ministerio da Agricultura assume, portanto, preponderancia capital.

Referi-me atrás ao valor da produção Industrial americana; pois no desenvolvimento economico dos Estados Unidos a agricultura manteve e mantém o papel preponderante! Foi nella que a America buscou os elementos de vida para as suas industrias, ás quaes a lavoura não fornecia apenas a materia prima, proporcionava tambem ás usinas os seus capitaes.

Em principio deste seculo, mostrava uma estatística que a exportação de productos agricolas da America do Norte apresentava um saldo liquido de mais de 6 bilhões de dollars. Em dez annos a agricultura creou uma riqueza igual a metade de toda a fortuna publica, americana, accumulada em 3 seculos!

Como consequencia dessa produção prodigiosa veio o augmento rapido do valor das terras — que num espaço de 5 annos accusava um accrescimento, em cada pôr de sol, de 4 milhões de dollars!

Esse augmento de riqueza, esse desenvolvimento da agricultura americana, que começou a ser observado principalmente nos ultimos 50 annos, é o fructo legitimo do trabalho associado, do cerebro, do musculo e da machina; é o fructo de uma cultura intelligente, intensiva, de melhores methodos e de um emprego judicioso do solo; é devido á execução dos trabalhos uteis, á drenagem, á irrigação, ao desenvolvimento das estradas de ferro, á construcção e melhoramento das estradas de rodagem, á diffusão do ensino agricola; resulta ainda dosapparelhos de crédito agricola organizados e funcionando de modo admiravel.

O cultivador americano transportou para o campo os ensinamentos da moderna organização industrial, da organização scientifica; dirige sua fazenda como uma manufactura ou casa de commercio; multiplica a capacidade productiva de suas ter-

ras, substituindo o braço custoso e raro pela intelligencia, pelo talento inventivo, pela organização. Elle é auxiliado, porém, de um modo decisivo e pratico pelo Ministerio da Agricultura.

A acção do Estado nada tem allí de burocratica.

Os campos de experiencia e demonstração espalhados por toda a Republica; as publicações gratuitas de propaganda e ensino; a larga distribuição de sementes; os agentes scientificos que por todo o globo procuram, sem cessar, novas plantas, novos grãos, que possam ser introduzidos com successo nos Estados Unidos; a diffusão do ensino agricola; os melos de consulta, demonstram a sábia orientação do Estado Americano nesse assumpto.

O departamento da agricultura não distribue premios; a sua unica preocupação é proporcionar aos agricultores melos e ensinamentos de ordem a poderem elles ganhar dinheiro — no commercio legitimo — com a exploração de suas fazendas. Os que estão em condições de merecer premios presume o Estado que sejam os que mais dinheiro ganham, na exploração intelligente de suas propriedades.

Não se supponha que todos os terrenos lá se apresentem doces e faceis ao trabalho do agricultor.

O cultivador americano, na ancía de estender os seus domínios, teve tambem de abordar terras rebeldes e insociaveis. Sirvam de exemplo as terras sujeitas ás seccas, constituindo uma faixa a Leste das Montanhas Rochosas que se estende do Golfo do Mexico ao Canadá. abrangendo uma área de 120.000.000 de hectares; ou ainda os terrenos inundados em excesso, sobretudo os do valle do Mississippi calculados em 40.000.000 de hectares.

Nas terras da secca, "no paiz da morte" como ficou denominado, após os fracassos das primeiras colonizações em que os pre-

juizos totaes, devidos a uma secca intensa, alcançaram cifras bem americanas, houve uma nova tentativa, uma nova onda de immigração — "Wave of settlement".

Essa segunda investida, porém, não foi a simples repetição da primeira; novos methodos foram imaginados e apropriados pela experiencia, a esse clima semi-arido.

Rebuscando pelo Mundo, descobriram os Americanos uma vegetação de valor que resistia á secca.

Inventaram um apparelho que paralyzava a evaporação do sólo. A combinação desses instrumentos, desses methodos e desses grãos e plantas especiaes constitue o que os Americanos chamam a cultura a secco — "dry farming", — a qual permittiu vencer a aridez e cobrir de colheitas os milhões de hectares que, com os systemas communs de exploração, apenas serviriam para pastos de baixa qualidade.

E o que diremos dos trabalhos de irrigação empreendidos por poderosas Companhias, que foram buscar em grandes rios, por canaes que algumas vezes atravessaram diversos Estados, agua necessaria para fertilizar desertos que uma vez assim transformados foram revendidos em lotes, a prestações, proporcionando farta remuneração aos capitaes applicados? E os poços artezianos com as florestas dos moinhos de vento, trazendo do sub-sólo o liquido que a terra avara queria esconder no seu amago?

O aproveitamento dos desertos d'Alkalis — que figuram nos mappas como emulos do Sahara — conseguido pelo estudo do laboratorio e pela experimentação pratica nos campos e mais os serviços de drenagem dos banhados fecham o cyclo desses grandes empreendimentos da Moderna Agricultura Americana.

E' a sciencia, portanto, ao serviço constante da intelligencia ávida do americano que perscruta

ta ao sólo os seus intimos segredos, collocando-o ao serviço do trabalho intenso e organizado.

E no nosso Brasil, o que vemos?

Geologicamente um immenso massiço de terras altas, separadas das outras do continente pelos valles do Amazonas e do Paraná e margeadas no litoral por uma estreita faixa de terras baixas.

Presume-se que nosso paiz, coberto pelo mar em outros tempos, affluio á superficie na época terciaria. Os nossos rios cavam nos chapadões, em todos os sentidos os leitos profundos, que dão ás suas margens os aspectos illusorios de serranias abruptas; os do centro e norte do paiz, levando os alluviões provenientes da decomposição de nossas rochas para além das suas emboCADURAS, prolongando as nossas divisas naturaes pelo mar a dentro; os do sul, levando o alluvião fertilizador para extranhas terras... O nosso Brasil, geologicamente, ainda se apresenta em formação, novo e incerto. A Amazonia inspirou nesse sentido paginas inesqueciveis a Euclydes da Cunha.

Pois bem, se é verdade que a civilisação do homem foi sempre indissolvelmente ligada á terra e ás suas possibilidades, superpondo-se como uma ténne camada á conformação geologica, em nosso paiz, mais do que em qualquer outro, o homem é dirigido pela terra.

A historia da exploração de nossas riquezas naturaes repete, impressionantemente a historia de nossa conformação geologica, como já o fez observar o eminente mestre Afranio Peixoto. A primeira phase do nosso desenvolvimento foi marcada pelo descobrimento das minas de ouro e jazidas de diamante nos terrenos archeano e siluriano.

Depois, o cretacio decomposto da Bahia o Pernambuco (Maspapé) permittiu a cultura da canna de assucar dirigindo a civilisação colonial, a eobiça hol-

landeza, e as guerras coloniaes para esses territorios.

Temos em seguida a phase caracterisada pela cultura do café, na terra roxa, alteração da diabase e do porfirito que em vastos lenções de lavas cobriu o permiano do Rio e de São Paulo —; em torno dessa cultura giram ainda os principaes interesses ligados á administração e á politica do paiz. Finalmente, o alluvião amazonico, produzindo na sua exuberancia tropical a vegetação de succos elasticos, attrahindo para o norte parte consideravel dos interesses do Brasil.

Impõe-se, portanto, e cada vez mais, a exploração generalizada e intensiva de nossas riquezas e a consequente promoção de intimas relações interestadaes em nosso paiz, para que a nacionalidade Brasileira se mantenha una, á semelhança do massiço central que forma o nucleo da nossa natureza.

E' indispensavel que a acção dos nossos homens actue nesse sentido.

Se as primeiras tentativas entre nós para uma organização colonial de grande desenvolvimento não deram, fóra do cultivo do café, os resultados desejados, devido principalmente á falta dos elementos indispensaveis para uma cultura intensiva de accôrdo com as exigencias do nosso sólo, não devemos desanimar.

A cultura extensiva tão condemnavel sob todos os pontos de vista, foi tambem usada nos Estados Unidos, pela attracção que produz a larga extensão de terrenos virgens; lá tambem se usaram as derrubadas, as plantações em terreno natural, emquanto bem produzia; o seu abandono, logo que cansado, mais além novas derrubadas, emfim, o cyclo que tão bem conhecemos. Hoje, porém, essa cultura extensiva se tornou allí uma lenda.

Entre nós para praticarmos a cultura intensiva devido ás diffi-

culdades de obtenção de adubos chimicos e dos meios de transporte, teremos forçosamente que recorrer ao adubo animal. Apresenta-se assim, o problema da pecuaria como intimamente ligado ás nossas demais produções agricolas; e, para collaborar na veracidade desse facto vemos autoridades competentes, como Vittorio Nicoli e Freise declararem, após notaveis estudos, como tendo obtido francos successos economicos no Brasil apenas os nucleos coloniaes nos quaes se procurou dar vasto incremento á pecuária.

Surge assim como uma necessidade indispensavel ao desenvolvimento da nossa lavoura, a pecuária — que por si só constitue uma formidavel fonte de receita e uma auspiciosa promessa do nosso enriquecimento futuro.

O fomento da nossa produção exige ainda o estudo do desenvolvimento do credito agricola; do problema da mão de obra, tão complexo no momento actual pela rarefacção havida no mercado de braços; da orientação acertada na escolha dos productos e do instrumental agricola; do transporte, a preços modicos; depende, emfim, da organização da produção em bases scientificamente determinadas.

A nossa posição de fracos exportadores na America, em relação a paizes muito menores que o nosso, como a Argentina e Cuba, precisa, em absoluto, ser alterada.

Havemos de conquistar o posto a que temos direito pela nossa grandeza e pelos nossos recursos; e isso será sómente no dia em que tivermos reconhecido praticamente, como observa, o escriptor inglez Frazer, em relação aos Estados Unidos — que o "Ministerio da Agricultura é a administração mais util do paiz."

(Roberto Simonsen — Discurso de saudação ao Ministro da Agricultura, pronunciado em Santos a 7 deste mez.)

EXPOSIÇÃO DE PINTURA

D. Helena Pereira da Silva, expansionista do Estado de S. Paulo em Paris, abriu este mez á Rua Direita, uma exposição de pintura. Filha de pintor, fez os primeiros estudos com seu pae, o sr. Oscar Pereira da Silva e aperfeiçoou-os em seguida no estrangeiro, sob a direcção de mestres de nomeada como J. P. Laurens, Rochegrosse e Hebert. Ha cerca de tres annos, de volta de França, expoz conjuntamente com Oscar Pereira uma serie de estudos de figura e reproducções de quadros de mestres, nos quaes já denunciava uma forte individualidade de artista. Não eram pintados á maneira commum das senhoritas *prendadas*. Hoje, já mais senhora da sua arte, apresenta-se-nos com estudos de natureza morta, paisagens, marinhas, figuras e até quadros de composição, denunciando em todos um progresso visivel. *Mãe e enfermo*, uma figura de mulher sentada que véla um filhinho doente, é um quadro feito com bastante largueza; a creança, pelo inacabado da pintura, realça mais o trabalho, cujo ponto central á a mulher sentada. Outra composição interessan-

te, embora menos feliz, é o *Interior de sala* onde o arranjo das cadeiras, a diversidade dos moveis e das duas poltronas parecem dispostas com o fim de armar o effeito, artificio que não deixa de peccar contra o bom gosto; já as figuras estão muito bem estudadas. Depois deste merecem menção os quadros de natureza morta nos quaes os meritos da artista são deveras notaveis. Tauto nos de flores — muito bem composto, como nos de metaes e fructas, a sta. Helena dá medida de optimas e invulgares qualidades; alguns delles são verdadeiros quadros do mestre. Não contente com esta variedade de generos abordados, a artista tenta ainda o de interior de igreja, e sae-se da empreza com galhardia. O *Altar da Virgem*, e *Sachristia de S. Julien* são trabalhos dignos do exame, muito bem estudados quanto á perspectiva e ás meias tintas sombrias de agradável effeito. Ha ainda marinhas que em nada desmerecem dos trabalhos de outros generos. Do exame destas telas conclue o observador achar-se diante de uma artista das mais bem dotadas, das mais estudiosas, e das que mais progressos têm feito ultimamente como se verifica pela comparação das suas ultimas composições.

AS CARICATURAS DO MEZ

TUDO E' POSSIVEL



Na duvida sobre se o Conselheiro assume ou não assume, Sancho, que tem a velha pratica do governo da Barataria, resolve empossar-se no governo da Republica da Pirataria e dá a sua 1.ª audiencia á preta Ignez, ministra das Subsistenelas no Cattetinho.

(MAXIMO — "D. Quixote" — Rio).

A INAUGURAÇÃO DA CONFERENCIA DE VERSALHES



— E agora tratemos também da paz!...

(VOLTOLINO — "Il Pasquino Coloniale" — S. Paulo).

VENCIDA!



Agora, as fumaças são de incenso.

(J. CARLOS — "Careta" — Rio).

UMA PEQUENA INFORMAÇÃO



— Vossa Excellencia pôde-me dizer onde é o Palacio do Cattete?

— Deve ser alli, assim, pela rua Senador Vergueiro.

(RAUL — "D. Quixote" — Rio).

O BOLCHEVISMO RUSSO SEGUNDO AS VISTAS INGLEZAS



Se o bolchevismo não quiser reconhecer os empréstimos de guerra.

Se o bolchevismo aceitar o pagamento dos empréstimos de guerra.

(VOLTOLINO — "Il Pasquino Coloniale" — S. Paulo).

INDICADOR

ADVOGADOS:

DR. S. SOARES DE FARIA —
Escrptorio: Largo da Sé, 15
(salas 1. 2 e 3).

DRS. SPENCER VAMPRE',
LEVEN VAMPRE' e PEDRO
SOARES DE ARAUJO — Tra-
vessa da Sé, 6, Telephone 2.150.

DRS. ROBERTO MOREIRA,
J. ALBERTO SALLES FILHO e
JULIO MESQUITA FILHO —
Escrptorio: Rua Boa Vista, 52
(Sala 3).

MEDICOS:

DR. RENATO KEIL — Espe-
cialista em syphillis e vias urina-
rias (molestias dos rins, bexiga,
prostata e urethra). Cons. Rua
Líbero Badaró, 119. Tel. Cent.
5125. Res.: r. Domingos de Mo-
raes, 72. Tel. Cent. 2559.

DR. SYNESIO RANGEL PÉS-
TANA — Medico do Asylo de Ex-
postos e do Seminario da Gloria.
Clinica medica especialmente das
crianças — Res.: R. Bella Cintra,
139. Consult.: R. José Bonifacio,
8-A, das 15 ás 16 horas.

DR. ALVARO CAMERA —
Medico. S. Cruz do Rio Pardo —
S. Paulo.

DR. SALVADOR PEPE — Es-
pecialista das molestias das vias
urinarias, com pratica em Pariz.
— Consultas das 9 ás 11 e das
14 ás 16 horas. Rua Barão de
Itapetininga, 9. Telephone 2.296.

TABELLIÃES:

O SEGUNDO TABELLIAO DE
PROTESTOS DE LETRAS E TI-

TULOS DE DIVIDA, NESTOR
RANGEL PESTANA, tem o seu
cartorio á rua da Boa Vista, 58.

CORRETORES:

ANTONIO QUIRINO — Corre-
tor offieial — Escrptorio: Tra-
vessa do Commerelo, 7 — Te-
lephone 393.

GABRIEL MALHANO — Cor-
retor offieial — Cambio e Titu-
los — Escrptorio: Travessa do
Commerelo, 7. Teleph. 393.

DR. ELOY CERQUEIRA FI-
LHO — Corretor Offieial — Es-
crptorio: Travessa do Commer-
elo, 5 - Tel. 323 — Res.: R. Al-
buquerque Lins, 58. Teleph. 633.

SOCIEDADE ANONYMA COM-
MERCIAL E BANCARIA LEO-
NIDAS MOREIRA — Caixa Pos-
tal 174. End. Teleg. "Leonkdas",
S. Paulo. Telephone 626 (Cen-
tral) — Rua Alvares Penteado —
S. Paulo.

COLLEGIOS:

EXTERNATO DR. LUIZ PE-
REIRA BARRETTO — Admissão
aos cursos superiores da Repu-
blica para ambos os sexos —
Rua Carlos Gomes, 50 — Aca-
cio G. de Paula Ferreira.

ALFAIATES:

ALFAIATARIA ROCCO — Emi-
lio Rocco — Novidades em ease-
mira ingleza. — Importação di-
recta. — Rua Amaral Gurgel, 20,
esquina da rua Santa Izabel. Tel.
3333 — Cidade — S. Paulo.

LIVRARIA DRUMMOND

Livros Escolares, de Direito, Medicina,
Engenharia, Litteratura. — Revistas.
— Mappas. — Material Escolar.

ED. DRUMMOND & COMP.

RUA DO OUVIDOR, 76 — TELEPH. NORTE, 5667 — End. Tel.
— "LIVROMOND" — Caixa Postal, 785 — Rio de Janeiro —

Joallerie — Horlogerie — Bijouterie
Maison d'importation
Bento Loeb
 RUA 15 DE NOVEMBRO, 57 (en face de la Galeria)
 Pierres précieuses — Brillants — Perles — Orfèvrerie — Argent, Bronzes
 et Marbres d'Art — Services en Métal blanc inaltérable
Maison à Paris . 30, Rue Drouot, 30

Casa de Saude

EXCLUSIVAMENTE PARA DOENTES DE
 MOLESTIAS NERVOSAS E MENTAES

Dr. HOMEM de MELLO & C.

Medico consultor — Dr. FRANCO DA ROCHA,
 Director do Hospicio de Juquery

Medico interno — Dr. TH. DE ALVARENGA
 Medico do Hospicio do Juquery

Medico residente e Director
 Dr. C. HOMEM DE MELLO

Este estabelecimento fundado em 1907 é situado no esplendido bairro ALTO DAS PERDIZES em um parque de 23.000 metros quadrados, constando de diversos pavilhões modernos, independentes, ajardinados e isolados, com separação completa e rigorosa de sexos, possuindo um pavilhão de luxo fornece aos seus doentes esmerado tratamento, conforto e carinho sob a administração de Irmãs de Caridade.

O tratamento é dirigido pelos especialistas mais conceituados do São Paulo. Informações com o Dr. HOMEM DE MELLO que reside á rua Dr. Homem de Mello, proximo á casa de Saude (Alto das Perdizes)

Caixa do Correlo, 12 **SÃO PAULO** Telephone, 560

LIVROS USADOS A' VENDA

EM PERFEITO ESTADO

JULIO DANTAS, O Amor em Portugal no Seculo XVIII	5\$000
F. LAGRANGE, La fatigue e le repos	4\$000
FONSSAGRIVES, Hygiène alimentaire	6\$000
FERNET, Les vertus hygiéniques	4\$000
THEOPHILO BRAGA, Cancioneiro Portuguez (2 vols.)	7\$000
MARCHAND, Le gout	3\$000
G. DROZ, Mr. Mme. e Bêbê	3\$000
HAUTECOEUR, Greuze	3\$000

Pedidos á "Revista do Brasil" — Caixa 2-B — S. Paulo



CONVALESCENTES DA GRIPPE

Illmo. Sr.
Pharmaceutico
C. Fontoura.

Para bem de todos communico-lhe que só tenho tido sobrejos motivos de satisfação com o emprego, já bastante extenso, de varios seus preparados, mórmente o seu "BIOTONICO" e os seus comprimidos da GLANDULA THYROIDE. A' vista deste successo venho lembrar-lhe o alvitre de alargar o campo de suas operações pharmaceuticas, quando-nos daqui por diante preparados da therapia pluri-glandular ...
S. Paulo, 6. - Agos-
to - 1918.

Dr.
Perelra Barreto,
Medico.

"O Biotonico Fontoura merece os meus applausos e applicação. A associação feliz do phosphoro, arsenico e ferro, nesthenia e RESULTADOS DA GRIPPE — encontra sua verdadeira approvação pela feliz combinação das substancias que o compõem. Nos casos de biotose, taes como dyspepsias atonicas, anemia, neuta época de tanta decadencia organica, será usada sempre com proveito para os organismos debilitados.

BRAGANÇA.

Dr. J. H. Perelra Guimarães — Medico."

A' VENDA NAS DROGARIAS E PHARMACIAS



Edições da "Revista do Brasil"

Sacy-Pêrêrê — Interessante estudo de folk-lore, em bello volume de 300 paginas, papel Buffon, e illustrado com numerosas gravuras de pagina luteira.

PREÇO — 4\$000

Pelo correio — 4\$500

Urupês — contos por Monteiro Lobato, terceira edição

(4.º a 7.º milheiro). PREÇO — 2\$000

Pelo correio — 2\$300

A SAHIR:

Vida e Morte de Gonzaga de Sá — romance de Lima Barreto o laureado autor do "Triste fim de Policarpo Quaresma" e das "Memorias do escriptão Isaias Caminha".

Rindo — Os melhores trabalhos satiricos e humoristicos de Martim Francisco.

PEDIDOS A

"REVISTA DO BRASIL"

CAIXA 2 B — S. PAULO

HA MUITAS MACHINAS ...

... mas nem todas realisam o beneficio do café da maneira impecavel por que o faz a machina "Amaral".

O attestado que abaixo publicamos, firmado por um nome da mais absoluta respeitabilidade tanto no nosso meio social como nos circulos da lavoura, — resume com simplicidade o maior elogio que se pudesse fazer á machina "Amaral".

"PIRASSUNUNGA. — Fazenda "Jatobá", 30 de Outubro de 1918 — Ilmo. sr. Director-Gerente da Companhia Industrial "Martins Barros". — S. Paulo.

Concluindo hoje o beneficio da decima safra de café desta fazenda depois que aqui assentei a machina "AMARAL", de fabricação dessa Companhia, — venho espontaneamente significar-lhe o inteiro agrado em que me acho quanto a essa machina, para mim sem igual entre todas as suas congeneres.

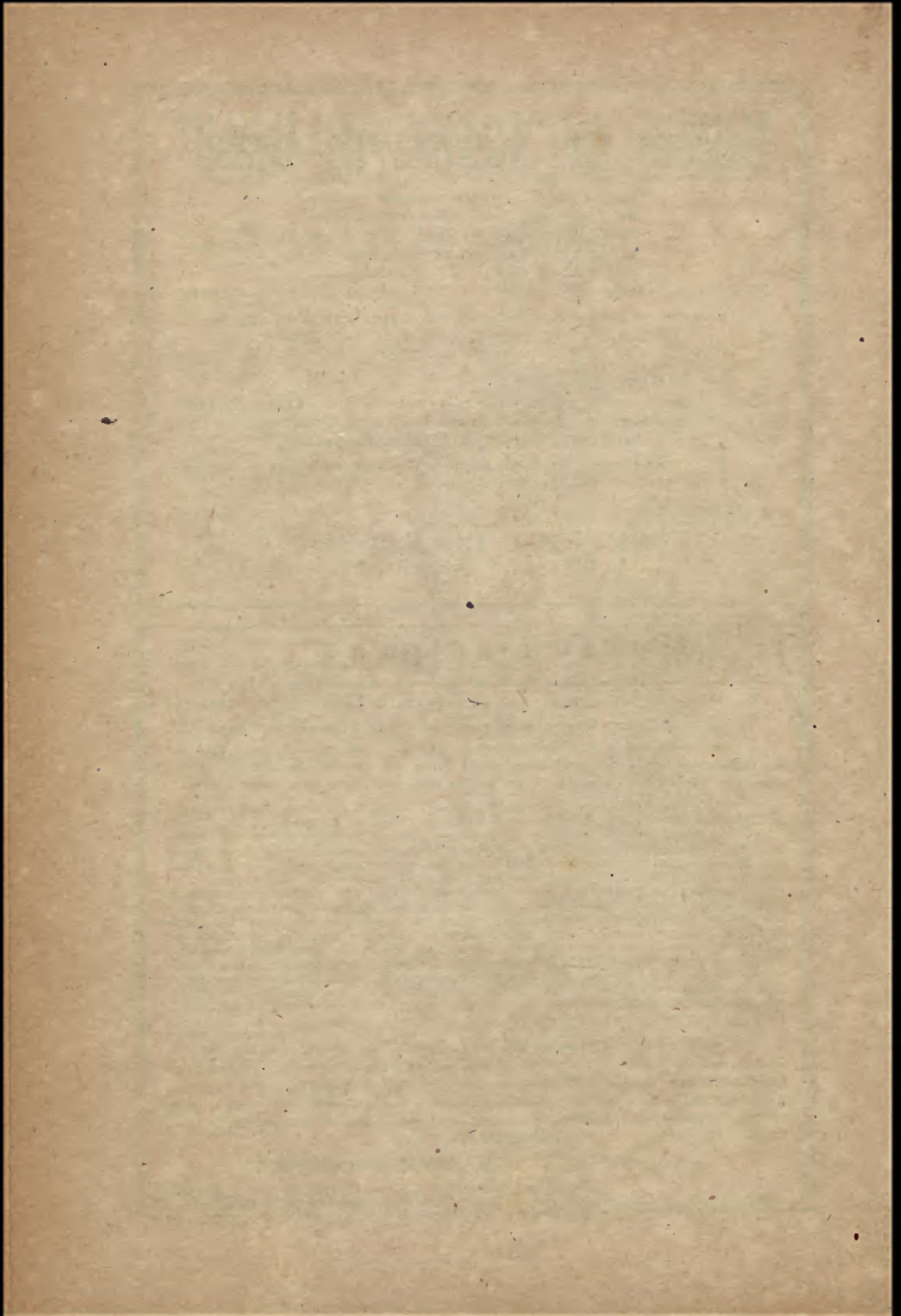
Movida rusticamente a agua, manobrada quasi por simples camaradas e trabalhando por vezes á noite, — minha machina tem já beneficiado para mais de 150 mil arrobas de café, sem ter tido nunca mais pequeno accidente. Economia de força e de tempo, de correias e lubrificantes, tudo me tem ella permittido, ao passo que mantém os meus cafés, em Santos, na ordem dos mais bem preparados que lá se apresentam. E' por isso que a tenho sempre recommendado aos fazendeiros das minhas relações, os quaes por sua vez me têm confirmado esse julzo. Congratulando-me com v. s. pelo legitimo triumpho da sua excellente machins, sou com estima e consideração, seu — Att.º cr.º obr.º (a) BENTO BUENO".

SR. LAVRADOR !

Si v. s. ainda não escolheu a machina que ha de assentar em sua fazenda de café, — não realize o seu negocio sem primeiramente procurar conhecer as reaes vantagens de ECONOMIA e de SOCEGO DE ESPIRITO que a machina "Amaral" lhe poderá proporcionar. Mande-nos o seu endereço hoje mesmo, para receber informações completas, catalogo, orçamentos, planta de installação, etc. TUDO SEM O MENOR COMPROMISSO para v. s.

CIA. MARTINS BARROS

Rua Boa Vista N. 46 — Caixa, 6 — S. Paulo

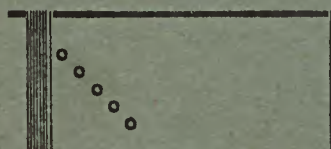


ETABLISSEMENTS BLOCH

Société Anonyme au Capital de 4.500.000 francos

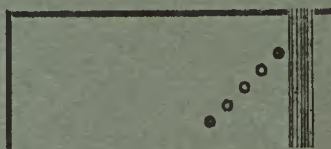


FAZENDAS, TECIDOS, ETC.



RIO DE JANEIRO

116, Rua da Alfandega



S. PAULO

Rua Libero Badaró, 14

PARIS, 26, CITÉ TRÉVISE

As Machinas **LIDGERWOOD**

Para CAFÉ MANDIOCA
ARROZ MILHO
ASSUCAR FUBÁ, etc.

São as mais recommendaveis para a lavoura, segundo
experiencias de ha mais de 50 annos no Brasil

GRANDE STOCK de Caldeiras, Motores a vapor, Rodas de
agua, Turbinas e accessorios para a lavoura

CORREIAS-OLEOS-TELHAS DE ZINCO-FERRO EM BARRA

GRANDE STOCK de canos de
ferro galvanizado e pertences

CLING SURFACE, massa sem rival para conservação de correias

Importação directa de quaes-
quer machinas, canos de fer-
ro batido galvanizado para
encanamentos de agua, etc.

Para informações, preços, orçamentos, etc., dirigir-se a

Rua de São Bento N. 29-G
SÃO PAULO

OFFINAS DO "O ESTADO DE S. PAULO"



REVISTA DO BRASIL

SUMMARIO

REDACÇÃO	O Momento	133
BRENNO FERRAZ DO AMARAL.	Um confronto infeliz	135
MARTIM FRANCISCO	Viajando (VII)	140
MONTEIRO LOBATO	O caso do tombo	155
SUD MENNUCCI	Uma nova expressão de arte (II)	161
ORVILLE A. DERBY	Um trabalho inédito	171
J. A. NOGUEIRA	Paiz de ouro e esmeral- da (III)	177
MARIA EUGENIA CELSO		
CARLOS DE MAGALHÃES AZE- REDO	Versos	184
LÉO VAZ	O colibri	193
FRANCISCO IGLESIAS	Cinco annos no Norte do Brasil (II)	196
ALFONSO D'ESCRAGNOLLE TAUNAY	Um album de Elisa Lynch (III)	202
PORFIRIO SOARES NETTO	Impressões de viagem	208
ANTONIO MAURO	Lingua vernaçula	217
FIRMINO COSTA	Vocabulario analogico	220
	Artes e Artistas	223
REDACÇÃO	Bibliographia	227
	Presença do mez	233

(Continúa na pagina seguinte)

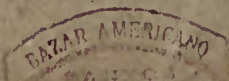
PUBLICAÇÃO MENSAL

N. 38 - ANNO IV

VOL. X

FEVEREIRO, 1919

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA DA BOA VISTA, 52
S. PAULO - BRASIL



RESENHA DO MEZ: — Conselheiro Rodrigues Alves (*Redacção*) — Olavo Bilac (*J. A. Nogueira e Micromegas*) — A conferencia da paz (*Otto Prazeres*) — A prosodia brasileira no theatro (*Julio Nogueira*) — Homenagem a Euclides da Cunha — Mobilisação de versos (*Micromegas*) — Maridos poetas (*X. X.*) — Usos e costumes da Camara dos Communs (*Alter Ego*) — A belleza da Mulher — Ermete Novelli — Uum rebocador de helice aerea — A ankylostomiase (*Belisario Penna*) — A travessia do Atlantico pelo ar — D. Luiz de Orléans e Bragança — Pinheiro Junior — As carieaturas do mez.

ILLUSTRAÇÕES: — Retrato de Euclides da Cunha — Passagem perigosa, Barbeiro de Imbituva, Dentista amator, O orfão, Mau pouso, Corre! corre!, Fim de lueta e Bébe, ladrão!, quadros de A. Zimmermann — Um raio de Sól, Vargem da Penha, Macega orvalhada e Nos campos de Baurú, quadros de Campos Ayres.

As assignaturas começam em qualquer tempo e terminam em Junho ou Dezembro

REVISTA DO BRASIL

PUBLICAÇÃO MENSAL DE SCIENCIAS,
LETRAS, ARTES, HISTORIA E ACTUALIDADES

Director: MONTEIRO LOBATO.

Secretario: ALARICO F. CAIUBY.

Directores nos Estados:

Rio de Janeiro: José Maria Bello.

Minas Geraes: J. Antonio Nogueira, Bello Horizonte.

Pernambuco: Mario Sette, Recife.

Bahia: J. de Aguiar Costa Pinto, S. Salvador.

Ceará: Antonio Salles, Fortaleza.

R. Grande do Sul: João Pinto da Silva, P. Alegre.

Paraná: Seraphim França, Corytiba.

Amazonas: João Baptista de Faria e Souza, Manáos.

ASSIGNATURAS:

Anno	15\$000
Seis mezes	8\$000
Edição de luxo, anno.	22\$000
Seis mezes	12\$000
Numero avulso	1\$500

Assignatura com direito a registro no correio: mais 2\$400 por anno.
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

RUA DA BOA VISTA, 52

S. PAULO

Caixa postal: 2-B — Telephone, 1603, Central.

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao director.

BYINGTON & C.

Engenheiros, Electricistas e Importadores

Sempre temos em stock grande quantidade de material electrico como:

MOTORES

FIOS ISOLADOS

TRANSFORMADORES

ABATJOURS LUSTRES

BOMBAS ELECTRICAS

SOCKETS SWITCHES

LAMPADAS

1/2 WATT

CHAVES A OLEO

VENTILADORES

PARA RAIOS

FERROS DE ENGOMMAR

ISOLADORES

TELEPHONES

LAMPADAS ELECTRICAS

Estamos habilitados para a construcção de installações hydro-electricas completas, bondes electricos, linhas de transmissão, montagem de turbinas e tudo que se refere a este ramo.

UNICOS AGENTES DA FABRICA

WESTINGHOUSE ELECTRIC & MFTG Co.

Para preços e informações dirijam-se a

BYINGTON & COMP.

Largo da Misericordia, 4

TELEPHONE, 745

SÃO PAULO

PEREIRA IGNACIO & C.

INDUSTRIAES

Fabrica de Tecidos PAULISTANA E LUSITANIA
nesta Capital, e LUCINDA, na estação
de S. Bernardo (S. Paulo Railway)
Vendedores de fios de algodão, crús e mercerizados

*Compradores de Algodão em
Caroço em grande escala, com
machinas e AGENCIAS nas
seguintes localidades, todas
do Estado de S. Paulo:*

*Sorocaba, Tatuhy, Piracicaba,
Tieté, Avaré, Itapetininga,
Pirajú, Porto Feliz, Conchas,
Campo Largo, Boltuva,
Pyramboia, Monte Mor,
Nova Odessa, Bernardino de
Campos, Bella Vista de Tatuhy.*

*GRANDES NEGOCIANTES
de Algodão em rama neste
e nos demais Estados al-
goeiros. com Representações
e Filiaes em Amazonas, Pa-
rá, Pernambuco, Bahia, Rio
de Janeiro, Rio Grande do Sul*

CODIGO RIBEIRO PARA TODAS AS AGENCIAS

Escriptorio Central em S. PAULO

RUA DE S. BENTO n. 47

Telephones: 1536, 1537, 5296, Central
Caixa postal n. 981

Proprietarios
da conhecida
Agua Mineral

PLATINA

Cognominada
A VICHY
Brasileira

A melhor agua de mesa

Acção medicinal
A PLATINA, cuja FONTE
CHAPADÃO, está situada na
estação da PRATA, é es-
crupulosamente captada, sen-
do fortemente radio-activa e
bicarbonatada sodica como
a VICHY e é como esta
agua franceza

Vendida em
garrafas escuras

The British Bank of South America, Ltd.

FUNDA DO EM 1863

Casa Matriz, 4 MOORGATE STREET, LONDRES

Filial em São Paulo, RUA S. BENTO N. 44

CAPITAL SUBSCRIPTO . £ 2.000.000	Succursaes: MANCHESTER, BAHIA,
„ REALISADO . £ 1.000.000	o RIO DE JANEIRO, MONTEVIDÉO,
FUNDO DE RESERVA . £ 1.000.000	ROSARIO DE STA. FÉ e BUENOS AIRES.

O Banco tem correspondentes em todas as principais cidades da Europa, Estados Unidos da America do Norte, Brasil e Rio da Prata, como tambem na Australia Canadá, Nova Zelândia, Africa do Sul, Egypto, Syria e Japão.

Emittem-se saques sobre as succursaes do Banco e seus correspondentes.

Encarrega-se da compra e venda de fundos, com-tambem do recebimento de dividendos, transferencias e egraphicsas, emissão de cartas de credito, negociação e cobrança de letras de cambio, coupons e obrigações sor-eadas e todo e qualquer negocio bancario legitimo.

Recebe-se dinheiro em deposito, abonando juros como segue:

Conta Corrente . . . 3 %	Prazo Fixo: Trez mezes 4%
Aviso prévio de 30 dias 4%	„ „ Seis mezes 5%
„ „ „ 60 dias 5%	„ „ Doze mezes 6%

Wilson Sons & Co. Limited

SÃO PAULO

RUA B. PARANAPIACABA N. 10

Caixa Postal 523 ■■■■■■ End. Tel. "Anglicus"

■ Armazens de mercadorias e depositos de carvão ■
com desvios particulares no BRAZ e na MOÓCA

AGENTES DE

Alliance Assurance Co. Ltd., Londres	Seguros contra fogo
J. B. White & Bros. Ltd., Londres	Cimento
Wm. Pearson Ltd., Hull	Creolina
T. B. Ford Ltd., Loudwater	Mataborrão
Brooke, Bond & Co. Ltd., Londres	Chá da India
Read Bros. Ltd., Londres	Cerveja Guinness
Andrew Usher & Co., Edinburgo	Whisky
J. Bollinger, Ay Champagne	Champagne
Holzapfels, Ltd., Newcastle-on-Tyne	Tintas preparadas
Major & Co. Ltd., Hull	Preservativo de madeiras
Curtis's & Harvey, Ltd., Londres	Dynamite
Gotham Co. Ltd., Nottingham	Gesso estuque
P. Virabian & Cie., Marselha	Ladrilhos
Platt & Washburn, Nova York	Oleos lubrificantes
Horace T. Potts & Co., Philadelphia	Ferro em barra e em chapas

Unicos depositarios de

Sal legitimo estrangeiro para gado marca "LUZENTE".

Superior polvora para caça marca "VEADO", em cartuchos e em latas. :: :: :: :: :: :: :: :: :: :: :: :: :: ::

:: :: :: :: Anil "AZULALVO" o melhor anil da praça.

Importadores de

Ferragens em geral, tintas e oleos, materiaes para fundições e fabricas, drogas e productos chimicos para industrias, louça sanitaria, etc. —————

OFFICINAS
E
GARAGE MODELO

A. DIAS CARNEIRO



Unico importador dos

**Automoveis OVERLAND
e WILLYS KNIGHT**

GRANDE STOCK DE ACCESSORIOS
PARA AUTOMOVEIS

Deposito permanente dos Pneumaticos
"FISK"

Mechanica - Pintura - Sellaria
Carrosserie - Vulcanisação -
Electricidade.

EXECUTA-SE QUALQUER ENCOMMENDA COM
RAPIDEZ

Telephones CENTRAL
Escriptorio N. 3479 — Garage N. 411
Caixa Postal N. 534 - End. Telegr.: "ALDICAR"
RUA 7 DE ABRIL N. 38 SÃO PAULO
Avenida São João, 18 e 20 --- Canto Libero Badaró

:: CASA FRANCEZA ::

DE

L. Grumbach & C^{ia}

Rua SÃO BENTO, 89 e 91

SÃO PAULO

CASA MATRIZ

EM PARIS

17 Bis, RUE DE PARADIS

Louças, Vidros, Crystaes,
Porcellanas, Objectos de
Arte para Presentes,
Baterias de Cosinha.



VENDAS A VAREJO E POR ATACADO
:: IMPORTAÇÃO DIRECTA ::



O MOMENTO

Levada pelo cansaço da medioeridade, a nação aspira alçar á governança suprema um homem que rompa a cadeia dos presidentes emperrados. Até aqui a qualidade "mater", o gaz ascensional que levava até á curul presidencial era a compostura grave, a palavra parcimoniosa e ôca, a sentenciosidade revendo ao famoso conselheiro de Eça, o silencio que simula alta concentração de espirito, a ruga na testa e o gesto de Pacheco nas occasiões solemnes. Sob esta ridicula indumentaria as mais velhaças raposas da Republica creavam-se fama de emeritos estadistas, evitavam as posições definadas e, de degrau em degrau, subiam de ignaras vereanças á cuspide num colleio manhoso e paciente de lagarta que sobe da raiz da arvore á flor. A serie dos medioeratas foi apenas interrompida por uma farda de boas intenções, mas hilariante, e hoje, neste momento critico para todas as nacionalidades, culmina, pittorescamente, na chefia Moreira, de que não tem culpa nenhuma a excellente creatura que deve ser o Sr. Delphin Moreira.

Chegada a situação a estes termos, evidentemente o apogeu do sistema medioerata, o instineto da nacionalidade adverte-se da má vereda trilhada, abrem-se-lhe os olhos ao paiz e em todas as almas brota o aneio pela mudança de sistema. Já que experimentamos, com resultados nada lisonjeiros, a gamma inteira da medioeridade eom alguns pobres de espirito de jambugem, experimentemos o inverso agora, ponhamos no leme



um homem cuja vida tenha sido uma permanente afirmação de valor mental. E como sob os moldes pedidos só havia um, a nação unanime apontou-o logo: Ruy Barbosa

A velha politica, entretanto, tenta reagir e inpor á nação, mais uma vez, um titere fabricado "ad-hoc" nos conciliabulos da cuscuvillice patoteira. Não lhe convem abandonar a presa. Ruy não será um seu disciplinado expoente. E' um indesejavel viciado pelo crime de valer mais que os outros. E, como um Diogenes de saia, ella gyra e regyra ás tontas procurando de norte a sul o mediocre geitoso, convinhavel á situação. De balde o procura. A hora fatal dessa politica já soou. O Brasil pela primeira vez na vida republicana se resolve a "querer". Sob o ponto. Não se limita a querer. Exige.

— E' crível, então, que o morto resuscite? que Gulliver rompa a trama e onse correr com a chusma de Lilibut?

E' espantoso, mas succede esse estranho phenomeno. A Opinião Nacional, jamais consultada, ergue a voz e pelas mil boccas da opinião publica exige a presidencia Ruy. O medo ao arrengho das facções politiqueiras do exercito desaparece, e todo mundo sorri compadecido das manobras microscopicamente conspirativas de vagos tenentes ignaros. A submissão ao situacionismo politico desfaz-se. Affirma-se a vontade collectiva. A vontade virilisa-se. A nação "quer" Ruy Barbosa. O futuro presidente será, pois, Ruy Barbosa.





UM CONFRONTO INFELIZ

BRASIL E ESTADOS UNIDOS

Contra a justiça dos homens, a justiça da Historia.

Si a primeira é falha, a segunda não erra. Dentro dos annos a voz verdade se ouvirá, valendo aos bons, condemnando os máus. Tarda mas não falta... E por esse teor se adensam as illusões dos que em vida não foram entendidos e que deitam para além, entre os posteros, a esperança do galardão que lhes foge.

Entretanto, de mãos humanas são a Historia e si a humana justiça falhou, não admira ás vezes falseie a outra. O mal tem muita força. E a equidade, como as virtudes flacida e morna, só a muito custo se equilibra.

Eis a nacionalidade nascente e já constituída depois, julgada por nós, que nos arrogamos o direito que a um livro — si livros pensassem e julgassem — competiria de razão. Olhos postos lá fóra, ovuidos tontos da catilinaria farfalhante, sem discernir o que se fizera cá do que se nos mostrava — julgámos e condemnamos setenta annos de vida nacional: — “éras de emperramento”, “ominosos tempos”....

Porque? — Porque Feijó consolidou a nação, mas não inventou o trem de ferro! Porque Rio Branco libertou o ventre escravo, mas não descobriu a luz electrica! Porque Mauá nos déra a locomotiva e a supremacia financeira na America, mas não inventou o telephone! Porque a princeza assignou a lei aurea, mas não, ideou o automovel, nem Ouro Preto o cinema!...

E toda a psychologia daquellas phrases-sentenças se tresdobra em razões taes, em taes considerandos que, de feito, não são para desdens...

Olhos em Nova York, ouvidos em Lopes Trovão, justiçaámos logo, na praça dos comícios, meia duzia de memoraveis decadas historicas. Pouco se nos dá da relatividade das cousas: — nossos juizos são absolutos. A divergencia profunda entre a nossa e a colonisação dos Estados Unidos, a grande extensão do nosso littoral, a diminuta densidade de nossa população, nada considerámos nem estudámos. Vimos em bruto a fachada “yankee” e sem lhe penetrarmos sequer a Historia, reclamamos para nós os cartazes estapafurdios, que atrahem papalvos ao theatro de uma civilisação de emprestimo...

Um dia descobrimos a America do Norte. Noutro copiamol-a. No terceiro, vaidosos, enfatuados, condemnámos-nos, envergonhados do passado. Civilização é luz electrica e cinema! Progresso é automovel e telephone, cidade cheia e movimento! Nos onimosos tempos do emperramento"... duplicara-se a zona povoada da provincia de São Paulo e a sua população — de 219.200 em 1822 — quadruplica-se quasi em 1872, quando é já de 837.300. Ninharias... De 1873 a 1886 entram no paiz, apesar da escravidão, 304.000 immigrantes, na media de 21.700 por anno; em 1887, sobe esta a 55.000, correspondendo a São Paulo 34.700; no anno da Abolição recebemos 161.000, dos quaes a provincia toma 92.000... (1).

Nessas epochas malfadadas construíram-se as estradas Ingleza, Pedro II, Paulista, Ituana, Sorocabana, Rio Claro, Mogyana. Desbravou-se o “Oeste”. Coisas de nonada... Onde o automovel, o grammophone, o cinema?

A polychromia newyorkina a illustrar as nossas paginas, as mil e uma noites desdobradas pelas cidades, o estupefaciente que enche os olhos — é o que queríamos, a todo o transe. Ademais, a Republica precisava deslumbrar para conter o instincto conservador da nação. Com algo palpavel e brilhante, compensar-se-ia a derrocada de sentimentos, em que o proprio, archaico patriotismo chafurdou: — para “distrahir a opinião publica”, favoreceu-se o “encilhamento”.

E o confronto dos dois grandes paizes, o do Sul e o do Norte do continente, foi o maçante logar commum da propaganda, a sua melhor figura e o agente mais forte de nosso scepticismo. Pois, em setenta annos de independencia, não fomos, cá em baixo, o que ha muito, lá em cima, já eram os outros!

*

Transpondo, portanto, os porticos babylonicos de uns e as portas vetustas de outros, penetremos-lhes nas casas, a ver si na vontade e possança destes estava o imitar aquelles na altura monumental de suas obras.

Em 1531, á ordem d’el-rei, Martim Affonso fundava São Vicente e Piratininga, miseros feudos, os primeiros do Brasil. Um seculo mais tarde, em 1526, puritanos perseguidos por Carlos I, estabele-

ciam Salem, no Massachusetts, levando a prioridade, não apenas no povoamento da America Ingleza, senão no crear a comunidade politica baseada estrictamente nas regras do Direito.

Uma, a Edade Media rediviva. Outra, a Edade Moderna recém-nada. Cartas-regias e magistrados recebia da Europa a primeira. Promulgava a segunda constituições, regulamentos, leis e decretos; nomeava autoridades. Uns eram vassallos fieis, attentos e obedientes ao real appello: — traziam no espirito seculos de feudalismo gothico, seculos de imperialismo arabe. Outros eram os rebeldes que fugiam: — com a independencia, que trouxeram para sua sociedade, trouxeram tambem uma civilização de uma centuria d'annos adiantada á que bordejou para o Sul, nas náos do Tejo. Ao depois, tivemos cá o governador e a tropa. Lá nunca se soube o que eram vice-reis, nem capitães generaes.

A colonisação proseguu no correr do seculo, estabelecendo-se no seguinte o ultimo dos primitivos treze Estados, que em 1776 dispensaram a suzerania da Inglaterra: — Maryland, em 1632; Connecticut, em 1633; Rhode-Island, New-Hampshire, Virginia, Nova York, Delaware, a seguir; as duas Carolinas, em 1663; New-Jersey, em 1664; Pennsylvania, em fins do seculo; e Georgia, em 1733.

Entretanto, a estrutura colonial do Brasil definira-se, já no primeiro quartel do seculo de 600. Quando emigrados catholicos fundavam Maryland, que como a Virginia se governava por liberrimo regimen a que pouco a independencia alterou — Pernambuco, opulento de engenhos e de brios nocionaes, galhardamente começava de bater o hollandez. Bahia e São Vicente, pela mesma época, nadavam em aureo e doce mar: — o assucar abundava...

A quem não enxerga, todo este cortejo nos condemna por incapazes. Cem annos de precedencia! Ao fim delles, riqueza e fartura. No emtanto, os Estados Unidos, 150 annos após iniciada a colonisação, 43 depois de ultimada, sacudiam para longe as cadeias da dependencia... E seria mesmo desolador, não intervissem por nós algumas circumstancias de nota:

1.º A America do Norte, contava tres milhões de habitantes em 1776, entretanto que só 46 annos depois, em 1822, attingia o Brasil a essa população;

2.º a superficie dos treze Estados revoltosos, limitados pelo Atlantico a Leste e Mississipe a Oeste, pouco excederia á do Estado de Minas;

3.º as capitánias do Brasil dispersavam-se por 7.920 kms. de littoral, quatro ou cinco vezes mais extenso que o daquellas colonias;

4.º a densidade de população, factor maximo do progresso, era aqui muitas vezes inferior;

5.º o bandeirismo, que além não se registrou, si nos deu Minas, Goyaz e Matto Grosso, arruinou São Paulo, Rio, Bahia e Pernambuco.

6.º) e como si não bastasse a desesperadora ruína de São Paulo, com que se fechou a epopéa de ouro, Iguatemy, Sacramento, Missões, continuavam a sugar-lhe, annos e annos, o melhor das vidas e energias.

Considerem-se taes factos. Depois, julguem-se os povos e as historias.

Não se nega o assombroso desenvolver da America Inglesa. Pedir, porém, á Portugueza identico surto é desprender-se a gente de toda a realidade: — a extremal-as na capacidade de progresso basta a simples, eloquente consideração geographica, que, si a umas colonias congrega, a outras isola entre desertos e desertos.

Tres seculos de dianteira levam-nos os yankees e, talvez, mais: — seu viver de povo livre, que legisla, estuda e lê, data de seu apparecimento. Quando da guerra separatista, já possuíam universidades e imprensa. A 4 de Julho de 1776 declararam uma independencia já feita. A 7 de Setembro de 1822 luiciamos apenas a constituição de um grande Estado. Regimen, leis, eleições, governos, Direito, tudo o que organisa uma nação foi desde ahi ensaiado por nós. Registra a primeira daquellas datas, mais um nome entre os palzes Independentes e mais uma potencia entre as potencias do mundo. A segunda registra um nome. Porque nação constitulda só o somos, de facto, desde Feijó e Pedro II. Elles, os consolidadores da nacionalidade, que vinte annos gastára a convalescer do absolutismo e da demagogia.

Mas, não quer isto dizer que andamos assim “emperrados”. Um contemporaneo, Armitage, consigna os progressos do Brasil sob Pedro I, dando-o por maiores que os dos tres seculos da colonia, inclusive o reinado de D. João VI.

Como, pois, olhos fitos nos Estados Unidos, chamar “emperramento” ao periodo mais grave, mais relevante e mais fecundo da Historia iniciada por Martim Affonso e Ramalho, Thomé de Souza e Diogo Alvares?

Sim. Mais grave, mais relevante e mais fecundo. Porque da separação ao desmembramento era um passo. Deste ao dominio extrajelico, outro. Ao contrario, um salto foi o que demos, o menor que a razão admittia: — de colonia a Imperio liberal, mantidas independencia, cohesão e tradições nacionaes.

“Emperramento”, porque não adoptamos a federação? Mas senso de homem de elso justificará para um seculo antes o que até hontem era a vergonha da Republica e ainda hoje não é positivamente o seu orgulho? Imaginem-se os Acciols, os Montenegros, os Lemos ha cem annos...

“Emperramento” porque logo não libertamos os escravos? Entretanto falha ahi o padrão da America... E foi, decerto, mesmo por falhar que o fizemos tão tarde.

“Emperramento”, porque não promovemos a immigração? Ainda

hoje, porém, os desertos do Norte, de Minas, Goyaz e Matto Grosso — oito ou nove decimos do paiz! — aguardam a regeneração pelo estrangeiro. . . .

O facto é que, bem pesadas as coisas, bem medidos os homens, são os nossos Andradas, Feijós, Evaristos, Rebouças, Paranhos, Mauás e Cotegipes, tão grandes como os Washington, Franklin e Lincoln, que si na apparencia foram maiores, nunca se obrigaram á obra ideal e exhaustiva — que não desiumbra como as conquistas e os monumentos — de fazer-se uma Patria, que elles, de muito, já encontraram feita e perfeita.

Para que o confronto nos condemnasse seria preciso que o Brasil colonial se tivesse circumscripto, por exemplo, ás capitánias que vão de Bahia a Pernambuco; e que a população da colonia inteira ahí se congregasse até fins do seculo XVIII. Si assim fosse, para que o surto do nosso progresso se comparasse ao dos Estados Unidos dispensar-se-lham as outras vantagens de organização, que estes nos levaram. Porque o grande milagre da America Ingieza foi conter suas energias expansionistas até a entrada do seculo XIX, seculo da maturidade da civilização néo-latina, época tardia mas feliz em que se multiplicaram os treze Estados Americanos, até attingir a California e o Pacifico, o esplendor da riqueza e o prestigio da força.

Entretanto, fale por nós Oliveira Martins: (2).

“Para bem avallar o desenvolvimento das duas grandes nações americanas é mister não contrapôr numeros que abstractamente nada significam: é necessario comparar a “ratio” d’esse desenvolvimento. Pois tão pouco tem crescido a população brasileira? Absolutamente será pouco, relativamente é tanto ou mais que nos Estados Unidos”.

“A povoação dos Estados Unidos era de 4 milhões em 1790; e subia a 33 em 1870: octopticára.

A do Brasil, estacionaria no elemento negro, “decuplicou” no elemento europeu:

	1789	1816 (Baibi)	1872
Brasileiros	}	800.000	8.200.000
Extrangs. europeus			843.000

Os dois Imperios nossos não fizeram milagres: — deram-nos Patria; dentro da Patria, ordem; fóra da Patria, honra. As revoltas militares, os estados de sitio, as falcatruas e os “fundings” vieram depois. O progresso. . .

Forçoso é confessai-o, só a Republica nos deu o grammophone e o cinema.

BRENNO FERREZ DO AMARAL

(1) V. “S. Paulo no Seculo XIX”, Theodoro Sampaio, vol. VI da “Rev. do Instituto Hist. e Geogr. de S. Paulo”, pag 197.

(2) V. “O Brasil e as colonias portuguezas”, Oliveira Martins, pag. 163.



VIAJANDO ⁽¹⁾

(COIZAS DO MEU DIARIO)

1913

S. Paulo e Suissa — Maio, 18

— S. Paulo tem muito mais de tres milhões de habitantes; pouco menos de quatro a Suissa tem.

A Suissa importa estrangeiros e exporta relógios; S. Paulo importa empréstimos e exporta juros.

S. Paulo é a zona brasileira onde mais se sabe ler e escrever; a Suissa é o primeiro paiz da Europa em instrução primaria.

Tem a Suissa em Guilherme Tell a sua legenda patriótica; em Amador Bueno tem S. Paulo a sua.

O paulista não é o mais intelligente dos brasileiros; o suíço não é o mais intelligente dos europeus.

Da montanhoza região suíça, a mais central da Europa, nascem e partem rios em todas as direções; da região, paulista, com mediterraneo fluvial, partem o Paraíba — norte, o Tieté e o Paranapanema - oeste - sul, alteando-se em sua fronteira — norte o maior dos nossos picos orographicos.

O paulista explora cafezaes; o suíço explora hotéis.

Com o espirito mobiliado dessas asserções comparativas, um pouco de entusiasmo pelo gosto literario de René Morat, muito pelo talento do Drammor, caixeiro em Santos em 1853-6, um acautelador forradissimo sobretudo e tin-

(1) — Vide os numeros de Agosto a Janeiro.



turas geraes de historia helvecia, entro no vagão e sentome ao lado duma cara larga, dois olhos pardo-claros, nariz proporcionado, sorrizo natural, lealissimo: tudo dum quarentão austro-italiano que me começa a olhar para a bengala insistentemente: bengala de inquebravel muiRAPINIM, encimada por castão de prata com as minhas iniciaes.

Para a melhor das Republicas

Dia esplendido. Comboio grande; marcha regular. A principio a monotonia da planicie é perturbada pela successão de povoações nas quaes predomina um agradável esbranquiçado pallido. Aparece de repente uma montanha, mais outra, outra; bordeja-se o Lago Maior; fogem Arona, Leza, Streza, Palanza. Separamo-nos: para a direita o lago, para a esquerda eu, que com o trem tomo direção das geleiras. Lindas, mais ainda do que na orografia itala, descem ellas do capuz das montanhas, estendendo-se em lençoes de meia legua, desfazendo-se, nos sulcos dos sopés, em fios dagua que vão alimentar os rios. Lindo!

Entramos num valle. Saímos. Repetem-se os tunneis. Eletrifica-se o trem. Proseguimos. Escancara-se um caminho entre dois morrões. Avante! Silencio cavernozo; vinte e sete minutos de Simplon. Estamos no maior dos tunneis; cazo distanciadissimo de atavismo zoologico: lição da minhoca ao homem; cazo de mocidade progressiva: lição da vereda ao tunnel.

Reaparece o sol. Alegria communicativa, irreprimivel. A troca de jornaes prelexta conversações, que a fome commun e um bem temperado cardapio alimentam sem constrangimento. Entre a sobremeza e o café já parecemos, o austriaco e eu, velhos amigos, companheiros de muitos annos.

Quem era elle?

— ?

— Carlos Kraft, capitalista, grande proprietario em Nice, cazado, tres filhos, espoza enferma, comprador de titulos brasileiros, colleccionador de madeiras, das quaes lhe faltava muiRAPINIM.

... Quando em Montreux apertando na larga destra o cabo da já sua bengala e exclamando de dois em dois minutos. "Joliè canne! Jolie canne!", Carlos Kraft se despediu, prometi-lhe meu cazal e respetivo appetite para um al-

moço, em Nice, em data de 3 de Maio. Fui além no compromisso: prometi-lhe cumprir a promessa.

— Passam Verey, Lutry; uma caza, dez cazas, centenas: elegamos. Já era tempo.

Em Lausanne

— Acrescentei duas ás 60714 almas que o ultimo recenseamento contou em Lausanne. Bom o Hotel Continental; fica em frente á Estação Central que derrama na cidade, de hora em hora, gente de todos os tamanhos; caras de todos os feitios; e isso sem o berreiro da estações italianas, sem delongas na entrega dos bilhetes, sem divergencia num vintem de bagagens.

Tudo regulamentado. Tudo previsto. Tudo sabido de vespera. Sente-se, logo ao pôr pé em terra, que a ordem se assenhoreou de tudo que nos pertence.

Devia ser assim o governo dos incas. Tão metodizado, tão administrado, tão cazo—julgado foi elle que, incapaz de qualquer iniciativa, o educando das doutrinas de Mancocapac ponde, sem prejuizo individual, dispensar o alfabeto; perdeu-o, esqueceu-o, substituindo-o por “quipos” (nós) que, na decisão dos pleitos, os magistrados dezátavam como podiam. Quando, em Réclus, eu soube dessas coizas, achei-lhes um certo sabor brasileiro; noto-lhes agora, porém, na previdencia, na tranquillidade, na concordancia generalizada, incontestaveis traços de civilização suissa. O suisso é servo da lei; á lei, qualquer que ella seja, compete descobrir ou não descobrir a polvora. Na Suissa quem manda é a lei. Assim pensando, vou á janella do meu quarto, e começo a abalar a minha opiniao.

Juizes e Meretrizes .

— Distingo, no largo pateo da Estação Ferrea, tres e meia dezenas de carregadores e cocheiros em interessante reunião. Determinava-a utilidade dum acordo sobre preços e outros motivos de reciproca subordinação dos serviços nessas duas classes operarias. Não lhes ouvi os discursos, mas reparei que cada orador gesticulava por sua vez, e só depois que o outro aquietava os braços. Deduzi ser, alli, cada comparecente advogado de si mesmo, o bom senso advogado de todos, e a tolerancia a fórma processual do debate.

Quinze ou vinte minutos depois, sem policia, sem reflexões, sem correrias, cada cocheiro, dissolvido o comicio,

proseguiu no seu trabalho, cada carregador voltou ao seu serviço.

.....

Que lição de bem viver! Que exemplo de justiça rápida e gratuita! Sem custas; sem advogado—intermediario que fosse dizer ao juiz aquillo que a lei diz que o juiz já sabe; alli no pateo da Estação, quarenta e poucos contribuintes decidiram em minutos pleito que, no Brazil, enstaria muitos mezes, algumas peitas e muitos contos de réis!

Não estava o fato a ensinar que: mais de harmonia com o valor do tempo, com a nossa epoca, com a autonomia individual, com a logica, e cedendo as formulas processuaes do romanismo logar a uma justiça territorial prompta e barata: o contribuinte fosse directamente ao magistrado, expuzesse-lhe a reclamação, e encarregasse o advogado de preparar a prova que, por despacho, edital, portaria ou qualquer outro meio, ao judiciario parecesse necessaria?

Inconvenientes? Poucos. E hoje? Tantos! Acessivel ás paixões como qualquer de nós, poderozissimo pela inamovibilidade, irresponsavel de fato porque superior aos outros poderes, o judiciario, quando explora o mal, não é mau: é o proprio mal. E mal irremediavel. Acatadupam-se os exemplos disso.

Nem o talento indagador de Képler, nem ainda a genialidade de Laplace seriam capazes de aplicar corretivo ao juiz que prolonga os feitos. E que dizer dos juiz que tarifa despachos? E quando elle promete o voto para obter promoção? E quando sentença ser um bilhete de rifa prova superior a uma escritura publica? E quando furta dinheiro de orfãos? E quando insinua e recebe mimos anniversarios? E quando remove marcos? E quando imagina divizas? E quando commercia na gerencia de empresas subvencionadas? E quando falsifica depoimentos? E quando escamoteia a argumentação das partes? Perigos! Perigo permanente contra a índole da civilização no ocidente é o poder judiciario com as atribuições latissimas que tem, e a impunidade que alardeia. Urge remove-lo para o nada.

Si a meretriz sifiliza o corpo, não lhe é inferior, nem superior, o máu juiz deteriorando a moral. Equivalem-se. Equilibram-se como conchas numa balança cujo fiel é o desbribo.

.....

—A opinião publica é o espirito da sociedade. Para que arrosta-la com apozentadorias, condecorações, commissões, notoriedades obstinadamente conferidas a portadores de dois salarios? Porque não acertar contra o escandalo? Porque não aprender com aquelles cocheiros e carregadores, alli no pateo da Estação, que o direito não deve ser banca de jogo com baralhos carimbados?

A' custa desses operarios, reconheço-o, ganhei o meu dia. Que magnifica lição de bem viver me deram elles!!

Março, 19.

— Deante da imponente estatua de Davel — major que perdeu duas vezes a cabeça: em vida porque, já tendo brilhantemente cumprido seu dever militar, poderia ficar quieto em sua residência, e não sair á cata de motins; e depois de morto porque lh'a roubaram—, completada pelo taxi, sem discussão, a hora que contratára, recebi dum amigo da possivel agencia consular do Brazil convite e instruções para assistir ao final da installação do "Grande Conselho Cantonal".

Ato bonito. Nada de solemnidade espetaculoza. Sala grande, quazi quadrada. Tablado presidencial. Galeria enorme, no alto. Povo, muito e contente. Sobrecazacas; chapéus altos. Conversações sem o zum-zum das assembléas latinas. Ninguem fuma no recinto, nem na galeria.

A proposito d'um desproposito.

— Não fumo. E por isso, e porque dezesasse retirar o relogio de caza de penhor, ha mezes, no Rio, correspondente de jornal paulista telegrafou inventando ter eu sofrido repreensão da Presidencia da Camara por estar fumando no recinto. Interpellado, explicou assim haver procedido por me não poder tolerar.

Sensibilizou-me a intolerante explicação, partida aliás de individuo frondozamente tolerante.

Verificação de poderes

— Era a segunda sessão. De leitura, debate e votação de parecer relativo a duas reclamações claramente processadas, constava a ordem do dia. Tres foram os oradores num francez sillabadamente carregado; nem um delles exordiou, ou antes os tres exordiarão directamente. Trinta e seis minutos duraram as explicações discursadas.

Uma das reclamações, a que se filiava á circumstancia de a recente lei diminuir o numero dos congressistas, foi atendida quazi por unanimidade; outra, por incompleta de documentação, teve adiamento regimental. E, assim, em completa ordem, se completou a ordem do dia.

O presidente, um octogenario rezoluto, sorriso de quem está contente com sua sorte embora nunca tivesse tirado a grande, em curta allocução observou aos deputados que, diminuido o seu numero, aumentava a responsabilidade de cada um delles. Assentimento geral.

Sessão boa, pôrque util e simples. Ainda a quem, como eu, duvida da delegação pelo voto—direito, preferindo o voto—função, generalizado; obrigatorio, punido quando auzente, o cazo suisso não deixa de parecer animador. Em prazo não excedente a dois dias ficou installada uma assembléa politica.

— Retiro-me. Compro um jornal. Telegrammas? Morticinios no Mexico. Mata-se e morre-se nos Balkans. Assassinato do rei da Grecia. Despezas militares na França e na Allemanha. Do Brazil? Nada. Não ha noticias. Antes assim.

Jornalismo.

Que jornal comprei? A **Tribuna de Lausanne**, maior de vinte e oito annos, dirigida e redigida por G. Aubort, jornalista com artigos, classe quazi a se extinguir no Brazil. Já, em numero lido no trem, lhe eu notara cabedal historico, estilo claro, e verdade independente na ponta da penna. Profissional superior? Não. Aubort é um médio que compreende o valor do tempo e a gravidade do seu publico. E' um exemplar de homem de imprensa na Suissa, mas para a Suissa. No Brazil seria, quando muito, senador federal.

O publico prepara e educa o jornalista muito mais do que o jornalista educa e prepara o publico. Cada faz politica engendra o seu publicista; cada epoca o seu jornalismo. Ferreira de Araujo não ganharia hoje com que pagar o quarto na pensão; Firmino Rodrigues Silva talvez não tivesse dez leitores. O "Matraca" e o "Petisca", por serem de mãos limpas, teriam de dezistir hoje da profissão de calumniadores, que tão democraticamente exerceram no periodo regencial.

.

Quem, agora, o primeiro jornalista do nosso paiz? Incontestavelmente o velho Alcindo Guanabara. Alcindo é a mais brasileira penna de toda a imprensa nacional. Escrevendo, muito, de manhã e á tarde, para uma população excessivamente mexeriqueira, e cuja incessante pergunta — “que há de novo?” — encontra resposta na gazetilha e não no editorial, distende elle os seus paragrafos por setenta e mais linhas, certo, certissimo, de que nem uma respiração, sob risco de acesso asmatico, alcançará o ponto final. E essa falta de leitores proporciona ao estilo de Alcindo a mais absoluta liberdade na enunciação do pensamento.

Em S. Paulo, porém, onde algumas vezes, não o nego, o jornalista significa uma fuga da incapacidade para o publico, e onde, tambem não o nego, a mentalidade social exige, na imprensa, mais superficie do que interior, em S. Paulo: o atual principado do jornalismo cabe a Adolfo Araujo. Tem, talvez, a opinião republicana pennas mais brilhantes; nem uma, porém, mais aparada, mais pura, mais independente. Esta é a verdade. O talento natural de Adolfo e a indole paulista, irmanando-se, estabeleceram uma conta corrente de gloria reciproca; daí vizivel troca de reacções: do talento sobre o meio, do meio sobre o talento.

Recordos.

— Tivesse eu um filho, e recommendar-lhe-ia o vinho “Cortailot”; é macio, barato de tres francos a garrafa; gostosamente se entende com a carne um tanto sangrenta e os legumes da meza suissa, e perfeitamente combina com o queijo suisso: o legitimo, o incontestavel queijo suisso que me serviram hoje: o manô daquelle que, quando estudante em S. Paulo, eu saboreava com cerveja no botiquim dum allemão corpulento, pai dumas meninas muito gordas, muito sérias, muito uzeiras de vestidos curtos, mas cujas pernas promoviam constantes divergencias na familia. Reclamava o pai quando a freguezia as olhava. Reclamava a mãe contra a reclamação do pai. Balburdia!

— “O Ramalho sabe suas coizas”, veiu-me á lembrança esse elogio (unico, talvez, proferido pelo conselheiro João Crispiniano Soares durante sua longa existencia) ao melhor dos nossos praxistas quando, para chamar o

somno retardatario, comecei a catalogar vinhos antigos na atenção do gerente do hotel, e o encontrei firme no tirocinio do assunto. O homem também sabia suas coizas. Mudei-lhe o capitulo, e o helveciô a acompanhar-me!

Embicânos para a historia, e qual não foi o meu espanto ao ve-lo concordar, embora com sincera e indisfarçada tristeza, que a legenda de Guilherme Tell, com suas capellas, seus poemelos, suas constrangidas cronologias, era das mais formidaveis petas aninhadas nos fastos da mentira humana! Mas a proporção que aprofundavamos esse intrincado problema, e enveredavamos, cada vez mais deliberados, para a sua resolução negativa, o patriotismo do gerente, tremuloso, arripiado, se ia transformando em dor. Li-lhe nos olhos um grande dezejo de cascata; previlhe inundação nas palpebras. Penalizado, consolei-o, curei-o. Recitei-lhe, com consentimento de Spencer, haver sempre nas falsificações uma alma de verdade, e, immediatamente, lhe injetei na atenção algumas reminiscencias de patrauhias vencedoras. Demonstrei-lhe que eu também sabia miuhas coizas.

Separámo-nos amigos, os dois. Do queijo e do vinho só restavam prato e garrafa.

Mentira colombana.

Todos os geografos e historiadores que tratam da descoberta da America, por Cristovão Colombo em 1492, noticiam viagens e desembarques de João Vaz Côrte Real, vinte a trinta annos antes, em terras que receberam e conservaram denominações portuguezas. Diogo de Freire, Martin Estreito e João Lavrador são anteriores ao genovez. Já em 1448 o papa Nicolau V nomeara bispo para a Groelandia.

Mentira brasileira.

— Não é verdade que, em 1887-8, o exercito brasileiro houvesse protestado contra o seu emprego na péga de negros fugidos. Dezafio apresentação de prova regular que me inutilize a afirmativa. Poucos mezes antes da lei libertadora tive, em Santos, de providenciar em auxilio ao recolhimento de escravos perseguidos e feridos, no Alto da Serra, por forças de linha commandadas pelo tenente Collatino, hoje general. A tradição militar brasileira em relação ao elemento servil não dissente das ideas do marechal Cunha Mattos, em 1826, na Camara dos Deputados.

No Paragnai a libertação dos escravos em 1870 foi exigencia decisiva do conde d'En, sem audiencia dos militares brasileiros.

Amentes.

— Lidei, ha muitos annos com engenheiro, septuagenario, riquissimo, que nunca destruiu nem construiu coiza alguma, mas que estava inteiramente persuadido de que superintendera uma empreza de viação-férrea, inaugurando então no paiz o emprego da lenha para movimentar o trafego.

— Outro cazo de automentireza, e esse, para mim, absolutamente inexplicavel. Prudencio Castello, quarentão, cazado, sem filhos, barba forte e grizalha, alto, claro, tez enrugada, tendo como profissão fazer gaiolas, 1874, S. Paulo, rua do Jogo da Bola: Prudencio não safa de caza sinão quando repicavam os sinos annunciando procissão; vestia-se com relativo apuro; sobrecazaca preta, cartola, botinas de verniz, monoculo prezo a correntinha de oiro, alfinete com brilhante na gravata; ia a um extremo da rua; voltava, seguindo té ao outro extremo; repetia esse percurso dez ou vinte vezes até que se recolhesse a procissão, que aliás não passava pela rua do Jogo da Bola. E no dia seguinte, si alguém lhe perguntava o que fizera na vespera, respondia capacitadamente:

— Hontem eu fui á procissão.

Francamente: em verdade: como mentirozo que vale Guilherme Tell, que não existiu, deante de Prudencio Castello que foi carne e osso neste valle de lagrimas?

Genebra — Março, 20.

— Agradaveis ida e volta, marginando metade do meio circulo do Leman, o maior dos lagos do occidente europeu, e que banha e serve a maior das cidades suissas, cuja população, aliás, mal atinge ao numero duzentos mil. Longe disso.

E' difficil ir a Genebra com vontade de gostar della. Seu passado é antipatico. Sen presente, porém, diminue bastante a bagagem moral de indisposição com que explicadamente se a vizita; diminne, não elimina.

Dois nomes — "Servet" e "Condolle" — me não deixaram a mente durante as cinco horas de que dispuz e empreguei percorrendo a discutivel patria de Rosseau. Um percurso ao acazo. Edificações solidas. Crianças coradas.

Acumulação original num distico em esquina de rua: "Assistencia para estrangeiros e pobres". Num botequim após dispensavel demora, outra accumulção, essa de adjetivos: café puro e pessimo. Flores, muitas, muitas flores; discutindo-lhes o preço, brigam dois compradores. Dos sócos infiro ser inglez um delles. Em varias tojas a mulher é guarda-livros. Aquí, no commercio, a mulher une á competencia do allemão a amenidade da franceza; e quando promete abatimento cumpre a promessa, mas só abate na carteira do comprador.

— "Servet". Genebra, que o torrou em 1553, ainda não soube elevar um monumento á altura desse gigante que descobriu e afirmou a circulação ao sangue muito depois de Platão, é exato, porém um pouco antes de Harvey.

— "Condolle". Foi menino prodigio. Como fazia versos aos nove annos, falhou na metrica e enveredou para a botanica. Sua opinião — todos os seres organizados, tomados em sua natureza intima, são simetricos — infeccionando duns restos de idealismo o surto scientifico do seculo XIX, diminuiu, na gratidão da posteridade, o brilho que lhe aureolava a fama.

— Ordeiro, calmo como quem não tem pressa, azuladas as suas aguas, atravessa o Rodano o lago, como hospede bem intencionado em caza conhecida. Sete pontes o dominam. Ei-lo, porém, violento, furiozo, ao tocar á represa que, captada a força, aparelhado magnifico e solidissimo serviço, proporciona á cidade bondes, illuminação e ex-gotos.

Delicados, delicadissimos, os empregados que, poucos porém bastantes, atendem completamente ás exigencias do complexo e perfeito trabalho. Excluidas as seções de escrituração, não ha alli segredos; tudo se explica ao curiozo que pergunta, ao estrangeiro que ignora e indaga.

... Vá um russo á "Cantareira" ou á "Ligth" e peça informação: vagarozamente o empregado communica o fato ao amanuense, este ao sub-diretor, este ao diretor que determina requeira o russo por escrito; vai o requerimento a informar á respetiva seção; a informação é impugnada pela contadoria porque ha duvidas no sello apostó pela parte; grudam-se em textos e replicas legaes o contenciozo e o graciozo; irrompe afinal o despacho, um simples despacho: "certifique-se não havendo inconveniente". Na vespera desse despacho o russo enlouquecera.

Rousseau

— Refiro-me á estatua. Cumpre aceita-la como está, como já se habituou a estar. Desde 1838, sentado sobre seis livros grandes como o Magnum Lexicon, teima ella em querer acender um charutinho. Feia. Não lhe bulam, porém. Enquanto a deixam, não pede empréstimos sem restituição, como fez com o "Contrato Social" de Spinoza.

Calvino

Aqui, durante onze annos, morou, intrigou e discutiu esse carrancudo cujo busto, lá no ponto mais alto da cidade, num quadro de metro e meio em marmore, encima uma caza velha. Feio. Cara de espião. Especialista em coizas inuteis. Perseguidor e fanatico.

— A primeira obrigação duma estatua que se préza é ser bonita. Que isso de fazer carantonhas a quem passa só se tolera num Crémieux ou num Littré, nunca em notabilidades de quarteirão cujo anonimato começa com o atestado de obito.

Urge organizar no Brazil uma associação de rezistencia contra bustos, estatuas, placas e hermas com que filhos, netos, genros e sobrinhos de seminillos ameaçam invadir a posteridade. Esses importunos não têm enranhas! Pre-meditadamente põem em perigo a atenção do porvir.

E que dizer duns maniacos solemnemente chatos, que conseguem ligar nome ás ruas?

Em Santos, com o diplomata argentino dr. Julio Fernandes, intelligente e caustico, fiquei em apuros quando insistiu elle em que lhe eu explicasse a notoriedade de varios arruados. Atrapalhado, atrapaihei-o. Expuz-lhe que no Brazil, onde ser coronel é obrigatorio desde que se é vereador, e ser vereador confere direito a ter nome em esquina como premio a futuros serviços, a marcha da legalidade determinou não haver coronel sem rua, nem rua sem coronel. Não me entendeu. Nem eu.

— Rumo Paris? Sim, pelo noturno hoje. Compro o "Matin". Discute si Clemenceau será ministro e si as mulheres devem uzar vestido denunciando a gravidez.

Em França não serei politico, nem medico parteiro. Despreocupo-me, portanto, das preocupações do "Matin".

— Annuncia-se para amanhã comicio concernente a rivalidades commerciaes dos tunneis S. Gotardo e Simplou. Breve o aeroplano dispensará essas briguinhas. Não sou interessado em qualquer dessas empresas; minhas boas ações não são ações de companhias. Adeus, Suissa! Hei de estar em Paris no dia marcado ha dias.

— Mas em que, porque e para que é a Suissa melhor que S. Paulo? Em nada, por nada, para nada.

O paulista é superior ao suisso.

Suissa e S. Paulo.

I

O paulista confia; o suisso desconfia. Duvidando dos seus politicos, fiscalizando-os ostensivamente, a Suissa está longe, muito longe de S. Paulo que, honrando-lhes o carater, lhes concede, sempre e sempre, a mais ampla liberdade de ação.

Na verificação de poderes do Grande Conselho Cantonal", testemunhei-o, não havia um lugar vazio na Grande Galeria; fosse em S. Paulo e não haveria um lugar occupado. Aqui desconfiança manifesta; lá, confiança unanime. Aqui debate, chapas, divergencias; lá, o progresso, adaptada a lei do menor esforço, substituindo todos os sistemas eleitoraes pelo sistema das apurações, até hoje reconhecido como o menos complicado e o mais decizivo.

II

Na Suissa não são raros os precedentes de derrotas do governo nas consultas á opinião por meio das urnas. Em S. Paulo, a datar de 1889, e quazi trinta annos não são trinta mezes, não ha exemplo de desarmonia entre a vontade do governo e o resultado do suffragio. A coincidência paulista das aspirações do povo com as realizações, prévias, da administração, é incontestavelmente um dos casos curiozos da sociologia universal! Governo e povo têm um só pensamento.

Toda a historia da Suissa, indagada, estudada o mais possivel, não é capaz de apresentar fenomeno tão pitoresco! A Suissa mantem o **referendum** popular; nobremente S. Paulo o dispensou.

III

O paulista é grato. O suíço é ingrato. Sem excesso, mas com equidade, o paulista retribue a competência dos seus altos funcionarios; deprime-a o suíço. Os vencimentos annuaes do presidente do Estado de S. Paulo equivalem aos de todo o Conselho Federal da Suíça.

Outra nota a consignar: não ha noticia de presidente paulista empobrecido no exercicio do cargo, o que constitue um acariciador incentivo ás candidaturas a tão elevado posto.

IV

Na Suíça, em regra, o presidente assume o exercicio do cargo com apreensões e receios; preocupa-o o futuro. Em S. Paulo, não. Tranquilliza-o o apoio da opinião. Antes mesmo de prestar compromisso já o eleito do povo recebe das camaras municipaes, das corporações legislativas, de todos os directorios locaes, de amigos e até de desconhecidos, espontaneos protestos de aplauso a tudo quanto fizer.

E na Suíça? Na Suíça não ha exemplo de governo elogiado antes do respectivo exercicio. Que vergonha!

V

O coração paulista é generoso. Velha pratica dos tempos do Imperio, em S. Paulo ninguem se inutiliza.

E na Suíça? Tergiverse num ponto de honra qualquer politico, e verá como lhe cortam immediatamente a carreira. O suíço não é tolerante, não é bom: não admite a regeneração.

VI

A imprensa suíça, privilegio de grupinhos, é muito inferior á paulista. Na Suíça o jornal é a redação; em S. Paulo o jornal é o povo: alli o ineditorial, a pedido, institui a collaboração geral. Até o governo, cuja verba secreta costuma empregar estilo convincente, é jornalista, especializando-se nas transcrições.

A Suíça não tem, portanto, como S. Paulo, imprensa egual para todos.

VII

Na Suíça as más leituras são permitidas, consentidas, respeitadas, animadas mesmo pela auzencia da censura

policial. Não conhecemos, felizmente, isso em S. Paulo. Allí os funcionarios postaes, quazi todos chefes de familia, e moralizados todos, impedem a divulgação de ideas subversivas, e cortam os vãos á pornografia, retirando os livros das malas postaes, vendendo-os a pezo e guardando o dinheiro.

VIII

Na Suissa o apozentado é apozentado, o jubilado é jubilado, o reformado é reformado. Invalida-se, dess'arte, em absoluto, o patriotismo de muita gente. Não é assim em S. Paulo. Lá esse despotismo inultimente tentaria carreira; derriba-lo-iam os impulsos de gallofa; nem rezistiria á energica intervenção das cartas de empenho. E' que na terra dos bandeirantes não ha limites á dedicação ao publico serviço. O apozentado, que deliberar rededicar-se ao paiz, pode faze-lo cobrando seus novos trabalhos com a maxima sobranceira.

IX

O suisso é excluzivista, é bairrista. Incommoda-o, zanga-o a ingerencia alheia em seus problemas. O paulista, esse tem mais descortino, tem mais coração; não vê no batisterio merito ou demerito; quem chega a S. Paulo, venha donde vier, e quer trabalhar, qualquer que seja o trabalho, é considerado paulista para todos os efeitos. O peregrino lhe foi sempre amigo; e quanta vez o forasteiro já lhe vem dono da caza!

As cronicas paulistas relatam, durante a Monarquia, uma porção de hospedes reenviados, das margens do incaudalozo Anhangabau', para regentes, ministros, deputados na bellissima baia de Guanabara; e atualmente a multidão das notabilidades, que doutros Estados vieram honrar S. Paulo ocupando-lhe a direção politico-administrativa, assegura ao nosso porvir solidissimos alicerces. E cumpre á verdade reconhecer que os precedentes historicos de Timoleonte, Mazarino e Bernadotte — individualidades que o desenvolvimento de nossa instrução publica tornou estudadissimas — justificam por completo a magnanimidade dos paulistas em homenagem á superioridade desses que, brasileiros bemfadados, os procuraram e governaram, os procuram e governam.

Elle!

— Manda a justiça que, dos legionarios do bem, vindos doutras paragens para dar destino aos destinos paulistas, um nome seja destaeado. Sem offensa ao valor indisentivel dos muitos vivos e mortos, que se sujeitaram a padecer com os paulistas os sacrificios duma acidentada direção social, deve elle permanecer primeiro entre os primeiros.

Foi parcella importante de nossa historia. Deputado geral de 1838 a 1860, com insignificante intervallo; cabo eleitoral invencivel; chefe de todos os partidos; governador dos governos: no conhecimento e no reconhecimento, na memoria e na saudade da alma popular sua figura é inapagavel.

Refiro-me, está visto, ao dezebargador Joaquim José Pacheco.

X

Accitando por baze o recenseamento de 1870, que contava 7764 idiotas numa população de 2.800.000 almas, deve hoje contar a Suissa, quebrados á parte, 10.000 idiotas. Ainda nisso lle é superior S. Paulo. Muito superior! Ponderada, egual em numero á da Suissa, a população paulista só conta um idiota: sou eu.

Avizam-me. Aproxima-se a hora da partida. Não quero que o trem me perca. Outra vez: adeus, Suissa!
Rumo Paris.

(Continúa).

MARTIM FRANCISCO





Macega orvalhada, Campos Ayres



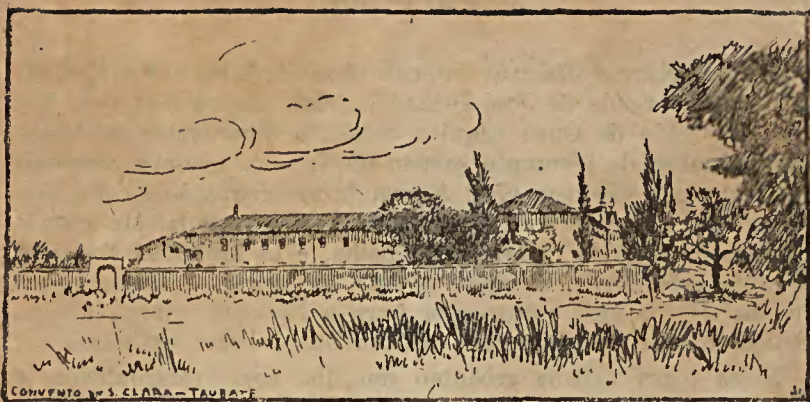
Nos campos de Bauru', Campos Ayres



Um raio de Sol, Campos Ayres



Vargem da Penha, Campos Ayres



O CASO DO TOMBO

Não é meu este caso, mas d'um tio, juiz em comarca beira mar. Homem sessentão, cheio de rabugens, hemorrhoidas, pigarros e mais maeacões da velhice, nem por isso deixa de ser amigo da pulha e gosta de contar casos pandegos que descambam a meio em caretas rheumaticas muito de apiedar corações sobrinhos.

Os seus dominios juridiecos são o reino da propria Paetez. Os annos alli fluem para o esquecimento no marasmo sereno dos ribeirões espriados, sem cascatas nem corredeiras enrespadoras do espelho das agnas — disturbio, facada ou escandalo passional.

O povo cseasso e rarefeito como pennas em frango impubere, vive de apanhar tainhas e ameijoas. Feito o que, come-as. Feito o que, digere-as. Em seguida, “da capo” ás tainhas. E assim, annos e annos a fio até a derradeira conta do rosario da vida.

E' extrema a penuria de emoções. Vidas ha que ardem té o berro final sem o tremelique d'uma commoção forte. Só a Morte pinga, a espaços, no cofre vazio dos acontecimentos, o vinthem azinavrado d'um velho mariseador morto de pigarro senil ou o tostão d'uma pessoa grada, collecter de rendas, fiscal, agente do correio. Em tempos deu “nota”, um barão da Jimanta, ultimo varão conspieuo de que ficou memoria por ali.

Fóra disso nada mais bole com a sensibilidade em perpetua coma de excellente povo; nem dramas de amor, nem rixas electoraes, nem coisa nenhuma destoante dos mandamentos do Manual do Sereno Viver.

A taramclagem das más linguas vê-se forçada, nos serões familiares, na venda do José Inchado, (club da ralé), ou na Botica do Cação de Ouro (aqui o eseól), a esgaravatar as estanhas chochas do assumpto sovado ou frivolo. Sempre conversinhas que não vão nem vêm. A grande preoccupação local é matar o tempo que em vez de dinheiro é uma maçada. Matam-n'os os homens pitando eiggarrões de palha, e as mulheres gestando a prole enfermiga. E assim os dias, os mezes, os annos, feitos lesmas de Chronos, escorregam para o Nirvana sempre iguaes, deixando nas memorias um rastilho dubio breve extineto.

Nessa lagoa urbana rebentou um dia, eom estardalhaço, a notícia de que ia funceionar o Jury. Rejubilou-se o povo. Vinte annos havia que realejo da justiça popular empoava n'um desvão do Forum, mudo á falta dum eapadoeio que lhe mettesse no bojo o niekel dum modesto ferimento leve. Fizera-o, agora, o Chico Bahiano, ave d'arribação despejada ali por um navio da Costeira. Que regalo! Ia o promotor cantar a aria tremenda da Accusação; o Zezeca Esteves, solicitador, recitaria a Douda de Albano disfarçada em Defesa. Sua Excelleneia, o Meritissimo, faria de ponto e contra-regra. Delicias da vida!

Ao pé do fogo, em easebré humilde, o pae explieava ao filho:

— Aquillo é que é, Manequinho! Voee vae ver uma estrumella de gosto, que até parece missa cantada de Taubaté. O juiz, feito um gavião pato, senta no meio da mesa, n'un estrado deste porte; á mão direita fiea o doutor promotor; á esquerda o Chico Escrivão com uma maçaroea de papeis na frente. Em baixo, na sala, úa mesa comprida eom jurados em roda. E a eoisá garra num falatorio té noite alta: o Chico lê que lê, o promotor fala e refala; o Zezeca rebate e tal e tal. Uma lindeza!

No José Inchado:

— Lembra-se, compadre, daquelle jury, deve fazer vinte annos que "absorveu" o Pedro Intanha? Eh! jury macota! O Dr. Gusmão veiu de Pinda espezialmente, e falou que nem um vigario. Era só: o nobre "orgo" do ministerio p'r'aqui, o "meriticio" dr. juiz p'r'alli. Sabia dizer as coisas, o ladrão. Tambem eomeu milho grosso, p'ra mais de quinhentos, dizem. Mas valia! Isso lá valia!

Na Botica de Cação de Ouro:

— Não, não, voce está enganado, não foi desse geito, não! Ora, ora! Pois se eu servi de testemunha!... Não teime, homem de Deus!... Sabe como foi? Eu lhe eonto: o Pedro Intanha teve um bate-bocea eom o major Vaz, perdeu a cabeça e lhe ehamou "estupor", bem ali defronte da Nha Vica; e vae o major e diz: "estupor é a avó". Foi então o Pedro, e...

Só não gostou da noticia o tio juiz. Maçada! Um erimesinho que não pagava a pena.

E tinha razão. O delieto do mulato não valia uma casca d'ostra.

Chico Bahiano costumava todas as noites "soverter" um martelo da legitima no botequim do Bento Ventania. Ficava alegrete, chasqueador, mas não ia além. Certa vez, porém, errou a dose e em vez do martelo costumeiro chamou para o papo dois, e tres. O restilo era de primeira e lhe subiu logo ao caco. A principio Bahiano destabocon. Deu grandes punhadas no balcão, berrou que o Sul era uma jossa, que o Norte é que é, que bahiano é ali no duro, que quem fosse homem que pulasse para fóra, etc. O botequim estava deserto, não havia quem lhe apanhasse a luva a não ser o Ventania, mas este accendeu o cigarro, trançou as portas na cara do bebedo e foi dormir.

Chico Bahiano, na rua, continuou a desafiar o mundo, que rachava, partia a cara, arrancava figados.

Infelizmente tambem a rua estava deserta, e nem sequer a lua, a pino, lhe dava sombras com que esgrimisse.

Foi quando saltou do corredor da casa dos Mouras o *Joli*, eachorrinho de estimação da Sinharinha Moura, bichinho de collo, metade pellado, metade pelludo, e deu de ladrar feito um bobo, na frente do insolito perturbador do silencio.

O bahiano sorriu-se. Tinha contendor afinal.

— 'guenta, lixo!! disse, e, cambeteando, descreveu umas letras de capoeiragem, cujo remate foi um valente ponta pé no tótó. *Joli*, projectado a cinco metros de distancia, rompeu num ganir de cortar a alua, e o offensor, perdido o equilibrio, veio de lombo ao chão.

A Mourada despertou de sobresalto, e á porta surgiu o ro-tundo Maneco Moura, intendente da Camara, de camisola, carapuça de dormir e uma vela na mão. Estrouvinhado, o homem não enxergava nada desta vida a não ser o clarão da luz.

— Que é lá isso ahi? berrou para a rua.

— E' pimenta malagueta! roneou o mulato já a prumo; e enquanto o Moura, esfregando os olhos, perguntava a si proprio se não era pesadelo aquillo, o facinora desenha no ar um rabo d'arraia, do qual resulta desmoronar o vereador fragorosamente na calçada, mais a vela e a carapuça, esborrachando-se-lhe o nariz.

Era esse o facto sobre cuja talagarça ia a Justiça bordar as scenas serio-comicas do *intermezzo* inglez que traduzimos em calão.

Fale o tio: foi uma sécca sem nome o tal jury. O prômotor, sequioso por falar, com a eloquencia ingurgitada por vinte annos



de êhoco, atnehou no auditorio cinco horas massiças d'uma rhetorica do tempo da onça, que foram cinco horas de pigarros e caroços de eneher balaios. Principiou historiando o direito eriminal desde o Pithecanthrope Erecto, com estações em Lycurgo, Vedas, Moysés e Zend-Avesta. Analyson todas as theorias philosophicas que vêm de Confucio a Farias Brito; anniquilou Lombroso e mais as "lerias" de Garofalo (que dizia Garofálo); provou que o livre arbitrio é a maior das verdades absolutas e os deterministas uns cavallos inimigos da religião de nossos paes; arrazou Comte, Spencer e Haeckel, comó os representantes do Anti-Christo na terra.

'Conton depois a sua vida, a sna noble ascendencia entroncada na alta prosapia d'uns Esteves do Rio Cávado, em Portugal, bem brazouados; o heroismo de um tio morto na guerra do Paraguay e o não menos heroico ferimento de um primo, hoje escripturario do Ministerio da Guerra, que teve offendida, por bayoneta, em Cerro-Corá, a "face lateral do lóbo da orelha sinistra."

Provou, em seguida, a inmaculabilidade da sua vida; releu o cabeçalho da accusação feita no julgamento-Intanha; citou periodos de Bossuet — a aguia de Meaux, de Ruy — a aguia de Haya, e de outras aves menores; leu paginas de Balmes e Donoso Cortez sobre a resignação christã; adduziu todos os argumentos do Doutor Subtil a respeito da Santa Trindade; e concluiu, finalmente, pedindo a condemnação daquella fera humana que "cynicamente me olha como a um palaeio" a "galés perpetuas por 30 annos", mais a multa da lei.

Aqui o tio parou acabrunhado. Correu a mão pallida pela testa suada. Negrejaram-se-lhes as olheiras. Depois, continuou: — Sinto um cansaço d'alma ao recordar esse dia... Como é fertil em recursos a imbecilidade humana! Houve replica. Houve treplica. O Zezeeca bateu o promotor em asnice. Engalfinharam-se, cada qual disputando, acirrados, o cinturão de ouro do Ornejo. Horror...

— Afinal...

— Afinal foram os jurados para a sala secreta.

A noite já ia alta. Os candieiros de petroleo, de vidros fumados, inodorravam, com preguiça de emittir luz. O Forum, deserto de curiosos, estava quasi ás éscuras. O destacamento policial (dnas praças e o eabo) eabeeava dormindo em pé. Correm tres horas de somnolenta espectação, ao fim das quaes, se abre, enfim, a sala secreta e saêm os jurados com o papelorio. Entregam-m'os. Corro os olhos, e esfrio! Tudo errado! Era impossivel julgar com base na salada de batata e ovos que me fize-

ram elles dos quesitos. Tornava-se mister voltarem ao curral do conselho.

Expliquei-lhes novamente, com infinita paciencia, como deveriam proceder. Façam isto, assim, assado, entenderam?

— Entendemos, sim, senhor, respondeu o presidente, mas por via das duvidas era bom que o doutor mandasse cá dentro o João Carapina, a nos ajudar.

Abri a minha maior bocea, e olhei assombrado para o eserivão: e esta, amigo Chico?

O eserivão advertin-me de que era sempre assim; em não sahindo sorteado o João Carapina, não havia meio de vir serviço decente da sala secreta. E citon varios antecedentes comprobatorios.

Não me contive, berrei, chamei-lhes azemolas, asnos de Minerva, ouagros de Themis, e fil-os trancafiar de novo na saleta.

— On a coisa vem conforme ao formulario ou voeces, cambada, ficam ali a vida inteira.

Deorreu mais ontra hora, e nada. Nenhum rumor promisorio na sala secreta. Perdi a esperanca e acabei perdendo a paciencia. Chamei o official de justiça e disse-lhe: — Vá-me desentocar esse Carapina, e ponha-o cá debaixo de vara, dormindo ou acordado. Depressa!

O official museou-se levido, e meia hora depois volta com o carpinteiro dos nós gordios, a bocejar estremunhado, de chinellas e cobertor vermelho no pescoço.

— Sr. João, metta-se na sala secreta e amadrinhe-me esse lote de cavalgaduras. Com seiscentos milhões de reus, é preciso acabar com isto!

O carpinteiro foi iutroduzido na sala. Mas não demorou dois minutos — toe, toe, toe, bateu. O official de justiça abre. Surge-me o carapina com cara idiota.

— Que ha? perguntei escamado.

O homeni coçou o pescoço.

— O que ha, senhor doutor, é que não ha ninguem na sala, os jurados fugiram pela janella!...

— !!!

— E deixaram em cima da mesa este bilhetinho para V. Exa.

Li-o. "Sr. Doutor Juiz nos desculpe, mas nós coudemnamos o bicho no grão maximo." Maximo foi palavra que deefrei pelo sentido: estava escripto maquecimo")

Levantei-me, possesso.

— Está suspensa a sessão. Sr. commandante, recolha o reu á... Que é do reu?



Firmei a vista: não vi sombra de reu no banquinho. O commandante, que estava a dormir, despertou sobresaltado, esfregando o olho.

— Sr. commandante, que é do reu?

Elle (coitado!) e as pragas mal accordadas, deram bnsea em baixo da mesa, pelos cantos, no mictorio, em baixo das escaradeiras. Ao cabo o commandante perfilou-se, e:

— Saberá V. Exa. que o safado escafedeu.

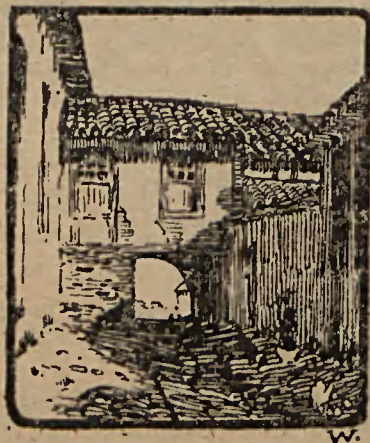
O relógio da matriz badalava tres horas — tres horas da madrugada!...

Perdi a compostura, e explodi.

— Sabem que mais? Vão todos a... e berrei a plenos pulmões o palavrão maior da lingua portugueza.

E, desabafado, fui dormir

MONTEIRO LOBATO





UMA NOVA EXPRESSÃO DE ARTE ⁽¹⁾

II

Vimos, em o numero p. passado, qual é a philosophia do illustre poeta patricio.

Resta-me, hoje, estudar-lhe os effectos no campo literario.

A revolução esthetica que tal directriz philosophica inicia no mundo das artes, revela-se mais claramente na sua expressão.

Esta é, verdadeiramente, um salto á frente de um dogma de arte que está no pleno vigor e no effectivo exercicio de suas funções.

A arte tem sido até agora considerada como a immobilização de um momento da Belleza que passa. Nós todos dissemos — eu tambem já o disse — : Devemos surprehender os flagrantes da Natureza para os immobilizár em canones de Belleza Eterna.

Exaggerando o phenomeno, como fazem todos os humoristas, a gente poderia comparar a arte a uma syncope da natureza.

Mas a vida é, ao contrario, o movimento constante, irreductivel, eterno. E' o vai-vem, o flnxo e o refluxo, o nascer e a morte, o renascimento e a destruição.

E a arte, que disse sempre almejar a reproduzill-o, nunca fez mais que o inexpressivo papel de lanterna magica.

O nosso vate, ensaia, pois, o tentamen, por demais arrojado de, refundindo os valores estheticos, encaminhar-nos á realização desse desejo.

Uma figura definirá mais claramente a tentativa que dez dissertações. (E isto está de accordo com o meu plano, pois eu prometti baixar as "cravelhas".)

Nvens pelo ceu, que no glorioso /começar do crepusculo recebem a luz do sol morredouro, incendeiám luminosamente o poente numa

(1) Vide o numero de Janeiro.



fulguração que vai desde o ouro-jalde ao de metal aquecido a branco.

Diante dessa escala de cambiantes moveis, irrequietas, que se transformam sem cessar, o encanto nos prende e boia, á luz de nosso olhar extatico, preso do sonho, uma profunda e doce magua, como que a expressão de um desejo que se não realizará...

Vem-nos á alma uma vontade de conseguir o impossivel, de alcançar o inatingivel; exsurge de dentro de nós a sede do irreal, da chimera, do impressionante e vago: prender pelas palavras ou pelo pincel esses momentos que se eternizam na mente do homem.

E nós fizemo-nos, então, os "immobilizadores dos momentos da Belleza que passa."

Amadeu Amaral surge agora com uma comprehensão mais larga e uma visada mais profunda a respeito desse mesmo phenomeno.

Para a sua expressão esthetica, a belleza das nuvens, morrendo gloriosamente aureoladas ao Sol-pôr, não está no flagrante.

Está na consciencia mesma de que esse momento é ephemero, e a graça que lhe descobrimos vem dos rapidos, nuançados, imprevisitos e mais do que isso fataes transformações por quo atravessam, desde o ouro-jalde ao cinzento inexpressivo.

A belleza da scena não está na photographia, mais ou menos bem acabada, de um momento dado, mas no encadecamento dos phenomenos que a criam e ao mesmo tempo a destroem.

Escolho, propositalmente, o seu soneto *Nuvenis* para o certificar:

"Sobre a lamlna azul de um ceu todo bonança
passa uma nuvem clara em curvas franjas de onda,
— vaga que adormeceu num mar que não estronda,
nas mudas convulsões de uma tormenta mansa...

Bruma, sonho da terra, ergueu-se; e enquanto avança,
busca a forma fugaz, que se esboça e esbarronda;
aqui se esgarça, ali descal, além, redonda,
boia ao sol que a redoira e ao vento que a embalança.

Sonhos, bruma secreta, entre anseios e dores,
sobem-nos da alma assim, lívres, espaço em fora,
na lenta indecisão dos informes vapores...

Possam os meus pairar na luz por um momento,
ser a nuvem que arrasta o olhar perdido — embora
succeda a cada esboço um desmoronamento!"

Em toda a obra essa idéa é dominante. Ouvi a queixa da rosa nessa inegalavel jola que é *A Estatua e a Rosa* :

"O meu viço é agonia. Um fado bem diverso
te assegura uma vida esplendida e tranquillia.



O sol, meu pai e algoz; juntou, meigo e perverso,
ao rigor que me exalta o mal que me aniquila.

E a Estátua respondeu :

— Rosa, invejo-te a sorte,

A gloria de durar é uma longa miséria.
Que ironia viver, engolfada na morte,
a vida vã da forma e o somno da materia !”

Idéa aliás que elle magistralmente exprimiu no ultimo tercetto do **Vencedor** :

“A onda humana avançou, cresceu, ergueu-te, numa
investida triumphal; depois, recuou desfeita...
Como ha de a onda parar, para que brilhe a espuma ?”

O que ha de profundo nessa concepção resalta ao mais ligeiro exame.

Applicada á vida, ella transparece filha de uma philosophia de olympica serenidade e de uma indulgencia superior e risonha, incapaz de lamuriar e de deblaterar.

E', aliás, por isso mesmo que tem sido maisinada.

E' natural. Inédita, desconhecida, imprevista mesmo, os homens querem avizinhal-a de alguma coisa que elles já acotovellaram pela existencia afora.

Ella se presta a tanta interpretação!

Cabe, nella, por exemplo, a “theoria da renuncia”. Não n'a prega A. Amaral no IV dos seus sonetos **A um adolescente** :

“e se a meta surgir, algum dia, a teus olhos,
impelle-a para além á proporção que avanças.”

ou no V :

“nada vale morrer pairando sobre o abysmo
e a graça de morrer antes que morra o sonho?”

E, no emtanto, esses pensamentos que parecem afirmar clamorosamente que o Ideal não deve ser attingido, nada mais são que o desenvolvimento de um aforismo de Nietzsche, que não foi bem entendido:

“Quem attinge o proprio ideal, porisso mesmo o ultrapassa.”

E para quem prega, como Nietzsche e como A. Amaral, antes que tudo a experiencia e o tragico vivido e sentido, a escola da dôr como escola do homem, que pode haver de verdadeiramente tragico e humano na renuncia do proprio ideal?

Mas não basta. Alcunharam-n'a de symbolismo.

Tocamos neste ponto o nó gordio de toda a revolução esthetica de Amadeu Amaral.

Elle exlge que a belleza se fixe no movimento constante, no goso transitorio de toda obra universal, que nos mesmos elementos de que se forma põe o veneno que a extérmina.

A' luz desse pensar, a obra de arte nada mais vale desde que esteja finda, como elle proprio o diz em *A Estatua e a Rosa* :

"Eu provenho de um sonho, e essa flôr de poesia
só dentro da alma brota, e fenece onde medra.
Eni nascendo, tornei-me a careassa vasla
da, illusão que intentou eternizal-o em pedra.

O sonho é um torvellm sem medida e sem norma;
é um latejar de vida, onda fervente e auarga.
A obra de arte, ao sair da mão que lhe dá forma,
é a vasa densa e vil que a onda, reflulndo, larga...

O sonho de belleza, esse estado de graça,
não se fixa jamais; move-se como a vida.
A obra surge, e resplende. Elle prosegne e passa.
E a obra viva e perfcita é a que não fol concluida..."

Decalque é tudo, seja o papel carbono ou a chapa sensibillzada pela prata ou seja o marmore que se amolda á vontade de um creador.

Nem isso é tudo. Sente-se no Açude que elle leva esse pensar até á questão da gloria e fama, á vaidade humana de autorla artistica:

"o açude
lá está, triste e apagado, e para a gente rude
é como a arvore boa á belra de uma estrada:
ponco importa saber por que mão foi plantada..."

Nada snggere mais profundamente a Idéa da inutilidade da literatura e em especial do que ha de frivolo na extremada validade artistica dos autores.

Eu penso que aos literatos, nestes seeulos por vir, talvez, lhes aeonteça reproduzir o easo dos polypos.

Estes juntam-se e formam uma colonia. A' medida que o tempo passa, os polypos de baixo morrem, e se transformam em pedra, enquanto vlvem os de cima.

O trabalho vale assim pelo facto de o haverem conseguido e não pelo nome do autor.

Em literatura isso já está, em parte aconteeendo: Os philosophos de pensamentos destaeados são modernos. Presuppõem nos leitores



um grande conhecimento das theorias anteriores, sabedores do que foi dito e pensado.

Só assim podem ser comprehendidos.

Ora, o que ficou assente vale por si mesmo, não pelo nome de quem o disse.

Veremos, assim, acabar a mania das citações... Será essa, nestes cem annos, talvez, uma tarefa de bibliomanos.

Ao lado porém dessa idéa da inutilidade fica parallela, e de igual força, a da necessidade.

Decalque é tudo, menos a vontade. Essa é incohercível.

E então, indagará o leitor, como pôde conseguir expressão a arte de Amadeu Amaral, se além d'ò mais, esbarra ainda na incapacidade de todas as linguas em imitar a natureza?

Essa esthetica para dar a sensação nitida e profunda do movimento perenne que anima a vida, deveria ser irregular, nervosa, violenta, desordenada, incoherente, como elle.

E ella o não pôde ser, porque isso a faria confusa.

Resta-lhe, porém, o recurso da evocação e da suggestão e ella se torna symbolica.

Symbolica, não symbolista, isto é, não ao gosto e geito do "symboliemo", mas ao criterio da maxima de Nietzsche (sempre elle!): "Tout ce qui est profond aime le masque."

Eu já disse uma vez que esse modo de encarar as cousas "deunos, ao mesmo tempo, ò symbolismo modernizado e as grandes obras da literatura actual.

E' que uns, os grandes, tiveram serenidade bastante para olhar a derrocada dos preconceitos, achando que a vida assim valia mais. O fluxo e o refluxo natural das cousas, a mudança perpetua, a inconsistencia, o redemoinho, a incoherencia emfim da propria vida dava-lhe encanto e razão de ser. Sabio seria quem a comprehendesse nesse vai-vem e sorrisse com o sorriso extranho, que realiza o impossivel de ser um mixto de compaixão e desdem, entendendo que se não é um verdadeiro artista, si se não for um temperamento sentimental e emotivo, incapaz de viver, sem comprehender a grandeza da existencia sem as rajadas do tragico.

Os outros, os que padecem da febre de creadores de sonhos em grau reduzido, quizeram immobilizar a vida pelos symbolos. Affligiram-se... "e crearam a moda dessa afflicção".

Os simples confundiram A. Amaral com os ultimos e declararam-n'o symbolista.

Os simples só, não digo bem. Os invejosos tambem.

* * *

Essa theoria tão clara, tão bella, tão simples não a querem entender uns, não n'a sabem aquillatar outros.

Chaman-n'o frio, que alinhava as emoções como um geometra.

E' que a Arte da poeta não é nem só exaltação nem só raciocínio. E' mais que isso: uma doce sensibilidade de sceptico, uma suave ternura de experiente, uma alegria de homem que sentiu demasiado a grandeza da dôr e que por isso não se deixa levar pelo arronbo e entusiasmo das proprias emoções, mas ama coal-as atravez de um exame introspectivo para exprimi-las não só com alma e arte mas tambem com consciencia de que representam verdades objectivas.

A frieza é apparente e é o mais bello apanagio do seu esforço. Sentirá a grandeza do que pensa e canta quem o souber ler.

Ouçõ, aqui, uma voz aparteando:

— Um autor assim se torna impopular!

Realmente, é esse o maior elogio da mediocridade. Men Deus! Devo eu voltar a bater esse doloroso refrão do analphabetismo no Brasil?

Não, falemos de outra sorte.

Impopular! Goethe, que é considerado o maior genio poetico do seculo passado, foi e é um autor impopular, como todos os que se alçam demais.

E' um contraste elucidativo: o que é popular é sempre inferior como producção e isso está na logica das cousas. E' impossivel que um homem culto, por mais claro e conciso e luminoso que possa e quehrã ser, consiga transmittir aos "outros" os matizes de suas idéas. Ha a differença da cultura, sem contar a differença dos cerebros.

Como, por exemplo, conseguiria Amadeu Amaral mostrar que do parallelismo entre a inutilidade e a fatalidade da vida brotou para elle uma philosophia serena, quando a todos revolta e faz lamnriar?

Como farla entender aos outros que a obrigação do homem está em ser homem, quando todos os outros aspiram a ser "deuses", "bons", "superiores"?

A questão da popularidade de um escriptor prende-se a um factor que nenhum parentesco, nem proximo nem remoto, tem com a arte e si nella insistem os criticos, batendo-se em pról das obras "au gout populacier" é porque sabem ser grande a vaidade humana... e tambem porque conhecem as proprias inclinações.

E quando esbarram em alguém que não faz da popularidade essa questão fechada, que é o pesadelo dos outros...

A. Amaral tem razão. Desde que o querem obrigar na escolha, antes na companhia de Goethe do que no meio de uma ovação de praça publica.

Dil-o no Acude :



"Sabias que a ovação da cidade e do povo premiava em teu labor — não o bom mas o novo, (pois de agora não é que o vulgo insciente e pulha só se abre com rumor ao que chega com bulha.)"

* * *

A expressão esthetica de Amadeu Amaral tem para mim o inegalavel merito de se pôr de encontro á absorvente mania do martellado "rythmo ideologico" a que nos querem acorrentar os fazedores de verso do mundo inteiro.

O rythmo está modernamente elevado á funcção de um pendulo da arte.

Parece inspirado na pedagogia, que, como se sabe, virou sciencia tambem.

Não ha Pedagogia sem Psychologia, como não ha Psychologia sem Biologia. Logo... pedagogia é sciencia.

Os homens podem ser disciplinados nas suas manifestações sociaes.

Conclusão evidentissima: os homens podem fazer "arte parecida" executando em arte movimentos rythmicos. Não é o rythmo a beleza toda!

O rythmo, sim. O rythmo a compasso, não. Graças a Deus que chega um a tempo para o provar:

Ninguem pôde, verdadeiramente, aquilatar a enorme emoção, mixto de surpresa e encanto, que eu tive, ha bem annos, quando encontrei em *La cena delle Beffe*, de Sem Benelli, trechos como estes:

"Sì, perché
un'altra donna ho tolto per amarla
aessai piú bella e piú insingatrice...
Sì chiama essa Vendetta. Io la saprei
dipingere cotanto l'ho sognata
e posseduta in sogno: la farei
tutta gaia, beffarda e sghignazante
e in pieno riso mostrerebbe i denti
canini e gli occhi lampeggianti verdi:
la toga elegantissima scomposta
da nua parte in un gesto di follia
le cicatrici rosse mostrerebbe
sopra la carne sua martoriata...
E la triste danzante ci direbbe:
chi ama me, tutte le donne ama;
chi ama me, tutte le gioie tocca;
tutte le grazie esprimo io di me stessa.

Ma, per avermi, ridi, ridi, ridi;
 se no, non puoi toccarmi, ch'io ti pungo,
 se no, non puoi guardarmi, ch'io t'abbacino:
 perché il mio riso non conosce piango;
 se vuoi pigliarmi, ridi, ridi, ridi!..."

O que ha do novo nesses versos é uma reforma na comprehensão do rythmo.

Com ella conseguiu o notabilissimo artista italiano transformar o decasyllabo, duro, emperrado, adoptado para as longas e massantes dissertações epicæ num verso souple, agil, corrente, destrançado, plastizando-o até tornal-o ductil e malleavel quasi como um alexandrino.

Os versos citados, lidos em voz baixa, parecem uma prosa burlada. Mas como são dramaticos, e portanto feitos para os recitar, lidos em voz alta, o rythmo poetico apparece, um rythmo novo, desconhecido, profundo, de uma harmonia ineffavel cheia de extranhos effeitos, que se desdobra e amplia embaladoramente como numa successão de accordes.

E afinal de contas a reforma de Benelli não passa de uma innovação technica.

Imagine-se, pois, o valor da reforma de Amadeu Amaral, cuja novidade é de ordem ideologica.

Que quer elle? A liberdade de comprehender os rythmos da vida sem compaseo.

O encanto irresistivel do mar donde lhe vem?

Vem do seu inconstante movimento, que de ser inconstante não lhe diminue a constancia do phenomeno, nem a bárbara e rythmica belleza é, muito menos, a poderosa força suggestiva e suggestionadora.

Só isso. Amadeu Amaral quer que a arte seja mobil e inconstante como a onda, bella e forte, como a onda, encantadora e inutil como a onda.

* * *

E' difficil, sinão mesmo impossivel, determinar os factores que preponderaram no espirito do poeta para a realização de sua reforma.

Onde buscaria elle o material que lhe revelasse a concepção do "movimento perenne" da vida transportado á arte?

Em Nietzsche, é a resposta facil e prompta que acertadamente deu esse brilhante espirito que é J. A. Nogueira.

De accordo, a philosophia do grande pensador entra por muito na idealização dessa nova expressão artistica.

O homem, porém, vive mais adstricto ao poder forte das imagens que á logica subtil das abstracções.

Em se tratando de imaginação creadora muito mais póde uma imagem que uma lei scientifica ou um aphorismo philosophico. E a prova ficou no que atraz deixei dito sobre os poetas.

Penso eu dahí que Nietzsche sósinho não levantaria esse portentoso edificio que é a arte de Amadeu Amaral, mesmo porque os systemas philosophicos, em regra, não criam artistas. Muito mais facilmente engendram sectarios e declamadores.

Nesse caso é mais logico suppôr que foi a vida a inspiradora do vate.

Não a vida em si mesma, mas sim por meio de um aparelho que a resume hoje: o cinematographo.

A literatura, em muitas das suas melhores epochas, se deixou sempre infinenciar por uma arte convizinha, imitando-as nas suas regras geraes.

E' uma observação facil verificar que o Realismo é todo elle inspirado na pintura. Alguns autores mesmo foram até á photographia.

Entre o "impressionismo" literario e o pittorico a technica é a mesma.

O atticismo grego prende-se em linha recta á estatuaria, á preoccupação da harmonia plastica das linhas corporaes, á sobriedade severa della immanente para haver arte veridica e sincera.

A Renascença é filha da Architectonica, em especial da architectura hellenica.

A construcção enorme — a epopéa, com Dante, Tasso, Camões, mesmo na satyra com Ariosto e Cervantes — dividida em cantos, observando regras absolutas como nas ordens e sem que isso peasse a forma e a invenção.

A musica offerece-nos, modernamente, o caso dos mysticos e symbolistas, luctando para reduzir as palavras á força de simples notações musicaes e querendo emocionar pelo que ha de som nos vocabulos.

Que haveria demais, assim, que fosse o cinema uma das pedras de toque reveladoras do que la no subconsciente do poeta?

Parece-me foi elle que representou para Amadeu Amaral o papel que a "camara clara" representa para os pintores paisagistas.

Animatographo já o chamaram com justeza. Elle mostra-nos, na tela, vivendo a vida verdadeira do mundo. Focaliza a nossa attenção para determinados pontos, sem lhes immobilizar o flagrante.

De todos os elogios que fizeram ao moderno invento uenhum é maior que esse: ensinar a vida tão completamente, como si vivessemos quarenta annos numa hora.

Foi indubitavelmente elle que revelou ao poeta que a arte não tem passado, em relação á Natureza, de uma mera e simples lanterna magica.



E naturalmente lhe suggeriu *essa* idéa de a levar até á relação do animatographo da vida, pois só elle seria capaz de ensinar que: "a ambição de prolongar o prazer atormenta-o, estraga-o, converte-o numa ancia dolorosa. Os mais intensos, e melhores, são os mais breves. Os mais altos, os supremos, como os do amor, são aquelles que se gosam na absoluta certeza de que passam, de que estão passando, irremediavelmente, fatalmente, como relampagos de felicidade..." (1)

* * *

Ahí está, esgarçada em quatro traços principaes, a innovação esthetica com que nos presenteou Amadeu Amaral ao publicar as **Espumas**.

Será essa arte definitiva? Não, de certo. Emquanto houver ansiedade humana, a arte assumirá sempre outros aspectos.

Será ella nova? E' duvidoso. A tara organica da humanidade foi sempre, mais que as doenças, a mediocridade. Não se póde saber, verdadeiramente, quanta gente desconhecida e incomprehendida passou pelo mundo.

Nem nova nem definitiva. Em todo caso moderna e com o consolo supremo de que não ha de fazer escola.

Sábem porque? Porque inimitavel. Demanda elementos raros em prozadores e rarissimos em poetas: idéas e visão profunda.

SUD MENNUCCI

(1) — Amadeu Amaral — "Vida Moderna", n. 284.



UM TRABALHO INEDITO

DE ORVILLE A. DERBY

Meu caro Capistrano:

Esta nota precisa ser revista, mas isto só posso fazer depois de aberto o Instituto ou a Bibliotheca.

Eu preferia que o amigo a usasse com certa parcimonia, no seu trabalho para não mais antecipar de mais um trabalho neste genero, que talvez faça algum dia para o Instituto, mas deixo isto á sua discreção.

DERBY.

Os mappas que ainda se acham conservados do periodo dos descobrimentos da costa do Brasil, têm sido estudados por ORVILLE A. DERBY, que assim resume as suas conclusões a respeito, as quaes, pela maior parte, têm sido encorporadas em memorias publicadas na Revista do Instituto Historico de S. Paulo (vol...) e no volume commemorativo do tricentenario do Ceará.

O primeiro monumento cartographico da descoberta da America, que possuímos, é o mappa de Juan de la Cosa, confeccionado em 1500. A parte sul-amerieana consiste em um trecho presunivelmente originario do proprio autor, que fazia parte da expedição de Hojeda, de 1499, e que representa a actual costa da Venezuela e Guyana, até um ponto intermedio entre a fóz do Essequibo e o Amazonas, onde emenda com um trecho derivado da expedição de Vicente Pinzon ou de..... Lepe, cujo pessoal se encontrou com o de Hojeda, em Santo Domingos. Do ponto de aterramento destas expedi-

ções, um tanto ao oeste do Cabo São Roque, o mappa é fantástico, bem que represente, com certa fidelidade, (presumivelmente por um puro acaso), a grande saliência do continente da região dos Cabos São Roque e Santo Agostinho. A figura tosea e mal collocada de uma "Ilha descoberta por Portugal", é evidentemente uma tentativa de representar graphicamente a descoberta, por Cabral, da costa ao sul do Cabo Santo Agostinho, da qual o autor evidentemente tinha recebido uma noticia vaga, antes de concluir o seu trabalho.

O segundo mappa, cuja data pode ser definitivamente fixada em... de de 1502, é o do italiano Cantino, residente em Lisboa e aparentemente confeccionado, em parte, por informações colhidas entre navegantes, naquella parte, supplementares ás derivadas dos mappas que o autor pôde obter. A parte que interessa ao Brasil é a costa do Cabo São Roque, até um ponto que não pode ser bem determinado, mas que aparentemente está além do estuario do Prata. Este trecho acompanha, com bastante aproximação, os resultados da expedição portugueza de 1501, enviada para continuar a descoberta de Cabral, do anno anterior.

A representação mais minuciosa e exacta dos resultados desta expedição acha-se nos dois mappas conhecidos por nome de "Kunstmann n.º II e n.º III, que presumivelmente datam do anno de 1503, sendo desenhados independentemente por dois membros da expedição, dos quaes um era italiano, e talvez o celebre Americo Vespucci. Ambos terminaram em Cananea, creando assim forte presumpção de ser fantastica a representação, além daquelle ponto, do mappa de Cantino, bem como a narrativa de Vespucci, da sua viagem no mar do extremo sul.

O mappa de Macollo de 151... dá a primeira representação que tem sido conservada dos resultados da expedição de Solis em 15... que accrescentou aos mappas existentes o trecho da costa que vai de Cananea até o estuario do Prata, o qual foi emendado e continuado até o estreito de Magalhães, pela expedição, em 15... do navegante deste nome, cujos resultados vêm figurados pela primeira vez, entre os mappas conservados e conhecidos, no mappa conhecido pelo nome de "Lurin" e attribuido ao anno de 1523.

Estes dois ultimos mappas, bem como o de Freucei, de 151..., contêm detalhes e nomes no trecho ao norte do Cabo São Roque, que indicam diversas fontes de informações, das quaes a historia escripta não tem conservado noticia, salvo no caso da carta de Estivão Froes, escripta de Santo Domingos a.... de de 1514 (?). Entre estes nomes, o de "Ca-

bo Córso" (do mappa de), parece commemorar um dos companheiros de Froes e o de "Maralio" (no mappa de) é certamente o primeiro apparecimento na cartographia do nome "Maranhão, que foi applicado pelos Hespanhões ao mar Doee de Pinzon e o rio das Amazonas de Orelana. Esta confusão nos mappas hespanhióes teve consequencias que se estenderam até nossos dias, na quasi interminavel controversia entre Brasil e França, relativa ao territorio de Amapá.

Um notavel melhoramento na representação da costa do Brasil, desde o Amazonas até o Prata, vem no mappa de Gaspar Viegas, de 1534, que se pode considerar como mappa official (não se sabe se original ou copia) de um novo levantamento de toda a costa feito pela expedição de Martin Affonso de Souza, em 153... , que assim teve um caracter scientifico que não tem sido reconhecido pelos historiadorez, sendo apenas revelado por este admiravel trabalho cartographico, que mereceu a admiração de auctoridades tão cõpetentes como sejam Ferdinando Denis e o almirante Monchez. O trecho ao norte de Pernambueo até á fóz meridional do Amazonas, no qual é mais apreciavel o melhoramento que este mappa apresenta sobre os seus antecessores, foi evidentemente levantado por algum hydrographo habil (Gaspar Viegas?), que fez parte do pessoal de Diogo Leite, mandado ao norte por Martin Affonso de Souza, comparado com os trabalhos quasi contemporaneos (1526-1530) da expedição hespanhola, para a exploração do rio da Prata, que vêm representados nos mappas de Sebastião Cabolto e Alonzo da Santa Cruz, ambos os quaes depois occuparam o cargo de hydrographo real da Hespanha; o do hydrographo portuguez anonymo mostra superioridade bem frizante.

Para salientar esta superioridade, basta comparar a configuração relativamente exacta, dada pelo cartographo portuguez á bacia hydrographica do golpho de Maranhão, com a figura grotesca dada á bacia do Prata pelos seus collegas hespanhões, que aliás gastaram ahi, mais annos (4) do que, provavelmente, se demorou semanas o cartographo anonymo portuguez, no campo dos seus trabalhos. Esta circumstancia faz aereeditar, que nas visinhanças do Maranhão foi encontrado algum europeu (naufrago ou desterrado) domiciliado entre os indios e já familiarizado com as feições e nomenclaturas geographicas da região. Confirmam esta hypothese o agrupamento de nomes indigenas (algunz conservados até hoje) em redor deste ponto, e a referencia a um "Pero Gallego" na carta de Estivão Froes.

Este mappa de Gaspar Viegas, ou o original, de onde foi tirado, serviu por muitos annos, eerea de um seculo, de prototypo para a representação deste trecho da costa, até que foi substituído pelos trabalhos mais minuciosos, e em escala maior, do portuguez João Teixeira e dos hydrographos holandezes, que se occuparam com serviços cartographicos no tempo de Maurício de Nassau.

A expedição de Diogo Leite, e o mappa que della resultou, deram para a cartographia um trecho extenso, do golpho de Maranhão á foz do Rio São João (Pará), que nos mappas então correntes, quasi exclusivamente de origem hespanhola, era não existente, por ser a quebrada da costa, que depois (1542?) se verificou ser a fóz do Amazonas, identificada como o golpho de Maranhão. Os cartographos hespanhóes, cujos trabalhos foram depois largamente copiados e divulgados pela imprensa, pelos holandezes, fizeram esta interpolação de modo muito desastrado, que pouco persistiu na cartographia, mas que se prestava admiravelmente á chicana politica e diplomatica na questão secular dos limites entre as Guyanas brasileira e franceza, que só terminou ultimamente, graças ao trabalho monumental do representante brasileiro, o Barão do Rio Branco.

Com a contribuição fornecida pela expedição de Diogo Leite, toda a linha da costa do Brasil ficou muito regularmente delineada, e os mappas subsequentes ao de 1534 nenhuma novidade trazem na região litoreana, e apenas um augmento sempre crescente de detalhes de configuração e nomenclatura. Nelles, o ponto de interesse passa a ser as tentativas de representar o grande interior do Continente. O primeiro mappa, em que esta representação não esteja inteiramente fantastica, é o de Diego Ribeiro, de 1529, em que figura, em esboço toseo, a baía do Prata, trazido por pessoal da expedição de 1526, sob o commando de Sebastião Cabolto e presumivelmente feito pelo hydrographo Alonzo da Santa Cruz, que acompanhou aquella expedição. Logo em seguida, no mappa de Gaspar Viegas, de 1534, vem a já referida figuração da baía hydrographica do golpho de Maranhão; verdadeiramente o interesse dos cartographos, em representar o interior, foi despertado pela viagem de Orellana, atravez do Continente, pelo valle do Amazonas, que se tornou conhecido na Europa em 1543 (?). Para representar as surprehendentes revelações deste arrojado feito, os cartographos interpolaram uma enorme figura de serpente, nos seus mappas já feitos (Desbiens 154...), ou deram livre vôo á sua imaginação, na confecção de mappas novos. Aparecem dois typos de mappas



que por muitos annos dominaram a cartographia, que justamente nesta época tomou um enorme impulso devido ao emprehendimento (em parte tambem ás rivalidades) dos impressores e editores hollandezes. O typo hespanhol, do qual o primeiro exemplar (ou pelo menos o primeiro conservado), é o mappa de Gutierrez, de 154... é caracterizado pela duplicação do rio descoberto e navegado por Orellana, o qual, regularmente representado, é acompanhado, ao sul, por um irmão gêmeo, conduzindo as aguas do Lago Titicaca através do Continente ao golpho de Maranhão, e assim resolvendo, com uma pennada, os magnos problemas apresentados pela bacia fechada andina, e pela confusão introduzida pelos primeiros cartographos, no emprego do nome Maranhão. O typo portuguez, cujo primeiro exemplar conhecido é o mappa de Bartholomen Velho, de 1662 (?), é caracterizado por grandes lagos e rios entrelaçados, pelos quaes as grandes bacias hydrographicas do Amazonas, Paragnay, Paraná e São Francisco se communicaram livremente entre si.

Por muitos annos, estes dois typos de mappas, tendo cahido nas mãos emprehendedoras dos impressores hollandezes, correram parallellos entre si, e até 1700 (no mappa de Delille) ainda se encontram na ligação do Rio Real com o São Francisco — traços da arrojada concepção de Bartholomen Velho, relativa ao regimen hydrographico do interior do Continente.

Assumpto interessante é o desenvolvimento da nomenclatura geographica nos primeiros mappas. Os da primeira década, depois da descoberta, só trazem denominações tiradas do calendario (Santa Maria da Consolação etc., no de Juan de la Cosa, etc.), ou da Escriptura Sagrada (Pinaulo da Tentação, Cananea, nos mappas de Kunstmann), ou descriptivas (Rostro Hermoso, Terra de Fumos, etc. no de Juan de la Cosa etc.). As décadas de Pedro Martyr e o processo de... Colon introduziram na historia escripta varias denominações, como Maria Tombolo (Mar.....) que não figuram na cartographia, e uma outra (Paraenra), que são evidentemente de origem indigena, mas que só appareceram depois que Pinzon ou outros tinham voltado á costa, já familiarizados com os indios por meio de escravos levados na primeira viagem, ou "deixados" entre elles.

Como já referido, o nome "Maranhão", em uma outra forma appareceu muito cedo, tanto na cartographia (Frednei 1514), como na historia escripta (processo Colon 1512), e em circumstancias que fazem acreditar que seja de origem portugueza, antes do que hespanhola ou indigena. E' muito caracteristico, de uma grande serie de mappas, o emprego des-

te nome sem qualificativo (Maranhão) ou com o artigo sómente (o Maranhão), e esta circumstancia o faz parecer uma denominação topographica descriptiva, talvez derivada de "Marachão", que seria muito bem applicada nesta costa. De facto, um dicionario portuguez eita um autor antigo que escreveu (por erro, diz o lexicographo) "Maranhões" por "Marachões".





PAIZ DE OURO E ESMERALDA (1)

Era um homem singular o doutor Strauss. Medico, mas incorrigivel souhador, emigrára, havia muito, para o Brasil, estabelecendo-se a principio em Santa Catharina, onde desposára uma compatriota já entrada em annos e que havia nome frau Mathilde. Mais tarde, a convite de um amigo, tambem allemão, transferira-se para S. Paulo, sequioso que andava de ter com quem trocar idéas sobre a essencia do universo e os grandiosos destinos do povo de senhores a que tiuham a gloria de pertencer.

Em chegando á Paulicéa, fôra residir á rua Aurora, paredes meias com o compatriota. Quebraram, porém, não fazia muito, em consequencia da irreductibilidade das doutrinas philosophicas que professavam. Doutor Strauss entendia que a maior obra de Kant era a "Critica da Razão Pura" e que o mestre cantára a palinodia com a sua moral esteada no imperativo cathgorico. O amigo, ao contrario, teimava em convencel-o da unidade e harmonia de todos os ensinamentos kantiãos. Disentiram, beberam e souharam juntos durante quatro longos annos e alguns mezes; mas, como nenhum delles cedesse terreno, capacitaram-se de que a lei superior a que cada um devia obedecer os obrigava a rompimento definitivo, e separaram-se corajosamente, consolando-se com a idéa de que talvez existisse immensa orbita sideral na qual esti-

(1) Vide numeros de Dezembro e Janeiro.



vessem compreendidos, a modo de curtos segmentos, os caminhos aparentemente oppostos que tomaram as suas profundas meditações. Não era a primeira vez que dous grandes allemães sacrificavam a amizade a exigencias de ordem puramente intellectual. Bem o sabiam elles, e foi com secreto orgulho que repetiram os gestos famosos de seus illustres antepassados Nietzsche e Wagner.

Doutor Strauss poz-se então a procurar uma morada socegada, onde pudesse dar livre curso a seus devaneios metaphysicos. E como tivesse noticia, por um annuncio de gazeta, do confortavel chalet, cujos apartamentos inferiores os irmãos Orsini queriam alugar a um casal sem creanças, com a condição de fornecer-lhes as refeições nos dias em que não sahisses, foi a casa escolhida sem detença, por corresponder justamente aos desejos do medico.

Leonardo e Angelo tornaram-se logo amigos do allemão, embora este nem sempre pudesse ouvir sem contradicta a entusiastica exposição, constantemente feita pelo primeiro, das utopias sociaes que lhe traziam accessa a imaginação. Quanto a Angelo, taciturno e hyper-sensível, o tudesco desde o começo viu nelle um doente, em quem se propunha experimentar a applicação de engenhoso methodo de reeducação, — o qual methodo consistia em inocular-lhe no espirito umas tantas subtilezas baptizadas com prazer de "idéas-forças transmutadoras da sênsibilidade"... Ao cabo, porém, de não muito espaço de tempo declarou-se a fallencia, em semelhante caso, do maravilhoso processo de cura, e o moço foi conscienciosamente classificado sob a rubrica dos "destinados a desapparecer", o que aliás não tolheu continuassem entre ambos — classificador e classificado — as mais amistosas relações.

Sucedeu então uma cousa que veio transformar de repente o moral do joven italiano.

Strauss, que, segundo se dizia, havia salvo a vida ao coronel Vieira, de quem era medico assistente, frequentava-lhe assiduamente a casa, aonde ia quasi todas as noi-



tes, ora só, ora em companhia de frau Mathilde. Com razão ou sem ella, pae e filhos votavam ao loiro sabio verdadeira adoração, pelo muito que julgavam dever á sua sciencia e dedicação profissional. Recebiam-n'os por isso com intimidade cheia de carinho e gratidão.

— Porque não levamos de vez em quando o snr. Angelo á casa do coronel? perguntou certo dia ao marido, entre timida e maliciosa, a risonha e gorda Mathilde.

Strauss, a essa proposta, não deixou de cuidar de si para consigo que o methodo de cura lembrado pela mulher talvez fosse mais efficaz do que a systematica inoculação das "idéas-forças".

Assim fizeram. E ao termo de poucas visitas, insolita exaltação succedia ao abatimento e melancolia do costume. Angelo não era mais o mesmo. Trocára-se inteiramente. Animára-se e transfigurára-se... Agora fallava muito e tinha expansões que se lhe não conheciam dantes. Ria ao menor gracejo, contava anedotas, chegava até ao sublime de ouvir com prazer a flauta do medico... Porque Strauss adorava a musica e todos os dias invariavelmente, allí pela volta das nove horas da manhã, antes do almoço, não deixava de tocar uma ariazinha, lembrando-se talvez, á imitação de Schopenhauer, de que a emoção musical é uma verdadeira communição da realidade metaphysica do universo.

IV

Apenas Angelo ganhou o andar inferior do predio, deffrontou-se com o sapientissimo doutor, que já lhe vinha ao encontro, enorme e pesado, com o largo rosto bonachão, côr de lagosta cozida, aberto num grande sorriso :

— Já sei que está impaciente... Mas não me foi possível vir mais cedo. O peor é que ainda não jantei...

— Temos muito tempo, obtemperou' o rapaz, receoso de que se viesse a adiar a visita projectada para aquella noite. Ainda não são sete horas. Chamarei um automovel



pelo telephone. Assim gastaremos no trajecto poucos minutos...

— Então venha fazer-me companhia á meza.

Angelo seguiu-o, indo sentar-se á sua frente, emquanto frau Mathilde, como que transbordando toda de silenciosamente risounha, punha os ultimos pratos.

— Os amorosos têm uma taboa de valores que é preciso respeitarmos... observou pacatamente o medico, ao mesmo tempo que se preparava para emborcar, de olhos postos nos guizados fumegantes, o primeiro copo de cerveja.

— Pois não é “o amor que move o sol e os outros astros”? acudiu Angelo, rindo-se.

Strauss meneou a cabeça, murmurando :

— Estes latiuos molham todo o universo em agna de rosa... Nada de combatividade, de gosto á lucta, ao esforço, ao dominio... O resto de sua força é empregada em nivelar, em rebaixar e dissolver a vida...

Angelo ouviu-o um pouco espantado, pois não percebia bem que relação existia entre o seu amor e a severidade desse juizo que abrangia diversos povos na mesma condemnação. O tudesco, porém, exprimia o resultado final de longa meditação, cujos meandros se perdiam em vapores de cerveja. O verso de Dante lhe apparecêra talvez como um principio explicativo universal em opposição á metaphysica da força, que lhe sorria. E de nuvem em nuvem chegára a colher mais uma contra-prova de que á sua raça estava reservado o papel messianico de salvar o mundo da anemia e da morte.

— Então o doutor julga que ha alguma cousa que valha mais do que o amor? perguntou Angelo em som de gracejo.

Julgo não... retorquiu o medico depois de alguns instantes absorvidos em deglutir um pedaço de rosbife seguido de saboreada libação — **Julgo** não... Não se trata de formular um juizo. A sua pergunta importa a crença de que ha um valor **absolutamente** superior a tudo quanto existe...

— Perdão, doutor, acudiu o joven a ver se ainda era tempo de fechar a porta a taes vãos philosophicos. Não pretendi dar tamanho alcance á palavra **judgar**...

— Se não foi nesse sentido que o snr. empregou o termo, — interrompeu Strauss, olhando maliciosamente de esguelha a gorda **frau Mathilde**, que arranjava a louça nas prateleiras do armario, — é que talvez não saiba que eu e minha mulher já estamos fóra da idade canonica...

— Longe de mim tal intenção, doutor...

— Sei... sei... O snr. não está tão mal acompanhado como pensa. Platão prégava as idéas-seres, as idéas absolutas, a verdade transeendente... Kant, o maior dos philosophos do mundo, não teve a fraqueza de inventar o imperativo cathegorigo? Acreditavam, como o snr., que ha valores absolutos...

— Como eu não, doutor. Não ando por essas alturas, nem peso muito de philosophias. Sirvo-me das palavras sem segunda tenção, pelo que são para toda a gente...

Baldados esforços para pôr termo ás divagações do metaphysico-amador. Strauss discreteava mais para clarificar as proprias idéas do que por comprazer ao seu interlocutor.

— O snr. faz inconscientemente — proseguiu inexoravel — o que fazem todos os homens. — Procura transformar em valor absoluto e intangivel o que é actualmente para o snr. uma attitude de vida e de felicidade. O snr. proclama a grandeza do amor porque está amando, do mesmo modo que um velho que não quer abdicar, louva as excellencias da velhice, eserevendo tratados de **sene-ctude**. Para o snr. o amor é hoje o supremo valor, a mais alta razão de viver e de gozar a vida. Pretender que um velho, como eu, adopte a sua affirmacção equivale a querer eu conveneel-o de que deve suspirar para chegar á minha idade...

— Valha-me Deus, meu caro doutor. O snr. não está velho como diz. Mas creio que sobre qualquer assumpto se pôde sempre formular um juizo desinteressado, um juizo que não aproveite a quem o faz.



Strauss poz-se a limpar a bocca com o guardanapo, lançando em volta de si olhares intensamente azues. Depois pediu a **frau** Mathilde que lhe trouxesse o cachimbo. Acendeu-o vagarosamente e dispoz-se a responder.

Angelo entrou a recear seriamente que a visita á familia Vieira não se realisasse aquella noite.

— Doutor, agora creio que posso chamar o automovel. Está ficando tarde...

O medico, em resposta, tirou do bolso do collête um relogio grande e pesado. Mirou-o com ar beatifico, gosando as primeiras baforadas do cachimbo.

— Sete e quarto, observou. Podemos chegar lá ás oito horas. Temos muito tempo.

O moço quiz advertir que era melhor chegarem mais cedo. Mas não ousou fazel-o, para não quebrar o bom humor do doutor. Resignou-se a ouvil-o.

— Juizo desinteressado! exclamou Strauss. Nenhum acto humano é desinteressado. Sempre que aceitamos como verdade uma affirmação que nos é prejudicial, damos prova de fraqueza, soffremos uma derrota. Não ha verdade. Ha verdades. A verdade para o amoroso é o amor; para o velho, o elogio da velhice; para o que padece, a nobreza da dôr, e assim por deante. O triumpho de uma idéa não é mais do que o triumpho de uma especie de homens mais forte sobre outra mais fraca. Creia o snr., — a força é a unica medida de tudo o que existe. Até as chamadas verdades logicas e mathematicas têm uma origem inteiramente guerreira. Se hoje os angulos de um triangulo são eguaes a dois rectos, é isso devido a uma victoria ganha na epoca das primeiras tentativas da vida para chegar ao conhecimento. Nessa occasião os conceitos, que Kant chamou de "**fórm**as a priori", de tempo, de espaço e de causa affirmaram-se mais fortes do que todas as demais modalidades possiveis de actividade mental. Não ha lei. Cada acto de força produz a cada instante sua ultima consequencia. Não existe coisa em si. Todas as noções com que acreditamos conhecer o mundo não passam de meios de inventarmos o mundo. Mas ain-



da aqui ha uma illusão. Não ha nem sujeito nem objecto de conhecimento. Descartes não tem razão. "Penso, logo existo" já suppõe a crença na substancia. "Pensa-se, logo ha pensamentos" não resolve a questão da realidade do pensamento. Como podemos saber que ha consas? Só o sujeito afigura-se demonstravel, visto como o objecto é um modo de ser do sujeito. Mas supprimindo o objecto, lambem desaparece o sujeito. Não ha, pois, sujeito, nem objecto, nem substancia, nem ser, nem idéa, nem lei, alguma. Ha talvez uma apparencia de pensamento...

— Pelo amor de Deus, doutor, permitta-me agora que chame uma apparencia de automovel, para nos levar á casa do coronel Vieira...

Doutor Strauss riu-se brandamente, satisfeito com as evoluções do seu pensamento. Sentia o orgulho intimo de um gymnasta que acaba de mostrar, em perigosos exercicios, toda a força e agilidade de que é capaz.

Angelo corren, á final, ao telephone, enquanto frau Mathilde, sempre solícita, trazia o chapéo e o sobretudo do marido.

D'ahi a alguns momentos começou-se a ouvir insistente e em crescendo o buzinar do auto, que se approximava. Sahiram os dois. Foi uma como pequena tempestade ensurdecadora, precedida de projecções luminosas que varriam longo trecho do caminho deserto. Parou em frente ao portão. A machina taralhava e refervia, como impaciente por desembestar. Trocaram-se palavras gritadas. Fecha-se com estrondo a portinhola. Redomoinham. Vão-se arrebatados.

— Frederico... Frederico...

Era frau Mathilde que, pressurosa e desengonçada, acudia com o guarda-chuva e as galochas do doutor.

— Frederico... Frederico...

Mas o auto já desaparecia, como um relampago, na curva, a cem metros da casa, deixando após si um como estremecimento de vendaval.

(*Continúa*).

J. A. NOGUEIRA





VERSOS

ENTARDECER NA CIDADE

*Cabe a tarde... No azul que se fez côr de lousa
No cinabrio em fusão de um céu meridional
Uma estrellá isolada e pequenina ponsa,
Doiroda mariposa,
Entre as torres iguaes da Velha cathedral.*

*A' nostalgica luz que ás consas enlanguesce
Baila um raio vermelho ao longe, sobre o mar...
Da rua a animação, de instante a instante, cresce
E das arvores desce
A pensativa nneção da hora crepuscular.*

*A sombra, leve ainda, é como aereá renda
A esgaçar-se por sobre os telhados além...
Não ha vidro que ao sol morrente não se accenda
Em ouros de legenda,
E outra estrellá a tremor accende-se tambem...*

*O crepusculo pôe, meditalivamente,
Na balburdia de em torno um subito pedal.
A sandade de alguma intimidade ausente
Nos punge de repente,
E enche aos olhos tambem de sombra vesperal...*

*E' quando mais febril se torna o movimento,
Mais, na cidade era festa, alegre a diversão
Que, sentindo a frieza de meu isolamento,
A angustia experimento
D'alma ler solitária em meio a multidão.*

*Pôde a turba mesclar os gestos indecisos,
Os passos misturar no mesmo obscuro pó,
No precario esplendor de nossos paraísos
Sentimos, sob os risos,
A alma, dentro de nós, eternamente só...*

ORGULHO

*Elmo dominador de aurea viscira
Por sobre a mesquinhez de todos nós,
Força, emprestando á graça dos cipós
O arrojo de enlaçar a alta palmeira.*

*Courosa que da magoa prisioneira
Abafas n'alma a humilhadora voz
E, da illusão de um vôo de albatroz,
Alimentas a audacia da carreira.*

*Bella coragem de quem, fronte alçada,
Sabe manter o garbo da fachada
Quando ao castello a ruina conheceu,*

*Bemdito sejas tu, sereno orgulho,
Que impassivel dos ventos no barulho
Contra o abulre tornaste Promelheu!...*

MARIA EUGENIA CELSO

A BRANCA MARIA

*Leio nos olhos teus, tão joviais de costume,
uma secreta magua;
são como, orfãos da luz, no soturno negrume,
duas nacentes de agua...*

*Dizem-me eles, fiéis: "Amigo, bom amigo,
tu que gosavas d'antes
em ter-nos cada dia e cada hora contigo
para espelhos radiantes,*

*porque tão raro vens sôbre nós inclinar-te?
porque rosto dileto,
com incuria ou desdem assim deixas de parte
nosso desejo inquieto?"*

*Teu coração ao meu diz: "Grande é a culpa tua,
coração imprudente!
á doce intimidade, em fim, não se habitua
uma alma impunemente;*

*"uma alma de mulher, uma alma de menina,
que ama o riso, a confiança,
coração insensato! e que sofre, mofoa,
da menor esquivaça..."*

*"Não devêras, então, fazer-me como um dondo,
coração deshumano!
medir meu tenue ritmo, em violento denodo,
pelo teu, soberano..."*

*"Pois agora qual pêndulasinha debil,
que o seu leve compasso
perdeu, que bate a esmo, irregular e flebil,
arfando de cansaço..."*

*Belos olhos fiéis, se vos cobre, saudosos,
uma nevoa de pranto;
coração original, ninho de castos gosos,
se inda me queres tanto;*

*sabeis que não me fez da vossa graça indigno
o olvido; que a mereço,
se alguém merecer pode o mero dom benigno
de um tesouro sem preço.*

Eu era, na verdade, um gentil companheiro;
promto a cada chamado
do prazer, da aventura; andeiro e cavaleiro;
garboso e apaironado.

Que espirito feroz! que ardente fantasia!
que luminosa, intensa,
nunca exausta efusão de ideal, de poesia!
que juventude imensa!

Murmuraste uma vez: "Teu sentir é diverso
dos outros. Sempre dizes
cousas novas..." Absorto eu te escutava, imerso
em sonhos tão felizes!

E' que, cada manhã, eu proprio, ao levantar-me,
novo em um novo mundo
renacer me sentia; e com alado carne
saudara o sol jocundo.

De cada ingenuo ser em meu caminho, fosse
flor, pássaro, donzela,
ou criança, eu obtinha a carícia mais doce,
com a prenda mais bela.

Lembras-te do verão, passado na montanha?
que terna confridencia!
A saudade, subtil, como a mim, te acompanha
atravez da existencia?

Guardas, como eu, no peito, o nostálgico enlévo
d'essa agreste paisagem?
as fragrancias do abêto, e do louro, e do trevo,
e da menta selvagem?



Claros júbilos do ar! com que brioso gôsto
ele, audaz, te beijava,
as cores te avirando á frescura do rosto,
que sublime irradiava!

Magias perenais da luz; carmins da aurora;
pugnas do ocaso em sangue;
philtros que a celestial ninfa notiflora
vertia lenta e langue;

gemas iriais do orvalho em ondulosos prados;
coxins no bosque, e alfombras,
de perrineas azuis, de cielamens rosados,
sob as virentes sombras;

amorosas canções dos ninhos em folgedos;
coro amplo da floresta,
quando o vento agitava as copas do arvoredo,
como sinos em festa;

reboante fragor do rio e da cascata,
que, entre musgosas penhas,
precipitavam seus lençois de flúida prata,
teares nutrindo, e azenhas;

vozes confidenciais das fontes, na espessura
dos recessos tranquilos,
onde iam colher, entre a rama escura,
amoras e mirtilos;

e em tudo uma expansão germinal de saúde,
de liberdade plena,
que a seiva nos movia, ora súbita e rude,
ora discreta e amena;

porque delicias tais, de minuto em-minuto,
ercara a natureza,
se não para as depôr a teus pés em tributo,
donairoza princeza?

E tu, com que real opulencia de vida,
e que espontaneidade,
as tomaras, tu, linda, elegante, instruida
fidalga da cidade!

tu, cultora exemplar da complexa doutrina,
que as modas senhoreia,
eras, na singeleza, a mais fresca e genuína
serrana d'essa aldeia!

Ah! o teu riso! o teu riso! o teu leve, suave,
melodioso riso!
dir-se-ia, ouvido em sonho, o gorgoeio de uma ave
no antigo Paraíso...

Quantas vezes, então, passeando a teu lado,
vi gárrula andorinha,
que, ao ouvi-lo, deixando o beiral do telhado,
voar-te em tórno rinha!

quantas vezes, na matta, um pintarroro esperto,
uma rôla hesitante,
deciam de alto galho a escutar de mais perto
esse riso cantante!

Com ceo fraternal também a essa alegria
respondia minha alma,
como a um faio de sol responde, luzidia,
vibrando, esbelta palma!

Inda quando sem ti eu sabia, e num êrmo
pensava, contemplado,
no declínio da dia, o horizonte sem termo,
misticamente; quando

só tintinavam as campainhas remotas
de algum rebanho arisco
de cabras, que o pastor, trauteando vagas notas,
conduzia ao aprisco;

ou longe, muito longe, um musical respiro
de amorosos pezares
fazia estremecer, no pánico retiro,
os silêncios, lunares;

inda em mim triunfava o teu leve, suave,
melodioso riso
de moça... oh! melhor, sim, que o gorgoeio de uma ave
no antiga Paraíso!

*Hoje... como dizer-te a tristeza diuturna,
em que jazo docente?
como explicar o horror da atra noite soturna
a marchar refulgente?*

*Muitos, ai! o poder da noite envolve e oprime:
hómens, familias, povos.
Mais que nunca insolente, ousa afirmar o Crime
que é lei dos tempos novos.*

*A máscara caiu á falsamente humana
Bêsta do Apocalipse.
E a face do Senhor ofendida se empanna
em negrejante eclipse.*

*Um vento de loucura as hordas incendárias
açula, cohorte a cohorte;
e são seus capitães, sob as libras cesarias,
o Roubo, o Estupro, a Morte.*

*A liga dos cristãos á Força iniqua e bruta
move sagrada guerra.
Ai! que curros de sangue a alucinante luta
derrama sôbre a terra!*

*Ao ecu, entre um rubor de colossais fogueiras,
sobem descompassados
gritos de angustia e de ira; ai! são nações inleiras,
que lombam frucidadas!*

*E nós, com as visões da Infancia e do Heroismo
nas pupilas insomnes;
nós, vendo perecer — azas num paroxismo
de atordoantes ciclones —*

*tanta ilusão, que de joelhos adorámos;
tanto ideal disperso,
sem cuja luz a vida um escarneo julgámos,
e um absurdo o universo;*

tanta obra de beleza e fé, tanto talento
na flor da mocidade,
tanto lago de amor, e tanto juramento
e vão de fraternidade;

nós, com armas nas mãos, nós, se a sorte nos priva
d'essa suprema glória,
com os anhelos tendendo e a abnegação rotiva
para a santa vitória;

nós só vivemos para a febre, a ancia, o tumulto
da universal tragedia;
ela é nossa obsessão; tudo mais jaz sepulto
no pântano da acedia...

Ah! o teu riso! está longe... o teu leve, suave,
melodioso riso!
tão longe... é outra vez como o gorgoejo de uma ave
no antigo Paraíso!

Pois tu sofres! Cristian bem nascida, em teu nobre
peito a honra se rebela
contra a lepra alemã, que de pústulas cobre
a terra, antes tão bela.

Mas ainda te adeja é brinca a adolescência,
que até o imo não sonda
os aleives crucis do Destino, e a potencia
do Mal, pro terra e hedionda.

Sonhos em barco leve e florido no abrigo
de uma cascada, em que as cenizas
do alto mar, a procela, o incessante perigo
se adrinham apenas.

Se, indo do oceano, uma onda impetuosa
fôrça a barra da cascada,
logo na mansidão d'essa água cor de rosa
se espreguiça encanada...

No fragor da tormenta eu viro dia e noite;
contra o embate violento
não tem minha alma pouso algum onde se acoste;
nem mais fugir-lhe eu lento.



*Em vão relembro e chamo as delícias de outrora.
Ao meu apêlo muda
a natureza fica; a arte se descolora;
tedio o mundo transuda...*

*Eis porque, minha amiga, eu me escondo, eu te evito,
bem que, assim, mais padeça.
Não quero que a impressão do meu semblante aflito
teu rosto entenebreça.*

*Belos olhos fieis, caros olhos saudosos,
por vós; por ti, eu tremo,
coraçã virginal, ninho de castos gosos;
doce amiguinha, temo*

*que, em tanta desventura, o teu leve, suave,
melodioso riso
se extinga... eco final do gorgoio de uma ave
no antigo Paraíso!*

CARLOS DE MAGALHÃES AZEREDO

Roma — 25 de Fevereiro de 1918.





Correl Correl, A. Zimmermann



Máu pouso, A. Zimmermann



O COLIBRI

Não era daquelles colibris todo ouro, todo esmeralda, que eu em creança, aprendera nos livros. Era quasi cinzento; apenas, nos encontros das azas e no peito, alguma penna brilhava com reflexos verdes e azues. No resto, um perfeito pária da raça dos colibris.

Era methodico. Todas as manhãs vinha alli á janella chuchurrear nos calices entreabertos de pouco, com a fleugma e a regularidade de burguez que vae diariamente ao leite quente da chacara. Pousava um pouquito num galhinho secco que amparava uma cravina, alimpava o bico, relanceava um olhar indifferente pelo arredor e desaparecia. E só vinte e quatro horas depois me era dado tornar a vel-o, na mesma faina invariavel.

Ora, eu sempre ouvira contar da colera dos colibris quando encontram uma flôr já violada. Porisso, nesse que diariamente vinha á enga das minhas flôres, euidava ver realizar-se esse espectaculo grandioso. Esperava que um dia ou outro algum mais madrigador podia passar alli pela janella e ronbar ao meu commensal o seu almoço costumeiro. Teria eu então, a tres metros de distancia, a scena epica da colera colibrina, tão pittorescamente cantada pelos poetas ornithologistas da minha infancia. Havia de chegar o dia.

Quasi chegou. Era uma manhã baça, de chuva. Um outro colibri, maiorzito e mais escuro de pennas, derepente surgin, es-

voaçando ante o jardim suspenso da janella. Apressado e arisco como quem sabe allieia a seara, alli não se demorou mais do que o tempo indispensavel á colheita de todo o mel que guardavam as florinhas. Sugou-o vorazmente até a ultima gotta e sumiu-se com dois gritos e duas curvas ligciras.

Com pouca demora ahi vinha outro. Disfarei o meu interesse, tranteando uma velha toada, para não tolher a expansão daquelle ciume tragieo. O colibri...

O colibri foi a uma flôr, depois a outra, a outra ainda, a todas ellas, enfiando o aeuleo pelos calices a dentro e retirando-o logo, desolado. Todas pereorreu e inquiriu, sem melhor exito, vindo depois repousar no galho da cravina, onde quedou algum tempo, immovel.

Oh! era a raiva, pensava eu esperançoso, era a raiva concentrada e á cata de um extremo de crueldade para a vingança.

Não era. O colibri inda voltou ás flôres; de novo investigou as corollas e com deseonsolo de esfomeado inda veiu ao galhinho predilecto, pousando numa attitude pensativa e lastimosa.

Comecei então a sentir em mim toda a raiva que aquelle colibri me negava. Resolvi exprobar-lhe directamente a pusillanimidade. Acerquei-me da janella e interroguei-o com impeto:

— Então, não almoça?

— Não; hoje não almoçarei, talvez. E' tarde já, e outros colibris já levaram todo o mel. O mel é tão pouco, e tantos os colibris!...

Aquillo intrigava-me. Um colibri a philosophar! Aquella avesita que eu sempre concebera como uma colera com azas, a suspirar diante do irremediavel! Era uma decepção.

Proceuri incital-o com uma intriga:

Mas essas flôres eram tuas; deviam reservar-te esse mel que levanamente entregaram a outro...

— Minhas?!... Não; não eram. As flôres não são de ninguém. O mel, rouba-o o primeiro que apparece, o mais esperto ou mais forte. Sempre foi assim...

— Sempre?!... Mas eu sempre ouvi dizer que os colibris despedaçavam as flôres infieis, ás bicadas...

— Phantasias; pode crêr. Um outro, talvez, em tempos idos e remotos, teve esse procedimento insensato. Mas em outras

eras, quando ainda havia colibris sentimentaes. Hoje somos os mais pacatos dos passarinhos. Se empregamos acaso alguma violeneia, é na fuga. Porque somos muito perseguidos, os colibris. A vida é penosa...

— Mas, então, a colera?

— Historias... Demais, de que nos valeria tal colera? As flôres são indifferentes. Tanto se lhes dá que o seu polem transite no bico de um colibri, como nas dobras de um verme. O que querem é fecundar-se. As flôres!... Para que destruil-as? Seria mais um esforço inutil, com o estomago sempre vasio.

— Mas pensam assim todos os colibris?

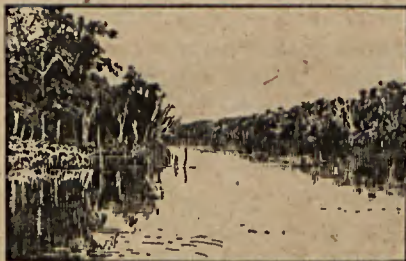
— Quasi todos. Não ha razão para pensarem differentemente. A vida é a mesma para todos...

Calei-me despeitado. O colibri permaneceu por largo tempo alli, soturno e quedo como um colibri de musen. Depois, voltando-se para mim:

— Bem; até logo!... Virei mais cedo amanhã. E' preciso ser o primeiro a chegar.

E assim foï.

LÉO VAZ





CINCO ANOS NO NORTE DO BRASIL

NOTAS Á MARGEM DO RELATORIO DO
DR. ARTHUR NEIVA SOBRE O NORTE.

II

Não ha duvida que a agua diminue sempre no Brasil Central; o morador das margens dos grandes rios não percebeu o fenomeno, mas o depoimento dos habitantes das proximidades dos pequenos cursos e de collecção d'agua pouco volumosa é unanime em confirmar este facto.

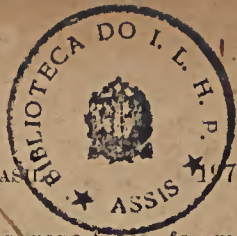
Dr. Neiva, pag. 76.

Em a "morada" "Cannavieira", que pertenceu aos jesuitas, travei conhecimento com um velho matuto — o sr. Bernardo Francisco de Souza, nascido em 20 de Agosto de 1832. E' coisa rara, um matuto do interior do nordeste brasileiro saber a sua idade, e muito mais a data do seu nascimento. Fiquei admirado da precisão com que o sr. Bernardo me disse o dia, mez e anno do seu.

O sertanejo tem signaes para marcar a "era" do gado, mas deixa a da sua prole completamente esquecida. Assim que se interroga a idade de um camponio, elle coça a cabeça, e meio acanhado gagueja: "eu não sei quantos annos tenho, nhor não. O meu pai disse que eu sou da "era das santas missões, quando o Frei João andou por aqui baptizando e crismando o povo". Outros dizem: "eu sou da "era do papa-fogo".

O papa-fogo é um aparelho, conhecido tambem aqui, entre os nossos caipiras, a que chamam "isqueiro". E' uma ponta de chifre com algodão queimado dentro, "isca", a que se atea fogo por meio de uma pedra attrictada por um pedaço de aço-fuzil. Logo que appa-





receram as primeiras caixas de phosphoros, os papa-fogos foram postos de lado. A queda do papa-fogo ficou marcando uma época.

O velho Bernardo é quasi analphabeto: assigna o nome, e é eleitor. "Eu, disse-me elle, voto desde o tempo das eleições geraes, mas não posso comprehender esse negocio: não sei que significa eleição".

Perguntei-lhe si sabia qual a forma do nosso governo, respondeu-me que só se lembrava de ter ouvido falar em D. Pedro II; quanto a D. Pedro I, não sabia quem tinha sido.

Contou-me que em 1832, mesmo no rigor da secca, os riachos tinham sempre agua: não "cortavam" no periodo secco. O riacho Itaueiras que passa a 20 kilometros, nos tempos das "cheias" fornecia peixes grandes ás "baixas"; terrenos marginaes alagadiços, de tal forma que em "Cannaveira" pescavam-se *surubins* (peixe de couro que se parece com o "pintado" que se encontra nos rios de S. Paulo).

As "baixas" agora são alagadas no tempo do inverno, mas por espaço de tempo muy pequeno. Antigamente as culturas principaes eram: canna e arroz; hoje, não mais se fazem taes culturas, por falta de agua, limitando-se os agricultores ao plantio de mandioca e milho. O arroz só é plantado em pequena escala e em lugar ainda molhado.

Do que se deduz que nestas regiões as aguas vão diminuindo.

Do valie do rio Urussuhy, para o sui do Estado, até S. Fliomena, onde puz ponto final á minha jornada, não se notá nenhum indicio de que as aguas estejam diminuindo. Todos os riachos, affluentes que conheço do rio Urussuhy, do lugar chamado "Morro-d'agua", até a sua foz no Parnahyba, são perennes. Em Agosto de 1915, os animaes de montaria, passaram a nado o Urussuhy, em meio do seu curso.

"Morro-d'agua" ou "Ronca", como tambem é conhecida pelos sertanejos, é uma interessante exquisitice da natureza. Nos "balxões" da margem esquerda do rio Urussuhy, ergue-se um morro que, embora muito menor, faz lembrar o Pão de Assucar, com a respectiva Urca ao lado.

Na base, do lado do nordeste, abre-se a bocca de um tunnel, que penetra nus 20 metros e ahí curva-se para a esquerda. A porta de sahida tem uns 8 metros de altura, por 4 metros de largura e termina em ogiva. Deste tunnel, que tem as paredes a prumo e lisas, como se fossem feitas pela mão do homem, são um riacho de 70 cents. de profundidade, tomando-lhe toda a largura.

A agua crystalina, tepida pela manhã, deixa ver a mais pequena pedra no fundo do leito. Logo que são do tunnel, corre por um plano inclinado, pedregoso, formando uma cachoeira, para, logo adiante, sob a sombra de copadas arvores, cahir n'uma bacla de uns 6 metros de diametro, cavada num arenito esverdeado. Ahl toma uma coloração de esmeralda, que mais realça o encanto da paizagem.

Quem penetra no tunnel, val com a agua até a cintura. Fazendo a curva, vê que a abobada se vai abaixando até encontrar a agua, e que

Na voga da frente está o "mestre", que dá a direcção, e na de trás, o "contra-mestre", que ajuda a manobra a fim de que a "balsa" não bata numa pedra ou encalhe na cabeceira de uma ilha, ou se enrosque num "balseiro" — garranchos de arvores tombados á margem.

Depois de uma ilhota, se a "balsa" perde o "fio d'agua", fica "estudando", á mercê no remanso, até que de novo a correnteza a apanha, e continua a viagem.

De vez em quando, o "mestre" faz soar um "buzo", (buzina como nós a chamamos no sul) feito de um cifre de boi, com a ponta cortada. Chama a atenção dos moradores que tem mercadorias para "botá p'rá baixo". Isto quando a "balsa" "pega frete". Geralmente, as "balsas" desde que não estejam com a carga completa, "pegam frete", pois só assim o respectivo dono pode alliviar a despeza que não é pequena: o "mestre" ganha de 60\$000 a 80\$000 réis e o "contra-mestre", de 30\$000 a 45\$000 réis, não contando a farinha, a rapadura, e a matalotagem, isto é, a rês que se mata para o consumo da casa. "Meu compadre fez hoje, uma matalotagem; quero vê si elle me arranja um "chambari" (mocotó), pois fais tempo que eu não como uma carninha".

Matalotagem na sua verdadeira accepção quer dizer provisão de comida para marinheiros. Em 1587 Gabriello Soares, dizia no seu "Roteiro", á pagina 159: "e os navios, que vem do Brasil para estes reinos, não tem outro remedio de matalotagem, para sustentar a gente até Portugal, senão o da farinha". Mais adiante continua: "tambem costumam levar para o mar matalotagem de beijús". . .

E' que o sertanejo é conservador: o sentido do termo está modificado, mas, o que é facto, é que a graphia se conserva ainda intacta, e o termo é empregado na accepção de alimentos.

Na popa da "balsa" o "contra-mestre" isola os buritis com um pouco de terra molhada e sobre ella arruma uma "trempe" de pedras, onde, enquanto a embarcação vai "rodando rio abaixo", elle prepara o "de cumê".

Cincoenta "talos" de buritis conduzem perfeitamente um homem, si a viagem não é muito longa, pois em sendo, os "talos" se vão encharcando d'agua" e se o "freguez" não botá uns embonos, nem que seja de bananeira não bóta em sua casa".

Uma "balsa", pequena, de duzentos "talos", chama-se "macaco".

Dos "talos", tambem, o agricultor, faz grandes caixões com capacidade para 5,000 litros. Arroz, milho e farinha de mandioca, são assim armazenados.

A parte lenhificada dos "talos", o revestimento exterior, é aproveitado para fazer cestas, côfos, desde o tecido mais grosseiro até o mais delicado que é a "urupema". Eu preparei essa "palha", uma palhinha para cadeira, que bem pode substituir a que vem do Japão.

No Alto Parnahyba tive o prazer de receber, na choupana que eu



habitava, o illustre piauihyense Dr. Joaquim Nogueira Paranaguá, a quem mostrei um assento de cadeira por mim tecido, de palha do buriti. O Dr. Nogueira Paranaguá ficou admirado de mais esta riqueza do Norte.

A "balsa", no Amazonas, segundo o Dr. Mario Guedes, autor do interessante livro "Os seringaes", não é outra coisa mais que uma porção de "pelles" de borracha, em numero de cem, mais ou menos, pesando cada "pelle" de dez a sessenta kilos, na proporção do tamanho.

Essas "pelles" se assemelham a grandes pães.

Ligadas umas ás outras, seguem rio abaixo, morosamente, ao sabor da corrente, ou "de bubuia".

Nos rios Parnahyba e Itapicuru', a lenha é conduzida, assim, para o consumo das villas e cidades.

As "balsas" para carregamento de vigas lavradas para construcção, constam de tres series de felxes de "talos de buriti", tendo um intervallo de 1,50 metro, onde se collocam, ao comprido, as madeiras. De resto, tudo é igual, sómente não costuma ter cobertura, como as que são para cereaes e outros productos agricolas.

O "macaco" de 50 "talos" é muito instavel. E' preciso ter-se muita pratica para poder descer o rio sem naufragar. O matuto colloca a sua "ligeira", — sacco de roupa, e nella se accomoda, até encontrar o centro de gravidade, e assim bem equilibrado, tendo como remo um propriò "talo de buriti", começa a descida, distrahindo-se em observar os rastos de paca, capivara e anta, nas ribanceiras.

FRANCISCO IGLESIAS





UM ALBUM DE ELISA LYNCH⁽¹⁾

IX

Pouco conhecedor das cousas platinas, ignoro qual o valor exacto documental do livro de Heitor Varela de onde extrahi os interessantes pormenores que aos benevolos leitores nos precedentes artigos apresentei. Do sabio e saudoso mestre Dr. Vieira Fazenda ouvi que a obra de "Orion" faz fé.

Graças á amabilidade de erudito historiador paraguayo a quem, a proposito do assumpto que nos occupa, tive o ensejo de consultar consegui de um parente proximo da celebre irlandeza as aliás restrictas informações, que passo a condensar.

Nasceu a companheira de Lopez II em Cork, Condado de Galway. Filha de distincto medico procedia de uma das mais velhas familias daquella parte da Irlanda, contando no seu abolório chefes de clans sheriffs etc. "en numero de mas de ochenta" diz o noticiarista.

Havendo irrompido gravissima epidemia em Cork prestou o Dr. Lynch os mais abnegados serviços profissionaes aos concidadãos sendo-lhe então confiado o governo civil da cidade, posição em que revelou a maxima energia na repressão das depredações e desordens então occorridas. Quando o flagello estava por assim dizer extinto enfermou e falleceu. Recorda-lhe os meritos uma placa de bronze com significativa inscripção, num dos mais frequentados locais da terra a que serviu devotamente. Silenciando quaesquer outros pormenores a ponto de declarar desconhecer a data do fallecimento de Elisa Lynch estendeu-se o consultado, longa-

(1) Vide numero de Janeiro



mente, sobre um irmão que ella transportara ao Paraguay, muito mais moço, allás, o tenente Lynch, da marinha do seu cunhado da mão esquerda e, ao que parece, ex-official da esquadra britannica de guerra.

"Era un distinguido official de marina, criado y educado como tal, desde su niñez, como acostumbran en la marina britannica — relata o seu parente. Era un correctissimo gentleman y mui querido por sus compañeros, hasta, no mas: joven, rubio, alto de estatura, bien proporcionado, lleno de vida, alegre, se relata a mandibulas abiertas de las penurias y peligros y (lo que fue causa de su muerte prematura) muy y generoso amigo y adorador insigne de las chicas — á quienes festejaba sin tregua ni descanso — por quienes gastaba todos sus haberes y alas que, en definitiva termino por dar su vida, se puede decir pues a causa de ellas, murió tísico".

Nascera o tenente Lynch assim como a sua linda irmã, sob o signo venusino, deduz-se do aranzel do seu parente...

X

E' tempo porém de justificar a epigrapho dos desprezenciosos estudos que tanto desenvolvimento tiveram com as digressões a que me entreguei. Movia-me o desejo de apresentar aos leitores alguns aspectos physionomicos de uma personalidade, cujo nome é em nosso palz tão conhecido e cuja biographia se reveste comtudo da ausencia de pormenores perante o publico brasileiro.

Do esfrangalhado album de Elisa Lynch restam dez paginas, in-4, escriptas, onde se lêem as lucubrações em prosa ou poeticas de seis personagens notorios, já o disse, ou por ordem chronologica: a 14 de fevereiro de 1862 um trecho em prosa do sr. von Gülich, desde 1852 ministro plenipotenciario da Prussia no Paraguay e republicas platinas; a 19 de março de 1862 longa poesia do Juan José Soto, politico uruguayo, agente secreto e espião chefe dos Lopez, nas republicas do Prata — a 28 de maio immediato, longo trecho da prosa do então ministro americano no Paraguay Charles Ames Washburn; a 20 de agosto seguinte as linhas curtas do Internuncio por Pio IX enviado á republica, Monsenhor Marino Marini; arcebispo titular de Palmyra e de seu auditor Lulz del Vecchio. E afinal as tres paginas onde se esparrama a larga e optima calligraphia do successor de Washburn, o general Martinho Thomaz Mac Mahon, autor do dez arrombadas e violentas estrophes, em que exalta o valor paraguayo, fazendo votos para que — isto em junho de 1869 — dentro em breve possa a heroica e esmagada nação triumphar dos oppressores.

Este grande lapso de sete annos, entre os cinco primeiros escriptos e o ultimo, decorrente de 1862, época de paz e prosperidade, e do apogeu da corteza, aos dias amargos de 1869, em vesperas de Perebebuy, Campo Grande e Aquidaban, faz-nos crer que do album tenham desaparecido muitas folhas. Seja como fôr, assim como está, abre-o o ministro prussiano com as suas vinte linhas de excellente gothico.

Bem se sabe quanto, em occasiões destas, é difficil escrever alguma cousa que valha e quanto inção de perigos e deslises para o ridiculo, a trivialidade e até mesmo o calinismo. a litteratura "albinesca". O que o representante do governo de Guilherme I traçou é tão chatamente infeliz e vulgar, tão bajulatorio que chego a suppor haja o diplomata, — no emtanto homem de velha estirpe aristocratica, — fiado na impunidade conferida pela insignificante divulgação do seu idioma na America meridional de antanho, deixado uma serie de conceitos carregados de acirrada ironia. E realmente só a titulo de impertinentes remosques se poderá admittir a lealdade das expressões de quem affirma a existencia de Civilisação "não sómente na capital quasi européa do Paragnay, como nas mais pobres choupanas dos mais longiquos páramos deste paiz livre!"

Ahi vão, na integra, as phrases suceras do ministro prussiano:

"Em que consistirá a civilisação?"

Acaso no aperfeiçoamento ou elegante imitar das mais recentes modas parisienses? na interpretação fiel de grandiosas operas? na applicação das mais modernas invenções de mecanismo? não residirá antes acaso, no Christianismo, nos ensinamentos das Sagradas Escripturas e na sua pratica, o fundamento basico da verdadeira Civilisação?

Se assim esta é com effeito a essencia de tão celebrada Palavra, muita civilisação virá encontrar no Paraguay que, até hoje, tem conservado encantadora originalidade e isto em tempos como os nossos, em que as ideias niveladoras, pouco a pouco estão roubando ao globo o interesse tão agradável da diversidade. E civilisação existe não sómente na capital quasi européa, como nas mais pobres choupanas dos mais longiquos páramos d'este paiz livre. (1).

F. von Gülich

Assumpção, 14 de Fevereiro de 1862.

Quicá a troco de tanta lisonja e por intermedio da possuidora do seu autographo almejasse o plenipotenciario alguma mercê do tyranno, pois já ahi não ha sómente innocuas amabilidades nessas phrases repassadas de funda deturpação da verdade.

(1) Traducção do sr. dr. Edmur de Souza Queiroz.

Em todo o caso não fez cumprimento algum á amasia do bajulador despota. Juan José Soto, velho estipendiado de Lopez I, parasita constante do thesouro paraguayo, amigo do pelto de Lopez, II, um de seus galfarros mores no Prata e confidente de tranquiernas de toda e especie... Seria pasmoso lhe não deese o estro charro e baratissimo para celebrar a ligação que ao patrão, por quem fora herdado, não cara sabla ser. E assim o fez nas seguintes nove quadrinhas de bala de estalo, fructo talvez de larga e densa locubração altamente desphosphorante de sua cerebração beleguinesca e mercenaria...

LA FLOR TRANSPLANTADA

Desde una pradera umbrosa
De la nebulosa Alblon
Fué llevada a la Assucion
La mas elegante rosa

Y en el ameno pensil
De aquella zona abrazada
Esta flor privilegiada
Descubre bellezas mil.

A los fuertes resplandores
Del nuevo sol que la alienta
La preciosa flor ostenta
Mas vividos sus colores.

Allí un hábil jardnero
Lleno de amor y ternura
Cifra toda su ventura
En cularla con esmero.

Y en cada estacion que asoma
Lujosa en nuevos destellos
Brota pimpolhos mas bellos
Exhala mas rico aroma.

Y ufana con sus primores
Es en languido desmayo
En el verjel Paraguayo
Refna de todas las flores.

Tu eres Elisa en verdad
Esa rosa purpurlna
Que mi mente se imagina
Como emblema de amistad.

Si en medio de los placeres
De uma vida venturosa
Alguma vez bondadosa
Estas lineas recorrieres

Excusa de amargo hastio
Digam tus labios discretos:
"Improvísó estos cuartetos"
"Un sincero amigo mio."

Assuncion. marzo, 19 de 1862.

JUAN JOSE SOTO.

Admiravel o fecho, gryphado, — note-se-o bem, das nove quadras hepta syllabicás. Transcrevendo-as lembramos apenas a razão de ser da presença de Juan José Soto na côrte da Assumpção, como chefe dos esbirros platinos dos dictadores paraguayos.

Muito mais habil que os seus collegas de diplomacia foi o Internuncio nas poucas linhas que a pressão das circumstancias o fez deixar no album de Elisa. Realmente nada mais constrangedor do que esse caso de um arcebispo, legado papal, obrigado a fazer zumbaias documentadas a uma ex-cocotte, a quem officialmente visitava, na sua qualidade de soberana, embora de mão esquerda.

Creado nas tradições da velha diplomacia romana, criteriosa e matreira, safou-se brilhantemente o finório arcebispo de Palmyra do difficil passo:

Me es muy grata la oportunidad que me proporciona la distinguida Señora Da. Eliza Lynch para manifestar-le que en mi corta permanencia en el Paraguay he admirado no solo los ricos y abundantes dones con que la divina Providencia lo ha favorecido sino tambien sus adelantos en todo sentido, el trato fino y amable de sus habitantes, y con especialidad le acertada politica del hombre eminente, que dirige sus destinos. Felicito, pues, a la Señora D. Eliza Lynch por haber elegido para su residencia este Pais tan privilegiado.

Assucion, agosto, 20 de 1862.

Marino. Arzobispo de Palmira.

Faz grandes barretadas ao Paraguay ao "homem eminente que lhe dirigia os destinos" mas á Sra. D. Elisa apenas acha meios de lhe applicar o innocuo "distinguida" felicitando-a "por ter eleito para sua residencia tão privilegiado paiz..."

Quanto ao seu secretario não lhe cabendo as mesmas responsabilidades que ao Prelado seu chefe, nem sendo homem de igreja —

escreveu umas quatro a cinco linhas amáveis e galanteadoras; na sua vulgaridade inventiva:

"A la Snra. Da. Eliza Lynch

Assucion, agosto, 20 de 1862.

Pocos son los dias de dicha, muy estimada e interessante Señora: pero el haber podido apreciar muy de cerca las caras prendas que le adornan, ha sido uno de ellos para el que se honra en suscribirse. Su afmo. y Seguro Servidor.

Luis del Vecchio".

(Continúa).

AFFONSO D'ESCRAGNOLLE TAUNNAY





IMPRESSÕES DE VIAGEM ⁽¹⁾

De Iguaba ao Cabo-Frio, do Cabo á Armação dos Buzios

Ainda outra vez faço questão de insistir, todo o programma de reconstituição de Cabo-Frio depende só e só da estrada de ferro. Enquanto a Leopoldina não levar a ponta dos trilhos aonde se comprometteu a levar, Cabo-Frio ficará sendo uma cidade que ninguém conhece e de cujas probabilidades economicas ninguém suspeita. Já uma vez construída a estrada, as suas riquezas terão um surto expontaneo, e com o simples e faeil trabalho de um prefeito activo e intelligente, ter-se-á uma cidade de verão e balnearia que, se estendendo da lagoa ás praias do Cabo, offerecerá aos veranistas o mais bello espetaculo que pode a natureza reservar aos olhos humanos.

O ARRAIAL

Ir á cidade de Cabo-Frio e não ir ao Arraial é o mais incompleto dos passeios. A belleza dos seus pannoçamas, a originalidade de costumes, a actividade e dignidade do cabista, assim chamado para se differençar do cabofriense ou filho da cidade, impressionam devéras ao observador mais vulgar.

E' um arraial modestissimo em que os homens pescam enquanto as mulheres fazem renda ou salgam o peixe, auxiliadas na labuta quotidiana pelas erianças. Todos trabalham e por maior que venha a ser a pobreza, o cabista, por principio de honra, não pede esmola a ninguém.

(1) V. numero de Janeiro de 1919.



Si se lhes pergunta si A. ou B. é um homem serio, respondem immediata e invariavelmente que todo o cabista é verdadeiro.

Um velho que morrera, havia poneo, com quasi noventa annos, fora desfeitoado antes dos vinte, quando pretendia embarcar com outros companheiros numa canôa de pescaria. Dahi por diante jurou não mais entrar em canoa de pesca e emprio a promessa morrendo pobre e velho na profissão de lenhador.

Si por acaso morre algum cabista na eidade, immediatamente o cadaver é carregado por grupos de quarenta ou oitenta companheiros affim de ser sepultado no cemiterio local.

Os enterros são acompanhados por individuos descalços ou de tamancos, sem luto, em mangas de camisa e de chapeo de palha de caboco. Este é o trajo de rigor affim de que todos os amigos do morto possam acompanhal-o ainda mesmo quando não possuam a roupa preta, a botina e o chapeo escuro. Quando uma vez dizia alguém em presença de um cabista com um ar de bondosa malicia ser este tambem o trajo de rigor em dia de eleição, ouvi delle, sem magoa mas com mal disfarçada altivez, a resposta energica e decisiva — mas não pesamos ao candidato.

São todos amaveis sem afetação, gostam immenso de mostrar a belleza das suas praias e, no correr de qualquer palestra em que é muito commum o emprego do pronome — vós — sente-se sempre o caracter do homem obsequiador sem humilhação.

Com serem dignos nem por isso põem de lado o bom gracejo a seu modo. Entrando uma vez em casa de um cabista relativamente abastada, que fez questão de minha presença ao jantar da familia, que então festejava as bodas de um filho, perguntei por curiosidade si ali não se cuidava na lavoura. A resposta original e prompta confundio-me: a unica lavoura daqui é a de pesca, mas ha entre nós alguns ourives. Não tardou, entre boas risadas, a explicação. Ourivês é o homem que trabalha em ouro para ganhar dinheiro mas o é tambem o comprador de peixe em alta escala para revendel-o depois de

salgado, seceo e enfardado, trabalhando pois em dinheiro ou ouro para enriquecer.

E' de vel-os nos dias piscosos, deitados de bruços nas praias, vigiando o peixe que se approxima emquanto com os dedos escrevem versos na areia. A metrica não os preoccupa muito, sinão a rima das syllabas e as taes estrophes seriam desprovidas de interesse si não foram as ironias endereçadas aos companheiros formando a ideia principal do versejador.

POLITICA E RELIGIÃO

Tal como a cidade em tempos passados, o arraial que em materia politica forma quasi um só partido, está dividido em dois grupos que se hostilizam veladamente: o povo da praia do Anjo como lá chamam e o da praia Grande, os primeiros Barretos e Viannas e os segundos Felix e Aleantaras. Excusado é dizer que esta hostilidade é um caso intimo, nma espécie de rixa de familia porque, si um cabista é offendido na cidade, o protesto do arraial é unanime e sem restricções.

São todos, excepto nma unica familia protestante, catholicos sem extremos mas tambem sem desleixos, collocando sempre imagens ou mesmo oratorios nas primeiras salas das casas e não pronueciando nunca a palavra — Deus — ou outra equivalente sem descobrirem a cabeça.

Um passeio ao Cabo é relativamente facil. Fiz dois, não gastando nunca siquer duas horas a cavallo. Andei, partindo da Cidade, cerea de legoa e meia pela praia até em frente a uma illota chamada do Pontal e dahi, o restante da caminhada colleando por entre um correr de collinas cobertas de pastagens e cardos sylvestres.

O CABO

O cabo propriamente fallando é formado por um rochedo tão alto e bem mais largo do que o Pão de Assucar, ondé esbarram as agoas vindas sem interrupção de corrente desde Saquarema, um percurso de cerea de nove légoas. Ali fica a praia Grande. Segue-se uma outra, impropriamente chamada praia, a Brava, pois não é mais do que uma das fachadas

verticaes do rochedo batido violentamente pelo Oceano; vem em seguida a Praia do Anjo entre o alludido rochedo e um outro de menores dimensões e por fim o remanso, lago ou gruta do Forno, a paizagem mais delieada e caprichosa do arraial.

Vi a praia do Forno depois de transpor a pé, pois é de todo impraticavel a travessia a cavallo, o morro ou antes paredão de granito que a separa da praia do Anjo. A caminhada foi quasi diabolica, pois, sendo o granito revestido de uma vegetação esquisita, rasteira e dura; em alguns pontos, e de cardos espinhosos noutros, tive de correr verdadeiros trilhos de cabras onde me saltejava constantemente a imaginação, a visão de uma jararaca infelizmente commum em todas as collinas do arraial. Mas eis que após dez minutos, si tanto, surgem-me aos olhos, como em apparição de extasis, os recortes indescritiveis da praia encantada.

E' um quadrilatero que, medido pelos meus calculos oculares, devia ter oitoeentos metros de largo sobre mil e quinhentos de fundo. No fundo e dos lados, paredões de granito com uma media de cem metros de altura e um desvio da vertical sobre as margens de cerca de trinta grãos, mas todos cobertos de luxuriosa vegetação, deixando apenas ver em pequenas clareiras a mancha cinzenta do granito descalvado.

A luz solar é quebrada e irisada sobre as aguas e o som que vem de uma grande canôa prestes a partir, chega-me aos ouvidos produzindo um effeito magico de eco e amortecimento.

Não ha quem, vendo este remanso, aliás quasi uma gruta, onde as ondas sem força antes se desmancham do que se quebram sobre a praia de areia e granito polido, não evoque logo os recantos magicos, onde a phantasia popular primitiva criou a lenda que os povos cultos immortalizaram em poemas e canções nacionaes. A imaginação mais rinde faz reviver logo a lenda da Mãe d'agua, carregando o barqueiro quebrantado para o fundo das ondas onde o espera no solio crystallino do palacio aquatico o regaço, os filtros e o acalento da Yara das aguas. No entanto é de extranhar que se não conheça uma só



lenda a respeito desta praia, quando a de Saquarema onde a violencia das ondas não lembra como esta um recanto de lendas, transfigurações e milagres, conta no archivo da sua historia heroica um episodio dramático capaz de immortalizar a mais triste e sensaborona das praias.

UMA LENDA

Quatro pescadores partiram numa canôa para o alto mar. No fim de algumas horas, sem que o pudessem perceber, da distancia de terra em que se achavam, o oceano começa a encrespar. A população do logarejo dá o signal convençãoado, accendendo uma fogueira no outeiro da Igreja de Nossa Senhora de Nazareth. A canôa parte para a terra como uma flexa mas era tarde e, a cerca de quinhentos metros da praia, naufraga. Tres dos pescadores dão á costa sãos e salvos mas Manoel da Silveira Felix não apparece. Passam-se momentos de agoniã entre desesperadas jaenlatorias á Virgem do Sanctuario e Felix é collido junto a um rochedo, pela tarrafa de Antonio José Tradim e arrastado para a praia, frio como um cadavér. As preces continuam invocando o prodigio de um milagre e o naufrago, que estivera bem meia hora submerso, dá signaes de vida e acorda. Não se lembra de mais nada sinão de que dormira e sonhara. E entre as lagrimas dos parentes e amigos, interrompidas por gestos nervosos de acções de graças, conta-lhes na sua simplicidade de pescador, que sonhara muito com Nossa Senhora de Nazareth que o auxiliava e protegia na mais movimentada e bonançosa das pescarias.

Como não seria mais bella a praia do Forno, si ahí houvesse dado a costa o pescador que sonhou com Nossa Senhora!

No emtanto, o milagre immortalizon para sempre a praia de Saquarema, tão longe, a cerca de nove legoas de distancia do Cabo, na ultima extremidade da praia Grande, e, como esta, encapellada e terrivel. Ahí e na praia Brava a impressão de medo assoberba os olhos e a alma do observador. O perfil escuro e tetrico do rochedo em enjô dorso se quebram as ondas enfurecidas e enormes lembra, em extraordinario contraste com a praia do Forno, o quadro camoneano de um novo Ada

mastor ameaçando agora invencível o aventureiro ouzado que pretendesse acaso afrontar a raça livre dos seus velhos desencantadores.

UMA FORTALEZA COLONIAL

Bem na extremidade do rochedo que separa as duas praias, a do Forno e a do Anjo, consegui ver os alicerces da velha fortaleza colonial com quatro canhões de ferro iguaes aos de S. Matheos, num dos quaes vi a inscripção 44-1-14 e creio que ainda no mesmo a data — 1727.

Uma excellente vista para uma das extremidades da ilha do Pharol descortina-se deste ponto estrategico magnifico para a defeza das duas praias e do proprio saeco da ilha.

A praia do Anjo em frente á floresta montanhosa e escura da illa e apertada entre dois rochedos, o da Fortaleza e o do Cabo, seria do genero da do Forno si não fora a presença deste ultimo e do das outras praias tirando-se-lhe o relativo remanso das aguas.

Pode-se, pois, sem exaggero concluir que todas as praias do arraial formam, na escala das emoções humanas, um crescendo suave e impereceptivel, que começa na angelica delicadeza da praia do Forno e culmina na pavorosa brutalidade das praias Brava e Grande.

Estava na praia do Anjo ao sopé do Morro do Cabo ou do Telegrapho, como lá é conhecido, e ahi pergunto a um grupo de crianças qual o caminho da estaçã. A informação foi facil: apanhar o trilho na areia e depois a picada recentemente aberta pelo morro acima.

DO ALTO DO MORRO

Esporeio o cavallo e sigo a galope. Em menos de vinte minutos corro a picada cuidadosamente aberta pela parte do morro onde ha camadas de terra e uma abundante vegetação de eardos e outras plantas de restinga. Pelo caminho, enquanto vejo atravez das clareiras manchas azues do mar muito em baixo, vou prelibando a emoção final da chegada. Até que emfim, apeio, amarro o cavallo num moirão proximo ao edificio



da estação telegraphica e ponho-me a palestrar com o agente. Em frente ao morro alonga-se a ilha do Pharol em sentido de leste-oeste, tendo na primeira direeção um morro muito alto e coberto de matta virgem, encimado pelo torreão do pharol velho, hoje abandonado, e na segunda uma collina muito menor, rochosa nuns pontos e arenosa noutros onde se acha o pharol novo, que aliás só é visto do oceano.

A ilha que parece continnar-se com o morro do Cabo, donde comtudo é separada por um canal de cerca de cento e quarenta metros de largura, forma entre as suas costas quasi sem praias e as do Forno e do Anjo um saeco de enormes dimensões e grande profundidade.

Numa sombra do edificio da estação, batida intensamente pelos ventos, põe-me o agente uma cadeira e em frente um magnifico oculo de aleance, um apparelho aperfeiçoado girando sobre tripé, proprio para observações no alto mar.

Dahi donde estava comprehendendo então porque foi retirado o pharol do ponto mais alto da ilha para o outro mais baixo: o cume do morro está constantemente coberto pelas nuvens.

Com o oculo cuidadosamente apontado em direeção á torre do pharol velho, aguardo com paciencia o momento em que as nuvens me dêem uma folga de alguns segundos para observalo. Consigo-o mas tão de relance que mal posso ver nms vagos desenhos de um grande portão e creio que duas janellas no alto.

O saeco da Ilha não parece muito largo mas o telegraphista desenganou-me fazendo ver com o auxilio do oculo, numa de suas praias, aliás a unica, uma grande canôa de pescaria e varios bois que a olho nu' se me afiguravam pontos escuros sem maior importancia. Pedi-lhe em seguida o obsequio de m'ó assistar para a estrada do canal e olhei mas nada de mais vi, sinão o movimento das agoás indicando a corrente que acha caminho aberto e franco.

BOIS DE NOSSA SENHORA

De quem são aquelles bois? São de varios donos, embora denominados bois de Nossa Senhora. Desde varios annos era costume entre os cabistas offerecerem-se bois á Irmandade de

Nossa Senhora dos Remedios, por occasião das festas á padroeira do arraial, afim de se lhe formar o patrimonio. Estes, na falta de um curral, eram soltos na ilha onde desapareciam e reproduziam-se pelas suas mattas ricas em forragem nativa. Laçar um boi destes, crescido ou mesmo nascido na floresta, era uma empreitada arriscada em que se não poderia saber qual o maior perigo, si o boi selvagem ou a jararaca traçoçeira. Assim pois foi se creando uma raça de bois illéos do peso e desenvolvimento das melhores raças conhecidas.

Sabida de todos a excellencia das pastagens da floresta, começaram varias pessoas a fazer dellas uso commum e assim existem lá hoje bois de varios donos, sem talvez nada que authenticque a propriedade. Futuramente será a ilha povoada pela boiada de Pedro Malazarte.

A criação de gado na ilha lembra-me logo a travessia do saeco da mesma e, entre as minhas perguntas curiosas, o telegraphista do Forno, esta continua mansa como um lago e, quasi em e mais recantos do Cabo, explica-me uma por uma das particularidades das tormentas. Por mais agitado que esteja o oceano ou antes as praias Brava e Grande, no canal já a situação não é a mesma e muito menos na praia do Anjo. Quanto á praia do Forno, esta continua mansa com um lago e, quasi em condições identicas, á parte do saeco da Ilha que lhe fica em frente. De maneira que os pequenos navios do serviço de costa quando se sentem em perigo contornam a ilha pelo oceano e bem ao largo e entram no saeco e por fim na praia do Forno passando pelo boqueirão de éste entre a ilha do Pharol e a dos Porcos.

A praia do Anjo e o saeco da ilha são considerados por todos os cabistas como dando calado para qualquer navio de guerra e a do Forno, além de não ser considerada menos propria para fundeadouro, já accusou numa sondagem feita, ha alguns annos, pelo sr. José Jalles, que ahi pretendeu organizar o serviço de embarque de sal, sessenta braças de profundidade em alguns pontos e oito metros ao pé da antiga fortaleza.



PARA UMA BASE NAVAL

Mas o que faltará por ventura á praia do Forno a fim de ser transformada em base de um porto militar? Parece que nada, responde-me o agente, é pelo menos essa a opinião de um official de marinha que por aqui andou em commissão do governo.

Tive sede e perguntei si havia ali agua filtrada. Não ha filtro mas ha uma excellente agua de chuva, aparada do telhado que não recebe poeiras, nem é procurado pelos urubus. Aceitei a agua e com agradecimentos montei a cavallo e parti.

Estava de malas promptas para vir para o Rio, quando em couversa com um amigo, Joaquim Nogueira, perguntou-me este si punha de lado o passeio a Armação dos Buzios. Já havíamos em tempo combinado a viagem, mas como fosse muito vago o compromisso anterior e, além disso, tivesse eu receio de molestar ontro amigo que muito antes houvera feito offerecimento identico, aliás recusado por me parecer um transtorno á sua actividade funcional, fiquei na aborrecida situação de quem não podia, sem ferir certas normas de gentileza, insistir no auxilio offerecido por ambos.

A pergunta de Joaquim Nogueira veio pois salvar-me a situação e satisfazer ao meu melhor capricho, qual o de conhecer a bahia gabada em todos os tons, até mesmo pelos que nunca a viram, como a melhor base de um porto militar no Brasil. Adiei a partida, aceitei alegremente o convite e marcamos dia e hora.

(*Continúa*).

PORFIRIO SOARES NETTO





Dentista Amador, A Zimmermann



Passagem perigosa, A Zimmermann



LINGUA VERNACULA

CONSULTAS E RESPOSTAS

II

Um assignante da "Revista do Brasil" escreve-me:

— "Li, ha tempos, num diario dessa capital: — "Urge corrigir-se taes vocabulos..."

E numa outra: — "Não basta fazerem-se leis, etc.

Por que uma e outra forma? Qual a mais correcta?"

Um dos pontos mais controvertidos da syntaxe vernacula, e a cujo respeito ainda se não disse, infelizmente, a ultima palavra, é — reconhecem-no todos — o emprego dos infinitivos.

As regras formuladaes por Jeronymo Soares Barbosa e Frederico Diez — unicas dignas de registro até hoje — são optimas. Ambas, porém, são muito relativas, pois foram formuladas — não ha negar — sem nma observação minuciosa dos factos da linguagem.

E os factos da linguagem — diz Candido de Figueiredo — "constituem o corpo da lingua, e precedem todas as teorias, todas as gramaticas, e todas as discussões filiológicas." A regra de Frederico Diez, por exemplo, autoriza estes dislates: (1) — "Viajemos para aprendermos", "deixei entrarem os inimigos"; etc.

Um dos melhores trabalhos que conheço sobre o assumpto é o do dr. Carlos Góes, do Gymnasio de Bello Horizonte, publicado em o *Jornal do Commercio* de 18 de Julho de 1915. Devo accrescentar que, entre os modernos escriptores, o que, a meu ver, empregava os infinitivos com mais correcção era Herenlano, considerado por G.

(1) — Dislates, entretanto, que se podem apadrinhar com exemplos de Camões e outros.

(2) — O dr Carlos Góes autoriza, se me não engano, a flexão do infinitivo no caso presente.

Vianna "o mais vernáculo, rigoroso e perfeito escriptor do século passado". Concluindo; ambas as formas citadas por um assignante da "Revista do Brasil" são usadas. Eu, porém, partindo do principio — verdadeiro axioma, para mim — que o Infinitivo impessoal constitue a regra e o pessoal a excepção, opto pela primeira: (2) "Urge corrigir-se taes vocabulos..."

Oh, melhor ainda: "Urge corrigir taes vocabulos..."

Nem a clareza, nem o rythmo da phrase, creio, soffrem com a minha preferencia.

Eis, sub censura e salvo mellori judicio, o meu parecer.

Ruy Assis quer saber por que damos o nome de "facultativos" aos medicos. Nunca pensei sobre o caso, francamente. Crelo, entretanto, o seguinte: o medico — dizem-no todos — é um verdadeiro sacerdote. Embora ingrata, muito ingrata, exerce elle a profissão mais nobre que existe. A vida do medico está constantemente em perigo. Arriscar a propria vida para salvar a dos outros, principalmente quando grassam molestias contagiosas, é mais do que humano: é divino. Todos nós, quando um ente querido ou um amigo dedicado está enfermo, nada fazemos sem ordem do medico. Reconhecemos, portanto, que elle é o único competente para ordenar que se faça ou se delixe de fazer tal ou tal coisa em prol do nosso doente. Elle governa tudo: prescreve os medicamentos; aconselha a dieta precisa; consola os parentes; etc. O medico, pois, tem poderes, tem "faculdades" que os demais diplomados jamais hão de ter. Eis, por conseguinte, a razão por que, a meu ver, chamamos "facultativos" aos medicos.

Não devo terminar sem dizer ao sr. Ruy Assis que não é portuguesa a syntaxe "chamar de": é syntaxe brasileira. Leia o sr. Ruy dois artigelhos que escrevi sobre o assumpto, publicados em o "Diario Popular", de 30 de Novembro e 5 de Dezembro de 1918, e convencer-se-á, supponho, que na phrase "chamamos de facultativos" o "de" é demais. Os nossos maiores, como Vieira, por exemplo, "que" — diz Carlos de Laet — "flxou a syntaxe vernacula", sempre escreveram assim: "... que com equal e maior razão se podem "chamar" milagres."

III

De uma carta de "Ignotus", de Tietê, transcreve o seguinte: — "Desejo muito ouvir a opinião de V. S. sobre a seguinte construcção: — "Compete aos juizes de direito "conhecerem dos" despachos de pronuncia, sem prejuizo de allegação, como materia de defesa, no plenario, da justificativa, dos arts. 32 e 35 do Cod.



Pen.", ou "Compete aos juizes de direito "conhecer" nos despachos de pronuncia etc. "das" justificativas, etc."

Prefiro e aconselho a segunda: — "Compete" aos juizes de direito "conhecêr..."

Peio visto, "Ignotus" hesita, e com toda razão, sobre o emprego dos infinitivos. Sobre o assumpto muito se tem discutido, sendo digna de menção, sob todos os pontos de vista, a discussão que houve ha poucos annos entre os drs. Ruy Barbosa e Ernesto Carneiro Riheiro.

Uns seguem as regras formuladas por Jeronymo Soares Barbosa, autor da "Grammatica Philosophica", e outros as de F. Diez.

Grammaticos ha até, como, se me não engano, o sr. Eduardo Carlos Pereira, que procuraram conciliar ambas as theorias, isto é, a do velho grammatico portuguez e a do notavel philologo allemão.

Ultimamente publicou um substancioso trabalho sobre o assumpto o dr. Carlos Góes, de Bello Horizonte, trabalho que se encontra na "syntaxe de Concordancia" do referido grammatico mineiro.

Compre "Ignotus" a obra citada, que lerá, creio, com summo prazer, e verificará a minha affirmativa.

Quanto ao genero do vocabulo "larynge", saiba "Ignotus" que só compulsou dictionarios de pouco ou nenhum valor em questões de linguagem, como, por exemplo, o de João de Deus.

O dictionario de Moraes, do velho Moraes, não passou — diz Candido de Figueiredo e, suppouho, tambem Leite de Vasconcellos — da segunda edição. Qual a edição que possui "Ignotus?" A quarta, provavelmente.

Para que "Ignotus" se convença que "a larynge" é a unica forma que devemos adoptar, aqui estão exemplos autorizados: o primeiro foi subscripto por Camillo e o segundo pelo dr. Mendes dos Remedios, da Universidade de Coimbra.

"Solta d'essa larynge..."

("Annos de Prosa", Lisboa, 1904, p. 161.)

"Destes orgãos o mais essencial é "a larynge..."

(Introdução á "Historia da Literatura Portuguesa", Coimbra, 1911, p. p. 1.)

ANTONIO MAURO





VOCABULARIO ANALOGICO

CORES E SIGNAES DE BOIS

Albistejado, que tem estrellas ou manchas brancas. Cortesão, Subsídios.

Almarado, que tem em volta dos olhos uma circumferença de côr differente da do resto da cabeça.

Alvação, fumaça, claro.

Araçá, (brae.), amarello mascarado ou matizado de preto.

Barroso, (bras.), branco, amarello pallido ou branco acinzentado

Bisco, que possui um chifre mais baixo do que o outro.

Bocalvo, de focinho e cabeça escura.

Borrvalho, côr de cinza.

Botineiro, que tem as pernas de côr differente das do resto do corpo.

Braúna, (bras.), muito preto.

Brazino, (bras. do sul), de pélo vermelho com listas pretas.

Broco, que tem um ou ambo os chifres pequenos e cheios de rugas. R. Magalhães, Voc. Popular.

Cabano, que tem as pontas horisontaes ou um tanto voltadas para baixo.

Caldeiro, que apresenta os chifres um tanto baixos e menos unidos que os dos gaiolos.

Cambraia, (bras.), Intelramente branco.

Camurça, amarello claro.

Capirote, de cabeça e pescoço da mesma côr e pintas differentes no resto do corpo.

Capuchinho, que, desde a frente á parte superior do pescoço, tem côr differente da do resto do corpo.

Caraúna, (bras.), muito preto: "Meu boi preto carau'na." Sylvio Romero, Contos populares, I, 80.

Cardim, branco e preto.

Castanho, côr de castanha.

Chamurro, boi mal castrado. R. Magalhães, Voc. Popular.

Chifres, que possui os seguintes synonymos: — armação, armadura, armas, chavêlhos, aspas, cornos, galhada, galhas, galhos, guampa, hastes, palitos, pontas, paus, tócoa.

Chita, ou chitado, (bras.), pintadinho de branco e vermelho.

Chumbado, de qualquer côr, geralmente branco, vermelho ou castanho, chumbado de preto.

Churriado, (bras. do Sul), pêlo em que, sobre o pelame vermelho ou preto, notam-se extensas listas brancas.

- Colorado, (bras. do Sul), vermelho, encarnado.
- Cornalão, de chifres muito grandes.
- Corneta, (bras.), que tem falta de um dos chifres ou que possui algum delles quebrado.
- Corombó, (bras. do norte), de chifres pequenos, ou quebrados.
- Cubêto, que possui hastes muito caídas e quasi juntas nas pontas.
- Combuco, (bras. do norte), que tem os chifres curvos para baixo.
- Ensabanado, de pêlo todo branco.
- Escardado, diz-se dos chifres, quando se desfiam, batendô de encontro a objectos resistentes.
- Espaceo, (bras.), que tem os chifres abertos.
- Estorninho, zaino com pequenas manchas brancas.
- Fubá, (bras. do norte), de côr azul escuro. R. Magalhães, Voc. Popular.
- Fumaça, (bras.) vermelho tirante a preto.
- Fusco, castanho escuro ou amarello escuro, puxado á fumaça.
- Galolo, que tem os chifres em fórma de meia lua e muito proximos nas pontas.
- Hôcco, (bras. do sul), com os lados das costellas vermelhas e o resto do corpo tostado escuro, ou o corpo todo escuro carregado, menos a cabeça que é vermelha.
- Jaguaney, (bras. do sul), que tem branco o fio do lombo, preto ou vermelho o lado das costellas, e de ordinario branca a barriga. Romaguera dá jaguané.
- Laranjo, (bras.), côr de laranja.
- Ilstão, que tem no dorso uma lista de côr differente da do resto do corpo.
- Lobuno, (bras. do sul), o que tem o pêlo escuro e um tanto acinzentado como o do lobo.
- Lombardo, ou lomparado, negro com o lombo acastanhado.
- Machacá, (bras. do norte), boi mal castrado.
- Malacara, (bras. do sul), de testa branca com uma lista branca do foelinho ao alto da cabeça.
- Mal-armado, que tem chifres defeituosos.
- Malhado, ou lavrado, llstado, betado de preto e castanho. Outras vezes manchado, ou raiado de castanho claro e escuro, conforme Ruy Barbosa, Lições de Coisas, 193.
- Mascarado, que tem a cara branca.
- Meano, que tem branco o pêlo dos organs reproductores.
- Môcho, que não tem chifres.
- Mogão, de chifres sem pontas.
- Molco, (prov. trasm.) privado de um dos chifres ou de ambos.
- Moreno, (bras.), menos avermelhado que relnto.
- Mouro, (bras. do sul), preto salpicado de pintalhas brancas.
- Nambijú, (bras. do sul), o que, apresentando a côr ou pêlo baio-pangaré, tem as orelhas amarellas. Romaguera, Voc. Sul-Rio-Grandense.
- Nevado, que tem algumas pequenas manchas brancas.
- Nilo, (bras. do sul), com a cabeça ou metade della branca e o resto do corpo de outra côr.
- Oveiro, (bras. do sul), que tem malhas vermelhas ou pretas so bre o corpo branco, ou vice-versa.
- Pampa, (bras. do sul), o mesmo que nillo.
- Parrado, (prov. trasm.), que tem as orelhas caídas.
- Pinhelro, (bras. do norte), que possui os chifres direitos.
- Pintaroxo, plntado de castanho claro.

Pombo, branco ou camurça, com os olhos brancos.
Punaré, (bras.), amarellado:

“O signal desta vaquinha?
Cara branca punaré,
Traz o ferro do Burel,
Não tem cauda, é coché.”

S. Romero, Cantos pop., I. 89.

Rabicho, que não tem pêlo na extremidade da cauda.
Retinto, que tem semelhante ao dos cavallos castanhos.
Rosado, branco, mesclado de amarello, vermelho ou preto.
Rouxinol, da côr do passaro de egual nome:

“Encontrei numa maiada
Tres rezes brancas, uma lavrada,
Tres castanhas requeimadas,
E uma rouxinol disfarçada.”

S. Romero, Cantos Pop., I. 89.

Salino, (bras. do sul), com o corpo salpicado de pintas brancas, pretas ou vermelhas.

Salmilhado, (bras.), salpicado de branco e amarello.

Silveiro, que tem uma malha branca na testa, sendo escura a cabeça.

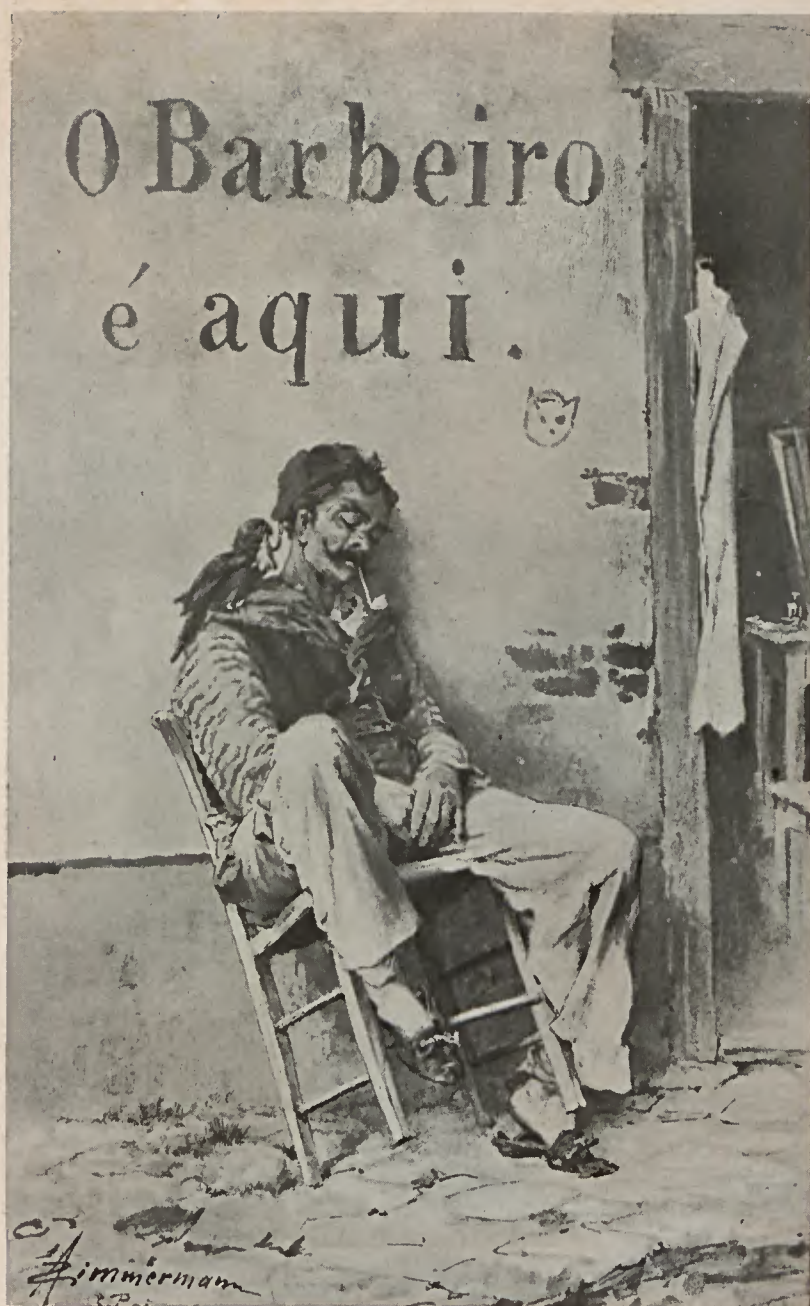
Troncho, (bras.), aquelle a que falta uma orelha.

Vareiro, que tem o corpo mais comprido do que é vulgar.

Vinagre, que tem o pêlo castanho claro, tirante a rubro.

FIRMINO COSTA





Barbeiro de Imbituva, A. Zimmermann



O orfão, A Zimmermann



ARTES E ARTISTAS

AURELIO ZIMMERMANN

A natureza brasileira é mais grata a estrangeiros do que a nacionais. Grata no duplo sentido de agradável e agradecida. Seduz-os, impressiona-os mais; bem como deve a elles os mais serios estudos até hoje feitos.

Martius, Spix, Bates, Landsdorff, S. Hilaire, Lund, Agassiz, a sciencia enfileira toda uma coorte de notabilissimos nomes exóticos aos quaes com difficuldade oppomos indigenas de igual valor.

Tambem nos dominios do desenho não sabemos de obra nacional equivalente ás composições de Debret, Rugendas, Danvin, Vanderbruck e outros.

É natural o phenomeno e não vale deblaterar contra. Natureza de casa não faz milagre, nem nunea fundamente impressionará creaturas que formam com ella parte integrante.

Assim, o mesmo artista embotado á comprehensão das coisas da terra natal, se muda de ambiente, extasia-se, sensibilisa-se e sente desabrochado no peito o esto da creatividade.

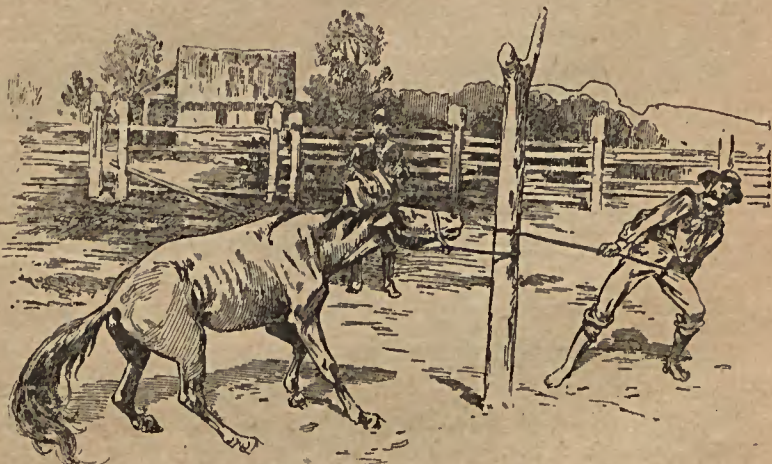
Isto explica o caso de Aurelio Zimmermann. Nascido em Breslau, em 1854, estudou desenho em Berlin sob a direcção de Thumann e aperfeçoou-se em Dresde sob a de Pohle. Em seguida retorna a Berlin, casa-se e... mergulha no Rio dos Bugres, em S. Catharina, em pleno seio da natureza bruta, longe meia legua do mais proximo visinho.

Ahi vive um anno; e vive dez, em seguida, no Rio Preto, territo-

rio contestado. Em 1905 muda-se para S. Paulo, donde não mais saiu até hoje.

Este estagio em pleno ambiente selvatico affeicou-o para sempre e deu a Zimmermann um'alma bem mais brasileira do que a dos que assim a tem por contingencia de nascimento.

Dotado de excepcionaes dons esteticos, e apetrechado d'uma technica verdadeiramente maravilhosa, Zimmermann, neste interregno de vida ao ar livre, construiu uma obra que se impõe ao respeito e á admiração. Fiel interprete do que viu e sentiu, suas composições formam algo aparte no acervo da arte brasileira. Costumes



Desenho de A. Zimmermann

sulinos, gau'chadas, violencias da vida semi-selvagem dos sertanejos, a lucta do homem contra a hostilidade ambiente, a feição da terra nova apenas explorada pelos pioneiros do povoamento; o desgarré deste pioneiro em plena lucta de adaptação, todas as caracteristicas do formidavel e inconsciente embate elle as resume em telas de primorosa factura. Examinando-as, o que admira antes de tudo é a potencia imaginativa do artista posta a serviço da mais consummada arte de compor.

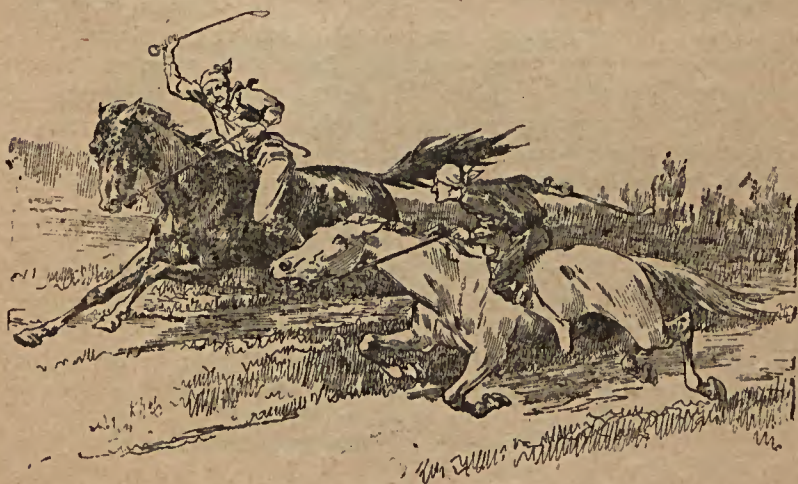
São devéras notaveis as qualidades ressaltantes á primeira vista, o garbo, a facilidade, o "á vontade" com que elle dispõe personagens em scenas, harmonieas e as loca no mais adequado enquadramento natural. Admira em seguida a méstria soberba da technica que não pede meças á dos grandes desenhistas. Disto resulta tornar-se cada quadrinho de Zimmermann uma perfeita obra prima, das que nos levam os olhos e tanto mais admiramos quanto mais as contemplamos.

As gravuras reproduzidas dão pallida idéa da sua obra. No **Orphás** reuñem-se em epitome todas qualidades mestras do pintor.

Harmonia de conjuncto, elegancia de composição, equilibrio das partes, factura inexcelsível, e, pairante sobre tudo, uma suave aura de poesia bucólica. A figura da menina sentada é sem duvida o mais gracioso desenho de mulher jamais feito entre nós.

No **Bebé, ladrão!** já se revela outra feição do seu temperamento, amigo de apanhar ao vivo scenas semi-barbaras da vida do Sul. Como desenho e arranjo é magistral, deixando a perder de vista o que ha por abl de similhar ao genero. A figura do menino, no primeiro plano, a expressão do seu sorriso ingenno e curioso, valem por si toda uma esecola de pintura.

Fim de combate, Mau pouso e Corre! Corre! pertencem ao mesmo genero episodico, muito da predilecção do autor. No ultimo delles o estudo dos animaes em desapoderado galope, o elance desesperado do fugitivo, o jogo do laço pelo mais proximo perseguidor, a vida e o movlmento de toda a scena, fazem da composição uma obra d'arte sem par, sufficiente por si só á consagração dum nome.



Desenho de A. Zimmermann

No **Carrasco, Barbeiro de Embituva, e Bicho de pé**, revela-se-nos elle sob uma faceta nova, a humoristica, e ainda aqui consegue alçar-se á plana onde, entre nós, não tem companheiro.

Deste rapido exame da sua obra resalta uma complexa personalidade de artista integral, — poeta romantico e humorista a um tempo. Entretanto, Zimmermann vive na penumbra, mal conhecido, assistindo ao triumpho das gallias empavonadas. Seus trabalhos desconhecidos por cá, eirenlam no velho mundo sob forma de illustra-

ções de magnificas revistas d'arte. Não deixa de ser desairoso para nós o facto de possuímos integrado no nosso meio social, ha 30 annos, um artista deste valor sem que nos apercebamos disso...

Empenhada em revelal-o ao paiz onde consumiu 30 annos de aefividade artistica, a "Revista do Brasii" procurará em numeros subsequentes reproduzir novos trabalhos seus, na generalidade emigrados para a Allemanha. Será isso um deleite para os leitores da revista e ainda maliciosa lieção aos collegas indigenas que "não acham por aqui o que pintar", e vivem chorando pelas scenasinhas classicas da sedlça Bretanha...

CAMPOS AYRES

Campos Ayres, um dos pintores sahidos do Pensionato Artistico, expõe actualmente uma serie de 48 quadros, resultantes da sua ultima excursão pelo interior do Estado.

Accentuam-se nelles a sua feição esthetica. Ayres é um miniaturista que só tem entre nós companheiro em Pedro Welngartner, o mestre do genero. Caracterisa-lhe a arte a minucla cuidadosamente vista e honestamente reproduzida, sem arrojos desnorteadores do publico nem truques de atelier. Paysagista, vê-se que pinto ao ar livre, em plena natureza, escolhendo, porém, os momentos de maiores effeitos poeticos, os crepusculos, as manhãs, as restas de sol isoladas. Elegu como thema dilecto a paysagem triste dos nossos campos de macega e barba de bode, vestimenta pobre, denunciativa da reiterada queima da terra.

Vagos capões de matto e uma ou outra arvore mais feliz são os unicos vestigios da passada exuberancia. O homem torturou a terra, desnudou-a, fel-a um deserto arido e tristonho. Ayres, reproduzindo fielmente essa paysagem, consegue, por suggestão, comanunicar ao espectador a melancholia da terra suppliciada. A Revista reproduzindo varias telas desse talentoso artista presta-lhe a homenagem que por todos os motivos lhe é devida.

MAPPIN STORES
SOCIEDADE ANONIMA INGLEZA

O PORTA-LIVROS "MAPPIN"

COMO SE DEVE COMPRAR UM
PORTA-LIVROS

Começa-se com 3 ou mais
"units" e quando já estão
cheios, aumenta-se sim-
plesmente com um outro
"unit".



Preços

para 3 "unit", mon-
tados, conforme mos-
tra o cliché acima 106\$
"Unit" avulso 27\$
Base e cornija 25\$
(Natural ou preto).



TEMOS UMA GRANDE QUANTIDADE EM "STOCK"
PARA ENTREGA IMMEDIATA

MAPPIN STORES

RUA 15 DE NOVEMBRO, 26

S. PAULO

AGUA PURGATIVA

MINERAL GAZOZA



A agua mineral gazoza purgativa é applicada nas molestias dos intestinos, constipações de ventre, congestões, febres gastricas e, em geral, em todos os engurgitamentos abdominaes.

Esta agua purga rapidamente sem produzir irritação gastro-intestinal; ella tem a vantagem de poder ser administrada em pequena dose, sendo o seu effeito immediato, sobre tudo se tomar-se logo depois uma chicara de chá. *Ella não exige nenhuma dieta.*



COMPOZIÇÃO:

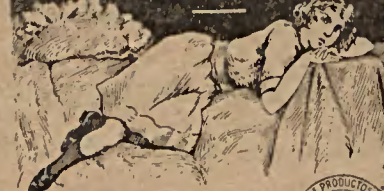
Sulfato de sodio anhydro	96.265
Sulfato de potassio anhydro	0.239
Sulfato de magnesia anhydro	3.248
Sulfato de cal	1.949
Chlorureto de Sodio anhydro	2.055
TOTAL das substancias fixas	103.776
Em um litro de agua gazoza purgativa	

PREPARADA NO LABORATORIO DA:

SOCIEDADE DE PRODUCTOS CHIMICOS L. QUEIROZ - SÃO PAULO

XAROPE DE LIMÃO BRAVO E BROMOFORMIO DE QUEIROZ

CURA:
TOSSE, ASTHMA, CATHARROS, COPUELUÇHE.



DROGARIA AMERICANA
Rua Libero Badaro 144
SAO PAULO





BIBLIOGRAPHIA

JOSE' TEIXEIRA REGO — Nova theoria do sacrificio — Ed. "Renasença Portugueza" — Porto — 1918

Iniciada a critica, em começo do seculo passado, pelos irmãos Schlegel, rumo novo tomou a philosophia, assentada que foi então sobre outras bases, mais amplas e mais solidas que a mera especulação e a simples mathematica. Extenderam-se os estudos aos innumeraveis factos que constituem a vida complexa da especie, instaurando-se desde a lingulstica — summa de necessidades sociaes inadiaveis — até a sciencia das religões e dos mythos, productos das necessidades espirituas do homem. O campo é infinito e, porisso, ainda hoje e sempre, não de todo explorado: — linguas, arte, mythologia, lendas, tradições, costumes, moral e crenças.

Não admira, pois, o apparecimento de um livro intitulado — Nova theoria do sacrificio, e que é "como que a introdução a um systema de philosophia". Se a simples investigação, a escavação apenas do novos elementos nesse genero é sempre fecunda, mais o é a margem que ao pensador offerecem para theorias interpretativas e systemas philosophicos. A critica, como no livro do sr. Teixeira Rego, é, sempre, estudo interessantissimo o absorvente pelo mundo de sugestões que nos abre ao espirito.

Lemos com prazer este ensaio, que sem favor se dirá magnifico. Linguagem corrente, como expressão de ideias claras, ordem e methodo de exposição constituem seus meritos de estylo, utilizados de modo a vehicular promptamente á intelligencia do leitor os fructos de uma erudição vasta e cultura aprimorada.

Em synthese, diz o autor o seguinte, nas duzentas e cincoenta paginas do seu bello estudo:

Entre os mythos do peccado original e da consequente queda do homem ha, nos mais dispares e afastados agrupamentos humanos, um llame imperturbavel — o homem cahiu por um alimento, seja vegetal, seja animal. Ora, — dil-o a sciencia — o estomago humano, como o do elmio, é o de um frugivoro. Logo, aquelles mythos são a representação symbolica de uma grande mudança no regimen alimentar dos primeiros homens, ainda quando quasi anthropoides. Para que uma tradição se conserve tão viva em todos os povos, seria indispensavel que representasse alguma cousa assim profundamente modificadora da especie. Estaria, pois, não no fructo prohibido, porém no primeiro animal sacrificado ao appetite dos Adões, a cau-



sa do peccado. A imaginativa de innumeras gerações, auxiliada pelo estro dos sacerdotes, teria modificado fundamentalmente a memoria da maior das revoluções por que tem passado a humanidade: — transição para o regimen carnivoro, seguida de extraordinarios phenomenos.

"Depois da quêda, de comer o fructo fatal, a carne, esta vida feliz volveu-se no mais horrivel martyrio. Veiu a nudez (a quêda do peilo) circumstancia mencionada nalguns mythos congeneres, e que já vimos ser uma consequencia do regimen carneo dos simianos."

"Esta mudança de regimen foi, quanto a nós, o facto capital da especie, pelas consequencias que acarretou. A' vida livre, ociosa, arboricola, frugivora, do anthropoide na floresta, succedeu a necessidade de caçar a presa, o desenvolvimento do cerebro, diuturnamente occupado nos ardis da caça, as doenças occasionadas por alimentos a que o seu organismo não estava habituado, a necessidade da defeza contra os animaes que, reagindo, passassem de perseguidos a perseguidores, e, seguidamente, os rudimentos da civilisação mercê do desenvolvimento mental, os excessos sexuaes com a quebra da normal periodicidade, a familia, as habitações, a fabricação de instrumentos e a guerra com todos os seus horrores. Foi a origem do bem e a origem do mal."

Esse, o acontecimento que os mythos adamicos symbolisam e que os sacrificios dramatisam. Essa, a these desenvolvida admiravelmente pelo autor nesta sua obra, que constitue, além de um solido tratado sobre a materia, um livro raro na bibliographia portugueza, em que escasseiam as produções de character nimamente philosophico.

OCTAVIO AUGUSTO — Fausto e Asverus
— Poema — Ed. Leite Ribeiro & Maurillo —
Rio — 1919

Entre os versos que de commum se escrevem, estes se destacam. Não só technica perfeita existe nelles, porém alguma coisa mais: — pensamentos e idéas. O sr. Octavio Augusto a poetar é, coisa rara, um philosopho que pensa. Versos conceituosos e bem feitos, concepção clara e composição eloquentemente chocante são as qualidades do seu bello poema. A urdidura simples, traçada por moldes estrictamente artisticos, impressiona forte e captiva agradavelmente.

Fausto e Asverus, o peccador e o asceta, o homem que gosa e o homem que se penitencia, significam bem a eterna lucta intima dos humanos, tão exactamente figurada pelo poeta. Um é o anseio para a immortalidade terrena e o outro, para a eternidade do outro mundo. Encontram-se em caminho quem vê em

"Margarida!... Apogeu da vida transitoria!
O maximo do amor e o maximo da gloria!"

e quem procura

"A morte, sim! Procuero embalde em mim fixai-a.
Procuero-a, mas não sei qual o haíto que exaia.
Quantas vezes busquei comprehendel-a, atraí-a.

Sempre que a vi, achei uma vida tranquilla
 Em vez de horror, tristeza e abysmos tenebrosos...
 Quando ás vezes a tive entre os dedos sequiosos
 Sempro essa voz ouvi que me disse: — "Caminha,
 Anda, não pares. "E eu segui a sina minha,
 Não parar! Não morrer! Em toda a eternidade,
 Como um éeo da Cruz, a minha imagem ha-de
 Rolar como um labéu ante a face da terra,
 Mostrando ao mundo a eternidade que me aterra,
 Exhibindo ao planeta, á feição de um sudario,
 Toda a recordação do drama do calvario.

E' natural o eneonro, que ambos são os incontentados da vida
 e do mundo.

"Vamos. Segue-me. Aprenderás comigo,
 Sorrindo ao teu irmão, beijando o teu amigo,
 Dois mil annos de angustia, esperança e saudade,
 E quanto vale e pesa esta immortalidade!
 Aprenderás a amar toda a tua velhice!"

Ahi a razão do livro, que sobejamente justifica a contraposição
 de um e outro typo, unindo-os, depois de contrastal-os. Juntos,
 porém, não seguem. A concordancia é rapida e a separação, imme-
 diata.

A Vóz de Margarida, ballada que é uma obra prima, desperta os
 instinctos humanos e Fausto ficará

"Para o bem, para o mal, para a perpetua historia
 Do homem e o seu lamento! E serei, como tudo
 No amplo seio sensual deste universo mudo
 Um pouco de materia, um pouco de mentira
 Para a verdade ideal a que minha alma aspira!"

Em traços largos, este e entrecho que, á sublime poesia sabiamen-
 te junta o profundo.

Bellezas de minucia, de imagem, de conceito, de lingua não es-
 caseariam Cital-as-iamos ás muitas.

Assim, alma do poeta, espirito de philosopho, Octavio Au-
 gusto em Fausto e Asverus, realisa o ideal, porque realisa a si
 mesmo.

Ao poema acompanha um prefacio em quo o autor versa bri-
 lhantemente o seu thema, fazendo a profissão de fé de sua philo-
 sophia e de sua arte. E' um estudo por muitos titulos digno de lei-
 tura.

O capitulo, por exemplo, em que se justifica da escolha do alexandrino, é uma analyse perfeita. Não resistimos á ideia de transcrevel-o:

"Não me sorri a obrigação; se ella existe, de explicar todos os motivos de arte que me levam a uma dada metrificacão. Contento-me em constatar que o alexandrino ainda não deu em portuguez toda a energia, toda a magestosa amplitude de que é capaz. E' o verso mais bello que se possa imaginar. Nenhuma outra medida pode vibrar com tanta gravidade, tanta elegancia austera, tanta espiritalidade. Completa-se por si mesmo, como um piano substituindo uma orchestra. Ha nelle todas as notas harmoniosas que podem dar os outros.

Divididos em dois hemistichios, tem a melodia das redondilhas. Seccionado em um de dez e outro de dois, patenteia a heroicidade tradicional do decassylabo, prolongado por um delicado verso de duas vozes. Invertida a ordem de divisão, revela uma curta phrase dissyllabica, a resoar em seguida, multiplice, no metro camoneano. Repartido o seu amplo rythmo em quatro medidas eguaes, asombra e encanta o ouvido pela repetição sonora dos versos de tres syllabas. Dahi o poder magico do alexandrino quaternario. Subdividido em seis pausas symetricas, dá o maravilhoso do verso hugoano, que pela sua repercussão acustica nos orgams auditivos produz a impressão singular de um echo inextingvel, uma sonoridade que não acaba. E' o alexandrino proprio dos extasis felizes. Cadenciado em tres pausas de quatro syllabas metricas, com ou sem a ellisão classica, temos este mimo da poesia moderna, o ternario, prodigio contra a monotonia do binario, mas cheio de perigos.

Por estas e muitas outras razões, humanas e divinas, é que o alexandrino é o mais difficil e o mais exigente de todos os versos. E' o tormento do poeta, a angustia do artista."

AFRANIO PEIXOTO — POEIRA DA ESTRADA —
Ed. da Livraria F. Alves — Rio — 1918.

Afranlo Peixoto desde a Esphyngo se nos patenteou um dos nossos mais vigorosos prosadores. Entre os brasleiros é daquelles que escrevem com arte, escrevendo alguma coisa. Nem o malabarismo de palavras, nem o seco relato de um thema — o que sae de sua pena tem o merito, que não é vulgar, de alliar um e outro: fuudo e forma. Não o desnorreia a volupia da phrase. O prazer da idela, antes, é que dirige a palavra, no que, allás, consiste toda a arte de escrever.

Lela-se, por exemplo, esta sua — *Pocira da estrada*, encantadora colleccão de estudos literarios.

Abre-a o discurso de sua recepção na Academia. E' uma peça notavel como analyse, bella como psychologla. Successor de Euclides, estuda-o com talento. Criticando-lhe o estylo barbaro, mas maravilhoso, usa desse mesmo estylo: — os mesmos arranques, as mesmas

surpresas, o mesmo fuzilar de impressões inéditas, de ideias brilhantes.

Si cada assumpto tem o seu estylo, nada mais justo que analysar o auctor d' "Os Sertões" com as suas proprias armas. E só assim elle é abordavel. Comprehendeu-o bem Afranio Peixoto e melhor o executor, dando-nos uma pagina viva do impressionismo.

Já noutros assumptos não é o mesmo. Assim, ao estudar Raymundo Corrêa. Dir-se-ia que a bondade do poeta, a delicadeza de suas emoções lhe desbastaram e amaciaram o cálcio para a narrativa simples dum viver tambem simples, embora continuamente torçurado.

Em "Rousseau e o mundo contemporaneo" revela-se-nos o pensador equilibrado. Apanha em synthese a obra phisosophica desse poeta, erigido patrono de todas as democracias e republicas o concive, referindo-se á obra inconsciente do "genio de um vagabundo e de um louco":

"O Romantismo, os novos methodos de educação, a Revolução Franceza, com a Convenção e o Terror, as reivindicações libertarias ultteriores do suffragio universal e do socialismo do Estado, todos os fundamentos da democracia moderna, peia republica, com o governo popular... um seculo de dores e aspirações da humanidade...

E até, por uma contradicção, digna de Rousseau, as perseguições religiosas e as intransigencias da cultura leiga na França contemporanea reciamam de sua disciplina, das doutrinas do pobre Jean Jacques, que era crente fervoroso e ensinara a duvidar da presumida sciencia dos Enciclopedistas...

Assim vae, o mundo... conduzido, para vossa humilhação, por actos vãos e por palavras foucas..."

Pelo mesmo diapásão afinam outras paginas, dignas de lectura: — ellas encantam e aproveitam ao espirito.

BELISARIO PENNA — Conferencias — (Sobre o problema medico-social no Brasil) — Typ. do "Jornal do Commercio" — Rio — 1919.

O dr. Belisario Penna, o hygienista notavel cuja operosidade e saber tem sido nestes ultimos annos um dos factores mais activos e efficientes na campanha em prol do saneamento do nosso paiz, fez reunir em volume diversas conferencias que, sobre os relevantes assumptos que são os de sua especialidade, teve ensejo de pronunciar em diversas cidades do Brasil. Foi esse mais um bom serviço prestado pelo eminente cientista patricio, que, salvando-as da dispersão em que se achavam, deu ás suas conferencias uma divulgação mais ampla e mais condizente com a importancia dos themas nellas estudados.

Conhecidos que são os variados recursos de estylo, o senso perficito da analyse, e o criterio das observações pelo dr. Penna sobejamente revelados em trabalhos anteriores, bastará, para mostrar-se o valor deste novo livro, citar aqui as epigraphes entrepostas aos diversos capitulos de cada uma dessas palestras.

Eil-os: A linguagem da verdade, da sinceridade e da lealdade — Política do fachada — Inúnsão immigratoria — Vertigem do industrialismo forçado — A Hygiene moderna — Povo invalido — Provas recentes — Minas não escapa ao cataclysmo nacional — Minas é o coração do Brasil — Resultado negativo da instrucción — A mania do urbanismo e do municipalismo — Reflexo da saude sobre a economia — O problema brasileiro é medico e hygienico — Come-

gar é tudo — Unidade de orientação, unidade de acção, unidade de responsabilidade — As tres grandes endemias — Molestia de Chagas, — Impudismo — Opliação — Lavradores — Providencias urgentes — Valor dos postos sanitarios — A redempção — Liga do saneamento do Brasil — A cultura civica — Oswaldo Cruz — A clava da verdade — Muitos e graves erros — Desorganisação do trabalho agricola — Primeiro passo official — A classe medica do Brasil — A missão da geração actual — As iniciativas particulares — Programma de governo, salvador — A nossa raça e o nosso clima — O que entre nós anemia o homem — Appello á mulher — Parasitismo politico, parasitismo administrativo — Parasitismo social — Quaes as causas deste vasto parasitismo activo e passivo — O unico recurso — A verdade — A campanha patriótica — O que se revelou — Doloroso contraste — Inicio de providencias — S. Paulo e a campanha — Porque S. Paulo é forte — Contraste confortador — Solução efficaç.

Na estreita craveira desta simples noticia bibliographica, bastanos essa citação, que melhor do que o fariam todos os adjectivos, dá uma amostra do que encerram as paginas suggestivas de onde a extrahimos, as quaes contém copia de idelas dignas de retenção e da meditação de todos aquelles que amam verdadeiramente o Brasil e se preocupam com o seu futuro e com a solução dos seus problemas sociaes, economicos ou politicos. São problemas esses que todos se resumem num unico problema — o do saneamento do Brasil — e para cuja solução muito hão de contribuir estas "Conferencias" do dr. Belisario Penna.

B. F.

Recebemos: — VOCABULARIO MILITAR — pelo Coronel Candido Borges Castello Branco — Rio — 1919 — RELATORIO apresentado pelo dr. Candido Motta, do anno de 1917 — S. Paulo — REVISTA ACADEMICA — do Centro Academico do Paraná — A DEFESA NACIONAL — Rio — POLYANTHIA — homenagem do povo mogyano ao dr. Deodato Wertheimer — Mogy das Cruzes — O VOLUNTARIO PAIZANO — Conto, por Alberto Deodato — O ENSINO — Revista mensal de Pedagogia e Literatura — Pará — MERCURE DE FRANCE — LA GRANDE REVUE — LA REVUE DE PARIS — REVUE FRANCE — LA REVUE HEBDOMADAIRE — REVUE DU JOURNAL DES DEBATS — REVUE BLENE REVUE SCIENTIFIQUE — RASSEGNA NATIONALE — REVISTA DELLE NAZIONI LATINE — ESTUDIOS FRANCISCANOS — LA REVISTA QUINCENAL — OPILAÇÃO OU AMARELLÃO — Fôiheto editado, pela Liga Pró — Saneamento do Brasil — Rio — 1918.



Fem de Iucta, A. Zimmermann



Rebelde, ladrão!, A Zimmermann



RESENHA DO MEZ

CONSELHEIRO RODRIGUES ALVES

O sr. conselheiro Rodrigues Alves, ora morto, foi grandq entro os seus contemporaneos. Para o seu elogio, entretanto, resta medil-os, a estes, que se amesquinham, aliás, dentro das raias do mediocero.

Si é alguma coisa ser grande entre pequenos, convenhamos em quo não é tudo. Podia ser maior o fizado presidente. Homem de sua epoca, tanto não basta para a glorificação. E, exstrictamente, o sr. Rodrigues Alves foi o typo da actualidade, com os seus defeitos e fallas. Dahi, o seu aferro á perpetuidade de uma situação que so sustenta ao preço, caro demais, do nosso pudor e do nosso brio.

Menos do sou tempo fosse elle e seria maior: — fosse mais do futuro, fosse mais do passado embora. A actualidade é sempre a negação do ideal. E o ideal é o que distingue o estadista do simples administrador. Olhasse mais para o futuro — e apprehenderia a inanidade do *statu-quo* da politica nacional. Voltasse a vista evocadora para uma historia bem sua conhecida, porque bem vivida — o á lembrança lhe acudiriam scenas bem mais edificantes que estas do pal-

co, que timbrou por conservar em sagrada intangibilidade.

Vindo do Imperio liberal, caminhando para um mundo reformado, novo, inédito, forçou em demasia a parada no remansado oasis do egoismo politico. Ao conselheiro da Monarchia, quebrou-se-lhe a recta do criterio equanime, ao penetrar o marmorto da revolução psychologica de 15 de Novembro. Não acontecera o phenomeno — o esta democracia se lhe antolhara em toda a sua fallacia o indignidade, exigindo-lhe o golpe de estadista e de patriota.

A fatalidade da Historia, quo nestes dias se está escrevendo, calca-lhe a silhueta — em irrecusavel cotejo — sobre outra figura do grande homem. E não ha fugir ás affinidades o ropulsas do confronto.

Conselheiro do Imperio tambem houve outro que chegou até nós. Tambem adheriu á Republica, si é que a não fundou, sósinho talvez... Tambem foi e é grande — Ruy Barbosa.

Todavia, sob tantos contactos, alongam-so uma da outra as duas personalidades — o liberal e o conservador da Monarchia, o instituidor da Republica e o seu conservador, o eterno reformador o o ainda o sempre conservador...

Um tem ideaes. O outro não

Um adere á Republica e á mentalidade politica rebaixada. O outro funda-a, mas repelle o criterio republicano desnaturado.

Um é o administrador. O outro, o estadista.

Um é o politico. O outro, o patriota.

Rodrigues Alves é o homem de seu tempo. Ruy é um deslocado na Historia destes dias nefandos.

E, si aquelle é grande entre pequenos, este o é entre os maiores destas e do alhoias plagas, destes e de todos os tempos.

OLAVO BILAC

Olavo Bilac morreu! Esta phrase tem o dobre sinistro das grandes calamidades. Bilac foi o typo mais acabado do brasileiro artista. Em sua poderosa personalidade revelou-se todo o enthusiasmo exuberante da nossa raça, divinamente rythmado por esse instincto superior que idealiza o transfigura as paixões, convertendo-as em belleza e poesia. Com Bilac pôde-se dizer que morre um pouco de nós mesmos, um pouco da alma do toda uma geração de sonhadores e de patriotas. Qual o brasileiro destes ultimos tempos que não amou e sonhou a vida através do harmonioso esplendor do grande contemplativo da "Via Latca", do epico do "Caçador de Esmeraldas", do lyrico maravilhoso e eloquente da Alvorada do Amor? Bilac é um pedaço da alma do todos nós, um laço interior que nos liga uns aos outros, revelando-nos a nós mesmos, numa magnifica exteriorisação das nossas melhores qualidades de povo tropical.

Foi, como todos os verdadeiros poetas, um grande mediador entre os seus conterraneos, a quem soube amar largueadoramente, á maneira das divindades...

Não sabemos ao certo quem disse que os genios passam por entre os homens como os deuses das lendas de ouro da nossa infancia, disfarça-

dos em humildes creaturas que hospedamos um dia e uma noite... Depois que se vão, ao dobrarem "a curva extrema do caminho extremo" (ai!) é que, com inaudita surpresa, nos damos conta da gloria immensa de havermos tratado com um immortal!

Bilac está no numero desses seres extraordinarios aos quaes só a posteridade fará inteira justiça. Não quer isso dizer que lhe faltassem applausos. Mas, de envolta com os applausos, quantas pequenezas e sordidas malignidades! Um dia virá em que a figura colossal do mais brasileiro dos nossos poetas se desenhará no horizonte da historia patria como o iniciador de uma nova epoca —, ostupendo abridor do represas interiores na alma inexgotavel e creadora do Brasil. — J. A. Nogueira — "Diario de Minas" — Bello Horizonte).

OLAVO BILAC

*Morto, é morto o cantor dos meus
[guerreiros!
Virgens da matta, suspirae commigo!*

Foi com esta nenia suspirosa, em que se condensam os soluços de um povo e as lamentações de uma raça, que Machado do Assis celebrou, ha dez lustros, a morte de Gouçalves Dias; e eu não sei, neste momento, de grito mais expressivo, mais afflieto, mais doloroso, mais inconsolavel, para annunciar ás tribus que passaram, e ás gentes que hão de vir o desaparecimento do Olavo Bilac!

Rebentou a ultima corda, hontem, a lyra mais clara, mais eloquente, mais harmoniosa, que já resouo no Brasil. A mãe tragica da Morte, que destróe os sonhos e os imperios, não respeitou, de passagem, a divina fragilidade daquella vida! Nada poderá, porém, destruir a sua memoria. A gloria dos poetas nasce, tambem, na caverna tempestuosa dos ventos; mas, como os ventos da "Odysséa", não regressa, jámais, á calma das

ilhas Eolias... O som de uma harpa uma vez partido, não volta ao ninho originario das cordas. E a lyra de Bilac, sonora e prophetica, encheu o céu do Brasil, o céu da America, de um céo alto, vasto, magnifico, de sonoridades profundas e eternas!

A memoria do Olavo Bilac repousará sobre o future do Brasil com a magnificência dos firmamentos que elle cantou. A sua lembrança, em nós, que o amavamos, ha de ser, como a sua obra, cheia de estrellas. Elle foi, em verdade, na terra, um grande sementeiro de belleza. Era de ouro, e do mais puro, a propria palha do seu trigo. E elle mo conteu, uma voz, confidencialmente, como se falasse a si mesmo, o segredo da sua seára. Era ao anoitecer, na Avenida, em frente á casa Arthur Napoleão. Com a alma atordoada do sonhos rocentes, eu lhe contava o prazer inédito que tivera, naquello dia, ao lêr, pela millesima vez, os seus sonetos de amor. E come eu inferis-se, daquella circumstancia, daquello estado d'alma, quo as suas rimas ardentes e desesperadas fossem o fruto consciento e previsto de um estado de espirito correspondente áquello em que eu me encontrava, e Poeta Supremo pegou-me affectuosamente da mão, e, apontando-me um humilde accendedor de lampeões, que passava, revelou-me, na maravilha de um symbolo, a melancholia da sua gloria:

— “Estás vendo aquelle homem? — disse-me — com aquelle varapão que leva nas mãos, elle vai accendendo, um a um, os lampeões do caminho. E' machinalmente que faz isso. Dentro de uma hora, elle se recolherá ao seu casebre miseravel, na falda de um morro, onde não haverá uma simples vela, e endo terá, talvez, de dormir ás escuras. Mas de lá, olhando para trás, para a cidade elle verá esta Avenida fulgindo, brilhando, radiando, faiscando para os outros, para os felizes; o, então, ha de se admirar, elle proprio, como foi que, sem o sentir, accendeu aquillo tudo...”

E, depois de uma pausa:

— “Nós, os poetas, somos como esse homem humilde. Accendemos insensivelmente os lâmpoões, e passamos...”

Essas palavras melancolicas do Mestre fixaram-se, moldadas em ouro, na biblia de ferro da minha vida. Ellas contém, sem duvida, a essencia das grandes verdades. Mas Bilac não passará, na memoria dos homens, como o accendedor das lampadas de uma noite. Elle accendeu uma das constellações mais puras e radiosas do firmamento da raça e da lingua, o os deuses, que accendem os astros, são eternos, pelo menos, como a claridade das suas ostrellas...

(MICROMEGAS. — De *Imparcial*” — Rio).

A CONFERENCIA DA PAZ

Com a grande e dolorosa lieção que o mundo inteiro soffreu e presenciou terá surgido a consciencia internacional capaz de fazer nascer uma liga de nações que possa produzir alguns fructos?

Com a terrivel derrota allemã torrá cabido definitivamente a theoria do Estado a moral que Althusius expoz e de que Machiavel foi um dos entusiastas mais intelligentes?

Já chegou, enfim, a época do direito das gentes sobre o qual Grotius fundou o seu principio do progresso juridico como necessario para o desenvolvimento da sociedade civilizada?

Wilson, Lloyd George e Clemenceau, reproduzindo expressões antigas, já se mostraram favoraveis no sentido de que da Conferencia da Paz surja um organismo internacional qualquer a que todas as nações devam obediencia e respeito.

Essa questão sorá, porém, a ultima a ser tratada pela Conferencia e, talvez, seja necessaria a ratificação de todos os delegados, porquanto esses delegados foram escolhidos para celebrar a paz o tomar parte nas combinações resultantes da paz.

A grande Conferencia da Paz deve ser dividida em quatro phases perfectamente distinctas.

A primeira dessas phases, que já começou ha dias, só será realizada entre a Inglaterra, a França e a Italia, para combinação do modo a serem realizadas as promessas trocadas por essas tres grandes nações e para solução de varias questões que dizem respeito unicamente á Europa.

A segunda phase começará depois da chegada do Wilson e nella serão discutidos não só os problemas que dizem respeito aos Estados Unidos como os que já soffreram a intervenção da grande nação americana.

A terceira phase será constituída pela presença dos delegados de todas as nações alliadas na guerra contra a Allemanha e dos representantes desse paiz e dos seus alliados. Nesta phase será estudada e resolvida a paz e todas as questões geraes e particulares que lhe são inhérentes.

Na quarta phase, em que serão admitidos os representantes de todas as nações que desejem comparecer, serão discutidos varios problemas de cuja solução depende a vida futura universal, avultando a organização do uma liga ou sociedade das nações.

Como em 1609, quando appareceu o celebre livro de Grotius — *Marc liberum*, a Inglaterra se prepara para dizer qual seja o seu pensamento a respeito, affirmando desde já que não acceta qualquer limitação ao seu poder naval, isto é — não está disposta a submeter-se a uma esquadra internacional como Wilson, ideou, afim de acabar com as supremacias navaes.

Em 1609, a Inglaterra, a Hespanha e Portugal sustentavam que os mares circumvisinhos deviam considerar-se fechados a todos os paizes, com excepção daquelles por elles banhados. Apparecido o trabalho de Grotius, que fez enorme sensação, a Inglaterra destacou a sua maior autoridade jurídica da época, lord Seldon, para responder ás theorias ali

expostas. Só em 1803 a Inglaterra abandonou de todo as idéas que lord Seldon tinha sido incumbido de combater.

Os mares ficaram livres... até ao momento em quo a esquadra ingleza não resolvesse o contrario, fazendo valer o seu estupendo poder que agora, mais do quo nunca, foi posto em prova e prova honrosa...

Pensa Wilson que a liberdade dos mares nunca será um facto emquanto um poder naval como possui a Inglaterra existir, porquanto, é logico, aquella liberdade ficará dependendo dos homens que manejarem esse poder. Wilson, o Grotius poderoso e pratico de hoje, vai ter o seu Seldon em Lloyd George, já apoiado pela imprensa ingleza, que iniciou uma tremenda campanha contra qualquer diminuição da esquadra ingleza.

Chegarão os dois poderosos paizes a um accordo?

Si não chegarem, já se annuncia quo os politicos norte-americanos agirão no sentido de dotar os Estados Unidos de uma esquadra tão poderosa quanto a ingleza, ou mais ajuda, de fórma quo a liberdade dos mares não corra riscos...

Essa será a primeira grande duvida a resolver-se entre a Inglaterra e os Estados Unidos.

A segunda diz respeito á representação das varias nações no organismo que for creado para executar as determinações da Sociedade das Nações.

Como aconteceu na Segunda Conferencia de Haya, a Inglaterra, segundo todos os planos que ali têm surgido, não se mostra disposta a conceder a egualdade de representação a todas as nações, como Wilson deseja e como Ruy Barbosa defendeu com a sua palavra incomparavel.

O plano de liga das nações do escriptor O. F. Maclagan, que mereceu os melhores elogios da imprensa e dos estadistas inglezes, diz no seu artigo quarto o seguinte: — "Cada nação deve ter no Conselho Internacional um numero de membros cor-

respondente á sua relativa extensão e importancia."

Quasi a mesma cousa diz o plano da Liga de Defesa Internacional de Londres: — "Toda nação terá no Conselho Internacional uma representação proporcional á exportação e importação que realisar."

E', pelo menos, extranho que neste momento, em que tanto se fala da victoria da Democracia e que, de facto, ella parece victoriosa em muitos pontos — so queira manter uma aristocracia internacional, estabelecendo-se varias categorias de nações...

Essa egualdade internacional será ponto em que Wilson, segundo tudo faz prover, não cederá terreno.

Ha ainda uma terceira questão que promette estabelecer certas duvidas entre os Estados Unidos e a Inglaterra: é a questão financeira e de commercio.

Antes da guerra, os Estados Unidos deviam á Europa cerca de vinte e cinco milhões de contos, e, no momento actual — é a Europa que deve aos Estados Unidos mais do trinta e dois milhões de contos, e, si forem realisados os emprestimos já projectados, essa divida montará em breve a mais de quarenta e cinco milhões de contos.

Os banqueiros norte-americanos têm em vista mudar a capital financeira do mundo de Londres para Nova York. De ha muito que esse plano começou a tor realisação. Verificaram, por exemplo, os fiuancistas norte-americanos que, sómento em commissões aos bancos de Londres, os negociantes da America do Norte pagavam annualmente para mais de cento e trinta mil contos. Muitas das transações que, antigamente, eram feitas em Londres e em libras, passaram a ser feitas em Nova York e em dollars. Estão nestas condições o café brasileiro e os couros argentinos.

Esse movimento norte-americano, é claro, não tem passado despercebido aos inglezes, que já mudaram inteiramente o seu procedimento ban-

cario e estão dispostos a offerecer ao mundo e, principalmente, á America do Sul, todas as vantagens possiveis, como outróra era feito pelos allemães.

Por seu lado, o National City Bank, de Nova York, creou escolas especiaes para instrucção de banqueiros e de empregados do bancos, pois que pretende dentro de breve praso estabelecer succursaes em centenaes de cidades, principalmente na America do Sul.

O mais provavel é que as duas mais poderosas nações da actualidade entrem em intelligencia sobre essa ultima questão, de forma a estabelecer zonas de influencia, afim de evitar possiveis attritos no futuro.

Oxalá assim seja, e que a Conferência da Paz, do facto, estabeleça a Paz! — OTTO PRAZERES — do *Correio Paulistano* — S. Paulo).

A PROSODIA BRASILEIRA NO THEATRO

Um dos motivos que têm contribuido para entrar o desenvolvimento do theatro nacional é a prosodia usada em nossos palcos, na maioria dominados por artistas estrangeiros, sobretudo portuguezes.

E' preciso ir até ás casas de theatro do Rocio, onde se exhibem peças intensamente populares, para ouvir uma linguagem differente do fallar cerrado de Portugal. Os nossos directores de scena, além de não attenderem á necessidade de velaí pela nossa prosodia suave e caracteristica, ainda commettem o grande erro de exigir que novos artistas brasileiros pronunciem á maneira lusitana... para não desafinar.

Não cabo aqui discutir a preexcellencia da prosodia brasileira ou da lusitana. A pronuncia é um dos phenomenos linguisticos mais radicalmente ligados ás condições do meio physico. Brasileiros e portuguezes pronunciamos com fundas divergencias a mesma lingua por motivos

subtilísimos, independentes da nossa vontade. Fóra, porém, dos domínios da pedantaria, nenhum brasileiro sensato quorerá pronunciar a lingua por uma fórma totalmente diversa da que ouvio desde o berço, da que se falla no grande meio em que vive.

E' lastimavel que nós, que representamos superioridade formidavel no quadro da geographia linguistica do portuguez; nós, que somos hoje os mais numerosos depositarios das tradições da lingua, os seus perpetuadores, os artifices de muitas de suas bellozas; nós, que tanto a enriquecemos, que a cobrimos de novas galas, que a rejuvenescemos e lhe demos frescura e suavidade, descobrindo effeitos improvistos na sna harmonia e rythmo, é lastimavel, dizem, que estejamos condemnados a essa submissão incomprehensivel, sem uma prosodia nacional no nosso theatro, que, convencionalmente, é a reprodução do meio social nos seus varios e variados aspectos.

Entro o accento lusitano e a gíria dos nossos morros e bairros, povoados de capadocios, está a linguagem da sociedade brasileira, a linguagem do nosso meio culto, dos nossos homens de letras, dos nossos oradores, dos nossos salões. Que fallem á maneira lusitana personagens portuguezas, em scenas portuguezas, está muito bem, como bem está quo o aruaceiro da Saude ou Favella fallo o seu calão. Exigir, porém, que interpretes nacionaes estropiem a prosodia portugueza, que, diga-se de passagem, não sabem reproduzir convenientemente, é ter em muito pouca estima a lingua que aqui se falla e procurar submeter uma sociedade inteira a uma vassallagem que já dosappareceu, para todos os effeitos, desde 1822.

Após um periodo de forte depressão, o nosso theatro começa a resurgir aos poucos. Ha um pugillo de autores novos que vão trazendo para a scena os factos do nosso meio das capitães e dos sertões. Não são, decerto, interpretes estrangeiros ou estrangeirados que poderão reproduzir

esses factos da nossa vida intima de uma maneira aceitavel.

E' preciso implantar de vez nos nossos paleos a nossa prosodia, bannindo para sempre o arremedo simiesco do accento lusitano, que torna ridiculos os nossos artistas. A boa impressão que levamos das excellentes peças a que temos assistido ultimamente é sempre diminuida por esse velho erro, quo urge corrigir. Parece aos nossos directores de theatro que não póde haver scenas de effeito sem o apertado rythmo lusitano a que os nossos jovens artistás se têm do ageitar... Para quo, entretanto, esse reforço perante um auditorio nacional, na sua immensa maioria?

Esso facto merece as attenções dos nossos comediographos, criticos e directores de theatro, que, numa acção conjunta, devem aconselhar ou *permitter* quo se falle em scena o portuguez do Brasil, o que todos fallamos, o que nada tem a invejar, em harmonia e suavidade, á lingua do além-mar. — (JULIO NOGUEIRA — *Do Jernal do Commercio* — Rio).

HOMENAGENS A EUCLYDES DA CUNHA

Ha já varios annos que um grupo do generosos moços constitue o Gremio "Euclýdes da Cunha", que tem como seu principal objectivo prestar á memoria do autor d'"Os Sertões" uma homenagem digna da obra do incomparavel stylista. Promovendo conferencias, publicando monographias em que sob varios aspectos foi estudada a personalidade do seu patrono, essa associação tem desenvolvido uma grande somma de esforços, cujos offeitos começam finalmente a surgir.

O Gremio "Euclýdes da Cunha" conta publicar em Agosto dosto anno um volume "In memoriam", contendo as seguintes conferencias realisadas a respeito do glorioso escriptor: "Um pouco do coração o do

caracter, por Alberto Rangel; A sua vida, por Escragnolle Doria; A sua contribuição naturalística, pelo dr. Roquette Pinto; Foições do homem, por Coelho Netto; A arte do estylo na sua obra, por Afranio Peixoto; A feição brasileira da obra euclydeana, por Basilio de Magalhães.

A essas conferencias juntar-se-ão, como homenagem aos dois grandes criticos de Euelydes da Cunha, os trabalhos de Silvio Romero e Araripó Junior sobre "Os sertões", além de estudos sobre a personalidade do notavel escriptor, promettidos ao gremio por George Dumas, John Branner, Oliveira Lima, Reynaldo Porchat, Julio Mesquita, Valdomiro Silveira, Affonso d'E. Taunay, Francisco Escobar, Mario de Alencar, Gonzaga de Campos e Alcides Maya.



Conterá ainda esse "In memoriam" uma numerosa collecção de photographias de Euelydes, e de aspectos interessantes da sua vida e terminará pela reunião completa dos dados já colhidos pelo gremio sobre a biographia, a bibliographia e a iconographia do seu patrono.

Por occasião da inauguração do monumento do morro da Babylonia, no Rio, será publicado o 2.º volume

desso "In memoriam", para o qual o Gremio conta com a cooperação de Ruy Barbosa, Vicente do Carvalho, Alberto Rangel, Alfredo Pujol, Juliano Moreira, Ignacio do Amaral, Pacheco Leão, Tasso Fragoso, Felix Pacheco, Veiga Miranda, Araujo Jorge, Eliodoro Villazon, Manuel Bernardes e Candido Roudon.

Pretende tambem o Gremio dar publicação aos numerosos trabalhos de Euelydes, ainda não reunidos em livro, entre os quaes avultam a sua correspondencia de Canudos para o "Estado de S. Paulo", as suas provas de logica no Collegio Pedro II, artigos de critica literaria e sciencia, bem como os seus Relatorios das varias commissões technicas que desempenhou, e fragmentos da sua correspondencia e dos seus cadernos de versos. Esses volumes constituirão um acrescimo valiosissimo á edição uniforme das suas "Obras completas", pela realisação da qual, em beneficio do monumento, o Gremio se vem empenhando.

MOBILISAÇÃO DE VERSOS

Alguns mezes antes da morte de Bilac, eu recebi uma interessante carta feminina, em que a missivista gentilissima se queixava sentidamente do grande poeta, que lhe tiha destruido, segundo asseverava, duas illusões: uma, de que havia merecido alguma coisa do seu coração, e outra, de que havia sido alvo ineconfundivel das atenuções da sua arte.

E contava-me então, o caso. Ha trinta annos, tendo-lho ella destituado o primeiro logar em seu album de poesias, Bilac, correspondendo á distincção captivante, escrevera especialmente para essa pagina um soneto maravilhoso, que veio a figurar, depois, sob o numero XV, na *Via-Lactea* (Poesias, pag. 53), e cuja segunda quadra começava por estes dois versos:

Umás, de meigo olhar piedoso e liudo,
Sob as rosas de neve das capellas...

Passados alguns annos, a inspiradora dos quatorze diamantes desse collar foi surprehendida por uma supposta ingratição do seu poeta: escrevendo o soneto *Ida* (*Poesias*, pag. 161), Bilac, no segundo quarteto, havia posto o mesmissimo decassyllabo:

*Sob as rosas de neve da capella,
Ida soluça, vendo abrir-se a porta.*

Essas repetições, em quo o Principe dos nossos poetas incorreu apenas essa vez, são muito communs em todos os escriptores. Alguns chegam mesmo a abusar desse direito do lançar mão daquillo que lhes pertence. Eça de Queiroz, por exemplo, tem "uma açucena a abrir dentro de um copo", que compara aos soluços que onchem o coração, a qual é encontrada em nada menos do tres logares das *Prosas barbaras*. E nessa insistencia elle é batido apenas por Paul Saint-Victor, que por seis vezes, na minha conta, chamou a bandeira da Allemanha "um sacco destinado á pilhagem" e contou, em quatro capitulos differentes, que as taças dos altares haviam sido modeladas pelos seios de Helena.

Os poetas brasileiros são, entretanto, discretos nessa mobilisação de versos ou imagens. Entre os antigos, eu encontro, apenas, Thomaz Antonio Gonzaga, que principia a *I Lyra* da I Parte dos seus versos a Marilia. (*Obras*, pag. 41), dizendo:

*Eu, Marilia, não sou nenhum vaquei-
[ro...*

E que, na II Parte, *Lyra XVIII* (pag. 214), repete:

*Eu, Marilia, não fui nenhum vaquei-
[ro...*

Isso podia ser, porém, uma necessidade, na unidade da sua obra, que, pelo seguimento, constituo um verdadeiro poema.

A poetiza rio-grandense do norte Auta de Souza não tem, no entanto, a mesma justificativa. Esta nossa

Santa Thereza de Jesus, no seu *Horto* (pag. 197), na poesia *Oscaldo*, canta:

*Quando elle ri, os seus dentinhos
[brancos
Lembram á gente um bogary abrin-
do.*

E, adiante, no mesmo volume (pagina 262), na poesia *Dadá*, alludindo a outra creança, torna:

*Quando falava, os seus dentinhos
[brancos
Lembravam á gente um bogary
[abrindo.*

MICROMEGAS — (Do *Imparcial* — Rio).

MARIDOS POETAS

O sr. dr. Castro Menezes, nome brilhantemente firmado nos circulos literarios do seu paiz, publicou agora um livro de contos, editado pela casa Leite Ribeiro & Maurillo, desta capital, e do volume, que eu li em um dia, o que mais me fez pensar, entre tantas novidades de ostyo o imaginação, foi um conto em quo o autor apresenta uma senhora encantadoramente sensata, que se arrepende de haver casado com poeta. O dr. Castro Menezes procura, é certo, destruir a impressão deixada pelas considerações da sua heroína; a verdade, porém, é que ella tem toda a razão, o que os escriptores, especialmente os poetas, como eu já assignalei aqui uma vez, são uns maridos verdadeiramente insupportaveis.

— "Qualquer quo seja a profissão quo abracem, — assegura a sensatissima senhora, — os poetas serão sempre, ao menos para a mulher com que casarem, poetas, e mais nada. Ainda quando, o que é bem raro, deixem de fazer versos, ficam para o resto da vida com a mania da gloria. E se fosse só isso... Um advogado poeta, encontrando uma constituinte formosa, acaba sempre apaixonando-se mais por ella do que



pela demanda. Um medico poeta, chamado para acudir uma doente encantadora, nunca mais lho dá alta. Voltando para a casa, longo do entregar-se ás calmas alegrias domesticas, ajudando a esposa a fazer dormir os filhos, a organizar uma festa familiar, a receber gentilmente as visitas, o marido que se tem na conta de artista ou de homem do sciencia, mergulha egoisticamente nos livros, profere ficar sósinho, a ler o a escrever até tarde, entro a fumarada dos cigarros... Esquece os recados, os figurinos, as encomendas, os dias de anniversario, tudo! Anda sempre a exclamar que não tem tempo, e, afinal, põe todo o tempo fóra."

E haverá desillusão maior para uma alma feminina, do que essa, do se ver acorrentada eternamente ao muro de uma vaidade? Que tem olla com a gloria do seu marido, se esta só serve a elle, nas suas ambições, nos seus interesses, nas suas conquistas? Os prazeres de uma dona de casa reduzem-se ao bem estar na familia, á commodidade no lar, o aos passeios em companhia do esposo. E se este não presta attenção ao ambiente domestico, ás modificações de mobiliario, ás novidades da vida intima, o não pode, nunca, sahir em companhia da mulher, isso não representa, para ella, no mundo das suas esperanças e do seu affecto, a fallencia completa, absoluta, do seu sonho de felicidade?

Não tem razão, pois o brilhante escriptor do "Jardim de Heloisa": os homens de letras, e, sobretudo, os poetas, são uns maridos intoleraveis, para as mulheres... delles! — X. X. (Do *Imparcial* — Rio).

USOS E COSTUMES DA CAMARA DOS COMMUNS

As sessões na Camara ingleza — escreve Edward Pawot no "Chamber's Journal" — começam sempre por uma reza, segundo um costume antigo. Primeiro de tudo entra um

arauto de casaca, com um distinctivo do ouro; segue-o com a maça ao hombro o chamado Sargento de Armas, encarregado do manter a ordem, de toga e cabelleira, acompanhado por um laçao que segura na sauda do seu comprido manto. Fecha o cortejo o Capellão em habito talar de seda prota, luvas brancas e uma estola bordada com as armas reaes. Todos affectam um porto serio o eheio de dignidade. O Presidente, com as suas feições delicadas e a sua barba branca em ponta, parece uma figura tirada dos quadros do seculo da Rainha Elisabeth.

Só o Sargento do Armas, o Presidente e o Capellão transpõem a linha marcada no pavimento, conhecida sob o nome do "barra". Para os que não são membros da Camara o passear esse "Rubicon" durante a sessão é considerado um delicto semelhante ao que Pompeu perpetrou, penetrando no *Sancta Sanctorum* do Templo de Jerusalém.

O angusto triumvirato dispõe-se junto a uma mesa sobre a qual o Sargento do Armas apoia o coute da maça. Depois de varias cortezias o Capellão lê o Psalmo n. 65 e termina com a leitura de alguns versiculos da Biblia aos quaos o Presidente responde segundo o rito. Seguem-se o Padre Nosso, as preces pelo Rei e a Familia Real, e outra prece especial, cujo autor se ignora e na qual se roga a Deus que os membros da Camara sejam illuminados pela sabedoria divina nas suas deliberações, pondo de parte quaesquer interesses particulares. A cerimonia termina por outra pequena reza e pela bênção.

Durante este tempo o recinto acha-se semi-vazio, salvo nas sessões importantes em que os deputados se disputam os lugares, pois que havendo 670 membros na Camara ha apenas lugares para menos da metade por causa das dimeusões da sala. O centro, onde se sentam os ministros, está sempre devoluto durante as orações, porque esses felizes mortaes não têm do assegurar de antemão os seus lugares.

A Camara enche-se a pouco e pouco. Os seus membros conservam o chapéo na cabeça quando estão sentados, mas não á entrada, á sahida, ou quando tomam a palavra. Couta-se que um dia Gladstone, que tinha uma cabeça enorme, esquecera o chapéo fóra da sala das sessões e pediu a um dos seus visinhos que lhe emprestasse o delle, mas como esse chapéo era muito pequeno, teve de fazer esforços inauditos para o manter em equilibrio na cabeça, provocando a hilaridade geral.

Por falta de lugar mais apropriado os oradores, quando se levantam para tomar a palavra, collocam o chapéo no sitio onde se sentavam e não raro acontece que o achatam dis-trahidamente depois de terminarem o seu discurso.

Em seguida ás interrogações e á leitura da ordem do dia começa o verdadeiro trabalho. O Presidente deixa o seu lugar, o Sargento de Armas tira a maça da mesa, o orador toma o lugar que antes disso occupava o Secretario da Camara.

No emtanto nota-se um exodo geral, só permanecem na sala uns vinte e tantos membros, quer dizer, apenas aquelles que mais se interessam pelos assumptos em discussão e que os poderiam tratar com maior competencia.

Que fazem, entretanto, os ausentes? Muitos delles vão tomar chá; outros dirigem-se para a bibliotheca onde abrem a sua correspondência, lêem jornaes, ou preparam os seus discursos com citações numerosas, tiradas do *Hansan*, a biblia do homem politico britannico. Os sybaritas vão para a sala dos fumadores, onde se acham numerosas poltronas que os convidam a uma sésta reparadora; outros cavaqueiam com amigos sobre os incidentes da sessão...

Durante os mezes de verão, o terrazo, o terrazo que deita para o Tamisa, transforma-se em *tea room* ao ar livre, objecto de grande admiração para todos os illustres visitantes de Londres que infallivelmente ahí são levados.

São necessarios 40 membros para completar o numero legal de uma sessão. Se acontece não haver na sala o numero sufficiente, toca-se uma campainha e, em menos de dous minutos, o numero de deputados presentes sobre logo a 70, 80 ou mesmo a 100. Quando se não podem reunir, pelo menos 40, a discussão é adiada para o dia seguinte.

A' medida que os oradores so succedem na Camara, um continuo annuncia em alta voz os seus nomes na sala do restaurante; quando esses nomes são os do Presidente do Conselho, Lloyd George de Asquith, Balfour, Lord Hugh Cecil, o restaurante esvasiava-se num abrir o fechar de olhos.

Vejamos agora quaes são as characteristics desses oradores, não sem observar primeiro que a Camara é geralmente muito benevola e indulgente para os novos membros que pronuciam o seu *Maidem speech*, ou primeiro discurso, o que os discursos empolados e rhetoricos não têm exito algum, prevalecendo os que se caracterizam por factos e raciocinios concretos.

O Presidente do Conselho exerce especial fascinação no elemento popular, que elle sabe conquistar melhor do que qualquer outro orador da Camara, graças ao seu ardor critico, á sua arte maravilhosa de cunhar phrases, á sua habilidade em adaptar as idéas populares ás questões politicas do momento e finalmente ás suas poeticas perorações.

Asquith é a antithese do Presidente do Conselho. Embora capaz de fazer vibrar as cordas mais profundas do sentimento, cada vez que a Camara quer celebrar a memoria de um dos seus membros, cahido no campo de batalha, Asquith é em geral friamente classico na sua dicção e claro como crystal nos seus logicos raciocinios. Os seus discursos parecem-se com os templos da Grecia antiga, simples na sua estrutura, mas com linhas purissimas, ornamentação severa, isenta do tudo quanto é commum ou banal.

Balfour é um orador *sui generis*. Embora seja um modelo de cortezia, ai de quem tento interrompê-lo; é um mestre de dialéctica e prepara os seus discursos com um methodo rigoroso. Tem diante de si duas grandes folhas de papel branco; numa dellas marca com largos espaços os assumptos que tenciona tratar, na outra toma apontamentos á medida que a discussão se desenrola, depois antes de se levantar para fallar insero estas annotações no ponto mais dequado nas notas da primeira folha. Resulta dahi uma conexão que poucos oradores attingem; o seu unico defeito é que nem sempre chega ao nó da questão.

Bonar Law possui uma grande facilidade de expressão e uma memoria prodigiosa; sabe discutir um orçamento com meia pagina de apontamentos. E' a suavidade em pessoa, e sempre senhor de si.

Lord Hugh Cecil é com certeza o melhor orador, não official, da Camara dos Communs. E' essencialmente um idealista christão, não isento de uma pontinha de humorismo, mas como qualidades administrativas e segurança de raciocinio, é bastante inferior a seu irmão, Lord Robert Cecil.

As discussões terminam geralmente ás 11 da noite, depois tratam-se de diversos assumptos durante meia hora e ás 11 1/2 em ponto o Presidente ergue-se, enquanto lá fóra os continuos emittem o antigo o mysterioso brado de: *Who goes home?* (Quem vai para casa?).

Este brado que resouu durante seculos no Palacio de Westminster remonta aos tempos em que era prudente que os membros sahissem todos juntos e so dirigissem em grupos para as respectivas casas, porque esse bairro solitario era então infestado de ladrões e assassinos. — (Alter Ego — "*Jornal do Commercio*" — Rio).

A BELLEZA DA MULHER

Augusto Rodin, o grande escultor francez ha mezes fallecido, não é celebre sómente pelas suas estatuas: as suas maximas o sentenças, sobre questões do arto o esthetica, doram-lho grande notabilidade.

Ao eminente critico parizienese Paul Isell, em convorsa, o insigne ancião dizia uma vez que na sua vida, já longa, havia encontrado uma infuidade de modelos perfectos, o affirmou que existem ainda no mundo formosas mulheres, embora a sua belleza tenha um defeito: a de apenas conservar-se durante um curtissimo espaço de tempo. O artista fez uma comparação entre a mulher o uma paisagem florida: nesta, como naquella, a seducção muda, segundo a hora. A verdadeira belleza, segundo Rodin, encontra-se nas virgens sómente nos primeiros cinco ou seis mezes da sua completa maturação physiologica; depois o encanto já não é mais o mesmo. Por outro lado, é falsa a creença do quo a mulher de época antiga fosse mais bella quo a mulher contemporanea. As mulheres grogas foram bellas, sem duvida alguma; mas muitas italianas do hoje podem ser perfectamente comparadas com os modelos de Phidias o isto pelo seu principal caracteristico, quo constitue a grande formosura das mulheres: a quasi igual largura dos hombros o dos quadris.

Muitos artistas e não artistas pensam quo a antiga belleza da forma feminina foi modificada na Edda Média pelos cruzamentos com os povos barbaros. Affirmava Rodin, ao contrario, que tambem entre os barbaros — povos do norte — existiam e existem fulgurantes bellezas: muito bellas mulheres francezas, alemans o slavas são comparaveis a qualquer typo meridional perfeito. Este ultimo porém tem maior desenvolvimento dos quadris quo das espaduas.

Para dizer a verdade existem entre todas as raças typos attraentes; sómente é preciso saber descobri-l-os.

E Rodin concluiu essa sua conversa assim: "Frequentes vezes eu ordenava a um dos meus modelos que se sentasse no-chão, os braços e as pernas estendidos, apresentando o dorso. Nessa posição, o corpo feminino parecia-me uma enorme amphora dentro da qual se devia formar o espirito de uma vida futura. Ao corpo humano é o reflexo do espirito que lhe imprime melhor belleza. O que admiramos não é puramente a graça da estrutura, mas a nobilissima chamma que, através da materia, refulge do interior para o exterior".

Esta definição, talvez nova, tomava na bocca de Rodin o valor de uma alta sentença. (Do *Estado de S. Paulo* — S. Paulo).

ERMETE NOVELLI

Falleceu em Napoles o grande actor italiano Ermete Novelli. Occupava actualmente o theatro Sannazaro, naquella cidade meridional da península, e foi victimado por uma broncho-pneumonia, aos 67 annos de idade, pois nascera em 1851.

A sua carreira foi rapida; começando aos 16 annos apenas, adoptou o genero comico, e aos 33 era primeiro actor.

Novelli esteve no Rio de Janeiro como actor comico e pouco destaque teve; foi sómente quando se apresentou em outras temporadas no grande repertorio, representando ás peças de Shakespeare, sobretudo o *Otello* e o *Rei Lear*, que os nossos criticos reconheceram o seu alto merecimento.

Bello coração o de Novelli, sempre preocupado com os seus collegas, tanto que fundou em Roma a *Casa di Godoni*, decalcada nas bases da *Comedie Française*; mas a tentativa fallhou e o nome de Goldouï, seu antor predilecto, não ficou ligado a um theatro, como merecia aquelle illustre Veneziano, que morreu em Paris no anno de 1793, rodeado de grande prestigio na Côte française.

A mocidade de Novelli foi agitadaissima. — Bohemio e jogador, dissipou fortunas, até que um dia deliberou ser comedido e dedicou-se exclusivamente á sua arte.

Tratou, antes disso, de reivindicar os seus direitos de descendencia, até ser reconhecido filho do Conde Novelli de Bertinoro.

No seu repertorio tornou-se unico interprete possivel em varias peças, como sejam *Bisbetica domata*, *Papá Lebonard*, *Morte civil*, *Alleluia*, *Pané altrui* e *Luiz XI*.

Nasceu na cidade de Lucca. O seu primeiro emprezario foi Vitaliani; mas libertou-se dos especuladores, formou companhia sua e percorreu o mundo victoriosamente.

Esso actor esteve duas vezes em Paris — 1898 e 1902. Causou grande sensação e varios criticos, confessando ignorar o idioma italiano, declararam que percebiam tudo quanto Novelli recitava, e apreciaram a sua attitudão em scena, sempre distincta e sempre apropriada, na comedia, no drama ou na tragedia.

El não era só um grande actor — era um mestre sem rival, e a prova é o outro colosso italiano que elle guiou e aconselhou — Zacoue, que transferia os seus espectaculos para ir aprender com elle, todas as vezes que se annunciava uma peça nova. — (Do *Jornal do Commercio* — Rio).

UM REBOCADOR DE HELICE AEREA

Para manter e desenvolver o serviço do reboque na Guyanna Inglesa, em Demerara, uma casa de Londres acaba de construir uma embarcação tendo o seu orgão de propulsão aereo. Com o comprimento de 9m.19, seu tirante de agua é apenas de 20 cent. para permittir sua navegação no rio que não é bem regular nem em todas as épocas, nem em todo seu percurso.

O casco, inteiramente de aço, pôde resistir aos esforços que terá talvez de supportar e realizar raspando, por

assim dizer, e não poucas vezes o fundo rio. Quanto ao motor, é elle de um só cylindro, utiliza o oleo bruto e fornece 13 cavallos, dando 450 rotações. O peso total da embarcação é de 4.600 kilogrammas.

Naturalmente que não era possível pensar na collocação de uma helice de systema commun, em consequencia da insignificante porção do easeo que mergulha n'agua; recorreu-se; então, á helice aerea de 2m,75, girando 1200 vezes e collocada, mais ou menos, no centro da embarcação.

Nas experiencias e ensaios effectuados no rio Tamisa, indo de encontro á corrente, conseguiu-se a velocidade de cinco milhas por hora. Acredita-se que será possível reboar, na proporção de duas milhas por hora, velocidade esta imposta pelas condições locais, 15 a 20 chatas de 9 m. por 3m e da capacidade de 4.250 kilogrammas.

Esta tentativa merece ser conhecida e mesmo imitada, pois, como se está vendo, talvez possa tornar-se uma realidade a navegação do pequenos riachos, isto é, de cursos de agua de fundo insignificante e até de canaes e outras vias de comunicação fluvial.

A ANKYLOSTOMIASE

A ankylostomiase ou uncinariose, conhecida entre o povo pelos nomes de *opilação*, *amarellão*, *cansaço*, *mal da terra* e *cangoary*, é uma doença muito grave, espalhada em todo o Brasil, onde infelicitá 80 pessoas em cada 100 das classes trabalhadoras.

É uma doença produzida por uma lombrigasinha muito pequena e muito fina, que se agarra ás cecenas no intestino, e que chupam e onvenenam, dia e noite, o sangue da pessoa.

Esses vermes eriam-se na terra suja de fezes humanas, e, quando filhotes, entram no corpo da pessoa, ou pela bocca, quando se bebe agua contaminada ou se come com as mãos sujas de terra, ou pela pelle,

quando se anda descalço, ou se pega em terra, onde foi lançada obra de gente.

É portanto, uma doença que pega de uma pessoa para outra, por intermedio da terra ou da agua polluida de fezes humanas.

É uma doença que enfraquece o corpo e a intelligencia; produz a pregnica o o desanimo; envenena e destroe o sangue, e faz a desgraça de familias atacadas por ella.

É uma doença que mata todos os annos dezenas de milhares de crianças: que definha e prejudica o desenvolvimento do corpo e da intelligencia de centenas de milhares de outras crianças: que diminue de mais de metade a capacidade de trabalho de centenas e centenas de milhares de homens e mulheres, que, por isso, vegetam na miseria e se viciam na cachaça; que é a causa de muitas ulceras e feridas rebeldes e de muitas doenças chronicas do coração, dos rins, do figado, do estomago e dos intestinos, que matam milhares e milhares de pessoas anualmente.

A opilação é a maior desgraça do Brasil, que enquanto não a combater seriamente, não conseguirá de maneira alguma se emparelhar, nem mesmo se approximar das nações civilizadas e prosperas.

E como acabar com essa doença, com esse flagello?

Promovendo a cura dos doentes, com assistencia capaz, o facilitando-lhes o uso de remedios, que os ha absolutamente efficazes, e que os poderes publicos têm o dever imperioso, social, economico, humanitario e nacional, de collocar ao alcance de todos os habitantes.

Impedindo a contaminação da terra, pela construção do esgotos ou pela obrigatoriedade das fossas, e pela educação hygienica do povo;

Empregando todos os meios directos ou indirectos para que se generalise o uso do calçado em todas as classes da sociedade;

Combatendo sem treguas o vicio do alcoolismo, e barateando os arti-

gos indispensaveis á alimentação, ao vestuario, e á hygiene domiciliar.

Promovendo por todos os meios a educação do povo, nas escolas, nas fabricas, nas fazendas, etc.

Conhecido o perigo que é para a saúde e a vida dos filhos, o lançar fezes no chão, haverá paes que continuem a sujar a terra, e consintam que os filhos o façam?

Haverá mães que descuridem dos filhos e os deixem andar descalços e brincar com barro; que os deixem ás soltas pelos matos; que não os eduquem no asseio; que não os façam lavar as mãos antes de comer, e não os obriguem a procurar a casinha para fazer as suas necessidades; que não os ensinem a ter vergonha de fazer como os animaes?

Si houver creaturas tão desnaturadas, será necessario forçá-las, por lei, a executar essas medidas de salvação publica, o dos proprios filhos.

Doitar veneno num copo d'água, que alguém tem de beber, é um crime nefando, que leva o criminoso para a cadeia, e que o malsina no conceito dos homens.

Pois muito mais criminoso é quem defeca á flor da terra.

O primeiro mata uma pessoa; o segundo pode prejudicar a saúde de dezenas ou centenas de pessoas, muitas das quaes morrerão em consequencia da molestia contrahida; pode fazer a desgraça de familias inteiras.

E desde que conheça o povo a causa da preguiça o da miseria em que vive, quererá ainda fazer o papel de carniça? Porque afinal o opilado não é mais que uma carniça ambulante, comida pelos ankylostomos, de dentro para fóra.

300, 500, 1.000 e mais vermes (ankylostomos) agarrados ás paredes intestinaes de uma pessoa, assemelham-se ás larvas das moscas varejeiras devorando uma carniça.

A unica differença é que as varejeiras devoram a carne morta, e os ankylostomos devoram e envenenam o sangue da carne viva, matam-u'a e morrem com ella, entregando-a á voracidade de outros vermes.

Duas terças partes ou mais da população do Brasil estão saindo de pasto aos vermes intestinaes ou da preguiça, são carniça delles, deixam-se devorar, se degenerar, se degradar e se aniquilar, devido exclusivamente á ignorancia em que vivem do tremendo perigo e do nefando crime que é obrar sobre a terra.

Fica assim explicado com clareza o que é a opilação e os males tremendos que ella causa.

Feita a educação hygienica do povo, habituando-o ao asseio indispensavel das mãos, ao uso do calçado e das fossas, ao tratamento conveniente e a tempo dos doentes, não só a opilação será extinta ou consideravelmente reduzida, mas outras verminoses communs na nossa população, taes a ascariidose, produzida pelas lombrigas, que causam serias perturbações e mortes, a trychocephalose, tão prejudicial quanto a opilação, e a schistosomose, que no Nordeste do Brasil, sobretudo, vao tomando incremento assustador. — (Do folheto — *Opilação ou amarelão* — do dr. Belisario Penna — publicado pela Liga Pro-Saneamento do Brasil).

A TRAVESSIA DO ATLANTICO PELO AR

Passou no dia 25 de julho o nono anniversario da travessia do Canal da Mancha, pelo aviador francez Blériot. Espera-se que antes de se registrar o decimo anniversario desse acontecimento, algum aviador inglez ou americano tenha conseguido atravessar o Atlantico. Se acreditarmos num collaborador do "Observer" nem sequer teremos de esperar mais um anno para vermos realizado este sonho.

Já se possuem aeroplauos que podem voar á razão de mais de 90 milhas por hora levando o petroleo necessario, assim como os mantimentos indispensaveis para um vôo de mais de 30 horas, sem paragem. o

que representa 2.700 milhas. Está claro que para distancias muito menores se pode exceder esta velocidade.

A distancia, através do Atlantico, da Terra Nova aos Açores é de 1.195 milhas, dos Açores a Portugal 850 milhas, isto é, um total de 2.045 milhas. Partindo, porém, directamente da Terra Nova para a Irlanda, a distancia é apenas de 1.880 milhas. Existe ainda outra via que offerece a vantagem de apeadeiro todas 600 milhas, e vem a ser, pela Groelandia, a Islandia e a Escocia, mas as vias do sul hão de sempre ser preferidas por causa das melhores condições climatericas.

O autor do artigo que resume teve uma "interview" com o celebre construtor de aeroplanos Kandley Page, cujo aparelho do guerra, a que deu o seu nome, servio aos allemães para modelo dos seus Gothas. Esta autoridade em materia de aviação entende que a travessia do Atlantico terá de ser feita por aeroplano e não por hydroplano. Os aeroplauos terão de voar por cima de mares tempestuosos, onde nenhum hydroplano poderia navegar ou tornar a levantar o vôo. Será porém, indispensavel prover o aparelho do combustivel necessario e do um machinismo que exelua toda a necessidade de uma descida sobre o mar. Para este fim serão necessarios uns poucos de motores.

Quando se trata de uma viagem muito longa, como a travessia do Atlantico, a machina não deve trabalhar com a velocidade maxima, e o aeroplano deve poder continuar o seu vôo, mesmo quando todos os seus motores não estiverem em actividade. Além disto, podemos prever que o aeroplano do futuro terá um dispositivo para "atterissage" muito pequeno, adequado a especiaes apeadeiros, fora dos quaes nunca terá de descer á terra.

O Mr. Handloy Page é decididamente um antagonista do hydroavião e as razões, que para isso apresenta, não deixam de ser plausiveis. Em

primeiro lugar os aeroplanos muuidos de fluetuadores ou de botes, isto é, os hydroplanos, são menos efficazes ao ponto de vista aerodyamico do que os aparelhos que possuem o dispositivo com rodas para a *atterissage* e além disso são mais pesados e menos manojaveis; insistir na sua adopção como typo de aeroplano do futuro é simplesmente retardar os seus progressos. Como já dissemos, nenhum hydroplano conseguiria fluctuar num mar tempestuoso, por cima do qual um aeroplano pode voar com toda a facilidade: o problema a resolver é, pois, o de evitar a possibilidade do paragono do motor; isto obtem-se facilmente com aparelhos aperfeçoados e com a multiplicidade dos motores.

O primeiro vôo transatlantico terá lugar provavelmente a uma grande altitude. Uma das vantagens d'este systema consistirá em quo, apesar da velocidade ser ligeiramente inferior, a distancia percorrida com uma dada quantidade de combustivel será maior. Não ha razão alguma para que os aeroplanos do longo raio de acção, que a America está construindo para a França, não cheguem ao seu destino pelos seus proprios meios, em vez de occuparem lugar a bordo dos navios que têm de transportar outras cargas.

Pelo que diz respeito aos passageiros, disse ainda Mr. Haudley Page, não está longo o dia em que os homens de negocio poderão apreciar a economia do tempo que resultará da travessia pelo ar.

Com respeito a algumas difficuldades praticas a resolver, enquanto o caminho a percorrer não ficar bem estabelecido e se não crearem apeadeiros regulares, as travessias só poderão ser effectuadas durante as horas do dia. Não haverá, porém, difficuldado em voar durante a noite desde o momento que os pilotos possam revezar-se todas as duas ou tres horas.

A primeira viagem emprehendida será do oeste para leste e por varias razões será a mais usual do que

a viagem da Europa para a America, porque o vento de oeste para leste é mais frequente nesta latitude, especialmente a grandes altitudes onde ha muitas probabilidades de encontrar um forte vento propulsor na direcção desejada.

Segundo o rumo dos vapores transatlanticos, um aviador nunca se encontraria a mais de meia hora do distancia de um navio munido deapparelhos de telegraphia sem fio, o que é de enorme importancia tanto para a navegação maritima como para a aerea.

Uma cousa se pode affirmar em conclusão: é que está para se estreitar um laço sentimental, commercial e industrial entre os dois continentes, que terá a mais profunda influencia na historia da nossa raça. (Do *Diario de Pernambuco* — Recife).

D. LUIZ DE ORLÉANS E BRAGANÇA

A "Revista do Brasil" ufana-se do noticiar aos seus leitores que tem promettida a collaboração litteraria do Principe D. Luiz. Já conhecido do publico brasileiro por uma obra que vale por multiforme revelação de superioridades, pois mostra no homem moderno do idéas claras e adiantadas, e no artista fino, cheio do sensibilidade e altas aptidões estheticas, um acabado temperamento de estadista de visão larga a que não escapa nenhum aspecto dos grandes problemas sociais, é com enthusiasmo que o vemos preparar-se para cooperar na obra commum empreendida pela grande revista brasileira.

Neto de D. Pedro II, D. Luiz, além do sangue e da intelligencia, herdou do excelso imperante aquelle

entranhado amor á terra natal; isso o leva a seguir no exilio com olhar carinhoso a nossa evolução; e o induz, agora, a prometter o seu contingente de idéas para a tarefa constructiva da nossa cultura. Transcrevemos, o trecho da carta onde nos dá a grata nova: "Até agora não consegui livrar-me dos incommodos que ha mais de tres annos me atormentam, o ainda não adquiri a liberdade do espirito necessaria para trabalhar seriamente dando fórma accetavel ás notas tomadas durante o anno que passei com as tropas inglezas. No caso, porém, do continuarem as melhoras que tenho experimentado nestes ultimos tempos, prometto com o maior prazer a minha collaboração para a Revista, cujo convite muito me lisongea."

PINHEIRO JUNIÓR

Depois do tres annos de exercicio ininterrupto deixou o lugar do Secretario-Gerente da "Revista do Brasil", o Dr. J. M. Pinheiro Junior, indubitavelmente o mais esforçado dos seus fundadores. Graças á sua operosidade e tino pratico poude a Revista prosperar e vencer estes annos do anormalidade commercial determinada pela guerra, periodo sobremaneira penoso para todas as industrias que dependem do papel, e mais ainda para uma a que tão avesso se mostrou sempre o nosso meio. Venceu-os porém, dominou-os um por um a quantos obices se lhe autepuzeram no caminho e conseguiu fazer da Revista o que ella é, a melhor, a mais acreditada, a mais bem acceita do paiz. Seu nome ficará, pois, gravado com magnifico destaque na vida desta publicação, e na casa, onde só deixou amigos, será sempre lembrado com profundas saudades.

AS CARICATURAS DO MEZ

O RESTO ESTA' CHOCO



- A gallinha — Para que tantos ovos, si um só tem pinto?

(J. Carlos — *Careta*, Rio)

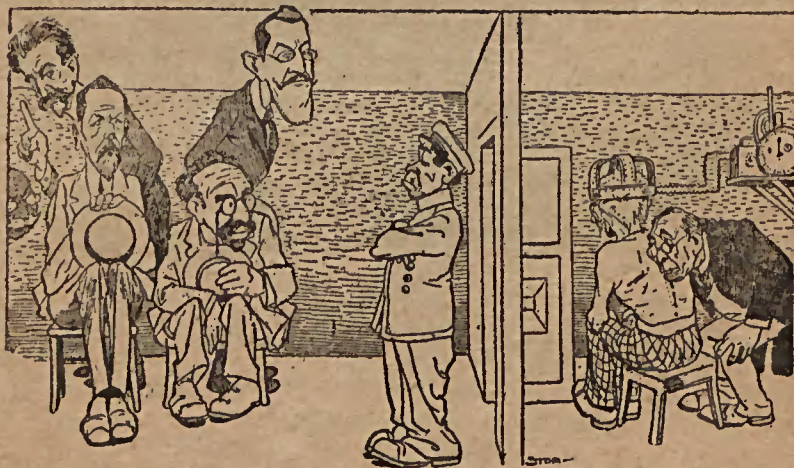
CANDIDATURAS



Nilo — A prova de que nunca fui teu inimigo é que o maior mal que te desejo, eu bem o quizera para mim.

(Romano — D. Quizote, Rio).

REFORME-SE A CONSTITUIÇÃO



Onde convier: — “Os candidatos á Presidencia da Republica deverão ser submettidos a rigorosa inspecção de saúde, em que fique constatada sua resistencia physica por mais 4 annos”.

(Storni — D. Quizote, Rio)

NA MICROBIOLANDIA



Mme. Spyriilo — E' muito longe daqui o lugar onde vaes, meu bem?

Dr. Spyriilo — E', minha querida; são 2 millímetros que tenho de percorrer — mas, coragem! daqui a dois annos estou de volta.

(Yantok — *D. Quixote*, Rio).

A PARTIDA DE VAPORES SEM A 3.ª CLASSE



— Porque nós, pobre gente, eramos uteis sómente quando era occasião de nos fazer matar!...

(Voltolino — *Il Pasquino Coloniale*, S. Paulo).

UMA SOLUÇÃO



Ruy — O momento é grave, meus amigos e não permite lutas. O melhor é vocês todos concordarem comigo. (J. Carlos — *Careta*, Rio).

PARA MATAR, PELO MENOS, O TEMPO

HAYA, 19 — Guilherme II. para se distrahir, passa as manhãs rachando lenha". (Dos jornaes)



— Ah! Sire!... Vossa Magestade rachando lenha!...
— Que diabo quer você que eu agora rache?
(Julião Machado — *D. Quixote*, Rio).

OS EXALTADOS



— E' o que te affirmo! Só ha o Ruy; os outros são todos ruins!

(Yantok — D. Quicote, Rio).

DOÇURA DE COSTUMES



— E' cocote?
— Não. E' de familia.

(Raul — D. Quicote, Rio).



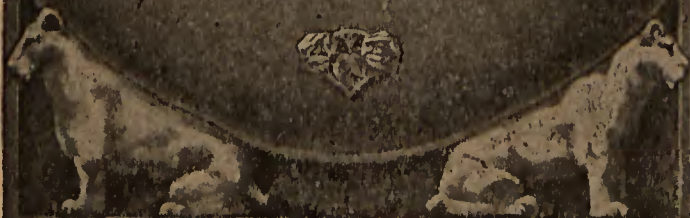
**AGUATONICA
ANTI-FEBRIL**

Approvada pelo Instituto Sanitario Federal
Preparada pelo
Farmaceutico **SILVA ARAUJO**

**AGUA
INGLEZA**

N.B.—A cada garrafa acompa-
nha um copinho de medida

**RECONSTITUINTE
FERRIFUGO ESTOMACAL**



LIMA BARRETO

Vida e Morte de J. M. Gonzaga de Sá

Acaba de ser posto a venda o novo romance do festejado autor do "Triste fim de Polycarpo Quaresma". E' um magnifico estudo da vida carioca sob alguns aspectos quasi ineditos ou pelo menos nunca tratados com a superioridade com que o faz o emerito romancista.

PREÇO: 2\$000

Pelo correio mais 300 .reis

Pedidos á "Revista do Brasil" - Caixa 2B - S. Paulo.

MARIO SETTE

ROSAS E ESPINHOS

Magnifica collecção de contos nortistas onde o scenario e os costumes de Pernambuco são pintados ao vivo com a arte caracteristica do apreciado belletrista do AO CLARÃO DOS OBUSES.

PREÇO: 4\$000

Pelo correio mais 400 reis

Pedidos á

"REVISTA DO BRASIL"

CAIXA, 2 - B
SÃO PAULO

Joaillerie — Horlogerie — Bijouterie

Maison d'importation

Bento Loeb

RUA. 15 DE NOVEMBRO, 57 (en face de la Galeria)

Pierres précieuses — Brillants — Perles — Orfèvrerie — Argent, Bronzes
et Marbres d'Art — Services en Métal blanc inaltérable

Maison à Paris . 30, Rue Drouot, 30

INDICADOR

ADVOGADOS:

DRS. SPENCER VAMPRE',
LEVEN VAMPRE' e PEDRO
SOARES DE ARAUJO — Tra-
vessa da Sé, 6, Telephone 2.150.

DRS. ROBERTO MOREIRA,
J. ALBERTO SALLES FILHO e
JULIO MESQUITA FILHO —
Escritorio: Rua Boa Vista, 52
(Sala 3).

MEDICOS:

DR. RENATO KEHL — Espe-
cialista em syphilis e vias urina-
rias (molestias dos rins, bexiga,
próstata e urethra). Cons. Rua
Llbero Badaró, 119. Tel. Cent.
5125. Res.: r. Domingos de Mo-
raes, 72. Tel. Cent. 2559.

DR. SYNESIO RANGEL PES-
TANA — Medico do Asylo de Ex-
postos e do Seminario da Gloria.
Clinica medica especialmente das
crianças — Res.: R. Bella Cintra,
139. Consult.: R. José Bonifacio,
8-A, das 15 ás 16 horas.

DR. ALVARO CAMERA —
Medico, S. Cruz do Rio Pardo —
S. Paulo.

DR. SALVADOR PEPE — Es-
pecialista das molestias das vias
urinarias, com pratica em Pariz.
— Consultas das 9 ás 11 e das
14 ás 16 horas. Rua Barão de
Itapetininga, 9. Telephone 2.296.

TABELLIÃES:

O SEGUNDO TABELLIÃO DE
PROTESTOS DE LETRAS E TI-

TULOS DE DIVIDA. NESTOR
RANGEL PESTANA, tem o seu
cartorio á rua da Boa Vista, 58.

CORRETORES:

ANTONIO QUIRINO — Cor-
retor official — Escritorio: Tra-
vessa do Commercio, 7 — Te-
lephone 393.

GABRIEL MALHANO — Cor-
retor official — Cambio e Titu-
los — Escritorio: Travessa do
Commercio, 7. Teleph. 393.

DR. ELOY CERQUEIRA FI-
LHO — Corretor Official — Es-
criptorio: Travessa do Commer-
cio, 5 - Tel. 323 — Res.: R. Al-
buquerque Lins, 58. Teleph. 633.

SOCIEDADE ANONYMA COM-
MERCIAL E BANCARIA LEO-
NIDAS MOREIRA — Caixa Pos-
tal 174. End. Teleg. "Leonidas",
S. Paulo. Telephone 626 (Cen-
tral) — Rua Alvares Penteado —
S. Paulo.

COLLEGIOS:

EXTERNATO DR. LUIZ PE-
REIRA BARRETTO — Admissão
aos cursos superiores da Repu-
blica para ambos os sexos —
Rua Carlos Gomes, 50 — Aca-
cio, G. de Paula Ferreira.

ALFAIATES:

ALFAIATARIA ROCCO — Emi-
lio Rocco — Novidades em case-
mira Inglesa. — Importação di-
recta. — Rua Amaral Gurgel, 20
esquina da rua Santa Izabel. Tel.
3333 — Cidade — S. Paulo.

LIVRARIA DRUMMOND

Livros Escolares, de Direito, Medicina,
Engenharia, Litteratura. — Revistas.
— Mappas. — Material Escolar.

ED. DRUMMOND & COMP.

RUA DO OUVIDOR, 76 — TELEPH. NORTE, 5667 — End. Tel.
— "LIVROMOND" — Caixa Postal, 785 — Rio de Janeiro —

JOÃO DIERBERGER -- S. Paulo

FLORICULTURA

Caixa Postal, 458
TELEPHONES: Chacara, Cidade 1006
Loja, Central 511

ESTABELECIMENTO DE PRIMEIRA
ORDEM.

Sementes, plantas, bouquets e decorações.

LOJA: Rua 15 de Novembro, 59-A
CHACARA: Alameda Casa Branca, (Avenida Paulista)
FILIAL: Campinas - Guanbara.
PEÇAM CATALOGOS.

Casa de Saude ≡

EXCLUSIVAMENTE PARA DOENTES DE
MOLESTIAS NERVOSAS E MENTAES

Dr. HOMEM de MELLO & C.

Medico consultor — Dr. FRANCO DA ROCHA,
Director do Hospicio de Juquery

Medico Interno — Dr. TH. DE ALVARENGA
Medico do Hospicio de Juquery

Medico residente e Director
Dr. C. HOMEM DE MELLO

Este estabelecimento fundado em 1907 é situado no esplendido bairro ALTO DAS PERDIZES em um parque de 23.000 metros quadrados, constando de diversos pavilhões modernos, independentes, ajardinados e isolados, com separação completa e rigorosa de sexos, possuindo um pavilhão de luzo fornece aos seus doentes esmerado tratamento, conforto e carinho sob a administração de Irmãs de Caridade.

D tratamento é dirigido pelos especialistas mais conceituados de São Paulo
Informações com o Dr. HOMEM DE MELLO que reside á rua Dr. Homem de Mello, proximo á casa
de Saude (Alto das Perdizes)

Caixa do Correio, 12

SÃO PAULO

Telephone, 560

COQUELUCHE
O XAROPE DE GOMENOL

Formula do dr. Monteiro Vianna e preparado da Pharmacia Sta. Cecilia de Lopes & Senna, á Rua das Palmeiras, 12, é o especifico que cura em poucos dias a Coqueluche.

A' venda em todas as drogarias e pharmacias

Depositario - João Lopes - Rua 11 de Agosto, 35 - S. Paulo

ALMEIDA SILVA & CIA.

Importadores de
Ferragens, Louças, Tintas e Oleos
End. Telegr.: "Amsdias"
Codigo Ribeiro

RUA GENERAL CARNEIRO, 13

S. PAULO

CASA EXCELSIOR

Ferragens, Tintas, Louças e Crystaes. Especialidades em Artigos Domesticos e Artigos para Encerar.

P. R. Amaral Importador

LARGO DO AROUCHE, 83

S. PAULO

Telephone N. 1978 - Central

Phosphoros
Segurança

MARCA

Os unicos que se



Casa Nathan
S. Paulo

TREVO

exportam. ———

A' LAVOURA

ARROZ - Temos machinas beneficiadoras de arroz para os pequenos e grandes productores. Preços desde 1:000\$000 para cima.

ALGODÃO - Temos descaroçadores solidos, modernos e de preço modico. Accionados a força manual e motora.

ARADOS - Temos quaesquer instrumentos aratorios. Preços reduzidos.

CAFE' - As melhores machinas, mais modicas em preços e de qualquer capacidade, são eneontradas em nossa casa.

Engenhos para Canna - Accionados a força manual, animal, motora e hydraulica. Temos um grande stock.

MOINHOS - Para qualquer fim e de qualquer systema. Peçam gratis informações e preços.

MILHO - Temos debulhadores desde 20\$000 para cima. Qualquer capacidade de producção diaria. Temos tambem um grande stock de desintegradores.

PRENSAS - Para enfardar algodão, accionadas a força manual, motora e hydraulica. Preços reduzidos.

TEMOS - no Brasil o mais completo sortimento de machinas para lavoura e industria. Os que compram em uossa casa adquirem as melhores machinas, a preços reduzidos.

Peçam gratis catalógos illustrados e descriptivos mencinoado esta revista

F. UPTON & CO.

Largo de S. Bento N. 12-F | Avenida Rio Branco N. 18
S. PAULO | RIO DE JANEIRO



ETABLISSEMENTS BLOCH

Société Anonyme au Capital de 4.500.000 francos

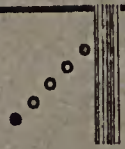


FAZENDAS, TECIDOS, ETC.



RIO DE JANEIRO

116, Rua da Alfandega



S. PAULO

Rua Libero Badaró, 14

PARIS, 26, CITÉ TRÈVISE

As Machinas **LIDGERWOOD**

Para CAFÉ MANDIOCA
ARROZ MILHO
ASSUCAR FUBÁ, etc.

São as mais recommendaveis para a lavoura, segundo experiencias de ha mais de 50 annos no Brasil

GRANDE STOCK de Caldeiras, Motores a vapor, Rodas de agua, Turbinas e accessorios para a lavoura

CORREIAS-OLEOS-TELHAS DE ZINCO-FERRO EM BARRA

GRANDE STOCK de canos de ferro galvanizado e pertences

CLING SURFACE, massa sem rival para conservação de correias

Importação directa de quaesquer machinas, canos de ferro batido galvanizado para encanamentos de agua, etc.

Para informações, preços, orçamentos, etc., dirigi-se a

Rua de São Bento N. 29-6
SÃO PAULO

OFFICINAS DO "O ESTADO DE S. PAULO"



REVISTA DO BRASIL

SUMMARIO

RUY BARBOSA	As classes conservadoras	255		
PORFIRIO SOARES NETTO	Impressões de viagem.	289		
HEITOR MORAES.	} Versos	296		
MANUEL DE AZEVEDO				
RODRIGO OCTAVIO FILHO				
HELIO LOBO	A America e a guerra	301		
RENATO KEHL	Perlustrações medicas	305		
FRANCISCO IGLESIAS.	Cinco annos no Norte do Brasil (III)	311		
MONTEIRO LOBATO	O figado indiscreto	315		
MARTIM FRANCISCO	Viajando (VIII)	321		
AFFONSO D'ESCRAGNOLLE TAUNAY	Um album de Elisa Lynch (IV)	339		
TANCREDO PAIVA	Notas de um livreiro	444		
FIRMINO COSTA	Vocabulario analogico	349		
REDACÇÃO.	} Artes e artistas.	346		
			} Bibliographia	353

PUBLICAÇÃO MENSAL

N. 39 - ANNO IV — VOL. X — MARÇO, 1919

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
RUA DA BOA VISTA, 52
SÃO PAULO ♥ Brazil



RESENHA DO MEZ — Olavo Bilac (*D. Benjamim de Araujo Lima*) — Do Theatro (*Léo Yaz*) — O Rio Branco (*Umberto de Campos*) — Napoleão jornalista (*Alter Ego*) — A Albania (*Whitney Warren*) — A musica japoneza (*Musical America*) — A questão das raças em Versailles (*Roquette Pinto*). — As caricaturas do mez.

ILLUSTRAÇÕES: Quadros de Georgina e Lucilio de Albuquerque — Gravuras antigas.

As assignaturas começam e terminam em qualquer tempo

REVISTA DO BRASIL

**PUBLICAÇÃO MENSAL DE SCIENCIAS,
LETRAS, ARTES, HISTORIA E ACTUALIDADES**

Director: MONTEIRO LOBATO.

Secretario: ALARICO F. CAIUBY.

Directores nos Estados:

Rio de Janeiro: José Maria Bello.

Minas Geraes: J. Antonio Nogueira, Bello Horizonte.

Pernambuco: Mario Sette, Recife.

Bahia: J. de Aguiar Costa Pinto, S. Salvador.

Ceará: Antonio Salles, Fortaleza.

R. Grande do Sul: João Pinto da Silva, P. Alegre.

Paraná: Seraphim França, Corityba.

Amazonas: João Baptista de Faria e Souza, Manaus.

ASSIGNATURAS

Anno	15\$000
Seis mezes	8\$000
Edição de luxo, anno	22\$000
Seis mezes	12\$000
Numero avulso	1\$500

Assignatura com direito a registro no correlo: mais 2\$400 por anno.

REDACÇÃO E ADMINISTRACÇÃO:

RUA DA BOA VISTA, 52

SÃO PAULO

Caixa Postal: 2-B — Telephone, 1603, Central

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao secretario.



BYINGTON & C.

Engenheiros, Electricistas e Importadores

SEMPRE TEMOS EM STOCK GRANDE QUANTIDADE DE MATERIAL ELECTRICO COMO :

MOTORES

FIOS ISOLADOS

TRANSFORMADORES

ABATJOURS LUSTRES

BOMBAS ELECTRICAS

SOCKETS SWITCHES

CHAVES A OLEO

VENTILADORES

PARÁ RAIOS

FERROS de ENGOMMAR

LAMPADAS

ELECTRICAS 112 WATT

ISOLADORES

TELEPHONES

ESTAMOS HABILITADOS PARA A CONSTRUÇÃO DE INSTALLAÇÕES HYDRO-ELECTRICAS COMPLETAS, BONDES, ELECTRICOS, LINHAS DE TRANSMISSÃO, MONTAGEM DE TURBINAS E TUDO QUE SE REFERE A ESTE RAMO.

UNICOS AGENTES DA FABRICA

Westinghouse Electric & Mftg. C.

PARA PREÇOS E INFORMAÇÕES DIRIJAM-SE A

BYINGTON & Co.

Largo da Misericordia, 4

TELEPHONE, 745-central ✦ S. PAULO



Pereira Ignacio & C.

INDUSTRIAES

Fabrica de Tecidos PAULISTANA e LUSITANIA nesta Capital, e LUCINDA, na estação de S. Bernardo (S. Paulo Railway),

VENDEDORES DE FIOS DE ALGODÃO. CRÚS E MERCERISADOS

COMPRADORES de Algodão em caroço em grande escala, com machinas e AGENCIAS nas seguintes localidades, todas do Estado de S. Paulo.

Sorocaba, Tatuhy Piracicaba, Tieté, Avaré, Itapetininga, Pirajú Porto Feliz, Conchas, Campo Largo, Boituva, Pyramboia, Monte Mor, Nova Odessa, Darnardino de Campos, Bella Vista de Tatuhy.

Grandes negociantes de ALGODÃO EM RAMA neste e nos demais Estados algodoeiros, com Representações e filiaes em AMAZONAS, PARA', PERNAMBUCO, BAHIA, RIO DE JANEIRO, RIO GRANDE DO SUL

ESCRITORIO CENTRAL EM SÃO PAULO:

Rua de São Bento N. 47

Telephones, 1536, 1537, 5296-central ✂ Caixa Postal, 931

Proprietarios da conhecida Agua Mineral

PLATINA

COGNOMINADA A VICHY BRASILEIRA — A MELHOR AGUA DE MESA — AÇÃO MEDICINAL — A PLATINA cuja FONTE CHAPADÃO, está situada na estação da PRATA, é escrupulosamente captada, sendo fortemente radio-activa e bicarbonatada sodica como a VICHY e é como esta agua franceza

VENDIDA em GARRAFAS ESCURAS

The British Bank of South America Ltd.

FUNDADO EM 1863

CASA MATRIZ :

4, Moorgate Street-LONDRES

Filial em S. PAULO: R. S. Bento, 44

Capital Subscrito . £ 2.000.0000

„ Realizado . £ 1.000.000

Fundo de Reserva . £ 1.000.000

Succursaes: MANCHESTER, BAHIA,

RIO DE JANEIRO, MONTEVIDÉO,

ROSARIO DE STA. FÉ e BUENOS AIRES.

O Banco tem correspondentes em todas as principaes cidades da Europa, Estados Unidos da America do Norte, Brasil e Rio da Prata, como tambem na Australia, Canada, Nova Zelandia, Africa do Sul, Egypto, Syria e Japão. Emittem-se saques sobre as succursaes do Banco e seus correspondentes.

Encarrega-se da compra e venda de fundos como tambem do recebimento de dividendos, transferencias telegraphicas, emissão de cartas de credito, negociação e cobrança de letras de cambio, coupons e obrigações sorteados e todo e qualquer negocio bancario legitimo.

RECEBE-SE DINHEIRO, EM CONTA CORRENTE E A PRAZO FIXO, ABONANDO JUROS CUJAS TAXAS PODEM SER COMBINADAS NA OCCASIÃO.

Wilson Sons & Co. Limited

R. B. Paranapiacaba, 10-S. PAULO

Caixa Postal 523

ENDEREÇO TELEGRAPHICO :

"ANGLICUS"

Armazens de mercadorias e depósitos de carvão
com desvios particulares no BRAZ e na MOÓCA

AGENTES DE

Alliance Assurance Co. Ltd., Londres .	SEGUROS CONTRA FOGO
J. B. White & Bros. Ltd., Londres .	CIMENTO
Wm. Pearson Ltd., Hull	CREOLINA
T. B. Ford Ltd., Loudwater	MATABORRÃO
Brocke, Boud & Co. Ltd., Londres .	CHÁ DA INDIA
Read Bros. Ltd., Londres	CERVEJA GUINNESS
Andrew Usher & Co., Edinburgo .	WHISKY
J. Bollinger, Ay Champagne	CHAMPAGNE
Holzapfels, Ltd., Newcastle-on-Tyne .	TINTAS PREPARADAS
Major & Co. Ltd., Hull	PRESERVATIVO DE MADEIRAS
Curtis's & Harvey, Ltd., Londres . .	DYNAMITE
Gotham Co. Ltd., Nottingham	GESSO ESTUQUE
P. Virabian & Cie., Marselha	LADRILHOS
Platt & Washburn, Nova York	OLEOS LUBRIFICANTES
Horace T. Potts & Co., Philadelphia .	FERRO EM BARRA E EM CHAPAS

Unicos depositarios de

Sal legitimo estrangeiro para gado marca "LUZENTE"
Superior polvora para caça marca "VEADO, em cartu-
chos e em latas
Anil "AZULALVO" o melhor anil da praça.

Importadores de

Ferragens em geral, tintas e oleos, materiaes para
fundições e fabricas, drogas e productos chimicos
para industrias, louça sanitaria, etc.

OFFICINAS E GARAGE MODELO
A. Dias Carneiro



UNICO IMPORTADOR DOS

**Automoveis OVERLAND e
WILLYS KNIGHT**

GRANDE STOCK DE ACCESSORIOS
PARA AUTOMOVEIS

Deposito permanente dos Pneumaticos
"FISK"

*Mechanica-Pintura-Sellaria
Carrosserie - Vulcanisação -
Electricidade.*

EXECUTA-SE QUALQUER ENCOMMENDA COM
RAPIDEZ.

TELEPHONES CENTRAL

ESCRITORIO N. 3479 — GARAGE N. 411

Caixa Postal N. 534 — End. Telegr.: "ALDICAR"

RUA 7 DE ABRIL N. 38

Avenida São João, 18 e 20

Cantô Libero Badaró

S. PAULO

CASA FRANCEZA

DE

L. Grumbach & C.

RUA SÃO BENTO, 89 e 91
S. PAULO

CASA MATRIZ EM PARIS

17 Bis, RUE DE PARADIS

*Louças, Vidros, Crystaes, Por-
cellana, Objectos de Arte para
Presentes, Baterias de Cozinha*



VENDAS A VAREJO E POR ATACADO
IMPORTAÇÃO DIRECTA



RUY BARBOSA

Ruy Barbosa, no dia 8 de Março, pronunciou na Associação Commercial do Rio de Janeiro a oração funebre da Republica. A «Revista do Brasil» orgulha-se de consignar em suas paginas um remigio oratorio sem par nos periodos supremos da eloquencia classica. Ruy ascende com elle á culminancia onde o homem de genio se vê só.

Em baixo, a victoria dos guzanos é completa,—mas triste victoria de guzano, victoria da necrose...

Senhores :

Ha vinte e seis annos que, das columnas do «Jornal do Brasil», cuja redacção a esse tempo exercia, levantava eu, em nome da salvacão da Republica e do paiz, o meu APPELLO AOS CONSERVADORES,

Appello aos conservadores.

Era uma invocacão dolorosa e profunda ás classes que a politica ainda não contaminara aos espiritos que ella enjoava e retraia, contra a torrente de violencia e corrupção, que, instaurado pouco antes o novo regimen, já nos alagava, rugindo e borbotando, a maneira de candal despenhada, que nada respeita, e ameaça afogar tudo.

Depois de exhaurir todos os recursos da reacção pela palavra, de a levar com a maior intensidade até onde chegavam as energias do meu dever, de a vibrar com ardor recrescente no parlamento, na imprensa e nos tribunaes, de bater a todas as portas da opinião, que o egoismo e a indifferença me cerravam, numa luta de infinita desigualdade contra todos os poderes, que me havia de acabar, pela mais cruel das vingancas, em dous annos de amargo exilio e solidão moral no estrangeiro, — depois de ter dado á minha patria tudo o que achei no meu coração, na minha innocencia e no meu civismo, cresci para as classes conser-

vadoras o meu clamor, rasgando aos seus olhos o véo do nosso futuro, por ellas abandonado á gana das facções desalmadas.

«A's classes conservadoras», dizia-lhes eu nesse documento de minha previsão :

«as classes conservadoras, as que representam a propriedade e o trabalho, a produção e a riqueza, a intelligencia e a fecundidade, a paciencia e a força, cruzaram os braços. Em parte, atordoamento pela instantaneidade da revolução, em parte horror ás desgraças, com que a degeneração do seu regimen nos flagella, renunciaram, desesperadas, á acção victoriosa que poderiam exercer, confundindo o systema politico a que esses males se associam, com a corrupção que os abastardou e os determina. Consideram perdida a situação, e confiam a cura ao excesso do mal. Abrigam-se no indifferentismo absoluto, como si, na catastrophe, o maior sacrificio não honvesse de ser necessariamente o dellas, e assistem como a um espectáculo extranho ao consummar da sua propria ruina. Imaginam que será sempre tempo de iniciar a reivindicacão; que, quanto mais tremendos forem os estragos, mais certa ha de ser a crise salvadora.

«Não pode conceber-se maior erro que o dessa tactica, maior tresvario que o dessa esperança. Ha, na historia, desmentidos inolvidavos, eternos, a essa theoria do appello de uma opiniao para as loucuras e os crimes de seus antagonistas. Si os que temiam, na primeira phasa da revolução franceza, as tempestades da quadra revolucionaria, não se inbuissem nessas aspirações insensatas, o movimento de 1839, feito antes contra o antigo regimen do que contra a monarchia, não teria precipitado a nação nos horrores de 1893, entregando-a a essas convulsões successivas, cujo remedio, procurado no cesarismo militar, arrastou o paiz ás miserias do captiveiro, da guerra e da invasão.

«Enganam-se infantilmente os que se voltam para trás, pondo as suas esperanças no regresso ao passado. Si todos aquelles que o serviram com honra, puzessem acima de suas prevenções o amor impessoal da patria, dedicando-se a extrair da nova constituição o bem de que é susceptivel, desde que esteja em mãos sinceras, educadas na cultura da lei, disciplinadas na experiencia do governo, a Republica estaria organizada no sentido da liberdade, em vez de ter-se perdido numa servidão torva e corruptissima. A demasia do mal não nos reconduz ao antigo regimen. E' para um regimen novo, ignoto, povoado de surpresas sinistras, que nos leva a corrente.

«E, quando elle se ostentar em todo o desenvolvimento de suas consequencias, os que mais têm do perder não serão os aventureiros que a espuma da enxurrada for deixando nas posições dominantes (esses nada arriscam; não têm sinão que lucrar), mas aquelles que, recusando por systema, timidez ou egoismo, os seus serviços á or-

dem republicana, acreditam poder observar de palanque o desmoro-namento, e ser chamados então para reconstruir sobre esses destro-ços o porvir. Essa tarefa será impossível ás gerações actuaes, si o seu pessimismo imperturbavel deixar-nos continuar a rolar assim pelo precipicio.»

Eis, senhores, como eu, vae por mais de cinco lustros, já vos falava.

Os primeiros eclipses constitucionaes.

O regimen republicano encetava a sua existencia com todas as aberrações das taras hereditarias o todas as degenerescencias dos vicios inveterados. O movimento reivindicatorio da legalidade, que varrêra, com o primeiro dictador, o seu golpe de Estado, pronunciou-se, desenhando logo após, uma nova dictadura. Ao da primeira, que dissolvera o Congresso Nacional, succedeu o da segunda, que usurpou a presi-dencia da Republica, entregando-a ao marechal victorioso e procedeu, côm systema, pela insurreição e pelas armas, á derribada geral dos go-vernadores. A revolução, que se justificara, assoalhando o caracter juri-dico de reintegradora da Constituição dilacerada pela espada do funda-dor da Republica, estreava dilacerando a Constituição de alto abaixo com a espada do salvador do regimen. A restauração das leis assentava o seu reinado, golpeando até aos fuudamentos as leis restauradas.

Mas os republicanos, a gente da orthodoxia, os historicos da pro-paganda, os patriarchas do regimen não viam de que se escandalisarem as suas crenças. O vice-presidente, abrindo-se a vacancia do cargo de presidente no segundo anno do quadriennio presidencial, assumira a presidencia, em vez de mandar proceder á eleição, como a lei organica da nação lhe prescrevia. Volvia á legitimidade o poder legislativo; mas o poder executivo entrava em franca bastardia. Ao sopro dessa illegiti-midade triumphante, cahiram, em todos os Estados, os governos por elles constituídos, e surgiram os que a potestade central lhes impunha. A federação estava, assim, reduzida a um jogo de bonecos, tangidos pelas gutas que se mexiam nas mãos de uma autocracia omnipotente. As esperanças constitucionaes haviam desaparecido num eclipse de to-das as liberdades.

A deserção republicana.

Era a hora, para todos os responsaveis pelo regimen, de cerrar filei-ras em torno da constituição. Todos, porém, se arregimentaram, pelo contrario, derredor do poder que a violava. A creatura, avariada no berço com o contagio precoce, que a polluia ao nascer, encetava a triste vida, abandonada pelos seus protectores naturaes ao fudario de contami-nações, que a devia degradar, de quéda em quéda, até ao hospital, on-de acabam as perdidas.

Com as ulceras que a chagavam, nem a diagnose, nem o prognos-tico podiam errar. O mal apresentava, logo após a invasão, indicios fataes.

Ha vinte e seis annos.

Só a negligencia ou a cegueira voluntaria, o não veria.

Não havia de ser eu, pois, o que o não visse. Vi-o em toda a sua extensão, em toda a sua lethalidade, em todo o seu futuro, e dei rebate do perigo. Mostrei-o em toda a sua imminencia e em toda a sua grandeza. Faz já não menos de vinte e seis annos que o mostro. E' mais de um quarto de seculo. E' o espaço de uma geração.

Vinte e seis annos ha que aldabo, a todas as portas, vinte e seis annos que brado a todos os ventos, vinte e seis annos que busco sacudir com uma scentelha do céo os nervos da nação, nervos somnolentos e atrophiados, vinte e seis annos que trabalho pela mover desta pro-nação vergonhosa, onde o ventre se nivela com a frente, vinte e seis annos que lhe tento endireitar para cima a cerviz, os olhos, o rosto, o «os sublime», de onde irradia a intelligencia e a vontade, a indignação e o pudor, a coragem e a energia, onde o Creador nos imprimiu o sello da origem divina e da humana dignidade.

Esperança nas classes conservadoras.

Mas, nesse longo labutar e cansar, nesse perenne crer e descreer, nesse continuo esperar e desesperar, que enchem estes ultimos trinta annos da minha vida, para as classes conservadoras me voltei sempre, vendo sempre alongar-se de nós a perspectiva, debuxada pelas nossas aspirações, da entrada irresistivel desse factor despresado e retraido na politica brasileira. Urgia regeneral-a, e a regeneração lhe não podia vir sinão pelo concurso das classes conservadoras.

Por que classes ?

Não me agrada, senhores, aqui, este nome de «classes». Quizera vel-o banir da linguagem politica, numa democracia onde me não parece terem logar essas expressões de graduação e antagonismo. Como «classes», numa sociedade nivelada, onde os proprios vestigios da escravidão se vão diluindo na fusão de todas as raças? Como «classes», num regimen de costumes, que reduz todas as distancias, apaga todas as differenças e eguala todas as condições? Como «classes», num estado legal, onde os direitos, jerarchias e dignidades se offerecem a todos os individuos, sem excepção de nascimento, cór ou herança? Como «classes», num genero de collectividade, cujos membros se não extremam uns dos outros sinão pelas circumstancias do valor ou da sorte, circumstancias cegas, providenciaes ou caprichosas, que abatem os mais nobres, ou elevam os mais humildes?

O vocabulo sôa mal; porque favorece equivocos, invejas, rivalidades, e melhor seria, destarte, removel-o de uma applicação inconveniente. Mas não se faça tanto caso dos nomes já dados ás cousas, que supponhamos reformar a politica do Universo, desbaptisando a Liga das

Nações. Vamos, pois, com a costumeira, e não privemos da sua designação habitual as classes conservadoras.

Classes conservadoras.

O epitheto lhes indica um papel tamanho, que dirieis abranger e supprir todos os outros. No qualificativo de conservadoras se juntam, com a idéa de ordem organica, a de estabilidade e a regeneração. Portanto, senhores, tambem a de evolução e progresso. Toda a organização vivente que se conserva e regenera, necessariamente evolve, melhora, e se aperfeiçoa. Todos os principios da harmonia, actividade e desenvolvimento, mediante os quaes duram e se renovam as sociedades, emanam dessas a que, por excellencia, de classes conservadoras damos o nome.

Não é só o proprietario, o industrial, o commerciante.

Não é sómente o banqueiro, o armador, o fabricante, o senhor de latifundios, o dono de minas e estradas. Não. Todos os que entram para o corpo social, como um globulo de sangue, uma cellula nervosa, ou um elemento chimico no corpo humano, todos esses participam dos elementos conservadores da communitade. Grave erro seria o de pormos a uma parte o operario, a outra as classes conservadoras. Nas classes conservadoras, ao lado do patrão, está, com o mesmo direito, o obreiro. Os elementos conservadores da sociedade são o trabalho, este primeiro que todos, o trabalho, digo, o capital, a sciencia e a lei, mantida pela justiça e pela força. Isto é: a lavoura, a industria, o commercio, a instrucção, a magistratura e as forças armadas. Eis, senhores, verdadeiramente, as classes conservadoras.

A seu posto as classes conservadoras.

Tirae dali as forças armadas, a que a sua condição de consagradas ás armas veda, por incompatibilidade substancial, a ingerencia collectiva na politica militante; e ás demais são as que, sobre todas, haviã de tocar especialmente a politica da nação. No Brasil, porém, sempre se entendeu o contrario; e dahi a desgraça do Brasil.

Bem cedo atinei eu com essa relação entre o nosso mal e a sua causa. Bem cedo apontei a lesão e a sua origem. Bem cedo chamei os que em si tinham o segredo especifico da cura a nos valerem com medicação. Bem cedo indiquei ás classes conservadoras o posto abandonado onde a nação esperava com anciedade a sua presença.

Eil-a que se realisa hoje, eil-a que hoje se declara com estrondo, com unanimidade, com radioso esplendor, á volta do meu nome, engrandecido, assim, da sua pequenez e desvalia á sublimidade excepcional de marco numa nova estrada, começo de uma era nova na historia brasileira.

Agradecimentos.

Como dar-vos a ver, senhores, quanto me sinto commovido com esta distincção grandiosa, e a que ponto me acho mesquinho, para me-



reer, entre as humilhações do meu destino, levadas, neste momento, ao seu auge, a honra de ver cruzar, dest'arte, com a minha carreira declinante, si não terminada, a linha do nosso porvir, começada agora a desenhar-se luminosamente na linha da vossa attitude?

Eia !

Queira Deus não seja tarde, para que venha a produzir resultados immediatos, para que actue promptamente sobre as condições do momento, que a suscitou. Mas tende-vos firmes, persisti, sede tenazes neste proposito, não deserteis nunca mais o logar, que ora occupaste. Oppõe á politica o trabalho ás facções, o civismo, aos conluiós as idéas, ás oligarchias o povo, ao medo a confiança, ao scepticismo a fé illuminada na caridade eterna do Creator para com as suas creaturas. Eia ! Não vacilleis, não treinaes, não recueis, não cedaes. Marchae seguros, direitos, erectos, constantes, irreductiveis, no caminho que vos traça a a estréa de hoje ; e lograreis consummal-a com o despertar das classes conservadoras, com o seu advento ao governo do Estado, com o seu predomínio sobre os destinos do paiz.

O bem e o mal.

O mal nunca venceu o bem, sinão usurpando a este o necessario para o illudir, o arredar, o adormecer, o fraudar o substituir, o vencer. Si a injustiça, a mentira, o egoismo, a cobiça, a rapacidade, a grosseria d'alma, a baixeza moral, a inveja, o rancor, a vingança, a traição, apparecessem nus e desnudos aos olhos do individuo, aos olhos do povo, aos olhos da sociedade, aos olhos do mundo, ninguem preferiria o mal ao bem, e o bem não se veria jámais desterrado pelo mal.

A avaria politica.

Mas o mal, e sobretudo o mal politico, a terrivel avariose brasileira, é essencialmente falso, falsidico, falsificador e refalsado. Subtil, sonso e sotanocrão, alonga a cara triste e severa, baixa o olhar incerto e divergente, engrossa o falsete, azeita a rispidez, varia o furta-côr da palavra insidiosa, fala todos os idiomas da mentira, pratica a seducção com os pequenos, com os grandes a baixeza, a arrogancia com os humildes, com os poderosos a servilidade, envolve nas attitudes da nobreza os sentimentos da prostituição, e, professando não denotar nunca o que sente, não mostrar jámais o que faz, o chovalho nas mãos para a impostura, nos hombros, até a barba, a capa da traição, na cabeça, desabado para o rosto, o feltro das aventuras, com botas de sete leguas, foge do merecimento, da justiça, da honra, da lealdade ; e, si pudera vender-se a si mesmo, atraçoando a propria natureza, a si mesmo se vendera, como vendeu o Christo, para não desmentir a fatalidade de sua sina.

Mas não iria pendurar-se adeante na figueira vingadora : porque Judas perdeu, nas reincarnações, o desapego da vida e, si lhe déssem a

eleger a planta onde o houvessem de garrotar, dosarmaria ainda o tribunal com um sorriso diplomatico, escolhendo por forza o talo de conve do Bertholdo.

Os Mephistopheles dos nossos dias não são, em ultima analyse, mais formidaveis do que isso : e, si os homens do nosso tempo os tomassem pelo que valem, não seria mais difficil entrar a contas com ellos, desaprinnar-lhes a figura, obrigar-os a despejarem o caupo de rota batida, que metter sustos, a um general cuja espada não exista para effeitos militares, sinão na lingua do dono, onde se lhe gaba o aço da folha.

Mas por nosso mal, a galeria nunca está bastantemente provenida com esses turunas do embustearia nacional, com esses Talleyrandes da grossa diplomacia, com esses volantins da feira dos Tartufos, com esses reptis dos brejos da nossa politicalha. Toda a gente lhes conhece as burlas. Toda a gente lhes conhece o forro e a entretela de aleivosia, que os reveste por dentro o por fóra. Mas quando os pantomineiros entram em scena, toda a gente se lhes esquece dos truques, para se lhes deixar levar dos tregeitos e feitiços, dos embelecos e lorótas.

Quando o figuro, numa occasião de responsabilidades, emmudece e embuda, como os peixes que se deixam estar com a bocca ferrada ás pedras, já no silencio da incapacidade ou cobardia se começam a entrever maravilhas de habilidade o surpresas de genio. Quando arreda um do outro os beiços costumados a estillar a malignidade e a perfidia, o silvo de serpente que á surdina os atravessa, entia a modular-se, para os enleçados, em cantos de sereia, ou oraculos de pythonisa. Quando simula estender, em gestos de tribuna, os longos membros apprehensores, que a natureza estirou, para agarrarem, e abarcarem, a acção oratoria transporta ouvintes e espectadores. Si, entretanto, não se descuidassem das trapaças do cigano empennachado, bem cedo averiguariam que os braços e mãos agitados no ar não são sinão instrumentos postiços da grande arte, enquanto os verdadeiros se mexem ás caladas por baixo do casco, no grangeio da vida.

Eis, o que as classes conservadoras, pouco avezadas ao contacto com esses herões da tuna dourada, necessitam de ter em mente, para defender contra os anthropoides solemnes da macacalhada politica o bem publico, o interesse nacional, o credito da nossa terra, a subsistencia da nossa vida.

Não vos illuda a ausencia do appendice posterior. O diabo, sem cesar de ó ser, poderá variar de macruro, micruro, ou anuro; e sabido é como elle encolhe, alaparda nos calções de elegante, ou some na estamenna de religioso a cauda indiscreta, quando se quer metter a namorado, tunante ou estadista, cortejar Martha, argumentar com Fausto ou deslumbrar em Cagliostro. Mas, caudato ou derrabado não muda o marão de indole e costumes.

Desinfecção geral.

Desde que as classes conservadores deliberam expungir de si a indifferença politica, não para se apoliticalharem, mas para despolitica-



lharem o governo brasileiro de poltheria politicalheira, de que está iuçado, o que primeiro lhe releva é escoinar-se de illusões quanto á fantasmagoria alli reinante. Entrem no bairro, mas acauteladas, estudau-do-lhe, antes de mais nada, a gente, que o habita, não simplesmente, como os turistas estrangeiros, ou os policiaes londrinos, quando se aventuram a certos recantos da metropole ingleza, por motivos de curiosidade, ou em visitas passageiras, mas com o animo resolutu de estar, despejar, euxtotar, vasculhar, desinfectar e sanear a fundo, com vassoura, petroleo, formól, com o exercito de Oswaldo Cruz, com a milicia dos mata-mosquitos, dobrada, triplicada, centuplicada.

O Brasil caxingó.

Ali é que reina a grande malaria. Ali é que se eternisa a essencia da febre amarella. Alli é que esfervilham as lendeas da doença do barbeiro. Todo esse Brasil anemico, opilado, barrigudo, pernibambo, cretino, desnervado, caxingó, sem memoria, iniciativa, actividade, perseverança, ou coragem; toda essa desnaturação da nossa nacionalidade não vem nem do negro, uem do caboclo, nem do mestiço, nem do portuguez, cuja energia, revolta e desordenada, mas viril, agora mesmo nos está relembrando a tempera heroica da velha raça. Vem, sim, do mal politico, da politicorrhéa chlorotica, enervante, desfibrativa, que eutrega a nação a todas as endemias physicas e moraes de um povo sem hygiene do corpo ou da alma.

Sim. E' desse morbus, que, tão diffundido e pertinaz quauto o mal de Chagas, se casa com o mal de Chagas na devastação dos nossos sertões. Desse mal, que, desagradecido e indifferente á obra heroica do saneador da nossa metropole, deixa estragar-se a iuestimavel conquista de Oswaldo Cruz, consentindo que o risco da febre amarella paire outra vez sobre o nosso littoral. Desse mal, que ainda não encontrou meio de acabar de dar agua ao Rio de Janeiro, e que define o hebetismo da sua influencia na cerebração dos nossos homens de Estado, quando imita a Vespasiano em extrahir dinheiro das cloacas, tributauco, nesta capital, os apparatus sanitarios de cada casa na razão do seu numero, em vez de animar a população a multiplical-os; — acto de estímulo á porcaria, com a equiparação, em que importa, do necessario ao superfluo, do asseio elemental ao gozo do luxo. Desse mal, a que as duas maiores necessidades nossas na ordem physica e moral, o ensino e a hygiene, ainda não mereceram a criação do ministerio da instrução e saude publica, advogado por mim ha quasi quarenta annos. Desse mal que nos vac cretuisando com a proscipção do mcrecimento e a sagração da incompetencia, friamente praticadas e ostentadas cynicamente. Desse mal que nos está bestialisando com o espetaculo habitual da immoralidade nos altos conselhos da Republica e nas summas posições do Estado. Desse mal, que, provocando todos os dias a opiuição nacional no manejo dos nossos negocios internos, quer desafiar, ainda, a opinião do mundo na gerencia das nossas relações interuacionaes,

A cumplicidade conservadora.

Mas esse mal, senhores, de que vivo? Da timidez e acanhamento dos bons. Esse mal, como so mantêm? Pela cumplicidade involuntaria das classes conservadoras, pela sua abstenção, pela sua frouxidão, pela sua desorganização. Organisaç-vos, intervinde, exigei, e lograreis a regeneração, que todos almejamos.

Entre microbios e phagocytas

Mas não ha reacção vital sem calorificação ou febre. Si um germen perigoso invade o organismo, e a torrente circulatoria se retarda, o a combustão pulmonar decae, e os membros se desaquecem, máo signal, prognostico muito máo. Si, porém, o coração não desmaia e o pulso cresce, o a circulação se accelera, e a temperatura alteia, excellentes indícios, prognostico animador. E' a vitalidade que acorda, e luta; é a phagocytose que esperta, o domina; são as cellulas vivas que reagem contra as bacterias e as absorvem.

O Brasil atravessa, neste momento uma crise caracteristica de febricitação. Está posta a questão entre as duas alternativas, entre os microbios e os phagocytas. De que lado se acabará por declarar a victoria? Pelos germeus homicidas? Ou pelos elementos renovadores da saude?

Esses principios reintegrantes da vida ameaçada são as classes conservadoras. Pelo systema vascular da nação corre agora com virulencia redobrada a impureza antiga das contaminações, que a têm invadido, e ella ainda não eliminou. Não eliminou mas eliminará, si as cellulas sãs, si os elementos nobres do seu organismo, que são essas classes não contagiadas, exercerem a reacção aviventadora. Não, não é nas veias do povo brasileiro que corre pus e não sangue. Por onde não corre sangue, mas pus, é pelas veias dos seus enveenadores, os politicastos e os politicalhões avariados, ulcerosos, incuraveis, que se embeberam nos tecidos organicos da nação, e a intoxicam mortalmente.

Si vos não esquivardes, porém, ao vosso dever, classes conservadoras da minha terra, si não tornardes atrás do passo que estães dando, si não esmorecerdes nessa responsabilidade, que acabaes de assumir, é entre essa purulencia e a vossa integridade que se vac abrir o conflicto, que se irá travar a batalha no terreno vivo da consciencia nacional.

Porque esmorecer

E porque haveis de esmorecer nesse encontro de elementos saudaveis da natureza com os seus parasitas? Estes não vivem sinão de vós, de nós, do tudo o que vive no proximo, da vida alheia, sugada, assimilada e malbaratada. Para ellos semeia e colhe o agricola, que ara a terra e arrecada a safra. Para elles, o obreiro, que do seu suor rega o solo, orvalha o trabalho, e fecunda o capital. Para elles o industrial, que produz, o commerciante, quo negocia, o capitalista, que enthesoura.

Para elles, o mareante, que navega, o agrimeusor, que demarca, o engenheiro, que constroe, o sabio, que illustra, o inventor, que cria, o pensador, que rumina, o escriptor, que discute e vulgarisa. Para elles a lei, que organisa, o governo, que administra, a policia, que vela, a magistratura, que julga. Tudo labuta som elles, mas por elles, em beneficio delles, ao passo que elles para ninguem trabalham, nem precisam de trabalhar, sinão de manobrar e enrodar, de eulçar e velhaquear, de palrar e captar, de importunar e embolsar, de elillar e gozar.

Num paiz assim organizado, num paiz onde só entram em computo como algarismos significativos esses inuteis de alto bordo, esses magnatas do sinecurismo, e a nação não passa de uma série de zeros á sua esquerda, toda a economia social, todos quantos meditam e escrevem, todos quantos lidam e produzem, todos quantos ganham e accumulam, todos compõem a plebe tributaria desses formidaveis desoccupados. E' a servidão graduada, que tressna e se esgota ao serviço da ociosidade politica, a peor das ociosidades, porque nenhuma outra se encontrará tão esteril, nenhuma tão atrevida, nenhuma tão voraz.

Que motivo tereis, para vos temer dessa mendicidade prepotente, si a quizesseis arrostar de véras? Toda ella se nutre, de mil maneiras, directa ou indirectamente, do thesouro publico. Ora, o thesouro publico se alimenta do imposto, e o imposto deriva das classes uteis, das classes activas, productoras e creadoras. O regimen economico dos paizes onde as instituições representativas mentem ao seu nome, e a nação outra cousa não é que a pastagem, o cevadouro, o chavascal da politica, não passa de um systema de transfusão do sangue dos que trabalham para as veias dos que governam.

Cortae, pois, (está nas vossas mãos) cortae a canalisação desta sangria permanente entro a vossa pelle e o bucho desses hematophagos, mais sedentos que pulgas, chismes ou bichas; retirae os mantimentos aos glutões da seiva alheia; arrebatade das mãos desse parasitismo insolente o logar por elles roubado aos verdadeiros valores sociaes, e tereis restituído o paiz aos seus direitos, ter-vos-eis immittido nos vossos, tereis reintegrado nos seus a todos os que os têm.

A grande reivindicação

Onde a difficuldade? Todos os meios são vossos. Elles não dispõem sinão dos que lhes deixa uma pusilimidade inconcebivel, nas classes espoliadas. Alçae o labaro da grande reivindicação. Cercae-vos das camadas populares, cuja existencia o mandonismo politico desconhece. Tocae a reunir as forças do trabalho, da producção, da riqueza e da honra, esparsas até agora, mas destinadas a se associarem no regaço da caridade christã, no vasto anplexo da solidariedade humana. Correi á conquista legal das urnas, com todos os recursos da vossa incontrastavel superioridade, e varrei com braço de Hercules as estribarias de Augias da mentira eleitoral. Circulae o voto do mais rigoroso cordão sanitario

contra a trampolinice dos conluios e manipulações officiaes. Não transijaes com as situações vencedoras pelo contubernio do poder com o crime, da fraude com a autoridade. Negae-lhes tudo, levando a resistencia e a offensiva até ás extremas da legitima defesa, até ás ultimas raias do recobro da legitima propriedade. Não descanséis, emquanto não impuzerdes aos piratas da Republica deshonorada a restituição das presas do corso, emquanto não fincardes nas alturas legislativas essa bandeira da liberdade, que a Europa democratica hasteou sobre os escombros de quatro imperios derruidos, e o aleijão da nossa democracia sepulta no porão da casa do conde dos Arcos, debaixo dos pés da parodia republicana alli domiciliada.

Parlamento e imprensa

O regimen constitucional, na monarchia, tinha entre nós dois largos pulmões, o parlamento e a imprensa, por onde a vida nacional se oxygenava livremente. O nome de senado não desdizia ali, das tradições da majestade antiga, não repugnava ás grandezas consulares da casa de Cicero e Catão. A tribuna legislativa era a gloriosa arena, onde as idéas e as virtudes se batiam pelas aspirações da honra e do civismo. No jornalismo ainda não havia mercados abertos para as secretarias, os esconderijos policiaes e as verbas escusas do orçamento.

Outros tempos desbancaram o ranço dessas futilidades. As bellezas, do presidencialismo brasileiro escorraçaram dos augustos laboratorios da legislação republicana, o talento, a eloquencia e a verdade, baixaram, de legislatura em legislatura, naquelles recintos consagrados á caricatura da soberania nacional, o nivel da capacidade e do decoro, da independencia e da respeitabilidade, polluiram a vida parlamentar de chagas inconfessaveis, de segredos tenebrosos, de pustulas vergonhosas e maculas sem nome. Na publicidade, lado a lado com os grandes orgãos onde se guarda a herança do pudor, o sagrado fogo de Vesta, abriam-se as casas de mancebia politica, teúda e inanteúda com o dinheiro publico, de onde sácm á praça, taes quæes massalinas transfiguradas, no carnaval, em genios, anjos e deidades, as mais feias culpas do governo engalanadas, com as niais finas joias da palavra, em actos meritorios e rasgos exemplares.

E' a corrupção das consciencias, exercida, não á penumbra das alcovas, como os vícios pudendos, nos alcouces, pelos libertinos, mas á luz da publicidade, justamente com alliciação da publicidade e em prostituição da publicidade. Todo o mundo conhece, nomea, censura os que compram e os que vendem. Mas o abuso passa a uso, a ignominia se torna em gala, a condescendencia acaba, afinal, por envolver com os honestos e limpos os prostituidores e prostituidos.

A mais vil das comborçarias se converte, de quadrieunio a quadriennio, em moral do regimen. "Mulheres de partido" chamavam os antigos ás desventuradas, que viviam de vender o corpo. Estes "homens de partido" vivem a negociar, não com o corpo, mas com a alma. Cada



sexo tem a sua gente do partido. Dizia-se outr'ora que nas "casas de ruim conversação" o que se praticava era a "amizade deshonesta". Hoje em dia, entre nós, é noutras "casas de máo viver" que se dita a lei dos costumes publicos, e so distribuo entro os homens de Estado a honra ou a deshonra.

Venus Macho

Este caso autorisa com exemplos modernos o que Macrobio deixou escripto nas "Saturnaes" (L, III, c. 8), quando alli desmente a supposta feminidade exclusiva de Venus. Si ella nos apparece mulher nos versos de Virgilio, é por se lhe terem alterado a elle as passagens originaes, onde o poeta dissera "deus" e não "dea". Aristophanes lhe chama Aphroditon, no noutro. Ha mesma a historia da ilha de Chypre, onde a effigie de Venus a representa pelluda, "barbato corpore", em vestes de mulher, mas com sceptro e estatura viril, "cum sceptro ac statura virili"; porque os daquella ilha a reputavam juntamente macho e femea: "Et putant eandem marem ac feminam esse".

Será talvez que a velha antiguidade, entrevendo futuros, onxergara que, pelos nossos dias, a "Venus vaga" feminina então no seu commercio de avariar corpos, viria a transinudar-se ao masculino no seu negocio de avariar almas.

A Republica, entre nós, nos seus primeiros annos, não conheceu essa Venus dessexuada, masculinizada, "barbati corporis": Nós, porém, hoje, estamos já saciados até o nojo de lhe sentir o contacto velludo. Enquanto a Venus vaga nos destróe a moralidade particular, o "Venus vago" nos arruina a honestidade publica.

Tempora mutantur

Não era assim no antigo regimen. Assim não era nos principios deste. Quando ao estabelecel-o, nos vimos atacados e malsinados, no outro continente, pelos amigos da dynastia decaida, cogitámos, os membros do governo provisorio, em enviar á Europa um jornalista, que defendesse as novas instituições o o novo governo dos seus detractores. Chegámos a fixar-lhe o nome. Era Dermeval da Fonseca. Iria com os sobrios vencimentos de modesto empregado, mais os meios de pôr em circulação os seus escriptos. Cada um dos seis ministerios entraria com o seu parco escote para o monte. Pois, ainda assim, nos não atrovemos, e deixamos fazer os denigradores, entregando ao tempo e sua justiça a sorte de nossa reputação, por não ousarmos croar, dado mesmo que fosse nesses limites justificaveis, uma publicidade estipendiada.

Depois... depois a moral republicana fez-se de todo em outro bordo. A publicidade começou a metter-se em relações suspeitas com o governo. Manso e manso foi-se perdendo a cerimonia, passou-se do constrangimento á intimidade, alargou-se a bolsa ás grandes sommas. Presidente houve, que á boca aberta confessou ter deixado sair, por esse rasgão nos



cofres do Estado, não menos de cinco mil contos. Foi-se alargando o rombo á não. Outras presidencias elevaram ao quadrado esses cinco mil, si dali não passaram.

Hoje, Thesouro Federal, thesouros estaduaes, thesouros municipaes, tudo deita para esse vasadouro. Salvam-se, dest'arte, jornaes encravilhados, erguem-se novos, outros se cream sómente para o enxoval do baptisado. No thermometer do zelo sóbe ou desce a temperatura, segundo a altura do metal na cuba do ouro. Com a caixa aberta, os mais desacreditados governos gosam, todas as manhãs, de fanfarra á porta. Com os postigos da pagadoria cerrados, não haveria governo que servisse.

Tudo é pouco. Nada basta ; e por isso de quantas veias ha se derrama a sangria. E' o Ministerio das Relações Exteriores, o corruptor-mór. E' o Banco do Brasil, o esconderelo dos grandes empréstimos, nunca resgatados. E' o Lloyd Brasileiro, antigo valhaçouto de mil liberalidades escusas. E' a Municipalidade, agora felizmente, em boas mãos. E' a verba secreta da policia. São as verbas de guerra, de uma só das quaes denunciava, ainda ha pouco, um general da maior autoridade que, em 180 mil contos para despesas militares, só 30 mil chegaram ao seu destino. Tudo isto illude a fiscalisação parlamentar. Tudo isto escapa ao Tribunal de Contas. Tudo isso zomba dos orçamentos. Mas disso tudo grangeia o governo amigos, por tudo isso allicia o governo entusiasmados, e com tudo isso é que se obtem o descanso, a segurança, o bom nome do governo.

Subornar e furtar

A gravidade presidencial não se abate com estas quedas. Os mais honrados presidentes não se desdouram com estas immoralidades. Todos elles sabem o que é subornar e o que é furtar. Todos têm noticia de que o Codigo Penal pune, em artigos distinctos, o furto e o suborno. Todos conhecem que o suborno e o furto são crimes de cadeia. Todos veem que, tirando o alheio, para subornar, se junta com o suborno o furto. Nenhum ignorará, pois, que subtrahindo valores da Nação, para corromper, se cae, a um tempo, em corrupção e latrocínio. Si o corrompido não é funcionario, não chega a ser suborno a corrupção. Mas, si funcionario é o corruptor, e, corrompe, roubando o Estado, não escapa do peculato, que vem a ser, ao mesmo tempo, corrupção e latrocínio.

Destas ninharias moraes, porém, se deliu, do todo em todo, o sentimento na politica brasileira, e, com elle, o de toda a probidade; porque a probidade, inteiriça e indecomponivel, não é susceptivel de se fraccionar, nem admite mescla.

Governo conventicular

Deste modo se inutilisaram os órgãos vitaes do governo representativo, as valvulas do seu aparelho respiratorio e o centro do seu systema vascular. Acabaram, a um tempo, com a tribuna e a imprensa.



Encerraram as camaras legislativas em uma atmospherã de servilidade e mercantilismo. Os negocios invadiram o sagrado recinto dos procuradores da soberania nacional e os postos de vigia das sentinelas do povo á obra dos seus servidores. Os a quem incumbia guardar a verdade, a liberdade e a moralidade, entraram no pacto de viciar a moralidade, trahir a liberdade, occultar a verdade. Commercialisou-se a penna dos jornalistas e o voto dos legisladores. O poder achou-se de todo em todo sem fiscalisação, nem freios, manejaudo a publicidade como encobrideira dos seus abusos, centralisando num mecanismo geral de clandestinidade a legislatura, o jornalismo, a telegraphia, e convertendo, assim, o governo constitucional em governo conventicular.

Como apodrece uma nação

Ora, onde não entra o sol, não entra a saude, onde não entra a luz, não entra o asscio, onde não entra a claridade, não entra a ordem, a pureza, o contentamento. A vida que se desenvolve nas trevas, é a vida baixa, descorada, maligna dos miasmas, das sevandijas e dos ratos, a vida triste, infecta e odiosa das masmorras, dos subterraneos e dos esgotos. Quando os governos alugam os jornalistas, para enganarem a Nação e o estrangeiro; quando os governos assalariam os telegraphos, para intrujarem no paiz e no exterior; quando os governos venalisam os legisladores, para servirem as suas ordens, e cobrirem os seus crimes, a vida nacional fugiu do ar livre e, subterrada na obscuridade, não gera sinão bafios, minhocas, escorpiões e lesnias. E' uma politica feita no porão, hoje, a politica brasileira; no porão, logar do escuro, logar da garrafa e da paparoca, logar do milho e do lixo, logar das fortunas envergonhadas e dos baixos contrabandos, logar das traições famulaticias e das conspirações de cozinha.

Eis ahi, senhores, como apodrece uma nação. E, quando uma nação apodrece, quem são as victimas da gangrena? As classes ociosas? As classes parasitarias? As classes estereis? As classes gangrenadas? Não. Estas constituem o proprio tecido gangrenoso, e da gangrena subsistem. Não. Essas nada têm sinão que lucrar; porquanto medram no podredouro, nos miasmas se criam, e com a de composição recrescem. Com a dissolução publica os que se arruinam, são as classes, que, aqui, neste momento, me rodeiam, essas classes, de que se forma o tecido celular da communidade.

As outras, essencialmente pilhantes e rapaces, depois de se cevarem nas delapidações, alimentam-se do imposto, a que não mingua jamais onde recaia. Si a materia tributavel escassêa, vae o máo fisco, o fisco das administrações allucinadas pela indigencia, engrossando a proporção dos tributos; e, emquanto a massa contribuinte não acaba de ser devorada, o que se não consumma tão depressa, emquanto a rataria não fareja a hora de abandonar a náó já inundada, não lhes fallece onde mordam, onde roam, onde engordem.



As victimas

Vós, povo, vós, operariado, vós, lavoura, vós, commercio, vós, industria, vós, os condemnados ao imposto de sangue, exercito e armada, marinheiros e soldados, vós sois os que vos haveis de sentir reduzidos ou atrasados no soldo e etapa, embaraçados ou diminuidos na producção e na renda, cortados no salario, aggravados no trabalho, mortificados no custo da vida.

A sorte de cada um de vós é a do "holandez : pagar o mal que não fez". Quem paga os desequilibrios financeiros, os deficits do orçamento, as verbas arrebatadas, os creditos extraordinarios, os emprestimos honerosos, os máos negocios do Thesouro, as buscas da advocacia administrativa? Quem paga o atrazo, a precipitação, o tumulto, as enxertias dos orçamentos, atropelados, á ultima hora e á ultima hora conchavados, ora nos corredores, com os corretores parlamentares, ora no desordenado trabalho das commissões exhaustas, desattentas, mal informadas? Quem paga as estradas, não de ferro mas de ouro, para os concessionarios bem apadrinhados? Quem os portos, onde se exigem taxas por serviços, que se não prestam, e onde a passagem das mercadorias pelas docas e seus estabelecimentos são ás vezes tão cara ao lavrador ou ao negociante, em contribuições para as empresas favorecidas, quanto o seu transporte, através do oceano, a mercados remotos? Quem, as delapidações, peculatos e roubos, de que está convinhada a administração publica, do norte ao sul, e que a irresponsabilidade habitual dos nossos costumes absolve, estimula, multiplica? Quem, a esterilidade, madraçaria e ganancia dos burocratas, os vexames do regimen das propinas entre os funcionarios, o esbanjamento das ninhadas politicas nas secretarias de luxo, a turba de secretarios, addidos, encostados e vadios de todo o genero, que esfervillam na corte dos ministros como enxames de moscas? Quem, essas acções de perdas e danos contra a Fazenda, originarias dos articulados constantes de governos arbitrarios contra os direitos individuaes e a fé dos contractos? Quem, a pape-lorrhéa, em que nos mergulharam os santarrões do odio ás emissões bancarias lastreadas, inundando agora o Brasil com essas trombas de emissões desgarantidas, como recursos ordinarios para as despesas do Thesouro? Quem, todos esses desperdicios, todas essas rapinagens, todas essas loucuras, em que se desmandam as facções governantes, os presidentes, os sobre-presidentes, os sota-presidentes da Republica, os altos e baixos poderes do Estado?

Não seriam, de certo, elles os que o pagassem, os que por qualquer dessas cousas respondessem. Qual responder! Qual pagar! Neste regimen são os bons os que pagam pelos máos, são os innocentes os que respondem pelos culpados, são as victimas as que expiam os crimes dos verdugos. O ladrão rouba : o roubado indemnisa. O poder extorsionario esbulha : extermina-se o esbulhado. As malversações, os attentados, os opprobrios não inhabilitam ninguem. Os grandes homens do regimen

são, ás vezes, os a que todo o mundo está vendo na cara os gilvazes de mil vergonhas. Quanto mais cadimo na immoralidade, mais graduado nas posições.

Provas

Sinão, senhores, vêde um exemplo, soberbo. Quem respondeu á nação pelos horrores do governo da tragedia do "Satellite", do governo do bombardeio da Bahia, do governo do caso da ilha das Cobras? Os responsáveis, os collaboradores, os corréos dessas horrendas enormidades nada padeceram, não desmereceram em cousa nenhuma, não baixaram um grão na escala da consideração, da influencia e do poder. Tinham sido commensaes daquellas bacchanaes ensanguentadas, ou membros da tresvairada administração que as consuminou.

Pois bem : foram elles mesmos os que organisaram a administração seguinte. Nella entraram, nella permaneceram, e, depois de a terem atravessado toda, foram os que lhe designaram successor, participaram no ministerio que este deixou, nodoam, agora mesmo, ali, com a sua presença, o governo actual, e, arbitros na convenção de hontem, que nomeou o futuro presidente, necessariamente manterão com elle a privança, a estima, a autoridade, que lhes coube com os tres chefes da nação anteriores. De sorte, que, até hoje, até amanhã, através de quatro administrações successivas, a historia virá encontrar, persistente, vivaz, inextirpavel desta terra não só a descendencia moral daquella phase de crimes, sinão ainda ó mesmo grupo de "barões assignalados", cujo dominio, então no seu periodo inicial, o Brasil cobriu de maldições indelevelis.

Essas imprecações do horror publico, essas pragas de uma nação inteira, assombrada e revoltada, converteram-se, para as cabeças malditas sobre que choveram, em sementes de benções. Essa gente envolvida nas responsabilidades capitaes do quadriennio funesto encrustou-se na carcassa da Republica exangue e devorada. Os males que praticaram, acabaram por se converter nos titulos do seu merecimento, nos fóros do seu direito, nas cartas de privilegio da sua eternidade, nas garantias do seu dominio absoluto sobre a nação.

A Cloaca Maxima

Tudo isso, toda essa gente, esse mundo todo vive atascado num largo vasadouro, num fundo lodoso como o dessa enseada riditissima de Botafogo, espelho de jardins e céos azulados, no leito da qual, ha talvez, mais de meio seculo, se vêm acamando, estratos sobre estratos, as fezes da cidade, cujas exhalações perfumam, de quando em quando, o Eden circumvisinho. Esse lodaçal, vedado aos olhos por uma deliciosa bacia de aguas claras e reflexos luminosos, á borda sinuosa da qual se nos embevece a fantasia, e o estrangeiro vae admirar os milagres da nossa natureza, não suspeitando as malignidades que o homem aqui es-

conde e accumula debaixo do manto estrellado e cambiante da feiticeira, — esse invisivel laboratorio de podridão, creado pelas nossas administrações nas funduras do mar, á beira do povoado, e encoberto por uma superficie argentina, reúne pinturescamente os traços da Cloaca Maxima, do atascadeiro moral, onde se gera, ceva e ferve a nossa politica : o atascadeiro da mentira.

O reino da Mentira

Mentira toda ella. Mentira de tudo, em tudo e por tudo. Mentira na terra, no ar, até no céu, onde, segundo o padre Vieira (que não chegou a conhecer o sr. Sr. Urbano Santos), o proprio sol mentia ao Maranhão, e direis que hoje mente ao Brasil inteiro. Mentira nos protestos. Mentira nas promessas. Mentira nos programmas. Mentira nos projectos. Mentira nos progressos. Mentira nas reformas. Mentira nas convicções. Mentira nas transmutações. Mentira nas soluções. Mentira nos homens, nos actos e nas cousas. Mentira no rosto, na voz, na postura, no gesto, na palavra, na escripta. Mentira nos partidos, nas colligações e nos blocos. Mentira dos caudilhos aos seus apaniguados, mentira dos seus apaniguados aos caudilhos, mentira de caudilhos e apaniguados á Nação. Mentira nas instituições. Mentira nas eleições. Mentira nas apurações. Mentira nas mensagens. Mentira nos relatorios. Mentira nos inquritos. Mentira nos concursos. Mentira nas embaixadas. Mentira nas candidaturas. Mentira nas garantias. Mentira nas responsabilidades. Mentira nos desmentidos. A mentira geral. O monopolio da mentira. Uma impregnação tal das consciencias pela mentira, que se acaba por se não discernir a mentira da verdade, que os contaminados acabam por mentir a si mesmos, e os indemnes, ao cabo, muitas vezes não sabem si estão, ou não estão mentindo. Um ambiente, em summa, de mentiraria, que depois de ter illudido ou desesperado os contemporaneos corro o risco de lograr ou desesperar os vindouros, a posteridade, a historia, no exame de uma época, em que á força de se intrujarem uns aos outros, os politicos, afinal, se encontram burlados pelas suas proprias burlas, e collidos nas malhas da sua propria intrujice, como é precisamente agora o caso.

Já se entoo no parlamento republicano o panegyrico do jogo. Já se lavrou na imprensa da actualidade a apologia da perfidia. Ainda não se ensaiou, numa tribuna ou na outra, a glorificação da mentira. Mas ha de vir. Ha de estar proxima. Já tarda. Não se concebe que se haja demorado tanto. E' a justiça da nossa época a si mesma. Pelo habito de preterir a tudo, não acabe ella, emfim, dest'arte, preterindo-se a si propria.

O mentiroso e o ladrão

Os antigos enxergavam no mentiroso o mais vil dos tarados mo-raes. Depois de enumerar todas as miserias de um perdido, concluiam,



quando cabia : "E até mente". Entre dois ladrões crucificaram os judeus a Jesus; porque não ousaram execrucial-o entre dous burlões. O ladrão prostitue, com o roubo, as suas mãos. O mentiroso com a mentira a propria boca, a sua palavra e a sua consciencia. O ladrão offende o proximo nos bens da fortuna. O mentiroso, não é no patrimonio, é na honra, na liberdade, na propria vida. Tanto vae do latrocínio á calunnia. Do ladrão nos livra a tranca, o apito, o gnarda. Do mentiroso nada nos livra; porque o enredo, a invencionice, a detracção, volatilizados no ar, depois de tranades, sussurrados, cochichados, ou temperados com os condimentos do jornalismo, são impalpaveis como os germens das grandes epidemias. Nem o ladrão despoja senão os que possuem. Com os desvalidos da fortuna, que nada têm de que os roubarem, não póde nada. Mas, ao passo que os ricos e abastados se consolam, do que se lhes tira na reputação com o que lhes sobra nes haveres, a mentira acoessa os pobres na sua indigencia, carregando-lhes sobre o peso das necessidades as amarguras da vida calumniada. Flagello universal, ninguem se lhe evade; e os enjeitados do dinheirò são os sobre que ella mais a seu salvo se sacia, aggravando-lhes o mal das privações com a crueldade dos aleives.

A mentira politica

Dirieis que, na politica, o caracter da sua torpeza e a relevancia dos seus estragos são menores ?

Não, senhores. Ahi, pelo contrario, é que as suas devastações não têm limites, e que a sua indignidade excede todas as craveiras da nausea. A mentira politica, alugada, no Brasil, ao thesouro publico, não se reduz, como na arena dos interesses meramente privados, a negar merecimentos, e exaltar incapacidades, a perseguir virtudes, e divinizzar crimes, a inquietar pessoas, e destruir nomes, a solapar lares e arruinar familias, a matar esperanças, e desencadear cobiças.

No terreno das cousas publicas, entre nós, a mentira constitue o instrumento, por excellencia, da usurpação da soberania nacional pela oligarchia da União, pelas oligarchias dos Estados, pelas oligarchias das municipalidades. Cada uma dellas mente, assumindo o nome do regimeu constitucional, que absorveu, e matou.

Cada uma dellas mente, sonegando ao publico as dissipações, as malversações, as corrupções, á custa das quaes se mantêm. Cada uma dellas mente, organisando, com o nome de serviços publicos, a miseranda afilhagem, cuja interesseira dependencia as assessora, sustenta e destructa. Cada uma dellas mente, orgauisando a incompetencia, galar-doando a sabujice, promovendo a venalidade. Cada uma dellas mente, simulando o civismo, e não praticando sinão um personalismo deslavado. Cada uma dellas mente, assoalhando a legalidade, não perdendo ensejo de sophismar, evadir, ou inverter abertamente as leis. Cada uma dellas mente, professando o zelo, a paixão, o fanatismo do systema

republicano, do regimen federativo, da fórma presidencial que declararam eternos, e não fazendo, na realidade, sinão explorar um caciquismo grosseiro, cujas audacias já teriam dado em terra, ha muito, com esta insolente falsidade constitucional, si o Brasil de 1919 ainda fosse o Brasil de 1889.

A convenção de fevereiro

Mas, si o Brasil deste anno já não é o de trinta annos atraz, para, ao menos, sustentar hoje as instituições, que, ha tão pouco tempo, ainda lhe sobrava a coragem de erigir, não lhe fallecerá em compensação, agora, ao Brasil, a honra, que eu não sei qual outra nação americana accetaria, de ver trocadas essas instituições nestas outras, que traduz e symbolisa, caracteristicamente, a convenção eleitoral de fevereiro.

Com essa convenção culminou entre nós o reinado ignobil da mentira. Não cuideis que eu vá trazer para aqui a ôlha, onde tantos chefes de alta cozinha mexeram e cuspiram. Eu não quero transpor, aqui, nem mentalmente, os humbracs desse congresso, onde se levantou o grito de Caim, para me repudiar em nome da Bahia, mãe idolatrada, cujas entranhas, agora mesmo, estremecem de amor ao filho, de quem ella tem constantemente seguido os passos com as suas benções, e de aversão á prole bastarda, que se manchou no sangue materno, capturando-a como prêsa inimiga, assaltada e bombardeada.

Neste momento apenas importa esboçar-vos, em alguns traços, a urdidura evidente, pela qual a origem desse ajuntamento e a sua obra se entrelaçam com a mentirologia eterna da politica dos nossos republicueiros.

O meu discurso não dá para mais.

A embaixada

A mentira de alta prosapia, que cercou o leito mortuario do conselheiro Rodrigues Alves, estendendo profanas mãos sobre os dias do seu transito para a eternidade, já nas derradeiras semanas da sua vida entrara a lançar a trama dos enliços, que, em toruo do meu nome e á cnsta do meu descanso, vêm tecendo a triste meada ha quatro mezes.

Do leito da sua enfermidade o egregio brasileiro resolvera commetter-me a embaixada ao Congresso da Paz. Mas uma conspiração de chancellaria, com raizes internacionaes, que o nosso grande conterraneo expirou ignorando, vein a transformar, á revelia dello, o seu acto num simulacro de convite, que eu não rejeitei no tom da minha indignação, attendendo á innocencia do presidente nos tramas que o atraçoavam e ao estado melindroso da sua saude.

O manejo, a que era tão estranha, devo dizel-o, a familia Rodrigues Alves quanto o seu illustre chefe, tinha por calculo, de um lado, obrigar-me a deixar a embaixada ao autor do abuso interesseiro, que as circunstaneias, neste ponto, burlaram, e, de outro lado, malquistar-me



com a opinião publica, ageitando, aos seus olhos, como acto impatriotico a recusa imposta á minha dignidade pela intemperança de uma ambição, que se utilisava da molestia do chefe do Estado, para lhe frustrar uma resolução tomada por elle com extraordinaria solemnidade.

Si o meu paiz se embaisse com a tramoia, e me não levasse a bem o unico procedimento, que, em taes condições, podia ter qualquer homem de responsabilidade e brio, envolvido numa grosseira intrigalhada e desacatado por trapalhices de baixa diplomacia, eu, senhores, me daria por quite com o meu paiz, e me desligaria de qualquer representação ou mandato seu, pela razão de haver recebido em tão desmarcada injustiça a prova de que o seu serviço era inconciliavel com a honra dos seus servidores.

Mas, senhores, a euchente de aclamações que a minha candidatura levantou por todo o nosso territorio, a corrente de applausos a ella que o corta em todos os sentidos, evidenciam que a conjura de secretaria não surtiu os seus effectos. A minha destruição, descontada com tanto gaudio, saiu-lhes ás avessas.

A primeira mentira

Si a nação brasileira, porém, não se illudiu, não foi tão mallograda no estrangeiro a politiquice intrujona. Numa época de internacionalisação como a de agora, força era que tambem a nossa intrujice politiqueira se internacionalisasse. O vôo de aves de gallinheiro não lhe dava, para transpôr o Atlantico. Mas para essas gallinaceas as malas diplomaticas substituem as capoeiras. E foi mediante um desses vehiculos estrabado no Itamaraty, que o «cannard» do palacio da rua Floriano Peixoto venceu o oceano, para ir grasnar, com todas as bioquices do protocollo, no Quai d'Orsay.

Declinando da embaixada, juntei á minha escusa alguns dos seus motivos principaes, declarei que a ella era forçado pelo modo como se houvera commigo o governo, e a este carreguei, sem circumloquios, toda a culpa da minha resposta negativa, arguindo-o de ter apparentado um convite, de que eu apenas recebera a menção, envolvida em circumstancias ludibriasas. Todo o Brasil o soube; pois as minhas duas cartas ao presidente e ao vice-presidente da Republica tiveram, em todos os periodicos, a maior publicidade.

A maganice, que arranjara, com altas encommendas e altas tenções essa velhacada bem presentia a má impressão, que além-mar causaria, contra o governo brasileiro, a recusa da embaixada pelo homem, a quem coubera a influencia determinante no ingresso do Brasil na guerra, e a sua substituição por quem, até o momento da nossa entrada na communhão dos belligerantes, não occultara opiniões e sympathias oppostas. Essa impressão excedeu a que os nossos talleyranzitos receavam, ao que nos attesta um longo telegramma da "United Press", dado a estampa, ha cerca de tres semanas, debaixo de grossos titulos, na pri-

meira columna do "Paiz". Mas o mais illustre dos correspondentes habituaes do "Jornal do Commercio", o sr. Jayme Séguier, em dias ainda mais recentes, num dos rodapés do grande orgão, nos noticia ter a impressão desagradavel cedido á communicação, recebida ali, de que eu não acceitara a embaixada, «por estar doente».

Ahi está, senhores, como opera o trabalho incansavel da mentira. O governo brasileiro de mim mesmo recebera a declaração de que eu não acceitava a embaixada pelos motivos de consciencia e dignidade indicados nas minhas cartas. O governo brasileiro me respondera, accusando sciencia desses motivos, buscando em parte rebatel-os, e deplorando não lhe ser licito, á vista da natureza delles, insistir no convite. Mas, prevendo que á galeria européa não era tão facil de se ingurgitar com esta scena de vão palavreado, apparellhou de antemão o contrachoque, mandando annunciar no congresso de Paris que eu, para não acceitar o cargo de embaixador, allegara enfermidade.

Que dirieis, senhores, de um particular, que mentisse, arrostando a verdade com este bronzeo despudor? Dirieis, como os antigos, que elle mentia pela gorja, ou, como dizemos hoje, dirieis, que mentiu como um sem vergonha, como um desbriado.

Rispida é a palavra, mais insubstituivel, a não ser por termos ainda mais cortantes. E será que a expressão já não tenha a mesma propriedade, quando o villanaz, collido em flagrante da mentira descarada, em vez de um individuo qualquer, é o governo de uma nação, seus ministros, seus agentes?

A honra nos homens publicos

Não, senhores, a honra é ainda mais obrigatoria nos que representam nações do que nos que só se representam a si mesmos. A turpitude, que, nos particulares, inspira desprezo e enjôo, no orgão de uma soberania nacional provoca escandalo e revolta. Num caso é um sujeito, que se desmoralisa. No outro é uma nacionalidade, que se desacredita; e, quando, como neste, o descredito não corre entre nacionaes, mas no meio de estrangeiros, mais dóe ainda nas faces do povo, que se lhe sente exposta, a injuria dos falsos representantes aos seus cabisbaixos representados.

Cada povo tem sua maneira de ser grande. Grande, a França com o seu Clemenceau. Grande, a Inglaterra, com o seu Lloyd George. Grandes, os Estados Unidos com o seu Wilson. O Brasil, grande, entre todos, com a grandissima grandeza do seu mentir. No congresso dos aliados estamos: mas os nossos pares se acham no outro campo. Não é com a honestidade britanica, não é com a dignidade franceza, não é com a lealdade americana que nós fazemos liga. É com a falsidade teutonica. Cré com cré. Lé com lé. Mentira com mentira. Mentira brasileira; mentira allemã. Uma reinando sobre a barbaria. Outra, sobre o ridiculo. Uma, com a corôa do pavor. Outra, com a do desprezo. As duas

se conhecem, e não se querem mal uma á outra. Fazem de separadas ; mas estão juntas ; e, quando a luz dos factos penetrar nesse arcaz de segredos germano-brasileiros, que se entreabriu ao publico nas columnas do "Times" paulista, si não se apurar que a politica brasileira devia acabar na cabeça da lista negra, pelo menos se averiguará claro o raste dos interesses allemães no esbulho nacional consummado pela convenção de Momo.

Convenções e arcaes de segredo

Evidentemente, senhores, o periodo munkauseniano, que se abriu, guizando essas diabruras quasi á boca da tumba do presidente, sobre cuja cabeça já se projectava, sensivel a todos, a sombra da foice eterna, e que, depois de me empurrar fóra da embaixada, rematou as trêtas dessa maroteira, forjando-me um attestado medico, a mim perfeitamente são e ancioso por aquelle serviço, para legitimar com o meu estado valetudinario a minha exclusão da Conferencia da Paz, não se podia encerrar, adoptando a minha candidatura á chefia da nação. De mim o que elles poderiam querer era, unicamente, o em que elles me pudessem enovelar a mim, ou aos meus amigos, para liquidarem, com o nosso involuntario concurso, a causa nacional, a que nos temos consagrado.

Mentira n. 2 — Exercito

Como, porém, ali não era assim com duas razões que se poderiam lograr bem da trapalhicc, emquanto a velha croia que os criou quasi todos ao collo, mexia os bilros na almofada, com ares de matrona, para embebeccar os pataus, Madre Mentira, escanzelada e sizuda como um galgo russo, assumiu o seu posto, sacudindo as camandulas, como o Sr. Lanro Muller as ferrugens da sua durindana. E, como a rameira embiocada em seriedade, para cheirar ao cheiro do tempo, devia cheirar a guerra, a primeira paridura, que Mãe Mentis sacou de baixo do habito, foi a rasa descompostura, com que eu xingara o soldado brasileiro na minha plataforma de 1910.

Mãe Mentirada, a santanaria escanifrada e carifranzida, mentia da moleira aos pesunhos, na sua creatura morta de nascença. O publico ha de lhe assistir, querendo Deus, á autopsia, um dia destes, em que me occuparei das minhas relações com o Exercito Nacional, que a extensão deste discurso já não comporta. Mas a razão é que a perrita da filha e a perra da mãe recebam, daqui, os carinhos premonitorios.

Desta vez não foi nem com a guella, nem com o tinteiro que a megera babujou a sordicia da invenção. Foi com a raspadeira e o eureka, apagando e raspando. Assim rouba o falsario: rapa atrás, rapa adeante, na escriptura. O restante é o que lhe convém. Mas é, tambem, precisamente, o contrario do que resava o instrumento alterado. A esse processo do estellionatario, do «escroc», teve o meu discurso a sorte de ser submettido. Todo elle, na secção escolhida para a falsia, na secção

dedicada ao Exército e à Marinha, constitue um quadro continuo da minha devoção a essas duas classes, devoção comprovada, ua minha vida inteira, por uma série constante de serviços, esses, de que, ajuda ha poucos dias, o general Trompowski, com a maestria do seu talento e a sua autoridade extraordinaria, commemorou os mais notorios, nuna recapitulação, aliás, ainda assim incompleta.

Ali, senhores, ali mesmo, no discurso, esquadrinhado para a ignobil adulteração, ali mesmo, antes e depois do topico eleito para a «eseroquerie». para o «estellionato. ali, repito, ali é que eu advogava, para o soldado e o marinheiro, o augmento do soldo; ali é que eu, com o pão do corpo, implorava lhes dêssem o do espirito, a instrução; ali é que eu reivindicava, para um o outro, o direito de não ser rebaixados à condição de fâmulos dos seus superiores, cozinheiros, copeiros, mensageiros de leva e trás; ali é que me indignava eu contra a incongruência, que, numa democracia, levanta hoje muralhas á carreira do soldado, quando Osorio se elevou de praça rasa ao marechalato, e Almeida Barreto subiu de recruta a marechal; ali, enfim, é que eu reclamava, pelos filhos dos sargentos contra a sua exclusão das escolas militares. Toda essa oração minha, pois, era um hymno aos direitos do marinheiro e do soldado, um grito vibrante pelo respeito ás leis democraticas na essencia da vida militar, una afirmação calorosa da urgencia de elevar as aspirações do soldado brasileiro, as suas condições de humanidade, as perspectivas do seu futuro, as garantias do seu merecimento.

Eis aqui está o que eu ali bradava, clamava, trovejava aos governos de nosso paiz, tão surdos quasi sempre a esses interesses dos humildes. E vae o machaeaz do falsario, raspando tudo isso, cortando tudo isso, occultando tudo isso, deixa apenas as dez ou doze linhas, onde eu pincelava, a tinta carregada, em traços grossos, mas verdadeiros, a condição ingrata da tropa de linha, rebaixada, maltratada, indisciplinada, malquistada com o seu officio pela grosseria, crueldade e bruteza do regimen, que della tudo exigia, sem lhe dar nada.

Que é o que haverá, nessas linhas, senão a defesa do soldado, e, com ella, o mais severo libello contra os governos civis ou não civis, contra as autoridades militares, contra as leis militares, contra os costumes militares, que se esqueciam do cidadão, que se esqueciam do pae de familias, que, até, da creatura humana se esqueciam — no soldado? Então, de que outra maneira é que nos houvesmos nós outros os abolicionistas, para arrancar as victimas do trafico africano e sua descendencia ao captiveiro? Como é que revoltariamos, e revoltamos, a seu favor, a consciencia da nação e do mundo, si não fosse inundando em luz o negro grume das senzalas, e mostrando ali a toda a terra, de cócoras entre o tronco e o vergalho, deshumanados, embrutecidos, immundos, os nossos irmãos na humanidade o em Deus, immolados ao ingrato regimen que animalisava os instrumentos da riqueza nacional?

A falsidade, pois, era descoberta, sócz, estupidarrona. Mentia pelas tripas de Judas, abrutadamente, cynicamente. Mas encheu as ruas, af-

fixou-se ás paredes, engravitou-se nas esquinas. inundou os quartéis, abrilhantou os jornaes — jornaes! senhores, jornaes! — o lavou o peito aos estranguladores da Deusa Mentira. Pelos cantos, pelas sargetas, pelos esgotos, o silvo da vibora sagrada attestava a presença da divindade esguia e carilonga, a cujo culto obedeciam essas falsificações atrozes, e que, do esconderijo da sua mascara de cada dia, espreita as suas obras, sedenta do mal, como de sangue humano o idolo frio dos thugs.

Mentira n. 3 — Operarios

Desses mesmos antros moraes, da caverna dessas consciencias de visco e peçonha, saiu, tambem, a minha inimidade aos operarios. Mãe Mentira desbanca na maternidade os ratos. Cada manhã, uma ninhada.

Ondo o principio de liberdade, onde o principio de egualdade, onde o principio de fraternidade, onde o principio do caridade, que, nesta terra, me deixasse jamais de ver ao seu lado? Mas que importava? Quanto mais notoria a verdade, mais meritoria a obra dos adulteradores.

Na sorte do operario culminam tres problemas capitaes: a justiça, a instrucção, a nobilitação do trabalho. Eu tive o baptismo da minha carreira profissional, pleiteando gratuitamente, na tribuna criminal, a justiça para uma innocente filha do povo, deshonrada por um argentario, cujo dinheiro zombava dos tribunaes; e Deus permittiu que, com ser ainda tão desautorizada a minha voz no seu primeiro ensaio, não bastasse a opulencia do ricoço, para subtrahir ao castigo legal o poderoso libertino. A minha obra de empenho nas camaras imperiaes, foi a reforma do ensino publico, trabalho que mereceu ser proclamado na Europa como o mais consideravel de todos os até ali existentes na historia do parlamento brasileiro. E quem teria ido mais longe do que eu, em serviços ás classes trabalhadoras no Brasil, si a politica, nos quasi quarenta annos de então a hoje, em vez de me pilhar ali á tóa as idéas, houvesse dado á instrucção popular o desenvolvimento, com que o meu projecto a organisava? A maldição das classes laboriosas, entre nós, era a propriedade servil; e eu desde 1869 me inscrevi entre os primeiros precursores da sua extincção radical, erguendo primeiro que ninguém, em S. Paulo, o brado publico do abolicionismo, a que servi, nos mais avançados postos até á sua victoria final doze e nove annos depois. Quem, portanto, no Brasil, lidou mais pela regeneração do trabalho?

Como é, pois, que, com essas e ontras verbas na minha folha de serviços, me poderiam jamais os operarios brasileiros deixar de contemplar entre os seus mais provados amigos, si é que actos, e não prosas, e não acenos, e não hypocrisias, são os melhores documentos de amizade?

A raposa e o grou

A minha mão se exerce como a da raposa, quando banqueteara o grou, dando-lhe a jantar, no razo pratarraz, a sombra de um caldo succulento, que a lingua do carnivoro lambia em dous tempos, ao passo



que o longo bico da pernalta rufava de balde na louça da vasilha.

A fabula da raposa com o grou não é fabula: é a historia da politica com o povo, dos socialistas de ultima hora com o operariado.

Mentira n. 4 — A revisão

Mas o carnaval de petalhada não tinha mãos a medir. Ainda após tantas, lá vem outra idéa genial da mascarada. E' a constituição Federal abraçada com a constituição do Rio Grande do Sul. As duas se osculam uma á outra. São gêmeas inseparaveis, e conclamam que comigo não querem graças; porque eu sou a revisão, e a revisão ameaça as duas do mesmo golpe. Atirei aos calungas do carro um papel do Sr. Borges de Medeiros. Não serviu. Não me quizeram. Entretanto, a figura que entrou, em men lugar, no cortejo, levava na bagagem, como casal do pombinhas na mesma gaiola dourada, a reforma da constituição federal com a reforma da constituição rio-grandense, e as duas prisioneiras entijeladas na mesma corbelha rodante de flores de papel, ali se estão de namoro, como Deus com os anjos, entre os que votam á breca o revisionismo. Viva Baccho! Evohé! Evohé! soberana Mentira.

Mentira n. 5

Mas ainda não bastaria? Não basta. Quando o parlheiro senatorio, convertido em armazem de carga dos partidos, abrisse as portas aos maiores do regimen, era mister que, ao reunir-se na mansão dos paes da patria, intrépida assembléa dos debicadores do povo brasileiro, já encontrasse nos tapetes do chão a candidatura Ruy em carniça; e o melhor meio para tal resultado era quo a matilha da inentira não dormisse. Novas ordens, novas senhas, e, então, de um momento para outro, se annunciou que a candidatura nacional acabára pelo suicidio. O candidato do povo antepuzera a si mesmo o candidato da politica. O Sr. Ruy Barbosa dera homem por si, trocando o seu nome no do Sr. Epitacio Pessoa.

Autorisára eu essa atoarda? Nunca. Nem de longe. Dissera eu a quem quer que seja uma palavra em tal sentido? A ninguem. Pelo contrario, consultado, respondi negativamente. Mas a falsa moeda estava cunhada pelos moedeiros falsos. E quando é da Casa da Moeda que esgnicha a moeda espuria, como cerrar-lhe a circulação? Em minutos, mais de tresentos telegrammas, dirigidos aos jornaes, coalharam o territorio brasileiro, levando a toda a parte a burla da minha auto-immolção ao candidato do Sr. Borges de Medeiros. Ruy abdicára em Epitacio, Epitacio era o candidato de Ruy.

A secretaria das relações exteriores havia se mexido prazenteira. A sua agente telegraphica recebera o necessario fomento. A fazenda publica cedera ás gznas do costume: e a machina official consummou a torpeza abjectissima de imbutir ao Brasil inteiro, em serviços dos interesses de meia duzia de mandões, a mais consciente, a mais des-

composta, a mais indigna mentira. Com taes consciencias ao leme, haverá não de Estado, que não acabe naufragando na Sapucaia?

Mentiras ns. 6 e 7 -- A carta

Mas a Musa da Mentira, o genio da politica brasileira ainda uão deixara estancar a veia das suas inspirações; e as derradeiras mostraram, nos artistas da empreitada, o mesmo engenho das anteriores, o mesmo desplante heroico, a mesma sobrançeria desabalada. Havia uma carta minha, uma carta que ninguem vira, mas a que se alludia, que se entreostrava de longe á curiosidade excitada.

Nada mais simples do que extrahir daquelle semisegredo um achado sensacional, e ageitar com elle um golpe, que acabasse de aturdir o publico, já estonteado com o bimbalar dos repiques da mentira no carrilhão do jornalismo alliciado e da telegraphia vendida. Fingiu-se o achado, e desandou-se o golpe.

A tal missiva minha era uma verdadeira mina. Estavam ali escondidas nada menos que duas preciosidades. Ali resignára eu a minha candidatura, e, dest'arte, podia ella ser deitada á cesta dos papeis servidos. Ali, outrosim, apresentava eu á Convenção uma lista de quatro nomes presidenciaes com o meu consento; e, assim, ao mesmo passo que insistia em renunciar, admittia a competencia, que havia negado, á Convenção. De braço dado, as duas novas petas saíram á rua juntas, ao badalar geral dos sinos do Itamaraty e do Monroe.

Ora, a verdade era, senhores, que eu, naquelle escripto, nem renunciára a minha candidatura, nem alvittrara nehumha outra.

Quando me solicitaram a carta, de que se tratava, não vacilei em dar, porque, na minha vida publica, tudo o que sinto e cogito não tem refolhos, nem recantos. Não dou aos meus amigos particulares, quante mais a politicos, cartas, que não preveja o caso de se publicarem. Ainnos meus actos privados, não escrevo nada, que não possa entrar em publicidade. E não o escrevo, porque não o digo. E não o digo, porque dentro em mim não ha propositos ou idéas, ou sentimentos, de que envergonhe. Quando falo, ou escrevo, abro o meu coração, a minha razão, a minha consciencia e deixo-os verter, em toda a sinceridade, o que encerram. Si elles me ditam silencio, emmudeço. Mas falando, é para falar verdade. Este o segredo unico de alguma autoridade moral, que eu possa ter entre os meus semelhantes.

Quando, pois, annui em escrever essa carta, bem sabia eu o a que estava accedendo; e, portanto, sabendo o que fazia, sabendo o que escrevia, não me podia sair da penna cousa alguma, de cuja divulgação me receiasse.

Ora, eu negara peremptoriamente á Convenção a competencia que ella assumia. De mais, com os politicos de que ella, em sua maioria, se compunha, vivia eu em declarado antagonismo, ha longos annos. Como,

*“Arvore
de Natal,”*



GEORGINA
DE
ALBUQUERQUE



GEORGINA DE ALBUQUERQUE

“A pose,”

logo, poderia submeter propostas áquella assembléa? Como depor-lhe nas mãos a minha candidatura?

A minha renuncia perante ella importaria na confissão ou de que eu não confiava na opinião publica, ou de que accetava a Convenção como seu órgão. Que eu a não accetava como tal, bem o mostra o meu telegramma ao presidente da junta, que a organisava. Desconheci a essa Convenção a legitimidade, em que ella affectava envolver as suas pretensões. Não bati á porta dessa Convenção. Nenhum dos tarugos do situacionismo, cujos varios matizes a constituíam, me deu a honra das suas visitas, aliás, muitas vezes annunciadas. Com ella, pois, me não communiquei, directa ou indirectamente. Não participei dos seus trabalhos preliminares. Ao seu plenario, não compareci. Que tinha eu, pois, com ella? Com ella que tinha eu, para lhe offerer conselho, subsidios, insinuações, para me pôr, de qualquer modo, em contacto com a sua actividade, corresponsabilisando-me nos seus actos, cujo resultado antevi, desde o começo, exactamente, e, desde o começo, prognostiquei sempre abertamente, a quantos me escutavam?

No seio, porém, daquella assembléa havia, comó se vê dos suffragios alli recebidos pelo meu nome, certos elementos, que, com a mais honrosa espontaneidade, me apoiavam. Si esses elementos sentissem qualquer constrangimento em persistir, ou qualquer conveniencia, de ordem superior, já se sabe (outras não podiam ser) em disistir, não havia de ser eu quem lhes coarctasse a liberdade. Eis o que a minha missiva autorisava o Dr. Nillo Peçanha a dizer-lhes da minha parte. Nada mais.

Ha nessa carta, ainda outro assumpto, de que me occupava: a candidatura Altino Arantes, por ser, como alli disse, "a unica então em foco". Essa candidatura, impugnei-a eu, accentuando a injustiça, de que se resentia, as divisões, que cavaría no paiz, as lutas, que viria provocar, a opposição activa, a que levaria os meus amigos, e o concurso, que elles, nessa attitude, em mim encontrariam. Eis a segunda parte desse documento. Não a transcrevo, por me não delongar. Tirada ella, eis aqui, textualmente, o resto da celebre carta:

"Petropolis, 20 de fevereiro, 1919. — Exmo. amigo Dr. Nilo Peçanha: Pelo nosso commum amigo Dr. Macedo Soares acabo de ser inteirado das circumstancias da situação neste momento. Nada me admira. Desde o começo do jogo, que se está jogando, nunca tive a menor duvida quanto ao seu resultado final. Bem sabe V. Ex. que nunca me apresentei candidato. Nem os grandes jornaes, que lançaram a minha candidatura, nem V. Ex. que, em seguida, foi, dos chefes politicos, o primeiro a abraçá-la, e recommendá-la, me ouviram a tal respeito. Sempre vi em tal indicação a imposição do maior dos sacrificios, a que como declarei, na minha carta ao Senado, em 29 de novembro do anno transacto, me não submeteria, sinão em obediencia á vontade inilludível da nação brasileira. Claro está, pois, que "nada tenho que renunciar. Mas, se aquelles a quem cabe a responsabilidade inicial da minha can -

didatura, se convencessem da impossibilidade ou inconveniencia de continuar a sustental-a, eu, pessoalmente, só veria nessa deliberação motivos, para lhes ser ainda mais agradecido que quando a levantaram."

Ouvistes, senhores? Dizei-me agora: onde estão ali "os nomes", por min suggeridos? onde "a renuncia da minha candidatura?"

Renuncia, não!

Longe de a renunciar, ali digo eu, totalmente ao contrario:

"Nada tenho a renunciar."

Nada tenho que renunciar. Mas, si eu houvesse de renunciar a minha candidatura, em que termos se havia de enunciar essa deliberação? Está claro que nest'outros:

"Renuncio" a minha candidatura."

Bem ao envez, porém, de escrever que "a renunciava", escrevi que "não a renunciava", dizendo: "Nada tenho que renunciar."

O mais naquella carta, é apenas um movimento, de nobreza do homem incapez de constringer ninguem a sustental-o.

Não renuncio: porquanto nada tenho que renunciar. "Mas, si "aquelles a quem cabe a responsabilidade inicial da minha candidatura", não puderem mantel-a, estão, da minha parte, sem estorvo e, até, com agradecimentos, livres para o fazerem.

Quem são esses, os por conta de quem corre "a iniciativa da minha candidatura"? Ali mesmo o disse eu. Primeiro, os grandes jornaes, a saber, os elementos da opinião nacional, que elles representam. Segundo, os chefes politicos, dos quaes se nomeia como primeiro o Sr. Nilo Peçanha.

Por uns ou por outros se poderia manifestar a renuncia. Mas para estar consumada, necessario seria que se manifestasse por todos; visto como o abandono pelos chefes politicos arredaria, "politicamente", a candidatura, mas, "popularmente", ella só teria cessado, si tambem a desamparassem as forças da opinião publica, onde estava a sua grande base, a sua base essencial.

O Monstro de Fevereiro.

Ali está, senhores, como, durante um mez, se conceben, se gerou, se desenvolveu, e, ao cabo, se deu a luz o monstro de 25 de fevereiro. Nênhum dos seus predecessores ostentou a céo aberto o espectáculo de immoralidades, que neste se juntaram, para fazer daquella assembléa e sua obra o transumpto, em quinta essencia, de todas a mazellas, que corroem aqui, a vida politica, e desdouram a Nação Brasileira.

Eu me congratulo de não ter concorrido para a sua desmoralisada victoria com o menor traço de corresponsabilidade. Ainda uma vez abenço a mão divina, que não permittiu, em tão arriscada occasião, torcer do seu rumo, essa linha, a que alludiu o Sr. Alcindo Guanabara, quando caracterizou a minha vida como "uma recta traçada entre o direito e a liberdade".

A Convenção de fevereiro venceu, e vencerá. Vencerá e venceu. como vence o mal, quando o bem captula. Vencéu e vencerá, como ven-

cendo estava a barbaria allomã, quando a civilisação humana lhe dece-
pou as garras. Venceu e vencerá, como não teria vencido, e não havia
de vencer, si o que ha de odio, revolta e nojo, contra ella, na sociedade
brasileira, pudesse reanimar de subito as urnas eleitoraes, e arrancar
dellas o sentimento nacional, num voto onde, pela primeira vez neste
regimeim, se reconhecesse a expressão da verdade. Venceu, e ha de
vencer, mas erigindo o seu throno sobre uma construcção de falsidades,
um muladar immenso de mentiras, que nos empesta o meio, e nos en-
xovalha a cara. Venceu, e ha de vencer, mas como vencem, os scelera-
dos, os grandes criminosos, os arruinadores de nações, que medem a
sua gloria, pelo numero de leis, que violaram, de constituições, que
perderam, de sentimentos humanos, que mortificaram, de mandamentos
divinos, que transgrediram. Venceu, e ha de vencer; mas a quem vence
não é a nós: é as instituições, a honra, o credito e as esperanças da
Nação. Venceu, e ha de vencer, mas com tanta mais ignominia para
nós, nossos maiores e nossos descendentes, quanto este triumpho não é
nem o de um partido, nem o de uma força, nem o de uma organisa-
ção, nem o de nenhuma entidade, grande, armada, perigosa, mas o tri-
umpho irrisorio de sete homens, os sete senhores da Republica, sobre
a Nação inteira, e quando a Nação inteira tem por nullo, ridiculo, des-
moralizado o septemvirato desses intrigantes, attonitos da sua fortuna.

Proscrição "triste" ? Não.

A minha proscrição, pois, já se vê, não é triste no sentido que a
tola malignidade, quiz dar á phrase carinhosa do Sr. Nilo Peçanha.
Triste não é ella para mim. Triste, só o poderá ser para os seus autores.

Triste, por que? A minha proscrição poderia considerar-se immere-
cida, ingrata, iniqua, insensata, odiosa. Mas triste, enquanto eu conhe-
cer a mim mesmo e conhecer os que me proscievem, isso não. A pro-
scripta é a Nação: e, si triste é ver proscripta uma nação por meia duzia
de intriguistas vasioes de todo o merito, triste não se pôde sentir o cida-
dão proscripto por amor da Nação, a que elle serve contra esses.

Da minha proscrição me sinto ufano. Por ella me considero hon-
rado. Nella me acho eegrandecido.

Triste seria a minha proscrição, caso ella me insulasse do paiz.
Ella, porém, hoje mais do que nunca, me consubstancia com a opinião
publica, o com esta me aduna.

Quem é que me proscievo? A Nação? Não; esta nunca me exal-
çou tanto. Os mais conspicuos nomes do Brasil, todas as classes, todas
as corporações, todas as agremiações, todas opiniões se têm declarado,
e estão commigo. Liberaes e conservadores, radicaes e socialistas, revi-
sionistas e anti-revisionistas, presidencialistas e parlamentaristas, phi-
losophos e crentes, catholicos e livres pensadores, ricos e pobres, gran-
des e pequenos, de todos, em inaudita generalidade, tenho em visto ac-
clamada a minha candidatura. Quem é, pois, que me proscievo? A po-

liticalha, a velha conspiradora, a incorrigivel subversora das leis, a grande inimiga do Estado e do povo.

Quando mesmo só me achasse antes só que mal acompanhado. Mas eu não estou só. Sós então os meus inimigos, sós de todas as sympathias publicas, sós na sua usurpação, cujos dias, viva Deus! estão contados. Porque nunca jamais foi tão verdadeira, como nestes tempos, a impressão de que, quando Deus tarda, vem no caminho. Elle virá.

Proscrição antiga.

Esta minha proscrição não é nova. Data quasi dos primeiros annos da Republica. Não me perdoaram o tel-a feito. Commigo não é que se verifica a lei do Evangelho: "Dignus est operarius mercede sua". Acabada a obra, que é quasi toda minha, puzeram o obreiro na rua, e lhe deram a sentir: "Neste regimem, de que és o maior constructor, tua parte acabou. D'ora em diante a casa é nossa. Has de ver-lhe escanchados na cumiera os que, na edificação, mal te serviriam, para carrear o material, ou empunhar a trolha. Dá-te por feliz de os veres escalando até ao fastigio a tua obra e ainda te deixarem a voz, para os incommodar com a impertinencia dos teus avisos".

E' desde ali que vem a minha proscrição. Desde os enredos rasteiros, que me inimisaram como o marechal Floriano, para o entregarem, inexperiente, desaconselhado, infatuado da sua estrella, ao circulo de amenistas, exaltados e reaccionarios, que o cercava; ao regimem politico de um diz "inata", e outro "esfola"; aos erros da politica de terror e fanatismo, em que se apagam as consciencias, e reinam os conselhos terriveis do medo.

Reminiscencias.

Em 1908, quando o conselheiro Affonso Penna convocou o corpo diplomatico, para, deante d'elle, me entregar, no Cattete, a medalha commemorativa dos meus serviços em Haya, e ali pronunciou a oração, em que o celebrava com palavras tão graves, o senador Pinheiro Machado, logo após a cerimonia, no salão presidencial, disse, em minha presença, ao actual vice-presidente do Senado; "O conselheiro Affonso Penna acaba de contrair solemnemente com o Sr. Ruy Barbosa o compromisso de que elle será o seu successor".

Mas Pinheiro Machado se enganava. Affonso Penna tinha melhor candidato. No seu espirito mesmo funcionava a minha exclusiva, o tacito "veto" de todas as situações republicanas contra o meu nome.

A depuração de 1910 a renovou em condições estupidas.

Reiterou-a, depois, a candidatura official de 1913, com que o Sr. Rodrigues Alves annulou de um traço, o acto da colligação, que me escolhera, acto que me havia sido officialmente communicado, e que recebera, em S. Paulo, a sanção da maioria da commissão executiva do partido.

Em 1917, outra vez, a candidatura official evidenciou a tenacidade systematica da exclusiva, que me acompanha.

Agora a repete, com emphase inaudita, e circumstaneias em verdade affrontantes, a candidatura official de 1919.

Creseentemente, pois, sempre com arrogancia maior, sempre com um desprezo mais cynico de tudo, á medida que avulta para commigo a consideração publica, o veto fatidico dos pachás da Republica se vae accentuando; e, em quatro eleições presidenciaes successivas, a estúpida politica brasileira me condeecora com a sua eterna interdição.

E' portanto, senhores, a quarta fulminação que me cae sobre a cabeça. E vede, meus amigos, não parece que ella se resentisse da sideração.

A continuidade com que se succedem esses interdietos, bem me deixa ver, ha longo tempo, que todos elles se ligam, num systema, numa conjura subterranea, ou numa condição inherente á politica estabelecida em nossa terra pela reacção dos usurpadores do poder contra o sentimento nacional.

A eliminação de hontem, pois, não me tomou de surpresa. Antes a esperci sempre, e sempre a prenunciei.

Proscrição ? Glorificação.

Velha, esperada e desprezível, una proseripção desta natureza não me podia entristeeer. Não ha nenhum traço de molaneolia na situação do homem, que cae das enganosas alturas da politica nas braços da nação.

Não sei como se devesse achar triste una proseripção honrada. Antes a sentiria eu luminosa e radiante; e, si a "um bielo da terra tão pequeno" pudesse tocar qualquer reflexo de gloria, talvez na minha proseripção houvesse mesmo alguma cousa de gloriosa.

Falhou de todo em todo o calculo deprimente, que ella indicava, como falhara o da conspirata de corrilhos e secretarias, que me exeluiu da embaixada a Paris. O poder, no Brasil, não é sinão uma tarima de senzala, acobertada de baixas pompas. Quem sobe desso envilecido estrado ao seio do povo; quem dessa gafaria armada em côrte se eleva á estima de seus concidadãos, nada perdeu; nada tem de que se doer; ganhou o maior dos valores humanos, a consideração de seus semelhantes; vingou essas alturas ideaes da serenidade na vida, em que a consciencia da creatura se encontra com as benções do Creador.

Em tal companhia não ha solidão para o justo, não ha turvação do contentamento interior, não ha horas dissaboridas e taciturnas. O que ha é sentimento de estarmos eom o bem, sem interesse. O que ha é o transporte d'alma ás regiões, donde não se olha, nem se enxerga sinão para cima. O que ha, é a exaltação do espirito, em acção de graças, ao Senhor de Misericordia, nosso abrigo, nossa Providencia, salvação nossa por nos livrar e apartar dos mãos.

Arrede-se de nós todo esse aviltado mundo, que delles se compõe, todo esse mundo que elles senhoream; e não nos faltará jáunais, para

não termos saudades das Gomorras e Sodomias da corrupção politica e moral, a bendita assistencia do Grande Companheiro de todos os homens e a sua voz na voz incorruptivel do povo.

Czarismo e kaiserismo.

A ôca o trapalhona hypocrisia do nosso republicanismo bate as palmas ao cair das tyrantias na Europa, mas importa de Berlim e Petrogrado ao continente americano a essencia dos piores governos, ali arrebatados pelo vendaval da colera das multidões. Não é outra cousa este furor delapidatorio, que esteriliza a administração, este industrialismo sordidissimo, em que a politica se mercadeja, esto desamor da patria, com que nos offerecemos ás ambições estrangeiras, este orgulho, esta arrogancia, este cynismo dos potentados, este desprezo frio e aggressivo com que a opinião publica é ludibriada pelas autoridades.

Uma tal politica resume em si o peor da politica do kaiserismo e o mais ruim da politica do czarismo, associados o meneados, aqui, não por essas castas antigas o numerosas, brilhantes e cultas, que senho-reavam aquelles imperios, mas por alguns aventureiros a que não assiste prestigio de nobreza ou antiguidade, opulencia ou cultura. Dos frutos da politica do kaiser e da politica do czar, o mais grave não é a guerra, que o primeiro desencadeou, e em que o segundo traiu a sua propria nacionalidade. A mais grave das suas consequencias é a anarchia, para a qual o regimen dos czares allanava o terreno, havia seculos, na Russia, e de que a maldade atroz de Guilherme II cultivou o negregado germen, para o inocular e propagar, com sciencia infernal, no coração dos dominios moscovitas. Dahi, volvendo-so contra o demonio que o espalhara, contagiou a grande peste a Allemanha, que a levou ao regaço de sua vizinha, e se derramou pela Europa, inquietando agora o mundo inteiro.

Uma commoção tal, por mais horrenda que haja sido a guerra, vem a ser ainda com vezes mais sinistra. Porque não é a fraternidade; é a inversão do odio entre as classes. Não é a reconciliação dos homens: é a sua exterminação mutua. Não arvora a bandeira do Evangelho: banê a Deus da alma e das reivindicaciones do povo. Não dá tréguas á ordem. Não conhece a liberdade christã. Dissolveria a sociedade. Extinguiria a religião. Deshumanaria a humanidade. Everteria, subverteria. Inverteria a obra do Creador.

Ora, senhores, taes cataclysmos não vêm ao acaso, nem de improviso. Resultam, necessariamente, da mais longa actuação de causas continuadas. Na Russia o na Allemanha o que os originou foi a inveteração das autocracias, isto é, a soberania do arbitrio, da irresponsabilidade e da oppressão, eternizados, inalteraveis.

A oligarchia brasileira

Substitui, nesta formula, a autocracia pela oligarchia, e tereis, com rigor, a situação do Brasil.

Foi a autocracia que, na Alemanha, permittiu ao querer discricionario de um homem, fanatisado e servido pelo delirio de uma casta, afundir o universo na mais medonha de todas as guerras. Foi a autocracia que, na Russia, habilitou a camarilla imperial a trahir a patria, entregando os exercitos russos, desarmados e desabastecidos, á matança ininiga. Dahi, pelas consequencias e influencias da guerra, a fatalidade actual, o advento da anarchia, que já conflagra a Europa Oriental, que alaga de sua lava a Europa Central, e, dessas crateras em ignição furiosa, desses centros de vulcanisação, generalisada, estremece, com o seu trovejar subterraneo, com os seus abalos scismicos, toda a crosta do mundo moderno, até a Italia, até a Hespanha, até a velha Lusitania, até a Suissa da pura democracia, até a tranquilla Escandinavia, até a liberrima Inglaterra até essa maravilhosa democracia Norte-Americana, até a Republica Argentina, administrada por um governo radical. Quadro tremendo, em cujo fundo, esboçado a trevas e sangue, parece ver-se o terrivel leão dos livros santos, rodeando, em cata de novas presas, todo o genero humano.

Isso, que as autocracias fizeram na Russia dos czares na Germania dos kaizeres, isso, exactamente, está fazendo, no Brasil, a nossa omnipotentefoligarchia; abrir, pelo descontentamento geral, as portas á anarchia, á seducção do povo pela anarchia, á dissolução do povo pela anarchia.

Revolução, ou dissolução ?

Hoje, no mundo, já não ha revoluções : ha dissoluções. Para evitar as dissoluções, fazem os governos as revoluções por meio de ousadas reformas, e medidas transcendentaes. Na ausencia destas, as nações estacionarias não se revolucionam : decompõem-se, vão-se dissolvendo num estalar crescente de todas as juntas do aparelho social.

A revolução regenerava, seneava, renovava. A dissolução envelhece, desorganisa e mata. A revolução atacava as fórmas do Estado, exterminava os privilegios, consolidava a liberdade, assentava a soberania do povo; mas sobrepunha a todos os poderes constituídos a lei, a justiça, o direito. A dissolução pela anarchia rejeita a sociedade, rejeita a religião, rejeita a Patria, rejeita a historia, substituindo tudo pela mera inversão dos factores da injustiça social.

Assim que, senhores, já não é, hoje a anarchia uma palavra, um mal vago, remoto, exotico, dominavel pela força organizada. E' uma allucinação reduzida a pratica. E' um pesadelo introduzido na vida real. E' uma contingencia imminente, um perigo á porta, e poderia vir a ser, de um momento para outro, uma realidade actual. Toxico subtil nas combinações debaixo das quaes se propina á consciencia dos humildes, sente-se menos nas alturas, porque, nas suas tendencias geraes, participa da natureza de certos gazes pesados, como o oxido carbonico, que gravitam para as camadas baixas do ambiente, e rastejam com a morte pelo chão. Mas por toda a parte se infiltra, em toda a parte se achia, e de toda a parte, ameaça.

O mundo inteiro o está sentindo. O mundo inteiro contra elle se reveste de forças Moraes, elevando as suas concepções da sociedade, revolucionando as suas leis, democratizando as suas constituições, entregando aos povos a solução dos seus problemas.

Só o Brasil não vê. Só o Brasil diverge. Só o Brasil recua. Só o Brasil se acastella na mentira de uma rotina conservadora, com que a industria politica mascara os interesses da sua estabilidade. Só o Brasil renuncia a ter um governo de legalidade, honestidade e liberdade, para se offerecer ao mundo no espectáculo de uma nação de vinte e cinco milhões de almas debaixo dos pés de sete acrobatas da feira politica.

Ai do povo, que se não envergonhe de tal farça! Ai de nós brasileiros! Ai de vós classes conservadoras! Si não souberdes levar a Nação Brasileira á sua reintegração na posse de si mesma, não são unicamente as nossas instituições as que periclitam: é a sociedade toda; é toda a ordem humana e divina, abandonada ás ondas estrangeiras, que para nós avançam: as ondas barbaras da desordem, ou as ondas subtis da colonização politica. Anarchia, ou protectorado. Protectorado, ou anarchia. Eis a fórmula do nosso proximo destino. Si o Brasil não acorda. Si a Nação não se reconquista á si mesma. Si um grande povo não se envergonha de se deixar calvagar e deshonrar por uma ciganagem pernostica e desabusada.

A verdade é esta, senhores. Eu vol-a annuncio em toda a sua tremenda gravidade. Ou o Brasil entra immediatamente numa reconstituição profunda, ou começa immediatamente a entrar numa phase, de que não sahirá nem com as suas instituições, nem com a propria honra da sua situação internacional intacta.





IMPRESSÕES DE VIAGEM

DA PRAIA DA ARMAÇÃO ÀS
PRAIAS DA CONCHA E DO PERÓ

.....

Contrastando com a triste impressão hygienica dos campos de Sacco de Fóra onde o leito da estrada se estende por grande distancia sobre um aterro, o painel é ali extremamente seductor e bizarro. As campinas de grama rasteira, sementeadas de arvores e moitas verdejantes, dão antes a ideia de uma paisagem caprichosamente inventada por um jardineiro culto do que pelo Criador inspirado pelo genio artistico da natureza e do acaso.

De todo o roteiro da viagem é este o logar mais flagelado pelo impaludismo e seria o unico verdadeiramente bello, si não o fosse tambem a caminhada entre a lagoa e os campos de Itapeba, á margem de um immenso tabual comprehendido entre o leito da estrada e a praia do Peró, orlada de altos comoros de areia branca manchada aqui e ali de uma vegetação rasteira e de verde carregado.

Chama-se este lugar Gurirys pela abundancia do coqueiro deste nome, aliás uma verdadeira palmeirinha de jardim, digna de adornar o melhor delles, não só pela elegancia ca-

prichosa do arbusto como ainda pelo perfume e bizzarria dos frutos justapostos em torno de uma haste central, dando á espiga a apparencia de um abacaxi,

E' um fruto selvagem e nativo em todo o municipio de Cabo-Frio e, si não fosse de tamanho tão insignificante, não excedendo muito a um grão de milho, e tão difficil de descascar, seria preferivel ao da Bahia. E' tambem o fruto da eriançada que, além de comer-lhe a polpa, lhe suga todo o mel da parte molle e externa da casca perfumada e doce.

Em grande parte da praia de Manguinhos e da Rosa com que a primeira se continua até a Barra de S. João, existe uma quantidade immensa de taes arbustos e, quem quizer prestar attenção, verá, edificado, o gracioso espectaculo das tres côres orlando as aguas azues do mar: a praia barrenta e anarella no primeiro plano, junto ás aguas, a areia branca mais em cima e, no alto, a fita verde dos gurirys encarreirados formando o ultimo plano da tela.

Quem percorre a praia de Manguinhos, por volta das dez horas, apanhando dum lado do corpo o sol ardente e do outro os ventos humidos do mar, e, após bem meia legua de percurso, entra nos valles amenos e sombreados das collinas da Armação, sente logo a impressão de um allivio inesperado e completo.

Praia da Armação.

Entrei na praia da Armação dos Buzios em meio de uma verdadeira decepção. Julgava encontrar uma bahia fechada como a do Rio e no emtanto depara-se-me uma depressão de praia que me representa ter, de largura, o dobro da distancia de fundo. Logo ao sahir da estrada vejo na praia sobre areias cobertas d'agua, pela alta das marés, um pequeno navio de rodas meio carcomido. O que está á vista é apenas a antiga casa das machinas porque o resto do navio já foi destruido lentamente pelos aproveitadores de ferro, bronze e outros metaes de boa qualidade. Ainda hoje a pilhagem continua, e continuará até que lhe não sobrem mais nem ao menos as rodas. Chamava-se «Galgo» e encalhará, havia cerca de cincoenta annos, para evitar provavelmdnte o naufragio,



mas encontrára tanto fundo que por pouco mais teria destruído junto á praia uma casa da qual só se conservam hoje os alicerces.

Da profundidade da bahia já sobejamente proclamada, suspeita-se logo ante a côr azul excessivamente carregada não só no centro mas ainda a poucos metros da praia. A sua extensão deve regular approximadamente por tres ou quatro vezes a enseada de Botafogo e, si não fosse tão aberta, seria, com as suas aguas mansas e profundas e as collinas que a cercam, encarreiradas, a melhor base de um porto militar no Brazil.

Um grupo de dez a vinte casas, si tanto, ao correr da praia, completam a povoação onde a impressão de abandono e falta de recursos é a mais completa possível.

Antes do almoço eu, Joaquim Nogueira e o seu filhinho Fausto, que a mais não ia a comitiva, subimos a um outeiro na extremidade direita da bahia afim de visitarmos a capella de Sta. Anna, o unico monumento do lugar. Um velho pescador vae como cicerone e claviculario. A' esquerda da capella deparamos com varias sepulturas n'uma das quaes ha uma inscripção curiosa: "Aqui jazem os restos mortaes de Fulano de Tal fallecido com cento e nove annos de idade." E' o antigo cemiterio, hoje abandonado e aberto, ou antes pasto das cabras que ali encontram grama alta e viçosa.

Ao fundo da capella ergue-se o novo cemiterio muito modesto, deixando ver por cima dos muros de taipa commum os galhos mais altos dos crotons. A um ranger de ferros velhos, a fechadura cede e a porta da capella se abre. Entramos. Ao imagem da Padroeira ao fundo, um pulpito baixo de madeira á direita, a sacada do coro ao correr interno da fachada principal e a cobertura de telha van completam-lhe as linhas geraes do conjunto. Dada a distancia da séde da Parochia, em Cabo-Frio, raramente ahi se reza uma missa ou ladainha festiva, mas em compensação, ao correr da parede lateral direita estende-se a galeria dos milagres da Padroeira pintados e descriptos rusticamente por mãos de pescadores sinceros. O principal thema é o soccorro aos naufragos e parece que, embora não sendo velha a capel-

la, é antiquíssima neste lugar a devoção á Santa, pois num quadro, acompanhado de inscrição, vi referências a uma tempestade em alto mar por volta do seculo dezoito.

Praia dos Ossos.

Entre o outeiro da capella e a extremidade direita da balia, ha uma pequena enseada de cerca de quinhentos metros de largo sobre a mesma distancia de fundo; é a praia dos Ossos. Logo á entrada accusa, segundo calculos de pescadores, onze braças, e entre o centro e a praia seis a oito. Eram seguramente onze horas da manhã marcadas pelos nossos relógios e estomagos. Procuramos a casa de um amigo de Joaquim Nogueira sob a guarda de pescadores e almoçamos, com um appetite de cyclopes, o classico e tradicional frango assado com farofa acompanhado dos modernismos ahi indispensaveis: Caxambú e Lambary.

Praias Azeda João Fernandes e Brava.

Feito o chilo e aplacado o rigor solar, sahimos por volta das duas horas em demanda das praias proximas: a Azeda, a de João Fernandes e a Brava, todas fóra da bahia e á sua direita. São todas limitadas entre si por um correr de rochedos e tão bem separadas umas das outras que o caminho para cada uma não é o mesmo, sendo mistér, afim de apanhal-o, partir sempre da praia da Armação e galgar collinas de custoso accesso. A praia Azeda e a de João Fernandes são ambas forradas de areia roxa, a primeira abundante em piteiras e a segunda em cardos espinhosos. Já a Brava diverge inteiramente, o seu revestimento é todo de granito penhascoso, abundam os cardos barbados e a vegetação das collinas muito ingremes que a circumdam inteiramente contorce-se fustigada pela constancia dos ventos. Composta de duas enseadas pequenas e em arco, lembra sem exagero o desenho de um coração de almofada ou canteiro de jardim ao qual faltasse o vertice. Mutilada no final do desenho e extremamente encapellada, deveria chamar-se, em attenção ao sentimentalismo das populações praieiras, praia do Coração Despedaçado.



Praias da Concha e do Perú.

A praia da Concha e a do Perú, contiguas, estendem-se dos rochedos proximos á praia do Bufador. do lado de fora da Passagem, até perto da Arnação. Proxima aos rochedos ha uma península, aliás ilhota na alta das marés, conhecida vulgarmente por ilha do Perú, que divide e distingue as duas praias, uma pequena á direita, a da Concha e a outra immensa que tem o nome de península. Esta ultima, muito ampla, orlada de cardos e comoros de areia, forma um bem traçado semicirculo do qual a ilha Comprida parece ser a extremidade central do raio geometrico.

A ilha do Perú vista da praia é quasi sem interesse: um outeiro coberto de grama e mais nada, percorrida, porém, com vagar, é original e linda. Do lado esquerdo ha uma furna, a do Caboclo, tendo engastadas no fundo umas pedras negras que lembram a pintura grosseira de um macaco de tamanho regular; o mais interessante, porém, é que o mar, entrando por ali a dentro, nem sempre permite uma pesquisa afim de desencantar o prodigio.

Vista e penetrada a furna, percorremos a península em todos os sentidos até que esbarramos às bordas de um despenhadeiro na extremidade de um corredor fundo, alto e longo, aberto para o oceano, onde as ondas entram rugindo apertadas entre as paredes de granito lascado de alto a baixo.

Pescaria.

Quando voltavamos para a praia, um pescador que ficára a um canto da península a vigiar o peixe, começa a fazer signaes para um grupo de companheiros reunidos em torno de uma canôa com a popa em terra e a prôa balançando na agua. A um gesto decisivo seu, um velho de barbas brancas, de japona azul mariulho e calças arregaçadas, conforme os estylos profissionaes, dá uma ordem rapida e a canoa é impelida com força para o mar.

Os pescadores que se acham junto á prôa embarcam logo pelas bordas em numero igual para cada lado até que

chega a vez dos da popa. Os remos mergulham e saem á flor d'agua, silenciosos e cadenciados, e a canôa parte descrevendo um semicirculo que vae de um ponto a outro da praia, marcado a principio pela esteira espumosa e branca e finalmente pela linha escura da rede com uma extremidade ancorada junto á terra e a outra crescendo sempre a proporção que cresce o percurso em arco da canôa. Feita a rota puxam-se as duas extremidades da rede para um mesmo ponto da praia e o cerco aperta mais e mais.

Um tremor desordenado e constante percorre-a em todos a extensão, a superficie das aguas comprehendida no cerco muda pouco a pouco de cor e aspecto, encrespando e escurecendo até que a peixada começa a saltar fóra da agua exhibindo á luz do sol raras faiscações de prata polida.

Emfim, a rede é puxada para a praia, envolvendo em confusão as tainhas que estalam ao saltar sobre a areia onde começam a embaciar o fulgor argentino das escamas.

Um cação e uma arraia, peixes considerados sem valia, são logo mortos a faca e atirados a um canto como cousas imprestaveis, enquanto criancinhas innocentes, filhas de pescadores, obedecendo á tendencia atavica, cercam, sem ordem os paes, atarefados e impacientes.

Uma por uma são libertadas as tainhas do garrote das malhas e amontoadas a um canto, onde agonizam, exhibindo nos ultimos estertores, a purpura das guelras.

Um *vamos* do meu companheiro de viagem faz-me accor- dar do devaneio e logo tratamos de partir.

Eram tres horas quando montamos a cavallo levando as alforjes carregadas de espongiarios e buzios. Alli ia a carga mais forte porque a mais rara, as algas petrificadas e os finissimos caramujos de nautilos, impropriamente chamados polvos; estes iam bem accomodados numa cesta com alça que muito me custou a carregar num percurso de quatro legoas e meia, durante o qual o proprio passo macio e cadenciado do cavallo marchador offrecia perigo á integridade do the- souro.

Em meio do caminho que vae da Armação a Mangui- nhos mostra-me o meu companheiro de viagem um atalho



que vae ter á praia da Ferradura. Ou fosse que m'a não gabassem bastante ou que a cesta me começasse a agravar o cansaço e máo estar produzido pelo sellim franqueiro em que vinha montado, não fiz questão de conhecê-la. No entanto, quando de volta ao Rio, em conversa com um fazendeiro de Bahia Formosa, ouvi-lhe dizer, como eu muito enco-miasse a praia do Forno, que seu pae, viajando pelo mundo inteiro e conhecendo esta, costumava dizer que nada conhecera tão bello como a praia de Ferradura em noites enluaradas.

Rio, 3 de Maio de 1918.

PORFIRIO SOARES NETTO.





VERSOS

A OLAVO BILAC

I

*Sagrou-te Amor seu cavalleiro errante.
Aligero corcel te deu e a espórá
De oiro. E, apontando-te o infinito: — «Avante!»
Disse... E partiste pelo azul em fóra.*

*Mergulhaste nas flamma do Levante...
E embriagou-te a musica da Aurora!
Cantaste... E das estrellas, coruscante,
O côro respondeu-te á voz canóra!*

*Tonto de luz, a lança de oiro em riste,
Olhaste em derredor... E viste que eras
Pelas estrellas conduzido... E viste*

*Que te rodeava um mundo de chimeras...
E, ebrio de amor, ebrio de sonho, ouviste
A estupenda harmonia das esphéras!*



„Jardín Florido,“

GEORGINA DE ALBUQUERQUE

WESSEL



GEORGINA DE ALBUQUERQUE

„Perfume,,

II

*E sentiste a vertigem do infinito:
Um turbilhão de estrellas te levava,
Pelos céos... E, afinal, guerreiro invicto,
Força te foi render-lhes a alma escrava.*

*Era um sonho, talvez... Sonho ináudito!
E' que não viras que, a teu lado, voava,
O ardente olhar na tua frente fito,
O alado deus de settas de ouro e aljava...*

*Invadiu-te, depois, somno profundo,
E, sobre as nuvens, repousaste... E, quando
Desperto, viste que o teu peito, fundo,*

*Pontas de fogo estavam lacerando...
E, então, sobre as miserias d'este mundo,
Tua lyra immortal ficou vibrando!*

HEITOR DE MORAES.

MORTA

*De Isa vibravam na rogal cabeça
Reflexos de opulentas pedrarias.
Mas nos olhos mais brilho tinha, — pias
Luzes de astros rolando em tréva espêssa.*

*— O' vestido vermelho que a cingias
Perdeste a côr, que se gelou deprêssa:
Viste na bocca e rôsto de Isa, exprêssa,
Laca solar de lunes e ardentias ..*

*Tinha joias nos dedos — quasi agulhas:
Porém, na rósea flor do cóllo, ondeando
Havia claras chanimas e fagulhas.*

*E ainda hoje, que se foi, que ella está morta,
Vejo-lhe o vulto rútilo, fluctuando
Entrar, como um Verão, a minha pórtta.*

AS DUAS RAÇAS

Nous avions tiré le dieu Eros de cette onde, et nous sentions maintenant qu'il avait rallumé en nous les âmes ardentes de nos ancêtres.

EDGARD POE.

*Eu sou filho da Hellade, ou de alta estirpe oriundo
Da Gallia, e aqui nasci nesta onda de calor.
E a Flôr de Sol da tribu, o cacique jocundo
Fel-a um diu mulher do audaz Conquistador...*

*A minha raça as náus bojou de ouro no fundo ;
Depois lançou a morte á tua, todo o horrôr,
E partiu ; mas fiquei, réstos do velho mundo,
Sem saber o que sou: vencido ou vencedor...*

*Mas tu trazes nas mãos a flexa hervada, filha
Da brasileira floresta, e o ar de lucta e carnagem.
Eu ergo a espada de Toledo, que em mim brilha.*

*Se da gloria commum nascemos ambos, erra
Sobre nós dois o teu heroismo de selvagem,
E sonho que hei de ser um bello heróe na guerra.*

MANUEL DE AZEVEDO.

INICIAÇÃO DO SONHO

*Quando ábri os meus olhos para a vida,
No meu grande desejo de viver,
Eu bem vi uma sombra indefinida
A grande alma das cousas envolver.*

*E de então a belleza do meu sonho,
Tão rutilante nos seus brilhos reaes,
Transfigurou-se no feitio tristonho
Da belleza dos sonhos immortaes!*

*A grande luz do sol diminuiu,
Emurchecendo o seu brilhar profundo...
E ante meus olhos subito cahiu
Uma sombra infinita sobre o mundo!*

*E esta sombra bemdicta que eu proclamo,
Amorteceu todo clarão superno!
E' por ella que eu louvo, canto e clamo,
A belleza da vida e o Sonho eterno!*

*O' meiga Musu! em tuas mãos deponho
A minha vida e os meus cantos reaes!
Sou feliz porque tenho n'alma um sonho,
Da belleza dos sonhos immortaes!...*

A UM POETA

*Quando sentires o amargor da vida,
Nos teus labios anciosos florescer,
Não procures jamais emudecer,
A emoção de tua alma dolorida...*

*Si o Destino indeciso te intimida,
E o teu orgulho não souber soffrer,
Não deve o coração nunca esquecer,
A existencia que já foi vivida...*

*E si o teu Canto for um hymno ufano,
Consagrador da lucta e da victoria
Do ideal do Coração humano,*

*Terás no fim da vida a verde Palma
— Que illumina o Poeta em sua gloria, —
E a belleza de um sonho dentro d'alma...*

SONETO DE AMOR

*Bemdicta seja a hora afastada e distante
Em que surgindo toda aureolada em ventura,
Tu fizeste de meu coração palpitante
O eterno adorador de tua alma tão pura.*

*Com a tua bondade eterna e emocionante,
Afastaste de mim os dias de amargura,
E em minh'alma nasceu uma canção radiante,
Que veio illuminar minha vida futura...*

*Não preciso de força humana que me anime;
Pois basta para mim a luz consoladora
E a bemdicta expressão do teu olhar sublime.*

*E foi um gesto teu, augusto e soberano
Que ao meu olhar mostrou a força irradiadora
Dos divinos portaes do coração humano!*

RODRIGO OCTAVIO FILHO.





A AMERICA E A GUERRA ⁽¹⁾

A NAÇÃO

Foi com um artifice destes que a nação se fez. Vós vos recordaes das circumstancias, porque são de hontem.

Tres guerras planejou friamente Bismarck e tres guerras levou integralmente a termo. Dificuldades houve, e sem conta. Lutas de toda ordem explodiram. Jorrou o sangue em borbotões. Por vezes a vontade se lhe pareceu dobrar ao fragor dos successos, mas foi transitorio. E, acima de tudo, dos acontecimentos, dos conflictos, dos homeņs, das cousas, uma só entidade sobressahia incolume, dominadora, cada vez mais potente e autoritaria, a do chancellor.

O *junker prussiano* não se enganava ao sonhar para a sua patria, a Prussia, a hegemonia na confederação germanica. Era preciso reunir todas as provincias esparsas e dar-lhes vida sob seu bastão de comando: elle e ella, a cabeça um, o braço outro, ambos creados para crescer, medrar, progredir desmedidamente. Não fora tambem o congresso de Vienna o resumo perfeito do que movia a Prussia no seio das irmãs allemans? "A constituição physica da monarchia faz da ambição ali uma necessidade. Todo pretexto lhe é bom. Nenhum escrupulo a detem. E' a conveniencia o seu direito." Prescrevendo assim as instrucções aos seus embaixadores no congresso, dir-se-ia sentir já Luiz XVIII a ferida futura no coração da terra natal, prefaciando o que um grande dos tempos actuaes, em luta contra a barbaria, synthetisou magistralmente: "A Prussia não é um estado, a Prussia não é uma nação, a Prussia é um exercito..." Ah, que admiravel vingança para a humilhação de 1806!

Tinha Goethe aconselhado os seus compatriotas a se absterem, durante trinta annos, de pronunciar a palavra sentimento. Bismarck

(1) Vide n.º de Dezembro de 1918.

vae ser o executor desse lemma cruel, inaugurando a politica de absorção germanica por uma conquista que foi quasi um passeio militar. Eu me refiro á sua primeira campanha, a guerra dos ducados. Ahi terçoou armas e ahi fez-se respeitado universalmente. Antes de mais nada carecia a Allemanha de expandir-se para o norte e por elle começou a crescer. Bismarck forja um pretexto qualquer de hostilidade, e, com a alliança da Austria, arrebatou á Dinamarca o Schlesvig. Kiel pertence-lhe por direito de conquista, para constituir base naval de primeira ordem. A Europa mal informada ainda, vacillante, deixa-o executar o que planeja e commette o seu primeiro crime, — a contemplação impassivel de um assalto inaudito, que vae ter echo adiante e findar num inferno universal de sangue... “Dous colossos precipitam-se sobre a pequena Dinamarca, diz uma pagina eloquente, e alcançam o que querem, não sem algum esforço, porque os dinamarquezes lutaram até o ultimo momento pela honra da bandeira, á espera dos soccorros inglezes e francezes que não chegaram...”

Precedente, lamentavel, elle consolida-se mais tarde, ante a invariavel indiferença continental. Dois annos depois, em 1866, reccioso de sua aliada de hontem, Bismarck medita cahir sobre ella, esmagal-a tambem, diminui-a, vencel-a. Não deseja mais, porque della quer servir-se depois, na terceira luta que estuda sobre a linha azul dos Vosges. E' a guerra contra a Austria.

Para a provocar, jogou prestigio, popularidade, saude, tudo. Não se podia comprehender que quizesse a Allemanha romper com a vizinha e amiga, mas Bismarck tinha suas razões e foi até o fim. Cumpria provocar a guerra, abaixar a potencia rival em beneficio proprio, consolidar o pedestal da grandeza germanica de modo incontrastavel e definitivo. Foi o periodo mais amargo de sua vida, mas Sadowa recompensou-o. Da penna que me forneceu aqui estes ensinamentos sombrios, não posso deixar de citar uma passagem fiel, porque dá bem conta dos extremos da luta e como nella se moveu o chanceller. “Aquelles que se aproximaram d'elle nessa epoca, pasmaram da sua serenidade. Embora assaltado pelas mais graves preocupações, simulava uma attitudo perfeitamente tranquilla. Sabia que seu governo não era popular, e não se alterou. Tinha contra si a côrte, o principe real, a rainha, a princoza, o partido feudal e os liberaes. Não se temia delles, certo de que seu Rei lhe era obstinadamente fiel. Ahi estava a sua força. Seus olhos tinham lampejos quando se falava de uma opposição invencivel, mas logo retomava sua placidez allemã. A frente, alta e larga, parecia cheia de pensamentos formidaveis...”

Dessa disposição de luta, vós conheceis o resultado: — uma serie de batalhas felizes, e, ao cabo dellas, a victoria completa, depois de um esforço sobrehumano para não mutilar o vencido, e somente abatel-o na sua presumpção reconhecida. Notae a visão do homem de estado, a quem não repugna, para obtenção do que almeja, nem mesmo o recurso

artificial da lagrima, e que vae dizer ao estado maior impaciente, aos regimentos cheios de ardor, á tropa triumphante, contra os desejos de entrada em Vienna, a palayra de estudada moderação: "A conveniencia ordena, não pedir depois de uma victoria o que se poderia arrancar ao adversario, mas pretender somente os resultados impostos pelas necessidades politicas..." E' com esta escola que provoca quatro annos depois Sedan para esmagar a França e deixar consumir-se a espoliação da Alsacia Lorena.

Agora não existem mais obstaculos interiores e tudo são glorias para Bismarck. Sua estatua consagrará mais tarde a glorificação, num grito de guerra que é um desafio sem resposta: *A Allemanha só teme a Deus na terra*. Divergencias internas desappareceram. Sua mão de ferro acabou com as ultimas impaciencias. Elle é todo poderoso e tudo prepara para chegar á guerra. Preciso recordar o que foi 1870? Firmada hoje sem reboço, na sua terra mesma, a doutrina do farrapo de papel como a expressão da honra nacional, sahio-lhe a campo a consciencia liberal do mundo, evocando-a nos seus mais escondidos pormenores passados: A Inglaterra, displicente; nascendo para a vida, a Italia; em França, uma cabeça coroada instaurando, para sacrificio proprio, o principio das nacionalidades. Não vê Napoleão III, não vê o mundo, que ao seu lado, no seu flanco mais vulneravel, se apparelha nma nação poderosa e rica, para a qual a justiça não conta e o direito dos fracos não passa de um escarneo. Quando abre os olhos é tarde: invadidas as fronteiras, desbaratados seus exercitos gloriosos, Bazaine rendendo-se com a flor das armas francezas, e acima de tudo e fecho de tudo, a proclamação da unidade allemã em Versailles com a coroação do imperador, a glorificação de Bismarck e a perda de duas provincias caras. O Congresso de Berlim completou a obra.

Foi dessa guerra iniqua, friamente preparada e executada, que nasceu a guerra universal de hoje. Acaso existe motivo de espanto para a Belgica violada, quando desde meio sculo antes é o confisco do alheio que se prega na Allemanha e a falsificação de um telegramma se exhibe ali com orgulho para justificar a provocação? Roon, Moltk, Bismarck: são de hontem os personagens, como de hontem data, em Ems a scena singular. En não a evocarei, senhores, vós a conheceis assás e sobre ella pronunciou a historia sua condemnação inappellavel. Direi apenas que datou de então a hegemonia germanica sobre o mundo, com seus processos menos nobres, suas desmedidas ambições, suas cruéis e inauditas praticas de guerra. "Não convêm que a impressão que se tem de nosso poderio seja diminuida, aconselhava-se além do Rheno. Ao contrario, cumpre augmental-a sempre. Não se olhem armas para isso. Na luta para a vida e a gloria, tudo serve." Codigo de autoritarismo e de oppressão, elle passa da dynastia para os lyceos, e envenena um povo até suas raizes mais fundas. Moços e velhos, ricos e pobres, homens, mulheres, crianças, civis, soldados, todos afinam pela mesma cartilha, emquanto a grande Allemanha o *Deustchtum*, povôa de sonhos e ambi-

ções a todos os peitos. Que seria desse imperio glorioso se se houvesse inspirado para o bem? Mais tarde elle fará uma confissão rude, e bem se verá quão inutil será nortear-o na estrada dos outros. "Somos uma nação de 65 milhões de homens. Crescemos um milhão por anno, e falta-nos ar no territorio que occupamos. Pediremos terra á vizinça, e ella por persuasão ou pela força nol-as terá de ceder". O paiz era o homem. E o homem tinha confessado: "O Direito não se ha de fazer valer senão pela força das bayonetas".

(Continúa)

HELIO LOBO





PERLUSTRações MEDICAS

PERGUNTAS FACEIS E RESPOSTAS DIFFICEIS

A curiosidade é uma força.

Somos curiosos no mais alto gráo. As nossas cellulas cerebraes são solidarias no trabalho constante de perquirição. Certo instincto nos arrasta sempre não só a desvendar os menores segredos, os mais insignificantes, como a nos desvencilhar de meandros labyrinticos do incognoscivel.

Resolver um problema, achar a chave de um enigma universal ou simplesmente — matar uma charada, — eis um dos fracos do homem !

Sim, «l'homme est avide d'explications. Il faut qu'on lui montre sa vie». Maeterlinck com estas poucas palavras estuda psychologicamente uma das particularidades da cerebração humana. Elle sabe que nos neuronios e fibras de associação se escondem, ao lado das forças instinctivas da conservação individual e da especie, o instincto da curiosidade. Este não tem sido dissecado pelos estudiosos como os outros, mas sabe-se que é innato no homem e soffre a influencia do meio.

Não fôra a curiosidade o estariamnos ainda nas mesmas condições da aranha que tece a sua teia ou do joão-de-barro que faz a sua toca, sem indagar do motivo por que o fazem. A maioria dos instinctos, por serem instinctos, não se caracterizam por actos de intelligencia, como o da curiosidade que nasceu e se desenvolveu com ella. Curiosidade e intelligencia nos tornam conscientes dos nossos actos, nos dão o «poder de determinar nossas acções» na expressão de Richet.

O nosso psychismo é incansavel e insaciavel; dotou-nos a natureza de notavel dom de analyse. Os órgãos dos sentidos recebem as excitações exteriores, recolhem as impressões pelos seus receptores,

afanosamente as transmitem ao centro de convergencia que as recebe, transforma e aprecia. A curiosidade é o hypersensibilisante.

Soffremos da gula do saber. Arrasta-nos o desejo de solapar o imperio do Ignoto, de esmiuçar os recantos desse esconderijo de «eternas e santas verdades».

Mas a curiosidade humana nunca será saciada, circumstancia esta de valor capital porque «no dia em quo todas as cousas fossem explicaveis, no dia em que a Logica presidisse a vida do mundo physico e do mundo moral, a humanidade encher-se-ia de tedio. Nós vivemos para não saber, para indagar, para duvidar, para ancian. Desgraçados serão os que souberem: estancada nelles a fonte da curiosidade e da duvida, a sua existencia passará a ser insipida e desesperada. Felizmente, supponho que nunca ha do chegar essa era da completa sabedoria». Estas palavras são de Bilac, pensador e poeta' muito nosso amigo, que as derramou ao bordejar o assumpto intitulado — Civilisação.

A ignorancia é em determinado sentido, um bem. Vencendo-a sentimos o prazer da sabedoria. A natureza é avara o não satisfaz a curiosidade humana senão parcimoniosamente. Mas a curiosidade não se atemorisa ante abysmos a transpor; a viva força ella quer saltar os escolhos formidaveis, conhecer a essencia da vida, a sua origem. O afan não esmorece. As intelligencias luctadoras criam hypotheses, suggerem idéas theologicas e theorias philosophicas, como pontões para abordar a ilha dos XX. Mas quasi tudo em vão, a ilha continúa intangivel. Todavia, errando, tecendo fantasias, a idéa vai avançando. Não nos descoroçoamos; longe disso: o espectáculo dos erros, humanos, diz-nos alguém, deve dar-nos confiança no futuro: elle demonstra o poder infinito do espirito humano, e prova a evolução continua da sciencia. Demais, «a humanidade marcha não do desconhecido para o conhecido, mas do erro para a verdade».

Todos os tempos se parecem. Em todos elles os homens foram curiosos e credulos. Eram e são ainda hoje, quasi sempre, faceis em acreditar theorias. Importam muito, para a acceitação sem relutancia, as credenciaes do theorista. Vejamos exemplos:

— Como foi feita a terra? pergunta alguém.

Uma voz se levanta, e responde, ainda hoje, no mesmo diapasão das eras chaldaicas e babilonicas, pelos versiculos do Genesis:

— Pelos dedos do Creador.

Ouvidos ouviam e a turba de curiosos, acenando com as cabeças em em signal de approvação não se contem, — sanciona a decifração do enigma com um — Amen. Prompto. Nenhuma explicação mais concisa e facil. Os seculos passaram. Os espiritos se cultivaram e a razão preponderou. Insistentemente a mesma voz repete a explicação, mas como já está rouca de gritar, pouco é ouvida.

Apparece Laplace. Sem que ninguem lhe perguntasse, vae elle, de accordo com Descartes, Kant, Herschell, explicando a seu modo, a origem e a formação da terra.

— Vamos, diz o illustre scientista, admittir um sol. Deste se desagrega uma parte sob a forma de uma massa incandescente.

Bem, e então.?

Ella sáe pelo espaço a girar. Animada por um rapido movimento de rotação ao redor do seu eixo, girando, girando, vai se achatando nos polos e dilatando no equador. Pouco a pouco a massa se esfria pela irradiação calorifica. Começa a se formar a crosta. As aguas oriundas da liquefação dos vapores accumulam-se na superficie. Formam-se os oceanos. As cousas assim se foram arranjando té que a terra promptinha servio de berço á humanidade.

Voltemos aos velhos tempos. Um curioso pergunta :

— Como veio ter ao mundo o primeiro homem ?

Aquella voz, á qual já nos referimos, pela fé no primeiro livro de Pentateuco de Moysés, responde, mui á vontade :

— Foi obra do Creador.

Estamos porém no seculo XX ; a curiosidade dos homens é mais exigente e a não serem alguns conservadores, a maioria já não se contenta com essa explicação do povoamento do solo.

Haeckel veio resolver a questão a contento dos espiritos da era contemporanea. Depois do muito procurar, havia encontrado o sabio anthropologista uns ossos.

— Vejam, é o esqueleto do *Pithecanthropus erectus*, representante intermediario entre os homens e os anthropoides. A' vista deste especimen assevero que o macaco é o nosso tronco genealogico de origem.

Algun curioso que ouviu a lição, dominado pelo instincto irrefreavel da curiosidade pergunta então :

— E os macacos, e os outros animaes como se originaram ?

— Da monera, retruca Haeckel.

Ficamos, pois, sendo descendentes de uma serie de primatas terciarios e originaria na phase inicial do sêr n. 1 que o sabio acima referido denominou monera, e disso representar o elemento de transição entre os animaes e vejetaes.

Teriam os curiosos ficado satisfeitos com essa exposição tão simples ? *Ignoramus* !

Errada ou certa, eis ahi, como nos nossos dias se admite a origem da Terra, do Homem e dos animaes. Si não fôr verdadeira a theoria, admittamos a sua plausibilidade, até segunda ordem, certos de que «fazer a historia do erro, é fazer a historia do progresso».

A curiosidade humana nunca se satisfaz. E com isso scientistas se barafustam com ancia nos livros, anthropologistas se enterram nas arcias do Egypto, e pesquisadores se mirram olhando para as suas retortas de experiencias. Graças a elles — a sciencia caminha.

Para Edison a curiosidade é doentia, porque na sua opinião não se deve desejar saber o que se passa no seio de Marte, quando ainda se não conseguiu saber o que se passa no cimo do Hymalaya. Muito embora . . . Copernico, Kepler, Galileu, Descartes e Newont, os cinco

maiores homens da nossa raça, no dizer de White, deram «ao mundo uma nova revelação divina». O primeiro, celebre astrónomo, demonstrou o duplo movimento dos planetas sobre si mesmos e em torno do sol; Kepler enunciou as leis que têm seu nome; Galileu descobriu as leis do pendulo e que o sol e não a terra é o centro do mundo planetario; Descartes, o autor do Discurso sobre o methodo, com o seu *cartesianismo* e Newton com a lei da gravitação impelleram a sciencia para a frente.

Não é só. Seria um nunca acabar de citações si fôssemos nos referir ás maravilhas da cerebração humana deslocadas por diversas alavancas, entre ellas, a curiosidade.

O alchimista, quasi sempre representado por um velho alquebrado e de longas barbas brancas, na ancía de *fabricar* ouro pela transmutação de metaes, na curiosidade de resolver a pedra philosophal que devia operar esse milagre, no desejo utopico de descobrir o elixir de longa vida, fez como o caçador que atirou no que vio e acertou no que não vio — deu nascimento á Chimica!

E a medicina? Desde que apontou ao som dos canticos dos hymnos do Rig-Veda, engatinhando pelos campos philosophicos do vitalismo, do humorismo, do naturismo, veio, em nossos dias, se assentar nos pedestaes pasteurianos e listerianos. Os esculapios eram fortalecidos pela curiosidade, da mesma forma que os astrónomos e alchimistas.

A curiosidade é uma das divisões da vontade. A primeira é a curiosidade sã d'aquelles que procuram explicar os phenomenos desconhecidos que se manifestam ao seu redor. A morbida é a que se manifesta e se desloca para os dominios do capricho: é a curiosidade dos hytericos, dos psychopatas.

A curiosidade infantil é mais um instincto reflexo, nascido da necessidade de conhecer o meio onde vai travar as luctas da vida. E' a curiosidade innocente e leviana que lhe dá o conhecimento, muitas vezes, pela dura experiencia da dôr. E' queimando-se que a criança aprende o que é o fogo!

Dizem, não somos nós, que a curiosidade é apanagio das mulheres. Nestas ella é buliçosa e nervosa, impelle-as a esquadrinhar as pequeninas cousas como o astrónomo investiga com as suas lunetas de longo alcance as nebulosidades do ceu.

A curiosidade não deixa de ser um nó gordio para o medico, que, representando o papel de oraculo para os seus doentes, deve informal-os das suas curiosidades, das suas duvidas, da razão de —porques— ás vezes irrespondiveis por diversas circumstancias.

Em Epidauro existio o celebre oraculo de Esculapio, deus da medicina, que respondia pela bocca de uma sybilla ás perguntas que lhe faziam. O curioso entrava pelo templo de Epidauro, donde se exhalavam vapores talvez mephiticos, com a mesma ancía com que entram os doentes de hoje nos iodoformados consultorios medicos. Naquelles tempos, como agora, nunca deixou o curioso de receber a devida resposta á sua pergunta. E' que a sybilla como o medico, garantidos

pela sua situação privilegiada de prophetas, desobrigam-se das obstinantes inquirições á maneira dos theologos quando explicam a criação da terra.

Quando o curioso é culto e o medico não pode esquivar-se á resposta á situação é, em certos casos, difficil, mas nunca embaraçosa para o interpellado estudioso. Pode-se não dar a explicação exacta de um phenomeno, mas conhecendo-se as sciencias basicas, a physiologica em primeiro lugar, está-se apto a interpretar qualquer manifestação normal ou anormal por mais estranha que ella pareça ser.

Quantas vezes, não temos sido perguntado por um consulente, que á viva força quer saber a razão do seu temperamento nervoso, da sua magreza ou obesidade, da sua calvicie precoce. A diathese arthrica sendo um conjuncto de perturbações que se traduzem por manifestações varias e caprichosas, serve como bôde espiatorio para muitas fugidas. O cliente quer saber, o medico tem o dever de lhe dizer o seu mal.

Imagine então o leitor a situação do medico quando, certo de ter satisfeito o doente, é por elle interrogado :

— Mas dr., que vem a ser diathese arthritica ?

E' uma bradytrophia na opinião de Landonzy, uma autointoxicação, um envenenamento chronico, é o mal da moda, do seculo.

— Mas como se processa esse envenenamento chronico ?

Vamos nos comparar ás machinas de estrada de ferro que para rodar precisam de combustivel. O combustivel animal é o alimento que ingerimos e o combustivel da machina é a hulha. Pois bem, ambos se queimam para produzir calor. Ambos eliminam as cinzas resultantes da combustão. Supponha que esse carvão queimado e as cinzas da machina não são postos fóra. Que acontece ? Abafam as brazas, a machina começa a perder a sua força, a mangar e . . pára. Assim dá-se com os arthriticos, cujas grellhas, os rins e outros emunctorios, não funciouam bem ou são affligidos com os residuos em excesso para eliminar. Estes accumulam-se e agem irritando as cellulas nervosas.

— Ahi está o motivo do seu nervosismo.

Os accumulam-se no bulbo piloso e . .

Ahi está a causa da queda dos cabellos, etc.

Si o doente não comprehendeu é justo que se dê por satisfeito e deixe o medico em paz !

Nunca se deve esquivar a responder a um doente. Nunca dar explicações com termos incompreensiveis aos leigos.

A's vezes os curiosos não são doentes. Encontrando um esculapio perguntam-lhe por exemplo :

— Porque é que o cachorro de rabo cortado não tem filhos sem o appendice caudal ?

— Pela mesma razão por que um individuo que perdeu um braço num desastre não tem filhos sem braço.

Mas o curioso não ficou satisfeito e insiste :

— Si cortarmos durante vinte gerações os rabos de todos os cães que nascerem, não conseguiremos por fim obter cães sem rabo ?

Não, diremos nós, pela mesma razão por que se explica a circuncisão dos israelitas !

Si fossemos explicar a questão da herança das funcções, que as particularidades anatomicas não são hereditarias, e mais ainda, como os criadores jogam com a lei da hereditariedade para obter um cão Fox Terrier sem cauda, não teriamos nesse dia tempo para outra cousa e arriscariamos perder o nosso tempo pela collisão no cerebro consulente de tanta noção scientifica engarrafada sob pressão.

Um outro assumpto muito debatido nas conversações é o do «determinismo dos sexos». Já estamos enfasiados de perlustrar com o nosso raciocinio veredas tão tortuosas.

Ultimamente, com o enorme claro aberto na fileira masculina da Europa, perguntaram-se se seria possivel descobrir um processo para fazer com que só nascessem homens para compensar o desfalque havido.

O curioso era lido e argumentou: si as abelhas produzem á vontade machos e femeas, si por meio de alimentação apropriada fazem com que as abelhas femeas sejam susceptiveis de se tornarem mães ou ao contrario infecundas (obreiras), porque nós, homens, com tantos conhecimentos não poderemos fazer o mesmo ?

Como de costume, resalvada a falta de modestia, respondemos: eis um porque — que desde 1672 não deixa a curiosidade humana em socego. Nesse anno Drelicourt, na sua *Apologia médica*, ennumerou 262 hypotheses relativas ao determinismo dos sexos. Declarou todas ellas sem fundamento. Não satisfeito, não se conteve ao desejo de apresentar uma. Com isso as hypotheses subiram a 263 ! Mas... Drelicourt também errou... ; e hoje, já no seculo XX, surge um illustre scientissta que sem velleidades de formular mais hypotheses se contenta em declarar «não existe, e sem duvida felizmente, processo facil para se ter á vontade uma fillia ou um filho.»

Já vê o leitor que respondemos na medida das nossas forças ás perguntas que nos fizeram e asseveramos mais, por enquanto ou sempre existirão *porquês* que envolvem causas iniciaes e finaes para as quaes as respostas serão hypotheses. Mas nos embarçamos !! Isso só nos aconteceu uma vez e... poderá ser muito provavel que se repita. Certo, depois da consulta, indaga-nos uma grega em francez duvidoso, como toinaria o medicamento por nós receitado. Explicamos. Não comprehendeu. Recorremos ao vocabulario polyglotico, em vão. Subitamente a doente resolve o problema, tirando-nos do embaraço e dizendo-nos em bom portuguez o que não foi possivel dizer em outras linguas de modo diplomatico.

Estamos certissimos da curiosidade do leitor !

E isto proya, que a curiosidade é uma força, que ás vezes, torna-se braza. Perguntas são todas faceis de se fazer; respostas, essas sim, representam sóes para muitos Icaros !

DR. RENATO KEHL.





CINCO ANOS NO NORTE DO BRASIL

NOTAS À MARGEM DO RELATORIO
DO DR. NEIVA SOBRE O NORTE.

III

«Da Alagoinha em diante, a zona é evidentemente semi-árida; e revolta ao mais alto ponto, a destruição da pouca vegetação existente; as principaes responsaveis ahí são a E. de F. S. Francisco e a Companhia de Viação Fluvial.»—*Dr. Neiva*, pagina 77.

Eis ahí o principal factor da formação do deserto em o nordeste: «a destruição da pouca vegetação existente». E' um facto doloroso constatar que nessas regiões a matta está desaparecendo.

Só no rio Parnahyba ha uma extensão de 1.215 kilometros, em que se corta lenha para os navios, e outros tantos nos rios Itapicurú e Mearim.

Tres meios efficazes existem para corrigir o grande mal: —primeiro, regularização ou transformação da navegação dos rios; segundo, plantação de essencias florestaes, prohibindo-se o corte de arvores uteis; terceiro, punir o incendiario das mattas.

Num prazo não muito longo, pode-se transformar a navegação dos rios. O Governo prohibirá que se lance ao rio uma embarcação cujo motor gaste lenha, e não consentirá que as velhas embarcações sejam reparadas. Todo barco velho deve ser posto de lado e substituido por um que preencha as condições exigidas pela lei.

Os novos navios só poderão ser accionados por motores de explosão. São muitos os inconvenientes dos actuaes navios com motores de enormes caldeiras a vapor. Um motor de 50 cavallos necessita de uma caldeira que toma um espa-

ço precioso; a lenha, por sua vez, occupa um bom lugar e consome no carregamento, feito varias vezes ao dia, grande parte das horas destinadas á navegação.

A caldeira e o motor inutilizam as adjacencias já pela sujeira, já pelo alto calor, transformando o navio em um verdadeiro forno, principalmente quando está parado. Um tal mecanismo precisa de 3 machinistas, ajudantes, foguistas, etc., que representam não pequenas despezas. Finalmente, o peso da caldeira, agua, lenha e motor toma um terço da tonelagem do navio, senão mais, fazendo-o calar muito, razão por que as companhias ainda não conseguiram typos de navio que possam receber frete.

A's vezes, para o navio poder passar por um «rasio» reparte-se a carga. Ora, isto rouba muito tempo e faz a decadencia em que vivem as companhias fluviaes, que se não poderiam aguentar, se não fosse a subvenção dos Governos Estadual e Federal.

Todavia, sanam-se essas inçonveniencias adoptando-se um motor de explosão, da força de 100 cavallos, o dobro, portanto, dos que geralmente se usam. Precisa elle de um lugar relativamente pequeno, podendo funcionar em compartimento fechado, limpo, revestido de azulejos. De distancia em distancia, conforme a capacidade do reservatorio de essencia, com a mesma facilidade com que as locomotivas tomam agua nas estações, o navio fará provisão de oleo, dispensando aquella turma de marinheiros e «embarcaçãos», pois dois homens apenas seriam mais que sufficientes. O numero de homens para a machina e caldeiras poderia ser, tambem, reduzido a uns tres. Como estes motores não produzem calor, todo o navio poderia ser aproveitado para bem accomodar passageiros e cargas.

Não falando no enorme beneficio á collectividade, proveniente da conservação das mattas, seriam tamanhos os lucros directos das companhias que não se comprehende como não se ensaiou já, nesse sentido, a transformação da navegação fluvial.

«E' facil supor-se quaes as consequencias de taes devastações adicionadas ás causadas pelas queimadas, que têm inicio em Outubro»—*Dr. Neiva*, pagina 77.

O grande mal dos sertanejos é a inconsciencia com que commettem os erros, naturalmente devido á educação rudimentar que possuem. Quando o homem do sertão risca um phosphoro, e o abandona accesso numa touceira de capim secco, só tem em mira, ás vezes, ver as «linguas de fogo



„Serra dos Orgãos,,

GEORGINA DE ALBUQUERQUE

WESSEL



LUCILIO DE ALBUQUERQUE

„Recordações„

lambê'o agreste véio e a preá e o veado, entrá, que entrá damnado, p'rá se livrá do fogo».

Este mal, com um pouco de boa vontade da parte dos homens que estão na chefia dos municípios, seria grandemente remediados, pois por experiencia própria sei quão facil de ser disciplinado é o sertanejo.

Em primeiro lugar, nas escolas, os pequenos deveriam aprender a amar a natureza; e em segundo, as leis rigorosas poriam nos eixos aquelles que não quisessem corrigir-se.

«... o viajante lança o fogo a pretexto de preparar melhor pasto para as caravanas que se lhe succederem, pois o «agreste» depois de queimado, ao repontar, serve de melhor alimentação aos animaes.»
—Dr. Neiva, pagina 77.

O fogo, para criação de gado nas zonas do «agreste», é um mal necessario. O capim «agreste», como o «jaraguá», tornar-se-ia uma forragem intragavel si todos os annos não se renovasse pelo fogo. Mas, por causa de uma certa area aproveitada na criação do gado, não se queimem vastas extensões que poderiam ser aproveitadas para a formação de mattas. Não é problema muito difficil: é so isolar as pastagens por largos «acciros», afim de que o fogo queime o «agreste» secco, respeitando as terras para a agricultura e para a formação de matta.

O que se procede, actualmente, principalmente nas zonas pastoris, é barbaro e constitue até um perigo directo para o homem.

As queimas do «agreste» têm dado lugar a scenas tragicas. No boqueirão da «Baixa do Boi», no municipio de Bom-Jesus, um pobre sertanejo, depois de apromptar a sua roça, ateou-lhe fogo. Como o «aceiro» não fosse muito largo talvez por causa da pressa em terminar o serviço — pois os matutos ajuizados dizem: de vagar, para andar depressa; — o fogo alastrou-se para o «agreste» e fechou a entrada do boqueirão, envolvendo o camponio de tal sorte, que, desesperado, não podendo escalar as ribanceiras altas e á pique, metteu-se nuna toca, cavada no arenito da serra, em forma de forno. A que terrivel guarita o desgraçado, no seu desespero fora buscar refugio! Findo o fogo, os seus companheiros encontraram-no carbonizado...

«Sem excepção, em toda a zona, as roças são plantadas nas chamadas *coivaras*; isto é, porção de matta destruida pelo fogo, onde se semeiam



alguns litros de milho e feijão.— *Dr. Neiva*,
pagina 77.

O habito nomade dos sertanejos, que lhe não permite fixar-se num lugar por muitos annos, e o facto de todo o anno procurar novas terras para suas roças, em prejuizo da matta, é outro factor importante da formação do deserto, da aridez da terra. O agricultor nortista, o pequeno agricultor, «broca» o matto a foice; «roça» ou «derriba» as arvores grossas a machado. Feito isto, «pepina-se», isto é, cortam-se os galhos e os troncos das arvores grandes, afin de que o fogo as possa melhor reduzir a cinzas. Depois de alguns dias de sol, quando tudo está secco, e se o tempo promette chuva, mette fogo na roça, geralmente não acerrada, ou defficientemente, de sorte que o fogo se propaga pelas mattas visinhas, pondo até as habitações em perigo, se o vento está «açoitando» para o lado das mesmas. Os restos mais grossos da vegetação, que o fogo não reduziu a cinzas, são «encoivarados», amoutoados e queimados completamente.

Silvicultura: Como complemento ás medidas que podem conter a marcha da formação do deserto no nordeste brasileiro e para contrabalançar as grandes perdas florestaes, dever se-á fomentar a plantação de essencias florestaes, que fornecam madeira para carpintaria e marcenaria.

Desde 1913 que não me canso de aconsellar aos meus irmãos do Norte, que «esbarrem» o machado destruidor, e que lancem á terra sementes de arvores, taes como as de eucaliptos. Nós, brasileiros, que não gostamos muito de esperar que uma arvore «leve toda vida p'ra dar», temos no eucalipto, uma essencia florestal que está de accordo com a nossa pressa.

O Governo deve estabelecer premios para quem plantar um certo numero de pés. Neste particular seria bom que o Governo, depois de prometter um premio, não difficul-tasse ao agricultor o obtel-o, o arrancar-o do cahos da burocracia... Um agricultor do Piahy que fez jús ao premio de plantações de maniçoba, suou gottas de sangue para receber-o, e assim mesmo, reduzido, sendo preciso advogado e viagem ao Rio.

Si um grande patriotismo não erguer o braço dos homens que nos governam, si todos se não congregarem na vontade forte de bem servir esta grande patria, melhor é cruzar os braços, inclinar a cabeça, e resignadamente murmurar como o sertanejo nortista: é o geito...».

FRANCISCO IGLEZIAS



O FIGADO INDISCRETO

OU

O RAPAZ QUE SAHIA FORA DE SI

Que ha um Deus para os namorados e outro para os bebados está provado — *a contrario sensu*. Sem elles, como explicar tanto passo falso sem tombo, tanto tombo sem nariz partido, tanta beijoca lambiscada a mêdo sem maiores consequencias além de sobresaltos desagradaveis, quando passos intempestivos põem fim a duos de sofá em sala momentaneamente deserta ?

Acontece, todavia, que esses deuses, tal qual Homero, cochilam: e lá parte o borracho o nariz de encontro ao lampião, ou a futura sogra pilha Romeu e Julieta em flagrante contacto de epidermas, petrificando-os com o classico: «Oh! pouca vergonha!».

Outras vezes acontece os protegidos decahirem da graça divina.

Foi o que succedeu a Ignacio, o calouro. Por via disso perdeu elle de casar com a Sinharinha Lemos, bôa menina, a quem cincoenta contos de dôte tornavam optima.

Ignacio era o rei dos acanhadões. Pelas coisas minimas avermelhava, sahia fóra de si e permanecia largo tempo idiotizado.

O progresso do seu namoro veio, como é natural, menos por obra sua que da menina, e da familia de ambos, concertadas tacitamente em conspirar contra o celibato do futuro bacharel. Uma das traças conspirativas foi o convite recebido por elle para jantar nos Lemos em certo dia de anniversario familiar commemorado a perú.

Ignacio barbeou-se, laçou a mais formosa gravata. Floriu de orchideas a botoeira, friccionou os cabellos com loção de violetas e lá foi, de roupa nova, lindo como se sahira da fôrma áquell'hora. Levou consigo, (entretanto, para mal seu, o acanhamento. E disse proveiu a catastrophe !...

Havia mais moças na sala, fóra a eleita, e caras estranhas vagamente suas conhecidas, que o olhavam com a benevola curiosidade merecida por um possivel futuro parente.

Ignacio, de natural mal firme nas estribeiras, sentiu-se já de começo um tanto desmontado com o papel de galan a força que lhe attribuiam. Uma das moças, creaturinha requintada de malicia, muito «sahida» e «semostradeira», interpellou-o sobre o seu coração, suas idéas sobre amor e casamento e tambem sobre a «noivinha», tudo com meias palavras intencionaes, sublinhadas de piscadelas para a direita e esquerda.

Ignacio avermelhou, tartanudeando palavras desconchavadas, enquanto a endiabrada menina maliciosamente insistia :

— Quando os doces, seu Ignacio ?

Respostas mascadas, gaguejadas, ineptas, foram o que sahiu do moço, incapaz de réplicas geitosas sempre que ouvia risinhos femininos em redor de si. Salvou-o, porém, a ida para a meza.

Lá, enquanto enguliam a sopa, teve tempo de voltar a si e arrefecer as orelhas. Mas não demorou muito no equilibrio. O pobre rapaz, por dá cá aquella palha mudava-se de si para fóra, soffrendo todos os horrores consequentes. A culpada aqui foi a dona da casa. Serviu-lhe D. Luiz a um bife de figado, sem consulta prévia. Exquisite dos Lemos: comiam-se figados naquella casa até nos dias mais solennes. Exquisite do Ignacio: nascera com a estranha idyosincrasia de não poder siquer ouvir falar em



figado. Seu estomago, seu esophago e talvez o seu proprio figado tinham pela viscera biliar unia figadal aversão. E não insistisse Ignacio em contrarial-os: amotinavam-se, repellindo indecorosamente o pedaço ingerido.

Nesse dia, mal o serviu D. Luiza, Ignacio avermelhou de novo e novamente sahu fóra de si. Viu-se só, desamparado e inerme, ante um problema de inadiavel solução. Sentiu lá dentro o motim das visceras, o estomago encrespado de cólera a exigir com imperio o respeito ás suas antipathias. Parlamentou com o órgão [digestivo, mostrou-lhe que máu momento era para uma guerra intestina. Tentou acalmal-o a góles de clarete, jurando-lhe mil promessas de futura abstenção. Pobre Ignacio! A porejar suor frio na aza do nariz, chamou a postos o Heroísmo, evocou todos os martyrios soffridos pelos christãos na era romana e os padecidos na era christan pelos hereticos, contou um, dois, tres, e *glug!* enguliu meio figado sem mastigar. Um góle precipitado de vinho rebateu e empache. E Ignacio, de olhos arregalados, immovel, esperou a revolução intestina.

Em redor, a alegria reinava. Riam-se, palestravam ruidosamente, longe todos de suspeitar o supplicio daquelle martyr posto a tormentos de uma nova especie.

— Milóca. Você já reparou na «ganja» da Sinharinha? disse uma sarigaita de «belleza» no testa — está como quem viu o passarinho verde...

E olhou de soslaio para Ignacio.

O calouro, entretanto, não deu fé daquelle tagarelice; surdo ás vozes do mundo, todo se concentrava na auscultação das vozes visceraes. Além disso, a tortura não estava concluida: tinha ainda deante de si a segunda parte do figado engullento. Era mister ataca-la e concluir de vez a ingestão penosa. Ignacio engatilhou-se de novo, e um, dois, tres, *glug!* lá rodou esophago abaixo o resto da miseravel glandula. O estomago, por inexplicavel milagre de polidez, não reagiu. Estava salvo Ignacio! E lentamente voltou a si, muito pallido, com o ar lorpa dos resuscitados. E riu-se. Riu-se alvarmente, de gozo, como riria Hercules após o mais duro dos seus trabalhos. Seus ouvidos ouviam de novo os

rumores do mundo, seu cerebro entrava a funcionar normalmente e seus olhos volveram 'outra vez ás visões habituaes. Estava nessa beatitude, quando:

— Não sabia que o senhor gostava tanto de figado, disse D. Luiza vendo-lhe o prato vasio. Repita a dóse !

O instincto de conservação em Ignacio pulou em guarda e fóra de si outra vez elle exclamou :

— Não, não, muito obrigado.

— Ora, deixe-se de luxo. Tamanho homem com cerimoniaes em casa de amigos. Coma, coma, que não é vergonha gostar de figado. Ali está o Lemos, que se pélla por uma isca.

— Iscas são comigo, confirmou o velho. Lá isso não nego. Com ellas ou sem ellas, nunca as enjeitei. Tens bom gosto, rapaz. Serve-lhe, serve-lhe mais, Luiza.

E não houve salvação!

Veiu para o prato de Ignacio um novo naco, e este formidavel, dóse dupla. Não se descreve o drama creado no seu organismo. Nem Shakespeare, nem Maeterlink, ninguem dirá nunca os lances tragicos da estomacal tragedia sem palavras. Nem eu portanto. Direi somente que á memoria de Ignacio acudiu o caso da Nora de Ibsen e como ella elle aguardou disfarçadamente o milagre.

O milagre veiu. Um creado estouvadão soltou o perú no collo de uma dama. Gritos, reboição, tumulto. Ignacio, num lampejo de genio, agarra o figado e mette-o no bolso.

Salvo ! Nem D. Luiza nem os vizinhos perceberam o truque, e o jantar chegou á goiabada sem maiores incidentes.

* * *

Antes da dança, lembrou alguém recitativos e a espidadissima Milóca veiu ter com Ignacio.

— A festa é sua, dr. Ignacio. Nós queremos ouvil-o. Dizem que o dr. recita «admiravelmente» ! Vamos, um sonetinho do Bilac. Não sabe ? Olha o luxinho ! Vamos, vamos ! Repare quem está ao piano : é *ella* quem o vae acompanhar . . . Nem assim ? Máusinho ! Quer decerto que a Sinharinha inste ?.. Ora, até que emfim ! A Douda de Albano ? Conhe-

ço sim, é linda, embora um pouco fóra da moda. Toque a Dalila, Sinharinha, bem piano, assim...

Ignácio, vexadíssimo, vermelhíssimo, já em suores, foi para pé do piano, onde a futura preludiava a Dalila em surdina. E declamou a Douda de Albano.

Pelo meio dessa tragedia em verso, ali pela quarta ou quinta desgraça, uma baga de suor escorrida da testa parou-lhe na sobrançella, comichando como importuna mosca. Ignacio lembra-se do lenço e sacca-o fóra. Mas com o lenço vem o figado, que faz *plaff* no chão. Uma tossida forte e um pé plantado sobre a infame viscera, manobras do instincto, salvam a situação.

Mas desde esse momento a sala começou a observar um extraordinario phenomeno. Ignacio, que tanto se fizera rogar, não queria agora deixar o piano. E mal terminava um recitativo, logo iniciava outro sem que ninguem lh'o pedisse. E' que o acorrentava áquella posto, novo Prometheu, o implacavel figado...

Ignacio recitava. Recitou o «Navio negreiro», «As duas ilhas», «Vozes da Africa», «O Tejo era sereno»,

Sinharinha, desconfiada, abandonou o piano. Ignacio, não. Recitava sempre. Recitou o «Corvo» de Edgard Poe, traduzido pelo sr. João Kopke; recitou o «Quizera amar-te», o «Acorda donzella»: amontoou poemetos, modinhas e quadras.

Sinharinha, num canto da sala, estava chóra não chóra. Todos se entrecolhavam aparvalhados: teria enlouquecido o moço?

Ignacio, firme. Completamente fóra de si (era a quarta vez que isso lhe acontecia naquella festa) e falto já de recitativos de salão, recorreu aos Luziadas. Declamou «As armas e os barões», «Estavas, linda Ignez», «Do reino a redea leve», o «Adamastor» — tudo!...

E esgottado Camões, ia-lhe sahindo um «ponto» de Philosophia do Direito — A escola de Bentham — a coisa ultima que lhe restava de cór na memoria, quando perdeu o equilibrio, escorregou e cahiu de costas, patenteando aos olhos arregalados da sala a infamissima viscera de má morte.

* * *

O resto não vale a pena contar. Basta que saibam que o amor da Sinharinha morreu nesse dia; que a conspiração falhou, e que Ignacio mudou de terra. E sabem porque Ignacio mudou de terra? Aquelle major Lemos! O desalmado deu de espalhar pela cidade inteira que Ignacio era, sem duvida, um bom rapaz, mas com um grave defeito: quando gostava de um prato, não se contentava em comer d'elle e repetir, ainda levava escondido no bolso o que podia...

MONTEIRO LOBATO





VIAJANDO ⁽¹⁾

(COIZAS DO MEU DIARIO)

1913

Em Paris. - Março, 21

— Chegámos quazi ao mesmo tempo. Precedendo-a um pouco, porém, já estou eu em confortavel quarto do Hotel do Louvre, com frio e fogão, telefone e banheiro, quando ella, a Primavera, fiel aos seus compromissos meteorologicos, faz, ás 5 horas 18 minutos e 6 segundos da manhã, sua entrada annual na patria das barricadas e da “mayonnaise.”

Realizo um dos meus melhores sonhos. Vejo Paris. Respiro entre os descendentes desses “parisiis que tinham nma das ilhas dos Sequanas sua cidade de Lucotocia”; e, após bom somno, leitura do “Figaro”, mau almoço e volta circular duma hora á cata da primeira impressão neste segundo fornigueiro humano, subo o ultimo andar da torre Eiffel, onde sou recebido sem vento e sem chuva.

Estou trezentos metros acima do chão. Estou sobre os sete milhões de kilos de ferro, que Alexandre Gustavo Eiffel aqui empregou com metodo semelhante ao que o guiava, aprendiz em 1862-3, nos suportes da Grotafunda, na estrada de Santos a S. Paulo. Andam lá embaixo sete milhões de pernas.

Rodeio com o binoculo a grande metropole do pensamento humano. Quanta agitação! Nervosa, a cidade mexe-se, estremece.

(¹) Vide numeros de Agosto a Fevereiro.

Mas eu já estive, no Brazil, em maiores alturas. A mania das ascensões levou-me aos 709 metros do Corcovado e aos 980 do Mestre Alvaro, tanto quanto me afastou, sempre, da baixada do Monte de Socorro e das planuras administrativas do Montepio.

Eiffel e Cheops.

— Para que serve esta torre? Passeio aereo? Fonte de renda? Observatorio? Posto telegrafico? Um pouco disso tudo, que para tudo isso presta o monumento, duplo em altura á piramide de Cheops, ficando-lhe porém muito abaixo na revelação do esforço e na significação científica. A torre-filha não vale a mãe-piramide.

Lembremos e assinalemos. A medida do meridiano terrestre, assim como hoje serve de baze ao sistema metrico, serviu tambem á metrologia dos antigos povos. Laplace, para demonstrar os primeiros grandes esforços da medição da terra, serviu-se das relações que, entre si e com a longura da circumferencia della, tinham as medidas empregadas por esses povos. A medição primitiva gerou um sistema completo de metrologia cujos vestigios ainda persistem, mas cujos elementos se perderam em revoluções físicas e moraes.

A grande piramide, á primeira vista parto do orgulho e da loucura, é todavia testemunho da sabedoria e providencia de Cheops, que legou aos vindouros não só o padrão eterno dum sistema metrico fundado na medição da terra, mas tambem a determinação da "Neomenia" pela illuminação total das quatro faces do monumento em tal tempo e latitude. O sistema metrico, vigorante entre os povos cultos, não é gloria exclusiva da França, mas herança a partilhar por toda a civilização.

Monarquismo. Brazileirismo.

— Vou ao "Bois de Boulogne, 7; Boulogne sur Seine"; aparecem-me o velho conde d'Eu e o moço d. Luiz de Bragança. Duas esplendidas horas de conversação sobre coizas do Brazil. Nem uma palavra de queixa. Gente boa. Gente branca por dentro e por fóra.

.....

Como é infame quem exila!

Intimações - Março, 22

— Demonstrativo de afabilidade, visita-me o ministro dr. Olintho de Magalhães. Intima-me a reclamar da legação tudo de que eu precisasse. Obedeço. Requeiro carta recommendando-me ao Observatorio Astronomico.

Quazi se encontrando com o illustre diplomata, chega-me o principe d. Luiz. Intima-me a marcar dia e hora para almoço com varios amigos e correligionarios. Obedeço. Marco a hora, deixando o dia ao arbitrio do nosso futuro imperador.

-- Aparece-me Affonso Arinos. Intima-me a que lhe vá experimentar e diminuir o jantar hoje. Obedecerei.

— Intima-me telefonicamente a firma G. & J. Hertz, rua Milton, 22, amizade de duas gerações, aguardar-me ananhã de feijoada em punho. Com agua na boca, recebo a intimação para os devidos efeitos.

S. Bartolomeu

— Saio, tentando aproveitar-me duns duvidozos raios de sol. Paro na muito commercial rua de Rivoli: "a de maior movimento neste mundo" acentua-me uma caixeirinha move-diça. Vejo-me inesperadamente em plena historia da França.

Bellamente triste e tristemente significativo, entre as imagens da Religião e da Patria, alli está o almirante Coligny. Bordam-lhe a estatua dois trechos biblicos, inuteis como a prezença de farmaceutico em enterro de medico. Um pouco além, espalhafatoza em sua fachada gotica, está a egreja de S. Germano; dos seus repiques, em 24 de Agosto de 1572, dia de S. Bartolomeu, partiu, por motivos celestiaes em nome da religião do amor e do perdão, convite para o mais preparado e memorado dos morticinios.

A um lado, disfarçando na harmonia das linhas a enormidade da mais espaçada maravilha que a arquitetura da Renascença levantou em terra franceza, o "Louvre", tendo na successão de figuras, altas, perfeitas, que o ladeiam com uma moldura de glorias, a historia de França desde o perfil cava-

lheirozo de Francisco I até a cara larga e inesquecível de Léon Gambetta.

.....

Iguape

— Como se ajustam bem, depois do jantar, o café e o Affonso Arinos! Nasceram um para o outro, e ambos para mim.

Arinos, curiozo de noticias de nossa terra; eu, sequiozo duma intimidade intelligente; e o café, porque a alma das coizas é uma realidade, convencido de que caminhava gargantas a dentro de quem muito o conhecia e merecia: como correu o tempo! Cresceu a conversação. Eramos dez á meza, e todos tinhamos o que dizer e o que ouvir sem fadiga, sem constrangimento. Resvalaram os assumtos, concatenando-se, esclarecendo-se. Um delles, já não sei como, foi buscar, em consulta á pouco divulgada obra de Bonchamps, referencia ás primeiras navegações castelhanas no sul-Atlantico; e, tambem não sei explicar porque nem para que, a conversação ancorou em Iguape.

Iguape em Paris! Sempre me acontece cada uma..: Asaltaram-me reminiscencias. Estive em Iguape disputando arriscadissimo segundo escrutinio eleitoral. Quando? 1885.

.....

A cidade de Iguape foi fundada quatro vezes: em 1567, 1579, 1611 e 1654; dessa variedade de nascimentos nascua e indefinivel originalidade do tipo iguapense. Indifinivel, porém certo; entenda-se lá isso!

Num grupo, á primeira inspecção, espontaneamente, sem dispendio de perspicacia, olha a gente para uma das pessoas, segrega-a das outras no reparo, e diz-lhe sem perigo de errar: "Você é de Iguape".

Ha ignapenses bouitos e feios; ha-os nem feios nem bouitos; ha iguapeuses magros, gordos, estrabicos, loiros, calvos, hirsutos; ha-os gagos e morenos, parlantes e alvos: mas todos, sem a possibilidade duma suspeita de exceção, todos revelando que vieram, que são, que inconfundivelmente serão sempre de Iguape. Como que a localidade se localizou em

cada um dos seus filhos. Quem sáe de Iguape leva comsigo Iguape.

No mundo Iguape é um mundo á parte. Tudo lhe é especial. Sua historia consubstancia modestia, originalidade, misterio e espanto. Ha Iguape, mas, tirada a média da atenção nacional, cada brasileiro só se lembra de Iguape meia vez na vida.

Iguape tinha rio e porto. Canalizou o rio, eucanou o porto, e hoje está ou duvida si o que tem é rio, canal ou porto.

Em Iguape as palavras trazem a significação que Iguape lhes quer dar. Numa ceia, que me foi oferecida após o resultado eleitoral, o professor de primeiras letras, com voz sonora e gesto firme, brindou: "Ao nosso amigo vigario, que é um perfido!" Grato, com um rizo concavo, tininte o copo no dos convivas, o reverendo julgava-se, no momento, a primeira figura de Iguape. E era.

Durante a cabala, negando-me voto que afinal me deu, dizia-me o alferes Justino, reforçado e rezoluto iguapense: "Dr. Martim, eu só voto nos meus subterraneos!" Conterraneos queria elle significar. Um sobrinho desse alferes, meu correhigionario liberal, a quem eu revelara receios de perder a eleição, tentando consolar-me e reanimar-me, encerrou os seus propositos nos seguintes termos: "Nós sofisma, depois nós protesta."

Isso foi ha tanto tempo! Já se me repetiu tantas vezes o "labuntur anni!" horaciano, e eu ainda tenho deante dos olhos o mocinho iguapense, Fulano Manso, verbozo, dado a argumentações fluxuozas, cortando raciocinio referente á existencia de Deus com esta fraze, unica, que me entrou na memoria, e daí nunca mais quiz sair: "Deus é um homem de estatura regular."

Iguape, entretanto, forneceu ao Museu do Ipiranga o unico exemplar da "pedra polida" encontrado no Brazil. Deio ao sabio dr. von Ihering, que o mencionou em artigo especialissimo. Pobre Ihering! Como Theodoro Sampaio, Oswaldo Cruz, Derby, Alberto Loefgren e outros, não poude perma-

necer em terra paulista. Odio ao merito : é lemma da nossa mediocracia. S. Paulo é um pouco Iguape.

No Louvre. Março, 23.

— Illustra-me de jornaes fluminenses o Consulado do Brazil. Leio-os como costume: por inteiro o obituario, e dos editoriaes os topicos que terminam por ponto de admiração. Nada de novo na ex-Pindorama. Cada ministro é elogiado por estar reconstruindo o que o antecessor destruiu. O atual governo é o melhor de todos os governos, com a condição, porém, de ser atual.

— Uma hora deante dos marmores; deante dos bronzes, outra: gastei, no Muzeu de Louvre, mobiliando o espirito e preparando o gosto para o importantissimo cazo da "Venus de Milo."

Tanto pelo inesperado conjunto, como pela diversidade de olhares — enfurecido o dos cães, especialmente o da direita; gaiato o das mascaras em direção á urna — bastante impressiona aquelle provavel trono de Baco. Perdidos não me foram os minutos passados, na sala de Melpomene, deante da "Naiade", notavel sobretudo pela correção irrepreensivel do ventre. Rezisti a um "Silla" mais que suspeito e ofereci a um Trajano serissimo alguns elogios em disponibilidade.

"Sexto Pompeu"? Bravo! Nunca lhe vira os traços. Adorava-o, porém. Vulto lealdozo: o sacrificio, a dedicação, a intransigencia, a pertinacia em homenagem á memoria paterna. Esse ignorou o servilismo, desconheceu a permuta do esquecimento fingido pelo aluguel verdadeiro. Vitimado pela traição e pelo assassinato, Sexto Pompeu ergue-se na historia como um exemplo de fidelidade valente e resistencia desassombrada. Perto, que dezillusão! Pompeu, o grande, tão diverso, nas linhas, nas proporções, em tudo, da copia do busto em marmore existente em Copenhague, e que eu conhecia de reprodução numa das derradeiras paginas do "Mitridates Eupator" de Th. Reinach!

Dos quatro bustos de Lucius Verus, o menos fatigante é o que fica á entrada da sala dos Antoninos; nelle a restauração só teve de preencher uma ponta do manto.

Venus de Milo

— Aproximei-me devagar. Munido de independencia no raciocinio, aproveitei sem submissão leituras esparsas, trechos de Salomão Reinach e Paul S. Vitor, e desaproveitei a insensata originalidade de Seignobos negando originalidade a essa conhecida revelação dum genio desconhecido!

Parei, distanciado de cinco ou seis metros. Fui apalpan-do com os olhos essa indizível perfeição de fórmulas cuja somma é a perfeição absoluta da fórmula. Comecei a sentir que estava a contemplar a belleza pura, tendo deante de mim a excellencia inexcedível da plastica.

Rarissimas vezes a arte chega até lá! A imaginação não pôde ir além. Impossível mais traduzir a consciencia e o orgulho da belleza. A deusa sorri sem rir; está, ao mesmo tempo, serena e radiante. Triunfa? Sim. Mas onde? Quando? Na produção artistica, e na repercussão mitologica, como determinar o seu instante?

O movimento do pescoço airozo, ductil, ideal; as dobras do manto; aquelle olhar certo de supremacia, mas não izento de despeito: estão dizendo que a deusa acaba de receber o pomô da belleza. Aquelle olhar complexo, amorozo e grato, não dirigido muito ao longe, sexual e não impudico, desvia-se das duas rivaes, busca Páris, aceita o premio. Não vem da intelligencia: é o olhar do coração. Não é do masculino poderoso: é da mulher bella. Não o despede Jupiter-Moizés: vem de Venus-Helena.

Do primitivo grupo nem o nome do artista rezistiu ás devastações do tempo e do destino. Só ella vive. Só ella perdura como a sonhou o escultor, como a quiz o cinzel: é Venus nessa faze feminil que gera o amor e ignora a geração; que a mulher ama e depois dezeja, e o homem dezeja e depois ama.

E foi assim que me apareceu e pareceu a mais primorosa interpretação da mulher na arte.

...Infelizmente, porém, por ordem da natureza, a mulher tem, dentro do rosto, uma caveira.



N o Arco do Triumpho. Março. 24.

— Seis horas da tarde. Descançando da intensidade com que penetrei na vida pariziense, aqui estou, sob este pezado monumento, ponto objetivo duma duzia de avenidas, alto de meia centena de metros, e depozito de varias mentiras. Leio-lhe, além de Saragossa, fantaziadas de vitoria outras investidas contra a verdade sabida por todos em geral e pela França em particular.

.....
Como me correu o dia? Assim :

— Não achei uteis os esforços de Rodin para encobrir, á custa dum roupão, a vasta barriga de Balzac. Um pouco fóra da estatua, lá está ella querendo empurrar os trauzeuntes.

— No Hotel da Paz, estação de brasileiros, os preços de bebidas já vêm declarados nos pirezinhos. Commodidade impossível no Brazil. Não ha fixidez de preços em paiz de papel moeda. Ninguem sabe ao certo quanto tem na carteira.

Ha tempos, em Santos, na praça Mauá, portuguezinho letrado, necessariamente secretario do club de dansa, estabeleceu uma bodega annunciando e cobrando os preços conforme a taxa cambial da vespera. Não foi bem compreendido pela freguezia. Em menos duma semana apanhou e deu muita pancada. A policia abriu inquerito e fechou a bodega.

— Merecem menção honroza os cocheiros parizenses. Com população tres e meia vezes superior á do Rio de Janeiro, Paris tem a mesma média de mortes e ferimentos por automoveis. Tão admiravel é a pericia com que os cocheiros evitam dezastres, como a precisão mnemonica com que lembram ruas e praças, principaes hotéis, palacios, institutos, rezidencias de altos funcionarios, horas de espetaculos, etc. Adoraveis automedontes! Mesmo quando se euganam propositalmente em dois soldos de troco, dizem "pardon" tres vezes.

Arranjassem isso lá no Brazil, e a policia seria aclamada quarta pessoa da Santissima Trindade! Em S. Paulo, então, o unico meio de não brigar por ocazião do pagamento é ser parente do governo e ocupar automovel oficial. Os cofres publicos regularizam as contas, e as familias dos altos funcio-



WESSEL

LUCILIO DE ALBUQUERQUE

“Catechese,”



„Recanto„



LUCILIO
DE
ALBUQUERQUE

WESSEL



narios, a despeito das reclamações da imprensa, frequentam à custa do povo automoveis gratuitos e tal qual intinidade perigoza com os respetivos cocheiros.

— Tão regulares e baratas as communicações aqui! Quazi de graça. Pode-se, por um tostão, envelhecer no Metropolitano. Não temos, na engenharia brazileira, obra que se lhe assemelhe longe ou perto; serviço prompto, irrepreensivel; dinheiro inglez no subsolo francez. A empreza não paga, não compra, nem sequer aluga engenheiro fical... Pobre Brazil!

— Interminavel o Bosque de Bolonha. Cabem alli facilmente todo o bairro do Catete e mais a Caza de Detenção. Povo! Quanta gente! Dia magnifico. Vestidos novos, muito apertados, denunciando o tamanho das nadegas; com a retirada do inverno vai dezaparecendo a cor escura; harmoniza-se a tendencia para o branco com o contentamento geral. Ninguem pede esmola. Não ha gente descalça. No Bosque de Bolonha as crianças mamam sem chorar, Pode-se ir lá sem receio de pancada. Porque não mudam um bocadinho d'elle para a nossa Avenida Central?

— Quem se muda sou eu. Mudo-me para o Hotel Moderne; quarteirão onde ha tudo: lojas de tudo, profissionaes de tudo, fornecimentos de tudo, informantes de tudo e até um teatrinho onde ha de tudo.

Fico perto do dr. Francisco Malta Cardozo. Está mal; julga-se, porém, livre de perigo. Penaliza-me, admiravelmente, tanta decadencia fizica enfrentada por tanta fortaleza moral. A seu lado dois filhos, modelos de dedicação, parecem fazer com o pai uma só vontade.

Porque Malta Cardozo, intelligente, leal, illustrado, não tem tido sorte igual ao merito? Porque o preterem nullos e subservientes?

Não provocar invejas é, no Brazil como em toda a parte, um dos mais proficuos elementos de successo. E são invejaveis, em Malta Cardozo, a intelligencia e o carater.

Meditações funerarias. Março, 25.

“Pére Lachaise” é, desde 1804, o cemiterio da moda. Póde ser vizitado de carro. Tem guias especiaes e especial regula-



mento. Qualquer que seja a estação fecham-no durante doze horas; no momento da taramella, e para que os moribundos lá fóra ponham os fallecimentos de acordo com as horas de serviço, ha toques de sineta, e exclamados avizos dos porteiros : "Vamos fechar! Vamos fechar!"

Entreí a pé. A' portinholla dum cubiculo disputavam calorozamente dois grizalhos; a conta que lhes exigia divergencia passava e repassava, das mãos dum que retorcia os olhos, para as do outro que, amarrotando-a, engatilhava os pulsos. Ajustes funerarios de parente de defunto com a escripturação do cemiterio.

Seriam pernambucanos esses briguentos? Perguntei-me isso porque, em 1872, os povos do Recife, maçonicamente esquentados, iam incendiando o Brazil inteiro a pretexto de enterramentos. Verdade seja que, e sirva-lhes o fato de coerente desculpa, já em 1859, tio avô de influente politico pernambucano, em exame de terceiro anno de direito, definira cemiterios : "associações de mortos com interesses vitaes."

Arranjei convite para uma cremação. Em cincoenta minutos o cazo se... liquida. O forno é bonito por fóra; delle recebi, abrindo-o, um fogo forte, vermelhissimo : dalli não escapa nem um naquinho da alma. O total da cerimonia orça por tres mil francos, exceto si se trata de cadaver que, não reclamado, se presta a experimentações nas Faculdades de Medicina. Esse obtem o mais conveniente dos preços : não paga.

Tenho duvidas a respeito da cremação. Innegavelmente o processo é mais limpo, mais rapido, e virá a ser mais barato do que a aparatoza e retardada inhumação. Terá, porém, o individuo que nasceu e cresceu, que se manteve e progrediu, á custa da natureza e ao amparo das leis do contrato social, direito de privar seus semelhantes de ossos que, sem prejuizo do dono, podem ser facilmente aproveitados para botões, cabos de taller, escovas de dentes, e outros misteres da commodidade humana ?

Horripilante á primeira audição, o alcance commercial desta pergunta intervirá, mais cedo ou mais tarde, no feñomeno da troca e na lei da oferta e da procura.

— Cortejei o simpatico tumulo de Beulé. Que mais poderia minha gratidão fazer, no local, pelo professor archeologo que, tres annos antes de alli se aposentar definitivamente, me libertava de diversos dezacertos com que o ensino official tentara deteriorar a minha sensatez?

— Existe, mas vazia, a sepultura de Bellini: em 1835 foram seus despojos reclamados e arrecadados pela edilidade de Catana, sua patria. Vazio tambem está o magnifico monumento que guardon o corpo de Rossini: em 1868 Florença o transporton para o seu municipio. Mas si aqui não estão, para que querem e pagam sepultura aqui? Sempre perdularios, esses artistas!

— A' esquerda, logo á entrada, encarregado pelos mortos de receber os vivos. aparece o immortal Alfredo de Musset. Adornam-lhe o monumento bonitos versos e bonito busto. Barthelemy de St. Hilaire, Cousin, Thiers, Michelet, Comte... mas quantos conhecidos, que eu deixei nas minhas estantes no Brazil, encontro en aqui!

O que, porém, mais me esgravatou a atenção no luxuozo cemiterio foi, numa das primeiras ruas á esquerda, numa sensível elevação, a derradeira moradia, a moradia monumental, monnmentalissima, do commendador portuguez Fernando J. Gomes, fallecido em 1861. Noto-a no meu "diario" enrugando a testa, confuzo, enigmatico.

O mauzoleu, grande, alto, é em fôrma piramidal, com uma bolinha azougada na extremidade; ao nascente mostra, em pintura vermelha, uma vaca e um rato; no outro lado, com menos vividez, estão ao sol quatro tartarugas. Entender isso isso fôra decifrar o impossivel!

Mas o commendador era portuguez, e Portugal reivindica o privilegio dos epitafios espantozos. Num cemiterio do Porto, contam-me, ha lapide com esta deciziva declaração:

Nú em pello,

Aqui jáz Joaquim Rabello.

Digno egualmente de citação é aquelle epitafio que, tolamemente, as autoridades em Funchal mandaram destruir. Justificava-o este cazo: moço rico, bem cazado, filha adoravel,

commerciante afreguezado, envinva, morre-lhe a filha, quebra, tomam-lhe os bens, entizica: tudo isso em um anno! Das economias que lhe escapam ao naufragio da felicidade, o martyr separa pequena quantia e paga epitafio que rezuma e inclna tudo quanto o torturara, tudo quanto elle sofrera!

Encimada por grossa lagrima, a modesta lapide funeraria trazia apenas estas palavras: «Elle tinha um vizinho que aprendia clarineta».

Estava dito tudo.

— Cedem-me, no Hotel, jornaes de S. Paulo. Que de novo por lá? Quazi nada para o publico; para mim, nada. O prezidente carinbou e distribuiu varios tabellionatas como quem dá cartas numa meza de bisca. Não fui nomeado tabelião. Não fui preterido. Não fui candidato. No baralho da politica paulista não ha naipe que me dê entrada.

— Transcritas da imprensa carioca, aprendo algumas historias deixadas pelo octogenario Salvador de Mendonça á margem da historia.

Tendo, só em 1868, voltado a S. Paulo para recontinuar seu quarto anno de direito, já em 1867, em S. Paulo onde não estava, o autor de "Maraba" obrigára o prezidente conselheiro Saldanha Marinho a consentir na organização da companhia Paulista de viação-férrea. Em 1889 o conselheiro Saraiva muito em segredo confidenciava, a elle Salvador, mas a elle unicamente, haver obtido a abdicação de Pedro 2.º. Em data secreta o mesmo imperador, sem audiencia do conselho de Estado e do ministerio, encaregava o conselheiro Lafayette de projetar a mudança, para o poder judiciario, de todas as atribuições do poder moderador.

Como, sem que se soubesse, estava esse Mendonça immiscudo na alta direção da patria! Na comedia de Sardou, madame Benoiton influe na peça inteira sem aparecer em sena.

A verdade: signatario do manifesto republicano de 1870, nomeado consul em Baltimore a pedido do barão de Parana-piacaba, Salvador de Mendonça, bom funcionario, ouviu de Pedro 2.º, nos Estados-Unidos, esta ironia delicadissima: "V. s. tem servido a Monarquia numa Republica muito melhor do que serviu a Republica numa Monarquia".



E' monetariamente discutivel si isso lhe persistiu depois de 15 de Novembro de 1889.

Bom almoço. Março, 26.

Hotel Carlston. Longo almoço. Pessoas e coizas de boa qualidade. Presentes: d. Luiz de Bragança, Affonso Arinos, Kingelhoefter, Mello Rezende, Souza Mello e en.

Cinco minutos de formalidades. Reação unanime do brazileirismo contra a etiqueta. Saudades da patria. Pouca politica. Anedotas, incidentes. Sendo o mais velho dos convivas, permiti-me maior numero de incursões no passado. Relembrei, dum biano que prezidiu S. Paulo, a espantosa definição: "Molho Inglez é um liquido preto que se encontra na Inglaterra e nas Ilhas Britanicas"; e, dum general campineiro que protestava declarar guerra ao deserto, aquelle citado exordio mais para lamentar do que parlamentar: "Quando Wellington venceu a Napoleão na batalha de Washington..."

Camara dos Deputados. Março, 27.

— Ducha gelada na eloquencia franceza, hoje, das tres ás seis horas. Tão inferior á ingleza, como esta á grega, a oratoria franceza, com rarissimas meias exceções, resfria a intelligencia e constipa a quem pensa para falar e fala para persuadir.

Toleravel porque veloz, a sessão. Assunto vulgarissimo: amnistia, e si o antimilitarismo tinha nella entrada. Oradores mediodios. Galerias moderadamente interessadas; cerca de quinhentas pessoas em vinte camarotes, que comportariam oitocentos.

Sem eutuziasmo, e com agrado oscillante, eu já onvira, no Brazil, Donmer, Clemencean e Jaurès. Ouvi hoje: Paulo Meinier, radical socialista, quazi ardente, pratico de tribuna; Thivrier, esgrimista recalcitante, argumentador; o afavel Marrietton, Barthou, prezidente do conselho, logico, dono da palavra; e mais: Ratier, ministro da Justiça, Compère, Morel, Combrouze, Briquet, bons parlantes, mas cada um delles inferior aos ontros. Não conseguí ouvir a voz do deputado Lefas porque, acintozamente, tendo a maioria votado a continuação do debate, não quiz que esse orador debatesse coiza

alguma! Mal subiu elle á tribuna, sindiu-se a Camara em dois grupos : um que conversava alto, outro que se retirava.

No parlamento francez tudo se espalha em centros e se concentra em extremos. Os oradores, em meio do discurso, recebem violentas palmas de aplauzo; abrandam ellas na peroração. Em França, ao contrario do que succede no Brazil, o orador só é abraçado e felicitado nos corredores, muito depois de terminado o discurso, e algumas vezes por esse motivo.

Pouco imponente o recinto das sessões. Deputados e assentos em declividade. Tribuna facultativa, dando della o orador costas ao prezidente que, de cazaca e a assoviar um "siu" a cada aparte, pula de vez em quando, e ora bate com um pauzinho vermelho nas grades da meza, ora repica um sino amarello que lhe fica á esquerda. Do meio para o fim da sessão, Deschanel pinga como um chafariz rachado. Mas, corruscante o olhar, não perde o minimo gesto do mais pequeno representante da grande nação franceza.

Varios e Varias.

— Que fiz mais durante o dia?

— Notei, almoçando no Hotel Ronceray, Montmartre 10, que ha em Paris criados mais aptos para ser servidos do que para servir. Perdi tempo no "Muzeu Grevin", reparando num Talleyrand convencional e noutras fizionomias possiveis, porém não certas, de harmonia com os respectivos originaes. Uma exploração gasta, esse Muzeu! Dóze de dois numeros de "matineé" num cassino: artistas graciosas grifando malicias em cançonetas pouco abundantes de decencia; publico ordeiro, satisfeito, aplaudindo meia duzia de alluzões patrioticas.

A' noite? Pago visita a Luiz Jablonski: Nunca estive no Brasil, mas fala corretamente o portuguez. Esposa, elle, filho e filha monopolizam, pela delicadeza, o coração de quem vai á Praça S. Jorge 28. Apresentam-me um professor mineralogista, uma condessa e diversos anonimos. Canta agradavelmente o tenor brasileiro Bustamante de Camargo. Ouço, ainda, um ato de ensaiada comedia. Admiro coloridas projeções cinematograficas; bellissimas as vistas de Espanha e Suissa. Passei bem, muito obrigado.

Mais Louvre. Março, 28.

— Não das tres horas de que disponho, mas de tres mezes, precisava eu para bem examinar o que me interessa neste "Muzeu", incontestavelmente o mais rico dos por mim visitados.

A ourivezaria antiga, especialmente a da prata, é maravilhosa. A ceramica, na infinidade de concepções, elegantes quasi sempre apezar de monotonia dos tons escuros, prende e prolonga a admiração. Deante das vitrinas é inevitavel a pergunta: que ha a inventar mais no genero?

As facas, as tentativas de garfos, as colheres e demais utensilios egipcios atestam que aquelle povo sabia comer. Mumias, hieroglifos, papiros, estatuetas de porfiro... Um mundo! Mundo invadido, escravizado pelo militarismo persa, o prussianismo da epoca; mundo - ponte do oriente para o occidente, e em cujos despojos Cambizes, Alexandre, Bonaparte sucessivamente tripudiaram.

Tróco de sala. Vejo-me entre os persas. Um outro mundo: Suza e sua civilização; Artaxerxes, e o capitel, em fragmentos, do seu palacio encimado pelo touro duplo.

Exemplares cuneiformes. Muito da Caldéa se mesclando ao persianismo. A panoplia delineada por Ciro, o fundador e incorporador, o vencedor no VI. seculo A. C., alli estava numa das vitrinas, luzente, catalogada, explicada, chamando-me a ironia para a incoerencia do progresso humano, que teima em descobrir modos de matar gente, mas persiste, inalterado, na maneira de faze-la.

Defronte, deenhada sobre restauração cuneiforme, está a côrte de Dario Histaspes. Altivas as figuras. Uma dellas é, necessariamente, Otanio, o precursor do individualismo, o mais intellectual dos companheiros do rei na vitoria contra o sacerdocio e na eliminação do falso Smerdis. Qual, porém?

Desdobrando-me, busco atrapalhar o meu espirito: mudo repentinamente de sala, de cogitações e de assunto. Procuro a moderna escola de pintura franceza. Robert mais Millet, mais Huet: que largueza de traços! Quanta independencia de linhas! Mas tudo tão razo... Enchente em lagoa. Porque con-



sentem copias de paizagens trimensaes de Corot e dos vacúns impossiveis da Troyon?

Diminuem a arte, como os vestidos muito abertos estragam a pudicicia. Alerta, policia de gosto!

A' direita, numa das primeiras salas, de Ricard, que por ter morrido com meio seculo não teve tempo de aprofundar a decadencia, salva-se pelo colorido um retrato de Paulo Musset.

— A quatro empregados pergunto cinco vezes pela "Giconda." Sei-a, como todo o mundò, nortamericanamente furtada; não me posso, porém, coibir de divertir-me á custa alheia.

Recebo lição que aproveitarei; deu-m'a um dos perguntados, a quem dezagradára a chufa. Pacientemente me conduziu ao local do furto; mostrou-m'o ocupado pelo "Retrato de Baltazar Castiglione", soberba tela de Raphael; elevou a voz como pedindo auditorio; implorou minha opinião sobre o caso, prometendo transmiti-la com urgencia á administração do "Muzeu" e a todos os poderes de França, "porque, perorou, uós aqui nos achamos unicamente para seguir os vossos conselhos e observar as vossas decisöcs."

Resmungando, repliquei uma porção de dezaforos. Tive porém, a cautela de falar em portuguez.

Governo em ação. Março, 29.

— Contentamento da imprensa pariziense; Andrinopla foi tomada de assalto; Creusot venceu Krupp; a artilharia allemã foi batida pelo obus francez. Chukri-pachá o defensor da praça, por se haver rendido a bulgaros e servios, foi por elles nomeado heróe durante um mez.

Alegria Russa. Indiferença ingleza. Despeito germanico. Allivio grego. Intranquillidade italiana. A Europa é um quartel: em mcia promptidão todos os governos fortes; amendonçadas, sem tarimbas, as nações mais fracas! Matar é a grande preocupação da fórmula - governo.

Ha quarenta e oito horas ficaram evidentes as communições marconicas entre o litoral norteamericano e a Torre Eiffel. Mas é isso mesmo: a aptidão individual melhora a vida, a governação collectiva aumenta a morte.

(Continúa)

MARTIM FRANCISCO.





UM ALBUM DE ELISA LYNCH ⁽¹⁾

XI

Sabem quantos conhecem a historia da guerra do Paraguay um pouco alem dos seus traços geraes que ao principiar a campanha contava o Brazil um inimigo na pessoa do plenipotenciario americano alli acreditado, Charles Ames Washburn. Intimo amigo de Lopes II e Elisa Lynch, contribuiu fortemente para que a opinião publica de seu paiz se deixasse embaraçar pelas apparencias enganosas do conflicto: a tão apontada disproporção de forças que levava o immenso e covarde Brazil a alliar-se ás republicas platinas afim de esmagar o minusculo e heroico adversario.

Era isto o que impressionava ao publico nos Estados Unidos tanto mais quanto gozava Washburn no seu paiz da melhor reputação.

Accusam-no varios escriptores da autoria de perversa invencionice que á porfia repetiram os inimigos de D. Pedro II, brasileiros e estrangeiros e tanto correu mundo sobretudo nas Americas. Assim lhe attribuem a paternidade da patranha insustentavel que filia a verdadeira causa da guerra do Paraguay, aos sentimentos de vingança do Imperador do Brazil, grave e pretensamente insultado nos sentimentos dynasticos e pessoas pelo pedidô da mão da Princeza D. Leopoldina pelo despota de Assumpção.

Homem intelligente e culto, embora sem maneiras, grosseiro mesmo, segundo affirma Masterman, pertencia Washburn a uma familia dispendo de dilatado prestigio.

Filho de Israel Washburn, grande constructor naval e armador, muito conhecido, nascera em 1822 na Nova Inglaterra. Apenas formado em direito resolvera transplantar-se para S. Francisco da California.

(1) Vide numeros de Dezembro a Fevereiro.

exactamente na época das grandes *rushes* do ouro. Allí advogara e politicara activamente, dirigindo um grande jornal o *San Francisco Daily Times* e organisara o partido republicano do Estado, de onde lhe viera muita influencia junto aos leaders supremos da sua aggremação politica. Homens de multiplas aptidões era ao mesmo tempo um excellente mecanico, imaginara um typo novo de prelo e vendera varias e rendosas patentes de invenção.

Rodeava-o a aura de varios irmãos altamente collocados, sobretudo a de Israel Washburn Junior, advogado de fama, inumeras vezes enviado como deputado ao Congresso Nacional, abolicionista *enragé* e afinal em 1860 governador do Estado do Maine.

Mostrara-se no desempenho deste cargo um dos mais firmes sustentaculos do glorioso Lincoln, sendo tido como dos grandes *Governadores da Guerra*. Outro irmão, Caldwellader Colden Washburn, tambem advogado de notoria reputação, grande influencia no Estado de Wisconsin, de que viria a ser o governador, era igualmente na época um dos homens proeminentes do partido republicano. Tomara a mais activa parte nas operações da guerra civil chegando a ser coronel major general de voluntarios.

O mais velho da irmandade, Elihu Benjamin Washburn, deputado ao Congresso, sempre reeleito, desde 1852 e onde haveria de permanecer até 1869, este chegaria a Secretario do Estado com Grant e mais tarde a embaixador em Pariz, de 1870 a 1880.

Os dous mais jovens da familia tambem faziam carreira brilhante: Samuel Washburn, official da marinha coberta de serviços e citado pela sua pericia e bravura "Skill and galantry" e William Drew Washburn, politico de larga influencia no Estado de Minnesota, a ponto de, em 1865, ser nomeado *surveyor general*, apesar da mocidade.

Assim, por si e pelos seus, revestia-se o ministro Washburn de grande autoridade para encaminhar deste ou daquelle modo a opinião publica norte americana.

Chegado em 1861 ao Paragnay é de crer não haja resistido aos encantos da Circe celta *en tout bien tout honneur* queremos crer, pois não era Elisa mulher que se abalançasse a desencadear a explosão dos ciumes do feroz anasio, sobretudo no pequeno scenario paraguayo, onde se sabia rigorosamente vigiada.

Em 1862 estava o ministro Washburn nos melhores termos de amizade com o despota e sua amante.

E este sentimento lhe ditava duas longas paginas de prosa, com pretenções humoristicas, aliás, a nosso ver, mediocremente realisadas. Pelo panno de amostra do album de Elisa Lynch não nos pareça o caudidico diplomata escriptor cujo espirito seja dos que cream ou acreditam uma feição litteraria.

Avaliem-no, porém, os leitores; e não nos esqueçamos contudo de quanto é perfido e escorregadio o terreno do album de pensamentos:



Muito desejaria, minha boa amiga, escrever algumas linhas originaes e espirituosas, se tal me fosse possível, mas infelizmente :

“A minha unica feição original. E' a do peccado original”.

Conhecedor d'esta falha já me contentara com o redigir certo numero de phrases sensatas embora estafadas mas... ainda infelizmente tanto me favoreceu a sorte quanto á sabedoria como quanto ao espirito.

Desde muito é tido o nescio quando calado, por avisado; quantos não tem passado por sabios só porque não falam ! e se de uma cabeça violentamente sacendida nunca se ouviu dizer que a sabedoria houvesse escapado é que certamente lá ficou ella sempre presa. Traçasse eu aqui a minha rude assignatura, somente, que d'ali me viria talvez reputação identica quanto á sabedoria; quem sabe mesmo se os que para ella olhassem não exclamariam como Sir Rogee de Coverly no tunulo do Dr. Brusby.

“Este, em verdade era um grande homem”. Imaginariam, com certeza, que me teria sido facil escrever por cima da firma palavras de tão profunda sabedoria e scintillante humorismo como jamais ainda houvessem sido apreciadas quer :

“Pela immensidade dos ceus, dos abysmos da terra ou sob as aguas que cobrem o globo”.

Poderiam crer-me tão sensato quanto Goldsmith; aliás mestre-escola. “Cresceu o portento á ponto de uma pequena cabeça poder conter tudo quanto conheço”.

Mas, quando as palavras perfazem phrases inspidas e vazias não ha ensejo para illusões; apparecem *in totum* os periodos chatos, prosaicamente monotonos e o escriptor que poderia — se se tivesse limitado a rabiscar o nome — passar por um oraculo de sabedoria em poço de humorismo, revela-se privado d'estas qualidades por não conhecer bastante a arte de nada dizer.

Occorreu-me a ideia de que para mim o melhor seria não imitar a boa Sra Partingdon que “nunca abria a bocca sem dizer um churrilho de asneiras” e deixar-me quieto, fazendo entrever que se quizesse, deramaria a jorroz espirito e sabedoria.

Não me posso furtar porém, cara amiga, a dizer, que tendo vindo a este longinquo paiz estrangeiro foi para mim motivo de grande alegria n'elle se me deparar uma senhora nobre pela educação, pela alma e apurado gosto, com quem pude conversar acerca dos grandes mestres da lingua saxonica e discutir assumptos de litteratura contemporanea.

E' com estas calorosas expressões de consideração e estima que me assigno seu amigo grato

C. A. WASHBURN.

Assumpção, 28 de Maio de 1862.

Encantado pela belleza da sua homenageada e ao mesmo tempo satisfeito de haver encontrado, no rude e ignorante Paraguay de 1860, uma mulher de grande e culta intelligencia com quem podia trocar ideias sobre assumptos que lhe eram gratos deixou-se Washburn suggestionar a

ponto de cerrar olhos e ouvidos ás manifestações da tyrannia lopezca.

Pouco a pouco porém, dissipando-se a nuvem enganosa que lhe evoluia o espirito voltando-lhe a consciencia da verdade dos factos, sobretudo quando viu o regulo encaminhar-se para o terreno das crueldades em massa e systematicas.

A principio suspeito a Lopéz II, dentro em breve era por este odeado e afinal, após as horribéis matanças de S. Fernando, gravemente ameaçado. Foi então necessario que o governo de Washington tratasse de lhe proteger a existencia pois o autocrata paraguayo o apontava como um dos organisadores, senão o principal, da supposta conspiração tramada para o derribar.

Teve o *Wasp*, navio de guerra norte americano de ir ás aguas paraguayas buscar o diplomata que, uma vez escapo ás garras do autocrata violentamente se desabafou, escrevendo, já de Buenos Ayres, as tremendas — bastava-lhes o character da veracidade — objurgatorias contra o assassino de S. Fernando.

Denunciado ao seu governo pediu o ministro uma abertura de inquerito para se justificar, havendo nesta occasião, obtido a sua conducta a mais completa approvação da junta encarregada pelo Ministerio das Relações Exteriores de estudar o seu caso.

XII

Dous annos o meio após a data em que o diplomata norte americano assignara as suas paginas de humorismo no album da Lynch, irrompia a guerra.

Qual teria sido a attitude de Elisa durante a campanha? Desde os primeiros dias, no dizer de varias testemunhas oculares, deu o amasio inequivocas mostras de ferocidade tal, e tão desorientada, que parecia inspirada por absoluta insania. Assim na conta Thompson quando refere por exemplo a execução de dous transfugas argentinos mortos a chibatadas, por terem enfermado de variola! e, sobretudo, o horrivel fuzilamento de um misero sargento da guarda presidencial, accusado de conspiração e cujo crime consistia em haver perguntado ao official inglez se a rainha Victoria sahia com a coroa á cabeça, quando estava a passeio e outras cousas de igual gravidade.

Em perpetuos transe viveu certamente Elisa Lynch, desde os primeiros dias de desanimo, quando a realidade das cousas se lhe desenhou ao espirito, após os desastres de Riachuelo, Thyuty, Curuzú, etc.

Assistia ao embarque dos batalhões, frequentemente, acompanhando os soldados até a bordo onde lhes dava cigarros e moedinhas e passou a residir no Passo da Patria, por algum tempo. Quando este foi evacuado após o bombardeio tremendo da esquadra brasileira, Lopez espavorido, diz ainda Thompson, fugiu precipitadamente, longe do alcance dos canhões navaes, deixando Lynch e seus filhos «que se arrunassem como pudessem». Ella, o Bispo Palacios e os seus ajudantes passaram

metade de um dia a procural-o. Afinal o acharam a 3 leguas do Passo ; como as balas brasileiras se approximassem a uma milha do ponto onde estava, partiu immediatamente. «Estando fora do alcance dos projectis começou a fazer-se de valente. Possuia um genero peculiar de valor ; achando-se a coberto dos tiros, muito embora cercado pelo inimigo, conservava o bom humor ; não supportava porém o silvo de uma bala».

Sempre ao lado do amante, relata Thompson que ao fracassar o accordo tentado na entrevista de Lopez e Mitre em Jataly Corá foi Elisa quem consolou o amante, de regresso ao seu quartel general, secundando-a o Bispo, o deploravel Palacios.

Dias depois, embaçado o generalissimo aliado pelo embuste grosseiro da proposta de amnistia, dava-se o terrivel desastre de Curupaity o que, segundo narra Thompson, proporcionou á Irlanda mais uma demonstração do seu espirito de ex-rameira, avida de dinheiro.

Vergonhosamente despojados os nossos mortos pelos vencedores, grande quantidade de ouro appareceu no campo paraguay, ouro que Elisa embolsou em troca de papel moeda, recentemente emitto.

Quando o general Diaz foi mortalmente ferido, em fins de janeiro de 1868, Elisa o visitou varias vezes, depois da amputação que o Dr. Skinner praticara, da perna do heroe.

Em 1868, affirma o autor inglez, fôra ainda ella a instigadora do movimento psondo patriotico pelo qual as infelizes paraguayas se despejaram, em proveito dos cofres nacionaes, de suas joias, joias que Lopez e ella *roubaram*, escreve-o por extenso. Tiveram ainda as infelizes tributadas que pedir permissão para pelejar ao lado dos irmãos, ainda sob a inspiração da irlandeza. Havendo algumas raparigas da aldeia de Aregná insistido, fardou-as Elisa com um uniforme de sua invenção : traje branco com faixa tricolor completado por uma especie de gorro escossez.

Viviam taes amazonas a percorrer as ruas da Assumpção cantando hymnos patrioticos. Passadas algumas semanas dispersaram-se.

Aproveitou-se Elisa Lynch da guerra para satisfazer antigos o fundos rancores, avança o engenheiro britannico. Assim, como detestasse o digno Consul Geral francez Cochelet pelo facto de jamais haver consentido que a familia a visitasse, serviu-se de sua substituição pelo tão tristemente famoso Cuverville para o expor e aos filhos, a graves perigos. Mandou-os encerrar num local da fortaleza de Humaytá onde estes desgraçados passaram muitos dias expostos ao bombardeio da esquadra brasileira. O que os salvou foi o apparecimento inesperado de um navio francez que os vinha buscar.

Entre outras increpações feitas á cortezã por Thompson citemos estas : logo que Lopez soube ser fatal a forçagem de Humaytá encarregou a amasia de «cautelar» os objectos preciosos do casal, isto, é os que lhe eram proprios e as offerendas dos paraguayos sobre o «altar da patria» além de muitos outros valores.



Vivendo contiunamente deste o principio da guerra em companhia da bella e tão dosventurada mulher do Coronel Martinez, o heroico defensor de Humaytá, nada fez Elisa para salvar a companheira quando o tyranno a mandou torturar ferozmente, em represalia á capitulação do marido.

Quando a canhoneira *Beacon* veio ás aguas paraguayas repatriar os inglezes esforçaram-se Lopez e Elisa para fazer crer ao commandante e officiaes do vaso de guerra de que «nenhum inglez queria sahir do paiz».

Esmagadas as suas forças em Lomas Valentinas fugiu o dictador como so sabe pela «picada da selva», tão apressadamente que abandonou a amasia á sua sorte, «andando ella, bravamente, a procural-o entre as balas, com perigo continuo de morte». Afinal desanimando encontral-o, fugiu em compauhia dos generaes Resquin e Caballero indo reuuir-se ao homem a quem se ligara. Valeu-lhe esta attitude a admiração dos seus sequazes. Acaso não receitaria calir prisioeira, sabendo-se odiada como ora?

Para von Wersen — o obsecado official prussiano que se encasquetara a mauia do servir o Paraguay contra os alliados, arriscara muitas vezes a vida para alcançar o desideratum, e, afinal, em troca de tanta sympathia, só de Lopez recebera toda a sorte de maus tratos, havendo mesmo milagrosamente escapado á morte pelo supplicio — para Von Wersen foi Elisa a inspiradora de muitos dos crimes do amasio.

Tambem para o Dr. Jorge Masterman, o cirurgião militar inglez ao serviço do governo paraguayoy e autor do livro tão interessante dos *Sete annos de aventuras no Paraguay*, foi Elisa quem «pelos conselhos perversos e desenfreada ambição se constituiu a causa remota da terrivel guerra», arruinadora da heroica o desgraçada republica central.

Segundo este escriptor Elisa e Lynch não passavam de nomes de guerra, preteude elle que a ex-hetaira, nascida em França, de pais irlandezes, desposara um medico militar francez. «Quando a conheci era notavelmente bella e embora o tempo e o clima lhe houvessem diminuido a belleza; comprehendi perfeitamente quanto os paraguayos, vendo-a desembarcar, acharam-lhe os encautos de um realce extra terreno tal e o vestuario tão sumptuoso que tanto para uns comó para outros não encontraram phrases que lhes traduzissem o pasmo. Recebera esmerada e mesmo brilhante educação e falava, com a mesma facilidade, o inglez, o francez e o hespanhol. Dava magnificos jantares, podendo impunemente beber tanto champagne, quanto jamais vira quem quer que fosse fazel-o».

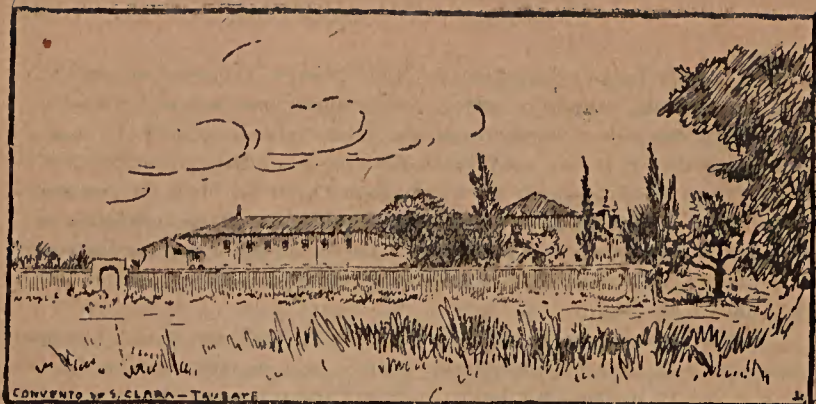
Mulher intelligente, egoista e destituída de escrupulos como uinguem, comprehende-se immediatamente quanto devia ser immensa a influencia por ella exercida sobre um homem tão imperioso, embora tão fraco, vão e sensual como Lopez. Com admiravel tacto tratava-o, apparentemente, com a maxima deferencia e respeito quando na realidade dolle fazia o que bem lho passava pela mente e era virtualmente a soberana do Paraguay. Dous projectos ambiciosos a afagavam: desposar o

amasio e delle fazer o Napoleão do Novo Mundo. O primeiro constituia difficil empreza, pois o marido, como francez, não podia divorciar-se; quiçá realizando-se o segundo não lhe teria, talvez, sido muito custoso obter dispensas e trocar a equivoca situação por outra garantida. Assim gradativa e insidiosamente fora imbuindo Lopez da ideia de que era o maior cabo de guerra do seu tempo e lisongara o fatuo, credulo e avido selvagem de modo a inculcar-lhe a noção de que o destino lhe reservara tirar o Paraguay da obscuridade e tornal-o a potencia dominante da America do Sul.

Tornava-se necessario para a realisação da ambiosa trama, o desencadeamento de uma grande guerra. Com vizinhos tão açambareadores como o Brasil e tão turbulentos e anarchisados como a Argentina não foi difficil descobrir pretexto para as hostilidades, nem muito esperar por tal opportunidade'.

AFFONSO D' E. TAUNAY





NOTAS DE UM LIVREIRO

I

Sobre o Código Civil.

E' completamente ignorada a bibliographia do Código Civil Brasileiro. E' conhecido como primeiro organisador de um projecto o Visconde de Seabra. Ainda niuguem fez referencia ao projecto do pernambucano Visconde de Goyaná, approvado pela Camara dos Deputados e que dorme (si dormir) na poeira do seu archivo. A's notas sobre o Código seguirão as sobre — «Anonymos Pseudonymos» e outras muitas accumuladas no meu ja longo viver de alfarrabista.

* * *

1822. Vicente José Ferreira Cardoso da Costa, natural da Bahia, nascido a 5 de abril de 1765 e fallecido na ilha de S. Miguel a 14 de agosto de 1831. Foi desembargador da Relação da Bahia. Escreveu :

O que é o Código Civil ? Ao Illmo. Sr. J. J. Rodrigues Bastos, etc. Lisboa, 1822, in-4º. de 312 pp. Possui um exemplar por mim vendido o Sr. Dr. Spencer Vampré.

1831. Bernardo José da Gama, Visconde de Goyana, natural da cidade do Recife, nascido a 20 de agosto de 1762 e fallecido a 3 de agosto de 1854. Redigiu :

Projecto do código civil e criminal. Rio de Janeiro, 1831, em 546 artigos. Este trabalho submettido á consideração da Camara dos Deputados, obteve parecer favoravel.

185... Antonio Luiz de Seabra, Visconde de Seabra, nasceu no Rio de Janeiro em fins do seculo XVIII. Delineou :

no dizer de Clovis Bevilacqua, Em Defeza, «não passou de um título preliminar e de uma primeira parte dedicada á *capacidade civil e seu exercicio*».

1859. Decreto de 11 de Janeiro encarregando Augusto Teixeira de Freitas de redigir o projecto do Código Civil.

1861. Augusto Teixeira de Freitas, nasceu na cidade de Cachoeiras, Bahia, a 19 de janeiro de 1817. Elaborou :

Código Civil. Esboço. Rio de Janeiro, typ. Universal de Laemmert, 1860-1864; in-8º. de 1864 pp.

1865. Relatórios e pareceres dos membros da comissão encarregada de examinar o projecto do Código Civil do Imperio, redigido pelo bacharel Augusto Teixeira de Freitas. Rio de Janeiro, typ. Nac. 1865, in-8º. de 166 pp.

A comissão compunha-se dos drs. Caetano Alberto Soares, Marcelino do Brito, Figueira de Mello, Ribas, Conselheiro Furtado e Arêas, (Barão de Ouren).

1866. Dr. Fernando de Mello Coutinho de Vilhena, nasceu em Caxias, Maranhão, e falleceu depois de 1870. Diz Joaquim Serra, que «si a morte não o tivesse arrebatado tão cedo, talvez tivéssemos um Código Civil».

1882. Joaquim Felício dos Santos, nascido em Diamantina, Minas, em 1828 e fallecido a 21 de outubro de 1895. Escreveu :

Camara dos Deputados. Projecto do Código Civil Brasileiro precedido dos actos officiaes relativos ao assumpto e seguido de um additamento contendo os apontamentos do Código Civil organisados pelo conselheiro José Thomaz Nabuco do Aranjé. Rio de Janeiro, typ. Nac. 1882, in-4º. de IX—723—34 pp.

1885. Código Civil Brasileiro ou leis civis do Brasil, posto em ordem de materias em seu estado actual por Tristão de Alencar Araripe. Rio de Janeiro, Laemmert & C., 1885, in-8º de XIII—799 pp.

1889. Actas das sessões da Comissão organisadora do Código Civil Brasileiro. 1889 in-Rev. do Inst. Hist.

1893. Antonio Coelho Rodrigues, nascido no Piahy a...

Foi na Republica o primeiro author de um :
Projecto do Código Civil Brasileiro, Rio de Janeiro, Imprensa Naional, 1893, in-8º de VII—352 pp. 2734 artigos.

(Continúa)

TANCREDO PAIVA





ARTES E ARTISTAS

EXPOSIÇÃO

GEORGINA - LUCILIO DE ALBUQUERQUE

Dá-nos esta exposição de pintura ensejo de observar um caso nada commum de associação artistica. Porque a regra é não se associarem, matrimonialmente, artistas da mesma arte, e quando sim, nunea advir dessa liga harmonia proveitosa á livre oxpansão da individualidade de ambos. Daudet, num livro anecdotico, analysou uma serie de casos, variantes humanas de «cão com gata»; vidas reciprocamente estragadas por uma incompreensão reciproça. Ainda quando a mulher possui um nivel mental ou estheticoo igual ao do marido, a tremenda incompreensão feminina, o eiume e outras feminilidades que os poetas solteiros aeham encantadoras, coaretam-lhe a personalidade supprimindo a condição primaria do lavor estheticoo — a liberdade. O que amofinou ao paciente Soerates a Xantippa! Afranio Peixoto, com muito engeuho, tontou rehabilita-la; mas apesar dos bons argumentos não ha quem não deseje uma Xantippa para cada um dos seus inimigos. No caso Albuquerque, Lucilio e Georgina comprehenderam-se na integra e souberam, associados, levar por diante uma notavel obra commum. Influenciando-se mutuamente, não foi, como no caso da regra, depressiva esta influencia; foi antes de effeito exalçador: augmentaram-se ambos sem nenhum sacrificio das respectivas individualidades. Não é mistor baixar os olhos á assignatura para distinguir, na exposição, do quem é o quadro. As duas maneiras, os dois estylos, apesar de parentes proximos, não se confundem. Mais emoção om Georgina, mais intenção em Lucilio — em ambos a mesma segurança o mestria. Na “Catechese”, quadro de amplas proporções, aborda esta um thema muito de sua predilecção. Através da mata virgem, pela faixa escalvada de mau caminho, o jesuita,

de mãos postas, rodeado de "coroinhas" indígenas, vae de rumo aos selvajens. O artista procurou impregnar de mysticismo a scena, e dar á figura do padre a expressão de martyr na sonda de martyrio provavel. Já os pequenos caminham despreoccupados como quem de nenhum perigo se teme. Grupo de selvajens ao fundo espia o movimento do rancho. E' difficil reconpôr com exactidão certos estados d'alma irreproduzíveis hoje, e, no caso, o artista recorre a fórmulas. A expressão adoptada por Lucilio é a fórmula de accitação mais vulgar. Admitte-se que, em hypothese semelhante, o padre caninhasse orando com fervor, extático, incerto se voltará com vida ou acabará no espeto, assado pelas megeras da tribu. A realidade bem pode ser que fosse outra, mas o artista ha de couformar-se com a fórmula mais em voga se não quer arriscar-se a audacias perigosas. Esse quadro é, por todos os motivos, bom. O ambiente florestal está feliz, dá a sensação de frescor humido dos sitios penumbrosos, aquietados sob a redoma secular das frondres; e as figuras, apesar de repetidas nos cornmins, além de movimentadas, apresentam o character necessario ás coisas vistas sob o prisma da arte. A nossa Pinacotheca resentir-se-á se essa valiosa téla voltar para o Rio. O mesmo diremos do "Jardim florido", de Georgina, o "clou" da exposição. E' quasi um retrato. Um ousado retrato moderno de moça moderna, tocada duma ponta de excentricidade norte-americana. Em repouso, deitada na relva dum canteiro, o busto abrigado da soalheira pela sombrinha côr de rosa, está essa bella flôr humana dentro do quadro natural mais propicio ao realce dos seus encantos. O arranjo é sobremaneira feliz, com o tufo de flôres rosceas do fundo a esmaiar o vivo da mancha central predominante, formada pela sombrinha luminosamente vermelha.

A transparencia obtida com mestria, o jogo de luz no rosto da faceira cambiando do vermelho calido aos reflexos verdes da relva, a leveza do vestido de gaze, a elegancia da attitude e o ar saudavel, singularmente vivo, do rosto sorridente, fazem dessa tela "o ponto mais olhado" da exposição. Optimamente pintada e realmente bella (qualidades que se não implicam forçosamente) Georgina dá com ella alta medida da sua força, revelando-nos capacidade para vãos ainda mais altos. Esse o n. 5. "A pose", são os seus melhores trabalhos, se é possível usar desta expressão. Nada choca, nada destoa neste ultimo, de um equilibrio de tons, valores, modelado e composição absolutamente perfeito. Ao lado delle uma pequenina tela — "Le grande chapeau" — attrae e prende a attenção pela finura de tintas e excellencia de modelado. Na "Leitura", outra figura de pequenas dimensões, ha envolvendo a figura da mulher reclinada que lê um flagrante ambiente de penumbra mormacenta muito digno de nota. Na impossibilidade de uma referencia aos demais quadros de figura, saltemos á paisagem, que embora menos predilecta á artista é quasi tão rica de qualidades como a de Lucilio. Citaremos a "Serra dos Orgãos", trecho de natureza cahotica, desordenada na vegetação, no deslisar atropelado das aguas e na estranha conformação da serra denteada que lhe serve de fundo. Cita-



remos ainda, uma aquarella de rosas de extrema frescura, e a paisagem mineira de Cambuquira, bem manchada. Já do Lucilio seria necessario citar todas as paisagens e marinhas. Tom-n'as que se nos gravam para sempre na memoria. Exemplo: a "Estrada". Muito transparente, muito luminosa e arejada, com soberbos verdes leves, ha uma "sympathia" alli a conjugar, céu terra e arvores que nos leva o pensamento longe. E' paisagem dessas que se não limitam a dar simples impressão de pittoresco, mas despertam as suaves emoções de saudade—saudado do fugaz, momento da nossa vida em quo "estivemos num lugar assim".

Coisas que se sentem bem, mas que se definem mal... Num quadro de muito merito, "Recanto", Lucilio fixa um aspecto de chacara em ruina. A casa volha, em vespera do tapera, está do boa harmonia com o trecho de natureza "dolabrée" onde velhas arvores d'antanho, do mistura com arbustos loucos e hervagens esccidas ao léo, dizem a historia de uma decadencia actual ombricada num fausto antige. Pairante sobre tudo, o ar de modorra dum dia calmoso de Icarahy. Mesma segurança de effeitos na "Praia de Icarahy"—nesga, de mar entrevista longo, por detraz de moita intermedia de mató vadio, e na "Paisagem de Nictheroy", delicioso recanto rico de verdes viçados ús chuvas da primavera. E "A Sombra"? Lá vimos um dos nossos mais finos amadores embevecer-se diante deste quadrinho, abrindo-se em louvores de que é avaro. Muito o mereee, na realidade, porque é difficil obter effeitos mais subtilmente emotivos. Os olhos repousam na figura de mulhor sentada que cose, e sentem-se felizes.

Resumindo, diremos desta exposição o quo dizem quantos lá penetram--artistas, amadores, curiosos: é uma festa d'arto, discreta e seria, sem notas dissonantes nem arapucas tendenciadas a lisonjear esta ou aquella corrente da moda. Nenhum laivo de cubismo ou cabotinismo impressionista. Vem sanmente, sentem e pintam honestamente. Está neste simples conceito o seu maior louvor.





O fazendeiro sabido
Que com carinho os seus tracta,
Nunca regressa da villa
Sem um pacote de LACTA.



• Under the Lacta

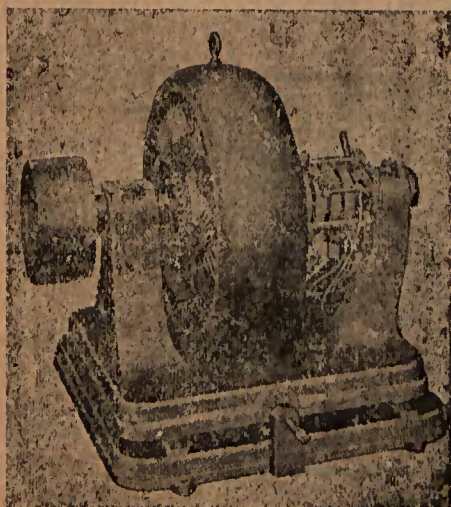
Procurem o
monogramma



é a garantia

A electricidade ao alcan- ce de todos.

Possuímos em
stock para entrega
immediata:



**Geradores de
corrente alternada
Triphasicos - 60
cyclos-1800 Rpm
220 Volts.**

De 7 1/2-15 e 25
kilowatts.

Proprios para
illuminação de pe-
quena cidade ou
fazendas.

PEÇAM CATALOGOS MENCIONANDO O NUMERO 5005 :

Cia. General Electric do Brasil (Inc.)

São Paulo

RUA BOA VISTA, 9

Telep.cent. -4985 e 4986

CAIXA, 547

Rio de Janeiro

RUA S. PEDRO, 126

Telep.norte-4299 e 4300

CAIXA, 109

MAPPIN STORES
SOCIEDADE ANONIMA INGLEZA

O porta-livros “MAPPIN”

Como se deve comprar um
porta-livros.

Começa-se com 3 ou mais «units»
e quando já estão cheios, aug-
menta-se simplesmente com
um outro «unit».



PREÇOS :

Para três “UNIT”,
montados, confor-
me o cliché acima,
106\$000.

“UNIT”, avulso . . .
27\$000.

Base e cornija . . .
25\$000.

NATURAL
OU PRETO

Temos uma grande
quantidade em “stock”,
para entrega imediata



Mappin Stores

RUA 15 DE NOVEMBRO, 26 - SÃO PAULO



VOCABULARIO ANALOGICO

DIMINUTIVOS

Adjectivo. Os diminutivos de adjectivos fazem aumentar, em vez de diminuir, as qualidades por elles expressas: *fortinho*, muito forte; *miudinho*, muito miúdo; *socegadinho*, muito socegado; *finorio*, muito fino. Podem usar-se com o determinativo *muito*: Maria é *muito bonitinha*. Alguns expriment apenas um tanto da qualidade: *gorducho*, um tanto gordo; *baixote*, um tanto baixo; *verdacho*, esverdeado. Existem adjectivos que tem forma diminutiva, mas sem a significação equivalente, como *ribeirinho*, *janeirinho*, *agostinho*. O padre Manoel Bernardes, em *Luz e Calor*, pag. 521, usou do diminutivo de *tamanho*: «Quem dirá, que em um bichinho *tamanino*, que que quasi escapa da vista mais perspicaz...»

Adverbio. Alguns adverbios são usados na forma diminutiva: *pertinho*, *cedinho*, *agorinha*, *pouquinho*, *tantinho*. Ha não poucas

locuções adverbias formadas de diminutivos: *ás rebatinhas*, *de gatinhas*, *de mansinho*, *devagarinho*, *ás cavallinhas*, *á fceleta*, *a pé-cozinho*, *á noitinha*, *de tardinha*. O adverbio *só* não tem diminutivo, ao passo que adjectivo *só* o tem na forma *sosinho*.

Animaes. São considerados diminutivos os nomes das crias dos animaes, como *pinto*, *bezerro*, *cordeiro*, *leitão*, *poldro*, etc. A's vezes taes nomes se formam com suffixos diminutivos: *cabrito*, *borracho*, *tebracho*, *chibato*, *bateote*, *lobato*. Encontram-se formas diminutivas, como *gallinha* e *cadelta*, exprimindo a femea dos animaes, e do mesmo modo deparam-se augmentativos, *lebrão* e *cabrão*, por exemplo, que são os machos da *lebre* e da *cabra*. O diminutivo *joanninha* é o nome de um insecto.

Augmentativo. Dos augmentativos podem formar-se diminutivos, como *portãozinho* de *portão*, e



BIBLIOGRAPHIA

VIDA E MORTE DE M. J. GONZAGA DE SÁ — LIMA
BARRETO — “REVISTA DO BRASIL” — S. Paulo, 1919

De Lima Barreto não é exagero dizer que lançou entre nós uma fórmula nova de romance. O romance de crítica social sem doutrinarismo dogmático.

Surgiu com as “*Memórias do escrivo Izaias Caminha*” de que pouco falou a imprensa offendida na pessoa de eminentes jornalistas postos em scena com inaudita irreverencia.

Publicou depois o “*Triste fim de Polycarpo Quaresma*”, e está na memoria de todos a impressão profunda, algo desmorteadora, desse magnifico estudo de caracteres e costumes, onde se escalpam cruamente umas tantas idéas correntes, transformadas em tabú pela ausencia de critica sincera.

Em seguida, tomado ao rodapé da *Noite*, tivemos *Numa e Nympha*, mais fraco que os anteriores, e visivelmente prejudicado pelo apressado da composição. *Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá* vem agora completar uma série sufficiente para collocar o autor em plano de alto destaque na pleiade dos nossos romancistas. Revela-se neste a mesma qualidade primacial observada nos anteriores: forte poder de empolgar o leitor, da primeira á ultima linha. Ninguém interrompe, por fastio, a leitura dos seus livros — esse mortal fastio que nos leva a admirar tantos autores inibindo-nos de os ler. *Vida e Morte* é um romance pouco romanceado. Nenhuma tragedia dentro; apenas o entaperar-se progressivo dum espirito superior enleado pelo cipó mortifero da burocracia. Gonzaga de Sá vê-se um dia entalado nas engrenagens desse Moloch transformador de homens em bonecos de engonço.

Reage, mentalmente apenas : é muito fraco para sacudir os músculos e desempégar-se da massa viscosa ; a iniciativa lhe morre, a resignação sobrevem. Gonzaga, voncido, deixa-se boiar como um ex-homem a tona da lagoa de aguas verdes, soffrendo em silencio o contacto doloroso dos gelatinosos collegas. Vingá-se confabulando com o interlocutor que o acompanha atravez do livro inteiro. Sua vingança, vingança calma de velho filosofo, resume-se em dissertar sobre homens e coisas com attica superioridade, E' um Mr. Bergeret carioca, ironico e sceptico, paradoxal e comprehensivo, por cujo crivo de analyse se coam todos os aspectos da velha cidade. O Rio está inteiro nesse livro, nas paisagens naturaes, na paisagem urbana, na população kaleidoscopica — salada de raças em que o mestiço esbarra com loiras mulheres gaulezas em inconsciente missão civilizatoria. Succedem-se os flagrantés, os instantaneos cinematographicos onde a alma das gentes e das coisas é apanhada ao vivo e escorchada ás vezes té o mais intimo dos recessos.

Nos livros tão cariocas de Machado de Assis o leitor entrevé desvãos do Rio. Machado, croador de almas, raro curava da paisagem urbana. Em Lima Barreto conjugam-se equilibradamente as duas coisas : o desenho dos typos e a pintura do scenario ; porisso dá elle, melhora do que ninguém, a *sensação* carioca. E' um revoltado, mas um revoltado em periodo mau de revolta. Em vez de colera, ironia ; em vez de diatribe, essa *nonchalance* filosofante de quem vê a vida sentado n'um café, e amollentado por um dia de calor...

M. L.

JAYME CORTESÃO — EGAS MONIZ — Drama em 4 actos
— Ed. "Renascença Portuguesa" — Porto, 1918.

O episodio dos amores de A. Tareja, a mulher de D. Henrique, com o conde de Trava e consequentes luctas entre ambos e D. Affonso, que foi o primeiro rei do Portugal independente, deu assumpto a mais uma peça de Jayme Cortesão, festojado autor de outras obras theatraes, entre ellas — "O Infante de Sagres", que consagrou altamente os meritos do novel dramaturgo portuguez.

A actual peça, que abrange, nos seus quatro actos, toda a epoca de transição do antigo condado Portucalensis e a separação do reino de Portugal, versando sobre o que a lenda e as chronicas attribuem aos amores daquelles dois personagens, põe em fóco a figura de D. Egas Moniz, que tão alto papel representou no nascimento de Portugal.

Jayme Cortesão soube aproveitar-se habilmente desse capitulo da historia lusitana e escreveu um drama em versos magnificos, dando á obra um sabor inteiramente nacional. Entromeando das lendas mais caracteristicas desse tempo e que se relacionam com as luctas da independencia, sem desfazer da verdade historica, consoguiu um trabalho de larga movimentação, objectivo raramente alcançado pelos que se circumscvem estreitamente á technica do theatro.



NOÇÕES DA HISTORIA DA PHILOSOPHIA — LEONEL FRANCA. — Livraria Drummond. Rio 1918.

E' este um compendio que vem abrir um capitulo novo á bibliographia didactica de nossa terra.

No Brasil, a bibliotheca de philosophia não é apenas pobre, mas quasi mesmo inexistente.

E quando nos referimos ás obras de philosophia não queremos falar de obras originaes que demandem philosophos — ave rara neste paiz — falamos das de simples compilação e commentario que requerem unicamente um pouco de cultura e um pouco de boa-vontade.

Como livro didactico que é, a *Historia da Philosophia* apresenta-se com credenciaes de valor: methodo, clareza e concisão. Collima perfeitamente os seus fins e ha de servir de auxiliar precioso e todos quantos se iniciam nesse arduo ramo de actividade intellectual.

Do ponto de vista doutrinario, o livro resent-se do preconceito religioso do A. (o A. pertence á Egreja Catholica) e, naturalmente, os seus juizos não têm sempre aquella imparcialidade de que se ha mister num historiador e, em especial, num historiador da philosophia.

O A. dividiu o volume em cinco partes, que estudam a philosophia oriental, grega, patristica, medieval e moderna.

Com excepção da primeira, que foi demasiadamente resumida, as demais partes foram estudadas com criterio e pleno conhecimento de causa.

O capitulo sobre philosophia medieval afigura-se-nos o melhor de todos, pois concorre para a rehabilitação, já iniciada ha tempos, desse enorme periodo da historta da humanidade, que estudiosos intransigentes chrismararam de «interreguo de treva.»

A parte menos imparcial de toda a obra é a da philosophia moderna, o que se comprehende bem desde que trata de typos de hontem, encarados de um ponto de vista sectario.

Diz o A. por exemplo, de Nietzsche, a quem dedica ao todo, dez linhas: «As doutrinas immoraes de Nietzsche revelam um cerebro desequilibrado. Enlouqueceu em 1889.»

Do facto do philosopho da *Transmutação de todos os valores* ter enlouquecido tirou a conclusão de que as suas theorias eram as de um alienado.

Mas essas são imperfeições e ninguem dellas se liberta, especialmente quando são devidas aos nossos proprios sentimentos de fé.

O livro tem valor e cabe na estante do leitor mais intolerante, e é isso que queremos fique aqui consignado.

A CRITICA DE HONTEM. — NESTOR VICTOR. — Livraria Editora de Leite Ribeiro & Maurillo — Rio 1919.

O A. dá-nos uma verdadeira gamma musical. Ha nesse livro tudo: graves e agudos, accordes e desaccordes, bemóes e sustenidos.



Reunindo os seus artigos de critica, dispersos pelos jornaes e revistas e escriptos num periodo que varia entre 1898 e 1916, não podia deixar de ter feito nma collecção meio *à la diable* e em que a selecção não foi o tamiz fino capaz de separar cousas sem valor de trabalhos de merito.

Ha, por exemplo, — e tanto para citar um só — o artiguete *José de Alencar e Machado de Assis*, que alli não devera estar. São ao todo 47 linhas, para julgar os dois typos fundamentaes do romance brasileiro, que afeiam o livro sem lhe augmentar o volume.

Ao lado desses senões, tem paginas de critica sadia e superior, pontilhada de observações justas, quasi sempre argutas, não raro mesmo profundas.

A sua critica a Olavo Bilac, feita ha 17 annos atraz, tem o mesmo valor, a mesma frescura, a mesma superioridade de senso esthetico como si fôra feita hoje.

E' uma temeridade falar-se agora em Olavo Bilac, o grande morto de hontem, que virou o *Ai Jesus!* da literatura indigena.

Suppunhamos mesmo que só daqui a alguns annos, quando já não fosse escandalo, nesta graciosa terra dos papaguios, discutir a obra de um vulto nacional, poderia surgir alguém que o enquadrasse definitivamente em sua justa moldura e não o calumniasse nem pelo elogio idiota, excessivo, inexpressivo de adorador mussulmano com que o incensaram, nem pela negação de suas qualidades verdadeiras e eminentes.

Pois o A. conseguiu fazer esse estudo ajuda em vida de Bilac, e fel-o com consciencia, acuidade critica e percepção esthetica.

Sobre Nietzsche tem, no volume, duas paginas fulgurantes, onde se encontra esta bem apanhada observação, que é aliás o tom geral do livro:

«Nietzsche é o sentimento da proibidade intellectual levado á loucura. Depois de nos havermos encontrado com elle, qual o de nós que se não sente mais ou menos cabotino?»

Nesta ligeira noticia não cabem maiores referencias á *Critica de Hontem*, mas essas bastam para evidenciar que, á parte senões desculpaveis, é um livro que dá bem a medida de uma personalidade que se formou na escola da independencia individual e do bom gosto e que adquiriu o habito de pensar e de julgar com justiça e justoza.

MAU OLHADO — VEIGA MIRANDA — Leite Ribeiro e Manrillo — Rio 1919.

Veiga Miranda, estreado auspiciosamente com «Resurreição» na arte do romance, reaffirma com «Mau Olhado» seus magnificos dotes de pintor de almas e costumes. Como no primeiro, o enredo deste transcorre dentro do quadro agreste da vida roceira. Lel-o, é ter desdobrada ante os olhos a cinematographia colorida das fazendas abertas no sertão —



lucta barbara do homem contra a terra e lucta da civilisação contra a selvajeria.

Um fazendeiro da Bagagem, já idoso, muda-se para as margens do Rio Pardo, onde abre fazenda. Está casado de novo, em segundas uupcias, com Maria Isolina, «creatura do 18 annos, morena e formosa, entontecedora no seu olhar de velludo, nos seus cabellos negros, nas suas formas massiças e harmoniosas, como essas bobidas lubricitantes de que, a cada gotta sorvida, parece evocar-se imagens novas, de prazer e delirio.»

Mas não fôra bem conjugada essa união. A desproporção da idade, a grosscira rudeza do sertanista não podiam dar a Isolina o que, romantica por temperamento, romanticamente ella pedia. E seus «olhos negros, rasgados, de avelludada doçura, que haviam fulminado o sertanejo, se tinham vindo transformando pouco a pouco em duas corollas mysteriosas e profundas, de petalas sedosas e fulgurantes da grande flor da melancholia. Parciam mais escuros, como duas janellas abertas para a treva de uma alma irfeliz.»

Isolina deperecia, victima da derrocada das suas illusões de famosa. Idealista, sequiosa de amor, via no charro daquelle casamento d'arranjo a morte irremediavel de tudo. Todo o drama, com as multipias derivações que no decorrer soffre, engalha inicialmente no mortal desegano de Isolina.

Seu mysterioso mal cresce. E' «mau olhado». Acodem-n'a com remedios que peioram a situação. Fiam a cura da intersecção milagreira do ceu. Constroem igrejiuha votiva. Toda a fazenda jaz suspensa em torno do magno problema da cura da senhora. Mas a hysteria da moça incomprehendida segue o curso fatal, e, aggravada sempre, desfecha em loucura tragica.

Em torno do Isolina, figura central, gyra um mundinho familiar, no qual se destaca com singular relevo o bando de diabretes, suas enteadas. Dá nota alacre ao romance as continuas peraltagens de Leonor, Ismenia, Bugrinha e companheiras, a grazinarem como baitacas irriquietas, sempre aos cochichos na lingua do p.

—Coi—poi—ta—pa—da—pa da—pa Is—pis—mc—pe—ni—pi—a—pa.

Nessa algaravia incomprehensivel aos não iniciados, fazem commentarios brejeiros á vista de todos, e, sobretudo, do padre Livio, que é um acabado typo de songa-monga mystico. Enteedo, tambem, de Isolina, e recebendo do seminario, Livio está no periodo de lucta aguda contra o mundo, o diabo e a carne.

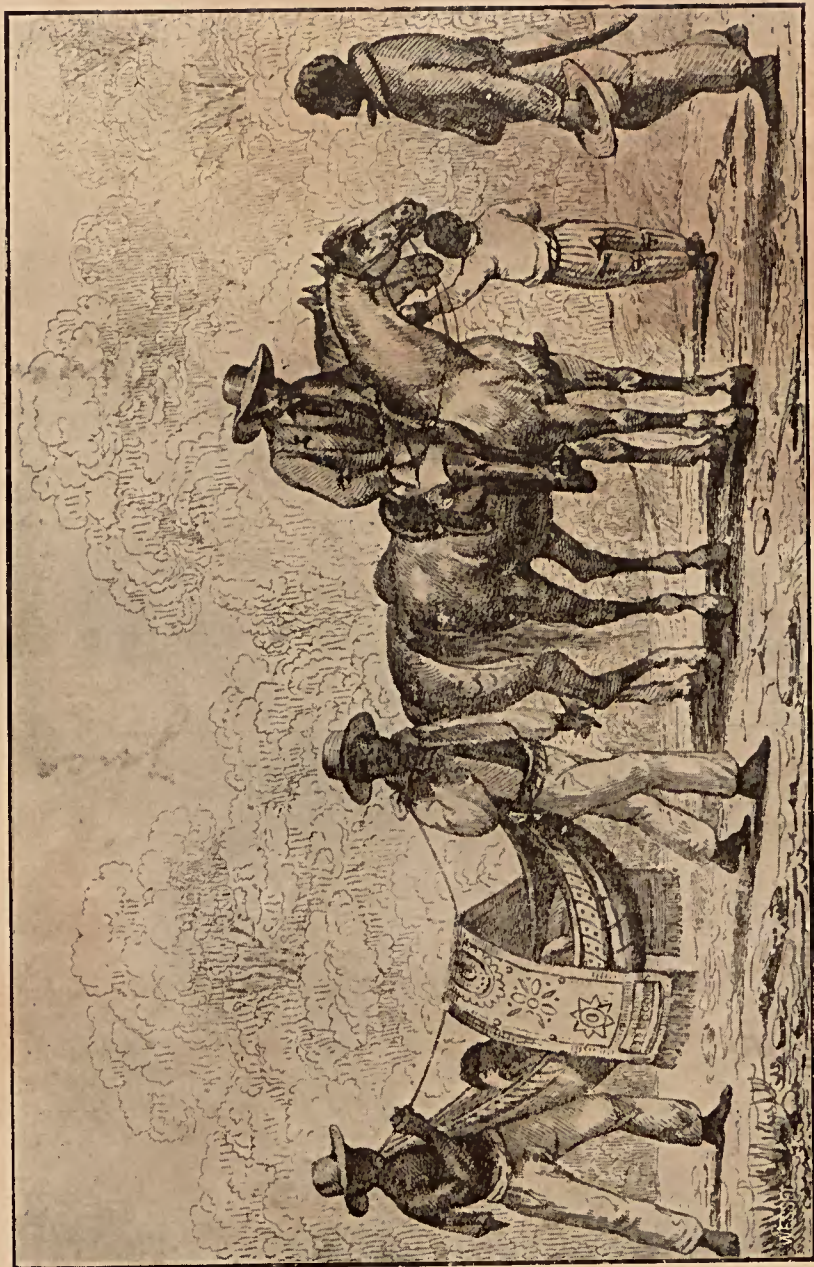
Assaltado reiterativamente pelas exigencias brutas do instincto e pelas idealistas do coração, provocadas pela intimidade do Isolina que evidentemente o deseja, o padre vacilla durante todo o romance, quer e não quer, pratica acções inconnexas e demonstra em todos os actos uma inhabilidade congenial que o arrasta, por fim, ao sacrificio da vida na tragedia final. Tudo que faz o pobre Livio sac errado. E' um juguete



DESENHO DE FLEURY

Caça aos touros

(GRAVURAS ANTIGAS)



Viagem no Piauí

GRAVURA DE LANGLOIS

(GRAVURAS ANTIGAS)



dos proprios instinctos, das suas idéas e das alheias, da natureza envolvente e das irmãs.

Em passeio com ellas pelo pomar canta um passarinho o Leonor, olhando á sorrelfa para o padre, pergunta a Ismenia a significação daquillo.

—Não sei, não...

—Ora... E' tão claro! Veja bem: «Primo! Primo com primo faz mal? Não!... Te affirmo, to affirmo!»

—E' exacto! Tal qual!... concordaram todas, procurando traduzir os gritos estridentes que vinham do bambusal. E entre a gritaria, Ismenia, dependurou-se ao ouvido de Leonor, dizendo qualquer coisa que provocou á outra uma colera brincalhona, pondo-se ambas a correr Ismenia em fuga, Leonor em ataque, com os cabellos curtos em desordem, como as crinas de um animal selvagem.

—Eu ouvi o que foi! bradou a pequena Elisa, quando as duas serenaram.

—E eu também, acrescentou Bugrinha.

—Boça! Cale a bocca, gritava Leonor.

—Foi isto: — «Salvo se o primo é padre!» E as duas partiram aos saltos, berrando o estribilho que Ismenia acrescentára á cantiga dos virabostas.

—Gêntes, nhá-nhá!... exclamou uma das pretas moças, voltando para o grupo o seu rosto luzente, com os peitos firmes em dupla saliencia sob o tecido grosseiro, «como é que se brinca assim com padre? Coitado de Nhô Livio! Desse geito vancês ainda botã olle a perder...»

As meninas redobraram de alarido, entrando as mais velhas a tagarelar na sua linguagem secreta, e Olivio repentinamente vexado, zozzo sem saber por que, atarantava-se a relaucear os olhos sobre as formas das pretas, a ouvir as risadas das primas, o baque surdo do monjolo, os gritos mordazes dos passaros pretos, como se todo o universo escarnecesse delle, numa ironia desdenhosa o cruel. Por felicidade, Fortunato voltava com a gamella vasia, e gritou logo para as meninas:

—Yáyá! Nhá Ismenia! Sinhá está chamando para almoçar...»

E o bando todo levantou o vôo para a casa da fazenda, grasinando como maritacas endiabradas, deixando para traz, solitario e cabisbaixo, o vulto negro de Nhô-Livio que, tropeçando num rebordo de canteiro, quasi ao chegar ao portão, ajuda se voltou, osgueiraudo o olhar mortifico para as bandas do monjolo.»

Neste trecho está toda a psychologia do padre e das meninas, como está ainda a maneira viva e pinturesca do autor. Não ha quem, conhecendo a vida de fazenda, não alcance logo toda a verdade o toda a belleza do quadro.

Outro personagem de importancia no romance é o Lélé. Sacristão o curador, vae influindo com manhosa habilidade no animo creudeiro dos



sertanejos e criaudo fama de santo. Está apanhado ao vivo, o santarrão, typo vulgar nos sertões onde a extrema ignorancia, a bruteza e o fanatismo do povileu propiciam o surto destes mysticos negociastas. Dessa massa é que saem os Conselheiros, os Zés Marias, os santos peridicos que põem em polvorosa o exercito.

Lélé abre guerra insidiosa contra o padre, e com iufuita manha, crea nos sertanejos a convicção de que todos os males do anno, oriundos da secca, provêm da presença delle na fazcnda. Aggravando-se as calamidades. exhaspera-se o rancor popular, e um dia sae a lugubre procissão dos fanaticos em jornada de vingança. Entoauda canticos rudes, ladainhas macabras, rotos, sujos, encachaçados, a turba atravessa campos e mattas em marcha relembrativa de coisa medieval. Correm á chacina do «Anti-Christo»... Precipita a tragedia a loucura do Isolina e o desvairamento do padre; e as duas hysterias, religiosa num, amorosa noutra, mais uma pobre creança de peito, rolam na estrada, amassados pelo porrete desvairado da turba fanaticca, enquanto, por um acaso singular, os ceus despejam sobre a terra resequida a longamente esperada chuva salvadora.

«Mau Olhado» é, pois, uma preciosa contribuição para o acervo nada rico do romance brasileiro. Tudo ali é genuinamente nacional. Nenhum typo, como nenhuma scena, entremostra arte alienigena, copiada inconscientemente. Se pécca, pecca por exhuberancia. A catadupa de incidentes que o movimentam reflecte bem o informo e cahotico da nosso natureza indomada, alternando precipicios e monstros com remansos poeticos e beija-flores. Eis porque, até nos defeitos, «Mau olhado» é desses romances que se nos gravam na imaginação para sempre. E' a terra, é o homem, é este chaos onde se elabora uma raça, falha já em varias teutativas, mas sempre teimosa, a tactear uma forma estavel de equilibrio...

M. L.

CONFERENCIAS — SOCIEDADE DE CULTURA ARTISTICA DE
S. PAULO — Typ. Cardoso Filho & Cia. — S. Paulo — 1914.

Appareceu novamente nas livrarias o primeiro volume das conferencias realisadas sob os auspicios da Sociedade de Cultura Artistica. São os derradeiros exemplares. Os primeiros, postos á venda ha já algum tempo, venderam-se rapidamente. Com este deve dar-se o mesmo, pois de ha muito são procurados com insistencia.

No primeiro volume das *Conferencias*, editado com muito gosto em artistica brochura, estão enfeixados excellentes estudos de Amadeu Anaral, sobre Raymundo Corrêa, de Armando Prado, sobre Alvares de Azevedo, de Garcia Redondo, sobre Arthur de Azevedo e de Pedro Lessa, sobre João Francisco Lisbôa, alem de um bello trabalho do nosso illustre patricio Oliveira Lima, sobre a diplomacia brasileira.

CONTAS DO MEU ROSARIO — BELMIRO BRAGA — Ed. C. de Seguros "Cruzeiro do Sul" — Rio — 1918.

Belmiro Braga tem por divisa a simplicidade, traduzida nos versos de Julio Dantas :

"Ser simples como a planta e como a agua,
para que todo aquelle que nos ler,
veja na nossa magua a sua magua,
e nos possa entender".

Quer, como todos os poetas aliás, ser lido e comprehendido, isto é admirado e gosado. E que o tem sido prova-o a popularidade do vateinineiro.

Entretanto, não seja a sua fé de officio a ultima palavra em arte. A simplicidade é hoje a moda entre os poetas. Tanto que o simples passou ao vulgar, banal, mediocre e prosaico. Baniram-se as ideias e as imagens. Pensamento e imaginação estancaram... Restou um fio adelaçado, e imperceptivel de sentimento. O verso é hoje uma serie de palavras vulgarissimas, acoletadas na mais directa das linguagens, para exprimirem um accidente minimo, uma circumstancia, minucia de quadro mas não quadro.

Ora, isso, francamente, não é poesia. Será sombra de poesia.

A simplicidade não é e não pode ser um fim. E' um meio. Admitte-se em face de alguma cousa e não apenas por si. Simplifica-se e aclara-se uma ideia rica, uma imagem bruta, um conceito obscuro. Simplificar, porém, a propria simplicidade...

Feitas estas restricções, leiamos as "Contas do meu rosario". Ha ali do bom e do mediocre. Para um autor como este, não é muito.

Escapam-lhe á expontaneidade do inspirado produções que o artista, o analista e o critico, que ha dentro do outro, deveria corrigir e alijar mesmo. E' assim que não escasseiam os sonetos perfeitamente incaracteristicos, de ideias vagas e imprecisas, as poesias incolores e anodinas, de forma derramada, em termos pouco exactos. Emfim, impersonalidade.

Sabemos que Belmiro Braga não aspira a fóros de artista. Contenta-se com agradar o grandê publico. Todavia, é mesmo nesse publico que ha um fundo verdadeiro de arte e bom gosto, que exige nitidez e precisão, conta e medida o que não achará em profusão nos seus decasyllabos desta collectanea. Dahi, ficarão na memoria popular apenas as redondilhas entre as quaes o poeta semeou joias verdadeiras. Por exemplo:

"Minh'alma, que em vão forcejas
por conhecer outros mundos,
sonda os abyssos profundos
deste corpo em que rastejas.

Abre bem teus claros olhos
e ao teu olhar penetrante
como o cen fica distante
desse carcere de abrolhos!

Estás enterrada viva
dentro de mim, alma pura,
que o meu corpo é sepultura
onde tu jazes captiva.

E, quando affirmo, não erro,
ao ver-te cheia de graça,
que és o brilhante sem jaça
num tosco engaste de ferro”.

Nas quadrinhas septisyllabas Belmiro Braga sóe vasar a sua encantadora philosophia, com tamanho sabor popular, tão característico do nosso idioma. Vejam-se estas :

“Quanta vez junto a um jazigo
alguem murmura de leve :
— Adeus para sempre, amigo !
E diz-lhe o morto : — “Até breve !”

— Descança em paz ! a alegria
no ceu immeuso é que existe...
Diz-lhe o morto : — ‘E’ tão sombria
a cova que tu me abriste !...

— Uma vida excelsa e nova
vaes ter na mansão celeste...
E diz-lhe o morto : — E uma cova
tão pequenina me deste...

— Ascende ás regiões jocundas
dos ceus onde a paz se encerra ;
— Ascende aos ceus... e me afundas
no seio escuro da terra...

— Teu nome, puro, garanto,
jamais o tempo consome...
— Amanhã, (talvez nem tauto !...)
ninguem saberá meu nome...

Ultimas publicações recebidas :

Jarbas Lorette — Vozes Andinas — *Basilio Telles* — O Flagello dos Mares — *Corrêa de Mello* — Miutos de um anno = *Brandenburger* — Pernambuco — *Olintho Pereira da Silva* — Culto á natureza — *Olyvis Avagol* — Musa Barata — Livraria Cysne (Brusque) — Hymnos patrioticos e canções populares — *Prof. Sarmiento Leite* — Relatorio apresentado á Congregação da Faculdade de Medicina de Porto Alegre — *Tancredo Costa* — A Biblia (Erros e contradicções) — *Angeuor Silveira* — Versos de bom e mau humor — *Drs. Pacifico Pereira, Ly-*



dio de Mesquita e Pinto de Carvalho — Prophylaxia da Cholera — *Julio Conceição* — Alberto Löfgren — *Julio Maciel* — Terra Martyr. — *Everardo Backeuser* — Litoral do Brasil — *Reinaldo Cabezas Borja* — Introducion para un estudio critico del Codigo Penal Ecuatoriano.

Revistas : *Revista da Academia Piauhyense de Letras* — (Anno I, Vol. II) — *O chic* — de Timbahuha, Pornambuco — *Archivos do Museu Nacional* — (Vol. XXI) — Rio — *Saúde* — (Ns. 4, 5 e 6) — Rio — *Atlantida* — (Ns. 33 e 34) — Lisbôa — *A Aguia* — Porto — *Revista de Commercio e Industria* — S. Paulo — *Evolução Medica* — Recife — *Revista Contemporanea* — Rio de Janeiro — *Revista Academica* — Porto Alegre — *Pasquino Coloniale* — S. Paulo — *D. Quixote* — Rio — *Gil Blaz* — Rio — *A. B. C.* — Rio — *Cigarra* — S. Paulo — *A Vida Moderna* — S. Paulo — *Revista Feminina* — S. Paulo — *La Revue* — Paris — *La Revue de Paris* — Paris — *La Grande Revue* — Paris — *Revue de France* — (edições franceza e ingleza) — Paris — *La Revue Hebdomadaire* — Paris — *Journal de l'Université des Annales* — Paris — *Journal des Debats* — Paris — *Revue Bleu et Revue Scientifique* — Paris — *Mercur de France* — Paris — *Hebdo-Débats* — Paris — *Revista de Economia Argentina* — Buenos Aires — *Revista de Filosofia* — Buenos Aires — *Revista Argentina de Ciencias Politicas* — Buenos Aires — *Nosotros* — Buenos Aires — *Estudios franciscanos* — Barcelona — *La Revista del Mundo* — Nova York — *La Revista Quincenal* — Madrid — *Revista della Nazione Latine* — Firenze — *Vita e Pensiero* — Milano — *Rassegna Nazionale* — Firenze — *Revue de Hollande* — La Hayo — *Cultura Venezolana* — Caracas.





RESENHA DO MEZ

Olavo Bilac.

Com a sua personalidade fortemente constituída, ou, para melhor dizer, com o seu genio, que o era na mais ampla e genuína significação da palavra, Bilac permaneceu sempre, altaneiro e impassível, em meio ao largo estuario, por onde se precipitavam, escachoando fragorosamente, todos os mananciaes estheticos de sou tempo, sem so deixar perturbar pelo turbilhão das ephemeras modas literarias, impenetravel a toda influencia alhoia, e exclusivamente attento ás sollicitações da propria esthesia, atormentado e absorto na realização duma arte que fosse a expressão plastica e tangível do seu velho ideal, eternamente moço, de suprema belleza. D'ahi, talvez, encontrarem-se em sua obra, conjugadas por uma habilidade extrema para a formação de obras-primas de emoção e de gosto, os pendores mais antagonicos da poesia contemporanea — combinação essa perfeitamente evidenciada em innumeras

de suas poesias que, abstracção feita da lingua, podiam parecer idealisadas por Paul Verlaine, o sensacionista, e executadas por José Maria de Heredia, o plastico.

Registe-se ainda, em louvor do artista, o ter resistido, como ninguem, nos dominios da literatura nacional, á seducção produzida sobre a maioria dos espiritos, pela poetica enygnatica e sybilina, originaria de França, o em cuja concepção entrara menos um equivo-co esthetico deploravel, de que a predisposição tradicional dos gaulizes para a mystificação e para a *blague*, mas não obstante suas apparencias suspeitissimas, conseguira fazer furor em toda parte. Posto quo nobre, verdadeiramente aristocrata pela propria elevação de seu espirito, nunca teve Bilac a pretensão snobica de ser um incomprehendido, talvez por bem saber que arte destituída do poder de impregnar o saturar o ambiente moral dos poços, insinuando-se de maneira subtil em todas as al-

mas, sejam refinadas ou sejam rústicas, pôde constituir um passatempo divertido, uma curiosidade, uma chinezice interessante, mas nunca logrará ser a magnífica arte soberana que perpetua e immortalisa. Sem uma vulgaridade que os deslustre, sem um plebeísmo que os deshonre, livres por egual dos logares communs de idéa e de fórma, tão altos na concepção quanto delicados na factura, permanecem sens versos, entretanto, ao alcance fácil de todas as leituras, e nunca se embarçaram ou equivocaram na busca ansiosa do caminho que conduz ao singelo mas augusto limiar das almas simples. Sua naturalidade, que é apenas apparente, e, na realidade, esconde apenas, por um prodigio de insuspeitaveis torturas, o angustiado cubiçar da perfeição; sua discreção na escolha dos effeitos, e, finalmente, sua simplicidade e sua clareza inexcedíveis, fazem acreditar que elle tivesse presente, a todas as horas da faina creadora, o preceito illuminador de Miguel-Angeio: «A arte é a eliminação de toda superfluidade». E ahí está o maximo factor da voga sem exemplo que conquistara, e que concorrera para dar á sua morte uma feição apocalypticica, de catatrophe.

Quando, por effeito da maior guerra de todas as éras, entrou a humanidade numa crise de contricção e mysticismo, como já lhe acontecera por volta do anno 1.000, á eclosão do Grande Medo, a alma sensível e generosa de Bilac registrou immediatamente, qual resoador delicadissimo, muito antes de o definirem psychologos e sa-

hios, esse novo e imprevisito estremeimento da psyche universal. E em dois sentimentos para logo se lhe fixou o profundo abalo recebido: uma repulsa, aliás injusta e dolorosa, duma parte de sua obra que elle passou a stygmatisar, chamando-lhe licenciosa e futil, e sem a qual, todavia essa obra deixaria de ser, como é, integralmente nacional, retrato moral duma raça simultaneamente lasciva e casta, sombria e leviana; e um enthusiasmo inteiramente novo pelas grandezas de seu paiz —enthusiasmo que brotou, como surge uma flôr d'entre ruinas, dos escombros da illusão pacifista, e que a elle mesmo o abalou e surpreendeu profundaments, verdadeira visão de Damasco, radiosa e purificadora.

Desde então, totalmente transformado, fez-se paladino o rapsodo, o epicurista se metamorphoseou em heroe. A commoção humanissima do homem, que estremece e se perturba, presentindo os perigos a que se expuzera a Patria contemplativa e idealista, em meio ao bando tumultuoso dos chacaes que se entre-devoram pela exclusiva dominação do universo, veiu juntar-se a emoção do artista, que uma sede de exaltações ineditas, havia muito, secretamente torturava. E o estro, que se lhe desalterara quasi exclusivamente no amor, nos delirios que o amor semeia, nas tristezas e angustias que no amor se geram, resplendeu com extranho fulgor, á percepção alvifareira de que a mais antiga das fontes, a fonte dos themas epicos e dos motivos marciaes, rejuvenescera, recompuzera integralmente a

primitiva virgindade, atravez do prolongado, crudelissimo abandono. E, como dentro em pouco, toda a nacionalidade, recobrando a consciencia do real, se erguia e se agitava, á agoniada vibração do mesmo alarme, Bilac foi. mais uma vez, a consciencia collectiva e, esferçando-se por despertar forças colossaes que haviam imprudentemente adormecido, crear uma energia nova, galvanisar um civismo que estava quasi morto, fez-se o nune tutelar da grande Patria. O analysta indifferente e frio, a Renan, que dissecara Braz Bocó, e o deixara para ahi, na irremediavel melancolia da viviseção reveladora, foi substituido por aêda entusiasta, cuja suprema aspiração é conseguir que o hilare fantoche se transforme em rutilante herôe.

Invejavel, generoso Destino o que reservára a Bilac essa missão, precisamente quando já poucos annos lhe restavam para amar e pelear, combater e produzir. Aquella bondade instinctiva que sempre o trouxera fechado ao contagio das degradações e torpezas, caracteristicas dos meios literarios; aquella inalteravel candura que o fazia acolher com sympathia a legião dos artistas estreatantes, e, entre outras, inspirou a chronica famosa em que elle proclamava o genio, a despontar, de Hermes Fontes: tudo quanto era nelle idealismo puro, paixão imperecivel por todas as modalidades da Belleza, anciedade profunda pelo advento de mythos que possam fazer refflorir, no coração do homem, a eterna e suave illusão, e dar-lhe de novo a alegria branda de acreditar e esperar: tudo o que nelle vibrava, de

nobre, de generoso, de santo, crystallisou-se e refulgiu na tarefa messianica de levar a todos os jovens do Paiz, precocemente gosadores e scepticos, a palavra de fé salvadora, o louvor do sacrificio necessario, o evangelho luminoso da redempção.

(Trecho de uma conferencia realisada pelo *dr. Benjamin de Araújo Lima*, no Theatro Amazonas, de Manaos, sob os auspicios da Sociedade Amazonense de Homens de Letras.)

Do Theatro.

Leio mais uma vez, por ahi, que o theatro nacional vae em franca decadencia... E' vella canção de todos quantos acreditam que as coisas nacionaes devem seguir peugada a peugada as européas na desigualissima carreira da vida. E como nessa peugada theatral, o nosso paiz teima em não acertar as plantas no recorte exacto do rasto deixado pelos mais velhos, bradam todos que não temos theatro, ou, se o temos, antes o não tivessemos.

E' a choradeira geral. Entretanto, parece-me, todo o mundo chora lagrimas de pouca ou nenhuma razão. O theatro nacional não vae em franca decadencia nem em franca ascendencia. Caminha no nivel mediano das coisas que não podem ser outras. Nós não tivemos tempo para forjar um com a mesma tempera dos outros. Censurar-nos por isso seria o mesmo que fazelo a alguém por não ter inventado a polvora. Não tivemos tempo. Quando chegámos, já se não usavam os mesmos materiaes da forja antiga.

O theatro, em toda parte brotou sempre logo depois das edades heroicas. Nós não tivemos heroismos como não criámos deuses, nem systemas philosophicos, nem nada de tudo quanto as nações criavam antigamente. Nos nossos tempos os povos já não criam dessas coisas. E a nós, povo infante, não nos ficaria bem andar agora aos arremedos aos avés no uso dos seus collarinhos obsoletos ou do seu rapé demodado.

Demais o theatro nunca chegou a ser uma arte. De começo foi uma necessidade, depois uma reminiscencia. Nos tempos em que a França era na Grecia, não havia jornaes. Livros, muito menos. Havia, comtudo, nos fazedores de literatura o mesmo louvavel sentimento altruistico, que os impellia a repar-tir com o próximo o thesouro das idéas com quo a natureza os prendara. Dahi, a primeira idéa que lhes acudiu foi naturalmente a de reunir os amigos e desoccupados, e declamar, as outras para gaudio de todos e honra do declamante. Como o povo gostasse da historia, nas ceu disso a industria da rhapsodia.

Com o tempo, a observação indicou que isso de desandar um autor para o proximo com tiradas do uma só bocca não era o melhor processo de lhe afugentar o somno. E' de crer-se que, entre uma e a seguinte façanha dos Atridas, muita gente bocejasse ou, quando menos, desviasse a attenção para a morte da bezerra. E mesmo o autor ou o seu oraculo não estavam de todo isentos da somneea, tanto assim que a tradição conserva recorde do caso de Homero, que apesar de todas as suas excellencias, dormita-

va de vez em quando. Toda laidainha traz em si resaibos de sorporismos.

Foi quando a um autor mais engen-hoso occorreu espicaçar a attenção do publico com a variação dos timbres e das attitudes. Então, congregando devotos dyonisiacos, e concertando com elles a distribuição das personagens, repartiu os papeis das suas historias, dando nascimento ao theatro. Este, de Euripedes a Aristophanes perlustrou a etapa gloriosa e admissivel da sua carreira. Tão gloriosa que lhe não faltaram subvenções officiaes, como hoje acontece a qual-quer empresario argentino.

Mas mesmo nessa gloria não desmentia elle a origem, pois é sabido como, em meio das suas comedias, aproveitava-se o Aristophanes da distracção do publico para, trepando á parabase, deitar dalli verdadeiros artigos de fundo, com que ideava reformar os costumes dos seus compatriotas. Assim o theatro era apenas um artificio de que so serviam os autores para a vulgarisação das proprias ideias. Criára-se o theatro para as obras. Depois é que vieram, e muito depois, os Corneilles o os Shakespeares que, pervertidos pelo tempo, fizeram vice-versa.

Hoje, porém, que não faltam aos contadores de historias jornaes e livros por quo o façam commodamente, o theatro vive apenas entre os povos de mais antiga civilisação, como uma tradição innocente, de cuja innoculidade ninguem se deu ainda á pachorra de aperceber. Elle era alguma coisa quando era, em certo sentido, uma escola ou um oraculo. Nem uma e



nem outra coisa, hoje, é escrescencia.

Com a intuição desse facto tratam os empresarios de hoje de transformar-o em apparelho de fazer rir, fazendo-o moer peças que contemham o minimo possivel de ideias, mas o maximo de cócegas necessario para sacudir as enxundias abdomidaes das platéas numa gargalhada sacolejante. Em toda a parte elle desmedra. Se ha casos como o de Rostand, esses não contam porque os explica o "frisson" do entusiasmo francez que em "Cyrano" e em "Chantecler" mais a si mesmo se applaudia quo ao poeta ou aos seus interpretes. O mundo, ao vêr o francez gostar, gostou tambem. Nada mais contagioso do que o paladar gaulez. Mas logo virá tempo em que Rostand será muito lido nas snas bellas encadernações douradas, mas mediocremente aturado nos berros e arremessos da ribalta.

O amplo scenario de Eschylo, montado sobre collinas, retrahiu-se, com Molière, ás proporções de uma sala. e é teima baldada darem-se-lhe hoje palacios. Elle ha de descer até o kiosque, para sumir-se de vez como todas as coisas.

Porisso o theatro nacional, mesmo galvanizado pelo esforço de Arthur Azevedo, nunca dará de si mais do que lhe compete: — as revistas e respectivos compadres, que são tudo quanto cabe dentro da nossa uberidade dramatica.

Tambem não fomos nós que fizemos a guerra de Troia, e sisudamente, ninguem nos menospreza por isso.

LE'O VAZ.

Do "Estado de S. Paulo" — S. Paulo)

O Rio Branco.

Os jornalistas de ha vinte annos lembram-se ainda, sorrindo de si mesmos, do susto com receberam e commentaram os telegrammas de Paris, noticiando o apparecimento ali de Brezet, presidente da Republica do Counany, no territorio brasileiro do Amapá. Inteligente experto, imaginoso, Brezet descrevia com admiravel colorido a prosperidade das suas terras levantando e estendendo na ignorancia geographica do parisien-se as torres das cidades, as linhas das estradas, a abundancia das culturas, como se lhe tivesse cabido, realmente a descoberta do Eldorado. E com essa fortuna verbal, escolhia ministros, nomeava secretarios, projectava emprestimos, combinava emprehendimentos assombrosos, em que se deviam multiplicar, como os peixes do serião da montanha, o centimo do mendigo e os milhões do capitalista.

Por essa epoca, mais ou menos, appareceu no mesmo scenario uma outra figura igualmente brilhante e curiosa: Jacques Lebaudy, imperador do Sahara, cuja capital se erguia no mais fertil dos oasis, e cujo nome era saudado, da manhã á noite, no areal e junto ás cisternas, á sombra das tamareiras, por todos os beduinos do imperio. Os seus dominios eram aridos e desolados; sob a areia palpitavam, porém, os veios de ouro e, em breve, com a irrigação dos areas, reberitaria por toda a parte uma civilização nova, que se manifestaria pela fartura de trigo, de fructos, de metaes, em que se iriam abastecer as cidades da Europa.

Dêsem-lhe dinheiro, capitaes, elementos para a realização dos planos methodicamente concebidos, e dentro de um decennio o Sahara estaria transformado, com certeza, em celleiro do mundo. E, na sua megalomania, distribuia titulos, commendas, cargos diplomaticos, governos de provincia, commandos de exercito, formando uma côrte que se fragmentava pelas redacções, pelos clubs, pelos boulevards, pelos cabarets e que era tão inconstante como a areia do seu deserto.

* * *

A região amazonica, em que Brezet situou a sua Republica Imaginaria, foi propicia, sempre, aos caprichos da imaginação europea. A descoberta e a posse de Cusco, onde se amontoavam as atordoantes riquezas dos Incas, acordaram nos hespanhoes, instigados pela vingança dos naturaes, a idéa de uma cidade ainda mais opulenta, situada para o centro do continente. Era El-Dourado, o reino magnifico de Manôa, cuja capital era toda de ouro e onde as montanhas de ouro se levantavam, polidas, multiplicando a face do sol. Tentado por essa noticia, Diogo Ordaz, variou em quem se casavam os vicios da ambição e as virtudes da coragem, obteve de Carlos V, em 1731, o governo desse paiz refulgente e fabuloso, e partiu, com mil homens decididos, a conquistá-lo em nome d'el-Rey de Castella. A' entrada do Amazonas, porém, as aguas o repudiarão no impeto das pororocas, fazendo-o voltar á ilha da Trindade, onde se fortaleceu de homens e mantimentos para a loucura de uma

nova investida. Falhou, entretanto, mais uma vez, a tentativa: a expedição foi desbaratada, no Orinoco, pela febre e pelo selvagem, terminando a empreza pelo assassinio ou pelo suicidio do aventureiro, cujo corpo foi atirado ao mar, no caminho das Antilhas.

Quatro annos após a primeira partida de Ordaz, subia pelo mesmo caminho fluvial o seu mestre de campo, Alonso de Herrera, que chegou muito mais longe, até a linha das cachoeiras. Ahí, porém, o atravessou uma flexa mysteriosa, que o matou, matando tambem a esperança da expedição. Esta, faminta; acoçada pelas feras, perseguida pelo indigena, recuou heroicamente para o litoral, de onde se fez á vela com a sua desillusão.

Felipe de Ure, Walter Raleigh, Antonio de Barrio, Pedro de Ursua, Lopo de Aguirre, Ximenez Guezada, Nicolau Hortsman, são nomes que marcam novas tentativas temerarias na direcção dessa terra de maravilhas. Raros, porém, de lá regressaram, e os que chegaram a ver, de novo, a agua do mar, vinham esfomeados, enfermos, perseguidos e tão tristes, tão abatidos, tão esfarrados como o seu sonho . . .

* * *

Agora, após dous seculos de desenganos dolorosos, voltaram os visionarios do Amazonas prodigioso. E elles não se chamam nem Raleigh, nem Aguirre, nem Ordaz: Chamam-se Lauro Muller, Alvaro de Carvalho, Antonio Azeredo, Urbano Santos, Victorino Monteiro, e são tentados, não pelos selvicolas fallaciosos, mas pelo bispo do Rio Branco, naquellas paragens, que acaba

de fundar no Rio Janeiro, com o auxilio daquelles patriotas, uma sociedade destinada a incrementar o desbravamento da sua diocese.

O Rio Branco, a que allude essa instituição, é uma das regiões mais opulentas do globo.

Não se levantam nas suas terras, é certo, as montanhas de ouro e de pedraria dos primeiros navegadores, nem se abrem nos precipícios, como no paiz dos kakuanas, os thesouros de Salomão; ha, porém em toda a sua extensão, 60.000 milhas de cursos d'aguas, jazidas metalliferas, florestas formidaveis, campos vastissimos, um clima de paraiso, nas planicies, soltos, quasi sem dono, trezentos mil bois, sete mil cavallos, tres mil carneiros, cinco mil porcos, quatro mil cabras, dous mil jumentos, emfim, a fortuna de Job, muito antes ou muito depois da experiencia divina! As riquezas naturaes que possui são assombrosas. Plinio, nas suas florestas, encontraria aquellas arvores que abrigavam exercitos. A' margem dos seus rios, Herodoto descobriria aquellas tartarugas da Lybia, de cujos cascos se edificavam cabanas. Cada cacho de fruta que a terra produz, carregaria, como os de Chanaan, dous homens de Josué, E', emfim, uma riqueza de fabula, uma opulencia de prodigio, uma terra de maravilha, um paiz de encantamento!

Um elemento unico, falta, entretanto a essa região abençoada: o homem, que laxe o boi, que apanhe a banana, que pegue a tartaruga, que se utilise, em summa, desse presente do céu. O que lá existe é discipulo daquelle pregui-

çoso da anecdota, que, indo aperfeiçoar-se em indolencia no horço de um especialista que esperava pela queda da maçã para comel-a, morreu de fome á espera de um galho que lhe levasse o fruto á boca.

O sr. Luciano Pereira, que visitou o Rio Branco ha dous annos, conta a proposito dessa preguiça do natural um caso caracteristico. Extranhando a escassez de cereaes que observara em toda aquella zona tão fertil, o engenheiro Almeida Braga chamou um dia, na viagem, um caboclo da região, e perguntou.

— Diga-me cá, meu amigo, aqui no Rio Branco não dá milho?

— Não, senhor, não dá.

— E feijão?

— Não dá, não, senhor.

— Vocês já plantaram?

E o caboclo:

— Ah! plantando, dá...

E' que a terra para elles, «dá», unicamente quando apresenta o fruto sem trabalho para o homem, como lhe succede com o pomo sylvestre, e como a agua faz com o peixe, a quem o caboclo não engorda nem cria, e que se lhe vem entregar, voluntariamente, á ponta do anzol...

* * *

Os novos Aguirre, os novos Raleigh, os novos Ordaz, os novos Herrera, resolverão, por acaso, o problema economico do Rio Branco? A associação fundada pelo pastor daquelle diocese conseguirá, porventura, o que conseguiram os armadores de Castilla e da Hollanda, a quem se deveram tantas expedições frutuozas ou mallogradas? Para isso ha, apenas, um meio: é

o sr. Antonio Azeredo, o sr. Lauro Muller, o sr. Alvaro de Carvalho, o sr. Victorino Monteiro e o sr. Urbano Santos armarem uma frota, e velejarem, com o bispo, para as agues do Rio Branco.

Pudesse uma só não contel-os todos

E o piloto . . . fosse eu !

HUMBERTO DE CAMPOS. (Da «Gazetas de Noticias» Rio).

Napoleão Jornalista.

André Beaunier dedica um artigo na *Revue des Deux Mondes* a um estudo sobre Napoleão jornalista, feito por A. Périer, antigo director do *Figaro*, em que este escriptor, no excesso da sua admiração por este aspecto menos conhecido do grande homem, por pouco que não sacrificia a gloria militar do eminente cabo de guerra.

Em Lodi, no anno de 1796, Bonaparte começara a sentir-se predestinado a influir nos destinos de sua patria, e logo se preocupou com a opinião publica, entrevendo a importancia dos jornaes, assim como a utilidade e os inconvenientes de uma imprensa bem ou mal dirigida. Em 26 de Agosto escrevia de Milão ao Directorio, queixando-se dos «disparates» que os jornalistas do Pariz publicavam diariamente acerca do Rei da Sardenha, o que elle desejava ver desmentido num jornal official.

O Directorio tinha então apenas um jornal á sua disposição, o *Redacteur*, que ora, porém, de pouca importancia o não impunha silencio á opposição realista nem á revolução. Bonaparte começou então a mandar ao Directorio uma série de artigos que respondiam aos furiosos ataques da opposição, que,

chegando ao conhecimento do exercito francez na Italia, poderiam desmoralisal-o o enfraquecel-o. E sem se preocupar com o destino que o Directorio dava aos seus artigos, mandava-os imprimir o distribuir pelos seus regimentos.

Em 15 de Julho de 1797 Bonaparte escrevia ao Directorio: «O Exercito recebe grande parte dos jornaes que se imprimem em Pariz especialmente os peiores. Mas o son effeito é precisamente o contrario do que elles so propõem: a indignação chegou ao seu auge... Mande destruir as typographias vendidas á Inglaterra... mande destruir os prelos do «Thé», do «Memorial», da «Quotidienne», mande fechar o Club de Clichy o mande imprimir cinco ou seis bons jornaes constitucionaes...»

O Directorio nada fez, naturalmente. As idéas do Napoleão acerca da imprensa eram as seguintes: julgava influentes os jornaes, mas desprezava os jornalistas. A imprensa era um poder entregue a mãos ruins e tornava-se necessario confial-a a mãos melhores e não sendo isto possivel, ás delle proprio. A principio procurou crear um jornal official, mas faltaram-lhe os homens de confiança, por conseguinte fez-se jornalista.

Em 1797 Bonaparte fundou em Milão «Le Courier de l'Armée d'Italie» ou «Le patriote français à Milan», que só viveu um anno. Fundou em seguida «La France vue de l'Armée d'Italie», com o fim de fazer conhecer á França «o modo como a sua situação é considerada na Italia». Bonaparte não dissimula a autoridade que conquistou na Cisalpina, potencia com

a qual terão de contar os realistas, os terroristas e o Directorio.

No Egypto, Bonaparte fundou dous jornaes, o «*Courrier d'Egypte*» e «*La década égyptienne*».

Durante o Consulado, comprehendendo quanto era necessario limitar a liberdade da imprensa para manter a sua autoridade, Bonaparte promulgou em 1800 um decreto conferindo ao Ministro da Policia a faculdade de deixar publicar e distribuir apenas um certo numero de jornaes.

Outros «instrumentos nas mãos dos inimigos da Republica» tinham de ser supprimidos. Os proprietarios e redactores dos jornaes, que sobreviveram a esta hecatombe tiveram de justificar a sua qualidade de cidadãos francezes, sob pena de serem igualmente supprimidos os seus periodicos.

Não bastavam, porém, estas suppressões; era necessario fundar uma imprensa dedicada ao partido de Bonaparte e á causa da França, o que era menos facil do que aniquillar a imprensa contraria. Os admiradores desastrados ou tolos irritavam-n-o a pouto de elle mandar inserir o seguinte aviso: «Diz-se que Bonaparte recusará receber quem se permittir dirigir-lhe louvores exagerados ou ridiculos.»

A censura foi muito vigilante sob Bonaparte, não tanto, porém, como elle desejaria. «*La Vedette du Rucn*», «*L'Ami des Lois*», «*La République democrate*» foram supprimidos por causa das phrases pouco respeitosas para com as autoridades ou por noticias intempestivas; a «*Gazette de France*» e o «*Journal des Débats*» suspensos por terem inserido o Breve do Pa-

pa aos bispos emigrados; «*Le Bien informé*», «*Les Hommes Libres*» e «*Défenseurs de la Patrie*», convidados a tomarem redactores de incorruptivel moralidade e patriotismo.

Bonaparte teve finalmente o seu jornal, o «*Moniteur*». jornal que elle redigiá além de dirigir. Escrevia no «*Moniteur*» contra a Inglaterra, e teve de sustentar uma longa e violenta polemica contra o Governo britannico e contra a imprensa ingleza. Os seus artigos eram, segundo a opinião de Thiors, «obras de arte, de raciocinio, de eloquencia e de estylo».

Mas quando Napoleão não escrevia, o «*Moniteur*» parecia vazio. Sauve, o redactor chefe, não sabia o que publicar. «Mais um elogio da vaccina! E' muito secante!» exclamava Bonaparte quando Sauve recorria a esse assumpto repisado—para encher as columnas do jornal. Por falta de original Bonaparte mandava muitas vezes communicados e desmentidos: «E' falso que o Primeiro Consul tivesse gasto 200.000 francos numa festa, como affirma «*L'Ami des Lois*». O Primeiro Consul sabo que 200.000 francos representam a paga de uma brigada durante seis mezes». «E' falso que Mme. Bonaparte tivesse encomendado uma carruagem em Inglaterra».

Durante o Imperio Napoleão collaborou menos no «*Moniteur*» e durante esse periodo o redactor chefe não ousava publicar nada que lhe pudesse merecer uma censura. Napoleão mandava vir as provas e corrigia-as sem piedade.

Em 1811, quando se tratava de annunciar que o Imperador espe-

rava um herdeiro, o redactor escreveu que a Imperatriz estava grávida. O imperador notou á margem: "Inconviniente" e corrigio: "Dado o seu estado, Sua Magestade a Imperatriz não pôde assistir á revista". De resto, indigencia absoluta de idéas. Que podiam contar aos seus leitores o "Moniteur" e outros jornaes, sob um regimen de tão severa censura? Nada, mas apezar disso lá iam vivendo.

Em plena campanha de França, em 1813, Napoleão fornece ainda idéas aos jornalistas: "Senhor duque de Rovigo—escrevia elle a Savary—porque não manda commissariós ás terras que libertamos dos inimigos, para recolher pormenores das atrocidades por elles commettidas? Proenrem-se testemunhas, citem-se factos", E' um programma de inquerito com o qual Napoleão inventou o "reportage" moderno.

No fim do seu reinado Napoleão dizia a Narbonne: «O que eu fiz, deveria fazel-o, porque só eu poderia succeder á revolução e occupar o seu lugar". Napoleão sempre se sentiu só, mesmo no campo do jornalismo; por falta de jornalistas adequados ao seu programma, fez-se elle proprio jornalista e levou a esse ramo da sua actividade a intelligencia e o genio que manifestou em todos os demais. —(*Alter Ego* —Jornal do Commercio—Rio).

A Albania.

Com o nome de Albania designam-se os quatro ex-villayetos da Turquia europeá, conhecidos pelos nomes de Scutari, Kossovo, Monas-

tir e Janina. Têm-se geralmente os albanezes pelos descendentes directos dos illyricos, que foram os primeiros a colonisar as margens orientaes do Adriatico. Tres são as religiões que se professam na Albauia, sem haver com isto intolerancia religiosa: a catholica, a orthodoxa e a musulmana.

Independente a despeito do esforço grego, só por traição submettida aos romanos, tem a Albania o seu heroe nacional em Skanderberg, do seculo XV; este excellento general, que se intitulava rei do Epiro e da Macedonia, reinou de 1443 a 1447, não alimentando outro objectivo que não o de garantir a liberdade e grandeza de sua patria, posta em perigo pela ambição turca. Após a sua morte permaneceu de pé a independencia por quatro seculos, não havendo nunca conseguido o governo ottomano impôr a sua auctoridade aos districtos montanhosos do paiz; só as cidades se sujeitaram á viva força. Foi todavia sobretudo em 1876, sob a influencia das aspirações servias, bulgaras e rumeas, que os albanezes exigiram vigorosamente a sua autonomia. Em 1878, quando o congresso de Berlim adjudicou ao Montenegro dois cantões albanezes, certos territorios á Servia e á Grecia outros, desencadeou-se por toda parte a revolta, que não ponde ser soffreada sinão á custa de sangue. A «Liga Albaneza», instituida então com o intuito de fazer prevalecer as reivindicações indigenas, redobrou de esforços em 1897 e 1903. A sua propaganda no meio das tribus foi coroada em 1903 de fructuosos resultados. O programma de inde-

pendencia assumiu desde logo uma feição inteiramente parlamentar, e o deputado albanes Ismael Kemal Bey fundou um novo partido, a «União Liberal», para contrapor-se á junta «União e Progresso». Por occasião da elevação dos Jovens Turcos, tornou-se definitivo o rompimento entre a Porta e a Albania. A lucta da independencia não teve dali por diante um momento de treguas sequer; eram insurreições sobre insurreições entre as tribus, até que em 1912 chegou a revolta ao ponto culminante e Ismael Kemal Bey, o fundador da «União Liberal», proclamou em Valona em 1912, mercê da guerra balkanica, a independencia de seu paiz, deixando constituido um governo provisório. Entramos agora na recordação de factos presentes ainda na memoria de todos: em 1913, a Reunião dos Embaixadores em Londres convenci em que se considerasse a Albania estado independente; vieram depois o breve reinado do principe de Wied, as complicações, as dissensões fomentadas pela Austria, novas sublevações e por fim a fuga precipitada do monarcha. A seguir, a guerra...

E' propicio á Albania o ensejo para adquirir uma organização estável, de molde a assegurar-lhe uma autonomia que, através de seculos, em meio de luctas incontáveis, jamais deixou de reclamar, bem como para cercar-se duma protecção de que necessita para viver em paz uma vida eficiente e normal.

O esforço expendido pelos Allia-dos no decorrer da guerra. com o fito de fazer mais e mais suave a

sorte da Albania, foi consideravel, tendo coseguido infiltrar a civilização latina em regiões selvagens e crear solidos laços de gratidão entre albaneses e italianos.

A posição da Albania sobre o Adriatico — a sua proximidade de paizes onde sempre actuou a influencia latina, e onde a influencia italiana em seguida, mesmo sob o dominio austriaco, exerceu continuamente uma acção bem-fazeja — a necessidade em que se vê de apoiar-se numa armadura civilisadora — a propria aspiração dos seus habitantes, tudo concorda em confiar á Italia a superintendencia duma Albania autonoma.

Uma politica do contentamento que visasse satisfazer a todos e partilhar entre varias potencias o dominio da Albania, iria chocar-se de encontro aos interesses primordiales desta região e crearia uma ordem de coisas insustentavel, injusta, preluhe de perigos e incompativel com a segurança de que tanto necessita a Europa.—WHITNEY WARREN — (*La Renaissance* — Paris).

A musica japoneza.

Comparou Saint-Saëns, uma occasião, a musica chineza ao uivo do seu cão; isto nos diz, e é certo, que ha um abysmo entre a musica do Oriente e a nossa. Melodias que nos produzem impressão intensa, deixam os japonezes de todo indifferentes, assim como as arias que nos põem absortos não apresentam para elles o mais leve attractivo. Comquanto se interponha um abysmo entre ambas as artes oriental e occidental, um ja-





DESENHO DE FLEURY

Fazenda

(GRAVURAS ANTIGAS)



(GRAVURAS ANTIGAS)

Caça nas margens do S. Francisco

DESENHO DE VANDER-BURCH



ponoz ha de vasto talento, Kosçak Yamada, que empreheudu tornar-nos accessivel a musica de sua patria. Conta elle estabelecer para isso uma como que «alliança cordial» entre as duas artes musicaes. Editar-se-ão brevemente em Nova York dois volumes neste sentido, um de canções populares japonezas e outro de dansas adaptadas por esse auctor. Zorao Taketomo, que prefacia um delles, nos informa que a maioria desses cantos reinonta a varios seculos de antiguidade, sendo entretanto queridos ainda hoje em dia no Japão. Um «canticco buddhista» particularmente interessante, tem as suas raizes no seculo XI, correspondendo pouco mais ou menos ao nosso rondó medieval.

O segredo da exequibilidade de taes transcripções reside no modo por que foram as melodias expressas em termos occidentaes — si assim é permittido dizer. A notação musical dessas melodias differe, com effeito, por completo da nossa e submetto-las as leis da nossa harmonia seria deturpar essas flores incultas do genio nipponico, pois a musica do Japão é como uma pintura essencialmente linear, e é só pela addição de novas linhas á linha ás vezes um tanto tenue, quer dizer, utilizando-se do contraponto e não da harmonia, que se vem a reforçar a musica japoneza e tornar-nol-a intelligivel. E esta adaptação é engenhosa bastante para que, cantadas embora com acompanhamento de piano, não percam as arias nada do seu encanto para o ouvido japonez.

Quanto ás dansas artisticas, constituem parte importante da pro-

ducção musical japoneza; não são dansas populares ou de salão, sim, porém, dansas escriptas adrede para a execução por artistas profissionais e dão plena idéa da arte moderna do Oriente.

Este congraçamento da arte musical do Occidente com a do Japão será para este paiz de alta importancia. Já se estabeleceram nelle, aqui e acolá, escolas de musica calçadas sobre o modelo europeu. O Sr. Yamada fundou o dirige uma sociedade philarmónica cujos alumnos, entre os quaes se notam principes, formam uma musica extremamente original de estylo occidental. Espera-se que o terceiro filho do actual imperador, tambem pianista de merito, venha a ser mais tarde um verdadeiro mecenas. — *Musical America* — New York).

A questão das raças em Versailles.

Os que já attingiram um certo gráo de adiantamento sobre a época e chegaram a conceber o verdadeiro «espirito de humanidade», eustam a comprehender como podem os estadistas, ora reunidos em Versailles, discutir a chamada «Questão das raças».

A nós outros, sul-americanos, nascidos e creados em pequenas e grandes «babeis», que são as republicas do continente, ainda que aos de além mar repugna essa discussão sobre a preeminencia de certas variedades da especie sobre outras, tão habituados estamos a vel-as todas trabalhar e viver em harmonia debaixo das mesmas latitudes.

Em 1906, desembarquei em São

Francisco do Sul e, depois de encher os olhos com as maravilhas daquella enseada, ommoldurada pela mais linda cortina de verdura que as mattas ali compõem, dirigi-me a um preto retinto, operario que conduzia um desses carrinhos, cuja invenção se attribue a Pascal.

O preto carregava tijolos. E quando lhe podi a informação de que precisava para meu governo, respondeu-me, arregalando, sem entender:

— «Ich sprech nur deutsch...»

O descendente de antigos africanos escravos tinha-se identificado com a gente allemã que vive por aquelles recantos do Brasil; assimilára todos os habitos dos teutos: só falava allemão... e estava trabalhando.

Escolho este exemplo entre tantos para que se veja como é difficil caracterizar no Brasil, uma «questão de raças». Exemplos mais comuns não é preciso alinhar. Aqui, todos os arabes ricos são, pelo menos, majores da Guarda Nacional. E por estes dias os japo-nezes de Iguape hão de se assentar na Camara Municipal, legislando posturas para o municipio.

Entre anthropologistas o Brasil é apontado como o grande exemplo das possibilidades das chamadas «raças inferiores». Jonsthor, publicista de nota na America do Norte, levou a sua documentação a ponto de fazer figurar um dos nossos presidentes, entre os representantes da raça negra, cuja defesa propugna com calor.

* * *

Na Europa, todavia, o espirito interessado e acanhado dos politi-

cos, que desejam accuar para o povo com a miragem das conquistas coloniaes, capazes de desafogar a industria o o commercio nacionaes, tem o maximo empenho em manter de pé a debatida questão. E' preciso provar, de todo modo, que ha povos incapazes, destiuados pela naturuza a servir aos outros. As noticias das conferencias do Trianon não habilitam a conhecer que orientação estão dispostos a seguir os liomons da França, quando por occasião de se tratar, ali, do assumpto. Mas, se o passado de cada qual é a melhor garantia do seu agir futuro, Clénenceau, o grande chefe da «leader nation», como nos Estados Unidos já se tom chamado a França, ó facil prever que o grande republicano não deixará que os estadistas patricios propugnem os ideaes da chamada anthropo-sociologia, om cujo noine a Allemanha esmagou sua patria em 1870, e quiz garrotear o mundo em 1914.

Porque, muito melhor que as palavras das discussões ontro doutos, valem os factos desdobrados diante de todos. E a guerra, cuja herança formidavel de problemas, os testamenteiros de Versailles estão a discutir, permittiu que se rehabilitassem por si mesma, por sua acção, por sua coragem, por sua resistencia, por seu altruismo, as raças infelizes, que nasceram na Africa, na Asia ou America e que sem aquellas qualidades, deixar-se-iam ficar na quietude farta de seus tropicos viçosos, a gozar riquezas da natureza dadivosa, ao envez de ir morrer na defesa das cidades, dos campos e dos thesouros que lhes não pertencem dire-

etamente e são apanhados das terras onde têm nascido seus opressores.

Que fará a «leader nation»? Nessa hora de justiça o equidade esquecer-se-á dos benefícios que deve aos «inferiores», que dos confins da Australia, da Indo-China, da Africa o da America lá se foram a defendel-a?

* * *

A chamada questão das raças tem realmento duas faces: a da «egualdade» e a da «hierarchia». Durante muito tempo os dois pontos de vista se entrelaçaram nas discussões que se levantaram ao redor das affirmativas de Gobineau, Chamberlain, Lapouge, Amou... «et comitanto caterva».

Autes da guerra, porém, já o «espírito de humanidade» se tinha desenvolvido entre os scientistas. E, para collocar a biologia de accordo com a sociologia, começára-se a distinguir, naquelle problema, os seus dois termos irreductivcis. A noção de que a dissemelhança das raças nada tem a ver com a sua hierarchia chegou a ganhar notaveis mestres, até na Allemanha kaiserista. Em algumas universidades officiaes, mesmo em nações colonizadoras, interessadas «et pour cause», na questão, onviam-se affirmativas desta ordem: Os caracteres mentaes dos campos europous são essencialmente semelhantes aos dos povos primitivos no mundo inteiro... Desde que se modifiquem as condições do meio em que vivem taes primitivos nada impedirá seu aperfeiçoamento progressivo...

E quem falava assim era sir Charles Myers, professor de Psy-

chologia experimental na Universidade de Cambridge, depois do haver passado um anno inteiro nas illhas do estreito de Torres o em Borneo, e tempo ainda mais longo no Sudan, sempre entre maisinados «inferiores».

* * *

A attitude do Japão, que pelo órgão de seus representantes, Saionji, Kondo o Yuseñ Kaisha, vae combater os «anthropo-sociologos» da Conferencia da Paz, é tanto mais sympathica, quanto o imperio passou a fazer parte do rol das grandes potencias, depois que mostrou aos brancos, em 1905, para quanto servem os amarellos...

Individualmente, elle nada parece pedir para si.

Mas... «O futuro a Deus pertence». A providencia dos nippões lova-os á defesa do citado «espírito de humanidade».

E a nossa? Pois haverá no mundo paiz mais interessado no desmantello das theorias que tom servido para justificar o dominio colonial dos immodestos eurasiaticos?

De todas as questões que se hão de conjugar na Conferencia, nenhuma é por certo mais irritante nem de interesse mais elevado.

Por outro lado, nenhuma é tão ligada ao estabelecimento de uma era de paz definitiva entre os homens. O professor Adler, da Columbia University N. Y., mostrava, ha algum tempo, que a humanidade só poderá vir a constituir-se em um «Corpus organicum spirituale» no dia em que todos reconhecerem a realidade da influencia reciproca das diversas culturas, aproveitando cada qual o que os

outros tiverem de bom, por mais humildes e modestos que sejam.

E' fóra de duvida que, a não ser as lutas decisivas que se insculpiram na historia com os titulos de Verdun, Marne, Soissons, e tantos outros, a guerra nada trouxe mais emocionante, para os estudiosos, do que os problemas ora debatidos na mesa da paz. E', certo, muito interessante para nós, brasileiros, saber [de que modo se resolverão em nações, as «anarchias» da Europa Central. Acompanhemos curiosos e sympathicos a nova aurora Tchegue, a resurreição de Praga, com o seu prestigio de cidade capital de um povo artista e trabalhador. Mas... indagemos, anciosos, que pensarão dos «povos atrazados» os donos da hora mundial, e formemos ao lado do Japão.

Ao que parece, elle está sendo muito mais «occidental» que os outros...

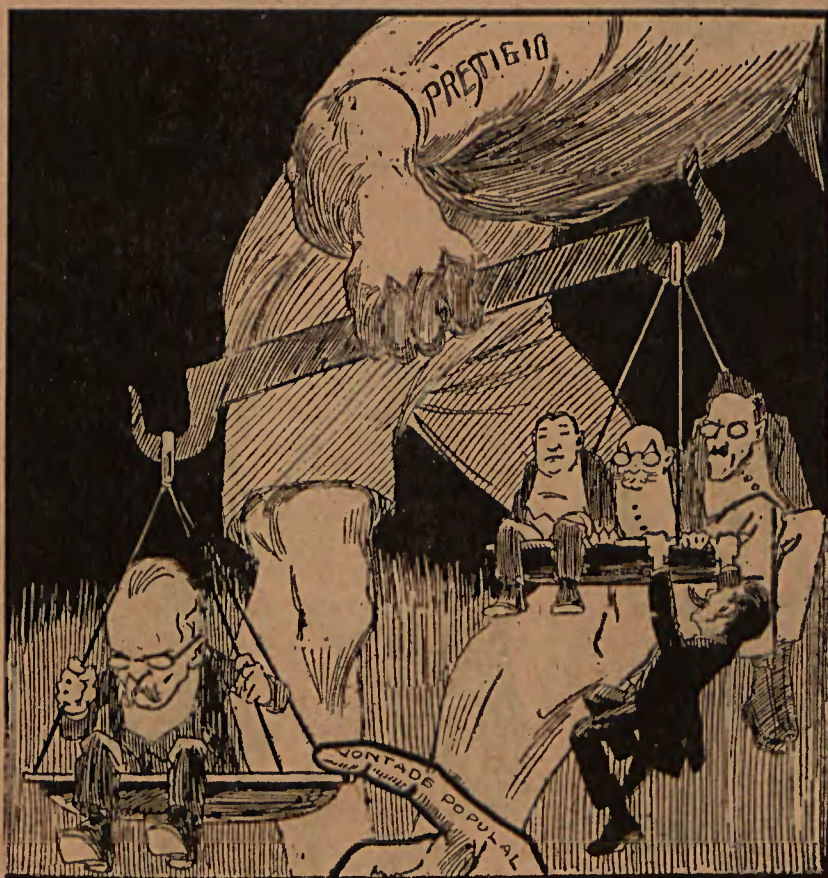
ROQUETTE PINTO — Do «Imparcial», Rio.

Padaria espiritual.

Nota-se na Paulicéa um movimento de revivescencia na industria e no commercio de livros. Organizam-se emprezas novas e novas livrarias se abrem. Surgiu, renascida das cinzas cearenses, a Padaria Espiritual da Casa Freire. A Casa Freire!... Quem a não conhece atravez dos annuncios originalissimos por meio dos quaes a popularizou o rijo e intelligente caboclo cearense que é o sr. José da Cunha Freire? Num louvavel progredir o intrepido filho da terra dos «verdes mares» ascendeu do prosaica panella de pedra á bibliophilia, e vem assim formar ao lado de quantos, fazendo ou vendendo livros, contribuem para romper as trevas da ignorancia que envolvem o paiz. Temos esperanças de noticiar no proximo numero a entrada em scena de novos padeiros e novas padarias espirituaes — signal evidente que ha fome... intellectual! Ainda bem!

AS CARICATURAS DO MEZ

CANÇÃO POLITICO-CARNEVALESCA



Chega a sê um desaforo
Querê-se elles compará:

— Bslança que peza ouro
Não peza os outros metá.

(CALIXTO — D. Quixote — Rio).

O GRITO DE GUERRA



Carnaval na rua!

(J. CARLOS — *Careta* — Rio).

ESTRATAGEMA



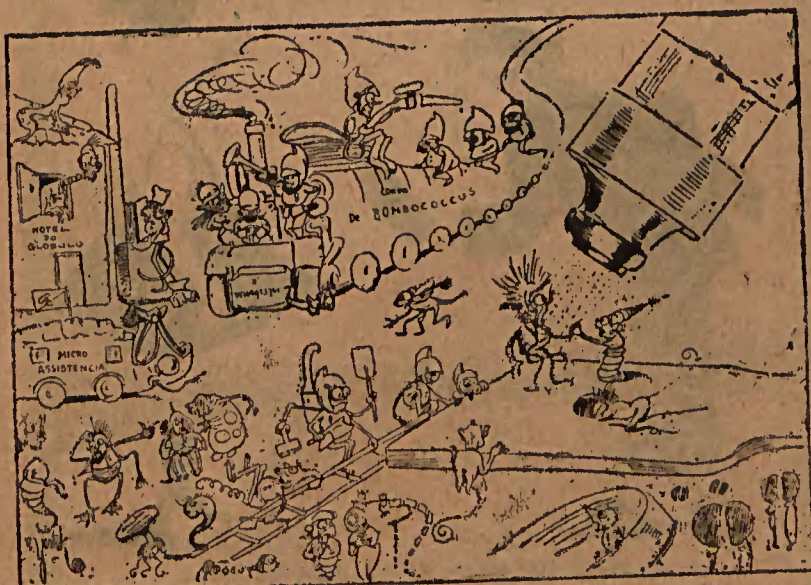
— Que fantasia exclusiva!
— Qual fantasia! minha mulher escondeu toda a roupa para eu não sair.
(RAUL — *D. Quixote* — Rio).

A "DELIVRANCE", NA CONVENÇÃO



O MEDICO — «Seu» Brasil, é menino e... prodigio.
(CALIXTO — D. Quixote — Rio).

UM PANICO NA MICROBIOLANDIA



O microbio da «hespanhola» vendo-se descoberto pelo microscopio dá o alarme.
(YANTOK — D. Quixote — Rio).

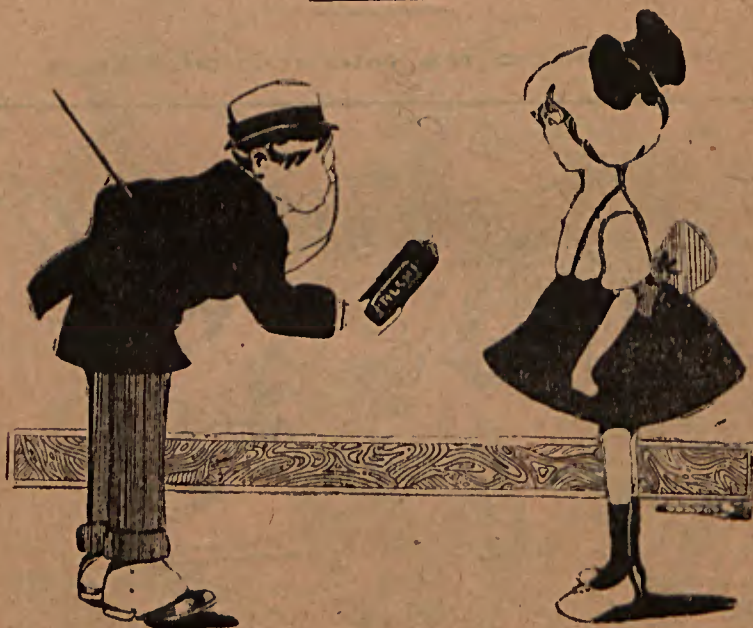
CARRO N. 4



O homem é o único animal que pensa... que o não é.
(CALIXTO—D. Quixote—Rio)



Ora bolas, anguli o phone com orelha!
(YANTOK—D. Quixote—Rio)



NÃO ME DESPRESE, CLARITA,
SEU ODIOSINHO RECALQUE;
QUE EU LHE OFFERECA PERMITTA
UM TABLETE DE FALOH.

98 %

dos engenhos de canna em funcionamento no Brasil têm a marca "CHATTANOOGA,,

Isto é a melhor prova da superioridade dos celebres e legitimos engenhos de canna "CHATTANOOGA,, dos quaes somos os unicos vendedores no Brasil, onde elles funcionam ha 15 annos.

Os eixos dos engenhos "CHATTANOOGA,, são positivamente de aço de primeira qualidade. O mesmo não acontece com os engenhos de outras marcas, pois quasi todos elles têm o eixo de ferro.

Temos destes engenhos para qualquer capacidade de producção diaria, accionados a força animal, a força d'agua e a força motora.

Os Srs. Lavradores ajuizados devem, pois, continuar a dar preferencia aos engenhos «CHATTANOOGA». Elles são melhores e custam menos do que os de outras marcas.

PEÇAM NOSSO CATALOGO N. 42

F. UPTON & C.

Largo de S. Bento, 12 Avenida Rio Branco N. 13
SÃO PAULO R. DE JANEIRO



INDICADOR

ADVOGADOS:

DRS. SPENCER VAMPRE',
LEVEN VAMPRE' e PEDRO
SOARES DE ARAUJO — Tra-
vessa da Sé, 6, Telephone 2150.

DRS. ROBERTO MOREIRA,
J. ALBERTO SALLES FILHO e
JULIO MESQUITA FILHO —
Escriptorio: Rua Boa Vista, 52
(Sala 3).

MEDIDOS:

DR. RENATO KEHL. — Espe-
cialista em syphilis e vias urina-
rias (molestias dos rins, bexiga,
prostata e urethra). Cons. Rua
Liberio Badaró, 118. Tel. Cent.
5125. Res.: rua Domingos de Mo-
raes, 72. Tel. 2559.

DR. SYNESIO RANGEL PES-
TANA — Medico do Asylo de Ex-
postos e do Seminario da Gloria.
Clinica medica especialmente das
crianças — Res.: R. Bella Cintra,
139. Consult.: R. José Bonifacio,
8-A, das 15 ás 16 horas.

DR. ALVARO CAMERA —
Medico. S. Cruz do Rio Pardo —
São Paulo.

DR. SALVADOR PEPE — Es-
pecialista das molestias das vias
urinarias, com pratica em Pariz.
— Consultas das 9 ás 11 e das 14
ás 16 horas. Rua Barão de Itape-
tinga, 9, Telephone 2296.

TABELLIÃES:

O SEGUNDO TABELLIÃO DE
PROTESTOS DE LETRAS E TI-

TULOS DE DIVIDA, NESTOR,
RANGEL PESTANA, tem o seu
cartorio á rua da Boa Vista, 58.

CORRETORES:

ANTONIO QUIRINO — Corre-
tor official — Escriptorio: Traves-
sa do Commercio, 7 — Telephone
n. 393.

GABRIEL MALHANÓ — Cor-
retor official — Cambio e Titulos
— Escriptorio Travessa do Com-
mercio, 7. Telephone 393.

DR. ELOY CERQUEIRA FI-
LHO — Corretor Official — Es-
criptorio: Travessa do Commercio,
5 — Teleph. 323 — Res.: Rua Al-
buquerque Lins, 58, Teleph. 633.

SOCIEDADE ANONYMA COM-
MERCIAL E BANCARIA LEONI-
DAS MOREIRA — Caixa Postal
174. End. Teleg. "Leonidas", São
Paulo. Telephone 626 (Central) --
Rua Alvares Penteado — São
Paulo.

COLLEGIOS:

EXTERNATO DR. LUIZ PE-
REIRA BARRETO — Admissão
aos cursos superiores da Republica
para ambos os sexos. — Rua Carlos
Gomes, 50 — Acacio G. de Paula
Ferreira.

ALFAIATES:

ALFAIATARIA ROCCO. —
Emilio Rocco. — Novidades em
casemira ingleza. — Importação
directa. Rua Amaral Gurgel, 20,
esquina da rua Santa Izabel. Tel.
3333 cidade — S. Paulo.

LIVRARIA DRUMMOND

Livros Escolares, de Direito, Medicina,
Engenharia, Litteratura, — Revistas. —
Mappas. — Material Escolar.

ED. DRUMMOND & COMP.

RUA DO OUVIDOR, 76

TELEPH. NORTE, 5667

End. Tel. "LIVROMOND" — Caixa Postal, 785 — RIO DE JANEIRO

ACIDO URICO - URICEMIA
CYSTITES - BEXIGA-RINS
RHEUMATISMO - CALCULOS
AREIAS - PYELITIS - UREMIA

ARTHRITISMO

BI-UROL

SILVA ARAUJO

GRANULADO EFFERVESCENTE Á BASE DE
FOLHAS DE ABACATEIRO. 00

Combater o Bacillo
de Hansen por
meio das
ampoulas
de

DE

SILVA ARAUJO

Formula
de Jeauselmae

Unico trata-
mento admittido
pela sciencia
para a cura da

Oleo de
chaumoolgra di-
luido, camphora
e gayacol
Em ampoulas de 2 e 5 grammas

JEANSELMINA

LEPRA

COQUELUCHE

O XAROPE DE GOMENOL

Formula do dr. Monteiro Vianna preparado da Pharmacia Sta. Cecilia de Lopes & Senna, à Rua das Palmeiras, 12, é o específico que cura em poucos dias a

COQUELUCHE

A' venda em todas as drogarias e pharmacias

Depositario: JOÃO LOPES ☪ Rua 11 de Agosto, 35 ☪ SÃO PAULO

ALMEIDA SILVA & CIA

Importadores de

**Ferragens, Louças,
Tintas e Oleos**

Ender.: Electr. "AMSDIAS"

Codigo Ribeiro

Rua General Carneiro, 13

S. PAULO

CASA EXCELSIOR

Ferragens, Tintas, Louças e Crystaes - Especialidades em

Artigos Domesticos e Artigos para Encerar

P. R. AMARAL IMPORTADOR

LARGO DO AROUCHE, 83 - Telephone N. 1978 Central

SÃO PAULO

Phosphoros
Segurança

Marca

Os unicos que



Casa Nathan
S. Paulo

"TREVO"

se exportam.

GOSAR
É
FUMAR

37

MISTURA
DA
MODA

A' ILLUMINADORA



Artigos Electricos em geral

Motores electricos para
machina de costura e
para outros fins.

Lampadas Economica e
112 Watt

Candelabros e Abat-Jours
de seda para Electricidade

47, R. DA BOA VISTA - S. PAULO

LEBRE FILHO & C.^{IA}

Agentes da Companhia de Seguros ALLIANÇA DA BAHIA
Correspondentes do "BANCO ALLIANÇA" e depositarios dos
afamados Charutos Poock.

JOÃO DIERBERGER

FLORICULTURA

S. PAULO

Caixa Postal, 458

SEMENTES.

PLANTAS.

BOUQUETS.

DECORAÇÕES

TELEPHONES:

Chacara, cid. 1006

Loja, central, 511

Estabelecimento de primeira ordem.

FILIAL:

Campinas
Guanahara

LOJA: Rua 15 de Novembro, 59-A

CHACARA: Alam. Casa Branca
(Avenida Paulista)

PEÇAM CATALOGOS

CASA DE SAUDE

EXCLUSIVAMENTE PARA DOENTES DE
MOLESTIAS NERVOSAS E MENTAES

Dr. **HOMEM de MELLO & C.**

Medico consultor Dr. FRANCO DA ROCHA Director do Hospicio do Juquery

Medico interno - Dr. TH. DE ALVARENGA Medico do Hospicio do Juquery

Medico residente e Director Dr C. HOMEM DE MELLO

Este estabelecimento fundado em 1907 é situado no esplendido bairro **ALTOS DAS PERDIZES** em um parque de 22.000 metros quadrados, constando de diversos pavilhões modernos, independentes, ajardinados e isolados, com separação completa e rigorosa de sexos, possuindo um pavilhão de luxo, fornece aos seus doentes esmerado tratamento, conforto e carinho sob a administração de Irmãos de Coridade.

O tratamento é dirigido pelos especialistas mais conceituados de São Paulo
Informações com o Dr. HOMEM DE MELLO que reside á rua Dr. Homem de Mello,
proximo á Casa de Saude (Alto das Perdizes)

Caixa do Correio, 12 **SÃO PAULO** Telephone, 560

XAROPE DE LIMÃO BRAVO

CURA:
TOSSE, ASTHMA,
COQUELUCHE ETC.



SOC. DE PROD. CHIMICOS
L. QUEIROZ S. PAULO

LIMA BARRETO

Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá

Acaba de ser posto a venda o novo romance do festejado autor do "TRISTE FIM DE POLYCARPO QUARESMA". E' um magnifico estudo da vida carioca sob alguns aspectos quasi ineditos ou pelo menos nunca tratados com a superioridade com que o faz o emérito romancista.

PREÇO 2\$000 PELO CORREIO
MAIS 300 RÉIS.

Pedidos á **Revista do Brasil** CAIXA, 2-B
SÃO PAULO

MARIO SETTE

ROSAS E ESPINHOS

MAGNIFICA collecção de contos nortistas onde os scenarios e os costumes de Pernambuco são pintados ao vivo com a arte caracteristica do apreciado belletrista do «AO CLARÃO DOS OBUZES».

PREÇO 4\$000 * PELO CORREIO
MAIS 400 RÉIS

Pedidos á **Revista do Brasil,** CAIXA 2-C
S. PAULO

Joaillerie - Horlogerie - Bijouterie

MAISON D'IMPORTATION

BENTO LOEB

RUA 15 DE NOVEMBRO, 57-(en face de la Galeria)

Pierres précieuses -- Brillants -- Perles -- Orfévrerie -- Argent -- Bronzes
et Marbres d'Art -- Services en Métal blanc Inalterable.

MAISON Á PARIS

30 - RUE DROUOT - 30

Etablissements
Bloch

❖ *Société*
Anonyme
au Capital de 4.500.000 francos.

Fazendas
e Tecidos

R. de Janeiro
116, R. da Alfandega

S. Paulo - Rua Lib. Badaró, 13
Paris - 26, Cité de Trévisé

As machinas

Lidgerwood

para CAFÉ, MANDIOCA, ASSUCAR,
ARROZ, MILHO, FUBÁ

São as mais recommendaveis para a
lavoura, segundo esperiencias de ha
mais de 50 annos no Brasil.

Grande stock de Caldeiras, Motores a va-
por, Rodas de agua, Turbinas e accessorios
para a lavoura.

Correias - Oleos - Telhas de zinco
Ferro em barra - Canos de ferro
galvanisado e mais pertences.

CLING SURFACE massa sem rival pa-
ra conservação de correias.

Importação directa de quaesquer ma-
chinas, canos de ferro batido galvanisado pa-
ra encanamentos de agua, etc.

Para informações, preços, orça-
mentos, etc., dirigir-se a

R. S. Bento 29^C S. Paulo

REVISTA DO BRASIL

SUMMARIO

RUY BARBOSA	A questão social e política no Brasil	381
MARTIM FRANCISCO	Viajando (IX)	422
OTHONIEL MOTTA	Bossoróca	431
HENRIQUE GEENEN.	José Ingenieros	440
J. A. NOGUEIRA	Paiz de ouro e esmeralda (VI).	449
CARVALHO ARANHA	Versos	458
FRANÇISCO IGLESIAS	Cinco annos no norte do Brasil (IV).	462
AFFONSO D'ESCRAGNOLLE TAUNAY	Um album de Elisa Lynch (IV).	466
ANTONIO MAURO	Lingua vernacula	473
TANCREDO PAIVA	Notas de um livreiro	475
FIRMINO COSTA	Vocabulario analogico	477
REDACÇÃO.	{ Bibliographia	480
	{ Resenha do mez	491

PUBLICAÇÃO MENSAL

N. 40 - ANNO IV — VOL. X — ABRIL, 1919

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
RUA DA BOA VISTA, 52
SAO PAULO e Brazil



RESENHA DO MEZ: Amadeu Amaral (*Redacção*) — Humour (*Sud Mennucci*) — A favor da lingua portuguesa (*John C. Branner*) — Psychiatria (*Dr. Franco da Rocha*).

ILLUSTRAÇÕES: Quadros de Zimmermann — Gravuras antigas. — Caricaturas do mez.

REVISTA DO BRASIL

**PUBLICAÇÃO MENSAL DE SCIENCIAS,
LETRAS, ARTES, HISTORIA E ACTUALIDADES**

Director: MONTEIRO LOBATO.

Secretario: ALARICO CAIUBY.

Directores nos Estados:

Rio de Janeiro: José Maria Bello

Minas Geraes: J. Antonio Nogueira, Bello Horizonte.

Pernambuco: Mario Sette, Recife.

Bahia: J. de Aguiar Costa Pinto, S. Salvador.

Ceará: Antonio Salles, Fortaleza.

R. Grande do Sul: João Pinto da Silva, P. Alegre.

Paraná: Seraphim França, Corityba.

Amazonas: João Baptista de Faria e Souza, Manaus

Rio Grande do Norte: Henrique Castriciano, Natal

ASSIGNATURAS

Anno 15\$000

Seis mezes 8\$000

Edição de luxo, anno 22\$000

Seis mezes. 12\$000

Numero avulso 1\$500

Assignatura com direito a registro no correio: mais 2\$400
por anno

REDACÇÃO E ADMINISTRACÇÃO:

RUA DA BOA VISTA, 52

SÃO PAULO

Caixa Postal: 2-B — Telephone, 1603, Central

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao secretario.



BYINGTON & C.

Engenheiros, Electricistas e Importadores

SEMPRE TEMOS EM STOCK GRANDE QUANTIDADE DE MATERIAL ELECTRICO COMO :

MOTORES
FIOS ISOLADOS

TRANSFORMADORES
ABATJOURS LUSTRES

BOMBAS ELECTRICAS
SOCKETS SWITCHES

CHAVES A OLEO
VENTILADORES

PARA RAIOS
FERROS de ENGOMMAR

LAMPADAS
ELECTRICAS 112 WATT

ISOLADORES
TELEPHONES

ESTAMOS HABILITADOS PARA A CONSTRUÇÃO DE INSTALAÇÕES HYDRO-ELECTRICAS COMPLETAS, BONDES, ELECTRICOS, LINHAS DE TRANSMISSÃO, MONTAGEM DE TURBINAS E TUDO QUE SE REFERE A ESTE RAMO.

UNICOS AGENTES DA FABRICA

Westinghouse Electric & Mftg. C.

PARA PREÇOS E INFORMAÇÕES DIRIJAM-SE A

BYINGTON & Co.

Largo da Misericordia, 4
TELEPHONE, 745-central ✦ S. PAULO



Wilson Sons & Co. Limited

R. B. Paranapiacaba, 10-S. PAULO

Caixa Postal 523

ENDEREÇO TELEGRAPHICO :

“ANGLICUS”

Armazens de mercadorias e depósitos de carvão
com desvios particulares no BRAZ e na MOÓCA

AGENTES DE

Alliance Assurance Co. Ltd., Londres .	SEGUROS CONTRA FOGO
J. B. White & Bros. Ltd., Londres .	CIMENTO
Wm. Pearson Ltd., Hull	CREOLINA
T. B. Ford Ltd., Loudwater	MATABORRÃO
Brocke, Bond & Co. Ltd., Londres .	CHÁ DA INDIA
Read Bros. Ltd., Londres	CERVEJA GUINNESS
Andrew Usher & Co., Edinburgo .	WHISKY
J. Bollinger, Ay-Champagne	CHAMPAGNE
Holzapfels, Ltd., Newcastle-on-Tyne .	TINTAS PREPARADAS
Major & Co. Ltd., Hull	PRESERVATIVO DE MADEIRAS
Curtis's & Harvey, Ltd., Londres . .	DYNAMITE
Gotham Co. Ltd., Nottingham	GESSO ESTUQUE
P. Virabian & Cie., Marselha	LADRILHOS
Platt & Washburn, Nova York	OLEOS LUBRIFICANTES
Horace T. Potts & Co., Philadelphia .	FERRO EM BARRA E EM CHAPAS

Unicos depositarios de

Sal legitimo estrangeiro para gado marca “LUZENTE”

Superior polvora para caça marca “VEADO”, em cartuchos e em latas

Anil “AZULALVO” o melhor anil da praça.

Importadores de

Ferragens em geral, tintas e oleos, materias para fundições e fabricas, drogas e productos chimicos para industrias, louça sanitaria, etc.

MAPPIN STORES
SOCIEDADE ANONIMA INGLEZA

O porta-livros “MAPPIN,,

Como se deve comprar um
porta-livros.

Começa-se com 3 ou mais «units»
e quando já estão cheios, aug-
menta-se simplesmente com
um outro «unit».



PREÇOS :

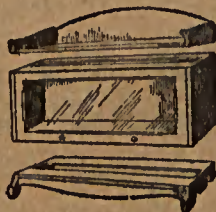
Para tres “UNIT,,
montados, confor-
me o cliché acima,
106\$000.

“UNIT,, avulso . .
27\$000.

Base e cornija . . .
25\$000.

NATURAL
OU PRETO

*Temos uma grande
quantidade em “stock,,
para entrega imediata*



Mappin Stores

RUA 15 DE NOVEMBRO, 26 - SÃO PAULO

Pereira Ignacio & C.

INDUSTRIAES

Fabrica de Tecidos PAULISTANA e LUSITANIA nesta Capital, e LUCINDA, na estação de S. Bernardo (S. Paulo Railway),

VENDEDORES DE FIOS DE ALGODÃO. CRÚS E MERCERISADOS

COMPRADORES de Algodão em caroço em grande escala, com machiñas e AGENCIAS nas seguintes localidades, todas do Estado de S. Paulo.

Sorocaba, Tatuhy, Piracicaba, Ticté, Avaré, Itapetininga, Pirajú, Porto Feliz, Conchas, Campo Largo, Boituva, Pyramboia, Monte Mór, Nova Odessa, Bernardino de Campos, Bella Vista de Tatuhy.

Grandes negociantes de ALGODÃO EM RAMA neste e nos demais Estados algodoeiros, com Representações e filiaes em AMAZONAS, PARA', PERNAMBUCO, BAHIA, RIO DE JANEIRO, RIO GRANDE DO SUL

ESCRITORIO CENTRAL EM SÃO PAULO:

Rua de São Bento N. 47

Telephones 1536, 1537, 5296-central :: Caixa Postal, 931

Proprietarios da conhecida Agua Mineral

PLATINA

COGNOMINADA A VICHY BRASILEIRA — A MELHOR AGUA DE MESA — ACÇÃO MEDICINAL — A PLATINA cuja FONTE CHAPADÃO, está situada na estação da PRATA, é escrupulosamente captada, sendo fortemente radio-activa e bicarbonatada sodica como a VICHY e é como esta agua franceza

VENDIDA em GARRAFAS ESCURAS

AGUA TONICA
ANTI-FEBRIL

Approvada pelo Instituto Sanitario Federal
Preparada pelo
Dr. JOSÉ SILVA ARAÚJO

AGUA
INGLEZA

N.B. - A cada garrafa acompa-
nha um copinho de medida.

RECONSTITUINTE
FERRUGO ESTOMAC.



JOÃO DIERBERGER

FLORICULTURA

S. PAULO

Caixa Postal, 458

SEMENTES.

PLANTAS.

BOUQUETS.

DECORAÇÕES


TELEPHONES:

Chacara, cid. 1006

Loja, central, 511

Estabelecimento de primeira ordem.

FILIAL:

Campinas 
Guanabara

LOJA: Rua 15 de Novembro, 59-A

CHACARA: Alameda Casa Branca
(Avenida Paulista)

PEÇAM CATALOGOS

CASA DE SAUDE

EXCLUSIVAMENTE PARA DOENTES DE
MOLESTIAS NERVOSAS E MENTAES

Dr. **HOMEM de MELLO & C.**

Medico consultor Dr. FRANCO DA ROCHA Director do Hospicio do Juquery

Medico interno - Dr. TH. DE ALVARENGA Medico do Hospicio do Juquery

Medico residente e Director Dr. C. HOMEM DE MELLO

Este estabelecimento fundado em 1907 é situado no esplendido bairro **ALTOS DAS PERDIZES** em um parque de 22.000 metros quadrados, constando de diversos pavilhões modernos, independentes, ajardinados e isolados, com separação completa e rigorosa de sexos, possuindo um pavilhão de luxo, fornece aos seus doentes esmerado tratamento, conforto e carinho sob a administração de Irmãos de Caridade.

O tratamento é dirigido pelos especialistas mais conceituados de São Paulo. Informações com o Dr. HOMEM DE MELLO que reside á rua Dr. Homem de Mello, proximo á Casa de Saúde (Altq das Perdizes)

Caixa do Correo, 12 **SÃO PAULO** Telephone, 560

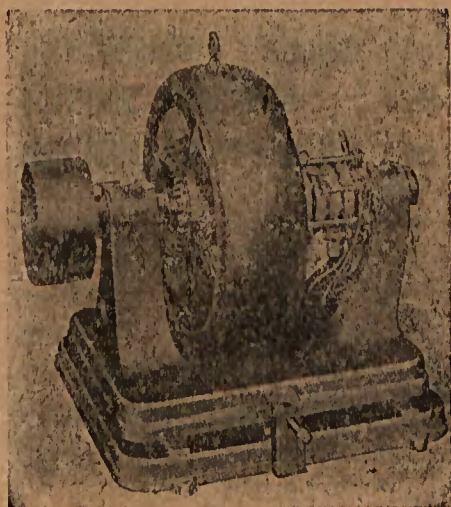
Procurem o
monogramma



é a garantia

A electricidade ao alcan- ce de todos.

Possuímos em
stock para entrega
immediata:



*Geradores de
corrente alternada
Triphasicos - 60
cyclos-1800 Rpm
220 Volts.*

*De 7 1/2-15 e 25
klowatts.*

*Proprios para
illuminação de pe-
quena cidade ou
fazendas.*

PEÇAM CATALOGOS MENCIONANDO O NUMERO 5005 :

Cia. General Electric do Brasil (Inc.)

São Paulo

RUA BOA VISTA, 9

Telep.cent.-4985 e 4986

CAIXA, 547

Rio de Janeiro

RUA S. PEDRO, 126

Telep.norte-4299 e 4300

CAIXA, 109

The British Bank of South America Ltd.

FUNĐADO EM 1863

CASA MATRIZ :

4, Moorgate Street-LONDRES

Filial em S. PAULO: R. S. Bento, 44

Capital Subscripto . £ 2.000.000	Succursaes: MANCHESTER, BAHIA,
„ Realizado . £ 1.000.000	RIO DE JANEIRO, MONTEVIDÉO,
Fundo de Reserva . £ 1.000.000	ROSARIO DE STA. FÉ e BUENOS AIRES.

O Banco tem correspondentes em todas as principaes cidades da Europa, Estados Unidos da America do Norte, Brasil e Rio da Prata, como tambem na Australia, Canadá, Nova Zelandia, Africa do Sul, Egypto, Syria e Japão. Emittem-se saques sobre as succursaes do Banco e seus correspondentes.

Encarrega-se da compra e venda de fundos como tambem do recebimento de dividendos, transferencias telegraphicas, emissão de cartas de credito, negociação e cobrança de letras de cambio, coupons e obrigações sorteados e todo e qualquer negocio bancario legitimo.

RECEBE-SE DINHEIRO, EM CONTA CORRENTE
E A PRAZO FIXO, ABONANDO JUROS CUJAS
TAXAS PODEM SER COMBINADAS NA OCCASIÃO.

OFFICINAS E GARAGE MODELO A. Dias Carneiro



UNICO IMPOTADOR DOS

**Automoveis OVERLAND e
WILLYS KNIGHT**

GRANDE STOCK DE ACCESORIOS
PARA AUTOMOVEIS

Depósito permanente dos Pneumaticos
“**FISK**”

*Mechanica-Pintura-Sellaria
Carrosserie - Vulcanisação -
Electricidade.*

EXECUTA-SE QUALQUER ENCOMMENDA COM
RAPIDEZ.

TELEPHONES CENTRAL.

ESCRITORIO N. 3479 — GARAGE N. 411

Caixa Postal N. 534 — End. Telegr.: “ALDICAR”

RUÀ 7 DE ABRIL N. 38

Avenida São João, 18 e 20

Canto Libero Badaró

S. PAULO

CASA FRANCEZA

DE

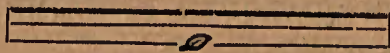
L. Grumbach & C.

RUA SÃO BENTO, 89 e 91
S. PAULO

CASA MATRIZ EM PARIS

17 Bis, RUE DE PARADIS

*Louças, Vidros, Crystaes, Por-
cellana, Objectos de Arte para
Presentes, Baterias de Cozinha*




VENDAS A VAREJO E POR ATACADO

IMPORTAÇÃO DIRECTA



RUY BARBOSA

A QUESTÃO SOCIAL E POLITICA NO BRASIL

Conferencia pronunciada a 20 de Março,
no Theatro Lyrico do Rio de Janeiro. 

Senhores :

Conhecéis, porventura, o Jeca Tatú, dos "Urupês", de Monteiro Lobato, o admiravel escriptór paulista? Tivestes, algum dia, occasião de ver surgir, debaixo desse pincel de uma arte rara, na sua rudeza, aquelle typo de uma raça, que, "entre as formadoras da nossa nacionalidade", se perpetua, "a vegetar, de cócoras, incapaz de evolução e impenetravel ao progresso"?

Jeca Tatú

Solta Pedro I o grito do Ypiranga. E o caboclo, em cócoras. Vem, com o 13 de Maio, a libertação dos escravos; e o caboclo, de cócoras. Derriba o 15 de Novembro um throno, orguendo uma Republica; o o caboclo, acocorado. No scenario da revolta, entre Floriano, Custodio e Gumercindo, se joga a sorte do paiz, esmagado quatro annos por "Incitatus"; e o caboclo ainda com os joelhos á boca. A cada um desses baques, a cada um desses estrondos, soergue o torso, espia, coça a cabeça, "magina", mas volve á modorra e não dá pelo resto.

De pé, não é gente. A não ser assentado sobre os calcanhares, não desemperra a lingua, «nem ha de dizer cousa com cousa». A sua biboca de sapé faz rir aos bichos de toca. Por çama «uma esteira espipada». Roupa, a do corpo. Mantimentos, os que junta aos cantos da sordida arribana. O luxo do toucinho pendento de um gancho á cunjeira. A' parede, a pica-páo, o polvarinho de chifre, o rabo de tatú e, em párraio,



as palmas bentas. Si a cabana racha, está de «janellinhas abertas para o resto da vida». Quando o colmo do tecto, alluido pelo tempo, escorre para dentro a chuva, não se veda o rombo; basta aparar-lhe a agua num gamello. Desaprumando-se os barrotes da casa, um santo de mascafé, grudado á parede, lhe vale de contraforte, embora, quando ronca a trovoadá, não deixe o dono de se julgar mais em segurò no ôco de uma arvore visinla.

O matto vem beirar com o terreirinho nú da palhoça. Nem flores, nem frutas, nem legunes. Da terra, só a mandioca, o milho e a canna. Porque não exige cultura, nem colheita. A mandioca «sem vergonha», não teme formiga. A canna dá a rapadura, dá a garapa, e assucára, de um rolêto espremido a pulso, a cuia do café.

Para Jeca Tatú «o acto mais importante da sua vida é votar no governo». «Vota. Não sabe em quem. Mas vota». «Jeca por dentro rivalisa com Jeca por fóra. O mobiliario cerebral vale o do casebrê». Não tem o sentimento da patria, nem, siquer, a noção do paiz. De «guerra, defêsa nacional, ou governo» tudo quanto sabe, se reduz ao pavor do recrutamento. Mas, para todas as doenças, dispõe de mcisinlias prodigiosas como as idéas dos nossos estadistas. Não ha bronchite, que resista ao cuspir do doente na boca de um peixe, solto, em seguida, agua abaixo. Para brotoeja, cozimento de beijo de pote. Dôr de peito? «O porrete é jasmín de cachorro». Parto difficil? Engula a cachôpa tres caroços de feijão mouro, e «vista no avesso a camisa do marido».

Um fatalismo cego o acorrenta á inercia. Nem um laivo de imaginação, ou o mais longinquo rudimento d'arte, na sua imbecilidade. Mazorra e soturna, apenas rouqueja lugubres toadas. «Triste como o curiango, nem siquer assobia». No meio da natureza brasileira, das suas cadatupas de vida, sons e colorido, «é o sombrio urupê de páo pôdre, a modorrar silencioso no recesso das grotas. Não fala, não canta, não ri, não ama, não vive.»

Não sei bem, senhores, si no tracejar deste quadro. teve o autor só em mente debuxar o piraquara do Paralyba e a degenerescencia innata da sua raça. Mas a impressão do leitor é que, neste symbolo de preguiça e fatalismo, de somnolencia e imprevisão, de esterilidade e tristeza, de subserviencia e hebetamento, o genio do artista, reflectindo alguma cousa do seu meio, nos pincelou, consciente ou inconscientemente, a synthese da concepção, que têm, da nossa nacionalidade pelos homens que a exploram.

A visão dos manda-chuvas

Si os pêcos manda-chuvas deste sertão mal roçado, que se chama Brasil, o considerassem habitado, realmente, de uma raça de homens, evidentemente não teriam a petulancia de o governar por meio de farçanterias, como a com que acabam de arrostar a opinião nacional e a opinião internacional, atirando á cara da primeira o acto de mais vio-

lento desprezo, que nunca se ousou contra um povo de mediaua consciencia e qualquer virilidade.

Para animar esses gosadores inveterados nas covardias do egoismo a esse rasgo de intrepidez contra os sentimentos de uma nação inteira, justamente quando esses sentimentos se estão patentecendo com toda esta intensidade, havemos de suppôr que o vesu de se encontrarem com um paiz de resignação illimitada e eterna indifferença os acostumou a verem nos seus conterraneos a cablocada lerdaca e tardonha da familia do herbe dos Urupês, a raça despatriada e lórpa, que vegeta, como os lartos, ao sol, na madraçaria e lombeira dos campos descultivados.

O que elles vêem, succedendo á idade embryonaria do colono, dobrado ao jugo dos capitães môres; o que elles vêem, seguindo-se á época tenebrosa do africano vergalhado pelo relho dos negreiros, é o periodo banzeiro do autochtone, cedido pela catechese dos missionarios á catechese dos politiqueiros, lanzudo ainda na transição mal amanhada o susceptivel, pelo seu baixo hybridismo, das bestialisações mais imprevistas.

Eis o que elles enxergam, o que elles têm por averiguado, o que os seus actos dão por liquido no povo brasileiro: uma ralé semi-animal e semi-humana de escravos de nascença, concebidos e gerados para a obediencia, como o mñar para a albarda, como o suino para o chiqueiro, como o gorilha para a corrente; uma raça cujo cerebro ainda se não sabe se é de banana, ou de mamão, para se empapar de tudo o que lhe imbutam; uma raça cuje coração ainda não se estudou si é de cortiça, ou de borracha, para não guardar móssa de nada, que o contunda; uma raça, cujo sangue seja de sanie ou de lodo, para não sair jámais da estagnação do charco, ou do esphacelo da grangrena; uma raça, cuja indole não participe, siquer, por alguns instinctos nobres ou uteis, dos grãos superiores da animalidade.

De outra sorte não poderia succeder que, precisamente quando se trata do acto mais vital de uma nação, a escolha da cabeça do seu governo, seja essa nação a que se elimine, para exercer as suas vezes o lendeaço dos seus parasitas. De outro modo não se conceberia que, justamente quando os mais obdurados e truculentos despotismos do mundo rolam pelo chão arrastando na quéda os mais velhos thronos e as dynastias mais poderosas, aqui, tres ou quatro moirões de lenho pôdre até o cerne, se ponham rosto a rosto com todas as expressões do sentimento publico, e as levem de vencida. De outra maneira não se explicaria que, exactamente quando se annunciava aos quatro ventos um movimento de regeneração dos costumes politicos, empenhados em corresponder á grandeza das difficuldades com a grandeza dos exemplos, tudo se resolvesse na comedia mais iguobil, de que nunca foi testemunha a nossa historia. Não, senhores, de outro geito não se explicaria que, quando todas as nações andam á competencia, no campo da honra, em dar, qual a qual mais, em modelos ao universo attento, os seus maiores homens, as suas maiores açções e as suas maiores qualidades, a politica

brasileira elegesse este momento, para assombrar o mundo com a sua inveja, a sua tacanharia, a sua corrupção e a sua cegueira; para juntar, aos olhos do estrangeiro, numa só scena, como representação da nossa mentalidade e da nossa moralidade, um concurso de individuos, vicios e opprobrios, que obrigariam a corar o mais desgraçado e o menos sensível retalho da humanidade.

O Brasil não é isso

Mas, senhores, si é isso o que elles vêem, será isto, realmente, o que nós somos? Não seria o povo brasileiro mais do que esse especimem do caboclo mais desasnado, que não se sabe ter de pé, nem mesmo se senta, conjunto de todos os estigmas da calaçaria e da estupidez, cujo voto se compre com um rolete de fumo, uma andaina de sarjão e uma vez de aguardente? Não valerá realmente mais o povo brasileiro do que os conventilhos de advogados administrativos, as quadrilhas de corretores politicos e vendilhões parlamentares, por cujas mãos corre, barateada, a representação da sua soberania? Deverão, com effeito, as outras nações, a cujo grande conselho comparecemos, medir o nosso valor pelo dessa troça de escaladores do poder, que o julgam ter conquistado, com a submissão de todos, porque, num lance de roleta viciada, empalmaram a sorte, e varreram a mesa?

Não. Não se engane o estrangeiro. Não nos enganemos nós mesmos. Não! O Brasil não é isso. Não! O Brasil não é o socio de club de jogo e de pandega dos vivedores, que se apoderaram da sua fortuna, e o quem tratar como a libertinagem trata as companheiras momentaneas da sua luxuria. Não! O Brasil não é esse ajuntamento collectivo de créaturas taradas, sobre que possa correr, sem a menor impressão, o sopro das aspirações, que nesta hora agitam a humanidade toda. Não! O Brasil não é essa nacionalidade fria, deliquescente, cadaverisada, que receba na testa, sem estremecer, o carimbo de uma camarilha, como a messalina recebe no braço a tatuagem do amante, ou o calceta, no dorso, a flor de liz do verdugo. Não! O Brasil não acceta a cova que lhe estão cavando os cavadores do Thesouro, a cova onde o acabariam de roer até os ossos os fatús-canastras da politicalha. Nada, nada disso é o Brasil.

O que é o Brasil

O Brasil não é «isso». E' «isto». O Brasil, senhores, sois vós. O Brasil é esta assembléa. O Brasil é este comicio immenso, de almas livres. Não são os commensaes do crario. Não são as ratazanas do Thesouro. Não são os mercadores do parlamento. Não são as sangue sugas da riqueza publica. Não são os falsificadores de eleições. Não são os compradores de jornaes. Não são os corruptores do systema republicano. Não são os oligarchas estaduaes. Não são os ministros de tarracha. Não são os presidentes de palha. Não são os publicistas de aluguer. Não são os estadistas de impostura. Não são os diplomatas de marca estrangeira. São as cellulas activas da vida

nacional. E' a multidão que não adula, não teme, não corre, não recua, não deserta, não se vende. Não é a massa inconsciente que oscilla da servidão á desordem, mas a coesão organica das unidades pensantes, o oceano das consciencias, a mole das vagas humanas, onde a Providencia accumula reservas inesgotaveis de calor, de força e de luz para a renovação das nossas energias. E' o povo, num desses movimentos seus, em que se descobre toda a sua majestade.

As verdadeiras majestades

A's majestades da força nunca me inclinei. Mas sirvo ás do direito. Sirvo ao merecimento. Sirvo á razão. Sirvo á lei. Sirvo á minha patria. São essas as que eu reconheço neste mundo, e é uma dellas a com quo em vós me encontro neste momento.

Não porque sejaes o numero. Não porque sejaes a torrente. Não porque sejaes a catarata. Não porque sejaes o poder incoercivel. Mas porque sois a barreira do poder. Mas porque sois o reservatorio da vida. Mas porque sois a caudal saneadora. Mas porque sois a somma das actividades, que constituem o trabalho, a união dos que não se nutrem do eadetal alheio, o mundo limpo, elaro e são dos que não têm que esconder o de que vivem.

Operarios brasileiros, que viestes hoje a mim, que me honraes com o desejo de me ouvir, que me estaes dando a vossa attenção, a importancia do elemento que representaes cresce a' olhos vistos, dia a dia, mas não principalmente, por irdes crescendo em numerosidade, não por ongrossardes em vulto, não por augmentardes em materialidade bruta; sim porque vos elevaes em intelligencia; sim porque melhoraes em moralidade; sim porque vos desenvolveis no sentimento de vós mesmos, do vosse valor no meio dos outros factores sociaes, das vossas necessidades, na cultura desse valor. Os homens não se governam pela inconsciencia do peso, mas pelo peso da consciencia.

Quantidade e qualidade

Quereis ver, de um relance, a distancia entre a inconsciencia do peso o o peso da consciencia? Comparaes, nesta guerra ainda mal apagada, nesta guerra cujo rescaldo chammeja ainda, comparaes ahi ossa Belgica de oito milhões de almas com aquella Russia de cento e oitenta milhões de homens; e vêde como saíram as duas do embate com os gigantes da força. Apesar de mal organizada, una era um colosso militar. Não minguavam aos milhões dos seus exercitos os mais bravos soldados e os generaes mais brilhantes. Mas, a corrupção, a ignorancia e o fanatismo haviam quebrado as molas moraes ao seu governo, á sua sciedade, ao seu povo; e o monstro armado, cuja immensidade se levantava como a de um Goliath nas esplanadas da luta, ruiu, juncando hoje o sólo dos seus destroços, combatentes uns com os outros, sob o dominio da miseria, da fome, da anarchia, meneados por dous agen-

tes estrangeiros; ao passo que a Belgica, arcando com a invasão até o ultimo instante, exausta quasi até à derradeira gotta do seu sangue, hospeda numa capital emprestada, atravessa invencivel a sua via dolorosa, e resurge do seu Calvario, laureada, gloriosa, divina, com a sua nacionalidade intacta, o seu prestigio multiplicado, as raizes do seu futuro borbotantes de seiva. Tanto vae, senhores, do ser grande pela quantidade a ser grande pela qualidade.

Considerae qual das duas condições haveis de escolher, operarios brasileiros. Uma acaba desaggregada pelas circumstancias da sua inferioridade. A outra, sustentada pela excellencia do seu caracter, resiste a todas as provas, e de cada uma se desembaraça avantajada.

Adulação e amizade

Todas as grandezas, senhores, todas as grandezas são aduladas. A vossa tem tambem os seus cortezaos; e nenhum delles se deve mais arreccar, pois é, de todas, a mais nova, a mais inexperiente, a mais desacantelada, e, pelo generoso dos seus impulsos a mais susceptivel de cair nos laços da tentação, quando ella embebe a linguagem na cor dos sentimentos nobres. Em mim bem sabeis que não ides ter um cortejador; mas, si vos mereço justiça, deveis estar certos de que podeis contar com um amigo.

O trabalho

Ha na vossa grandeza um condão para attrahir os que se não rendem a outras: é que é a grandeza do trabalho. O trabalho não é o castigo: é a santificação das creaturas. Tudo o que nasce do trabalho, é bom. Tudo o que se amontoa pelo trabalho é justo. Tudo o que se assenta no trabalho, é util. Por isso a riqueza, por isso o capital, que emanam do trabalho, são, como elle, providencias; como elle, necessarios, bemfazejos como elle. Mas já que do capital e da riqueza é manancial o trabalho, ao trabalho cabe a primazia incontestavel sobre a riqueza e o capital.

Lincoln não era um demagogo, não era um revolucionario, não era um agitador popular. Era o presidente da grande Republica norte-americana durante a mais tremenda crise da sua historia; e o consenso geral da posteridade o sagra, hoje, como o maior genio de estadista que a tem governado. Pois Lincoln, senhores, não duvidava reivindicar, numa das suas mensagens ao Congresso Nacional, em dezembro de 1861, a preeminencia do trabalho aos outros factores sociaes.

«O trabalho — dizia elle — precede ao capital, e deste não depende. O capital não é senão um fruto do trabalho, e não chegaria nunca a existir, se primeiro não existisse o trabalho. O trabalho é, pois, superior ao capital, e merece consideração muito mais elevada».

Trabalho e escravidão

Exprimindo este sentir, muito mais generalizado actualmente no seio dos Estados Unidos que ha sessenta annos, quando o grande homem de Estado o enunciava de tão alto, Lincoln falava como quem aprendera a conhecer o trabalho, arcando com o seu maior inimigo, a propriedade servil. Foi ahi, foi nessa rude escola, foi com essa experiencia dolorosa, que tambem aprendemos a estimar-o, e amal-o os abolicionistas brasileiros.

Quando o coração me começou a vibrar dos sentimentos, que me têm euchido a vida, o trabalho arfava acorrentado á rocha da escravidão, onde lhe dilacerava as entranhas o abutre da cobiça deshumana. No dia em que o raio de Deus fundiu aquellas cadeias, bem sentinos nós outros, os que haviamos buscado collaborar na obra da Providencia, adeantando-lhe a data, que de sobre o granito, onde se acabavam de partir os grillhões da raça captiva, se erguia um poder novo, um poder entre nós desconhecido, o poder, ainda inconsciente, do trabalho regenerado.

Dentre os que tinhamos levantado o picão ou o camartello contra o penedo, a que se chumbava a instituição maldita, cada qual estreitava ao peito as lembranças do seu contingente para a campanha em que entrara. O meu fôra modesto. Mas abrangera tudo o que eu podia. Com ella me estreei na tribuna popular, academico ainda, encetando-a com a primeira conferencia abolicionista, que se ousou em S. Paulo. Depois, a minha pennna, a minha palavra deram a essa causa o melhor do meu ser, e dessa causa receberam o melhor das inspirações. Tive a honra de ser o autor do projecto Dantas, de escrever, em sua sustentação, o parecer das commissões reunidas, de ser, na Camara dos Deputados, o seu organ e bandeira, de me ver derrotado por amor delle nas eleições subsequentes, de reivindicar para a consciencia da Nação Brasileira o merito do acto da redempção, de incorrer nas ameaças da celebre guarda negra, de não faltar nunca, nos momentos mais arriscados, com uma devoção, que nunca se desmentiu, e que não quiz nem teve jámais a troco de todos os serviços, outro interesse ou paga, senão perigos, odios e vinganças.

A raça libertada

Estava liberto o primitivo operariado brasileiro, aquelle a quem se devia a creação da nossa primeira riqueza nacional. Terminava o martyrio, em que os obreiros dessa construcção haviam deixado, não só o suor do seu rosto e os dias da sua vida, mas todos os direitos da sua humanidade, contados e pagos em opprobios, torturas e agonias.

Mas que fizeram dos restos da raça resgatada os que lhe haviam sngado a existencia em seculos da mais improba oppressão? Nessas ruinarias havia ainda elementos humanos. De envolta com as gerações exaustas, que o tumulto esperava, estavam as gerações validas, umas em plena virilidade, outras vencendo a adolescencia, outras abrollhando,

nascentes ainda, no meio das ruínas da sua ascendência exterminada. Que movimento de caridade tiveram por esses destroços humanos os arbitros do bem e do mal nesta terra? A responsabilidade não é da monarchia, que expirou ao outro dia da abolição. A responsabilidade não pode ser também do governo provisório, que em só quatorze mezes teve de liquidar um regime e erigir outro. Mas ao governo revolucionário succederam vinte e nove annos de Republica organizada, com oito quadriennios presidenciaes de omnipotencia, quasi todos em calmaria pôdre. Que conta darão a Deus esses governos, senhores, de tudo o que ambicionaram, poderosos para tudo o que quizeram, livres em tudo o de que cogitaram, — que contas darão a Deus da sorte dessas gerações, que a revolução de 13 de Maio deixou esparsas, abandonadas à grosseria originaria, em que a criara e abrutara o captivo?

Era uma raça que a legalidade nacional estragara. Cumpria ás leis nacionaes acudir-lhe na degradação, em que tendia a ser consumida, e se extinguir, si lhe não valessem. Valeram-lhe? Não. Deixaram-n'a estiolar nas senzalas, de onde se ausentara o interesse dos senhores pela sua antiga mercadoria, pelo seu gado humano de outr'ora. Executada assim, a abolição era uma ironia atróz. Dar liberdade ao negro, desinteressando-se, como se desinteressaram absolutamente da sua sorte, não vinha a ser mais do que alforriar os senhores. O escravo continuava a sel-o dos vicios, em que o mergulhavam. Substituiu-se o chicote pela cachaça, o veneno, por excellencia, ethnicida, exterminador. Trocou-se a extenuação pelo serviço na extenuação pela ociosidade e suas abjecções. Fez-se do liberto o guarda-costas politico, o capanga eleitoral. Aguçaram-se-lhe os maus instinctos do atavismo servil com a educação da taberna, do bacamarte e da navalha. Nenhuma providencia administrativa, economica, ou moral, se estudou, ou tentou, para salvar do total perdimento esses valores humanos que sossobravam. Nem a instrucção, nem a caridade, nem a hygiene intervieram de qualquer modo. O escravo emancipado, sua familia, sua descendencia encharcaram putrescentes no desamparo em que se achavam atascados. E eis aqui está como a politica republicana liquidou o nosso antigo operariado, a plebe do trabalho brasileiro durante os seculos da nossa elaboração colonial e os quasi setenta annos do nosso desenvolvimento sob a monarchia.

A segunda emancipação

Era uma segunda emancipação o que se teria de emprehender, se o abolicionismo houvera sobrevivido á sua obra, para baptisar a raça libertada nas fontes da civilisação. Mas o abolicionismo degenerara da independencia das suas origens, adoptando o culto da princeza redemptora; os cabeças da causa vencedora adormeceram nos seus laureis; e a Republica, reaccionaria desde o seu começo, desde o seu começo immersa no egoismo da politica do poder pelo poder, traidora desde o seu começo aos seus compromissos, tinha muito em que occupar a sua gente, para ir desperdiçar o tempo com assumptos sociaes.



Nem mesmo quando algum dos lidadores da campanha recentemente-nada se animasse a encetar a segunda, haveria onde a lograsse abrir com vantagem; porque só no governo parlamentar existe o terreno capaz de dar theatro a essas cruzadas moraes, a essas lutas pelas idéas nas regiões mais altas da palavra, onde ellas se fecundam. No presidencialismo nã ha sinão um poder verdadeiro: o do chefe da nação, exclusivo depositario da autoridade para o bem e o mal.

Desse poder me arredaram sempre os tucháuas e morobixabas do regimen. Na constituição vacillante deste a minha exclusão do posto supremo tem sido, entre elles, o unico ponto de accordo. Dest'arte, sem autoridade para qualquer iniciativa susceptivel de resultado, a minha tarefa, no meio das batalhas pessoases em que se debate a impotencia do parlamento, se viu reduzida a bradar pelas leis, que se immolam, e contra os abusos, que se consummam.

As responsabilidades

Eis os homens, senhores, que se atrevem a chamar-me a contas dos meus sentimentos em relação ao operariado, ao operariado actual, ao que tomou dos hombros da escravidão a carga do trabalho emancipado. Para com o outro, para com o que vos precedeu no lavor penoso do solo e da industria, não tiveram o menor movimento de sympathia humana. Assistiram á sua perdição total, ao seu sacrificio absoluto, elles que tinham nas mãos os instrumentos do poder illimitado; e, responsaveis de tamanha insensibilidade ás amarguras das victimas do trabalho servil, hoje se arvoram em padroeiros do trabalho livre. Como! Padroeiros do trabalho livre, elles! E contra quem? Contra mim, que comvosco pretendo mexericar, babujando-me com o aleive de não sei que antagonismo aos seus direitos, de não sei que incompatibilidade com a sua causa.

Dantes era o delator o que havia de provar a sua delação. Hoje é o delatado o que deve provar a sua innocencia. Privilegios da mentira, que, soberana inconcussa destes reinos, não ha prerogativas que lhe bastem, para impôr aos seus vassallos a humilhação brutal da sua vassallagem.

Com que, senhores, sou então eu o que me hei de considerar obrigado a exculpar-me da increpação, que os meus calumniadores não documentaram? eu, o velho abolicionista? eu, o advogado gratuito e desinteresseiro dos escravos? Eu é que me devo levantar, cabeça baixa, á barra do tribunal, para demonstrar que, amigo, houtem, do trabalhador captivo, não aborreço, hoje, o trabalhador livre? Pois os meus serviços á redempção do primeiro não estarão ahí evidenciando, acima de todas as duvidas, a minha natural inclinação pela sorte do segundo?

Os abolicionistas e os operarios

Quando um homem se vota a defender os humildes contra os potentes, por outro motivo não se concede que anteponha os fracos aos

fortes, a não ser para servir á justiça. Com os grandes e fortes está o lucro ; com os fracos e humildes, o perigo. Como optar o risco, em lugar da vantagem, sinão por antepôr o direito á iniquidade ?

No caso do captivo ainda mais se assignala, na preferencia do desvalido ao poderoso, o desinteressado amor aos nossos semelhantes. Ali a natureza e a fortuna despiram o miseravel de todos os attractivos. A natureza lhe tisonou a pelle, enegreceu-lhe a tez, e lhe engrossou as feições. A fortuna o desnobreceu, o aviltou, deshumanou-o grosseiramente, alarvajou-lhe os costunes, condemnou-a á esqualidez, mergulhou-o na lassidão, na preguiça, no abrutamento. De creaturas racionais assim desnaturadas só o mais arreigado sentimento de fraternidade humana ou a mais extrema paixão de caridade nos poderiam habituar ao contacto. Mas nós nos sentimos nobilitados com elle ; porque esse contacto nos ensinava a amar a justiça.

Não era facil anal-a, quando o seu amor nos inimistava com o poderio da organização, que tinha no elemento servil o seu alimento o a garantia da sua vida. A escravidão era o alpha e o omega da sociedade, que ella nutria, o alicerce, e, juntamente, a cumieira do Estado, que nella se incorporara. O escravo, pelo contrario, era, entre os companheiros do homem, o infimo dos seres animados. Entre a humanidade e a animalidade, vegetava sem os fóros do uma, nem as vantagens da outra, menos bem tratados que as alimarias de estimação, ou as crias de raça.

Nós, porém, nunca hesitamos em renhir com os interesses daquella potestade, afim de restabelecer as victimas dessa cobiça insaciavel nos direitos sagrados, que lhe ella extorquia. Não nos detinha a opulencia dos senhores. Não nos atemorizava a perseguição dos governos. Não nos repugnava a miseria dos nossos villipendiados clientes. E, entre esses oppostos extremos de grandeza e desgraça, de omnipotencia e sujeição, nunca houve um abolicionista, que se vendesse ao dinheiro, que trahisse o direito, que desertasse o seu posto. Pudessem o mesmo de si dizer os republicanos !

Como poderia, logo, haver um abolicionista de então que não seja hoje um amigo do operario ? A causa deste é menos ardua, porquanto os interesses capitalisticos da sociedade, actualmente, não se resentem da intolerancia, que empedernia a propriedade servil, nem á organização da industria assistem os apanagios hediondos, que barbarisavam a organização do captivo.

O capital de agora é mais intelligente e não tem direitos contra a humanidade. Nem o obreiro é o animal de carga ou tiro, desclassificado inteiramente da especie humana pela morte politica e pela morte civil, que sepultavam em vida o escravo. Ao passo que este mal lhe assistia jús á preservação da vida material, o operario tem todos os direitos de cidadãos, todos os direitos individuaes, todos os direitos civis, e, dotado, como os demais brasileiros, de todas as garantias constitucio-



naes, não se queixa sinão de que ás relações peculiares do trabalho com o capital não corresponda um systema de leis mais equitativas, a cuja sombra o capital não tenha meios para abusar do trabalho.

Abolicionismo e reforma social

Evidentemente, senhores, as duas situações distam immenso uma da outra. Entre a posição do trabalhador e a do escravo não ha nada substancialmente commum. Mas uma relação de analogia as subordina á mesma ordem moral de idéas. Ambas interessam o trabalho: a primeira, nas liberdades elementares do homem e do cidadão; a segunda, na independencia economica do trabalhador. O abolicionismo restituiu o escravo á condição humana. A reforma social, na sua expressão moderada, conciliatoria, christã, completaria, uo operario livre, a emancipação do trabalho, realisada, outr'ora em seus traços primordiaes, no operario servil. Entre um e o outro caso, portanto, não vae mais do que nina transição natural, a que os sobreviventes da luta abolicionista não deverão negar o seu concurso.

Abolicionista de todos os tempos, zeloso do meu titulo de serviços a essa causa bemdita, por obrigado me tenho eu, na logica das minhas couvicções, na coherencia dos meus actos, a considerar-me inscripto entre os patronos da causa operaria, naquillo em que ella constitue, realmente, um corpo de reivindicações necessarias á dignidade humana do trabalhador e á ordem humana da sociedade.

Socialismo

Teria eu dito alguma vez qualquer cousa divergente desta proposição? Estarei acaso em contradição com ella, por haver declarado que não era socialista? Mas, senhores, socialista é o adepto do socialismo, e o socialismo é uma theoria, um systema, um partido. No socialismo, pois, como em todas as crenças de partido, em todos os systemas, em todas as theorias, ha um fundo verdadeiro, com accessorios falsos, ou um fundo erronco, com accessorios justos. Os theoristas, os systematicos, as partidistas não discriminam entre o gráo de verdade e a liga de erro, que a inquina, ou entre a base de erro e a superficie de verdade, que o recobre, e, amalgamando tudo numa só doutriua inteiriça estiram a verdade, por exaggeração, até os limites do erro, ou impõem o erro como consequencia inseparavel do assentimento á verdade.

Eis por que motivo, senhores, grave desacerto me parece reduzir a boa causa operaria a uma dependencia essencial da systematização socialista. Dahi o não alistar-me eu no socialismo, professando, entretanto, ao mesmo tempo, como tenho professado, a mais sincera adhesão ao movimento operario nos seus propositos razoaveis, nas aspirações irrecusaveis que encerra, em muitos dos seus artigos o seu programma de acção.

A concepção individualista dos direitos humanos tem evolvido rapi-

damente, com os tremendos successos deste seculo, para uma transformação incommensuravel nas noções juridicas do individualismo restringidas agora por uma extensão, cada vez maior, dos direitos sociaes. Já se não vê na sociedade um mero aggregado, uma juxtaposição de unidades individuaes, acastelladas cada qual no seu direito intratavei, mas uma entidade naturalmente organica, em que a esphera do individuo tem por limites inevitaveis, de todos os lados, a collectividade. O direito vae cedendo á moral, o individuo á associação, o egoismo á solidariedade humana.

Estou, senhores, com a democracia social. Mas a minha democracia social é a que preconizava o cardeal Mercier, falando aos operarios de Malines, «essa democracia ampla, serena, leal, e, numa palavra, christã; a democracia que quer assentar a felicidade da classe obreira, não nas ruinas das outras classes, mas na reparação dos aggravos, que ella, até agora, tem curtido».

Applaudo, no socialismo, o que elle tem de são, de benevolo, de confraternal, de pacificador, sem querer o socialismo devastador, que, na linguagem do egregio prelado belga, “animando o que menos nobre é no coração do homem, rebaixa a questão social a uma luta de appetites, e intenta dar-lhe por solução o que não poderá deixar de exacerbal-a: o antagonismo das classes”.

A meu ver, “quando trabalha em distrahir com mais equanimidade a riqueza publica, em obstar a que se concentrem nas mãos de poucas sommas tão enormes de capitaes, que, praticamente, quando se occupa em desenvolver o bem-estar dos desherdados da fortuna, o socialismo tem razão”.

Mas não tem inenos razão, quando, ao mesmo passo que trata de imprimir á distribuição da riqueza normas menos crueis, lança os alicerces desse direito operario, onde a liberdade absoluta dos contratos se attenua, quando necessario seja, para amparar a fraqueza dos necessitados contra a ganancia dos opuleutos, estabelecendo restricções ás egigencias do capital, e submettendo a regras geraes de equidade as estipulações do trabalho.

Estas considerações terão aqui, hoje mesmo, a explanação devida, quando vos eu minudenciar a minha maneira de sentir acerca de cada um dos pontos, em relação aos quaes, entre nós, se tem articulado reclamações operarias. Mas bastaria o que já levo dito, para liquidar as falsidades, que me denunciaram a vossa mal-querença como um espirito obcecado á justiça das vossas reivindicações.

Nephelibatas

Quereis, entretanto, ver que é o que são os meus accusadores? Assombrae-vos em o apreciar no discurso do senador rio-gradense, que tomou a si, na baixa comedia da Convenção, a tarefa de reduzir a pó a minha entrevista com o “Correio do Povo”, de Porto Alegre, sobre a

revisão constitucional. Nessa oração, em que o espirito reaccionario corre parelhas com a insensibilidade á vida contemporanea, nos declara peremptoriamente o situacionismo borgista que o Estado não pôde intervir com as suas leis nas discordias entre o capital e o trabalho, e que "a Liga das Nações constitue uma hypothsse muito longinqua."

Não quero ventilar agora as opiniões do venerando nephelibata. Só um habitante das nuvens, estrouvinhado ao acordar na terra, poderia, neste momento, relegar para o dominio das hypothses remotas a Liga das Nações, com a missão de negociar a qual o Brasil tem, agora mesmo, na Europa, uma embaixada. Só um espirito extraviado nos dominios astraes poderia contrapor-se agora á evolução geral do mundo, arastado em torrente para as concessões ao socialismo, negando com esses ares categoricos á lei o arbitrio de intervir nas controversias entre obreiros e patrões.

"Já começam..."

Estou já muito velho, para sustentar conclusões magnas sobre a existencia do sol e da lua, do dia e da noite. Quando me saem ao encontro com certos arrojios em tom de coarctadas, lembra-me o caso, que muitas vezes ouvi contar, do marquez de Abrantes num baile de rapazes. Quando o acatado conselheiro de sua magestade assomou ao topo da escada, no palacio onde corria a funcção, os moços, em vez de se apressurarem a lhe agradecer a honra da presença, tiveram a indiscrição de se lhe dirigir como a um convidado ordinario, perguntando-lhe pelo convite. -- "Seu cartão, Sr. marquez?" — Ah! — "respondeu elle — já começam com asneiras? Então vou-me embora." Os estudantes caíram na conta da tolice, desmancharam-se em escusas e acabou sem mais nada o incidente.

Contradicções

Mas, senhores, o que se me antolha, na verdade, estupendo, e não se poderá deixar correr sem advertencia, é que dentre a mesma gente, cujas exigencias me requerem uma conciliação com o socialismo, para grangear o voto operario, surja, entonada e retumbante, na consagração da candidatura opposta á minha, o desengano mais radical ás esperanças das classes trabalhadoras numa legislação, que nos dê, quanto ás relações do trabalho com o capital, alguma cousa das notaveis conquistas a tal respeito já sancionadas entre os mais bem organizados paises do mundo.

Vêde como entre esse gentio da nossa politicalha se pratica a lisura, como esses discipulos de "Comte" vivem "ás claras", como nessa escola da austeridade se cultiva esta virtude. Com os suffragios do operariado não podia eu sonhar, porque ainda lhe não dera arras de correligionario nas idéas de renovação da sociedade; porque não jurára bandeira no socialismo; porque não comia praça de soldados nas suas legiões.

todos esses suffragios, porém, se devem concentrar no candidato da Convenção dos Sete, justamente porque essa candidatura nasce ao grito de intransigencia dos seus autores contra as pretensões do operariado á interferencia da lei nas relações d'elle com o capital.

Onde já se viu tranquierniar igual com a propria consciencia e a consciencia alheia? A orthodoxia rio-grandense não quer negocio commigo, porque eu sou rivisionista, e ella não transige com a revisão. Mas adopta o candidato da Convenção do Carnaval, cujo rivisionismo, tão declarado quanto o meu, não tem sequer, para socego dos anti-rivisionistas, a vantagem de estar rigorosamente definido e circumscripto, individudamente, a certos pontos. O puritanismo rio-grandense não tolera conversas com a indicação do meu nome, por ser de notoriedade que eu sympathiso com a regulamentação do artigo 6.º, nórma constitucional da intervenção nos Estados, e não admittir o governo do Rio Grande que ninguem lhe metta o bedelho em casa. Mas apadrinha o candidato da Convenção de Fevereiro, embora este, no seu discurso de 23 de Maio de 1893 á Camara dos Deputados, haja abertamente pregado a intervenção federal naquelle Estado. A immaculadidade rio-grandense arrenegada hypothese da presidencia Ruy Barbosa, em razão de haver este sujeito, um dia, arguido a Constituição Nacional. Mas essa mesma virgindade sem maculas antes, durante e depois do parto, essa mesma politica da conceição immaculada, essa Clotilde intemerata não hesita em assumir a iniciativa da candidatura Eptacio Pessoa, sem lhe importar que um dos factos mais insignes deste illustre republico seja a sua declaração tonitruante, nas philipicas da sua estréa contra o florianismo e o castilhismo, de que "o Rio Grande do Sul não tem Constituição".

Não tem Constituição o Rio Grande do Sul? Quem o brada é o candidato do Monroe; e, não obstante, é o Rio Grande do Sul quem lhe levanta a candidatura, recusando a minha, porque eu não acho constitucional a Constituição rio-grandense.

Maior é, dest'arte, o meu crime, dando por inconstitucional a Constituição do Rio Grande, que o do meu oppositor em sustentar que essa Constituição "nem sequer existe".

"Risum teneatis, amici?" Senhores meus, não arrebentaes de riso ao espectáculo desses santos, desses altares e desses levitas? Ou entraes tambem na pilheria, começando a sentir, como eu, pruridos reverenciaes para com essas orthodoxias, essas religiosidades, esses pontifices do cathecismo conservador?

Entra-se a contas

Mas, senhores, já que me constrangem a trazer a este auditorio a questão social, de cujo melindre intimamente escarnecem esses exploradores e zombadores de tudo, acceito o repto, e entremos a contas.

Venham com as suas os homens que, ha trinta annos, se assehu-rearam da Republica, e nella, vae por triinta annos, parasiteiam á tripa

fôrra. Que fizeram elles, nesses seis lustros, nesse terço de seculo, pela causa do trabalho nesta terra, elles os unicos em cujas mãos está, para tudo, a faca e o queijo, a faca rija no córte e o queijo inesgotavel no miolo?

Casas de operarios

O primeiro movimento, que, nesse terreno, vimos delinear-se, foi o da habitação do operário. Foi logo nos primeiros annos do regimen. Varias leis municipaes tentam estimular a bem da idéa o interesse privado. Em 1894 assigna esta Municipalidade, para a construcção de casas adequadas á condição do operariado, um contrato com o engenheiro civil Agostinho dos Reis, zeloso amigo dessa classe, a cujo desenvolvimento se tem consagrado com carinho. Mas bem prestes se reconhece a urgencia de novas medidas legislativas, sem as quaes estava condemnado o commettimento a mollograr-se. Nomea-se uma commissão, e o seu projecto, submettido, por mensagem do presidente ao Congresso Nacional em 1904, leva bons sete annos, para se converter na lei de 20 de Janeiro de 1911, a que o governo Hermes, em todo o curso do seu memorado quadriennio, não accedeu em dar regulamento, e que, ainda hoje, está por ser regulamentada.

O grande marechal não queria ver a solução do problema operar-se naturalmente no dominio da legalidade. O seu elemento era o arbitrio, e o caso estava pedindo um arbitrio digno da sua agigantada figura. Era um fogo de vistas, que devia custar cerca de quinze mil contos á nação. O pae dos operarios deu-se-lhes a ver na sua gloria de bichas chinezas, semeando vivendas baratas para as classes populares. Os treze ou quinze mil contos arderam fulgurosamente. Mas, quando acabaram de estourar, no fogo preso, os ultimos petardos, os operarios, engodados, até então, com as sedutoras promessas, pouco mais viram, da casaria esperada, que os castellinhos de vento nas rôscas da fumaça, o dinheiro publico em cinza e os vestigios de um famoso desastre, coroados por um suicidio.

Eis ahi, pois, senhores, como se acha attendido, entre nós, pela sciencia republiceira, pelo tino dos administradores indigenas, esse reclamo da humanidade, que, poucos annos ha, na «Sociedade Franceza de Habitações Baratas», o sr. Ribot, o economista, o financeiro, o homem de Estado, traduzia nestas palavras lapidares: «E' mister que a nossa sociedade mostre haver comprehendido o seu dever para com todos esses homens, que são, politicamente, nossos eguaes, mas que, hoje, socialmente, não o são, e padecem com o máo agasalho onde habitam. Não os devemos deixar na promiscuidade ignominiosa dessas pocilgas, com que se deshonram certos bairros das nossas cidades. Muito pedimos aos nossos concidadãos. Até o sacrificio da vida lhes podemos requerer, quando cumpra. Mas temos, a seu respeito, deveres, o primeiro dos quaes é não os deixarmos vegetar em condições indignas de uma sociedade estribada no respeito aos direitos e na fraternidade humana».



O estrangeiro, que, com expressões tão carregadas lá se indigna contra o atraso dessa aspiração civilisadora em terras como as de França, não poderia suspeitar, nem de longe, o que vai por esta metropole, engalanada, para deslumbramento dos forasteiros, com as maravilhas de uma natureza incomparavel: por esta metropole cortada e orlada, a capricho, de avenidas ideaes, de jardins encantados, mas abandonada, quanto ás necessidades mais graves da existencia dos inditosos, a extremos de miseria e dureza, que arrancariam lagrimas ás pedras.

Até agora o abrigo das classes proletarias é, habitualmente, a «casa de commodos», ou a triste arapuca de retalhos de zinco, latas de kerozene e caixas de sabão. Na «casa de commodos» se attestam creaturas humanas como saccoes em tulhas, numa promiscuidade inconcebivel, que lembra os quadros do trafico negreiro; os porões coalhados de homens, mulheres e creanças como de fardos mortos, numa tortura de mil torturas, que gela a imaginação transida e horripilada. Os covis de sarrafos e folhas de Flandres se agacham e penduram vacillando, á enoesta dos morros suspeitos, como canis de rafeiros maltratados, onde entes humanos se dão a si mesmos a illusão de estarem ao abrigo das intemperies, das sevandijas, dos bichos damninhos, que por toda a parte os varejam e infestam.

Para não cuidardes que vos esteja inventando quadros imaginarios, ouvi o depoimento do Dr. Alfredo Leal de Sá Pereira, em uma comunicação dada á luz no «Jornal do Commercio», aos 30 de janeiro de 1910:

«São habitações sem ar e sem luz, onde adultos e creanças vivem na mais sordida promiscuidade; onde os mais pudicos, quando obedecem ás leis de perpetuação da especie, abrigam-se por trás de uma cortina rôta: quasi transparente; onde á noite, num ambiente fechado, respira o triplo das pessoas que o mesmo poderia comportar; onde os generos alimenticios, pendentos das paredes, contribuem para perfumar o ambiente mal cheiroso; onde os fogareiros de carvão ou kerozene, ennegrecendo os muros, asphyxiam e enjoam; onde o tuberculoso, escarrando por toda a parte, mimosea os seus proximos com presentes gregos; onde as creanças immundas e enfezadas brincam em corredores sombrios; onde em bacias de folha, se lava a roupa dentro do proprio quarto e põe-se a secar ás janellas, quando as ha.»

Imaginareis, porventura, que, de então a esta parte, melhorassem, de qualquer modo, as cousas? Pois escutae o que, ainda em 3 do mez passado, estampava *A Noite*, debaixo do titulo «Matadores de gente»:

«Que dizer das paredes de taes quartos de improviso, que são limitados por divisões de madeira tosca, de panno, e, até de folhas de zinco! Que dizer da morada em porões e sotãos baixissimos, sem luz, nem ar! Que dizer do aproveitamento de vãos por baixo de escadas, despensas, áreas, copas e, até «gabinetes de latrina», para de tudo fazer dormitorios!»

Attendei ainda, meus amigos. E' o nosso popular vespertino que prosegue :

«No que toca a banheiros é simplesmente inacreditavel o que vimos, por exemplo, na estalagem cuja photographia publicamos, estalagem que tem «69 commodos, com 247 pessoas» e «um só banheiro». Mas, ha melhor : são as habitações sem banheiro, como uma estalagem de 15 casas, onde moram 49 pessoas, e outra de 39 casas, com 193 pessoas.»

Vêde mais, senhores, até onde vão esses incriveis requintes de horror.

E' a mesma folha quem testemunha :

«Foi encontrada uma casa, onde a agua de beber era retirada de um tubo que vinha recurvar-se por sobre o vaso da latrina, em cujo interior era preciso introduzir a vasilha, para apanhar a agua.»

O trabalho dos menores.

Outro projecto de alta inspiração moral assignalou es primeiros actos deste regimen, ainda sob o Governo Provisorio. Foi o decreto, que elle expediu, em 23 de janeiro de 1891, estabelecendo providencias para regularisar o trabalho dos menores, empregados nas fabricas da capital. Essa lei, onde se fixava, a respeito dos operarios menores, o minimo da idade, e se limitavam as horas de trabalho, explicava a deliberação do marechal Deodoro e seus ministros com o designio, exarado no seu introito, de «impedir que, em prejuizo proprio e da prosperidade futura da patria, sejam sacrificadas milhares de creanças».

Pois bem, senhores : esse acto legislativo não se regulamentou até hoje. Quer dizer que se deixou de todo em todo sem execução, como se nunca houvera axistido. Dest'arte, pois, durante não menos de trinta annos, um após outro, se continuaram a immolar os milhares de creanças, cujas vidas o grande coração do marechal Deodoro e o patriotismo do heroico soldado brasileiro queriam salvar. Terrivel hecatombe annua de innocentes, cuja responsabilidade se averba toda ao debito da nossa politicalha, da sua crua indiferença, da sua gélida insensibilidade.

Horas de trabalho.

Vinte e dous annos depois surgia o projecto n. 4 A. de 1912, o primeiro que entre nós se occupou em limitar as horas de trabalho, e providenciar sobre os operarios inutilisados no serviço. Mas essa tentativa, depois de invernar cinco annos nas pastas da Camara dos Deputados, desapareceu, afinal, em 1917, num substitutivo, mais tarde abandonado.

Eis a historia legislativa do movimento de reforma social até o anno passado, até a lei sobre os accidentes do trabalho, em que daqui a pouco me deterei alguns instantes.

A sorte do operario

Nada se construiu. Nada se adeantou, nada se fez. A sorte do operario continua indefesa, desde que a lei, no presupposto de uma egualdade imaginaria entre elle e o patrão e de uma liberdade não menos imaginaria nas relações contractuaes, não estabeleceu, para este caso de «minoridade social», as providencias tutelares que uma tal condição exige.

As fabricas devoram a vida humana desde os sete annos de idade. Sobre as mulheres pesam, de ordinario, trabalhos tão arduos, quanto os dos homens, não percebem seuão salarios reduzidos e, muitas vezes, de escassez minima. Equiparam-se aos adultos, para o trabalho, os menores de quatorze e doze annos. Mas, quando se trata de salario, cessa a equiparação. Em emergencias de necessidade todo esse pessoal corre aos serões. O horario, geralmente, nivela sexos e edades, entre os extremos habituaes de nove a dez horas quotidianas de canseira.

Hygiene

Quanto ás condições de hygiene, em que essa população, avergada á carga da vida, se entrega á faina diaria, não posso avaliar se tem melhorado consideravelmente do que era ha annos, quando um dos nossos medicos de hygiene, o Dr. Ferrari, o descrevia perante a Academia de Medicina, em um discurso que saiu a publico no «Correio da Mauhá» com o titulo «A regulamentação do Trabalho nas Fabricas».

O Dr. Domingos Marques de Oliveira, numa conferencia de que aquelle seu collega transcreve trechos notaveis, e que o orador pronunciára na propria fabrica do Bangu', declarava que todos os tísicos, de que havia tratado naquella localidade, onde elle clinicava, havia seis annos, eram tecelões, e attribuia a dilatação desse mal, em grande parte, á «lançadeira de chupar», singular utensilio usado nos teares (não sei si ainda agora), e de que o operario se serve com a boca, sugando. Esse instrumento perigoso, a esse tempo já condemnado na Europa, obrigava os tecedores e tecedeiras a esforços persistentes de aspiração, havendo operarios que deviam exercer a sucção cada um em trezentas lançadeiras; e, passando, successivamente, de boca em boca, transmitia, pela comunicação bucal, o contagio da tuberculose, de que era, segundo testemunho desses dous facultativos, «o mais poderoso auxiliar» e «o maior propagador».

Esses autorisadissimos depoimentos caracterizam ainda com os traços mais desagradaveis a desordem sanitaria daquellas casas: ar viciado, pela ausencia de apparatus que o renovem; má ventilação; agua de ruim qualidade, sem reservatorios onde se dê a beber; frequentes lesões da visão, causadas pela insufficiencia da luz e pela insistencia de lidar com os mesmos matizes na tecedura; descaridade com as creanças, sobrecarregadas, muitas vezes, de labores excedentes da sua capacidade e nem ao menos cultivadas com o indispensavel ensino profissional.

As mães operarias

Só entre as tribus selvagens, onde a parturiente deixa o varão da rede com o recém-nascido; enquanto vae ao rio e ao campo labutar nos deveres caseiros, só ahi o mysterio da gestação humana e as suas exigencias naturaes não encontram, na crise da sua solução tão contingente; a reverencia do homem; a sua solícitude, o redobrar dos seus cuidados.

Em toda a parte se cercam de atencões meticulosas a gravidez e o parto. Entre os povos civilizados a mulher que está para dar e a que acaba de dar á luz são sagradas aos olhos do homem. Este sentimento nobre, porém, ainda não calou bastante nos costumes da nossa industria. O caso já não é domestico. Já o não podemos disfarçar entre as nossas vergonhas de familia; porque uma grande voz estranha, uma dessas vozes que ecóam no mundo, denunciou nas reminiscencias da sua visita ao Brasil.

«Clémenceau», entre «outros factos, que muito o contristaram», entre nós, diz elle, singularisa o de «ver mulheres em adeantado estado de gravidez trabalhando horas inteiras de pé». «Não se ha mistér de ser medico», acrescenta o grande francez, «para se sentir o soffrimento dessas operarias».

Ainda bem, senhores, que a consciencia dos nossos industriaes já se vae elevando bastantemente; e é do seio delles que, com uma das maiores autoridades, se ouvia, ha pouco mais do um anno, em 10 de setembro de 1917, pelas columnas do «Jornal do Commercio», a confissão do sentimento, já existente entre os nossos mais adeantados industriaes, de ser necessario conceder á gravidação e ao parto, dous mezes successivos de folga no trabalho. O industrial que assigna esta declaração, é o Sr. Jorge Street. Eu vos convido, operarios, a applaudirdes este nome.

A tuberculose em officinas do Estado

Não se calcula, senhores, a somma de vidas humanas, immoladas ou salvas, que representa a observancia ou inobservancia desses mandamentos elementares da humanidade no regimen das edades e dos sexos, entre as classes dadas ao trabalho mecanico. Um caso, por exemplo. Ha dous annos, quasi dia por dia (26 de março de 1917), se dava ao prêlo nas folhas de A NOITE, uma communicação, bem relembrel, do Dr. Moncorvo Filho sobre a inspecção hygienica dos menores nas casas de ensino ou trabalho colectivo. Ahi, deplorando o mallogro das providencias do general Serzedello Corrêa neste sentido, recontava o illustre pediatra a historia da tuberculose nas officinas publicas da Casa da Moeda. A tísica abrangia ali setenta por cento dos obreiros menores. Isto é: mais de dous terços dos meninos e adolescentes, reunidos naquelle serviço, estavam tuberculizados.

Mais: nesse estabelecimento, onde, aliás, segundo essa abalisada testemunha, «as condições hygienicas nada deixavam a desejar», mor-

riam, cada mez, um ou dous operarios dessa terrivel doenca. Veiu, porém, uma administração bem inspirada, a do Sr. Honório Hermeto, que se afervorou na vigilancia e diligencia a respeito dessa necessidade mal attendida, pondo em effeito as nossas medidas sanitarias, aconselhadas pelo caridoso hygienista; e, executadas estas com rigor, nunca mais occorreu ali um obito de tuberculose, nunca mais, naquelle ramo do nosso operariado, cuja situação era tão dolorosa, nunca mais se deu por um caso de tuberculose.

Tudo por fazer

Eis, senhores, no escorço que este logar me permittia, uma idéa suc'cinta da extensão do territorio immenso por lavar na vastidão extensissima e complexissima dos assumptos que entendem com a sorte do operariado, que, sendo a sorte do nosso trabalho, é a sorte, assim da nossa industria, como da nossa agricultura, e, portanto, a sorte do paiz. Feito não ha nada. Tudo por fazer.

Accidentes do trabalho

Apenas agora vemos surdir a lei de 15 de janeiro deste anno, cujo regulamento, por um milagre de celeridade a que não estamos acostumados, se deu á estampa um destes ultimos dias. Essa lei, com o seu accessorio executivo, «regula as obrigações resultantes dos accidentes do trabalho». E' o que a sua rubrica official nos promette. Estará de accôrdo com o promettimento da taboleta a mercadoria exposta?

Primeiramente, o regulamento não extraiu da lei tudo o que podia extrair. Como a lei, no seu artigo 3.º, circumscreveu aos caso do emprego de «motores inanimados» os estabelecimentos industriaes e trabalhos agricolas, cujos operarios têm direito á restituição do damno que soffrerem, a explanação regulamentar excluiu os operarios das pedreiras e os mineiros. Já o sr. Costa Pinto, secretario do Centro Industrial, demonstrou que a regulamentação está errada. Estas duas lacunas, que elle, com razão de sobra, censurou de «gravissimas», não podem correr por conta do legislador, em cujo texto cabem, sem nenhum esforço de accommodação, tanto os mineiros como os cavouqueiros.

Assim os que moirejam em canteiras, como os que labutam em minas, que os especializados nos mistéres de perfuração e conservação dos poços e galerias, quer os dados á extracção dos mineraes, todos lidam com o auxilio de «motores inanimados». Taes são as tramvias, os explosivos, as bombas, os ventiladores, os ascensores e outros mecanismos imprescindiveis ao desenvolvimento da humana actividade, seja no minerar, seja no excavar das pedreiras.

Tão malaventurados somos nós que, ainda quando uma elucubração official de tão bons intuitos como esta, e tão bem encaminhada na selecção dos seus collaboradores, se desvia da trilha usual das incompetencias e negligencias, nem por isso a obra deixa de vir, já do nascedouro, torta, ou mutilada.

Mas não é só o desdobramento regulamentar que se acha incompleto e omissivo. A lei mesma, sobre estar incurso em omissões capitais, não corresponde ao que anuncia, não se desempenha do que promete: aos próprios operários contemplados no âmbito das suas disposições não assegura a reparação dos accidentes do trabalho.

A exclusão do trabalho agrícola

A omissão de que me queixo, senhores, brada aos céus. A lei não considerou sinão trabalho industrial. Como explicar singularidade tão extravagante, qual a de, num paiz essencialmente agrícola e criador, se esquecerem do trabalho da criação e do da lavoura, os dous unicos ramos de trabalho naturalmente nacionaes, os dous sós em absoluto nacionaes, os dous onde assenta a nossa riqueza toda, a nossa existencia mesma e sem os quaes a nossa propria industria não poderia subsistir?

Nenhum genero de labor demanda, entre nós, tão séria attenção dos poderes do Estado, como esse dos campos. Ha, na sua vastidão immensuravel, verdadeiros desertos moraes, de todo invios, selvas de terror e crueza quasi impenetraveis e, até hoje, absolutamente virgens da luz da civilisação.

Nos recessos desses sertões, não só nas paragens mais reconditas, mas ainda muito aquem, ahi por onde já passam, de longe a longe, rastros de curiosidade, ou abre inesperadas clareiras o acaso de excursões perdidas, o trabalho vive a morrer, muitas vezes num regimen analogo ao do captiveiro. O peão, o vaqueiro, o lenhador, o obreiro agrícola, o colono, são, ás vezes, instrumentos servis de um patronato cruel e irresponsavel.

Tambem entre nós muita cousa existe, por ahi além, dessa personagem mexicana que celebrou a Yucatan, a terra das agáreas, onde o mecanismo de credito e debito entre senhores territoriaes e os servos agricolas eternisa a escravidão branca, num regimen que aboliu o seu nome, para não ser inquietado na sua perpetuidade. Aqui tambem as contas dos operários ruraes nos armazens de venda, mantidos nas estancias e fazendas, espremem os trabalhadores do campo na entrosagem de uma dependencia, que, si não é nem o captiveiro, nem a servidão da globa, tem, pelo menos, desta e daquelle as mais dolorosa characteristics moraes, as mais sensiveis derogações da condição humana.

Esquecendo-se do trabalho rural, a lei recém-regulamentada apresenta em verdadeiro «sacco de carvão», toda uma região abandonada e escura no estrellado horizonte das suas esperanças. Os accidentes do trabalho não succedem menos amiude no agrícola do que no industrial. São, pelo contrario, talvez, ainda mais amiudados na lavoura do que na industria.

Considerae no desbravamento das florestas, nessas derrubadas, em que o derrubador maneja muita vez no seu machado a propria morte, em que a arvore tantas vezes esmaga o matteiro. Lembrae-vos da inortandade pelo veneno das cobras, a surpresa do reptil ao calcanhar

nú, as mãos indefesas, ao collo descoberto. Pense na malária, reinante nessas paragens incultas, alagadas, paludosas onde o desbravador, o roçador, o lavrador se vão arrostar com os pantanos, os brejaes, as lamas da terra decomposta. E vêde si podeis esinar lá convosco tudo o que de accidentes do trabalho se deixa sem resguardo, sem compensação, sem allivio de qualidade alguma, porque o legislador, enleado no goso das cidades, absorto na vida urbana, deslembrando-se de que o Brasil é principalmente o campo, o sertão, a fazenda, a pradaria, a matta, a serra, o gado, o plantio, a colheita, o amanho dos productos agricolas excluiu dos beneficios da lei sobre accidentes do trabalho o operario rural.

O seguro do operario

Mas já vos disse que não é tudo. Nem isso é o peor. O peor está em que, embalando o operariado industrial na esperanza de lhe haver grangeado a indemnisação dos accidentes do seu trabalho, a festejada lei não lhe dá, na maioria dos casos, sinão a sombra dessa garantia.

O projecto Prudente de Moraes impunha aos patrões segurarem os operarios em companhias de idoneidade averiguada. A lei, que o rejeitou, e substituiu, em tal não toca. O regulamento, que mais não podia fazer, mal se occupá do seguro facultativo. Ora, para o seguro facultativo, não se precisava de auxilio da legislação: era inateria de contracto; e, demais, admittir o segurò permissivamente vinha a dar no mesmo que deixar o seguro em letra morta. O operario não tem meios de constranger, nos seus ajustes, o patrão á clausula do seguro. Como nos mais dos outros capitulos, em que o interesse do trabalho apparenta collidir com o interesse do capital, a duvida, aqui, só se resolve, seriamente, com a substituição do principal contractual pela tutela legislativa.

Refugado o projecto do eminente deputado paulista, com elle se rejeitaram as duas condições essenciaes á realidade cabal da indemnisação dos accidentes do trabalho: o seguro ou o deposito, no Thesouro Nacional, pelo estabelecimento, industrial, ou companhia de uma somma calculada na razão do numero dos seus trabalhadores.

A garantia dos bens da sociedade ou empresa, a cujo serviço estiver a victima do accidente, não lhe affiança, no maior numero de casos, o embolso da indemnisação. Além das fabricas, vastas categorias ha de grandes industrias (e estas vêm a ser, talvez, as que mais larga superficie abarcam, no campo industrial) nas quaes os bens das associações ou firmas, de cujo pessoal for membro o operario, não lhe asseguram a satisfação do damno, a que houver sido condemnado o responsavel

Entre essas categorias, indicarei as construcções civis e as estradas de ferro. O direito de preferencia excepcional, outorgado pela lei ao operario, sobre a produção da fabrica, onde occurreu o accidente, nas hypotheses das obras dessa natureza ao obreiro prejudicado.

As construcções civis, habitualmente, se fazem por conta de terceiro.





Tragedia gaúcha

QUADRO DE ZIMMERMANN



Mal ferido

DESENHO DE ZIMMERMANN

leira. A questão social não é uma daquellas, com que se brinque impunemente. Não ha nenhuma, em que se haja de entrar mais a pleno, com toda a alma, com todo o coração, com toda a lealdade. A abolição revestia gravidade mais imponente; porque a eliminação da humanidade, que o captivo envolvia, era visivel, e commovia as entranhas mais duras. A reorganisação do trabalho não assume essa grandiosidade religiosa, nem se distingue por essa luminosa simplicidade. Mas é de uma grandeza profunda, mysteriosa, insinuativa, a que todas as energias do pensamento se vêm attrahidos, e debaixo de cuja expressão complicada se sente palpitar robustamente a justiça.

Até onde, até onde ella se nos revele, e se nos imponha, ainda ninguem o sabe. Nem é nas curtas raías de um colloquio destes que me cumpriria delinear-o, ou avental-o.

Pontos culminantes

Apenas tocarei por maior (deixando o que por menor aqui não cabe) os pontos onde me parecem culminar, já maduras, ou maturescentes, as oportunidades justas desta causa.

Tocarei, apenas, digo, e não cathedricamente, como quem estabelece dogma, dá lições, ou resolve theoremas, senão sim, como quem, de boa fé, abre o seio ao desejo de acertar, e, apontando o que acredita racional, conveniente, necessario, tem, ao mesmo tempo, o sentimento dos riscos do terreno, onde pisa. «Incerdimus per ignes». Caminhamos por sobre lavas.

Ainda o seguro

Assim, senhores, a minha primeira convicção, já vol-o disse, é que a lei de indemnisações dos accidentes do trabalho deixou no ventre materno o seu organo vital, e veiu a lume já morta de nascença, desde que, não admittindo nem o seguro, nem o deposito, nega ao direito reconhecido a garantia certa da sua execução.

A primeira das nossas reivindicações, pois, que se não poderia deferir, estará no seguro obrigatorio a todas as industrias como condição imprescindivel á seriedade pratica da indemnisação promettida. Sem a obrigação do seguro ou caução não ha, verdadeiramente, reparação assegurada aos accidentes do trabalho.

Trabalho e sexos

A segunda exigencia da justiça, immediata a essa, ó a igualdade dos sexos perante o trabalho. A desigualdade entre os dois sexos era, sobretudo, um dogma politico. Mas da politica já elle desapareceu, com a revolução que introduziu, de uma vez no eleitorado britannico seis milhões de eleitoras, que, nos demais paizes onde a civilisação põe a sua vanguarda, tem elevado a mulher aos cargos administrativos, ás

funções diplomaticas, ás cadeiras parlamentares e, até, aos ministerios, como em alguns Estados da União Americana, ha muito, já se costuma.

Nem supponhaes que seja de agora esta minha maneira do ver. Não bato, senhores, moeda falsa; não tenho opiniões de occasião. As tendencias da minha natureza, o amor de minha mãe, a companhia de minha esposa, a admiração da mulher na sua influencia sobre o destino de todos os que a comprehendem, bem cedo me conveuceram de que as theorias do nosso sexo acerca do outro estão no mesmo caso da historia, narrada pelo fabulista, do leão pintado pelo homem. A mulher pintada pelo homem é a mulher desfigurada pela nossa ingratidão.

Quando cabeças como a de Stuart Mill assim pensam, não se ha do envergonhar um cerebro ordinario como o meu de pensar talqualmente; e, se estas não fossem, ha muito, as minhas idéas, não teria sido eu quem assumiu, no silencio das nossas leis, a iniciativa de aconselhar ao illustre sr. Nilo Peçanha, quando ministro das Relações Exteriores, a innovação do admittir uma senhora brasileira a concurso para um dos cargos da sua secretaria.

No tocante, porém, ao elemento femiuno do operariado, a desigualdade é de uma insubsistencia ainda mais palmar. A guerra actual evidenciou que a operaria rivalisa o operario nas industrias, como as de productos bellicos, e nos serviços, como os de conducção de vehiculos, em que os privilegios da masculinidade se haviam por mais inquestionaveis.

Mas, como quer que seja, toda a vez que a industria emprega, indistinctamente, parelhamente, identicamente, nos mesmos trabalhos o homem e a mulher, sujeitando os dois á mesma tarefa, ao mesmo horario, ao mesmo regimen, não ha por onde cohonestar a crassa absurdeza de, no tocante ao salario, se collocar a mulher abaixo do homem. Nada tem que ver o sexo. A igual trabalho salario igual.

Trabalho e edades

Onde se impõe a differença, é quanto ás edades, para se excluirem do trabalho, industrial ou agricola, as que o não comportam, este obstar á exploração dos operarios menores por meio de retribuições mesquinhamento leoninas. A lei deve taxar o minimo á idade operaria, assim como ao salario dos menores, o o maximo ás suas horas de serviço. Nisto ponho o terceiro artigo das aspirações da justiça.

Duração do trabalho

O quarto diz respeito á limitação das horas do trabalho. Sete annos ha que um projecto, submittido á Camara dos Deputados, alvitrava como regra legal o dia de oito horas. Noutro projecto, que, ha tres mezes, apresentava ao Senado, o senador Frontin, era esse o limite maximo do serviço admissivel entre os operarios da União. Releva que o

Ora, é ao empreiteiro que o operario serve. Sobre, o empreiteiro, pois, é que recáe a responsabilidade. O trabalhador lesado, logo não tem deante de si nenhuma garantia real. O credito pessoal do constructor é, dest'arte, o seu unico elemento de segurança. Nas construcções de estradas occorre, quasi sempre, a mesma situação. São empreitadas, que se executam, ordinariamente, por conta da administração publica ou de associações, reduzindo-se os seus contractos com os empreiteiros á obrigação de lhes retribuirem a obra construida e entregue.

Mas, ainda quando se trate de estabelecimentos industriaes, muitos haverá que nem com o seu material, nem com a sua produção, offereçam aos trabalhadores ou suas familias, a garantia de haverem a indemnisação obtida por sentença. Demos, por exemplo, uma fabrica de explosivos, ou um estabelecimento destinado ás manipulações que se exercem sobre materias inflammaveis. Uma officina dessas pôde voar, de um momento para outro, numa explosão, ou arder até aos seus ultimos restos em um desses incendios, cuja violencia e rapidez são irresistiveis. Um incendio ou explosão destas importam na extincção das sociedades, ou na ruina total do patrimonio dos capitalistas, a quem pertenciam os bens destruidos, se os seus donos os não houverem acautelado com o seguro; e sendo assim, qual a materia executavel, sobre que iria cair a execução do operario vencedor na acção judicial?

Em todos esses casos, portanto, operarios brasileiros, estarieis inteiramente logrados. Além do que, senhores, ainda nos casos em que a indemnisação estiver perfeitamente asegurada pela existencia de haveres, sobre os quaes possa recahir a acção do exequente, por mais sumnario que seja o processo, nunca a liquidação do credito das victimas do accidente se consummará com tanta presteza, como, no caso do seguro operario, o seu reembolso ao segurado.

Seguro, ou caução, pois, senhores. Não ha outro alvitre, para dar realidade á indemnisação dos accidentes do trabalho, para que esse beneficio não seja a partilha de uns e o desespero de outros.

Parcialidade legislativa

Evidentemente, senhores, se na elaboração desta lei se houvesse guardado a devida imparcialidade; se o legislador tivesse dado ouvidos á justiça de uma e outra parte; se o Congresso Nacional encarasse com os mesmos bons olhos os legitimos interesses dos patrões e os interesses legitimos dos trabalhadores — a recente lei, construida como obra de boa fé e reconciliação sincera entre as duas classes, poderia durar, debaixo das benções de todos, com a magestade séria de um monumento do tino politico dos nossos homens.

Não o quizeram assim, e isso tanto menos desculpavelmente, quanto não faltou, na representação nacional, quem accendesse, não o archote de luz avermelhada e fuliginosa, com que se ateiam as paixões, mas o pharol da lealdade e da clareza, com que se alunhia o caminho da razão.

quem se fazia com terra de desmontar, á primeira lançada, o adversario, outra coisa não fez senão me dar razão de todo na minha these essencial, na unica de que eu podia fazer conta: na these de que scrá mister rever a nossa Constituição para habilitar o poder legislativo a tomar as medidas que a questão social lhe reclama.

A orthodoxia riograndense

Nem de outro modo pensaram jamais os orthodoxos riograndenses. Assim se pronunciaram elles, rejeitando o projecto Figueiredo Rocha, projecto que limitava as horas do trabalho. A maioria da commissão, sendo partes nella os srs. Carlos Maximiliano e Gumercindo Ribas, condemnou o projecto como contrario á Constituição, já por violar a liberdade industrial, que ella consagra no art. 72, n. 24, já por invadir o poder de policia, reservado, segundo a jurisprudencia americana, como pela nossa, aos governos dos Estados.

Em ambos estes pontos, estou de accôrdo com a orthodoxia riograndense. Não alterada a Constituição, não poderia o Congresso Nacional legislar as mais importantes das medidas sociais, que ha pouco discuti. No em que estamos em rixa aberta é em não quererem elles, e advogar eu a revisão constitucional, para chegarmos a essas medidas, Elles estimam o obstaculo constitucional para não as dar. Eu, para as dar, pretendo remover o obstaculo constitucional.

A jurisprudencia americana

As decisões americanas, que têm annullado por inconstitucionalidade leis estaduacs e federacs desta natureza, todas se estribam na liberdade constitucional de contratar e no direito de propriedade. «O direito de contratar», resam ellas, «é, não só um direito de liberdade, mas um direito de propriedade». E, como esses direitos se acham protegidos, assim pelas constituições estaduaes como pela constituição federal, as leis restrictivas do trabalho, estando em conflicto com esses direitos, em conflicto hão de estar com essas constituições. Por isto, annulladas têm sido alli muitas vezes.

Tal foi a sorte: em 1895, da lei que restringia as horas de trabalho das mulheres, no Illinois; em 1884, da lei que cerceava o trabalho em domicilio, no Estado de Nova York, neste mesmo Estado, tambem, da lei, que vedava o trabalho nocturno das mulheres, da lei, que, no Colorado, estabeleceu o dia de oito horas para o trabalho nas minas e fundições; da lei, que, ainda em Nova York, limitou as horas de trabalho nas padarias, da lei que, na California, em 1895, prohibiu o trabalho dos barbeiros aos domingos, das leis que os mesmos dispunham no Missouri, no Illinois e em Washington; da lei que, no Illinois, adcrevia os proprietarios de minas a ter banheiros, no topo das suas galerias, para os mineiros; da lei federal, o «Employer's Liability Act», que, em 1906, organisou, consoante os principios modernos, a responsa-

princípio se estenda ao operariado em geral, como se queria no projecto de 1912. A limitação das horas de trabalho interessa ás condições physiologicas de conservação de classes inteiras, cuja hygiene, robustez e vida entendem com a preservação geral da collectividade, com a defesa nacional, com a existencia da nacionalidade brasileira. Não será licito, pois, que o deixemos ao dominio da contratualidade, que redundaria na preponderancia incontrastavel da parte mais forte sobre a mais desvalida.

O trabalho nocturno

Em quinto lugar, se nos depara a urgencia de remediar aos abusos do trabalho nocturno, com providencias que o vedem, ou o reduzam aos casos de necessidade inevitavel, mas sempre debaixo de uma regulamentação restrictiva e de uma inspecção real.

Trabalho em domicilio

Segue-se, em sexto lugar, a precisão de se attender com sérias medidas a uma das chagas doridas e clamantes da vida industrial: o trabalho em domicilio, o trabalho em casa. Sequestrado á communhão dos seus companheiros, as vantagens da solidariedade que mediante aquella se estabelece, o operario insulado entre as suas quatro paredes é um triste explorado, cuja remuneração baixa a mesquinhas lastimaveis, e que defilha, na condição do mais triste serviçal, condemnado á monotonia eterna da tarefa, miseravelmente paga.

O trabalho em domicilio constitue para o operario a elle condemnado sem recurso, uma especie de prisão cellular, onde se lhe mirra a saude, a intelligencia, a capacidade profissional, e a vida se lhe amofina sem esperanza, num carcere silencioso, de portas abertas para uma illusoria liberdade. As precauções indicadas ou adoptadas contra este mal chegam até á prohibição absoluta desse regimen de trabalho. A esta solução me parece que devemos tender. Eganosa creio que seria qualquer outra.

Gravidez e parto

Outra materia temos ainda, em que se não poderá confiar com segurança a decisão ao arbitrio dos interessados: é a da protecção da operaria no mez antecedente e no mez subsequente ao parto. Aquí se nos antolha uma dessas conveniencias, se não necessidades em que a collectividade social ha de intervir, porque interessam, tanto quanto aos directamente interessados, á sociedade toda.

Dentre centenas de milhares de almas que compõem o operariado, crescendo, constantemente, sobe a dezenas de milhares o numero das mulheres; e bem se póde calcular o desenvolvimento, com que no seu seio se multiplica a maternidade. Consideradas em relação a sommas tão altas quanto a das criaturas que a ella chegam, numa classe tão



vasta, as exigencias dessa época de crise na evolução da criatura humana envolvem o destino da raça, cuja sorte está, primeiro que tudo, no regaço das mães. Abrigal-as das demasias do trabalho, eximil-as mesmo inteiramente a elle no termo da gravidação e no periodo post-puerperal, será, da parte do Estado, acautelar-se contra o decaimento da especie, prevenir a degeneração do typo nacional, manter as qualidades saudaveis do povo.

Armazens de venda aos operarios

Considerado, assim, o setimo ponto, assentemos o oitavo, dos que se me afiguram predominantés no rôl pratico dos artigos de ingerencia da lei nas relações do trabalho com o capital. Alludo aos armazens de venda, estabelecidos com a côr de beneficio aos trabalhadores, mas que, na realidade, não são mais do que apparatus de cseravisação delles aos capitaes, á cuja industria servem. As relações de credor a devedor e devedor a credor, travadas por esse meio entre operarios e patrões, acabam numa sujeição que nunca mais se resolve, num systema de usura perpetua e lenta, numa espoliação irremissivel, em que se vão todas as economias do trabalho e, com ellas, toda a dignidade, toda a energia, toda a seiva moral dos trabalhadores.

Seria, provavelmente, enexequivel o intento de arrancar pela raiz, em torrão como o nosso, esse praguado absolutamente damninho. E' mal como a da tiririca, ou o da saúva, contra os quaes se baldam o ferro ou o fogo e nem por isso o ferro ou o fogo deseansam. Mas, nas cidades, pelo menos, não será impossivel que uma combinação de medidas legaes bem estudadas nos acerque da sua extineção total.

Basta, senhores. Não me seria dado ir'além. Quiz dar-vos apenas algumas impressões do rumo que a minha influencia, provavelmente, seguiria, se eu, nesta materia, tivesse ou viesse a ter responsabilidades.

Reforma social e revisão constitucional

Mas aqui esbarramos no obstaeulo, que avengei, quando conversava com a redacção do «Correio do Povo»: no embaraço que a muitas dessas medidas oppõe o nosso direito constitueional, e na urgencia, portanto, com que se impõe a revisão constitueional, para ehgarmos a essas medidas.

Mal me pronuneiára eu desta maneira, quando, boeca que tal diseste, logo me saliiu a desafio um cavalleiro andante dos pampas, dizendo-me de cambulhada coisas, que estão a marrar umas com as outras. Porque o illustre paladino da intangibilidade constitucional ora me brada ser «um erro suppôr-se que a nossa constituição seja incompativel com as medidas reclamadas pela questão social no Brasil», ora, logo de enfusiada, no periodo subsequente, atira á minha ignorancia alvar com a novidade sapicntissima de que «os contratos entre patrões e operarios

nas ilhargas e costellas, os revisionistas. As nossas pisaduras accusam contundencias desabridas. São calcanhares, e não cascos, o que nós sentimos nas maçaduras.

Deus para si, diabo para os outros

Mas, senhores, (insisto na pergunta) quem bate assim tão féro na revisão constitucional? Serão devotos, que tenham a constituição em redoma, ou sacrario, com cirios bentos aos lados? Nada! São incréus da mais refinada marca, para os quaes a Constituição é uma especie de vasilha commum ao apparatus das ceremonias e ao recato das intimidades, — vasilha tolerante de tudo, aonde tudo se embute, onde tudo se mette, e donde tudo se tira. Porque mexermos na Constituição, se da Constituição, como de um chapéo magico de prestigiador, podemos extrahir o que quizermos, ovos, fitas, omeletas, relogios, pombas, ou serpentes?

Ha neste paiz um Estado, onde o sr. Eptacio Pessoa declarou á terra e céus que “não existe Constituição”, porque a Constituição, de facto, alli existente, nega a Constituição Federal, e a Constituição Federal nega a Constituição alli existente. Basta dizer absolutamente que, nesse parto radical do contismo, o chefe do Estado absorve quasi todo o poder legislativo, e deste resta apenas um residuo atrophiado, inutil, uma especie de appendice verminiforme, na existencia de uma assembléa, a quem incumbe sómente amanhar e engolir as propostas orçamentarias do chefe do Estado.

Evidentemente, pois, esta constituição está de todo em todo fóra da Constituição Federal, e de todo o ponto em rixa aberta com ella. Pois bem, senhores: é justamente nesse Estado que se não admite a menor mudança na Constituição Federal. São os autores da Constituição daquelle Estado os mais fanaticos antagonistas da revisão constitucional. A revisão constitucional, fizeram-n'a elles, dest'arte, para o seu uso, para a sua facção, para governo do seu Estado. Ali não querem saber da Constituição Federal, senão até onde lhe sirva ella de barreira protectora ao seu monstro positivista contra a intervenção republicana. Fóra dali, porém, ninguem bula na Constituição da União. Toda a castilhada lhe está de guarda. Deus para si, diabo para os outros.

A revisão constitucional é um privilegio, para exercer o qual não pediram elles licença de ninguem; e, depois, como é privilegio delles sós, não dão a mais ninguem licença de tocar em revisão constitucional.

Eis, senhores, eis como o anti-revisionismo retalha e desfraternisa a nação, que o revisionismo tende a confraternisar e unir.

O capital e o trabalho.

Semelhantemente, meus amigos, as reformas sociaes, que vos aconselho, não são as que se embebem no espirito da luta entre as varias camadas sociaes. Nomes ha, que actuaem como espantalhos. O de capitalismo é um des-

ses. Não acrediteis que todos os males do systema economico predominante no mundo venham de que os meios de producção estejam com os detentores de capitaes. Os operarios não melhorariam, se, em vez de obedecer aos capitalistas, obedecessem aos funcionarios do Estado socializado.

Não se pôde negar, hoje, o estado de guerra economica inevitavel entre as nações. Dado elle, não havendo nação capaz do se bastar a si mesma, a sorte dos operarios está ligada á da industria, que os utiliza; os trabalhadores, em cada industria, são solidarios com os patrões, e, em cada paiz, os patrões formam, com os operarios, um aggregado natural, inteiriço, coheso, indissolúvel.

A collaboração mutua das classes vem a ser portanto, uma necessidade invencível. Não é maior o antagonismo do capital com o trabalho que o das nações umas com as outras; e, se entedemos que o bem da humanidade exige a reducção do antagonismo entre as nações, não atino porque será que não devamos trabalhar, igualmente, com toda a nossa consciencia, pela nossa attenuação do antagonismo entre o trabalho e o capital.

O progresso industrial e commercial depende, essencialmente, do capital. "Onde não existe a grande industria, não existe a grande organização, a grande fabrica, o grande syndicato."

Assim, o que mais releva, senhores, é que patrões e trabalhadores se aproximem uns dos outros; é que, congraçando-se entre si, tornem cada vez menos necessaria a interferencia legislativa nas relações entre as duas classes; é que o arbitramento se converta em meio de resolver automaticamente as suas desavenças; é que ensaiemos a associação do capital com o trabalho, tão desenvolvida, vae por um quarto de seculo, na Gran-Bretanha, onde, ha seis annos, já o praticavam cento e quarenta casas inglezas, nas quaes os operarios, em numero de cento e seis mil, eram accionistas, com os patrões, explorando, com estes, um capital de trezentos e trinta milhões de libras.

Não ha nada mais desejavel do que a cooperação entre as classes, que empregam, e as que se empregam. Os patrões não se devem esquecer de que o seu interesse prende, trava, entroza com o interesse social, nem perder jámais de vista que não se pôde tratar o trabalho como coisa inanimada.

Os mais altos interesses da industria são de tanta consideração para os trabalhadores quanto para os patrões. Trabalho e capital não são entidades extranhas uma á outra, quo lucrem, do qualquer modo, em se hostilizar mutuamente. Assim como do trabalho depende o capital, assim, e na mesma proporção, do capital dependo o trabalho. São as ametades que, reciprocamente se inteiram, de um organismo, cujos dois elementos viventes não se podem separar sem se destruir. Operarios, quem vos disser o contrario, poderá lisonjear-vos, mas não vos quer, nem vos fala verdade.

bilidade do capital nos accidentes do trabalho, da lei, tambem da União, que, pouco depois, instituiu o arbitramento obrigatorio nas contendas entre operarios e patrões.

Em summa, senhores, segundo a Repartição do Trabalho, no seu boletim de Novembro de 1910, haviam sido averbadas, pelos tribunaes norte-americanos, de inconstitucionalidade, e, em consequencia, declaradas nullas não menos de «cento e cincoenta» leis e regulamentos (cento e cincoenta, senhores!) por intervirem nos contratos de trabalho, no regimen dos operarios, na situação das mulheres e crianças, na importancia e pagamento dos salarios, nas horas de trabalho, e protegerem com outras medidas, assim os trabalhadores, como suas associações.

No Estado de Utah, admittido á União em 1896, o seu supremo tribunal, sustentado, em recurso, pela Suprema Côrte dos Estados Unidos, manteve, em 1898, uma lei estadual, que reduzia a oito as horas de trabalho para os mineiros e fundidores. «Mas isso porque uma disposição especial, na constituição desse Estado, art. 16, secção 6.ª, determinava que o corpo legislativo providenciaria sobre a saude e segurança dos obreiros nas fabricas, fundições e minas».

Na constituição do Colorado não existia clausula semelhante; e, por este motivo, o seu supremo tribunal, declarou nulla, em razão de inconstitucionalidade, uma lei, onde os legisladores desse Estado copiavam a de Utah.

Em Nova York, para obviar a insistencia com que os tribunaes do Estado recusavam execução, por vicio de inconstitucionalidade, ás leis com as quaes se restringiam as horas e condições do trabalho, se acabou por alterar, no anno de 1905, a constituição, «outorgando-se declaradamente ao poder legislativo, naquelle sentido, as attribuições, que se lhe negavam».

Por derradeiro, senhores, e (adverti bem neste ponto) a Comissão Industrial dos Estados Unidos «recommenda a todos os Estados a conveniencia de trasladarem para as suas constituições o texto constitucional de Utah», que investe explicitamente o legislador na função de adoptar medidas restrictivas dos direitos individuaes nas relações do capital com o trabalho, para atalhar a reiteração das sentenças annullatorias nos tribunaes de justiça.

O poder de policia

Verdade seja que varias disposições legislativas têm sido alli sustentadas como constitucionaes; mas isso por que, sendo todas ellas inspiradas na consideração de abrigarem o operario dos excessos do trabalho e da usura na sua remuneração, «eram leis de policia»; isso por que, como taes, cabiam nos poderes de policia, commetidos pela constituição nacional «aos Estados», isso, emfim, porque, decretadas, como eram por estes, estavam nos limites da sua competencia constitucional.

Mas, quanto aos poderes de policia a nossa constituição é a mesma.

Esses poderes tocam, aqui tambem, á competencia estadual. Se, portanto, nos apoiarmos nesses julgados americanos, divergentes dos outros, será para chegarmos á mesma conclusão, isto é, á conclusão de que, podendo apenas os Estados levantar, sobre tal assumpto, as leis que a respeito della votasse que o Congresso Nacional, seriam inconstitucionaes e nullas.

Os operarios e a revisão constitucional

Chego, pois, dest'arte, ao corollario terminal da minha argumentação; e este corollario bem vêdes que só poderá ser um. Se os operarios brasileiros são pelo regimen da intervenção da lei nas relações do capital com o trabalho, não poderão deixar de ser pela revisão constitucional.

A revisão, idéa conservadora

A revisão não se apresenta, agora, como um programma de reacção e desagregação entre os brasileiros, senão, pelo contrario, como a estrada para a união e conciliação nacional.

A nação inteira está descontente do seu regimen constitucional; não só dos abusos da sua execução, mas tambem dos erros e lacunas do seu mecanismo, que deixam sem correctivo abusos taes. Os pacificadores, portanto, somos os que, acudindo ao descontentamento geral da nação, nos cingimos ao que ella os indica, abraçando, como remedio á sua insalubridade politica, a reforma constitucional.

Caso philologico

Mas quem são os que, no Brasil, reguingam e escoiceam contra a revisão constitucional? Attentae no dictionario, senhores, e vereis que não offendo a ninguem. Não ha razão nenhuma, para que andemos lobrigando no coice uma prenda reservada aos irracionaes. O coice tanto vem a ser o golpe, que a besta dá com o pé, como o que o homem dá com o calcanhar. Não falo no pontapé de que os lexicologos dão o coice como synonymo, porque, segundo elles, é vocabulo de estylo familiar.

Creio, pois, que no estylo grandioso (o adquado á politica), em vez do ponta-pé vae mais á justa o coice; e assim usaram, na lingua pratica os grandes e pequenos escriptores, desde Fernão Lopes, a que Alexandre Herculano chamava o nosso Homero, nas suas descrições de casos do paço régio, até á «Academia dos Singulares de Lisboa,» onde vemos gente da mais lidima raiz pensante «jogando murros, «coices» e punhadas». Fique, pois, o escoicear, que é mais altiloquo e mais rijo.

Não quero rebaixar o assumpto, nem pintar o quadro sem a sua devida animação, dizendo que a revisão constitucional tem levado pontapés. Estudemos melhor o nosso vernaculo, para não depreciar, sem querer, aos nossos inimigos, tratando-os mano a mano, com indevidas familiaridades. Não é coisa tão leve o que temos apanhado (moralmente)



pudesse aparceriar com os seus na conspiração do silencio ou da mentira, em que fermenta a corrupção? que eu convertesse a minha consciencia em capeirão das maroteiras da época? que eu nem sequer desse ao meu paiz os unicos serviços, de que me deixaram, na minha vida, a faculdade, os de ser, no meu tempo e na minha terra um éco incorrutiavel da justiça?

As candidaturas e o estrangeiro

Gente de tal jaez, na verdade, não é de se levar a sério. Pois não andam ali a pataratear cousas do arco da velha os Filhos da Patranha, á conta do boato de que um governo europeu mandou buscar na integra, por telegramma, a minha conferencia da Associação Commercial? Sabem os senhores o que isso, a ser verdadeiro, quereria dizer? Elles o puzeram em pratos limpos. Isso quer dizer que os governos alliados estão impondo a minha candidatura. «Gracchos de seditioe quaerentes». Scenas da espionagem boche delantando traições.

E' a consciencia, a consciencia vingadora, que lhes está rosnando na garganta. Si, realmente, governos estrangeiros a tal ponto se interessassem pelos meus discursos, não seria para estranhar. «Primeiro», porque os governos estrangeiros assistiram o meu papel dominante no movimento, que levou o governo brasileiro a quebrar a neutralidade na guerra da civilisação contra os barbaros. «Segundo», porque os governos estrangeiros sabem que eu represento o Brasil, percebem que atraz de mim está a Nação Brasileira. «Terceiro», porque elles sabem que não me corrompo, e vêem que só a verdade são da minha boca, enquanto a desses avestruzes da verba dos reptis vomita, em mentiras azinhavradas, o cobre que engorgitam pelas vias clandestinas do Thesouro.

Essa gente, acostumada á clandestinidade nos seus actos e á mentira na sua linguagem, imagina que o Brasil, que o governo de uma nação póde viver atraz da porta. No cerebro viciado pelo habito de torcer o bem e o mal, de amar o mal, e conspirar contra o bem, idearam um mundo, onde cada povo se insulasse escondidinho nos seus segredos como uma quadrilha na sua ladroeira, a salvo e em seguro de todo o resto da terra. E isto, hoje! nesta época, senhores! Que prodigio de imbecilidade!

Tão vivamente ainda me lembra a mim como se fosse de hontem, que, em 1889, redigindo eu então o «Diario de Noticias», tive a hora de ser apresentado, uma noite, no Theatro Lyrico ao Sr. Phips, ministro de sua magestade britannica. Entrámos, num dos intervallos do espectáculo, em conversa, com certa largueza; e me fez especie ver como elle conhecia toda a minha campanha de opposição naquelle jornal, quasi assumpto por assumpto. Dei-lhe a perceber; e elle me disse: Não se admire. Tudo quanto interessa a vida publica, nos paizes onde servinos, tudo extractamos, cortamos e enviamos, ou relatamos ao nosso governo.

Si assim era então, calcule-se hoje; e avalie-se o estado mental desses farfalhudos patriotas brasileiros, a quem parece que os governos estrangeiros, neste momento, se poderiam desinteressar da eleição presidencial no Brasil, principalmente quando vêem que, depois de se investir na embaixada á Conferencia da Paz um politico de sympathias germanicas ao dia do nosso ingresso á guerra, essa mesma personagem é quem agora logra, para a presidencia, a designação official.

Os sete felizardos

Mas, em summa senhores, nada póde admirar a ninguem num paiz, cujos destinos se trinchem á mesa de sete felizardos, como um Perú de recheio, em dia de bródio, entre amigos da boa chira.

Esses sete camafens do regimen, os donos da situação e da republica, andam por ali rodando apostas sobre quem sejam. Mas o melhor está em que no proprio circulo delles é que parece correr mais accesssa a curiosidade. Elles mesmos são os que se vivem a nomear uns aos outros, e empurrar uns para os outros os papeis da mascarada. O publico não lhe erra a indentidade; porque as caras e as impresões digitas não deixam que ninguem se eugane. Seria mistér que eu lhes declinasse os nomes? Tanto não ha de ser neste auditorio a malignidade. Si já os conhecem, porque obrigarem-me a pôr o nome aos bois? Mas, si insistis, vá como quizerdes: não briguemos.

O primeiro é o Sr. Antonio Azeredo, o «sucço» do Senado. Accertei? Pois seja Deus louvado. Outro é o Sr. Urbano dos Santos, o passaculpas da matança do «Satellite». Vae direito? Então sigamos. Vem atrás o Sr. Dous Jotas Seabra, o bombardeador da Bahia. Dei no vinte? Neste caso vou me animando. O quarto vem a ser o Sr. Lauro Muller, o nosso Leninesito em esboço. Estaes por isto? Ides então concordar em que o quinto é o Sr. Alvaro de Carvalho, o derradeiro principal da oligarchia paulista. Não erreí? Pois então apostemos em que o sexto será o Sr. Carlos de Campos, a prole infiel do presidente da convenção civilista. E o setimo? Fazeis questão de o saber? Vá, por vossa conta. O setimo é o Sr. Altino Arantes, o Adonis do Guarujá. Este pessoalho de optimates forma a charanga allemã do presidencialismo. O flauteante Sr. vice-presidente do Senado, tendo levado em flauta a vida toda, é o homem do flautim. O bojudinho Sr. ministro da Justiça é o sujeito do bumbo e dos pratos. Mas maranha e tataranha pela musica inteira. O preclaro Sr. Dous Jotas Seabra, o estampido em figura de gente, é o trombone da petardada, e nos dias grandes, solta a cabaça da roncadeira, com que se arremeda o rugitar da onça. O adocicado Sr. Lauro Muller é o estradivario «made in Germany». Executa as surdinas, os pizzicatos e as fugas de bravura em teuto-brasileiro. O desinquietao Sr. Alvaro de Carvalho, musico em telegrammas, é compositor da fanfarra, o Strausz das improvisatas e surpresas. Valseja indiferentemente á allemã ou ingleza. O meigo Sr. Carlos de

As medidas tutelares

Nada, entretanto, excusará certas medidas tutelares da lei, quaes as de que já conversamos. Faz parte da liberdade individual, sem duvida nenhuma, o direito de antepor-nos a outro qualquer o alyitre mais do nosso gosto, embora arriscado, si os riscos forem nossos. Mas esta noção não se applica ás classes. As classes, licitamente, podem e devem ser protegidas contra os seus proprios actos, quando elles se entrelaçam com as exigencias de conservação da sociedade. E' ao que alludia o sr. Jorge Street, quando, mostrando-se commovido com a legislação dos accidentes do trabalho, accrescentou: "Commigo hão de concordar todos os que têm coração no logar certo, e lidam com operarios na grande industria moderna, vendo os perigos, em geral inevitaveis, a que estão sujeitos, pela fatalidade do mcio e da propria mentalidade profissional dos que alli trabalham.

As constituições

São consequencias da irresistivel evolução economica do mundo. Por isso "as constituições não podem continuar a ser utilizadas como instrumentos, com que se priveim dos seus direitos aquelles mesmos que ellas eram destinadas a proteger, e que mais lhes necessitam da protecção".

As nossas constituições têm ainda por normas as declarações de direitos consagrados no seculo dezoito. Suas formulas já não correspondem exactamente á consciencia juridica do universo. A inflexibilidade individualista dessas cartas, immortaes, mas não immutaveis, alguma coisa tem de ceder (quando lhes passa já pelo quadrante o sol do seu terceiro seculo) ao sopro da socialisação, que agita o mundo.

Pela conciliação

Mas, para que se consummem providencialmente essas transformações providenciaes, cumpre que ellas se operem, com equidade, com bondade, reconstituindo e não destruindo: cumpre que se apoiem, não na cobiça, não na inveja, não no odio, mas na irmandade, na caridade, na solidariedade, pagando cada camada social, voluntariamente, com a quota de abnegação, a quota das reparações, que ás outras camadas se deverem.

Contra a desordem

Eis por que, operarios, se vos advirto, contra os que vos apostolarem a desordem social, não me julgo menos adstricto a vos admoestar contra a desordem politica. Nem para a revisão do direito social, nem para a revisão do direito politico haveis mister da revolta ou da violencia. Quando me preocupu com a imminencia de commoções e subversões, não é porque as almeje, busque ou estime (cansado estou de implorar que as evitemos), mas porque as temo, as presinto, as diviso.



e quero convencer os que as promovem de que nos devemos unir todos contra os seus tremendos perigos. Nem o gageiro que dá rebate de baixios á prôa, nem o piloto que antes dos passageiros divisa o olhede boi nos longes do horizonte, são os que metteram cachopos na rota do navio, ou accumularam no céu o negrume do tufão calliginoso, fatal na sua marcha.

O poder do voto

O voto é a primeira arma do cidadão. Com elle vencereis. Agora, si vol-o roubarem, é outra coisa. Com ladrões, como com ladrões. Quando a offensiva nos arrebatou um direito, até onde o exigir a recuperação deste, até ali deve ir a defensiva.

Comem-vos os parasitas, comendo-vos o imposto? Pois é cortardes os mantimentos aos parasitas. Já vol-o disse. Como? Recusando-vos a pagar os tributos legaes? Não: apoderando-vos, pelas urnas da funcção legislativa, que é a funcção do imposto. Quem o não vota, não pôde ser obrigado a pagal-o.

Agora, si vos enxotarem das urnas, si vos tangerem do parlamento, e, salteando a soberania nacional, vos exigirem impostos, que não votastes, porque não elegestes a quem os votou, isso é outro caso. Com salteadores, como com salteadores. Na guerra, como na guerra. O povo não é obrigado a pagar sinão o imposto que votou.

Os filhos da mentira

Mas os filhos da Mentira, cada vez mais sem pejo. Sou eu que prego a recusa do imposto; porque eu grito contra os salafarrarios, cuja seccura gargalaça as torneiras do Thesouro como a dos paus d'agua, na taberna, as garrafas de zurrapa.

Sou eu, ainda, quem préga o maximalismo, porque eu chamo a postos a Nação contra as maximalices de uma politica exactamente igual ás de cujas entranhas têm sahido todos os "ismos" revolucionarios e subversores, desde o nihilismo até o bolchevismo.

Emfim, por cumulo dos cumulos, sou eu o organ diffamatorio do Brasil, sou eu quem lhe encará a reputação: porque eu sustento que o Brasil não é a politicalha, sustento que o Brasil não é a rua de Luiz de Camões, sustento que a rua Luiz de Camões deve sahir da politica, a todo o poder que possa uma Nação não resignataria da sua honra!

Mas, então, era Jesus quem polluia as cousas sagradas, quando vencida pela indignação divina a divina doçura do cordeiro, varreu do templo, a lategada, as traficancias e os vendilhões.

Mas, então, seria de mim, do seu embaixador a Haya e Buenos Aires, que se pudesse queixar o Brasil? de mim é que se havia de sentir magoado o seu credito e nome?

Mas, então, chegaram mesmo algum dia a cuidar os heróes desta bambochata que eu com os seus me pudesse atropilhar, que eu me



Tambem quero !

DESENHO DE ZIMMERMANN



DESENHO DE ZIMMERMANN

Cahido no fojo

Campos é o rapaz dos timbales e ferrinhos. Tem dous registos na guela, e, com as mãos, tintina, ou atabala, com o mesmo primor do notas opostas. 'E o Sr. Altino Arantes? Esto só musiqueia em casa, quando a banda se ajusta para bôdas e funçanatas. E' então a menina do piano.

A philharmonica não será lá das mais numerosas. Mas, para as exigencias da terra, tem as peças de resistencia. Pouca gente, inas para muita. Porque, a respeito desses vinte o cinco milhões de almas que somos, talvez, os brasileiros, caberão não menos de tres milhões e quinhentos a cada um dos tropeiros.

A manada

Desta guisa vamos, pé adeante, pé atrás, mão atrás, mão adeante, ao tom da chocalhadã, por essas terras de Santa Cruz, por essas immensidades, quo as valladas afundam, as chãs explanam, as florestas encrespam, as serranias azulejam, as aguas dos rios argentinam e os raios do sol dardejante semeiam de ouro, — por ali vamos, a orelha murcha, o olho baixo, o passo apalpante, as moscas ao lombo, cabeceando, banzando, caxingando, na marcha tardonha e trupitante da eterna obediencia, do ramerrão eterno, cansada, arquejante, resignada, somnorenta, sem outro cuidado mais do quo o do pasto o bebedoiro á bocca.

Eis como elles reputam, sonhores, a nacionalidade brasileira. Eis o que elles enxergam no povo brasileiro. Eis o em quo elles tudo envidam por converter a humanidade brasileira, manada raciocinante (aos olhos delles, e sob o seu regimen), manada raciocinante, que a natureza apasçenta num territorio digno das maiores nações do mundo, e que a disciplina da nossa pecuaria, applicada ao homem, rebaixa ao nivel das mais atrasadas gentes da terra.

Esta nudeza moral não se accomoda a folhas de parra. Aos indigenas do Moçambique basta o chibaço, para se terem por compostos o vestidos. Esses daqui entrajam, com um trapo do rôta hypocrisia, o mais impudico da sua desnudez, e com isto a tem por coborta.

As forças politicas da Nação

Gom os mesmos narizes do cera da linguagem consagrada no genero, nos manda o candidato official dizer, agora, do Paris, num telegramma sentencioso, o seu empenho em que «a eleição corra com a maxima regularidade», o venha «a traduzir verdadeiramente, a vontade nacional», não podendo «ter interesse em fraudar o pleito quem conta a seu lado immensa maioria das forças politicas da Nação».

Como si não fosse com esta mesma effusão de protestos generosos e desinteressados que se tem dado ao paiz o escandalo das mais grosseiras farçadas eleitoraes.

Como si não fosse em nome da «vontado eleitoral verdadeiramente traduzida» quo a politicalha do 1910 aquinhoou, em suffragios menti-



dos, o marechal Hermes com os celebres «quatrocentos mil redondos».

Como si não fosse assegurando haver «corrido a eleição com a maior regularidade» que, através da mais dissoluta crapula eleitoral, se consumou, então, com os mesmos elementos politicos da candidatura official de hoje, o mais atrevido estellionato eleitoral, de que jamais foi victima este povo.

Como si aquella candidatura não houvesse tido, tambem «evidentemente, a seu lado» a immensa maioria das forças politicas da Nação».

Como si, derrotada no escrutinio, apesar de estribada na mesma «immensa maioria das forças politicas da Nação», essa candidatura não houvesse vencido, criminosamente, na verificação de poderes mediante a depuração, no Congresso Nacional, do candidato eleito pelo eleitorado.

Como si essa a que hoje o candidato presidenciaal chama «a maioria das forças politicas da Nação», e graças a cuja valia pretende elle «não poder ter interesse em fraudar o pleito eleitoral», não fosse, justamente, o mecanismo geral da fraudulencia organizada contra a eleição, neste paiz, a eterna alliança de todas as fraudes classicas na historia das nossas eleições, a união dos grandes estellionatarios coroados na especialidade brasileira de adulteração do voto popular pela connivencia das autoridades com o crime.

Como se, portanto, na invocação dessas «forças politicas», agora, pela candidatura official, pudesse a nação vér outra coisa mais do que o appello habitual de todas as candidaturas officiaes á fraude official, mãe de todas, abrigo de todas e, de todas victoria previamente descontada.

Indicação, eleição

Um telegramma estampado, ha duas semanas, no «Jornal do Comercio», telegramma do seu correspondente especial, e que, dada a natureza do assumpto, bem se calculam as macerações diplomaticas, por que passou antes de entregue á circulação, não occulta que «a escolha do Sr. Epitacio Pessoa *surprehendeu a maior parte das pessoas actualisadas com a situação e as cousas do Brasil*»; não dissimula os commentarios, de que era objecto a «tão rapida carreira politica de um personagem, de quem, nas vespervas, ninguem se lembrara para tal cargo»; não contesta que «a maioria dos inglezes acreditava mais no nome do Sr. Ruy Barbosa»; não esconde que, ali, havia «pouco conhecimento da personalidade do Sr. Epitacio Pessoa».

Não obstante isso tudo, porém, esse despacho singular começa por nos adeantar, sem cerimonia, que «a indicação do nome do Sr. Epitacio Pessoa como candidato á presidencia da Republica foi ali *considerada quasi como a sua propria eleição*».

Evidentemente, o «quasi», aqui, está por demais. Entrou como clausula de estylo, para não despir o telegramma da sua gravidade official. O que elle, claramente, deixa ver, e annuncia ao inundo, é que, na

metropole britannica, e, pois, no resto da Europa, «a indicação do Sr. Epitacio Pessoa foi considerada como a sua propria eleição».

Essa indicação o proprio telegramma declara que surprehendeu a Europa. Essa indicação confessou o indicado mesmo que a elle proprio surprehendera. Essa indicação ninguem contestará que surprehendeu o Brasil todo. Essa indicação, quarenta e oito horas antes, teria surprehendido até a Convenção, que a votou ainda assombrada.

Mas, pela simples circumstacia de ter encontrado a convenção official, para a fazer, essa indicação teve na Europa a cotação immediata de eleição consummada.

Tal o cenceito, em que, no mundo, se tem a eleição, se tem o systema representativo, se tem o governo republicano, se tem a vontade nacional no Brasil.

Eleito o candidato official, apenas indicado?

Sim: eleito; porque indicado. Uma vez indicado, eleito.

Essa indicação, entretanto, não representa sinão o conluio dos sete. Prosternemo-nos, portanto, á grande heptarchia. Adoremos o divino septemvirato. Ensinemos o povo brasileiro todo a trazer ao peito em escapularios, e encautoar nos escaninhos de casa como caborges os nomes dos nossos sete padroeiros. Decoremos esses nomes, senhores. Tende-os de cór, operarios. Brasileiros, não os esqueçaes. São os penates. São os santos. São os nomes de nossa boa terra.

Unicos eleitores do nosso paiz, unicas forças vivas da constituição republicana, unica expressão definitiva da soberania nacional, são os sete trunfos, as sete setas, os sete azes desta grande batota. No Brasil não ha mais nada. Deixemos, pois, de escrupulos, e levantemos o culto da Fortuna. Dinheiro! Felicidade! Audacia! Com uma tal aviltação politica, o Brasil não é só um baldio abandonado ás experiencias e avidezas dos aventureiros nacionaes: é uma presa voluntaria, offerecida ás liberalidades e intrigas da absorpção estrangeira. Operarios brasileiros, se não renunciaes á vossa terra, olhae, enquanto seja tempo, pela vossa patria.



VIAJANDO ⁽¹⁾

(COIZAS DO MEU DIARIO)

1913

Versailles — Março, 30.

— Acórdo com intenções respiratorias. Atendo-as assim: automovel novo, particular, com uma bandeirinha brasileira provocando merecida curiosidade; Gaston Hertz, alegre, de familia alsaciana que em 1870 preferiu o exilio campineiro ao germanismo berlinense, peritamente dirigindo a expedição; evitados na «Avenue Bois» dispensaveis esbarros em amazonas que a enchiam sobre cavallos caros; duas interrupções obedientes ao infame «octroi» que já se vai naturalizando nos municipios paulistas; menos duma hora de viagem: e estou em Versailles.

— No historico «Muzeu». Em cinco minutos contrato, pago e enxoto o guia que, logo á entrada, á direita, nas reproduções de sarcofagos, trocára Felipe o Bello de França por Felipe II de Hespanha. Ignobil!

Delibero ver preferencialmente batalhas. Pinta-as o indisciplinado Horacio Vernet com vigor inexaurivel. Na tomada de Smalah, por exemplo, a despeito das dimensões da téla, tudo se agita, todos se movem. A' distancia de oito metros a propria moldura não parece estar quieta! Na «Batalha de Wagram» o perfil do imperador é o mais vistozo e brilhante de quantos procurou a arte fixar. Falta, talvez, a

Vide numeros de Agosto a Março.

Vernet a correção epizodica de Yvon, e tambem essa enfaze expressiva que, durante algum tempo, collocou David entre os divinizados pela critica franceza. Certo, no «Malakof», o olhar vidrado do moribundo, a bota empoeirada do ferido que retorce a perna e a sintillação das baionetas ao longe, e, no «Bonaparte em S. Bernardo», a sobranceria do heróe, dizem respetivamente a dor em sua maxima intensidade, a audacia em sua amplitude, o desdem completo da impavidez pelo perigo e o predominio da rezolução sobre a incerteza; mas, em Vernet, a sintheze artistica é mais altaneira, superiorizando evidentemente o talento sobre a intelligencia, o pensamento sobre a minucia. No «Adeus de Fontainebleau», onde cada figura é uma idéa, Vernet se revela artista como Tinier, consciencioso como Gros, equilibrando unificadamente o pezar, a apreensão, o despeito e a esperanza.

.....

— Na «Capella Imperial», onde a «austriaca» jurou fidelidade ao real serralheiro, faltam tres lustres? Roubou-os e vendeu-os a Revolução. No Brazil, no Palacio de S. Christovão, houve identica furtoeracia um seculo mais tarde; louças, pratarias e raridades bibliograficas eram, em Novembro de 1889, vendidas por baixo preço na rua do Ouvidor... Integrava-se a America.

— Sala de Diana. Sala de Apollo. Sala de Marte. Sala de Venus. Fausto deslumbrante! Duma das janellas descortino os jardins e os lagos. E a galeria de recepção? E o leito de Luiz XIV? Quanta riqueza e quanta patifaria! Herança de nove seculos de despotismo, aquillo tinha mesmo que acabar mal. Como diz o caipira: tinha mesmo de entrar em lenha. Reverso compensativo, porém: quanta gente vive á custa de tantos erros! Fardados, com o prato garantido, sustentando filhos, genros e até sogras, quantos funcionarios viveram das glorias e das obscenidades dos Capetos e dos Valois?

— Uma estatua de Luiz XV... Fê-la Cortot. Está equilibrada como o seu autor: tem estudo, imaginação, fidelidade. Preferiria não a haver encontrado. Para más impressões já me sobejavam, hoje, a Lavallière, a Montespan, a Maintenon,

a Pompadour, e até a insignificante Maria Tereza, legitima e numero um na colleção de rainhas do caprino rei-sol, e eis que, á despedida, se me encaixa na atenção a estatua desse nojento! Porque não a espatifam em homenagem áquella eloquentissima sentença «o silencio dos povos é a lição dos reis», com que lhe castigou as manchas o altivo bispo de Beauvais?

— Oportuno desvio de vinte quilometros mostra-me Paris do alto do aristocratico arrabalde de St. Germain. Convenção generalizada e antiga ensina ser muito bonito esse ponto de vista e mais bonita a vista desse ponto. Concorde.

Patria auzente -- Março, 31.

— Um dia no «Palaeio d'Eu». Prodigioza a memoria do conde d'Eu! Data por data, familia por familia, esse velho conhece como ninguem o Brazil. Do seu commando no Paraguai lembra os nomes de todos os officiaes. Quando, na minha habitual franqueza, alludi á ingratição dos brasileiros, juntou seu protesto ás immediatas contestações de d. Izabel, nossa redemptora imperatriz.

A princeza d. Pia, gentil, distinta, pronuncia o portuguez tão bem como eu. Merecem-se: ella, o esposo e os tres brazileirinhos cuja educação se inicia na escola do desterro e nas agruras da injustiça.

-- Abril, 1.º

— Saio de manhã. Ninguem ás janellas. Nisso a menina pariziense se differença da brazileira que, tanto no iuverno como no verão, parece figurinha de rotula.

Por falar em verão: não tarda elle, ameaçador como sempre: é a estação da ida para o campo, da dezerção para as praias de banho; começa a faltar gente para o consumo; não tardam as fallencias.

Por falar em fallencias: fallecendo, falliu na vida, em Roma, o milhardario narigudo Morgan, o maior manejador de oiro no seculo passado. Ninguem o excedeu na organização dos «trusts»; ninguem, todavia lhe foi avante na pratica da esmola: sustentava trezentas e cincoenta associações de caridade. Terá grandiozo monumento em qualquer cemiterio.

Por falar em cemiterio: vou vizitar o dos cães, em Asnières.

Cães.

— A' entrada, frente ao vizitante, surge artistico monumento consagrado ao cão Barri. Morou em S. Bernardo cá da Europa. Salvou quarenta e uma vidas. Documentou, portanto a afirmativa de Plutarco: o cão é o unico animal que, para salvar o homem, revela coragem.

A' direita, mais que á esquerda, numerosas lapides de mostram ser a letra «i» essencialmente canina. Sucedem-se Kidi, Fifi, Saci, Mimi, Didi, etc... Num tumulo modesto: «Fox, meu unico amigo». Leio noutro: «Cruel fatalidade!»; nun outro tres estrofes toleraveis, prometendo ao fallecido jamais lhe dar substituto, e externando a esperanza de lhe encontrar a alma nos espaços intermundios, idéa de Macaulay em referencia a Hampden.

Ha sepulturas caras e curiozissimas. Numa dellas: «Salvou-me a vida. Devo-lhé esta lembrança». Em muitas o retrato do cachorro tem as iniciaes, signatarias, de pintor afreguezado. E' de marmore o monnmento do «Principe Colibri»; tem inscrição prateada e contribuiu para que, na quadra, o terreno subisse de preço. Examinava-o eu cuidadosamente quando uma moça bonita, puxando um felpudinho, e com enorme ramo de cravos, se aproximou do contiguo tumulo de «Diane», aflorou-o, fitando-o lacrimajante e tentando ajoelhar.

Commovi-me. Pobre coração rico!. Estava alli, estava aquella mulher a justificar que «as fibras do coração feminino são infinitamente mais sensiveis que as fibras do coração do homem», asneira que Otavio Feuillet redigin com todos os requintes do romantismo! Conseguindo enterreirar dialogo, insinuei consolal-a prometendo-lhe mandar do Brazil um cãozinho de sete cores, chamado «Semnome», filho legitimo duma cadella que atendia ao nome «Queseimporta», mas com o habito de só comer carne mastigada.

— E quem mastiga a carne para elle? perguntou-me desconfiada.

— Elle mesmo: respondi, recuando, sem mais explicações.

.....

— Avizo aos interessados: perto da valla cummum, da



banda do sul, o terreno é mais barato. São, em Asnières, observadas quasi todas as formalidades funerarias: depositos, escrituração, funcionarios em categoria, classes de enterro, convites, flores de preços variados, etc... Juridicamente redigido, o regulamento, constante de onze artigos e maior numero de paragrafos, traz em anexo a variadissima tabella de preços; vão de 5 a 100 francos os da valla commum, podendo, em determinadas circumstancias, ser de trinta annos o prazo da concessão, e oscillando de 50×70 a 80×100 as dimensões em centimetros.

São por conta do fallecido quaesquer despezas concernentes á placa e transporte do cadaver. Sendo num mesmo local, ha abatimento quando se trata de mais dum cão. A Sociedade Franceza do «Cemiterio para cães», capital de 350.000 francos, telefone 545 — 98 mantem, ainda, alfaiataria, sapataria e impressão de cartões postaes.

Ao empregado que, desdenhozamente, me fornecia essas informações todas, deliberei demonstrar não ser a sua sciencia canina tão completa quanto me estava elle a bazofiar. Repentinamente lhe perguntei:

— Por que motivo o cão bate com a cauda?

— Porque está contente; porque festeja alguém: respondeu com entono de absoluta segurança.

Sorri. Expliquei-lhe sentenciozamente: o cão bate com a cauda porque o cão é maior que a cauda; si a cauda fosse maior do que o cão, a cauda bateria com o cão e não o cão com a cauda.

--- Remeti alguns exemplares do regulamento a conhecidos meus que se desconhecem, e, pensando no «Cão do Louvre», tão magistralmente traduzido pelo autor do «Eurico», afastei-me duvidando si a minha visita á «Asnières» fôra engraçada ou triste.

Nos Invalidos.

— A' porta, olhando canhões pezadissimos, tomados a inimigos possivelmente levianos, uma estatua do principe Eugenio; porque?



Recuo para dar passagem a um general francez; vai apressado e condecorado. Ganha, informam-me, menos de mil francos por mez: menos que um major do exercito brasileiro. E' justo, é muito justo. Aqui em França os officiaes militares só têm obrigações militares; no Brazil, porém, têm elles o encargo que patrioticamente contrairam em 1889, de pagar a divida externa do paiz. E como essa divida, crescendo todos os dias, passou de trinta a cento e quinze milhões esterlinos, é logico que vá tambem crescendo, sem interrupção o soldo dos officiaes do exercito.

Entro. Encontro, a olhar para o tétto, a estatua da «Abundancia», reccioza de que lhe perguntem o que veiu fazer entre os invalidos.

Grandiozo, bello, mas triste o templo. Lá no fundo semiescuro está o que resta do grande sangrador occidental. O sarcofago, longo de quatro metros, daria perfeitamente para dois criminozos do seu tamanho. Bem em cima, de dimensões naturaes, pouco menor portanto que o de S. Pedro em Roma, curvado, verificando estar realmente morto quem lhe tomou e prendeu um papa, espio um Christo de bronze: bronze tomado em batalhas, instrue-me um mutilado entendido em bonapartismo, e provavelmente tão sabedor de bronze quanto de batalhas foi o filho do Padre Eterno & Cia.

Soletro num sarcofago lateral o nome «Bertrand». Muito bem! A fidelidade, mesmo ao erro vencido, é sempre uma proveitoza lição de moral. Dos apanhadores de fichas na roleta sanguinaria do corso, foi Graciano Bertrand o merito militar que jamais o olvidou: acompanhou-o ás duas ilhas do exilio, defendeu-lhe a reputação, conduziu-lhe á França os despojos mortaes.

— Cultor do pacifismo, quanto mais penso mais me dispo de entuziasmos belicozos. Mas como, as mais das vezes, vestir é melhor do que despir, deixo os «Invalidos» e vou á casa Bertholet encommendar camizas.

Napoleão dellas.

— O Corcovado, o Pão de Assucar, a Tijuca: mas que esplendidas vistas da orografia fluminense! No escritorio do



afavel Bertholet fala-se portuguez. A freguezia brasileira é a maior da fabrica. No Brazil o nome de Bertholet é mais conhecido que em Paris.

Camizas esmeradamente acabadas. Uma por uma as examina, discutindo-as com caixeiras e caixeiros, o velho e ainda ativissimo chefe da firma, da escrituração, do serviço todo. Insuflados pela inveja, concurrentes lhe offereceram no mercado nacional acerrimos combates. Audacia inutil! Bertholet, o Napoleão das camisas, nunca teve Waterloo. Permanente é o seu triunfo.

Passou para as obscuridades da historia a tunica talar do jonio; desapareceu, passado a dentro, a longa toga do romano; a camiza marca Bertholet, porém, sua civilizada descendente, vive, viverá enquanto a nudez for policialmente excluida da superficie da terra. E assim como houve na Grecia o seculo de Pericles, na Italia o de Médicis, o de Luiz XIV em França, ha de haver, necessariamente haverá, em Paris, na rua «d'Hauteville, 82», o seculo «Bertholet».

Tenho dito.

Aeronautica. Abril, 2.

Convite telefonico para ir a Buc, escola de aviação? Sim. Pronto! Cinco pessoas: príncipe d. Luiz e esposa, minha esposa e eu, e, já observador e desconfiado, com quatorze annos apenas, Francisquinho Malta. Ida rapida. Sete maquinas brincando muito acima de nós. Sobrepujantes de belleza, aterreando com graça, mais nos interessavam os monoplanos Bleriot; os biplanos, porém, prometem maiores vantagens militares.

Segurança. Firmeza na direção. Rapidez nas manobras. A duzentos passos mais ou menos de distancia, em local reservado por cartaz pedinte de que «não peçam entrada para evitar o desprazer de uma recuza» (original maneira de prévia recuza!), um grupo cresce de minuto a minuto. Que ha? Quazi nada: Faure, 36 annos, do 2.º regimento de artilharia, ajudante de aviador titulado sob n. 1231, caiu inexplicadamente com o seu aparelho, quebrou as pernas e foi cortado em dois.

Assinalando serem mais que rarissimos dois dezastres consecutivos, pensei experimentar uma ascensão. Protestos femininos. D. Luiz, já viajante de tres ascensões, uma dellas em balão livre que o levou a territorio muzulmano, propendeu para a minha opinião, mas votou com o partido contrario. Não subi. Acorreram-me vingativamente, á lembrança e á fala, nomes de voadores antigos que, maiores de vinte e um annos, deliberaram e realizaram subidas.

Vieram á conversação o patriarca Enoch, o profeta Elias, Iearo, Dedalo, o imaginario Icaromenipo, Simão o magico, Bartolomeu Lourenço, Antonio Lisboa (o Aleijadinho), e Julio Cezar de Souza, e Augusto Severo (meus amigos, ambos); e ia eu acrescentar a essa serie de voantes o capitão Lunnazzi, que em 1794 inspirou a Boeage o mcreiedo verso

o sabio é o cidadão do mundo inteiro,

quando o principe, mais pratico, e eogitador do Brazil a todo o propozito, começou a dissertar sobre a utilidade do hydroaeroplano para viagens em nossos grandes rios e para travessia, em poucos minutos, de Niteroi ao Largo do Paço.

Mal aventurada volta! Farfante, de minha moradia soubera por suas inculcas ex-deputado mineiro; armara-me seus sillogismos e, com solemnidade, desearegou-me os motivos que tinha para se considerar artigo doCodigo Penal! Um maniaeo firme. Dispondo de impetos para salvar a patria, precipitadamente me repetia o malvado estar pendente da alçada dos furtos o futuro dô Brazil inteiro. Tortura!

Fui indemuizado, porém. Antigo eonhecimento, que as circumstancias do destino haviam promovido a subalterno consular, me enviara meia duzia de «Correios Paulistanos». Benigno jornal! Nunca saldarei a gratidão que te devo pelas horas de somno que me teus proporcionado.

No Panteon -- Abril, 3.

— Não me enganou Bonnot com o seu martirio de «S. Deniz». Muito antes de lhe ver o santo, e mais S. Rustica, e mais, o diacono Eleuterio, eu já sabia que esses tres padecentes tinham tido a felicidade de não existir. Deniz, Dionizio, Baco



Eleuterio, Rustica, vinho de uma mesma pipa mitologica, significam uma só personalidade.

Não me enganou o guia indicando a exorbitante estatua de «S. João de Mata» como do «primeiro que libertou os escravos do Brazil». Muito antes de ver o santo quebrar grilhões, eu já sabia que o Brazil estava na America e que a America só apparecera na sciencia européa tres seculos depois de o abolicionista fundador da Ordem da Trindade haver sido abolido do numero dos vivos.

Não me enganou o soldado (voz forte, educação fraca maltratou e despediu uma mulher que fôra ao Panteon sem chapen) que nas catacumbas, agrupando duas duzias de vizi-tantes defronte das janellinhas gradeadas, cuja meia luz obrigara á suspeita de velas de sebo lá dentro, assumindo proporções oratorias, com virgulado entono recitava: «Aqui jaz Vitor Hugo, grande poeta; nasceu em 1802 e morreu em 1885», o mesmo proferindo, com apenas mudança de datas, a respeito de outros defuntos alli guardados. Distraiu-me a parvoice do cazo, e reparei que o rizo dalguns circumstantes divergia das dimensões, e algumas vezes das noções do clamante funcionario. E quando este, perseverante, applicou o discursinho ao compartimento donde haviam sido retirados Marat e Mirabeau, reclamei energicamente entrada e exame no local. A platéa aderiu.

Vivo entrei e saí daquelle cubiculo no qual, mortos e venerados haviam entrado, e do qual mortos e vaiados haviam saído esses dois geniaes patifes. Ri-me. Riram-se os vizi-tantes da turma. Pela primeira vez, desconfio, o Panteon recebera a vizita da alegria.

(Continúa)

MARTIM FRANCISCO



BOSSORÓCA

Na vastidão esteril do capim barba-de-bode, ora verde, ora maduro e rosado, ora finalmente, amarello e secco, derriçado no solo, espinhento como praga — apparecia a velha fazenda Bossoróca, mergulhada numa tristeza de mausoleu secular que ficasse em cemiterio abandonado.

Nem uma arvore fructifera assombrava, alegrando a vista, o vetusto casarão, de telhas verde-negras, de paredes sem cal, roidas pelas chuvas: apenas uma figueira, a distancia, atrahindo os sabiás e os sanhaços, dava um pouco de vida áquelle ermo desolado, lembrança de outros tempos e de outras gentes.

Pelo pasto apontavam as cabeças dos altos cupins bexigosos, figurando tumbas.

Quando se penetrava naquelle sitio mortuario e a vista rolava por sobre o solo maninho, arido, sem um regato que o abeberasse, tendo apenas, lá em baixo, uma poça parada, côr de leite, sob o limo inextinguivel, — o coração ia-se enrolando num desespero: uma saudade indefinivel, de pessoas que não conhecemos, de tempos que se foram sem deixar vestigios — uma coisa qualquer, que anceia e abate, filtrava-se no coração.

— Como se pode viver neste desterro? — perguntavam.

E lá residiam, no emtanto, rebentos das melhores familias da Provincia, representantes de uma tradicional aristocracia, não tanto de ouro ou de sangue, mas de intelligencia, honradez e patriotismo.

Os antepassados tinham sido homens de bem a toda pro-

va: seus nomes figuravam nas paginas mais solemnes da vida nacional.

Não houve transe difficil do paiz em que elles não assumissem uma posição saliente, decidida.

E tudo isto esboroava-se no emtanto. A antiga raça ia definhando nos pósteros, atrophiando-se dia a dia, mercê de um complexo de causas, sendo a principal o casamento consanguineo por successivas gerações.

De vez em quando surgia um descendente illustre, no qual o valor da estirpe vinha á tona, como num derradeiro esforço para viver a vida intensa e fecunda dos avoengos mortos; mas a lei terrivel lavrava inexoravel na generalidade dos mais.

Os que ficaram ali na tapera ruinosa, eram, como succede quasi sempre nos casos de consanguinidade refinada, pessimistas, e sombrios como o sitio em que nasceram e viviam, faltos da iniciativa e orientação na vida: não viviam, vegetavam; não viviam, apenas *duravam*.

E'cos de outros tempos, as gerações ali se succediam como os écos: cada vez mais fracas, até se extinguiem de todo neste ou naquelle ramo da familia.

Aqui nasciam myopes, alli os candidatos à careca, havia acolá os mudos, os anões ou os epilepticos. Multiplicavam-se os casos de esterilidade masculina e feminina.

Mas não havia como demover de proseguir no suicidio lento a familia victima do desastre. Conscientes ou inconscientes, lá iam, amarrados a um cruel destino, perpetuando o de-pauperamento do sangue.

Os escravos, oriundos tambem de gente mais forte que labutou nas eras de actividade sadia, eram por seu turno, apathicos e vadios, vivendo com os brancos numa camaradagem estranha, como seus eguaes.

Pelas senzalas esburacadas, em diagonal, sustidas por vigotas carunchadas, viam-se entrar e sair pretos e mulatos á matroca, sem um objectivo, sem uma tarefa obrigatoria, cantarolando tristes.

Ninguem fiscalizava o serviço. Ao meio-dia os pretos,



nas roças afastadas, dormiam a sesta sob os jequitibás colossós, á beira dos ribeirões que margeavam os cannaviaes.

Os *moços brancos* dispersavam-se á gandaia, uns a cavallo em demanda do povoado, outros de espingarda ao hombro, em direcção á ceva de cotias ou ao barreiro das pombas.

Os proprios animaes de sella, por mingua de fontes ou de riachos, de aguas saudaveis, eram magros, arrepiados, tristes, como se tambem nelles se reflectisse o desconsolo daquella solidão.

Mas era em agosto que a desolação augmentava. Em varios pontos do pasto, numa área de cincoenta alqueires, os pretos ateavam fogo ao capinzal maduro, inflammavel como algodão. E a queima lavrava numa volupia doida. Horas depois, na vasta extensão calcinada e negra, por sobre a qual, voando rasteiros, piavam lancinantes os carapinhés, a casa da fazenda, muda no meio das cinzas, tinha o aspecto de um mosteiro em ruinas, plantado em solo maldicto.

E então como era pungente o cair do crepusculo na fazenda Bossoróca! Se acaso a lua nascia era para dar ao scenario uma tonalidade mais lugubre.

Nessa época do anno é que se via, lá longe, num grande estirão, esborcinada e negra como bocca maldizente, a pavorosa bossoróca, d'onde viera o nome ao sitio: uma escavação profunda de cincoenta metros, por onde rolavam as aguas dos janeiros repetidos mordendo o solo, esfuracando-o desca-roavelmente, desnudando raizes, fazendo ruir os troncos marginaes e transportando tudo numa voragem enovelada e torva.

Um dia de S. Pedro, porém, a fazenda amanhecera festiva. O mastro alvaco, no meio do terreiro, com fitas rubras entrelaçadas, a bandeirola tufando á brisa, era uma nota quasi extravagante naquella tristeza geral, como um enfeite assanhado em velha encarquilhada e gasta.

Geara toda a noite, mas ninguem dera por isso, porque, se lá dentro giravam os pares nas valsas, cá fóra fervia o samba junto á grande *caieira* estralejante, ao tum-tum das puitas e tambús, ao tintinar das soalhas dos pandeiros.

E foi assim que se amanheceu aquelle dia. Quando o sol,

creme, se mostrou no cen lavado. alguns pretos ainda cantavam com voz rouca, dansando em redor do brasido agonizante.

De vez em quando subia estridente um rojão de tres bombas; ou estourava, soturna, a roqueira que salvara toda a noite.

No terreiro largo, em que a cerca de *guarantan*, de tão velha já tomara uns tons de cobre azinhavrado, jaziam, a esmo, toros de madeiras varias, sobre os quaes, tiritando de frio, se assentavam grupos de convivas, mais algum pessoal da casa embrulhados em palas cinzentos ou côr de chocolate com franjas café-com-leite.

Pelo pasto as placas de geada ainda refrangiam os raios solares numa reverberação polichroma, como um firmamento inverso constellado em pleno dia.

A' medida que vinham chegando os que deixam o leito para gozar o calor do sol, tambem chegavam as bandejas de café, com bananiulhas tostadas e hordurentos. Quem as trazia era a Euphrosina, mulata liberta, de typo fino e modos delicados, criada com as moças da fazenda como se fosse irmã.

* * *

De repente, lá no alto, a antiga porteira rangeu nos moirões poidos e apontou no pasto um cavalleiro. Era o Luiz da Penha, domador afamado e laçador não menos celebre, pardavasco taludo, de tez lisa e sanguinea, dentes alvos e miudos, riso franco e gracioso. Trazia a tira-collo a viola inseparavel, porque era repentista de pulso.

Andava de tempos áquella parte apaixonado pela Euphrosina, que por mais de uma vcz lhe recusara a mão de esposa. Amarron o animal á cerca e veio expansivo.

— Meus senhores, bão dia! — e agitava o chapeu.

— Bom dia! — responderam com frenesi.

— Adens!

— Viva!

— Chegne!

E elle tinha para com todos uma pergunta sympathica que o tornava sobremodo amavel.



DESENHO DE ZIMMERMANN

Scena gaúcha



Espera no girão

DESENHO DE ZIMMERMANN

Sem cessar, seus olhos impacientes mergulhavam-se no interior da casa, ás furtadelas, á procura da liberta, «mestiça formosa de olhar azougado», como elle cantava tantas vezes. Mocinhas e matronas, de olhos pisados pela insomniã, vinham surgindo pelas janellas, que o sol dourava a meio, enviezado. Era geral o desejo de ouvir o pinho do repentista, que tambem ardia por ser admirado.

Vamos logo *ver* o som desse aço! — disse alguém.

— Quá! Não vale a pena — respondeu o mulato, fazendo-se de esquerdo. Isto aqui eu trago p'ra me adiverti quando tô sozinho, meu povo... Perto assim de gente limpa este bicho nem não mia, por mais que a gente coce a barriga delle e troça a oreia...

— Ollia o enjoado! — observou um moço.

— Está querendo que a Euphrosina venha rogar, isso é que é — ajuntou um outro.

O Luiz agachou-se numa gargalhada e quando se ergueu, lá quasi no meio do terreiro, vinha com a viola feita, aos arpejos doces, e cantando uma quadrinha popular que a folhinha da vespera lhe dera:

«E' verdade — não parece,
 Mais é verdade patente
 Que a gente nunca se esquece
 De quem se esquece da gente».

A voz de tenor, suave e afinada, não discrepava dos accordes da viola aferida por um ouvido admiravel.

Dos fundos da casa, attrahidos pela magia do canto e pela consonancia do instrumento, ranchos de pessoas vieram acudindo de forma que a porta e as janellas ficavam acunhadas de corpos que se comprimiam. Por trás de todos, erguida na ponta dos pés, buscando occultar-se na penumbra estava a Dulcinéa do violeiro.

E o Luiz foi logo improvisando:

«Quiz casá com Nha Maruca,
 Ella fez luxo, não quiz:
 Bananêra toma geada,
 Mais reponta da raiz.»

— Bravo!
 — Essa não é da folhinha!
 — Essa é sua mesmo!
 — Valeu!
 — Repita a dose!
 — Até parece que é indirecta!
 Estrungiu uma gargalhada e a Euphrosina moscou-se.
 E o Luiz :

«Hai amô que secca logo,
 Como olho d'agua em janêro :
 Meu amô é que nem fonte
 Dentro da sombra, o anno intêro.»

— Bonito!
 — E' de virar e romper!
 — Essa é melhor ainda do que a outra!

E de novo o pinho gemeu nervoso, e a voz do violeiro, como um protesto cheio de despeito, vibrou mais firme :

«Chumbo grosso mata paca
 Mais não serve p'ra perdiz :
 Meu amô é muito grande
 P'ia mulher que não me quiz...

E as trovas iam saindo faceis, cheias de comparações muitas vezes grotescas, mas quasi sempre felizes.

Assim foi correndo o tempo. Veio o almoço, farto de leitões e cabritos, tutús coroados de linguiça, cuscús com torresmos embutidos a arruelas de ovos, como moedas de ouro, arroz louro e secco, com uma grinalda de salsa, palmito jarivá e guarirova — tudo acompanhado do apetitoso molho de pimenta vermelha curtida no limão.

Finda a refeição, o mulato pediu licença para arrebanhar as mulas chucras e proseguir na domaçoão iniciada. Era preciso dar o primeiro galope na *Pinhão*, a besta máis alta garbosa e veloz de toda a tropa.

Todos approvaram pressurosamente as intenções do domador : iam ter festa grossa!

O mulato partiu, e com pouca demora o sincero, badalando rithmico, avisinhava-se da casa, e, bufando, com as orelhas a pino, atirando coices a esmo, conglobados os lom-

bos no galope desabalado, as mulas congoxosas dirigiam-se para o terreiro de porteira escancarada.

Entraram, e soffroando de chofre o impulso, derramaram-se por ali, resfolegando e nitrindo. Por sobre todos os dorsoz ondulava o da *Pinhão*, bello animal, de pernas finas e laivadas de cintas negras revelando-lhe a origem forte — o asno asiatico. Fechou-se então a porteira.

Sem paletó, collada ao corpo a camisa de meia, rubra e listada de branco, com o tosco xiripá a cair-lhe até abaixo dos joelhos, o chapeirão de palha desabado e preso sob a barba por uma fita azul desbotada, o mulato, arrastando com a sinistra o laço enrodilhado, fazia, com a dextra, a laçada flexivel traçar oitos no solo e sarpear depois sobre a cabeça.

O lote espavorido, adensado no canto do terreiro, caras voltadas para o domador, corpos trementes, narinas aflantes, — cravavam no mestiço os olhos a saírem-lhes das órbitas.

E o Luiz foi-se chegando com a laçada a remoinhar nos ares. Num estrupido cavo de cascos que feriam o sólo no atropêlo, o lote arisco laceou como serpente monstro e foi passando célcrc em frente ao laçador perito.

A laçada oblonga, certa como uma fatalidade, zuniu alto no espaço, vôu, cerrou no tempo azado caiu e apanhou nos gorgomilos a besta collimada.

Firme como um esteio de aroeira, com o braço esquerdo apoiado no quadril e segurando o laço, o pé direito para a frente como pregado no chão, o Luiz apurou o choque por tal fôrma que a mula focinhou e ergueu-se tremula. Vieram mais pessoas. Chegou-se a besta ao moirão do centro. Puze-ram-lhe o boçal, e depois, a custo, uma por uma, as demais peças, rematando tudo o lombilho curto, de bordas arrebitadas e minusculos estribos.

E ali ficou a *Pinhão*, estirando para trás, com os olhos verdes desferindo chammas, como se as entranhas se lhe transformassem numa fornalha de odio e maldição.

— Eh lá bicho! — exclamou o Luiz, fazendo cantar o tala bipartido nas ancas do animal.

A besta atirou um pulo, deu dois corcovos e voltou, ge-
mendo á posição anterior.

Lépido, o mulato cavalgou-a. Desprendeu o boçal e deu com o tala na taboa do pesçoço.

A mula guindou-se, como num vôo fantastico, embodocou o dorso no ar, saeuiu a cabeça entre as mãos, bateu seeca no sólo e poz-se aos pinchos furtados.

— Abram a porteira! gritou o Luiz.

A porteira abriu-se e a mula azulou por ali aos solavaneos em busea do descampado. E afundou pela macega a dentro, maeega alta e compacta, onde mula e domador, ora sumindo, ora crescendo, davam a idéa de um bôte macabro a rebolar-se ás tontas num braço de mar vazio e morto.

Os espectadores devoravam com os olhos o seenario.

De subito, porém, a besta, cansada de pular inutilmente, preparou-se para uma disparada. E viu-se logo o domador hereuleo, obliquo sobre a mula, tentar contê-la. Debalde! A *Pinhão*, com a bocea aberta e sangrando, o queixo unido á garganta, annullava, quasi, a tensão museular do cavalleiro. Agarrado ás cannas da redea, o domador vergava tanto o corpo que as abas do chapeu roçavam por vezes as ancas do animal.

A aneicdade começou a apoderar-se dos circumstantes: era evidente a gravidade da situação. E todos principiavam a ver que o domador perdia mais e mais em resistencia, ao mesmo tempo que a besta ganhava em velocidade.

E o animal frechou direito rumo da bossoróca, minguan-do sempre aos olhos na iudomita voragem, transpondo os eupins aos saltos, rasgando môitas de coivaras, afundando nas capoeirinhas de assa-peixe para reaparecer adiante nas clareiras, com o cavalleiro escauchado no lombo, mas com a velocidade aerecida.

Ninguem fallava ante o espectaeulo: todos tremiam empallidecidos.

E a besta foi, foi, rumo da bossoróca. Breve, galgou um comorozinho que orlavã a parte mais profunda do abysmo fatidico. Viu-se então o cavalleiro tentar um lance de salva-ção: abriu as pernas, atirou-se para trás e caiu sentado. Mas



já era na rampa; a terra esborôou-se e, num relance, besta e domador sumiram-se no boqueirão.

* * *

D'ahi a momentos uma nuvem de pó vermelho, cheia e lenta, alou-se no ar transparente, por cima do precipício.

OTHONIEL MOTTA.





JOSÉ INGENIEROS

CRITICA E REPAROS A' OBRA DO NOTAVEL PSYCHOLOGO ARGENTINO.

Em sua obra «A Base Physica do Espirito» queixa-se amargamente o philosopho brasileiro R. de Farias Brito do descaso que se faz entre nós da philosophia «comparada á vã rhetorica e com ella suppressida como inutil do ensino official».

Bastaria contudo para lhe avaiar a summa importancia reflectir sobre o facto de que os dois maiores acontecimentos da historia moderna e de mais duravel e universal repercussão: a Reforma religiosa do seculo XVI e a Revolução franceza são incontestavelmente devidas a modificações radicaes que se operaram nas correntes philosophicas das épocas que as precederam. Ha mais. Qual é o pensador moderno que não veja na revolução social que apavora a velha Europa na hora presente a consequencia das doutrinas philosophicas e sociaes de Lassalle, Henry Georges, Tolstoi?

Não pretendemos estabelecer comparações desairosas, mas é mistér confessar que na Republica Argentina as sciencias philosophicas não soffreram o ostracismo em que são tidas entre nós. Um grupo de intellectuaes de graude talento se dedica á disciplina philosophica. Suas produções já chamaram sobre elles a attenção dos philosophos da Europa e da America do Norte.

Alguns viram suas obras vertidas para francez como Carlos Etchard Rodríguez, autor do livro «Biologie énergetique». De outros os livros foram vertidos para o francez e o

alemão e elogiados pelas summidades intellectuaes do velho mundo. O mais illustre desses philosophos argentinos é sem contestação José Ingenieros.

Psychiatria acatado pelos mestres, escreveu obras de incontestavel valor entre outras «La Simulacion en la lucha pela vida», «La Simulacion de la locura», «Criminologia», «El hombre mediocre» e recentemente: «Hacia una moral sin dogma» e «Proposiciones relativas al Porvenir de la Filosofia».

Ingenieros condensou sua doutrina philosophica no seu livro classico que foi traduzido para o francez e o allemão «Principios de Psicologia» que em poucos annos alcançou cinco edições successivas.

E' desta obra que pretendemos expôr e criticar alguns topicos, a noção da psychologia, a questão da geração espontanea, e da origem da personalidade consciente. As criticas que dirigimos ás opiniões de Ingenieros não nos impedem de lhe aquilatar o grande valor philosophico: na philosophia a admiração que nos inspira um autor condiz perfeitamente a nosso vêr com numerosas discrepancias doutrinaes.

§ 1.º *Methodo e Estylo. Ironia de José Ingenieros.*

Antes de expôr e criticar a doutrina da obra classica de José Ingenieros: «Principios de Psicologia» convém perfunctoriamente alludirmos a seu estylo e a seu methodo. O escriptor argentino mercede nesse particular todos os encomios.

Quem por mal de seus peccados se vir obrigado a lêr interminaveis paginas de certos autores de obras philosophicas sem conseguir nem com a mais cansativa concentração de espirito penetrar-lhes o sentido das palavras, que lhes servem, qual aos diplomatas ao sabor de Tayllerand para esconder o pensamento e sem lhes poder adivinhar sob o rodeio da phrase a idéa fugitiva, admira como á clareza da terminologia soube Ingenieros mir a singeleza da exposição sempre rigorosamente methodica.

Poderemos a nosso talante discordar das opiniões que professa, e como fal-o-ia certamente Farias Brito, — tão desastradamente ronbado aos estudos philosophicos no Bra-



sil, classifical-o entre os contrabandistas do pensamento moderno ao lado de Comte, Hackel, Spencer, Mach. Pelo menos não nos será licito queixar-nos de não entender a sua doutrina sempre obvia.

Os que se dedicam aos estudos de psychologia sabem a importancia especial que têm nesse ramo da disciplina philosophica a precisão e clareza da linguagem. Escreve a este respeito Georges Bohn, no seu livro «La Naissance de l'Intelligence» :

«On a trop l'habitude d'employer des mots dont la définition est presqu'impossible, qui correspondent à quelque chose que tout le monde connait d'une façon vague mais qu'il croit très nette, tels que les mots conscience, volonté etc...»

Physiologistas, biologos, botanicos desvirtuáram os termos de Excitabilidade, Sensibilidade, Irritabilidade e de muitos outros. Os proprios philosophos, em sentidos differentes, empregam, muitas vezes diametralmente oppostos, os termos Percepção, Intuição, Consciencia e outros de tal forma que ficou quasi impossivel restituir a cada expressão seu conteúdo real, sua comprehensão effectiva, diriamos em logica.

Esta delimitação do valor significativo de cada termo philosophico Ingenieros soube traçal-a com mão firme e segura. Nada fica de vago e impreciso nas suas expressões.

O que elle escreve no prefacio: «La precision de las idéas se traduce por claridad de lenguaje» poderia servir de moto á sua obra.

Estas linhas directrizes lhe caracterizam perfeitamente o estylo.

Ao acertado escól dos termos une o autor argentino a concateuação rigorosamente logica, quasi geometrica da exposição. O seguimento das idéas é claro e obvio. Não ha rodeios futeis, metaphoras brillhantes mas enganadoras, por onde, qual por veredas em campinas floridas, o leitor se deixe levar ao desconhecido na illusão de seguir um roteiro seguro. Seu estylo lembra Spinoza e Taine.

Cada capitulo é precedido da indicação precisa dos topicos que serão expostos e seguido dum curto resumo em que vêm

condensadas as idéas mestras que foram precedentemente desenvolvidas.

E' impossivel em falando do estylo de Ingenieros não chamar a attenção sobre a maestria com que maneja a ironia em phrases curtas incisivas, que lembram a estocada do toureiro castelhano. Alguns exemplos apenas. De Bergson escreve: «Este autor transformou a philosophia em uma elegante rhetorica de metaphoras brilhantes e contradictorias.»

A respeito da mudança de opinião de um autor francez, Georges Bohm, diz Ingenieros: “Bohm leu Bergson e tanto bastou para apprender a arte de afirmar numa pagina a antithese do que escreveu na precedente adherindo á philosophia das contradicções creada por Bergson para o divertimento litterario dos que não são nem philosophos, nem litteratos.”

Fallando num livro mais recente das elocubrações metaphysicas] de Kant nota Ingenieros: “Não se póde esquecer ao lêr estas paginas que Kant foi lente de pyrotechnica.”

Na mesma obra: “Proposiciones relativas al Porvenir de la Filosofia” diz Ingenieros: “Os homens têm mais medo á verdade do que aos explosivos”; e ainda “Ninguem é obrigado a pensar pela propria cabeça podendo adherir a crenças menos perigosas já pensadas na cabeça de outros.”

Por vezes basta-lhe um adjectivo para dar vasante á sua ironia mordaz. Escrevendo sobre a hypocrisia dos philosophos e a incapacidade metaphysica dos polemistas que mais successo alcançaram em publico elle ennumera; as subtilizas mysticas de Boutroux, os sermões insipidos de Eucken, o antiphilosophismo de James. “Habcis sophistas satisfizeram seus crentes respectivos que nelles acharam uma palavra de alento para dontrinas que já professavam e de obsecração contra aquellas que temiam.»

* * *

Conceito que faz Ingenieros da Psychologia. — Critica desse conceito.

A obra principal do philosopho argentino da qual pretendemos examinar mais detidamente alguns topicos trazia na primeira edição publicada quando o autor mal contava trinta

anos o titulo de «Psicologia Genetica». As edições publicadas na Hespanha e a traducção franceza, edição Alcan têm por titulo «Principios de Psicologia Biologica». A traducção allemã e a quinta edição hespanhola publicada em Buenos Aires trazem o titulo de «Principios de Psicologia», sem adjectivo.

Estas mudanças successivas no titulo da obra denotam da parte do autor uma certa hesitação quanto ao nome que mais lhe convinha, dado o assumpto de que trata. Ha nella quasi mais doutrinas metaphysicas, biologicas e sociologicas do que psychologicas, propriamente ditas. Basta para nos convenceremos disso a leitura do programma gizado no prefacio da obra: «La psicologia biologica estudia la formacion natural de las funciones psiquicas en la evolucion de las especies vivientes, en la evolucion de las sociedades humanas y en la evolucion de los individuos.» E ainda: «En nuestra doctrina de la psicogenia se articulan rigorosamente tres hipotesis fundamentales: la formacion natural de la materia viva, la formacion natural de la personalidad consciente, la formacion natural de la funcion de pensar.»

Eis um programma vastissimo.

Assim é que se derribam barreiras, que se rasgam horizontes! Eis-nos bem longe do conceito acanhado da Psychologia «sciencia dos phenomenos de consciencia»!

Não levamos a mal a Ingenieros o ter lançado ao ferro velho esta definição antiquada que sempre combatemos. Já em 1913 escreviamos no nosso despretencioso compendio de Psychologia a respeito desta ultima definição:

«Sendo innovações mal cabidas em um livro elementar comecei por reproduzir a definição que foi introduzida na philosophia por Jouffroy que, em 1826 escrevia já «Psychologia é a sciencia dos factos de consciencia» e que foi adoptada por Ribot, Wundt, Höffding e quasi todos os psychologos modernos.

E' comtudo muito imperfeita pois que todos os tratados modernos de psychologia se occupam de muitos phenomenos incoscientes, quer pathologicos, quer normaes, como sejam a memoria conservadora, o instincto, o habito, o reflexo. Esta

definição não convem pois, sendo o officio de uma definição caracterizar o dominio em que esta sciencia estende seu imperio e indicar os limites que separam este dominio do das sciencias congeneres.»

Ingenieros exprime-se de uma maneira quasi identica. «*Las funciones psicicas (en genero) embarcam una area mucho más vasta que las conscientes en particular, una gran parte de aquellas puede e suele desempeñãr se fuera dos estados de consciencia.*»

O philosopho francez Binet tentára remediar o defeito da definição classica e propoz substituil-a pela seguinte: «*Psychologia é a sciencia dos phenomenos de consciencia e daquelles que inconscientes em certos casos são conscientes em outros.*»

Emenda, sobre timida, falla, destinada a não grangear acceitação. Mais radical foi a reacção do illustre psychologo russo Bechterew. Exclue este philosopho por completo o estudo da Consciencia de sua obra magistral «*Psychologia objectiva*».

Diz nas primeiras linhas de sua obra :

«*La psychologie qui va être l'objet de notre étude, ressemblera peu à ce que jusqu'à présent on a compris sous ce nom. Le fait est que dans nos recherches il n'y aura pas de place pour les phénomènes subjectifs qu'on appelle généralement états de conscience.*»

Este conceito ter-lhe-ia merecido. da parte de Farias Brito uma critica acerba, pois na sua obra a «*Base phisica do Espirito*» escreve este autor: «*Psychologia sem introspecção não é, pois, sómente cousa impossivel, porém no mais rigoroso sentido da palavra cousa absurda!*»

Não subcreveriamos uma condemnação tão radical. Concedemos comtudo ao philosopho brasileiro o direito de achar que a innovação de *Bechterew* pecca por excessivamente radical. Passa dum excesso a outro.

Vejamos agora mais de perto o programma de Ingenieros. Já escreviamos, annos atraz a este respeito num artigo publicado na «*Revista dos Educadores*», que dirigiamos: «*José Ingenieros nos seus Principios de Psicologia Biolo-*



gica, retomando a noção aristotelica e néo-escolastica que faz da psychologia a sciencia do principio vital (ainda que em sentido differente) se propõe resolver os tres problemas da origem e natureza da vida, da origem e natureza da consciencia, da origem e natureza do pensamento.»

Differe em dois pontos essenciaes da generalidade dos psychologos modernos: primeiro, pelo ponto de vista philosophico, digamos metaphysico, sob o qual se colloca, pois que as questões attinentes á origem dos seres e phenomenos é da alçada da methaphysica; segundo, pelo ambito exagerado que dá ás questões psychologicas.

O primeiro character especial de sua obra foi claramente percebido e denunciado pelo mais illustre dos psychologos francezes Th. Ribot que diz da obra de Ingenieros «*que é uma Philosophia da Psychologia.*»

O autor argentino não é o unico psychologo moderno com tendencias metaphysicas. Escreve a este respeito A. Binet no seu livro: «*Corps et âme*»: «*Il y a une tendance des psychologues modernes à s'intéresser aux problèmes philosophiques les plus élevés et y prendre position.*»

A essa direcção se filiava entre nós o malogrado R. de Farias Brito.

• A segunda particularidade de Ingenieros a que alludimos resalta das incursões do autor no campo da physiologia e da biologia. As questões da origem da vida, da geração espontanea, da composição chimica dos seres vivos são consideradas como do dominio da biologia, não da psychologia.

Uma unica escola philosophica moderna, a dos néo-escolasticos a que Ingenieros não pertence por nenhuma de suas opiniões pôde considerar como justificada a inclusão desses problemas biologicos na psychologia. Sendo para essa escola a psychologia a sciencia da alma, isto é, do principio vital, que, seja elle qual for, faz com que um ente viva não levantariam os psychologos dessa escola objecção motivada contra a posição assumida por Ingenieros?

Pessoalmente desejaríamos que fossem já na propria definição da psychologia discriminados os phenomenos vitaes cujo estudo lhe pertencem e aquelles que pertencem a outras sciencias, no caso presente, physiologia e biologia.



A essa preocupação respondia a definição que propunhamos em 1912 na primeira edição do «Compendio de Psychologia»: *Sciencia dos phenomenos de relação especialmente considerados sob seu aspecto consciente.*

Assim ficam excluídas claramente do dominio da psychologia os phenomenos da reprodução e da nutrição, incumbente, á biologia e a physiologia, e fica indicado o ponto de vista formal sob o qual são examinados, não exclusiva mas especialmente, os phenomenos de relação.

A uma tendencia identica responde certamente a definição escolhida por Georges Bohn: «*La psychologie est la science du systeme nerveux*» mas tem o defeito de não eliminar as funções do systema nervoso do grande sympathico e excluir os phenomenos de relação dos seres unicellulares. A que escolhemos ainda agora nos parece melhor caracterizar o dominio a que a psychologia estende seu imperio.

Não collic, a nosso vêr, o que pretende Ingenieros, isto é, que por esta delimitação fica a psychologia transformada «*en la ciencia de lo insignificante.*»

As obras fecundas de Ribot, de Bechterew, de Munsterberg de Biervliet e de tantos outros autores que poderíamos citar, se fosse nosso intuito alardear vã crudição, provam quanto ha de exagerado nesse juizo summario do psychologo-biologo-metaphysico argentino.

As obras de Kostyleff, sobre a «*Crise de la Psychologie experimentale*», e a mais antiga de Foucault «*La Psychophysique*» não podem servir de esteio á sua «*boutade*» ironica. Só um ramo da psychologia foi objecto das criticas aliás justificadas desses dois autores.

Além de incluir numerosas questões de pura biologia e sociologia na sua açambarcadora psychologia, Ingenieros lhe subordina por completo sociologia, logica e moral, cujos direitos á independencia são innegaveis.

Nos estreitos limites de um artigo de revista não nos é possivel fazer valer esses direitos.

Quanto ao sabor metaphysico dado por Ingenieros á sua



psychologia pretendemos voltar ao assumpto em outro trabalho sob o titulo «Conceito da metaphysica em R. de Farias Brito e Ingenieros. Philosopho brasileiro versus philosopho argentino.»

HENRIQUE GEENEN.

(Continúa).





PAIZ DE OURO E ESMERALDA (1)

VI

D'ahi a instante estavam todos na espaçosa sala, maravilhosamente illuminada por grande e rico candelabro guarnecido de lampadas electricas. Era sumptuoso o mobiliario, e todo o conjuncto revelava, se não gosto muito apurado, ao menos conforto e mesmo fausto.

Sentaram-se. Maria Luiza ficou como que casualmente ao lado de Angelo.

Strauss dirigiu-se para a mesa, a um angulo, onde se amontoavam os ultimos jornaes e revistas. Era um velho habito. Todas as vezes que ia a casa do coronel e não o encontrava, como sempre fôra inimigo de praticar futilidades, que para elle o eram sobretudo as conversações de salão, ia-se para um canto a lêr Deus sabe o quê. Folheava infatigavelmente as gazetas, e não parece absolutamente inverosimil supôr que seu apparente interesse não passava de disfarce ou industria para mais socegadamente metaphysicar de si para comsigo. O certo é que ontão seria difficil arrancar-lhe uma só palavra. Lá ficava como si não estivera em sociedade. Chegavam por isso a esquecer-se de sua presença, que só se denunciava de vez em quando pelo ruido do dobrar ou desdobrar das folhas.

Viriato por sua vez era sobrio de palavras, como de ges-

(1) Vide numerós de Dezembro a Março.



tos. Conservava-se mudo a ouvir o que se fallava, permittindo-se apenas intervir lá uma ou outra vez para rectificar uma expressão que acertasse de sahir ao avesso de tudo o que no mesmo genero mandavam os indefectivos classicos portuguezes.

Julia e Beatriz sorriam para o professor, sem acharem que dizer. Aquella, bastante estrabica, era de um pallido doentio. Preoccupava-se muito com as ultimas modas e gostava de dar-se ares de grande senhora, embora não atinasse ao certo com o em que consistia ser grande senhora. Tal inclinação fazia-a mudar de attitudes com espantosa volubilidade. A's vezes estudava em mostrar-se glacial, lançando olhares de alto aos que se lhe approximavam. Outras, porém, era toda extremos de brandura e affabilidade. Já Beatriz era uma como reprodução em ponto pequeno de Maria Luiza, apenas mais folgazã, attenta a traquinice e estouvamento peculiares á sua idade.

As duas sorriam para o professor, como que convidando-o a dizer alguma cousa,

—Tá, tá, creanças— disse elle sem perder a gravidade. Alegrar, alegrar, minhas filhas...

Todos riram cordialmente, excepto Strauss, que lá estava em sua faina de correr, uma a uma, as folhas e revistas.

Angelo e Maria Luiza pareciam ambos perturbados. Trocavam palavras banaes sobre o tempo, o clima de S. Paulo, os serões musicaes do salão High Life... A proposito contou elle que havia recebido convite para fazer um discurso, num dos intervallos do proximo concerto promovido pela Sociedade Nacionalisadora.

—E o senhor vae fallar? perguntou a moça com visivel interesse.

—Nem por sombra tive a idéa de acceder ao pedido. Tenho horror a taes exhibições, dona Maria Luiza. Nunca me senti com vocação para orador.

—Pois eu acho que devia acceitar o convite, contraveio ella sorrindo encantadoramente. Pretendemos ir a essa reunião... E gostaria muito de ouvi-lo.

Angelo estremeceu. Aquelle modo de fallar soava-lhe a



DESENHO DE ZIMMERMANN

Caido no fojo



DESENHO DE ZIMMERMANN

Pouso ao relento

uma quasi confissão de amor. Deliberou-se a aproveitar a occasião para esclarecer bem a sua situação.

— Apezar de meu horror a fazer discursos, asseguro-lhe dona Maria Luiza, que não ha sacrificio a que não me sujeitasse a fim de ser-lhe agradável, afoitou-se a dizer, assustado já de haver ousado tanto.

Ella pareceu desconcertar-se. Mas foi obra de um relampago. Sorriu maviosamente:

— Não creio que isso seja um sacrificio para o senhor. Seu talento lhe tornaria facil a tarefa e, estou certa, lhe faria obter um grande triumpho.

Angelo agradeceu enrubescido a gentileza do cumprimento. Mas permaneceu em duvida acerca do que o absorvia inteiramente naquelle momento, isto é, — saber se era ou não correspondido em seu vehementissimo amor.

— Conte-nos uma historia, professor, — dizia a Viriato a irrequieta Beatriz. Gostava tanto de ouvir uma historia daquellas que o senhor nos contou uma vez, lembra-se?

— Doidinha! interveio Maria Luiza maternalmente. Era só o que faltava... Olhe, professor, essa menina está ficando muito desassisada.

— Vive Deus, que certo lh'as contára, se as soubera, minha filha... Mas nem tudo lembra... E' dos velhos serem mingoados de memoria...

VII

Neste momento assomou á porta a figura espavorida da criada Joánninha:

— Ahi vêm dona Felicidade e o snr. Rochinha.

— Oh! O Rochinha! O primo Rochinha! exclamou Julia com alegria.

— A avozinha! gritou Beatriz, levantando-se de um pulo.

— Dão-me licença um instante?—disse Maria Luiza erguendo-se para ir recebê-los.

E foram até a porta ao encontro das visitas.

Momentos após entravam na sala os recém-chegados. Dona Felicidade era avó materna das meninas, bem como do Rochinha. Vinha tropega e sumida de vellice. Maria Luiza

apressara-se em amparal-a, ajudando-a a sentar-se numa cadeira baixa, que lhe era reservada. Já ladeado de Julia e Beatriz surgiu o Rochinha todo sorrisos e mesuras, no que aliás não seria difficil descobrir uns longes de desdenhoso tom de protecção.

Seguiram-se as apresentações. Viriato, Strauss e Angelo já conheciam a dona Felicidade. Rochinha, porém, o fallado e quasi fabuloso Rochinha, era a primeira vez que o viam, pois havia longos annos que o elegante joven não se dignava de vir á patria.

— E' *bizarro* esse homem, murmurou o janota, observando o doutor Strauss, que, após os cumprimentos, tornára a mezinha dos jornaes.

— E' realmente excentrico, concordou Maria Luiza, a meia voz, inclinando-se para o primo. Mas é um medico admiravel. Salvou a vida a papae...

Angelo experimentou logo, ante tal intimidade, invencivel horror áquelle calamistrado pelintra, que lhe cahia como uma maldição vinda de Paris expressamente para lançar abaixo todos os seus deliciosos sonhos de felicidade.

— Minha cara prima, disse Rochinha a Maria Luiza, tem hoje um melhor «ar de saude» do que ha dias quando vim cumprimental-as logo depois de minha chegada. Permitta-me «de» dizer que as primas em Paris “fariam successo”. E' um typo de mulher muito admirado “lá baixo” esse de *fausse maigre*...

O moço fallava com sotaque accentuadamente francez, pronunciando gutturalmente os rr das palavras.

O professor Viriato olhou-o a principio com espanto. Depois tomou o partido de guardar o mais absoluto silencio, descarregando nos movimentos gyratorios que imprimia á grossa bengala a colera surda de que se achava possuido.

Angelo não menos horrorisado ficára, não com a linguagem do Rochinha, mas sim com a desoladora revelação que se lhe fazia de que “o primo” já lá estivera, poucos dias antes, em companhia de Maria Luiza, a quem certo galanteava, tanto assim que todo aquelle aranzel de cumprimentos ia

evidentemente endereçado mais a ella do que ás outras.

— Primo Rochinha, acudiu vivamente Julia com visivel desejo de chamar para si a attenção do moço, é verdade que em Paris as senhoras estão usando...

— ...jupe culotte? Sim, linda prininha. Houve muitas damas elegantes que se deram por *mot d'ordre* de acostumar o publico com a nova moda...

Aqui Viriato levantou-se com um impeto de que na sua idade não parecia capaz e, como quem tem imperioso dever a cumprir, solenne, erecto, á semelhança de um cedro batido de raios, temeroso em sua magestade de representante de todo um passado ultrajado, vilipendiado e cuspidado no rosto, atravessou a sala e postou-se em face do Rochinha, que o olhava surpreso e espantado. Respirou fortemente, como para colher forças e alento de fallar e sahiu com esta pergunta:

— Póde o senhorito reduzir a escripto o que acaba de dizer?

— Para que? inquiriu o "parisiense" cada vez mais assombrado.

— A fim de o trasladar em vernaculo, respondeu laconica e duramente o professor.

— Mas em que lingua então estou fallando, se me faz favor...

— Em nenhuma, rebateu gravemente o ancião. Está fallando enxacôco. Lembre-se vossa senhoria que grande longueza de tempo passada fóra do logar de sua hora e criação, e mixturada com varios generos de linguas e costumes, é assaz sufficiente não tão sómente a homem ser barbaro em sua lingua, mas ainda a de todo a esquecer...

Houve neste passo enorme desejo de rir, por parte das meninas, como de Angelo e do proprio Rochinha, tão comica se lhes afigurou a indignação do intransigente purista. Triumphou, porém, o respeito ás cans do professor.

— Elle tem razão, meu filho, disse dona Felicidade. No meu tempo não se ouvia fallar em tanta novidade -exquisita. O mundo está ficando perdido...

Essa reflexão da velhinha veio desfazer o geral constrangimento, espalhando um sorriso pela sala.

O moço teve palavras amáveis e carinhosas para aplacar a ira santa de Viriato, que, momentos depois, se despedia, já abrandado e desculpando-se de não poder aguardar o coronel, a quem enviava saúde.

— Ainda é cedo, professor, insistiam as meninas. Espere um pouco, que papae não deve tardar.

— Muito me obrigam, minhas filhas... Rendo-lhes graças... Mas preciso estar de tornada ainda pelo serão...

A verdade é que o professor tinha urgente necessidade de defender o seu systema circulatorio das terriveis arremetidas philologicas do Rochinha.

VIII

Mal que sahio Viriato, Beatriz virou-se para o italiano:

— Senhor Angelo, porque é que o professor chamou o primo Rochinha de enxacôco? Que é o que quer dizer "enxacôco?"

Riram-se todcs.

— Aposto que não ha aqui ninguem que possa responder á questão da priminha, se não é um bom velho dicionario...

— Eu vou buscar o dicionario, offereceu-se Beatriz. E sahio correndo. Houve commentarios e conjecturas. Ninguem de facto sabia o que fosse enxacôco.

Suspendamos o juizo... propôz o Rochinha maliciosamente. Antes de declarar a fallencia completa do nosso saber, deviamos consultar o profundo sabio allemão que preferiu á nossa companhia o prazer archeologico de lér todos jornaes atrazados que as caras primas amontoaram sobre aquella mesa...

Isto foi dito a meia voz, de modo a não ser ouvido de Strauss, o qual aliás parecia tão absorvido na leitura, que não teria percebido cousa alguma, ainda que houvessem gritado o seu nome.

Tão depressa teve essa idéa, lá se foi o Rochinha em direitura ao doutor, atravessando a sala, antes que ninguem pudesse proferir palavra.

— O senhiór pôde fazer o obsequio de explicar-me o que significa a palavra portugueza "enxacôco"?



Foi preciso repetir o pedido diversas vezes para que Stranss desse pelo que lhe queria o joven. Alçou então a cabeça espaçosa e, acariciando a barbica loira bipartida, meditou instantes :

— Enxacôco, côco... kokkos é palavra grega muito em uso depois do desenvolvimento da microbiologia. E' destinada a indicar a fórma globular de certos micro-organismos... Segue a segnda declinação : kokkos, kokke, kokkou, kokko, kokkon...

Creio que não é necessario ir tão longe, caro doutor... Desejo sómente saber o sentido da palavra.

O tudesco deitou-lhe lentamente os raios azues de seu olhar e advertiu :

— Mas para explicar satisfactoriamente uma arestazinha, meu senhor, é ás vezes necessario desmontar o universo inteiro... E' esta uma grande verdade... Tudo se liga no mundo. A direcção que um dado momento leva um grão de poeira depende da economia de toda a natureza, do movimento dos outros mais afastados de nós...

Nisto rompeu pela sala a travessa Beatriz, sobraçando um jôgo de grossos volumes. Era o dictionario.

— Muito grato, doutor, pelo precioso *renseignement*, disse Rochinha, affectando sisudeza.

E foi ao encontro da menina, deixando já remergulhado em seus jornaes o excentrico pensador.

— Que é o que estava dizendo o doutor? interrogou curiosa Beatriz, que alcançára as ultimas palavras.

— Estava dizendo que ha no mundo côco, cuco, coq, coquette, coquine... respondeu-lhe Rochinha, recebendo, a rir, os compendiosos volumes do lexicon portuguez.

Angelo, Maria Luiza e Julia não se puderam furtar á como epidemia de riso que se irradiava de Beatriz e do primo. Este, em perdendo um ponco a preocupação de galear e luzir, tornava-se encantador. Parecia outro. Insinuava-se. Ganhava sympathias. O proprio Angelo ia involuntariamente reformando a primeira impressão.

— Vejamos o dictionario.



Rochinha poz os livros sobre a mesa do centro e procurou: en... en... enxáca... Ah! Está aqui: "Enxacôco"... E leu: "O que falla mal uma lingua estrangeira, mixturando-lhe palavras da sua. Fallar enxacôco: fallar mal mixturando uma lingua com outra... Termo antiquado."

Levantou o busto delicado e disse rindo para Angelo:

— E' *èpatant*, meu caro senhor, o tal professor! Onde foram minhas primas descobrir essa preciosidade archeologica!

IX

Até que afinal surgiu á porta o coronel Vieira, que chegava do Club Mundial, de que era um dos socios e aonde costumava ir á noite jogar uma partida com outros não menos notaveis representantes das altas finanças de S. Paulo.

Sua figura dava logo impressão de que a gente se achava em presença de um homem tenaz, seguro de si, habituado a mandar e a ser obedecido sem replica. De mediana estatura, cheio de corpo, barba cuidadosamente escanhoada, cabellos grisalhos e rosto tostado, o coronel parecia um bandeirante redivivo, bandeirante sem abusões, energico, pratico, violento, de volta de uma arremettida feliz pelos sertões, de um commettimento levado a termo com pulso firme e coroadado do exito previsto e intelligentemente procurado. Tal era o pae das galantes meninas da rua das Palmeiras.

Entrando, cumprimentou as visitas, dirigindo a cada pessoa breves perguntas de polidez. Depois fez signal que ficassem á vontade e convidou o medico a ir com elle para o escriptorio, que desejava fallar-lhe.

Era o fraco do coronel. Depois de um ataque de *angina pectoris* de que salvára, segundo cria piamente, a pericia de Strauss, julgava padecer de molestias mais ou menos imaginarias do figado e do estomago, sem tomar ao serio a só e grave molestia que tinha — uma lesão cardiaca. Quando o allemão lhe fazia prescrições, dando-lhe a entender que devia evitar cansaços, exercicios violentos, etc., atalhava rindo e batendo com a mão espalmada no peito forte e amplo:

— D'aqui nada receio, doutor. O que me faz mal é

justamente esta vida sedentaria. Pudesse ir ás fazendas dirigir eu mesmo as colheitas de café, e afaço-lhe que não precisava mais de seus serviços profissionaes.

O sabio facultativo calava-se e fazia uma nova combinação de medicamentos anodynos.

J. A. NOGUEIRA.





VERSOS

MELANCOLIA

*Caliginosa noite;
Bate-me á porta
Do coração
O torturante açoite
De uma dorida
Recordação
De historia morta
Da minha vida.
Encarna a pena
E a commovida
Saudade atroz
De extinto amor.
Visão de graça,
Nos ares passa,
Corta-as, veloz,
Mas deixa, após,
O tédio e a dor.
Como é suave,
No seu voejar!
Tem a levesa
Subtil, de uma ave,
Que a chilrear
O ninho tece,
No lindo galho
De uma arvore robusta,
Quando amanhece.*

* * *

*Para o amor forte e feliz,
Sorri a natureza
E nada custa
Perpetuar
A obra da belleza
Porque elle o orvalho gera,
A leiva santifica,
A semente modesta
Faz, rápida, brotar ;
E ás proprias coisas vis
Um ar divino empresta
De eterna primavera,
Que as ennobrece e purifica.
Descendo aos filamentos da raiz,
Para expansão do verde vegetal,
Coisas lindas resume
Na simples folha, no perfume,
No encanto especial
Que, ás vezes, tem a flor e o fructo summarento ;
Uma extasia o olhar,
O outro desaltera o sedento.
Elle, o divino amor,
Irmão da morte, irmão da dor,
Faz da vida a lei suprema
Na antithese, que é o poema,
Do seu perpetuo evolver ;
Na benção dos ramos se condensa,
E a nascer,
E a crescer,
Enche de aromas a floresta,
Na transformação intensa,
Nos trabalhos fecundos,
Da eterna criação,
De onde surgiram soes
E onde palpítam mundos !
Suprema gloria é esta ;
Tudo mais é illusão !*

* * *

*Para o amor infeliz,
Que chora ou se maldiz,
Não fulgirão jamais os arreboes ;
Seccam ae fontes ;
Cala-se a voz do passarinho ;
Onde era o pomar, surge o areial,*

*Estéril e maninho,
 E os montes,
 Calcinados de sol,
 Emparedam na dor
 O grande desgraçado,
 O desditoso amor.
 Fina-se o ideal,
 E o carinho,
 Sem norte,
 Deixa esse rincão da morte,
 Onde, de cálix rubro e ensanguentado,
 Uma só flor fulgura :
 — O peccado !
 Um só fructo medra :
 — O odio !
 Triste região, paiz da desventura !
 Ali, em cada pedra,
 Dos amantes traídos,
 Pode-se ler o tragico episodio.*

* * *

*Entre gemidos,
 Minha alma atravessou a senda ingloria
 Mas, amparada á prece,
 Poude cantar victoria.*

* * *

*Parece
 Que dos enleios na corrente,
 A voar, docemente,
 Ave real, vieste
 Buscar, no coração de quem te amava,
 O tranquillo agasalho,
 Que foi teu e não quiseste !
 Mas já não podes transmudar em lava
 A neve que ali jaz !
 Regressa, pois, em paz
 A' tua estancia !
 Flor... perdeste a fragrancia !
 Ave... manchaste as pennas !
 Emnudeceu o canto
 Que me alegrava, nas manhãs serenas
 E em noites de luar,
 Era,
 Vinda,*

*Lá da azúlea esphera,
Uma estrella, a cantar
Linda
Serenata de luz. Ouvia-a, ao longe, o mar.*

* * *

*Rolou por terra tudo ;
Eil-o quebrado o encanto !
Silencio, ó coração !
Podes cessar, meu pranto !*

* * *

*O passado não volta
Nem mesmo tendo a escolta
Dos magos ideaes da mocidade.
O labio da saudade
Oscula a minha fronte,
Mas se conserva mudo.
Procura outro horizonte !
Bates, agora, em vão ;
Trago, a sete chaves immortaes,
Trancado o coração,
Que as tuas ironias,
Cruéis e frias,
Felinas,
Em gargalhadas argentinas,
Crestaram, dentro em mim, a flor das alegrias!
Vê bem,
Que alguém,
Ali, a fórma affecta
Do Corvo do poeta,
E grasna e solta o temeroso grito,
Que vai dos céus ás plagas infernaes,
Repercutindo, afflicto:
— Nunca mais ! Nunca mais ! Nunca mais !*

CARVALHO ARANHA.



CINCO ANOS NO NORTE DO BRASIL (1)

NOTAS À MARGEM DO RELATORIO
DO DR. NEIVA SOBRE O NORTE.

Navegação dos rios Parnahyba e Itapicurú.

Dois são os portos de mar que dão entrada no rio Parnahybá ás embarcações. O mais importante é o de Tutóya. Este porto tem sido, e ainda é, o pomo da discordia entre o Piauhy e o Maranhão.

O rio Parnahyba desemboca no Oceano ramificado em varios canaes — *igarapês*, todos mais ou menos do mesmo tamanho, de sorte que se torna um pouco difficil distinguir qual seja, de facto, o corpo do rio. Estudos feitos pelo notavel engenheiro dr. Dodt, têm como conclusão que o porto pertence ao Maranhão. Eu não posso emittir uma opinião propria porque sempre passei por essa zona a bordo de um vapor e como já disse não é coisa muito facil verificar com exactidão a qual dos dois Estados pertence o alvéolo.

O segundo porto é o de Amarração. Neste entram os pequenos vapores costeiros, inclusive os do Lloyd, do typo do «Iris». A Amarração fica a 18 kilometros de Parnahyba, onde está a Alfandega de Piauhy e a Capitania do Porto.

A cidade de Parnahyba está situada á margem de um braço do rio Parnahyba o qual se vai lançar ao Oceano em Amarração. Este braço do Parnahyba chama-se Igarassúe, geralmente, nos inappas, vem com o nome de «rio Igarasui», quando, de facto não passa de um igarapé grande que se destaca da margem do rio.

Termina-se actualnente a construcção de uma estrada de ferro que ligará Amarração a Parnahyba. São os primeiros 18 kilometros de trilhos assentados em sólo pianhyense. Já se não pôde dizer que o Piauhy «não tem um palmo de estrada de ferro».

Quem desembarca em Tutóya, passa, em plena bahia, do Lloyd para uma «gaiola», pequeno vapor fluvial que o levará em verdade para a villa de Tutóya. Esta villa está assentada sobre um terreno extremamente arenoso e baldio. Todavia, os quintaes são bem arborizados de

(1) Vide os numeros de Janeiro a Março.

preferencia com «coeos de praia», ou da Bahia, *Coeus nueifera* como é conhecido no sul.

Não posso olvidar a impressão que tive ali, uma vez que pernoitei a bordo da «gaiola», aportado: eram 11 horas e eu não podia dormir. A família, os amigos, São Paulo, pedaços interessantes da vida vinham-me á mente e como uma criança com a boca cheia de saliva delue um bom-bom azedinho, ou, com os olhos um pouco humedecidos saboreava as saudades. Levantei um pouco a cabeça da rede, e vi toda a villa coberta pela luz da lua. As dunas de areia alva, os arvoredos, casinhas aqui e acolá, davam-lhe o aspecto de um cemiterio. Um poeta, com certeza, teria feito uma linda poesia...

De Tutoya a Parnahyba gastam-se, a bordo do uma «gaiola», 12 horas. Este trecho é bellissimo: os numerosos igarapês, circundando os deltas, parecem allas de um grande parque, cujos canteiros, cobertos de «mangue» que é uma vegetação quasi uniforme, são aproveitados, alguns para cultura de arroz, outros para salinas, dando vida á paisagem. Lindos guarás encarnados, percorrem as vasantes, á procura dos crustaceos de que se alimentam. A tarde, lá pelas seis horas, em enormes bandos, os guarás, vermelhos como carmin, passam voando e se internam nas mattas do continente.

Descendo o Itapicurú, ao passar entre os deltas do rio, vi numerosos bandos de guarás em demanda do continente. Era um liudo espectáculo. Um engenheiro norte americano que estava ao meu lado, a cada bando que passava, exclamava, batendo com a mão direita fechada na esquerda espalmada: «oh! bilhões». Como os bandos não constassem de mais de cem passaros, eu olhava para o norte americano, espantado pela sua prodigalidade, e pensava com os meus botões: este bom homem, será também capaz de dizer, lá na sua terra, que aqui as obras são os cipós que ha no matto, e «outras coisas mas».

Quando, mais tarde, travei conhecimento com um distincto engenheiro militar yankee, depois de fallarmos sobre alguns patricios seus que tinham visitado o Brasil, elle me perguntou:

— Conhece Mr. K?

Respondi-lhe affirmativamente.

— Este senhor, acrescentou, lá nos Estados Unidos me informou de que no Piahy ha 26 annos que não chovia o que, ao atravessar um pequeno rio do interior do Estado, um animal da sua montaria foi devorado pelas piranhas, que somente deixaram a parte que ia fora d'agua!

Não errara no meu diagnostico.

De Parnahyba, depois de passar para outra «gaiola», desce-se o Igarassú e entra-se no rio Parnahyba após um percurso de 4 a 5 kilometros, quando começa o vaporsinho a navegar, rio acima, até Therezina.

Si o rio «está com agua» e tudo marchar ás mil maravilhas, em 5 dias avista-se a «Chapada de Corisco». Com o rio cheio, os vapores maiores têm feito a viagem em menor tempo. Mas isso é uma rara excepção.

Subindo, o vapor viaja dia e noite. A' noite os homens ficam no tombadilho, onde armam as suas redes. As senhoras pernoitam num «camarim» grande situado em baixo, onde estão as machinas, justamente a parte mais quente do navio. Durante o dia a viagem é divertida: á medida que o vapor vai avançando a paisagem muda, offerecendo novos scenarios á vista curiosa dos viajantes.

Quando se deixa o «Igarassú», são os grandes carnalubaes que empolgam o sentido de quem não esteja affeito á contemplação destas terras. Mais tarde apparecem as palmeiras «babassú», ou «de macaco», como são mais conhecidas no Piahy. As noites para quem não está acostumado ás coisas do Norte, não são muito agradaveis a bordo das «gaiolas». Antes de tudo, o sulista não sabe ajeitar-se na rede; vira de um lado, vira de outro, põe a cabeça onde estavam os pés, abaixa um pouco mais a rede, suspende-a de novo, e de repente, quando menos o espera, um punho da rede mal amarrado se desata, e lá dá o nosso sulista com as costas no assoalho. O pessoal todo ri. Isto dura até que um dos companheiros de viagem, nortista, sempre muito gentil, vae e pede licença para arranjar a rede:

— Moço, a rede não deve ser nem muito alta, como para quem vai esperar veado, não tão baixa que encoste no chão. O senhor deite-se, agora de atravessado, que o corpo mesmo abre a rede; bote um travesseiro debaixo do pescoço, ou em falta deste um lençol, e verá que no fim dá certo...

Quando se vai passando pelo sonno, o navio encalha num banco de areia. Não ha perigo, mas o barulho que a maruja faz é tal, durante o serviço que não ha christão que consiga pregar os olhos, christão cá do sul, bem entendido, porque os do Norte já estão bem acostumados a tudo isso. Como não ha bem que sempre dure nem mal que se não acabe, a gente termina por se amoldar á nova situação: e, apesar de tudo e de todos depois de algumas noites em claro, dorme-se.

Em Theresina baldea-se para outro vapor do mesmo tamanho, que vai até Floriano. Dali até Sta. Filomena, ponto terminal da navegação, os vapores são menores. Para supprir a falta de commodidade o passageiro conta sempre com a gentileza dos commandantes, que se esforcam no sentido de bem servir e agradar a todos.

Entre Theresina e Amarante, na margem esquerda do Parnalyba, do lado do Maranhão, ergue-se o «morro de Arara», exquesito pelo lado que se espelha no rio. Cortado á prumo, despovoado de matto, mostra as diversas camadas de arenito.

O «Morro da Arara», dá lugar a uma interessante festinha a bordo, que deixa saudades a todos os que por lá têm passado. O passageiro que pela primeira vez dobra o «Morro da Arara» tem que pagar uma «cervejada», na occasião de jantar. O commandante, por sua vez, manda matar um perú, que é preparado como só no Piahy e Maranhão tenho visto, e outras iguarias mais. Nesse dia vêm todos á mesa envergando a bôa fatiota, sem luxo, já se vê, e o commandante, depois

de um breve discurso, confere um diploma ao neophyto, que o isenta de futuras «marchações». Neste momento a bandeira brasileira se desenrola sobre a cabeça dos que estão sentados na meza, e começa o ataque ao perú, no meio da maior cordialidade, como si se estivesse no meio da familia distante.

O commandante do vapor «João de Castro», Sr. Francisco Guimarães, muito methodico, tem um archivo onde se registram todos os nomes dos «diplomados», assim como a data da passagem pelo «Morro da Arara».

Em Dezembro de 1913, «fui diplomado» no referido vapor; e, em Julho de 1918, tive occasião de ver o meu registro no camarote do commandante.

FRANCISCO IGLESIAS.





UM ALBUM DE ELISA LYNCH (1)

XIII

Na opinião de Masterman ainda foi graças a Elisa que Lopez commetteu o erro gravissimo de arrastar a Argentina á guerra, occupando Corrientes. E isto porque nesta cidade se publicava um jornal em que frequentemente a insultavam. Nutria ella a esperança de capturar o apodador, a quem tinha «mortal odio».

Assim «a ambiciosa mulher destituída de escrupulos de quem fizera Lopez a sua maxima confidente veio a ser a sua inimiga capital pois os desastrados conselhos lhe inspiraram o desejo da gloria militar, que se converteu na paixão dominante da sua vida quando poderia, quando muito, ter sido passageira veneta».

Acerca da desmarcada cupidez da cortezã e dos processos de aquisição de propriedades pela tribu dos Lopez relata o autor inglez curiosas historias. Por exemplo: pretende que certo paraguayeo velho, chamado Pereira, achando-se um dia urgido de dinheiro offerecen — e por baixo preço — vender uma boa casa que possuia na Calle del Sol, uma das melhores ruas de Assumpção, a Madame Lynch. Immediatamente accetou ella a offerta passando escriptura de compra, sem entregar, porém, o dinheiro que o vendedor não ousou reclamar. Tranquillisou-o logo depois dizendo-lhe que reclamasse a somma de Caminos, o secretario do Presidente, habilitado que estava este a satisfazer-lhe o debito. Indo Ferreira ter com Caminos este mandou-o ás favas declarando que jamais ouvira falar de tal negocio. Cahiu o pobre diabo na miseria e durante a guerra veio a morrer de fome. Relatando o accidente declara Masterman que o processo estava muito ao sabor dos Lopez, desde muito, desde o velho Carlos Antonio: e a tal proposito narra uma extorsão, indigna e avultada, por esta praticada em relação a certo Recalde, capitalista de Assumpção.

Conta ainda o medico britannico que em certa occasião entregou o padre que guardava o sanctuario de Caacupé todas as joias e alfaias, valiosas, da igreja, a Elisa Lynch que para tal fim lhe apresentara uma ordem do amasio.

(1) Vide os numeros de Dezembro a Março.



Inundação

DESENHO DE ZIMMERMANN



DESENHO DE ZIMMERMANN

Mãe d' Agua

Não havia o que saciasse a cobiça de Lopez e Lynch, avança o cirurgião inglez. Com a guerra foram os vencimentos do tyranno elevados a 60.000 dollars annuaes, e, logo após o inicio das hostilidades, inventou «a Ingleza» pedir às mulheres paraguayas que offerecessem um decimo do valor de suas joias ao erario nacional, isto é, á caixa do dictador. Já antes, umas celebres subscrições para a estatua de Lopez I, para uma espada de ouro, incrustada de pedrarias, destinada a Lopez II haviam rendido dezenas de milhares de dollars de cujo paradeiro ninguem jamais ousara indagar.

Assim tambem quanto ás projectadas coroa e gorra triumphal de ouro e brilhantes, offertas do bello sexo paraguayo ao Marechal Presidente e para as quaes em toda a Republica as infelizes mulheres se haviam despojado de suas joias.

A estas extorsões presidira uma commissão composta de Carmen Palacios, a digna irmã do bispo tristemente celebre, que em Corumbá tanto se locupleou com os despojos brasileiros, Innocencia Barrios, irmã do tyranno, e Josefa Carrillo, sua prima. Incalculavel o numero de adereços então arrecadados, perolas e pedras preciosas em profusão extraordinaria, dizem-no todos os autores. De tudo isto ninguem se atreveu a saber o destino.

A prataria antiga e massiça das igrejas paraguayas, essa, «por segurança» fizera Lopez recolher á estancia de sua mãe em Itacurnby «em cuja casa estavam accumulados numerosos thesouros pertencentes aos despojos de todas as igrejas do Paraguay» relata o *Diario do Exercito*, em data de 7 de agosto de 1869, ao noticiar o apresamento desses valores consideraveis.

Apaixorada do conforto como sabem sel-o os de sua raça e civilização, inspirara Elisa ao amasio a ideia da construcção de uma casa de campo, cujo local soube, com admiravel intuição esthetica, escolher em Patiño Cuê, nas vizinhanças de San Bernardino e daquelle formosissimo lago de Ipacaray, em torno do qual abundam as mais encantadoras paizagens. E assim, contrastando com a rusticidade o singeleza das haciendas dos seus mais ricos subditos, erguia-se a villa com que Lopez II brindara a sua querida.

No dizer do *Diario do Exercito* era digno de real nota o conjuncto das construcções da chacara de Patiño Cuê, onde longe do bochorão da Assumpção vinha a familia presidencial villegiaturar em liberdade.

«Em Patiño-cuê, achava-se em construcção a casa de campo de Madame Lynch, conta o Visconde de Taunay, redactor do *Diario*, nas notas relativas a 23 de maio de 1869. Era um bonito edificio couposto de dous espaçosos pavimentos, ambos ornados de ostentosa columnata, cujas intercolumnas deviam receber grades de ferro fundido e, o que mais realce e valor lhe dava, rodeado de magnifico pomar onde não só se encarreiravam centenas de lorangeiras e limoeiros mas tambem se viam os principaes typos da pomologia européa, taes como macieiras,



damasqueiros, pereiras, etc. Não é só esta notavel habitação que dá belleza á localidade: a estação da estrada de ferro é bem contruida como todas as outras e sobretudo muito elegante».

Assim, apesar dos desastres successivos da campanha, das angustias inexprimiveis, dos soffrimentos sem conta da misera nação paraguaya proseguia a grande construcção de Patiño Cué, regio brindo do Marochal Presidente á sua amada. Não chegaria ella a desfructal-o. Fugida de Assumpção occupada nos primeiros dias de 1869 pelos alliados, não tardaria a saber — provavelmente com que furor! — que a sua casa rica da cidade se achava convertida em hospital de sangue dos odiados brasileiros. E breve estaria a peregrinar de Perebuy ás margens do Aquidaban, onde seria testemunha ocular do desfecho tragico de 1.º de março...

XIV

Curioso documento oriundo da ex-corteza, durante a guerra, veio ter-me ás mãos, inesperadamente, nina carta intima, datada de 27 de agosto de 1867 e endereçada a Paneho, o primogenito dos oito ou nove filhos que de sua ligação com Lopez, haviam nascido, o Coronel Lopez, como lhe chamavam, o bello e destemido rapaz de vinte annos que ella haveria de ver prostrado pelos nossos lanceiros do General Canara, ao lado do Pae, na rapida sceua de 1.º de março.

Acha-se esta epistola nas collecções do Museu Paulista a que se incorporou com a aquisição do antigo Museu Sertorio.

Absolutamente maternal esta carta da Mamãesinha ao seu querido e amado filho a quem se queixa do laconismo das cartas e a quem ministra conselhos calligraphicos. Dá-lhe noticias dos irmãositos e conta-lhe as gracinhas do caçula. Pede-lhe que entregue os doces que a Vovó remette a Papae, a seu querido filho, — futuro ehibitador e algoz detido pela avançada brasileira, seja dito de passagem — Se houver sobra da guloseima procure distribuil-a entre os generaes, coroneis e capitães do Estado Maior e da casa militar de Papae sem que se esqueça o bravo Alen, commandante da praça de Humaytá. Por seu intermedio manda ainda cinco nil cigarros lindos a distribuir pelo Quartel General em nome da Mamãe, que tambem deseja saber se os creados foram gratificados. Senão, peça dinheiro ao Papae para que o faça. Com a carta vae um pentinho lindo para elle. Finda a carta por uma serie de conselhos para que o fillinho trate bem do pae, procurando evitar-lhe todos os desgostos, e ao mesmo tempo fuja das occasiões perigosas.

Transcrevamos porém a carta e na integra :

E. L.

Asuncion, 27 Aout (sic) 67.

Mi querido y amaño hijo :

Estoy sumamente apurado (sic) pero no quiero que salga este vapor sin agradezerte las cartas que me escribes solo que me quejo de

que son muy cortas, y pon un poco más cuidado en la letra, como algunas veces no puede (sic) leer las palabras.

Me es muy grato avisarte que tus hermanitos estan ya casi buenos, y dirás á Papá que esperamos que Carlitos sanará radicalmente de las hemorroides. — Todos te envian muchisimos recuerdos lo mismo que a Papá á quien piden la bendicion. Leopoldo (1) es muy gracioso cuando echa la bendicion y espero que ya no tardarás en verlos.

Te mando por este vapor cinco tarros de dulce, que Mamá grande quiere que gastes para Papá o para lo que él quiera. Si tiene mucho de sobra, quisiera que enviase un poco al G.ral Barrios y al sr. Obispo y creo que Vera debe tener dulce para enviar un poco a los G.rales Brnguez y Resquin, al coronel Alen, Toledo y Ctes. Nuñez y Roa.

Quiero tambien que Vera te dé cinco o seis mil cigarros lindos para repartir a todos los del Cuartel General en mi nombre y espero que cumplirás bien esta comision.

Descos saber si has dado alguna cosa en mi nombre a todos los sirvientes? Si no lo has hecho, hazlo. Papá tendrá la bondad de darte un poco de dinero para este efecto. Te mando dos estrellas, una para el Mayor Ricarola y la otra para el capitan Medina. Te mando un sombrero para tu uso y las botellas para probar las demas no encuentro.

El pentecito que va en la carta es para Papá. Dile que me lo han regalado y como es muy lindo se lo mando.

Cuide mucho con las provisiones que habrás recibido y repara que nada se gaste de balde.

Don Pancho me apura mucho y concluyo con pesar enviandote mil cariños y recibe la bendicion de tu amorosa

MAMITA.

Cuida mucho á Papá y no te descuides un instante en vigilarle y evitarle todos los disgustos que te será posible precaver.

Espero que pronto volveré otra vez cerca de V. Recuerdos a todos.

XV

Como successor de Washburn mandaram os Estados Unidos ao Paraguay o General Martinho Thomaz Mac Malon, canadense naturalizado americano, nascido em 1838 e formado em direito em 1860.

Fizera o novo ministro rapida carreira. Empregado superior dos correios, na região do Pacifico, fôra algum tempo Commissario dos Indios no Extremo Oeste da Republica. Ao arrebentar a guerra civil, alistara-se como voluntario, servira de ajudante de campo do General Mac Clellan, e distinguira-se sempre pela coragem e intelligencia, a ponto de lhe conferir o Governo da União as patentes de brigadeiro e afinal de major-general de voluntarios. Politico de grande influencia

(1) O ultimo dos filhos de Lopez II.



no Estado de Nova York, enviou-o o Vice-Presidente Johnson ao Paraguay em 1868.

A 3 de dezembro deste anno apresentava-se a Lopez, exactamente quando o dictador se via na imminencia de abandonar a sua capital. Nos ultimos dias do anno davam-se, como se sabe, os combates sangrentos de Loma Valentinas, os ultimos baluartes efficientes do lopismo.

A 23, no mais acceso da batalha esteve o ministro americano nas linhas paraguayas, affrontando bravamente a morte. Confiou-lhe o despota o seu testamento e uns documentos do doação feita á amasia, relata Thompson, e entregou-lhe com mil recommendações o-mais moço dos filhos, Leopoldo, menor de tres annos. Quando Lopez quasi abandonado escapou aos adversarios victoriosos, foi Mac Mahon quem lhe conduziu os filhos a Perebebuy. Deu-lhe enfim todas as provas de amizade. Teria elle chegado dos Estados Unidos já com o espirito preconcebido em rolação aos brasileiros, ou acaso cahiria victima dos enredos da fascinadora Elisa? Certo é que se manteve tão constante na affeição a Lopez quanto como era logico, violentamente infenso ao Brasil e seus alliados.

Foram estes sentimentos que lhe inspiraram as estrophes arroubadas e violentas que, a pedido de Elisa, traçou no seu album, em junho de 1869, em vespéras de abandonar o Paraguay, de regresso á patria, onde talvez esperava poder, com os seus depoimentos, fazer mudar a feição dos acontecimentos inter-nacionais sul-americanos e salvar ainda o throno de seus amigos.

Linda e joven Republica da zona florida,
Rainha de tantos caudaes ! embora teu nome
Tarde se tenha divulgado entre as nações
Já conquistou tua espada immorredoura fama !
Ah ! não guiara a Guerra com sangrenta mão
Teus tão firmes passos a um destino implacavel !
Não sulcassem teus rios inimigas esquadras
Nem destruissem teus lares vandalicas hostes !

Mas como te cobre bem o virgineo peito
Reluzente escudo, e á cabeça resguarda
Emplumado elmo, campos e campos attestam
Os lugares onde dormem as legiões sagradas de teus mortos !
E se é o valor que a paz conquista
E renome alcança o patrio Amor
O sangue que a jorros se escapa de tuas veias deverá estancar-se
Para a Houra vir de louros coroar-te!

Sauda-te nu forasteiro, ó terra formosissima,
E faz votos, enquanto ouve os teus clarins,
E o troar dos canhões, e enquanto vê chammejar
Mil fogos de sentinellas, para que tua nascente estrella

A mais bella do firmamento tropical, possa refulgir
Com o maximo brilho e a mais serena luz
Quando todos os teus inimigos colligados tiverem desistido
De te conquistar em desigual porfia.

Nem é de se extranhar que um peregrino
Que sob os teus ceus viveu em angustiosos dias
E testemunhou o valor de tuas phalanges heroicas,
Combatendo sob os olhos de incomparavel chefe,
To almeje todas as benções enquanto roga a Deus
Para que os teus orphãos, as lagrimas de tuas viuvas
E as afflicções que te pungeu neste momento doloroso
Possam encontrar consolo em epoca que não tarde.

Choraste pela Polonia — todas as nações assim o fizeram
E nada mais ! — ella succumbiu para eterno opprobrio
Daquelles cujas espadas então cobardemente descansavam
Quando por motivos futcis costumavam ser desombainhadas. Teu futuro
Não terá destino mais nobre ? Não o permitta Deus nem vós
Em tal consistaes, vós que com firme coração e valeroso braço,
Escreveis com sangue os decretos do Omnipotente
Que hão de dar liberdade á vossa terra natal !

.
Adens, umbrosos laranjaes do Paraguay,
Ricas florestas dos tropicos, formosa expansão
De floridas planicies onde em perpetuo brincar
As aguas crystallinas de frescos ribeiro rolam !
E vós, ridentes collinas, onde se espadanam as brisas,
Trazendo ora e sopro hibernal dos Andes
Ora a generosa saudação de mares distantes
Ou o gelido bafejo das neves patagonias.

Vós cordilheiras, enjos alterosos picos
As lanças da Liberdade coroaem, e onde retumbam
Os terriveis echos da gnerra enquanto os batalhadores
Juntam ás vigias diarias as nocturnas rondas,
Possa a Paz, voltando ás vossas altitudes, restituir
A frescura e a belleza aos vossos pincaes
Quando o canhão inimigo não mais ouvido fôr
E todo o paiz descansar no seio da abundancia.

Bellas filhas desta terra cujo porte gracioso
Nunca deveriam contemplar profanos olhos,
Com o ardor espartano que em vosso tumido peito se abriga
(Vós que ensinaes a morrer, mestras de negros olhos !...)
(Qual a terra que com taes filhas se entrega ao desespero ?)
Acaso poderão os filhos que criardes, aprender a gerar

Sob o jugo que preparam implacaveis inimigos
Ou jurar obediencia a um throno estrangeiro?

Não ! ao menos esses ! Esses que á luz melancolica
Dos fogos chammejantes dos acampameutos, por asperas serranias,
Rejubilam com o pensar, no albor das batalhas,
Que a colera generosa que lhes entumesce os peitos,
Explodirá contra o triplice inimigo, encerrando
O já tão longo periodo das patrias desgraças
Com um hymno triumphal, como jamais se levantou
Em dia jubilar ou pela voz de um cantico !

Assim possa ser ! antes que aquelle que tristemente deixa
Reluctante, todas as bellezas de teus climas,
Brilhante esmeralda do sumptuoso Meridião ! afflicto
Com o abandonar-te em epoca de tantos perigos,
Tenha voltado a seus lares, sob invernoso firmamento,
Onde os livre-natos amantes da verdadeira liberdade habitam
E contemplan com anciada esperanza e alongados ollhos,
Tua pugna mortal desejanto-te a victoria !

M. T. Mc. Mahon — Junho — 1869

(Continúa)

AFFONSO D'ESCRAGNOLLE TAUNAY





LINGUA VERNACULA

V

«Um assignante da *Revista do Brasil* escreve-me :

«*Civil* e *cível* significam a mesma coisa na gíria forense e nos lexicons (e têm a mesma origem). Entretanto, não se diz *direito cível* nem *causa civil*, mas sim e somente *direito cível* e *causa cível*; juiz da 1.^a vara *cível* e não da 1.^a vara *civil*, etc.

Que explicação dá o Sr. a respeito deste curioso facto de linguagem?»

Confesso francamente que nunca pensei sobre o caso, que é, aliás, muito «curioso» e muito interessante.

Que valor, pois, pode ter a minha «explicação»?

Nenhum ou quasi nenhum!

Aqui a tem, porém, «um assignante da *Revista do Brasil*» :

Civil e *cível* têm de facto a mesma origem: o latim *civillis*. *Cível*, entretanto, só é empregado em jurisprudencia: juiz do *cível*; acção *cível*; ⁽¹⁾ *causa cível*.

Civil, ao contrario, segundo Caldas Aulete ou, melhor, segundo Santos Valente, é um vocabulo «que diz respeito ao cidadão considerado no seu character, condição e relações particulares: Vida *civil*. Sociedade *civil*. Comportamento *civil*. Direitos e obrigações *civis*.»

«Diz-se» — acrescenta o mesmo dicionarista — «por opposição a criminal: Processo *civil*. Acção *civil*. Tribunal *civil*».

Cível, não ha negar, é termo erudito; *civil*, ao contrario, popular.

O povo, portanto, consagrou a forma *civil* nas expressões *codigo civil*, *direito civil*, etc., porque desconhece os termos eruditos, e, talvez, por opposição a criminal ou a commercial; *codigo civil*, *codigo commercial*, *codigo criminal*; *direito civil*, *direito commercial*, *direito criminal*, etc.

«Le peuplo» — diz A. Darmesteter — «est souverain em matiere

(1) Diz-se, ás vezes, «juiz da 1.^a vara *civil*» e «causa *civil*».

de langage: *Populus in sua potestate singuli in illius*, disait Varron, et avant lui Platon: *Le peuple est en matière de langue un très excellent maître.* »

Ao grammatico, é claro, cumpre apenas reconhecer o facto, pois, «la loi du langage» — diz o philologo já citado — «est l'usage».

VI

De uma carta de C. Said, de Araras:

— «Como se deve escrever, — referindo-se a guarnição com mobília — mobilado ou mobiliado?

Em «O Estado» e outros jornaes, principalmente nas suas secções de annuncios, diaria e irritantemente encontramos estas expressões: *Quarto mobilado, casa mobilada*, etc.

E' preciso um correctivo para que taes termos não tomem fóros de direito em o nosso vernaculo, já que o uso faz leis.

Quarto mobilado e *casa mobilada* não são expressões incorrectas, como suppõe C. Said.

Mobilado é o participio passado do verbo *mobilar* (1), que significa «guarnecer com mobília.»

«*Mobilamos* de novo estes quartos» — disse Garrett.

Ao exemplo de Garrett, que transcrevi do *Diccionario Contemporaneo*, ajuntarei mais dois: o primeiro é de Bulhão Pato e o segundo de Julio Dantas.

Ei-los:

«... elle abriu uma porta e achámo-nos n'um pequeno gabinete *mobilado* com elegancia.»

(*Digressões e Novellas*, Lisboa, 1864, p. 291).

«O oiro dos quintosia *mobilar*...»

(*O amor em Portugal no século XVIII*, Porto, 1917, p. 108).

Quarto mobilado, casa mobilada, etc., são portanto, em que peso ao sr. C. Said, expressões vernaculas.

(1) *Mobil*, radical do verbo *mobilar*, é synonymo de *movel*. E *movel* não significa apenas o «que pode mover-se»; significa tambem «traste, peça de mobília».

Eis um exemplo que comprova o meu asserto.

«Era *movel* muito para ver-se, e que ao valor artistico reunia o historico».

(C. de Laet, *Em Minas*, Rio, 1895, p. 88.)

ANTONIO MAURO.



NOTAS DE UM LIVREIRO

I

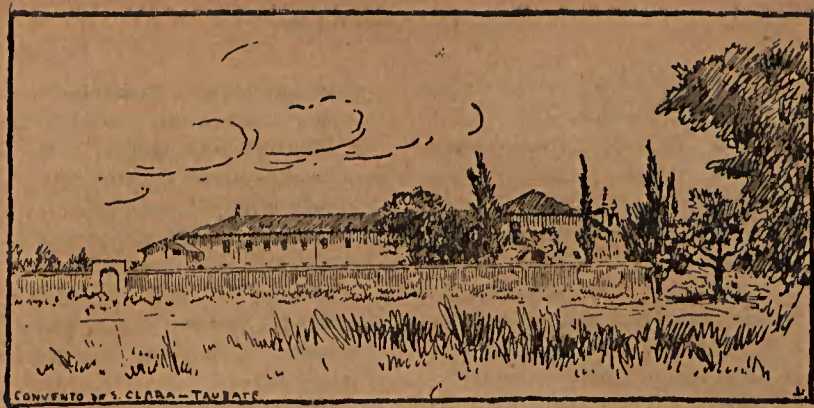
Sobre o Código Civil.

- Projecto do Código Civil Brasileiro, precedido da historia documentada do mesmo e dos anteriores, Rio de Janeiro, typ. do «Jornal do Commercio», in-8.º de 312 pp.
- Pedro de Queiroz, projecto do Código e o divorcio, in-Rev. da Academia Cearense de...
1898. Clovis Bevilacqua. O problema da codificação do Direito Civil Brasileiro, in-Rev. Acad. Fac. de Dir. de Recife, vol. II, 1898. pp. 24.
1899. H. Inglez de Souza. Convem fazer um Código Civil? In-Rev. Bras. t. XVII, pp. 257 — 275.
1900. Amancio do Carvalho. Projecto do Código Civil Brasileiro, in-Rev. da Fac. de Dir. de S. Paulo, 24 — 5 — 900.
1900. Projecto do Código Civil Brasileiro organizado pelo dr. Clovis Bevilacqua. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, in-4.º de LXXVIII-194 pp. Foi feita edição in-8.º.
1900. Ruy Barbosa. Artigos n'«A Imprensa», combatendo o projecto.
1901. Dr. A. H. Rodrigues Torres Neto. Observações sobre o projecto do Código Civil revisto pela Comissão. (Parte geral). Trabalho apresentado ao Instituto da Ordem dos Advogados. Rio de Janeiro. Comp. Typ. do Brasil 1901, in-8.º de 45 pp.
1901. Ministerio da Justiça e Negocios Interiores. Acta dos trabalhos da Comissão Revisora do projecto do Código Civil Brasileiro elaborado pelo dr. Clovis Bevilacqua. (Publicação official), Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, in-8.º de 427 pp.
1902. Projecto do Código Civil Brasileiro. Trabalhos da Camara dos Deputados, Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, in-8.º, 8 vols.



- 1902-1904. Projecto do Codigo Civil Brasileiro. Trabalhos da Commissão Especial do Senado. Imprensa Nacional, in-8.º, 3 vols.
1.º vol. Parecer do senador Ruy Barbosa.
2.º » Replica do » » »
3.º » Pareceres e emendas enviadas á Commissão.
1902. Juvenal Pacheco. O Codigo Civil na Camara dos Deputados. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, in-8.º do IV — 200 pp. e retratos.
1902. Alfredo Valladão. O direito Commercial em face do Codigo Civil. Unificação do direito privado. S. Paulo. Escola Typ. Salesiana, in-8.º de 50 pp.
1904. Projecto do Codigo Civil. Observações sobre as emendas do Sr. Ruy Barbosa com additamentos sobre a «Réplica» pelo dr. José J. de Oliveira Fonseca. Rio de Janeiro, Imprensa Gutemberg, in-8.º de 141 — I de erratas, pp.
1906. Instituto da Ordem dos Advogados. Actas das reuniões da Commissão revisora do projecto do Codigo Civil. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, in-8.º de 6 in-53 pp.
1912. Projecto do Codigo Civil. Trabalho apresentado pela familia do conselheiro José Thomaz Nabuco de Araujo. Com um prefacio do dr. João de Sá e Albuquerque. Editora — Livraria Magalhães. S. Paulo, in-8.º.
1913. Codigo Civil Brasileiro. Emendas do Senado ao projecto da Camara, n. 1 de 1902 com parecer da Commissão Especial, Rio de Janeiro, in-8.º de 929 pp.
1913. Camara dos Deputados. Projecto do Codigo Civil. Discursos pelo deputado Luciano Pereira. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, in-8.º de 84 pp.
1915. Dr. Paulo de Lacerda. O Codigo Civil. (Synthese), in-Jornal do Commercio, de 25 de Dezembro.
1916. Spencer Vampré. O que é o Codigo Civil, in-Rev. Juridica, vol. II, pp. 48 — 59.
1916. Idem. O projecto do Codigo Civil, in-Rev. Juridica, pp. 230 — 241, vol. III.

TANCREDO PAIVA



VOCABULARIO ANALOGICO

Substantivo. O nome de baptismo é por vezes diminutivo — Antonino, Bernardino, Marcellino, o que também acontece aos cognomes — Villela, de villa; Lobato, de lobo; Alvim, de alvo; Pimentel, de pimenta; Varela, de vara; Palmeriim, de palmeira. Com referencia aos nomes proprios, merecem notados os diminutivos irregulares, como Juquinha, Zequinha, Toniquinho, Nequinha, Chiquinho, etc. Ha substantivos compostos formados com diminutivos, como *pintalegrete*, *arreburrinho*, *pisa-mansinho*, *maltrapilho*, mas em geral, os nomes compostos não tem diminutivo synthetico, encontrando-se, no entanto, alguns, conforme estes exemplos: — «Guarda-solinho de seda.» Eça, Casa de Ramires, 74. «Chapellinho de sol.» Alencar, Tronco de Ipê, 14. Ha substantivos, que sem a forma diminutiva exprimem idéa diminutiva: *beco*, rua estreita e curta; *pequira*, cavallo pequeno; *tótó*, cãozi-

nho; *camondongo*, ratinho; *pygmeu*, homem de pequena estatura, *ribeiro*, rio pequeno; *aragem*, vento muito brando; *miniatura*, qualquer cousa em ponto pequeno

Suffixos. A lingua portugueza dispõe dos seguintes suffixos para a formação de diminutivos:

acha, *acho*, — bolacha, riacho, vulgacho, fogacho, covacho, verdacho, poucachinho ou poucochinho;

ata, *ato*, — passeata, ceata, fimçanota, clibato, baleato, labato, *cula*, *culo*, — radícula, animalculo, leonculo, corpusculo;

ebre, — casebre (exemplo unico);

eca, *eco*, — somneca, lojeca, padreca, paixoneca, livresco, fradeco, jernaleco, doutoreco;

eja, *ejo*, — calleja, animalejo, quintalejo, logarejo, papelejo, cassalejo;

el, — cordel, saquitel, fardel, ranelhel;

elha, *elho*, — aselha, cortella,

figurella, rapazelho, artiguelho, figurelho, fidalguelho ;

ella, ello, — viella, columnella, ruella, vellela, portello, columnello, cadello ;

eola, eolo, — drupéola, alvéolo, nucléolo ;

eta, eto, — sineta, vareta, pernetta, lanceta, saleta, caixeta, ilheta, fardeta, Julieta, esboceto, pocmeto, coreto, folheto, verseto ;

ete, — livrete, ramallete, palacete, reizete, barrilete, balançete, fardete ;

éu, — ilhéu, casitén, povoléu, terrén, mastaréu ;

ica, ico, — pellica, Annica; burrica, mulherica, burrico, Antonico, namorico, veramico, abanico ;

icar, — bebericar, tremlicar, adoeicar, bebericar ;

iça, iço, — caliça, lagariça, pelliça, canniço, araniço, palhiço, papeliço, inteiriço ;

icha, icho, — barbicha, almanicha, lagarticha, governicho, burriço, cornicho, canicho ;

icula, iculo, — pellicula, particula, febricula, avicula, interessiculo, homeniculo, versiculo, monticulo ;

il, — tamboril, pernil, hastil ;

ilha, ilho, — esquadrilha, camilha, tropilha, mantilha, febrilha, vasilha, cabrestilho, cintilho, trapilho, rastilho ;

ilhar, — fervilhar, cuspillar, rendilhar, saltarilhar ;

im, — espadim, fortim, botim, festim, esporim ;

ina, ino, — cravina, Antonina, Belbutina, botina, burelina, pequenino, Antonino, maestrino ;

inha, inho, — casinha, collezinha, capinha, jarrinha, madi-

nha, sobradinho, Pedrinho, bol-sinho, martellino, passarinho ;

inhar, — saltarilhar, escrevilhar, cuspillar, saltinhar ;

iola, iolo, — arteriola, gloriola, historiola, foliolo, atriolo, compendiolo ;

isca, isco, — talisca, ventrisca, chuvisco, pedrisco, namorisco ;

iscar, — chuviscar, mordiscar, lambiscar ;

ita, ito, — mocita, senhorita, casita, Joannita, livrito, canito, franganito, rapazito, paulito, paulito ;

itar, — saltitar, dormir, chupitar ;

oca, oco, — engenhoa, bicho-ca, vinhoca, bichoco, barroco ;

oila, — moçoila, caçoila ;

ola, olo, — mentirola, bandeirola, portinhola, aldeola, carriola, terriola, casinhola, bolinholo, cochicholo, casinholo ; são augmentativos *passarola e passarolo*, e como tal tambem se pôde considerar *camisola* ;

olar, — cantarolar ;

oria, orio, — villoria, tabernoria, finoria, villorio, latinorio, igrejourio, pupelorio, cebolorio ;

ota, olo, — velhota, ilhota, casota, raparigota, calçota, casinhoto, casoto, perdigoto ;

ote, — fidalgote, caixote, saiole, camarote, pipote ; é augmentativo *capote* ;

ucha, ucho, — casucha, gorducha, peqnerucha, papelucho, gorducho, meducho ;

ula, ulo, — formula, cellula, tlamnula, notula, globulo, ucrvulo, lóbulo, búlbulo ;

uncula, unculo, — historiuncula, questinuncula, porcuncula, homunculo, pedunculo ;

usca, usco, — velhusca, velhusco, ehanusco;

ustra, ustro, — velhustra, velhustro;

zinha, zinho, — mãozinha, florzinha, avezinha, fontezinha, chapuzinho, boizinho, nuvemzinha, Gabrielzinho;

zita, zito, — avezita, irmanzita, dorzito, mãezita, homenzito, pagemzito, tostãozito, animalzito.

Suffixo ão. Ha diminutivos formados com este suffixo: calção, de calça; cordão, de corda; pontilhão de ponte; rabão (adj.), de rabo.

Synonymos. O positivo e o diminutivo são às vezes synonymos: *carque* ou *carqueja*; *empeço* ou *empecilho*; *só* ou *sózinho*; *á bocca* da noite ou *á boquinha* da noite.

Tardinha. Este diminutivo exprime o fim da tarde, ao passo que *noitinha* significa o principio da noite, e *manhanzinha*, o principio da manhan.

Verbo. Ha verbos diminutivos, co-

mo: bebericar ou beberricar, de beber; fervillar, de ferver; saltitar, saltinhar, satarelar, saltaricar, saltarilhar, saltarinhar, de saltar; traduzinhar, de traduzir; escrevinhar, de escrever; dormir, de dormir; chupitar, de chupar; adoeiear, de adoçar; comieciar, de comer. Encontram-se verbos derivados de substantivos diminutivos: ratinhar, de ratinho; chuveiscar, de chuveisco; tamborilar, de tamboril; engallispar-se, de gallispo; cuspinhar, de cuspinho; acarinhar, de carinho; namoricar, de namorico; paparicar, de paparico; rendilhar, de rendilha; acepillar, de cepilho; peguilhar, de peguilha. Julio Ribeiro, em sua grammatica, pag. 108, assim se exprime: «O infinito presente e o gerundio, formas nominaes do verbo, equivalentes a substantivos, assumem a flexão diminutiva, ex.: Um andarzinho. — Estar dormindinho. — En e ella andamos muito mannos passandito a par.»

FIRMINO COSTA.



BIBLIOGRAPHIA

A DANÇA DAS HORAS — GUILHERME DE ALMEIDA — Typ.
d'“O Estado de S. Paulo” — S. Paulo — 1919.

A primeira ideia que de poetas em sua generalidade queiramos fazer, occore-nos, naturalmente, a separação delles em duas classes: — poetas cultos e poetas populares. E o trabalho mental, inconsciente prosegue irresistivel a conferir a estes e áquelles os respectivos attributos. . . Uns são os torturados da forma, os intellectualistas, os incompreendidos. Os outros, os inspirados, os sinceros, os espontaneos.

Vá que a distincção se faça, por necessidade de synthese. Entretanto não tomemos em absoluto classificacão tal e quejandas. Si ha coisas inclassificaveis, são artistas creadores.

Demais, esse eschema vulgar pecca por classificar apenas pelas apparencias. Pois, nada ha mais falho que a ideia dos poetas á Coleridge, nevropatha sombrio e irascivel, especie de medium literario ou sonnambulo poeta, que só compunha como que em transe e, apenas interrompido, nunca mais concluia o poema architectado. . . Sim. Oppol-o aos outros, aos pacientes lapidadores da ideia e do verso é, em ultima analyse, oppol-o a si mesmo, porque não ha duvida que, nuns e noutros, em nada differe o trabalho psychologico, egual nos tramites e nas consequencias. Inconsciente ou reflectidamente, soffre a creação as mesmas reacções, com mais pressa ou mais vagar. Nem isso, talvez, nem essa differença de tempo, pois, si o inspirado compõe num repente, quanto não leva elle na inactividade? E é justamente ahi que lhe trabalha o subconsciente a sensaçã mais bella, que ha de afflorar á intelligencia na mais bella ideia.

Não ha, portanto, em summa, opposição entre os dois, typos.

E, si duvidas tivéssemos da pouca logica da distincção, descreveriamos della, agora, ante *A Dança das Horas*, de Guilherme de Almeida.

Guilherme de Almeida ficaria mal em qualquer dos extremos. Nem é o romântico plebeu, nem o esquisito rebuscador de phrases, inattin-gível ao leitor pouco letrado. Tem de um e de outro o melhor, formando entre ambos o meio termo que o torna inconfundível.

Do estro popular possuindo a inspiração facil e fluente, não tem o desloixo de forma, que tanto a pouca e afeia aquelle. Ao contrario, o seu verso é trabalho e perfeito e a composição, bem acabada e una. Nem se imagino que a sua inspiração sendo espontanea, tenha a marea da vulgaridade. Guilherme em todos os seus trabalhos guarda uma linha suave de originalidade que é o seu encanto.

Alguns ha de sopro elevado e magnifico, vasados na crystallinidade de uma forma impeccavel. Veja-se a poesia — *A Dança das Horas*, que dá titulo ao livro. E' um primor. A ideia riquissima, reveladora de uma imaginação fecunda e brilhante, como raras, desenvolve-se com nitidez e symetria poucas vezes igualadas por outros. Revela-se ahí lucidez de espirito, não commum entre allegoristas e graças á qual se mantém até o fim a nervatura forte da imagem-thema. E' simples: — as doze horas são doze bailarinas, coroadas de rosas, os minutos que se desfolham á proporção que corre o bailado. . . Isso porém deliciosamente bordado em arabescos admiraveis.

Guilherme tem, pois, a boa comprehensão da arte a simplicidade não basta; é indispensavel que haja o que simplificar. . .

Exaltação dos sentidos, é, tambem, assim brilhante sem preciosismo.

Flor do Asphalto tem um sabor especial: — é trabalho em que predominam as palavras longas, preferencia do poeta ahí mais clatadamente manifesta.

A Caricia dos Dedos e *Que extranha melodia*. . . são características da sua individualidade multipla, desdobrada sobre as mais varias sensações.

Suas bellezas de ideias e imagens dariam um capitulo interesantissimo, que não está nos moldes desta noticia. Limitamo-nos a constatar o espirito de realidade que nellas domina a sua crystallisação em versos turgidos, preciosos e symetricos.

Com todas essas qualidades da poesia de Guilherme de Almeida casam-se admiravelmente as illustrações com que Di Cavalcanti illuminou o bellissimo volume de versos, cingindo os poemas de finas figurinhas nervosas e fidalgas, desenhadas com grande poder de imaginação e de technica.

A BOA MADRASTA — XAVIER MARQUES — Rio — Ed.
A. J. de Castilho — 1919.

Para *A boa madastra*, de Xavier Marques, ha um logar á parte na literatura que vae surgindo no Brasil. Obra inteiriça, que



respira uma atmosphera de atticismo rara em livros nacionaes, são muitos os seus meritos: — de concepção e de forma, de estylo e de linguagem.

Nada superfluo ou incharacteristico, nem desalinhavado ou vulgar, o que releva notar-se é a originalidade do thema, dondo tudo o mais decorre naturalmente: — phantasia creadora e psychologia.

A boa madrasta não se confunde. Entretanto, não lhe faltarão affinidades com as creações de Machado de Assis, em abono della o dizemos. Sensibilidade, delicadeza e amargor são lhes communs. Sem fazer *humorismo*, Xavier Marques verte amarguras e scepticismos por quasi todas as suas paginas. Detém-se em nihil o uma insignificancias, comprazendo-se em as torcer e retorcer, viral-as e reviral-as, exgotal-as de todo o nevrotismo, que vasa para os seus personagens.

Irrita, por vezes. Todavia, culpa não é d'elle, auctor, que, guardando a perfeita discreção da boa arte, não apparece nunca, senão, talvez, no protagonista, o que profundamente diverge das intronissões indébitas. Os personagens d'*A boa madrasta* agem por si, livremente, no seu pequeno mundo — um lar brasileiro, profundamente brasileiro, — tão pequeno que nelle só cabem mesmo aquellas miniaturas de vida, tempestades em copo d'agua, tragedias intimas logo serenadas em bonanzosos remansos, de uma susceptibilidade facil aliás.

Fortunato Abrantes tem dois filhos e duas irmãs. Morreu-lhe a esposa. Precisa casar-se — teme a madrasta de seus filhos. Irresoluto, ultra-sensivel — caracteriza-o a indecisão. Entretanto, casa-se. A segunda mulher é a melhor das creaturas. Encontra, porém, nas excellentes irmãs de seu marido, duas pessimas cunhadas, em demasia zelosas dos sobrinhos e ciumentas, ciosas das prerogativas de donas de casa, que, durante a viuvez do irmão, exerceram provectamente e sobre as quaes paira agora a ameaça de uma partilha... Não ha cuidados, não ha prenuitorios que evitem a discordia domestica. Cerimoniosamente recebida D. Graça em vão tenta integrar-se nesse lar, que lhe foge á adaptabilidade ingenita. As duas solteironas são alli "corpos extranhos", desintegradores, invulneraveis e intrataveis á absorpção sympathica que em torno dellas se ensaia, aperta-se e cerra-se... debalde. Rompe a harmonia. Fortunato continua tímido e indeciso sempre. Suas irmãs se transfiguram, negéras que se revelani. D. Graça reago em termos...

Assim corre a vida de Fortunato, até que alli morre, a uma syncope e Mina, a outra irmã vae para um catre, immobilizada e muda, viver a sua triste paralyisia. Entretanto, delineara-se um novo romancee, que agora começa a definir-se, na vida de Déa, a irmã de Jóca, ambos companheiros de infancia de Aristeu.

Ainda aqui, Dona Graça é *A boa madrasta*, que se oppõe, na melhor das intenções a um casamento, que lhe parece mau.

Toda a obra é um primor de observação e psychologia. A socieda-



DESENHO DE ZIMMERMANN

Na corredeira

(GRAVURAS ANTIGAS)



GRAVURA DE GIBERT

Minação no Itacolomi

DESENHO DE VANDERBUCH

brasileira teve nella o seu melhor estudo. Xavier Marques, como Machado, serpiu-a de todo o apparatus scenico, tomou-a a nú — na cidade e não na roça — e deixou-a viver a sua nevrose tão sua, tão nossa, peolarisada sempre num ou noutro extremo. A's primeiras paginas, *A boa madrasta* é um livro sereno, onde todo, mundo é bom e commovido: Attinge, depois, a paroxismos de pureza moral. E' quando nos mostra esse typo brasileirissimo — as *tias* — cuja analyse psychologica é magistral. O nosso realismo, niodelado á franceza, não o descobrira. Entretanto, no Brasil, não sabemos como copiar a realidade sem um typo tão real e tão abundante. . .

Em summa, Xavier Marques, com este romance, pode ser tido por um dos nossos grandes escriptores; desembaraçado de preconceito e entregue a uma arte má.

GUIA BRASILEIRO DE ESCOTISMO — HILARIO FREIRE
— Ed. E. Riedel & Cia. — S. Paulo — 1919.

Ao sr. Hilario Freire devemos um bello e util livrinho: — *Guia Brasileiro de Escotismo*, que relevantes serviços vem prestar á educação dos homens de amanhã. Inspirou-o o desenvolvimento que vae tendo o escotismo em S. Paulo, dando logar a suggestões e iniciativas, que sen elle ficariam para ahi á espera de opportunidade e estimulo.

Não somos dos que crêem na immediata efficacia da instituição ingleza. Esta primeira geração de escoteiros pouco lhe soffrerá, talvez, a acção regeneradora.

Todavia, este, como outros empreendimentos, não vale tanto por si mesmo como pelo ambiente que abriu a idéias e realisações capazes de resultados ponderosos e consideraveis. Do escotismo, da campanha por sua organização neste Estado, não é pouco o que já resulta. A sua simples existencia é já o indice de uma série de cogitações e preoccupações reveladoras de um espirito novo em nossa sociedade. E' o alargamento da causa da educação, transbordante dos limites do estreito reino do mestre-escola para o mundo das grandes necessidades nacionaes e humanas.

Assim encaramos o trabalho do sr. Hilario Freire. Dictou-o o escotismo e destina-se ao escoteiro. Abstraia-se, porém, de um e outro que o livrinho ficaraá.

Não ha melhor elogio. Desappareça um dia o escotismo e na escola o *Guia* terá o seu logar e o seu papel, como repositorio de mil pequenas observações e ensinamentos, que não estão explicitos nos programas officiaes, nem se encontram nos compedios traçados dentro da rigidez daquellas normas.

Não dizemos que em sua feição didactica seja o livrinho isento de senões. Escripto em linguagem correntia e simples, num e noutro ponto devêra, porém, ter a qualidade pedagogica: — apresentar a verdade, o ensinamento, em sua forma nua e chocante, o que muitas vezes realisa.

Para os fins, entretanto, a que se destina, o *Guia Brasileiro de Escotismo* é um livrinho magnifico, caracterisadamente composto sob uma intenção pratica, que bem transparece da epigrapha dos capitulos, a saber :

Juramento.

Codigo dos Escoteiros.

Capitulo I — Deveres Moraes dos Escoteiros.

- " II — Vigor corporal.
- " III — A marcha.
- " IV — Natação.
- " V — Orientação.
- " VI — Utilisação do terreno.
- " VII — Medida e apreciação das distancias.
- " VIII — Signaes e transmissões.
- " IX — Trabalho de sapador e ponteiro.
- " X — A vida fluvial.
- " XI — O acampamento.
- " XII — A cosinha do Escoteiro.
- " XIII — O Escoteiro caçador.
- " XIV — Soccorros e medicações.
- " XV — Salvamento e assistencia.
- " XVI — A defesa contra o ophidismo.
- " XVII — Montaria e conducção.
- " XVIII — A campanha do saneamento.
- " XIX — Regras de instrucção.
- " XX — Associação Brasileira de Escoteiros.

VOZES ANDINAS — JARBAS LORETTI — Versos — Typ.
do "Jornal do Brasil" — Rio — 1919.

O que mais interessa o A., na natureza é o homem, segundo declara nas primeiras linhas do *Prefacio* das suas *Vozes*. E tem muita razão ; o homem é mesmo um bicho interessantissimo. E nós podemos dizer, diga, paraphraseando-o, que o que mais nos interessou no seu livro foi esse prefacio.

De facto, não ha nada como um bom prefacio em que o autor nos em prosa ao alcance de todos, a synthese de tudo quanto ficou encoberito sob as rimas.

Este prefacio, por exemplho, mostra-nos que o sr. Loretti conhece profundamente o seu semelhante, quando diz :

"Roubador do fogo, chama-se Prometheu ; descobridor de um mundo, Colombo. A tudo estende as suas garras de leão. Opprime, mas liberta. Nega mas adora. Aguia, atravessa as alturas e se combate ahi do lado do mais forte, é em nome da Paz. Alma, prega no deserto, civilisa a Africa, impetra e consegue redempções. Intelligencia, tudo sonda, tudo analisa, tudo descobre ; luta com o raio,

vence-o, o penetra no infinito do espaço, depois de haver descido ao fundo do mar. Nada escapa ao seu olhar de lynce. Vence as pestes; doina as feras. Sonha junto de um berço o afronta os temporacs. De um lado immensamente doce, o do outro sombriamente tragico. Aqui Leonidas — o heroismo maximo; alli São Francisco de Assis — doçura extrema”.

Donde o A. conclue que ha em toda vida de homem — desde o mais obscuro sementeiro de grãos até Victor Hugo, passando pelo “irmão espirital deste, Miguel Angelo”, e por Lima Drumond, Nabuco, Silva Jardim, Ouro Preto, Rio Branco, Osorio e Barroso — um perenne manancial de poesia, digno de a ello se abeborar o mais alto dos poetas.

O thema, pois, preferido pelo poeta é o homem, que seja quem for, lhe inspira illimitada confiança :

“Nunca descri do homem. Se apparecem na vida naturezas mesquinhas, em compensação a terra está cheia de heroes, de philanthropos, de santos martyres. Que o diga a Cruz Vermelha Americana !”

Mas não só o individuo nacional e isolado lhe provoca admiração. São-lhe tambem propicias as nacionalidades, como se vê desta outra passagem do mesmo prefacio :

“Agora mesmo o mundo nos offerece o mais confortante dos espectaculos. Quasi todo elle, armado de ponto em branco, luta sem treguas contra o prussianismo, para o esmagar. E porque? Porque o prussianismo não respeita tratados, colloca a força acima do direito, quer o dominio, a escravidão, o despotismo, e o mundo com ancia, de milhões de peitos, quer a liberdade. A justiceira Inglaterra, a heroica França, a intrepida Belgica, o formoso Portugal, a artistica Italia, o progressista Japão, a colossal America do Norte, o nosso amado Brasil e as prosperas republicas de Cuba, Costa Rica e Guatemala, batem-se pelos direitos do genero humano.”

a qual attesta que, mesmo poetando, o sr. Loretti não esquece o digno diplomata que é. Assim, admirando o actual presidente americano, não esconde que este tem seu igual na historia franceza :

“Wilson falla como jamais fallou nenhum monarcha. E’ a trombeta da democracia, que cada vez mais ganha terreno, na consciencia humana; falla tão eloquentemente, como houvera fallado Mirabeau, se as impetuosas paixões humanas não tivessem feito ninho sobre as lavas do seu coração.”

E’ verdade; quantos grandes homens não foram talvez roubados ao mundo por essas ninhadas vulcanicas das paixões; sob as quaes mesmo as grandes trombetas emmudecem! Porquo a terra, realmento, está cheia de gente muito boa. O que nem sempre acntece é que essa gente encontre circunstancias favoraveis para desabrochar em virtudes. Geralmente o que se dá é aquillo quo o sr. Loretti tão justamente diagnostica: Vêm as paixões humanas e fabricam um ninho incommodo sobre as

lavas do coração. Ora, como é que um homem nesse estado pode fazer coisa que preste? . . .

Mas, no fundo, como diz o prefacio, o homem é um optimo animal, cuja vida a natureza cerca de todos os bens, desde que elle não costume pregar carapetões á arte.

“que é una deusa que exige a verdada e devora os que lhe menten”

o que não é absolutamente o caso aqui, pois o A. declara que :

“Se o illustrado publico brasileiro me favorecer com a sua sympathia, sacarei dentre os meus papeis outros e outros volumes, que, mercê de Deus, soube aproveitar bem meu tempo num récanto dos Andes. Uma coisa garanto ao leitor : minha absoluta sinceridade em tudo quanto escrevo. E' que vivo primeiro para cantar depois.

Quito, 22 de Maio de 1918”

Nisso é que anda mutissimo bem o poeta : *primo vivere... Deinde...* versos como estes, que se dirigem a um irmão fallecido quando alumno da Escola Polytechnica :

“Teu talento era irmão do de Laplace,
Por entre os grandes calculos floria.
A de mais, quem tua alma aprofundasse,
Nella bondades mil encontraria.

No teu imaginar gomavam cedros,
Cantava a estrella que detesta o crime,
Luzia o amor, dansavam polyedros,
E o céo se impunha com fulgor sublime.

Estudavas de cote (o livro é um guia)
Ao pé de limpa e pequenina mesa,
Calaphisado da real magia,
Que se sente em sondar a natureza.”

ou nestes, com que encerra o livro ; e um soneto :

“Ah ! quem quizer saber meus pensamentos,
Delles indague o mar, meu velho amigo,
Onde serão ouvidos pelos ventos. . .

Como as nuvens irão morrendo aos poucos. . .
Como pude deixar-te, ninho antigo ?
Os poetas somos uns sublimes loucos.”

Não ; agora é que não podemos concordar : quem tão bem sabe distribuir o seu tempo entre a labuta da vida e os vãos pelos andes da poesia, pode ser perfeitamente sublime, mas de louco é que não tem nada. E' um aviso que julgamos dever dar ao poeta, afim de o expur-

gue de uma futura edição do livro, antes que a arte o devore, segundo esse seu feio costume.

DA ORTOGRAFIA DO PRONOME-ARTIGO "LO" EM
FUNÇÃO OBJECTIVA — José Rizzo = Ed. C. Texeira
& Cia. — S. Paulo — 1916.

Neste opusculo, de algumas dezenas de paginas, o sr. José Rizzo, que é um dos professores paulistas commissioned pelo governo de Matto Grosso, para iniciar a reforma da instrução naquelle estado, estuda um dos pontos mais controvertidos da grammatica portugueza, versando o assumpto com probidade e maxima competencia. Trabalho elogiado com justiça pelo sr. Candido de Figueiredo, nelle se revela o prof. Rizzo profundo conhecedor do vernaculo e da sciencia philologica, a par de um stylista incisivo e aprimorado, o que torna a leitura do seu folheto, além de utilissima, extremamente agradável

VERSOS DE BOM E MAU HUMOR — AGENOR SILVEIRA
— Typ. do Inst. D. Escholastica Rosa — Santos — 1919.

Agenor Silveira é um poeta de «inteiro agrado». Poeta e prosador Delle conhecemos, publicada, pouca cousa, mas optima. Tem o bom gosto de não sacrificar á grosseira deusa Quantidade, senão, e sempre, á primorosa Qualidade. Assim é que produziu os Quatro Contos (moeda antiga) — apenas quatro que valem duzias e duzias dos apressados, dos que visam á massa. Sem favor nenhum esses quatro contos em moeda antiga são o trecho de vernaculo anachronico que com mais atticismo e perfeição escreveu ainda um moderno.

Tal primor de prosa Agenor o transporta para os versos, sejam lyricos, como os das «Trovas», sejam satyricos como os de agora. E' esta a sua caracteristica maxima: resaibo antigo. Sabiamente dosado, porém, sem resquicio de enfadonho dos veneraveis Freis que souberam a lingua e om troca disso fizeram desleal concorrência ao summo da papoula. Sua arte reporta-nos ao passado, ao tempo dos pastores das eglogas, das Florindas e Sylvanos. Todas as reminiscencias classicas afloram-nos á mente, — Bernardim chorando o rouxinol morto, os enlevos bucolicos de Lobo...

Poesia antiga, mas arte moderna. Agenor é do seu tempo e tem em si todas as acqvisições psychologicas intermedias entre a «ruda avena» e a flauta de onze chaves.

Neste livro Agenor revela a feição satyrica da sua musa. Amiga da solidão dos campos nas «Trovas», aqui perde o bucolismo porque penetra na cidade. Não fica amarga, porém, nem cruel. Toma apenas o alfinete de Tolentino e dá suas cotucadas «mau humoristicas» quando não está bem humorada. Exemplo:



O HOMEM POBRE

Que papel triste e inglorio representa
Um homem sem dinheiro neste mundo !
Vota-lhe a communhão horror profundo ;
Ninguem o quer ouvir, si se lamenta.

E' despresado, quando Amor o tenta ;
Si dos mais foge o trato, é vagabundo ;
Poeta, o que em annos faz, mette um segundo
Em desfazel-o a critica violenta.

Si emprego não cavou, — foi por preguiça ;
Si não se veste bem, — é um pobre diabo ;
Si estuda muito, dizem que vê pouco...

Eis do mundo e dos homens a justiça !
— E, si o infeliz, da vida, enfim, dá cabo,
Si os miolos faz saltar com um tiro, — é louco...

E este outro ?

SI ELLA SOUBESSE LER

Si ella soubesse ler — que bom seria !
Que bom ! com que prazer
E commoção meus madrigaes leria,
Si ella soubesse ler !

Si soubesse escrever — oh ! que alegria
Não havia de ser !
Que paginas de amor me escreveria,
Si soubesse escrever !

Mas quantas outras, quantas, não podia
De extranha procedencia receber !
E então — que horror ! que grande horror seria !
Podia a todas ellas responder !

Permitta o justo céu que a desalmada
Que assim me soube o coração prender
Aprenda a amar-me apenas, e mais nada,
Porque mais nada lhe convem saber...

Versos, ha por ahi em barda. Mas versos como os de Agenor Silveira, pouquissimos. Nem é arrojado dizer que só os ha quando elle os faz.

BRASIL HEROICO — ALIPIO BANDEIRA — Imprensa Nacional — 1918.

O sr. Alipio Bandeira, official positivista do exercito nacional, escreveu um livro curioso. Intitula-se *Brasil Heroico*, propõe-se o estudo da Revolução de 1817 e disso in mesmo é o de que menos cuida no seu grosso volume, que, antes, se destina a deprimir a memoria de quem nada tem a ver com o thema. . .

Que importa á analyse a revolução pernambucana a personalidade de Pedro II? Por mais que demos tratos á bola, não atinamos francamente, o segundo imperador diz tanto com o heroico episodio historico, quanto o sr. Bandeira com a ultima revolução chinesa. . .

Pois, *Brasil Heroico* foi, pelos modos, escripto para contrapôr á opinião corrente a respeito de Pedro II a respeitavel opinião do illustre discipulo de Conte e do sr. Teixeira Mendes. Entretanto para que não só se respeitam mas se imploram: devem os juizos trazer as credenciaes devidas, o que em absoluto falta ao do sr. Alipio Bandeira.

E, vindo assim intempestiva. . . Mas não riamos.

Estriba-se o districto militar — em que? — na voz de politicos militantes do antigo rogimen, conhecidissimas opiniões que não impediram a formação da aura que circunda a figura do magnanimo imperante. Ao sr. Bandeira basta que as coisas sejam ditas. . . Em pronunciadas — são irretorquiveis. . .

Ora, francamente, é muito pouco o espirito positivo. Si se quer marcar na memoria do mundo monarchia extincto, argumenta-se. Não basta citar phrases. E' preciso analysar conceitos. . . E esses, foram já bastante estudados o definitivamente postos á margem. Giram elles todos em torno do famigerado *poder pessoal*, do não menos celebre espirito corruptor o baboseiras que taes.

Dado do barato que isso lhe traga loiros de macula, que é isso á vista do que caracteriza os homens da actualidade?

O sr. Bandeira fez a obra de patriotismo.

E não só ahi. Em outra passagem, o generoso militar defende o cancellamento da divida do Paraguay e a devolução dos tropheus lá conquistados pelo nosso exercito. Não deixam de ser edificantes pieguices e humanitarismos taes em tão bellicosa gente como a que traz uma espada a cinta!

Ultimas publicações recebidas:

Raul Brandão — *Memorias = Campos Lima* — O Reino da Traulitania — *Dr. Gustavo R. P. D'Utra* — Estrumes mixtos e «compostos» — *Theodoro de Magalhães* — A liberdade de cultos no Brasil.

Revistas: *Revista de Commercio e Industria* — S. Paulo — *Revista Contemporanea* — Rio — *Pasquino Coloniale* — S. Paulo — *D. Quixote* — Rio — *Gil Braz* — Rio — *A. B. C.* — Rio — *A Cigarra* — S. Paulo — *A Vida Moderna* — S. Paulo — *La Revue* — Paris — *La Revue de Paris* — Paris — *La Grande Revue* — Paris — *Revue Francaise* — Paris — *La Revue Hebdomadaire* — Paris — *Journal Debats* — Paris — *Revue Bled* — Paris — *Mercure de France* — Paris — *Hebdo*

Debats — Paris — *Revista de Economia Argentina* — Buenos Ayres — *Revista de Filosofia* — Buenos Ayres — *Revista Argentina de Ciencias Politicas* — Buenos Ayres — *Nosotros* — Buenos Ayres — *La Revista del Mundo* — Nova-York — *Boletim da União Pan-Americana* — Nova-York — *Boletim Mundial* — Rio — *Jeca Tatú* — Rio — *O Ensino* — Belém — *Hoje* — Rio — *O Garoto* — S. Paulo — *Revista delle Nazioni Latine* — Firenze — *Vita e Pensiero* — Millano — *Rassegna Nazionale* — Firenze — *Atlantida* — Lisboa.





RESENHA DO MEZ

Amadeu Amaral.

Para a vaga aberta na Academia de Letras com a morte de Olavo Bilac vai apresentar-se candidato o poeta Amadeu Amaral, certamente, dentre os escriptores nacionais, um dos que mais numerosos e legitimos titulos conta para sua apresentação á illustre companhia.

Escolhido que seja o poeta das *Urzes* e das *Nevoas* para guardar a herança do cantor da Via-lactea, terá a Academia prestado á memoria do ultimo a mais condigna e significativa homenagem. A cadeira de Bilac não encontraria para occupa-la outro que, como Amadeu Amaral, tão gallardamente sustente um cotejo com o seu antecessor. Como Bilac, Amadeu Amaral distingue-se pela amplitude da inspiração que lhe dictou os versos, embora animando-se a poesia do cada um de intenções diversas. Como Bilac, que com ser poeta maximo, tão bem exercia a prosa que esta se igualava á poesia pelo labor acurado do estylo e originalidade dos conceitos, Amadeu Amaral cultivava a outra forma literaria

com o mesmo brilho dos seus poemas admiraveis, que á feitura aprimorada alliam um fundo suave de serena philosophia. Ambos possuem o dom raro de deixar em cada obra aquelle traço de discreta elegancia attica propria das individualidades que planam muito acima da vulgar mediocridade. Como aquelle, este é, sobretudo brasileiro, no que esta qualidade dá do isenção de todo regionalismo ou qualquer outra estreiteza de personalidade.

E se a tantas razões felizes que apontam Amadeu Amaral como o idoneo successor de Bilac no seio da Academia, fosse licito acrescentar outra, de sentimento, ali estaria a grande amizade que sempre uniu os dois brilhantes artistas, o que faria com que a entrada do sobrevivente para o posto deixado pelo morto fosse como que uma resurreição da alma do grande poeta para o convivio dos seus camaradas academicos.

Quem quer que se apresente ao limiar da Academia só poderá sentir-se orgulhoso se, ao ter de ceder o passo a outrem, vir que o

eleito é um concorrente do valor do delicado burilador das *Espumas*.

Humour.

Toda a literatura universal comprehendeu até hoje tres phases distinctas, que são gradações de sua marcha ascensional: a doutrinaria, a impassível a zombeteira.

A arte da palavra começou sempre — e pode bem averiguar-se ainda nos paizes novos — com a «pose» conselheiral e moralista: é a função de mestre escola, de guia-dora pedagogica da opinião. Assumiu todos as ares, desde o discreto grave e digno dos conservadores, ás coleras rubras dos reformistas e ás satyras sangrentas e bombásticas dos insatisfeitos.

Transformou-se aos poucos, em simples espectadora, fez-se imperturbavel diante das paixões humanas, impessoal e impassível.

Acabou ridicularisando o que moralisou, servindo-se para isso do inevitavel contraste entre a vida e as theorias, os factos e os argumentos, a logica humana e a indiferença da natureza.

E' uma ascenção tão firmemente marcada no desdobraimento da litteratura que tem parecido facil explicá-la pelo progresso do espirito humano e pelo augmento gradativo da capacidade intellectual dos escriptores.

Pode chegar-se a ser um artista de valor como doutrinario sem ter a menor parcella de espirito philosophico, o que presuppõe mais um esmerilhador e analysta.

O mesmo argumento se accentua com os impassíveis, elles não passam de doutrinarios — insensibi-

lisados na apparencia unicamente — que trahem os seus preconceitos pela propria escolha dos seus argumentos

Para attingir o «humour» a exigencia é maior: requer-se um espirito lucido e perspicaz para comprehender as relações existentes entre as paixões humanas, argucia para surprehender os contrastes e os conflictos entre as aspirações humanas e as possibilidades, não só sociaes como da natureza, uma percepção e um tacto fino para decifrar na alma dos outros, atravez dos traços fugidios e inconscientes que afloram ao exterior, e, ademais, uma philosophia entre indulgente e sarcastica, entre garota e piedosa qualquer cousa como um sorriso impossivel de compaixão e de desdem

Dahi se explica porque têm feito, hodiernamente, o «humour» um caso de consciencia, esquecendo-se de que em arte o caso da consciencia é tudo.

Se é verdade que o «humour» tem uma só philosophia — o scepticismo com todas as suas nuances, desde o trismo quasi inconsciente do garoto á impassibilidade calculada do «pince-sans-rire» não é menos verdade que a duvida que forma o sceptico é em resumo toda a arte moderna.

Disse optimamente William James que «le scepticisme est la vivante attitude intellectuelle des hommes qui ne veulent pas conclure» (Eu substituiria apenas o verbo «veulent» por «peuvent».)

Mas os homens orientados assim formam, ao mesmo tempo, tres classes de escriptores: ha os que affirmam; ha os que negam e cla-

mam; ha os que affirmam, parecendo negar.

Este ultimo seria o caso dos humoristas. O dizer-se, pois, que o "humour" é um caso de consciencia equivale a dizer mui pouca cousa. E' uma verdade essa que não se particulariza aos humoristas, que sim aos escriptores de toda a casta e de toda a parte.

As causas determinantes do "humour" tem sido até hoje gravemente discutidas em todos os arraiaes literarios. E, desde Taine, com o seu estudo sobre Fielding, a maioria dos criticos se inclina a pensar que elle é evidentemente um producto da alma e do feitio da raça anglo-saxonica.

A affirmação é tão insistente e tão geral que nella deve haver um fundo de verdade.

A mim ella me parece exactissima.

O "humour" é producto inglez. Não, porém da alma, da lingua ingleza. O "humour" não é uma escola literaria, é uma revanche apenas de escriptores que não dispõem de uma lingua malleavel, cheia de recursos de expressão, que lhes facilite a criação de um estylo.

Em inglez não ha, propriamente, estylo, como nós o entendemos á latina. O estylo é o artificio mais ou menos sabiamente dissimulado com o emprego de certos e determinados arranjos e effeitos e disposições no corpo do discurso, que classificam a maneira personalissima de um autor e o tornam inconfundivel no meio de cem outros. E' uma maneira brilhante de ser "cliché".

Ora, sendo a syntaxe ingleza magra de recursos, um escriptor

britannico diria sempre uma idéa quasi com as mesmas palavras, dispostas na mesma ordem, com que as diria um outro inglez.

E' uma lingua monotona que não consegue "eblouir" o leitor com uma musica original de palavras. Um Rostand inglez seria impossivel.

Coisa, aliás, facil de verificar nos literatos inglezes que quizeram contar as suas ancias indefinidas, como por exemplo nesses precursores do moderno symbolismo, os chamados "pre-raphaelitas", entre outros, em Dante Rossetti.

As emoções que elles querem transmittir, como são fugidias e vagas, morrem com a inflexibilidade de seus recursos linguisticos.

Falta-lhes o poderoso encanto da symphonia da côr e da magia dos sons, o mirabolante e fremente escala chromatica vocabular, que uma qualquer lingua latina offerece perulariamente.

Esse facto obrigo os inglezes a um recurso; valerem-se da idéa como fonte inesgotavel para chocar o publico, e refinando assim o fundo da obra, desde que a forma era meio insufficiente.

Trouxe-lhes isso, pelo constante exercicio e pela continua selecção, um aguçamento de suas faculdades de analyse, que os elevou a pensadores de primeira plana no concerto da literatura mundial.

Saber pensar tambem é uma escola.

Podem, talvez lembrar o pessimismo que elles manifestam. Mas isso não é caracteristica ingleza. E' sainete humano, peculiar a todo homem que pensa. No latino virou ironia. Lá assumiu essa fei-

ção de scepticismo sorridente e maligno.

* * *

A prova mais forte desta minha afirmativa reside no facto de haver uma pleiade de humouristas inglezes e norte-americanos enehendo a quasi totalidade dessas duas literaturas e uma penuria extrema em todas as outras.

Para explicar o phenomeno segundo o criterio das raças, ha os exemplos do appareimento do "humour" em paizes cujos caracteres são os mais antagonicos da alma ingleza.

E mais que isso a verificação de que a Alemanha, por tantos traços ligada aos inglezes no substracto racial, é um paiz ando não abundam os humouristas.

Para se adoptar o criterio do tempo, a gente se veria singularmente embaraçada para explicar, por exemplo, a eelusão de temperamentos humoristicos na empolgante era napoleonica, como o de Charles Lamb ou de Thomaz de Quincey, com a sua "On murder considered as one of Fines Arts." "E mais, talvez, o contraste frizante entre um Musset e um Thackeray. Filhos ambos da época immediata a queda da Aguia, se os tempos fossem um factor de influencia capital, é certo que se justificaria logicamente "La confession d'un enfant du siecle" mas a "Vanity-Fair" seria de todo ponto incomprehensivel.

Em outras literaturas, o "humour" é planta exotica que só esporadicamente apparece.

"D. Quixote" "Gargantua", e o "Decameron", permaneceram, du-

rante tanto tempo, isoladas nas suas literaturas de origem, que se fizeram typicas no meio da turba-multa de outras obras.

Modernamente, então, a penuria é talvez maior. E' só cotejar os typos representativos de cada paiz a ver que não ha humoristas.

A Italia apresenta-nos esse inimitavel Gabriele D'Annunzio, modelo complexo e completo de artista, fructo tão acabado do refinamento de uma cultura secular, que sente e vibra em qualquer ramo literario: o drama, o romance, o poema.

Ao lado delle fica essa inquietante figura de Sem Benelli, o mesmo que reformou o verso, dando-lhe a technica superior da prosa e o rythimo, a musica rolante do "Adagio", na "Sonata ao luar" de Beethoven.

A França dá-nos o extraordinario Rostand, symphonista da côr, colorista do som, manejador de uma poesia que é, como o canto do seu "Chanteeler", "un cri vermeil" pintor que se fez literato, brilhante, ruidoso, empolgante, cujos versos dansam uma perturbadora valsa meridional, cheia de fremitos, e de vibrações, de claridades solares, nervosos como ardentias de mar encarneirados.

No Brasil e em Portugal nem mister se torna citar nomes. São todas uns encantados da côr, do ceu da terra reverberando numa fulguração de ouro verde.

E quaes os representantes typicos do humorismo? Sim, os typicos, os pucha-filas, porque se presume que ao lado delles haja, como se dá com os outros ramos li-

terarios, uma pleiade de emulos, sequazes e imitadores.

A Italia não n'os tem. Para quê? A lingua sonora é malleavel, é ductil. Amolda-se ás transformações, plasina-se, tem trinos e gorgeios como uma ave canora, tem pizzicatos e tremulos como um violino, tem uma palheta plena de nuances e de morticôres.

O unico dos italianos a quem, bem que mal, caberia o titulo de humorista é Carlo Alberto Salustri, e conhecido Trilussa, que escreve no dialecto romano.

Um dialecto, apezar de ser a materia prima de que se formam as liaguas, ainda não o é. Falta-lhe claridade, esse dom de argilla já plastizada e não se presta a grande cousa na ordem literaria.

A França tem Anatole France, que é aliás o caso mais interessante de toda a literatura do "humour".

E' incompetente, nestes ligeiros traços, o estudo desse literato que, de um dia para outro, resolve fazer-se humorista, valendo-se do mesmo processo dos inglezes.

Em todo caso fique bem patente que é só elle.

Nós temos Machado de Assis e... só.

Em portuguez não existe outro representante que não seja elle. Os outros que taes parecem — e ainda assim rarissimos — são humoristas optimistas, uma feição mui particular da graça latina.

Vejam, por exemplo, esse delicioso Bastos Tigre. E' um humorista incompleto, á moda de Eça de Queiroz, e cuja caracteristica é a "insouciance" pelos grandes problemas em que se afana a huma-

nidade, a descuriosidade das questões psychicas e sociaes. Fere-os apenas o contraste burlesco e risivel, o traço fugidio do ridiculo, a linha caricatural dos conflictos. Uma especie de jansenistas do humorismo.

Aqui está uma amostra flagrante de Bastos Tigre. E' "Voz interior"

"Quem sou eu" De onde venho e
[onde acaso me leva

O Destino fatal que meus passos
[conduz?

Ora sigo a tactear, mergulhado na
[treva

Ou tacteio, indeciso, offuscado de luz.

Grão no campo da vida onde a
[morte se ceva?

Semente que apodrece e não se re-
[produz?

De onde vim? Da monera? ou vim
[do beijo de Eva?

E onde vou, afinal, a sangrar de
[pés nús?

Nessa esphyngce da vida a verdade
[se esconde,

O espirito concentro e consulto a
[razão,

E nma voz interior, sincera, me
[responde:

Quem és tu? — operario honesto
[da nação!

De onde é que vens? de casa...
[Onde é que estás? no bonde.

Para onde vaes? não vês? — para
[a repartição.]

E' que o portuguez não é lingua humoristica; para o conseguir é preciso que se lhe applicuem os processos e artificios.

Foi o que se deu com Machado de Assis. O seu proprio estylo so-

brio, conciso, castigado, tão gaba-
do, não tem nada que nos lembre
as nossas qualidades e defeitos ra-
ciacs, e se casa mui pouco com o
nosso genio.

Não lhe conheço uma unica des-
cripção de paisagem que empolgue.
Não n'as tem, porque a cor é pa-
ra elle uma cousa inexpressiva.

Num certo sentido a obra de
Machado — que é aliás o monu-
mento imperecível da nossa lingua
— parece uma traducção. Pois é
de crer-se que elle pensava em in-
glez e que sua obra original, ide-
ologicamente, é uma traducção pa-
ra o portuguez.

O que em nossa literatura o fa-
ria, sem duvida, um caso exepcio-
nal, pois não é de agora, mas de
todo tempo que todo o mundo pen-
sa mais ou menos em francez.

SUD MENNUCCI

(«D'O Estado de São Paulo»)

A favor da lingua portu- gueza.

De ha muitos annos que venho
fazendo propaganda a favor da lin-
gua portugueza. Hoje, depois de
tantos annos, olhando em roda,
parece que eu seja «uma voz cla-
mando no deserto.»

Ninguém se importa; nem os
norte-americanos, nem os brasi-
leiros e nem os portuguezes tão pou-
co.

Ha alguns annos lembrei-me de
preparar uma grammatica da lingua
portugueza, com a idéa de animar
o estudo do portuguez, mas quan-
do falei com um amigo brasileiro
sobre a tal grammatiea, aquelle
amigo, um dos primeirss homens
de letras do Brasil, não me deu

nenhuma palavra de esperança, e
nem sequer um sorriso de animação.
Parece que elle já sabia!

Acabado o manuscrito da gram-
matica, não achei casa editora,
nem no Brasil, nem nos Estados
Unidos, que quizesse publicar o li-
vro sem todas as garantias da minha
parte.

Sabendo, porém, que o propa-
gandista precisa de de coragem e
tambem de dinheiro, não hesitei.
Segui meu caminho com a confian-
ça de optimista.

E agora? Agora parece que
chegou a hora de assentar os re-
sultados em letra redonda.

Hoje, os negociantes norte-ameri-
cauos, convencidos da importancia
commercial do Brasil e da necessi-
dade de estreitar as relações com-
merciaes com aquelle grande paiz,
reconhecem a necessidade de fazer
o que? — *De estudar a lingua hes-
panhola!*

Catalogos, livros, listas, dire-
ções e tudo, enfim, é impresso
em hespanhol para o uso, direcção
e conveniencia dos nossos vizinhos
brasileiros, e machinas de todas as
qualidades, fabricadas nos Estados
Unidos para o commercio brasilei-
ro trazem as direcções e nomes em
hespanhol.

Parece-me que já é tempo dos bra-
sileiros protestarem em voz alta.
Porque, enquanto os negociantes
brasileiros acceitarem a lingua hes-
panhola como a lingua do com-
mercio do BRASIL, o portuguez
ha de ir perdendo terreno.

Temos, porém, de luctar, não
sómente com a ignorancia quasi
geral dos Estados a respeito da lin-
gua do Brasil, mas tambem com
o indifferentismo dos brasileiros



mesmos, e, ao mesmo tempo (e este é ainda mais importante) temos de nos oppôr á propaganda feita pelos portuguezes *contra* a lingua portugueza.

No anno do 1911 a Republica de Portugal mette a mão nesta materia com resultados tristes. Aquella governo publicou officialmente uma brochura com o titulo de «Bases para a unificação da ortografia», e com um só golpe acabou com as leis da evolução natural da lingua portugueza, e apagou completamente os traços o relações historicas e linguisticas, quo a ligam com latim, com o grego e com as outras linguas do mundo. Na minha opiuião, aquelle governo, por esto acto, tomou uma liberdade com a lingua do povo quo nem os reis mais despoticos jamais se lembraram de tomar. Felizmente, no Brasil, os auctores e escriptores serios, se occupam com a historia e com a litteratura em lugar de procurar novas e esquesitas maneiras de soletrar. Quando, ha poucos annos, o nosso Presidente Roosevelt lembrou-se do «reformar» a lingua ingleza, muitos dos nossos patricios cairam nesta cilada. E todos sabem quo, nesse ponto, a lingua ingleza é, sem comparação, a mais difficil. Dos esforços, porém; do incançavel sr. Roosevelt resta apenas uma ou duas palavras «reformadas», o unesimo assim ompregadas sómente em certos jornaes de segunda ou terceira orden.

Ora, porque a lingua ingleza resiste a essas modificações? Porquo é, o dovo ser, um producto do evolução como muitos outros, o es-

tá sujeita a certas mudanças lentas, graduaes, as quaes não podem ser feitas de supetão, sem consequencias sérias.

Felizmente o Brasil quasi que escapou desta «reforma», e é de esperar que todos os brasileiros se opponham com energia a essa idéa do mutilar e ultrajar a lingua mais latina que ha no mundo.

Afinal, talando com toda a franqueza: — se quizermos fazer respeitada a lingua portugezã no estrangeiro, será preciso respeitoal-a om casa; será preciso insistir sobre a importancia, força e valor intellectual, litterario e commercial da lingua portugueza legitima. Será preciso tambem deixarinos de mexer nessa questão de orthographia. Ninguem quer se interessar numa lingua ou na litteratura de uma lingua que está em estado de fluxo e de mutação.

Hoje a esperanza da lingua portugezq fica nas mãos dos brasileiros, e é de esperar que elles façam uma propaganda a favor do portugez, mas do portugez legitimo, como os francezes fazem a favor da lingua franceza.

Para quem quer empregar uma lingua perfeitamente logica, perfeitamente phonetica e perfeitamente mechanica, ali está o Esperanto: lingua inventada, logica, phonetica e perfeita, sem litteratura, sem alma e sem valor intellectual ou espiritual.

JOHN C. BRANNER

Presidente Emeritus da Leland Stanford University. — Do «Estudante Brasileiro» — Ada-Ohio-U. S. A.

Psychiatria.

Da prelecção de abertura do curso de clinica psychiatrica, em 1919 na Faculdade de Medicina e publicada no "Estado de S. Paulo" de 20 de março:

W. Stekel, num interessante livro — «Die Traume der Dichter» — obra de psychologia filiada á escola de Freud, nos revela curiosissimas conclusões a que chegára pela analyse dos sonhos dos poetas e dos nevroticos.

O sonho nos dá a conhecer o que existe no inconsciente e no subconsciente. Para se chegar a esse conhecimento, entretanto, faz-se mister minuciosa e habil interpretação do seu symbolismo esoterico; sem isso o sonho nada diz. A meu ver, é exactamente essa interpretação, a onirocritica, o ponto vulneravel das idéas de Stekel e de toda a escola de Freud. O onirócrita tem diante de si multiplas causas de erro; para evital-as faz-se mistér muito bom senso, muito estudo e attenção.

Que é o inconsciente e o subconsciente?

Um acervo de heranças estratificadas na obra morta ou alicerce da mentalidade humana, ao qual se ajuntam as experiencias da infancia. E' dahi que surgem, como do celebre poço de Nurnberg, quando se agitam essas profundezas, os estranhos fantasmas flagelladores da nossa pobre alma.

Tanto vale dizer isso como repetir as palavras de Taine sobre a nossa vida subconsciente: «Do mundo que constitue nosso ser, nós só percebemos os vertices, especie de picos illuminados num continente cujas profundezas ficam

na sombra». Deixemos, porém, as comparações literarias que não adiantam grande coisa.

No sonho o inconsciente sobe para o logar do consciente. O «eu» sensorial cede o logar ao «eu» esplanenico, diz Tissié (Les Rêves).

Stekel, em conclusão ao seu estudo psychologico dos sonhos, reúne o poeta, o nevrotico e o criminoso por alguns traços fundamentaes, instinctivos, que lhes são communs. São homens de instinctos fortes. Dominam nelles immenso egoismo e «incapacidade de amar».

A capacidade de amar depende do grau de desprendimento a que podemos chegar, sacrificando o amor proprio para transformal-o em amor ao proximo. O amor é um sentimento altruistico independente de «erotismo», embora com este se possa ligar e formar um só complexo affectivo. Amar, é, pois temer pelos ontros, soffrer com elles, sem o desejo de posse.

O criminoso, o nevrotico e o poeta podem mauifestar, portanto, excesso de virilidade, de erotismo, isso pouco importa; o que lhes falta é a capacidade de amar. Essa incapacidade age occultamente, do subconsciente, sobre a mentalidade dessas criaturas e lhes dá uma intuição de inferioridade que perennemente os persegue.

O poeta, como o nevrotico e o criminoso, é grande no desprezo pela humanidade, pequeno porém no amor. Existe nelle, por isso, um infinito augeio de amor que o impelle sem cessar á busca dessa sombra fugitiva. O amor é idéa suprema que o poeta nunca attinge.

Todos olles têm um secreto «sonho de grandeza». Stekel chama esse sonho — a grande missão histórica. Pordem a vida de preferencia a ronuncial-o. O sonho de grandeza do poeta (do artista om geral) o leva á produção das obras primas, dessas maravilhas do pensamento que tanto nos eneantam. Despreza a humanidade, mas precisa do applauso repetido e da estima dos outros para manter elevado o sentimento hipertrofiado do proprio «Eu», seu unico Deus, constantemente ameaçado de ruína por aquella intuição de inferioridade a que ha pouco nos referimos.

O sonho da grandeza do criminoso, ora occulto, ora bem claro, revela-se por demais evidente no anarchista e no magnaticida. A egofilia, nestes, não tendo a derivação na arte, como sóe acontecer com o poeta, expondo-se nas ruidosas manifestações contra a moral vigente, contra a lei, contra tudo! Perguntem a Manso de Paiva qual foi novel do seu crime e elle dirá como Carlota Corday, Ravailleac, Louvel e tantos outros: fiz um bem á humanidade.

Os magnaticidas e regicidas são temporamentos mystieos, eriminosos, em potencial, que só saem a luz do sol quando um certo meio social lhes offerece, num momento dado, as condições favoraveis, sem as quaes podem viver e morrer inteiramente desconhecidos.

O criminoso inferior, brutal, denuncia o sonho de grandeza no desejo de ver seu retrato nos jornaes e a minueiosa descripção de sua vida. E' gabaróla, de uma infantil, inveneível vaidade. E' o

degenerado inferior, nevrotico da peor especie. Um dia levanta-se de máu humor, com tedio da vida, aborrecido de si e do mundo que o rodeia, e só espera o primeiro pretexto, soja o mais fútil, para matar o destruir numa raiva eéga tudo que lhe chega ao aleança. No prado de corridas, em S. Paulo, um soldado de policia deu um exemplo ha tempos, do que ora aeabamos de dizer.

Sobre esse assumpto nos deixou Dostoiewski inesquiciveis paginas de psychologia morbida, paginas que não foram inventadas, mas sim vividas.

Que differença entre o criminoso o o poeta, o fino artista, sobre o qual age fortemente a edueação e o meio social! O poeta, no perenne anceo que denuncia a carencia de amor, luta com toda a alma para transformar o supremo despreso em supremo bem — amor ao proximo. Elle onsina a amar quando mostra aos outros o caminho que elle proprio se desespera por querer seguir. Accode-o nesse desespero a fantasia, a imaginação, esse dom inestimavel com que elle transforma um urubú em aguia. Satisfaz assim por momentos a exigencia affectiva de sua alma insaciavel. Conserva-se no sonho que para o poeta é tudo: é o seu reino, onde elle é Deus e senhor supremo. A obra do artista, principalmente do poeta e do romancista, muita vez, não é mais que uma vingança contra tudo o que elles odeiam e desprezam, reconhecendo, entretanto, sua impotencia para modificar a ordem das coisas no seu meio social.

Edgar Poe, na sua «Eleonora»,

deixou esta phrase: «Os homens me chamaram louco, mas a sciência não nos disse ainda si a loucura, é ou não o sublime da intelligencia. Os que sonham acordados vêem mil coisas que escapam aos que só sonham dormindo. Nas suas visões brumosas elles avistam pedaços do céu e estremeçam ao despertar, vendo que estiveram por instantes á beira do grande segredo...»

Não tenho necessidade de documentar aqui a existencia do nevrosismo e, ás vezes, do instincto criminoso dos grandes artistas e poetas. O livro de Paul de Saint Victor — «Hommes et Dieux» — bem como o de Lombroso — «O Homem de Genio» — são mais ricos e instructivos do que todos os exemplos que eu pudesse apresentar.

Stekel, depois de analysar os sonhos dos poetas e dos nevroticos chega ás conclusões que aqui vão resumidas.

A sensação de vôar é frequente no sonho do poeta (quando dorme...); as scenas de crimes tambem não são raras. O amor, porém, nunca entra nesses sonhos. As proesas de G. d'Annunzio, durante a guerra, como que servem de documento á affirmacão de Stekel, escripta antes desse tempo.

O poeta, o criminoso e o nevrotico revelam os seguintes traços communs:

O egoismo desmedido: a incapacidade de amar, que elles sentem dolorosamente como inferioridade; o sonho de grandeza que Stekel chama a grande «missão» historica; desprezo á moral, ás leis, á religião, sem embargo do profundo

mysticismo e da manifesta religiosidade que nunca os deixa.

Stekel parece ter tomado Nietzsche para modelo de sua synthese. Zarathustra é o philosopho, poeta e reformador que melhor encarna esses attributos, com excepcional destaque, porque nelle tudo isso se intellectualisa e se exprime com clareza, ao passo que na generalidade esses traços de character pertencem ao vasto dominio de nossa vida subconsciente. Essa categoria de estados psychicos não chega a transpôr o limiar da consciencia, mas de lá mesmo, do inconsciente e subconsciente, tem accção sobre toda a vida psychica.

O homem de vida fortemente instinctiva só tem, pois, tres possibilidades a seguir na existencia: a «arte», no sentido geral; o «crime», quando não lhe é dado derivar a actividade para a arte; finalmente, quando não se possa expandir na arte nem no crime, apparece a «nevrose», a angustia, que é uma «duvida eterna».

As trajetorias diversas explicam-se pela differença da capacidade mental, como tambem pela accção do meio, da educação, que é diversa sobre cada um delles.

Quando se põem em paralelo o criminoso com o poeta e o nevrotico, entende-se o criminoso de occasião, o que revela accentuada affectividade. O criminoso nato, esse caracteriza-se pela sua vida affectiva quasi nulla; não tem noção alguma de amor; não manifesta temor nem consciencia. Consciencia é a somma das inhições que se intromettem entre os pensamentos, os desejos e os actos. O poeta e o nevrotico revelam excess-

so de consciencia. A luta do criminoso se realiza directamente entre os seus instinctos, com que elle se identifica, e a sociedade. Falta-lhe o reostato da consciencia. O conflicto do poeta se dá entre os instinctos e as inibições de natureza ética. O poeta e o nevrotico têm a vida affectiva exaggerada; soffrem ambos perturbações affectivas. O criminoso nato tem um defeito, uma laena affectiva: é um indifferente.

Todos elles, porém, tem alguma coisa de «associal»; seu instincto destruidor tem muita simillhança com o da criança. Tambem, como a criança, tem intimo parentesco com o mentiroso. Nietzsche disse: o poeta é irmão de leite do mentiroso, ao qual elle usurpou todo o leite.

Os poetas e nevroticos têm os caracteristicos do criminoso: crueldade, ousadia, accessos de furia, desconfiança, inveja, eiume e infinito descontentamento com a sua sorte.

Alfredo Adler, da escola de Freud, mas um tanto dissidente, pensa que a phenomenologia da nevrose é um conjuncto de manifestações do «ego», subjectivamente exagerado, como superecompensação da propria inferioridade organica que protesta contra o poder do mundo da realidade - por meio de reacções illusorias, que são como guardas do sentimento de segurança pessoal e de omnipotencia. E' a pura verdade.

Honorio Delgado, do Perú, fazendo a apologia e uma exposição da psycho-analyse, lá diz no seu trabalho: «As manifestações nevroticas são a scena resultante de

um conflicto entre os desejos que lutam pela sua realização e a acção da consciencia que trata de os reprimir por serem oppostos aos principios da moral».

O nevrotico é um criminoso sem animo para delinquir; é um eobarde que range os dentes sob o peso dos deveres. Sua molestia é um meio de desviar-se dos deveres; sente-se rebelado contra o imperativo social do dever, contra a compressão do dever; soffre o peso da consciencia como se fosse do qualquer molestia; torna-se hiper-moral. Elle renuncia á sua personalidade a favor da sociedade, mas só de medo deante dos castigos da terra e... do céu. Em virtude da lei de bipolaridade do espirito, elle sente-se inferior, incompleto; queixa-se de suas más qualidades, mas ao lado disso sente-se tambem superior aos outros, aos seus conhecidos; não supporta censura, apreeia immensamente o louvor; não conhece meio termo. Quem o não ama é inimigo.

Tudo isso existe no poeta. Este, porém livra-se de todo o mal pela sua arte. Vence na sua pessoa o nevrotico e o criminoso. Tem a fina consciencia do homem civilisado; reage ao menor desvio com a consciencia de culpa; sua consciencia é hipersensível. Vaidoso, desejaria ser unico. Na apparencia elle trabalha e produz obra d'arte para si só; na realidade as produz para os outros, para obter successo. Sua vontade de dominio («Wille zur Macht») obtem successo á força. Quanto mais se eleva, mais tem o prazer de ver curvadas, em baixo, as massas populares; força assim o coração dos leitores e apre-

ciadores. A escola de Freud sustenta mesmo que a obtenção de successo, de poder, de força, reverte sempre, eonsciente ou inconscientemente, em satisfação do instincto sexual. Comprehende-se bem isso quando se consegue penetrar no amago da doutrina panssexualista dessa escola, coisa que não é facil. A vontade de dominio é antes desejo de amor; aneio de domínio é o desejo de ser amado por todos, amado sem limites. O amor é uma submissão. Pela lei da bipolaridade corresponde a essa vontade de dominio a vontade de submissão. No poeta lyrico se vê a adoração exaggerada da mulher; na poetisa, a adoração do homem. Como o eriminoso o poeta quer publicidade, quer que se occupem delle; sente-se infeliz, não comprehendido, se não falam, se não escrevem sobre sua pessoa. Ciumento, é pequenino quando julga a capacidade da um concorrente, Goethe passou uma noite inteira sem dormir, só porque soube de uma manifestação e «marche aux flambeaux» preparada a Schiller. Foi preciso, por amor do grande homem, que se não realisasse essa festa ao seu amigo. Se isso se deu com um grande, como Goethe, imagine-se o que não será com os

pequenos. Foi por isso que Heine na sua prosa cheia de poesia («Shakespeare Madchen und Frauen») aconselhou não se esmiuçasse muito a vida e conducta dos poetas: «Elles apparecem ao mundo no brilho de suas obras e nos ofluscam tanto mais, quanto de mais longe os vemos. São como aquellas graciosas luzes que brilham pomposamente na relva e na folhagem durante as noites de verão e nos fazem pensar que são astros da terra ou esmeraldas e diamantes esquecidos no jardim; que são gottas de sol perdidas na relva, a scintilar de noite, até que pela manhan o astro rutilante de novo a recolha. Ah! Não vos approximeis daquellas joias á luz do dia! No logar dellas encontrareis um miseravel verme a arrastar-se pelo eaminho, e no qual, por compaixão, nem vossos pés quererão tocar».

Será exaggerado tudo quanto ficou dito sobre o artista? Não. O que se torna indispensavel, porém, é declarar que ha excepções; ha artistas de vida correctissima, de character purissimo, e até exemplares chefes de familia. Entre nessa excepção quem se julgar com direito.

Dr. FRANCO DA ROCHA

CARICATURAS DO MEZ

OS SETE FELIZARDOS



Bumbo e pratos

A menina do piano

Trombone

Regedor

Timbales e ferrinhos

Flauta

Rebêco

(RAUL — D. Quizote — Rio)

A CONFERENCIA DA PAZ



Os quatro architectos do Monumento da "Liga das Nações,, lombram-se em tempo de que se esqueceram do projectar no edificio accomodações para o monstro.

(KALIXTO — *D. Quixote* — Rio).

O SUCCO



(J. CARLOS — *Careta* — Rio)



— Encontraste alguma joia entre as serpentinas que apanhaste?
— Sim, encontrei, debaixo de uma escada, dois *solitarios*.

(J. CARLOS — *Careta* — Rio)

FOOT-BALL INTERNACIONAL



Lenine «driblando» o Kaiser.

(J. CARLOS — *Careta* — Rio)



SATISFEITO

O Sr. Cel. Manuel Joaquim Cardoso, adeantado lavrador, proprietário de 9 fazendas no Estado do Rio, — depois de nos comprar uma Machina "Amaral", do beneficiar café, para a sua «Fazenda do Turvo», em Volta Redonda, e que já se acha em funcionamento, dirigiu-nos a seguinte carta, encomendando-nos mais duas machinas.

Fazenda S. Fernando, 23 de Março de 1919

Illmos Srs. Directores da Cia. Industrial Martins Barros - S. PAULO -
Amigos e Srs.

Plenamente satisfeito com o optimo resultado obtido com a machina «Amaral» de beneficiar café, comprada dessa Companhia e asentada em minha Fazenda do Turvo, em Volta Redonda, resolvi de finitivamente fazer aquisição de mais duas das referidas machinas — sendo uma para a Fazenda «S. Paulo» e outra para a Fazenda «S. Fernando», e nessa expectativa peço a vv. ss. effectuarem o despacho das duas machinas e mais ferragens de accordo com a nota junta, para a Estação Coronel Cardoso, E. F. Central do Brasil.

(Assignado) MANUEL JOAQUIM CARDOSO

A machina «Amaral» é hoje, incontestavelmente, o aparelho triumphante no beneficio do café: — sobre ser a mais economica de todas as machinas, é a que melhores resultados apresenta quando se doseja um beneficio impecavel sob todos os pontos de vista.

Peçam catalogo e orçamento gratis á Companhia Industrial

MARTINS BARROS - Rua Boa Vista, 46 - Caixa Postal, 6 S. PAULO

CASA EXCELSIOR

Ferragens, Tintas, Louças e Crystaes - Especialidades em

Artigos Domesticos e Artigos para Encerar

P. R. AMARAL IMPORTADOR

LARGO DO ARBUQUE, 83 - Telephone N. 1978 Central SÃO PAULO

Phosphoros
Segurança

Marca

Os unicos que



Casa Nathan
S. Paulo

“TREVO”

se exportam.

LOTERIAS DE S. PAULO

Grande Loteria Commemorativa da Fraternidade Brasileira

100:000\$000 divididos em 5 premios de:

967	12 de Maio	Segunda- Feira	20:000\$000 20:000\$000 20:000\$000 20:000\$000 20:000\$000	3\$000	3.º Lot. Plano 41
-----	---------------	-------------------	---	--------	----------------------

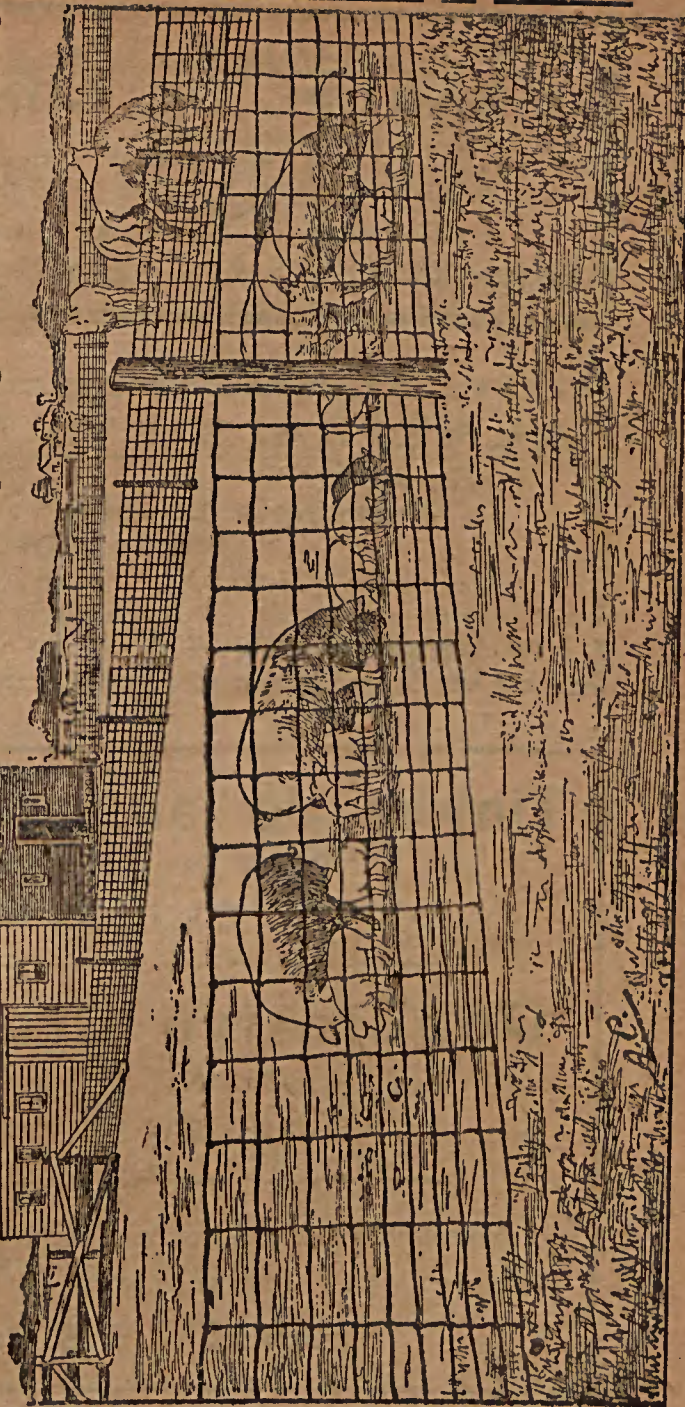
Os bilhetes estão á venda em toda a parte.

Cerca de Tecido "PACE"

Peçam informações aos fabricantes :

Sociedade Industrial de Automoveis BOM RETIRO

Rua Barão Itapetininga, 12 — SÃO PAULO



COQUELUCHE

O XAROPE DE GOMENOL

Formula do dr. Monteiro Vianna preparado da Pharmacia Sta. Cecilia de Lopes & Senna, á Rua das Palmeiras, 12, é o especifico que cura em poucos dias a

COQUELUCHE

A' venda em todas as drogarias e pharmacias

Depositarario: JOÃO LOPES ☪ Rua 11 de Agosto, 35 ☪ SÃO PAULO

ALMEIDA SILVA & CIA

Importadores de

**Ferragens, Louças,
Tintas e Oleos**

Ender.: Telegr. "AMSDIAS"

Codigo Ribeiro

CAIXA 890

TELEPHONE CENTRAL 1002

Rua General Carneiro, 13

S. PAULO

Tintura de aruca Cortez

Cura: TODAS AS DOENÇAS DO
ESTOMAGO E INTESTINOS ==

Depurativo Craveiro

PODEROSO ANTI-SYPHILITICO
E ANTI-RHEUMATICO ==

Encontram-se em todas as pharmacias e drogarias.

Fabricante: **CORNELIO TADDEI**
TAUBATE' - E. S. Paulo

INDICADOR

ADVOGADOS:

DRS. SPENCER VAMPRE',
LEVEN VAMPRE' e PEDRO
SOARES DE ARAUJO — Tra-
vessa da Sé, 6, Telephone cent. 2150.

DRS. ROBERTO MOREIRA,
J. ALBERTO SALLES FILHO e
JULIO MESQUITA FILHO —
Escritorio: Rua Boa Vista, 52
(Sala 3).

MEDICOS:

DR. RENATO KEHL. — Espe-
cialista em syphilis e vias urina-
rias (molestias dos rins, bexiga,
prostata e urethra). Cons. Rua
Libero Badaró, 118. Tel. Cent.
5125. Res.: rua Domingos de Mo-
raes, 72. Tel. 2559.

DR. SYNESIO RANGEL PES-
TANA — Medico do Asylo de Ex-
postos e do Seminario da Gloria.
Clinica medica especialmente das
crianças — Res.: R. Bella Cintra,
139. Consult.: R. José Bonifacio,
8-A, das 15 ás 16 horas.

DR. ALVARO CAMERA —
Medico. S. Cruz do Rio Pardo —
São Paulo.

DR. SALVADOR PEPE — Es-
pecialista das molestias das vias
urinarias, com pratica em Pariz.
— Consultas das 9 ás 11 e das 14
ás 16 horas. Rua Barão de Itape-
tininga, 9, Telephone 2296.

TABELLIÃES:

O SEGUNDO TABELLIÃO DE
PROTESTOS DE LETRAS E TI-

TULOS DE DIVIDA, NESTOR,
RANGEL PESTANA, tem o seu
cartorio á rua da Boa Vista, 58.

CORRETORES:

ANTONIO QUIRINO — Corre-
tor official — Escritorio: Traves-
sa do Commercio, 7 — Telephone
n. 393.

GABRIEL MALHANO — Cor-
retor official — Cambio e Titulos
— Escritorio Travessa do Com-
mercio, 7. Telephone 393.

DR. ELOY CERQUEIRA FI-
LHO — Corretor Official — Es-
criptorio: Travessa do Commercio,
5 — Teleph. 323 — Res.: Rua Al-
buquerque Lins, 58, Teleph. 638.

SOCIEDADE ANONYMA COM-
MERCIAL E BANCARIA LEONI-
DAS MOREIRA — Caixa Postal
174. End. Teleg. "Leonidas", São
Paulo. Telephone 626 (Central) —
Rua Alvares Penteado — São
Paulo.

COLLEGIOS:

EXTERNATO DR. LUIZ PE-
REIRA BARRETO — Admissão
aos cursos superiores da Republica
para ambos os sexos. — Rua Carlos
Gomes, 50 — Acacio G. do Paula
Ferreira.

ALFAIATES:

ALFAIATARIA ROCCO. —
Emilio Rocco. — Novidades em
casemira ingleza. — Importação
directa. Rua Amaral Gurgel, 20,
esquina da rua Santa Izabel, Tel.
3333 cidade — S. Paulo.

LIVRARIA-DRUMMOND

Mappas. — Material Escolar.

ED. DRUMMOND & COMP.

RUA DO OUVIDOR, 76

TELEPH. NORTE, 5667

End. Tel. "LIVROMOND" — Caixa Postal, 785 — RIO DE JANEIRO

GOSAR
É
FUMAR

37

MISTURA
DA
MODA

A' ILLUMINADORA



Artigos Electricos em geral

Motores electricos para
machina de costura e
para outros fins.

Lampadas Economica e
1½ Watt

Candelabros e Abat-Jours
de seda para Electricidade

47, R. DA BOA VISTA - S. PAULO

LEBRE FILHO & C.^{IA}

Agentes da Companhia de Seguros ALLIANÇA DA BAHIA
Correspondentes do "BANCO ALLIANÇA" e depositarios dos
afamados Charutos Pooch.

LIMA BARRETO

Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá

Acaba de ser posto á venda o novo romance do festejado autor do "TRISTE FIM DE POLYCARPO QUARESMA". E' um magnifico estudo da vida carioca sob alguns aspectos quasi inéditos ou pelo menos nunca tratados com a superioridade com que o faz o emerito romancista.

PREÇO 2\$000 PELO CORREIO
MAIS 300 RÉIS.

Pedidos á **Revista do Brasil** CAIXA, 2-B
SÃO PAULO

CASA FREIRE

Louças, Vidros e
Objectos de Arte

JOSE' DA CUNHA

FREIRE

Rua de S. Bento N. 34-B

SÃO PAULO

PADARIA ESPIRITUAL

Galeria RIO BRANCO

Joaillerie - Horlogerie - Bijouterie

MAISON D'IMPORTATION

BENTO LOEB

RUA 15 DE NOVEMBRO, 57-(on face de la Galeria)

Pierres précieuses -- Brillants -- Perles -- Orfèvrerie -- Argent -- Bronzes
et Marbres d'Art -- Services en Métal blanc inalterable.

MAISON A' PARIS

30 - RUE DROUOT - 30

AGUA PURGATIVA

MINERAL GAZOZA



A agua mineral gazoza purgativa é applicada nas molestias dos intestinos, constipações de ventre, congestões, febres gastricas e, em geral, em todos os engurgitamentos abdominaes.

Esta agua purga rapidamente sem produzir irritação gastro-intestinal; ella tem a vantagem de poder ser administrada em pequena dose, sendo o seu effeito immediato, sobre tudo se tomar-se logo depois uma chicara de chá. *Ella não exige nenhuma dieta.*



COMPOSIÇÃO:

Sulfato de sodio anhydro	96.265
Sulfato de potassio anhydro	6.239
Sulfato de magnesia anhydro	5.368
Sulfato de cal	1.949
Chlorureto de Sodio anhydro	2.085
TOTAL das substancias fixas	103.776

Em um litro de agua gazoza purgativa

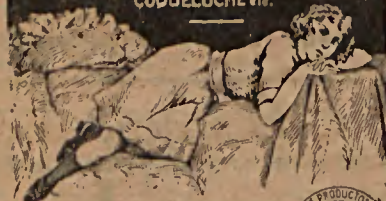
PREPARADA NO LABORATORIO DA:

SOCIEDADE DE PRODUCTOS CHIMICOS L. QUEIROZ - SÃO PAULO



XAROPE DE LIMÃO BRAVO
E
BROMOFORNIO
DE QUEIROZ

CURA:
TOSSE, ASTHMA, CATHARROS
COPULUCHE etc.



DROGARIA AMERICANA
Rua Libero Badaro 144
SÃO PAULO



As machinas

Lidgerwood

para *CAFÉ, MANDIOCA, ASSUCAR,
ARROZ, MILHO, FUBA*

São as mais recommendaveis para a
lavoura, segundo experiencias de ha-
mais de 50 annos no Brasil.

Grande stock de Caldeiras, Motores a va-
por, Rodas de agua, Turbinas e accessorios
para a lavoura.

**Correias - Oleos - Telhas de zinco
Ferro em barra - Canos de ferro
galvanisado e mais pertences.**

CLING SURFACE massa sem rival pa-
ra conservação de correias. |

Importação directa de quaesquer má-
chinas, canos de ferro batido galvanisado pa-
ra encanamentos de agua, etc.

Para informações, preços, orça-
mentos, etc, dirigir-se a

R. S. Bento 29^C *S. Paulo*

OLEGARIO RIBEIRO, LOBATO & Co. LTDA. - S. PAULO

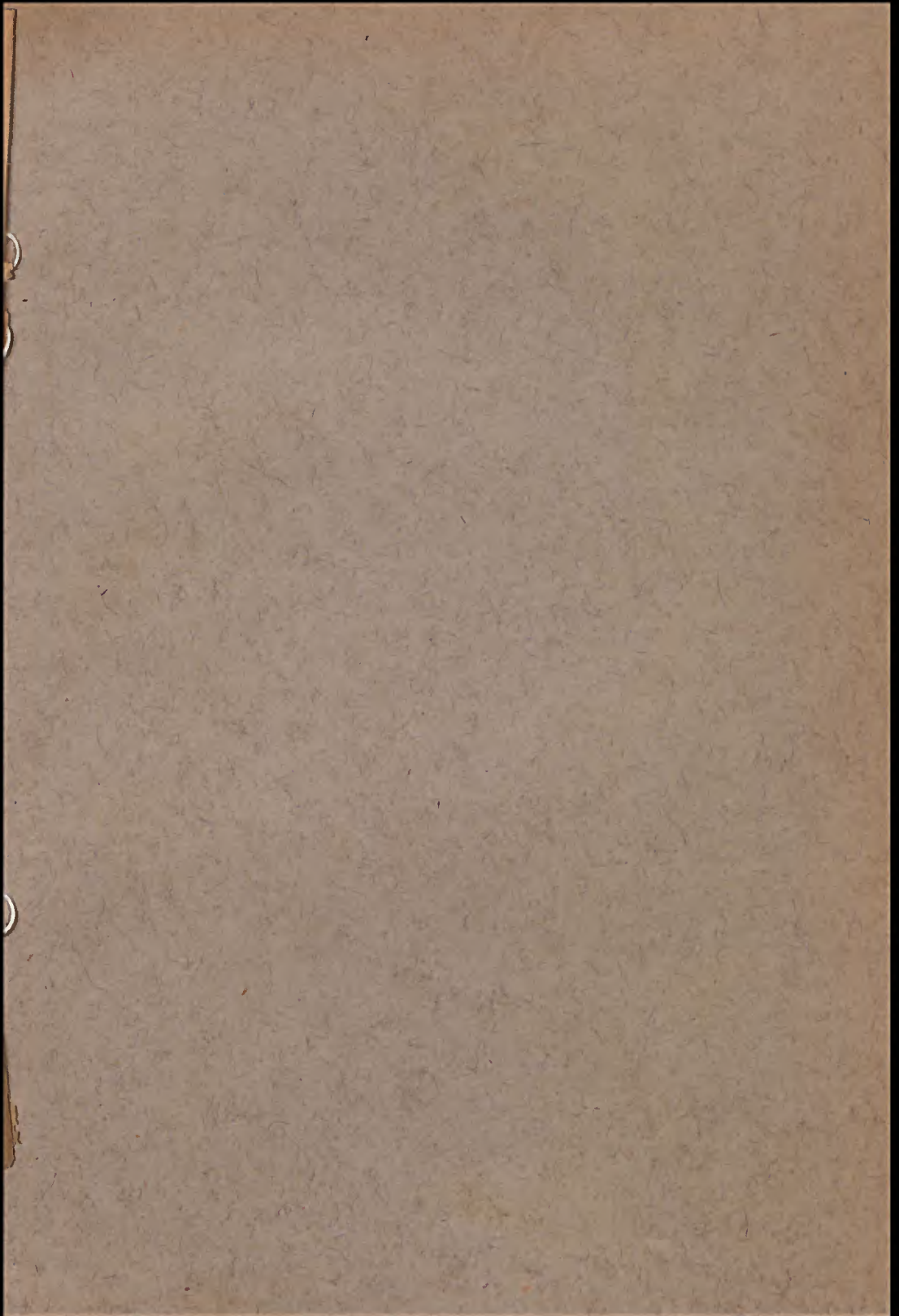
Etablissements Bloch

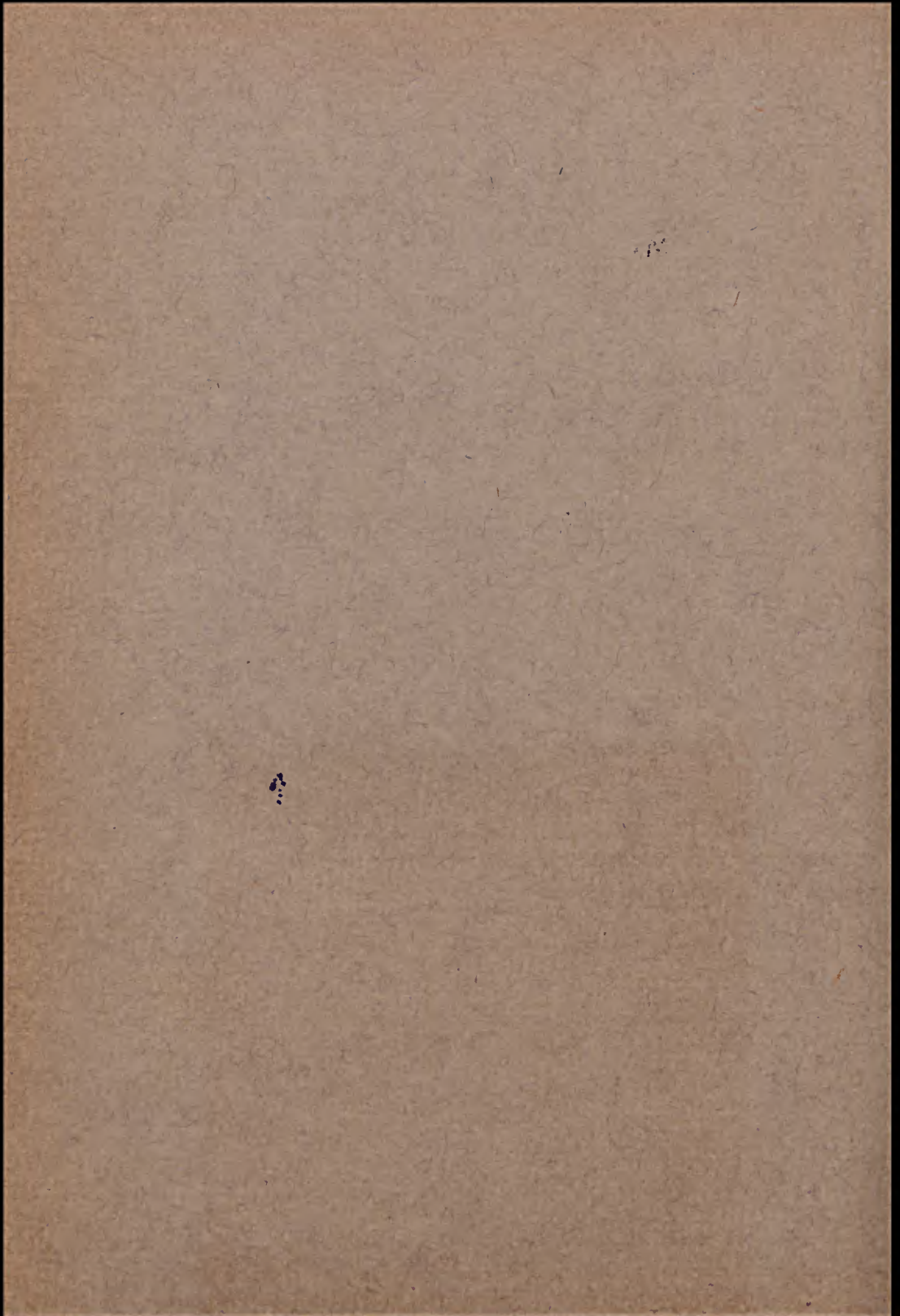
*❖ Societé
Anonyme
au Capital de 4.500.000 francos.*

*Fazendas
e Tecidos*

*Rio de Janeiro
116, R. da Alfandega*

*S. Paulo - Rua Lib. Badaró, 14
Paris - 26, Cité de Trévisé*





Esta publicidade deve ser devolvida na
última data marcada

10 MAI 1989		
23 MAI 1989		
08 JUN 1989		
18 SET 1989		
13 OUT 1989		

2

20299

ANO 1919
VOL. 10
N.º 37-40
CLASSIF.
OR050

DEVOLUÇÃO
10/5/89
23.5.89
08/6/89
30.07.89
13-07-89
24-11-89
05 MAI 1990
09.02.91
30/9/92

TOMBO:

20299

INSTITUTO DE LETRAS, HISTÓRIA
E PSICOLOGIA DE ASSIS

BIBLIOTECA

PERIÓDICOS

ILHPA - Mod. SBD/62



cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 10 11 12 13 14 15 16